

PODERES EXTRAORDINÁRIOS



Joseph Finder

Reco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOSEPH FINDER
PODERES EXTRAORDINÁRIOS

Tradução de ALBERTO LOPES

ROCCO
2000

Para Michele e nossa filha que está a caminho

Agradecimentos

Sou grato pela amável assistência de Richard Davies e Samuel Etris. do Gold Institute; Gerald H. Kiel e Bill Sapone, de McAulay Fisher Nissen Goldberg & Kiel; Ed Gates, da Wolf Greenfield & Sacks; dr. Leonard Atkins e dr. Jonathan Finder; e, em Paris, Jean Rosenthal e meus amigos do sistema metroviário de Paris.

Também sou grato a Peter Dowd e Jay Gemma, de Peter G. Dowd Firearms; Elisabeth Sinnott, Paul Joyal, Jack Stein, Pat Cooper, Martha Shenton, e a meus grandes amigos Bruce Donald e Joe Teig. O brilhante Jack McGeorge, do Grupo de Segurança Pública, foi, como sempre, uma fonte inestimável e extremamente generoso com seu tempo.

Meus agradecimentos também vão para Peter Gethers, Clare Ferraro e Linda Grey, de Ballantine; e ao fabuloso Danny Baror, da Henry Morrison Inc. Obrigado, igualmente, aos meus amigos e fontes na comunidade de inteligência, que aprenderam o significado da antiga maldição chinesa: "Que você viva em tempos interessantes."

Henry Morrison foi, como sempre, não só um agente e leitor maravilhoso como um valioso editor de texto e debatedor de idéias. Grande é o meu débito para com meu irmão, Henry Finder, brilhante editor e conselheiro indispensável. E para minha mulher, Michele Souda - editora, conselheira e crítica literária, presente desde a primeira hora - minha gratidão e o meu amor sempre.

As armas da dissimulação não têm lugar num mundo ideal. Mas vivemos num mundo de hostilidades não-declaradas no qual essas armas são constantemente usadas contra nós e podem, a menos que sejam neutralizadas, deixar-nos novamente despreparados, dessa vez para um ataque violento cuja magnitude escapa à nossa imaginação. E, embora possa parecer desnecessário salientar um ponto tão óbvio, as armas da dissimulação do segredo tornam-se ineficazes quando removemos o segredo.

- Sir William Stephenson, em *A Man Called Intrepid*

Ex-agente da KGB procura emprego em campo similar.

Tel.: Paris 1-42.50.66.76

- *Anúncio classificado no International Herald Tribune, janeiro de 1992*

Poderes extraordinários:

Jargão dos meios de espionagem utilizado em certos serviços de inteligência anteriores ao Pacto de Varsóvia. Refere-se à permissão concedida a um agente secreto da mais alta confiança, em circunstâncias extremamente raras, para violar ordens superiores se necessário for, a fim de levar a cabo uma missão de vital importância.

Nota ao leitor

Os acontecimentos dos últimos meses de setembro e outubro que chocam o mundo, naturalmente, nunca serão esquecidos. Mas uns poucos detalhes do que aconteceu nessas semanas extraordinárias foram revelados ao público.

Até agora.

Há muitos meses, no dia 8 de novembro, recebi em minha casa em Manhattan um pacote entregue pelo serviço de remessas rápidas Federal Express. O pacote, pesando pouco menos de cinco quilos, continha um original, em parte datilografado e em parte manuscrito. Investigações posteriores não conseguiram determinar quem o havia remetido. A companhia Federal Express só pôde apurar que o nome do remetente constante da fatura era falso (o local de origem era Boulder, Colorado) e que ela fora paga em dinheiro.

Três calígrafos independentes, entretanto, conseguiram confirmar uma coisa que eu já sabia - a caligrafia era de Benjamin Ellison, ex-agente da CIA e mais tarde advogado de um conceituado escritório de advocacia de Boston, Massachusetts. Presumivelmente, Ellison providenciara para que o manuscrito me fosse entregue na ocasião de sua morte.

Embora estivesse longe de ser um amigo íntimo de Ben Ellison, fomos companheiros de quarto durante um semestre, quando estudamos em Harvard. Ele era um sujeito bem-apeado, de estatura mediana, esguio, de cabelos e olhos castanho-escuros. Lembro-me dele como uma pessoa de bom temperamento, bastante agradável, dono de uma risada contagiante. Estive com a mulher dele, Molly, algumas vezes e simpatizava muito com ela. Quando o pai de Molly, o falecido Harrison Sinclair, era diretor da Central Intelligence, entrevistei-o em diversas oportunidades, mas minhas relações com Sinclair nunca foram além disso.

Como uma série muito boa de artigos investigativos do *The New York Times* documentou recentemente, há muito poucas dúvidas de que o desaparecimento de Ben e Molly em águas de Cape Cod, Massachusetts, uma semana depois dos acontecimentos do outono de 1994, seja no mínimo suspeito. Diversas fontes confiáveis nos círculos da inteligência me confirmaram em entrevistas *off-the-record* o que os artigos do *Times* tinham especulado - que Ben e Molly tinham sido provavelmente assassinados pela Central Intelligence Agency, por causa do que sabiam. Até que seus corpos sejam localizados, entretanto, não podemos saber a verdade.

Mas por que eu? Por que Ben Ellison me escolhera para enviar seu original? Talvez fosse devido à minha reputação de escritor razoavelmente imparcial (pelo menos gosto de pensar assim) sobre política externa e assuntos ligados à inteligência. Também é possível que se devesse ao sucesso de meu livro mais recente, *The Demise of the CIA*, que se originou de um libelo que publiquei na *The New Yorker*.

Mas o mais provável, me parece, é que tenha sido porque Ben me conhecia e confiava em mim: sabia que eu jamais entregaria seu original à CIA ou a qualquer outro órgão do governo. (Duvido que Ben jamais tenha suspeitado das inúmeras ameaças de morte que venho recebendo pelo telefone e pelo correio nos últimos meses, das campanhas de intimidação nem sempre sutis feitas pelos meus contatos na comunidade da inteligência, e do esforço legal maciço desenvolvido pela CIA para impedir a publicação deste livro.) Para dizer a verdade, o relato de Ben a princípio me pareceu chocante, bizarro, até mesmo inverossímil. Mas, quando os editores deste livro me pediram para verificar a veracidade do depoimento de Ellison, fiz longas entrevistas com pessoas que o tinham conhecido nas comunidades jurídicas e de inteligência, assim como extensas investigações em diversas capitais européias.

Portanto, sinto-me à vontade para afirmar que a versão de Ben sobre esses alarmantes acontecimentos, por incrível que possa parecer, é exata. O original que ele me enviou foi obviamente escrito às pressas, por isso tomei a liberdade de editá-lo para publicação e de corrigir alguns erros de somenos. Quando necessário, interpus notícias de jornais para ampliar sua narrativa.

Por mais controverso que este documento possa ser - e sem dúvida será - é o primeiro relato completo de

que dispomos do que realmente sucedeu durante aquele período alarmante, e sinto-me gratificado por ter contribuído para que ele tenha podido vir à luz.

- JAMES JAY MORRIS

THE NEW YORK TIMES

Diretor da CIA Morre em Acidente de Automóvel

**Harrison Sinclair, 67 anos, ajudou a Agência a enfrentar o mundo pós-Guerra Fria
Sucessor ainda não nomeado**

SHELDON ROSS

ESPECIAL PARA O THE NEW YORK TIMES

WASHINGTON, 2 de maio - O diretor da Central Intelligence, Harrison H. Sinclair, morreu ontem quando o automóvel que dirigia caiu numa ravina na região da Virgínia, a cerca de trinta quilômetros da sede da CIA em Langley. Segundo porta-vozes da agência, ele morreu instantaneamente. Não houve outras vítimas.

Sinclair, que era chefe da CIA há menos de um ano, foi um dos fundadores da agência logo após a Segunda Guerra Mundial. Deixa uma filha, Martha Hale Sinclair...

Prólogo

A história começa, apropriadamente, num enterro.

O caixão de um homem idoso está sendo baixado à terra. As pessoas em volta da cova têm um ar grave, circunspecto, como convém nessas ocasiões, mas estão conspicuamente bem vestidas, irradiando poder e riqueza. E uma visão estranha: naquela manhã de março cinzenta, chuvosa, fria, num pequeno cemitério rural do Condado de Colúmbia, no interior do estado de Nova York, encontram-se reunidos senadores, juízes do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, e vários luminares do poder em Nova York e Washington. Todos eles, piedosamente, empenhados em pegar pequenos torrões de terra úmida e jogá-los em cima do caixão. Estão cercados de limusines, BMWs, Mercedes, Jaguares, e outros veículos, símbolos dos ricos, poderosos e eleitos. A maioria deles veio de muito longe prestar sua última homenagem; o cemitério fica no fim do mundo.

Eu estava lá, naturalmente, não porque seja rico, famoso, poderoso ou eleito. Na época, era simplesmente um advogado exercendo a profissão em Boston - na Putnam & Stearns, uma banca de advocacia das mais conceituadas, e ganhando um salário respeitável - e me sentia francamente deslocado no meio de tanta gente importante.

Acontece que eu era genro do falecido.

Minha mulher, Molly, mais formalmente, Martha Hale Sinclair, era filha única de Harrison Sinclair, uma lenda do *establishment* americano, um enigma, um mestre da espionagem. Hal Sinclair tinha sido um dos fundadores da Central Intelligence Agency - então uma renomada combatente da Guerra Fria (um trabalho sujo, mas que tinha de ser feito por alguém) -, mais tarde diretor da Central Intelligence, convocado para salvar a Agência, que afundava numa crise de identidade no pós-Guerra Fria.

Como seu amigo William Casey, que o antecederia, Sinclair morrera durante sua gestão - que segredos, especulava-se, teria o velho mestre da espionagem levado com ele para o túmulo? E, na verdade, Hal Sinclair levava um extraordinário segredo com ele ao partir. Mas na manhã fria, nublada, do seu sepultamento, nem eu nem qualquer um dos VIPs ali tão compungidamente reunidos sabia qual era.

Sem a menor dúvida, as circunstâncias que cercavam a morte de meu sogro pareciam suspeitas. Ele tinha morrido há uma semana num acidente de carro na região rural da Virgínia; estava se dirigindo a uma reunião de emergência na sede da CIA em Langley, e o carro tinha sido jogado para fora da estrada por um veículo não-identificado, explodindo numa bola de fogo.

Um dia antes do "acidente" sua assistente-executiva, Sheila McAdams, tinha sido encontrada assassinada num beco em Georgetown. A polícia de Washington concluía que ela fora vítima de um assalto - sua bolsa e jóias tinham desaparecido. Molly e eu, para ser franco, suspeitamos desde o começo que tanto o pai dela quanto Sheila tinham sido assassinados, que não tinha havido roubo nem "acidente", e não éramos os únicos a suspeitar. O *The Washington Post*, o *The New York Times*, todas as redes de televisão levantaram a mesma suspeita em suas coberturas do assunto. Mas quem teria feito tal coisa? Nos velhos e maus tempos, naturalmente, teríamos nos apressado em culpar a KGB ou alguma ramificação sinistra, misteriosa do Império do Mal, mas a União Soviética não existia mais. Não havia dúvida de que a inteligência americana tinha seus inimigos - mas quem quereria assassinar, se este é o termo correto, o diretor da CIA? Molly também acreditava que seu pai e Sheila estavam tendo um caso, que não tinha nada de escandaloso, como poderia parecer à primeira vista, uma vez que a mãe de Molly morrera seis anos antes, deixando Sinclair viúvo.

Embora Hal Sinclair fosse uma figura distante, mesmo enigmática, sempre senti uma certa proximidade com ele, desde quando lhe fui apresentado por Molly. Molly e eu tínhamos sido amigos na universidade,

mais exatamente camaradas - ela era caloura e eu já era veterano e houve uma indiscutível atração entre nós, mas tanto ela quanto eu estávamos envolvidos com outros parceiros. Eu estava saindo com Laura, com quem me casei logo que terminei o curso em Harvard. Molly andava com um palerma de quem se cansou pouco depois. Mas Hal Sinclair parece ter ido com minha cara e me recrutou para a Agência assim que me formei em Harvard, encaminhando-me para o serviço clandestino, aparentemente vendo em mim qualidades de espião que não demonstrei possuir na prática. Ainda assim, esse tipo de atividade despertou em mim um lado insuspeitado, sombrio e violento, que me tornou um agente bastante razoável, embora um tanto estouvado - muito temido, inclusive por mim mesmo.

Assim, durante dois anos tensos, antes de entrar para a faculdade de direito de Harvard, trabalhei para a Central Intelligence Agency como operador clandestino. Creio que não me saí de todo mal até a tragédia em Paris. Foi aí que deixei a Agência e passei a me dedicar ao direito, não me arrependendo em momento algum da decisão tomada.

Somente quando voltei de Paris, viúvo, depois do acidente sobre o qual ainda tenho dificuldade de falar, foi que Molly e eu começamos a nos ver mais seriamente. Molly, filha do homem que em breve seria o diretor da Central Intelligence, aplaudiu minha decisão de abandonar a espionagem. Afinal, tinha conhecimento de causa, vira de perto o que ela era capaz de causar a uma família, as pressões a que submetera sua própria família, e queria ficar longe dela.

Mesmo depois de Hal Sinclair ter se tomado meu sogro, via-o muito pouco e nunca cheguei a conhecê-lo bem. Nas reuniões esporádicas de família em que nos víamos (ele era um autêntico *work-a-holic*, completamente dedicado à profissão), demonstrava ter um certo afeto por mim.

Mas, como disse, a história começa no enterro de Harrison Sinclair. Foi lá que, enquanto as pessoas começavam a se dispersar, apertando-se as mãos debaixo de seus guarda-chuvas pretos, encaminhando-se rapidamente para seus carros, que um homem alto, magro, aparentando pouco mais de sessenta anos, de cabelos prateados revoltos, aproximou-se de mim e se apresentou.

Seu terno estava amarrotado, sua gravata fora do lugar, mas apesar do aparente desleixo, suas roupas eram caras: um jaquetão de casimira preta de corte impecável e uma camisa listada que parecia ter sido feita sob medida em Savile Row. Embora nunca tivesse estado com ele, reconheci-o imediatamente como Alexander Truslow, famoso veterano da CIA. Como Hal Sinclair, era tido como um pilar do *establishment*, gozando de uma reputação de integridade moral a toda prova. Durante algumas semanas por ocasião do escândalo de Watergate em 1973-74, fora diretor interino da Central Intelligence. Nixon não gostava dele - em grande parte, dizia-se, porque Truslow se recusara a fazer o jogo da Casa Branca e envolver a CIA no acobertamento - e agiu rapidamente, substituindo-o por um apadrinhado político mais do seu gosto.

Maneiroso e elegante à sua maneira ligeiramente descabelada, Alex Truslow era um desses tipos ianques WASP bem-educados, como Cyrus Vance ou Elliot Richardson, que irradiam uma decência fundamental. Aposentara-se da Agência depois que Nixon o preterira, mas naturalmente não demonstrara qualquer ressentimento contra o presidente; isso não seria próprio de um *gentleman*. Se fosse comigo, teria posto a boca no trombone, convocado uma entrevista coletiva, mas esse não era o estilo de Alex.

Depois de fazer o circuito de conferências por algum tempo, organizou sua própria firma de consultoria internacional, com sede em Boston, conhecida informalmente como a "Corporação". A Corporação assessorava corporações e firmas de advocacia no mundo inteiro sobre a maneira de proceder num mercado mundial desconcertante, em permanente mutação. Não chegando a surpreender, tendo em vista a ilibada reputação de Truslow na comunidade de inteligência, a Corporação também trabalhava em estreita colaboração com a CIA.

Alexander Truslow era um dos mais respeitados e eminentes homens da comunidade de inteligência. Depois da morte de Hal Sinclair, o nome de Truslow passou a fazer parte da pequena lista de seus prováveis substitutos. Quando mais não fosse, unicamente para manter o moral elevado nas fileiras da

CIA, Truslow devia ser nomeado, tão estimado ele era entre os mais jovens e igualmente pela turma da velha guarda. Há que reconhecer, entretanto, que havia queixas sobre o trabalho de Truslow no "setor privado". E também havia os que tinham boas razões para temer uma "nova vassourada". Ainda assim, quando ele se apresentou a Molly e a mim, intimamente apostei que estava apertando a mão do próximo diretor da CIA.

- Sinto profundamente - disse ele a Molly, com os olhos marejados. - Seu pai era um homem maravilhoso. Sua falta será muito sentida.

Molly limitou-se a acenar a cabeça. Será que o conhecia? Não sei dizer.

- Ben Ellison, não é mesmo? - disse ele, apertando a minha mão.
- Prazer em conhecê-lo, sr. Truslow.
- Alex, por favor. É surpreendente o fato de não termos cruzado um com o outro pelas esquinas de Boston - disse ele. - Como talvez saiba, sou amigo de Bill Stearns. - William Caslin Stearns III é o sócio principal da Putnam & Stearns, ele próprio um antigo homem da CIA. Também é meu patrão. Era nessas rodas que eu circulava.
- Ele mencionou o senhor - disse eu.

Seguiram-se alguns segundos de amenidades enquanto caminhávamos para onde os carros estavam estacionados, e então Truslow abordou o que era claramente seu ponto principal.

- Recentemente, disse ao Bill que veria com muito interesse a possibilidade de você desenvolver algum trabalho na área jurídica de minha firma.

Sorri gentilmente.

- Sinto muito, mas não tive mais nada a ver com a CIA, ou a inteligência ou qualquer coisa desse gênero desde que deixei a Agência. Não creio que seja a pessoa de que o senhor precisa.
- Oh, o seu *background* não vem ao caso - insistiu ele. - Trata-se puramente de negócios, e me disseram que você é o melhor advogado de propriedade intelectual de Boston.
- Receio que lhe tenham dado informação obviamente exagerada - respondi com um sorriso polido. - Há muita gente melhor do que eu.
- Está sendo muito modesto - retrucou ele gentilmente, com um sorriso enviesado. - Vamos almoçar um dia desses. Ok, Ben?
- Sinto muito, Alex. Estou deveras lisonjeado, mas lamento não estar interessado. Sou eu que saio perdendo.

Truslow olhou diretamente para mim com seus tristes olhos castanhos. Eles me lembram os olhos de um cachorro bassê. Erguendo os ombros, ele apertou minha mão novamente.

- Nesse caso, a perda é *minha*, Ben - disse ele, sorrindo, desapontado, e sumindo no banco traseiro de uma limusine Lincoln preta.

Creio que não ficaria surpreso se isso não terminasse ali. Mas não podia deixar de achar estranho que ele quisesse me contratar, e quando compreendi a razão, era muito tarde.

Parte I

A CORPORAÇÃO

THE INDEPENDENT

A Alemanha estará à beira de um colapso?

DE NIGEL CLEMONS EM BONN

Nos meses sombrios que se sucederam ao *crash* da bolsa e mergulharam a Alemanha na sua pior crise econômica e política desde a década de 1920, muitos aqui começaram a acreditar que este país, que já foi força propulsora da Europa, está à beira de um colapso.

Em violentas demonstrações, ontem, em Leipzig, mais de cem mil pessoas protestaram contra a privação econômica, o padrão de vida em queda vertiginosa, e a súbita perda de milhares de empregos em toda a nação. Houve até numerosos manifestantes que clamaram por um ditador para restituir à Alemanha sua antiga grandeza.

Nos últimos dias, tem havido distúrbios provocados pela escassez de alimentos, erupções neonazistas e terrorismo da extrema-direita, assim como uma escalada sem precedentes de violência urbana especialmente no setor que era antes a Alemanha Ocidental. A nação está se aproximando do fim de um pleito duramente disputado para eleger o novo chanceler, e há dez dias o líder do Partido Democrata Cristão foi assassinado.

Fontes do governo continuam a atribuir o recente estouro da bolsa alemã à recessão global, bem como à fragilidade do mercado nacional de valores recentemente integrado, a Deutsche Börse.

Alguns observadores lembram pertinentemente que a última crise econômica dessa magnitude, na época da república de Weimar, deu origem à ascensão de Adolf Hitler.

1

Os escritórios da Putnam & Stearns ficam localizados nas ruas estreitas da zona financeira de Boston, entre bancos sediados em edifícios de fachadas de granito: a versão de Boston da Wall Street, com menos bares. Nossos escritórios ocupam dois andares de um velho e charmoso edifício na Federal Street, em cujo térreo funciona um respeitável e antigo banco brâmane famoso por lavar dinheiro para a Máfia.

A Putnam & Stearns - creio que devo esclarecer nessa altura - é uma das firmas de advocacia que operam "por fora" para a CIA. Tudo perfeitamente legal, não violentando a carta de princípios da Agência (que proíbe espertezas domésticas; aparentemente, não há nada contra as *internacionais*). Com bastante freqüência, a CIA necessita de assistência jurídica em assuntos que envolvem, digamos, imigração e naturalização (caso esteja tentando fazer entrar clandestinamente um dissidente da inteligência estrangeira) ou transações imobiliárias (quando precisa adquirir um imóvel, uma casa segura, um escritório ou qualquer outra coisa que não possa ser imputada a Langley). Ou, e essa é a habilidade especial de Bill Stearns, movimentar fundos em contas numeradas em Luxemburgo, Zurique ou Caimã.

A Putnam & Stearns, entretanto, faz muito mais do que o trabalho sujo da CIA. É um escritório de advocacia geral, uma firma de ex-membros de fraternidades universitárias, reunindo cerca de trinta advogados, doze sócios, que atuam numa ampla gama de especialidades, que vão de litígios corporativos, questões imobiliárias, divórcios, heranças, legislação tributária a propriedade intelectual.

Esse último item, propriedade intelectual, é a minha especialidade: patentes e direitos autorais, quem inventou o quê, quem roubou a invenção de quem. Todos ainda devem se lembrar quando, há alguns anos, um famoso fabricante de tênis bolou um dispositivo que permitia ao usuário encher o tênis de ar, ao custo de meros cento e cinqüenta dólares o par. Esse era o meu trabalho manual, quero dizer legal; eu concebia uma patente inexpugnável, ou tão inexpugnável quanto era realisticamente possível conceber.

Durante muitos meses, guardei vinte e quatro bonecas enormes no meu escritório, o que sem dúvida desconcertava meus clientes mais conservadores. Estava ajudando um fabricante de brinquedos de Massachusetts a defender sua linha de produtos Big Baby Doll. É possível que nunca tenham ouvido falar de Big Baby Dolls porque meu cliente acabou perdendo a questão. É claro que não me orgulho disso. Saí-me muito melhor ao impedir que uma fábrica de biscoitos usasse nos seus comerciais na televisão uma pequena criatura animada que se parecia de maneira suspeita com o pudim Pillsbury.

Sou um dos dois advogados que atuam na área de propriedade intelectual da Putnam & Stearns, o que oficialmente nos torna um "departamento", levando em conta os assistentes paralegais, secretárias etc. Com isso, a firma se intitula uma corporação legal prestadora de serviços jurídicos completos, cobrindo todas as suas necessidades, inclusive seus direitos autorais e patentes. Todas as suas necessidades legais atendidas debaixo do mesmo teto. E o que se chama comprar parando uma só vez.

Era considerado um bom advogado, não tanto porque amasse a profissão ou me interessasse muito por ela. Afinal, como diz o velho ditado, os advogados são as únicas pessoas nas quais a ignorância da lei não é punida.

Sou, entretanto, abençoado com um raro dom neurológico, encontrado em menos de 0,1 por cento da população: uma memória eidética (ou fotográfica, como é coloquialmente conhecida). Isso não me torna mais sabido do que ninguém, mas certamente facilitou muito minha vida no colégio e na faculdade quando tinha de decorar um trecho ou um caso. Sou capaz de ver uma página inteira como se fosse uma fotografia na minha mente. Essa capacidade não é coisa que geralmente deixo as pessoas perceberem. Não é um atributo que o leve a fazer muitos amigos. E no entanto é de tal forma parte integrante de mim, e sempre

foi, que preciso me policiar constantemente para que isso não me isole dos outros. Diga-se em seu louvor que os sócios-fundadores, Bill Stearns e o falecido James Putnam, investiram quase integralmente seus ganhos nos primeiros anos na decoração do escritório. Os tapetes persas e as preciosas antiguidades do período da Regência emprestam uma elegância e uma distância raramente encontradas num ambiente de trabalho. Até a campainha do telefone tem um som abafado. A recepcionista, que (naturalmente) é inglesa, fica sentada a uma mesa antiga de biblioteca cuja superfície é reluzente. Tenho visto clientes, nababos da indústria imobiliária que em seus domínios berram ordens para seus subalternos, entrarem em nossa recepção intimidados e embaraçados como colegiais disciplinados.

Fazia pouco mais de um mês do enterro de Hal Sinclair, e eu estava correndo para uma reunião na minha sala. Passei por Ken McElvoy, um sócio júnior que estava emaranhado num litígio corporativo terrivelmente maçante há quase seis meses. Ele carregava uma pilha de depoimentos e tinha um ar desoladoramente miserável, como se fosse um personagem desgraçado saído das páginas de *Bleak House*, de Dickens. Sorri, compadecido, para o pobre McElvoy e segui em frente para o meu escritório. Minha secretária, Darlene, me fez um breve aceno, e disse:

- Já estão todos lá.

Darlene é a criatura mais sinistra nesta firma, o que não chega a ser uma façanha extraordinária. Veste-se geralmente de preto. Seu cabelo é pintado de preto-azeviche; a sombra que usa nos olhos é azul meia-noite. Mas é tremendamente eficiente, e por isso não critico sua extravagante aparência.

Tinha convocado a reunião para pôr fim a uma pendenga que se arrastava pelo correio há mais de seis meses. A questão se referia a uma máquina de exercícios chamada Alpine Ski, um dispositivo magnificamente projetado que simula a prática de esqui na neve, proporcionando ao usuário não só os benefícios aeróbicos que se obtém em algo parecido com a pista nórdica, mas, ao mesmo tempo, um rigoroso exercício muscular.

O inventor do Alpine Ski, Herb Schell, era meu cliente. Ex- preparador físico pessoal em Hollywood, tinha ganho uma nota preta com essa invenção. De repente, há cerca de um ano, anúncios bisonhamente produzidos começaram a aparecer nos horários da madrugada na televisão, oferecendo um tal de Scandinavian Skier, indiscutivelmente uma imitação ruim da invenção de Herb. Também era muito mais barato: enquanto o Alpine Ski custa mais de seiscentos dólares (e o Alpine Ski Gold mais de mil), o Scandinavian Skier estava sendo comercializado por US\$ 129.99.

Herb Schell já estava sentado no meu escritório, juntamente com o presidente e diretor-executivo da E-Z Fit, a companhia que estava fabricando o Scandinavian Skier, Arthur Sommer; e seu advogado, um profissional da pesada chamado Stephen Lyons, de quem já ouvira falar mas não conhecia pessoalmente. Achei irônico que tanto Herb Schell quanto Arthur Sommer fossem gorduchos e estivessem visivelmente fora de forma. Herb me confidenciara num almoço pouco depois que nos conhecemos que, tendo deixado de ser preparador físico pessoal, se cansara de malhar o tempo todo; preferia mil vezes a lipo-aspiração.

- Senhores - disse, iniciando a reunião e apertando a mão de todos os presentes. - Vamos resolver definitivamente essa coisa.
- Amém - disse Stephen Lyons. Dizem que seus inimigos (que formam legiões) referem-se a ele como "Lyin Lyons" e a sua pequena mas agressiva banca de advocacia como "a toca do Lyons".
- Muito bem - disse. - Seu cliente infringiu ostensivamente o desenho do meu cliente, nos menores detalhes. Já discutimos isso dezenas de vezes. O seu produto não passa de uma cópia grosseira, e a menos que isto fique resolvido hoje, estamos decididos a ingressar com uma ação na justiça federal e requerer uma injunção. Pleitearemos igualmente uma indenização por perdas e danos, que, como sabe, em casos de infringimento deliberado é *tripla*.

O direito de patentes tende a ser muito monótono, uma maneira extremamente enfadonha de se ganhar a vida - uma mesmice insuportável, como costume dizer - e por isso vibro diante das poucas oportunidades de confronto. Arthur Sommer ficou rubro, presumivelmente de raiva, mas não disse uma palavra. Seus lábios finos se contraíram num sorriso contrafeito. Seu advogado inclinou-se para trás na cadeira: ominosa linguagem corporal, se é que tal coisa existia.

- Olhe aqui, Ben - disse Lyons. - Como não há nenhum fundamento para uma ação neste caso, meu cliente está generosamente disposto a fazer uma oferta de cortesia de quinhentos mil dólares. Sou contra, mas essa brincadeira está custando caro a ele e a todos nós...
- Quinhentos mil? Tente vinte vezes isso.
- Sinto muito, Ben - disse Lyons. - Essa patente não vale o papel em que está impressa. - Ele apertou as mãos. - A lei é clara, prevê uma exceção quando fica configurado que a invenção estava à venda.
- De que diabo você está falando?
- Tenho provas de que Alpine Ski foi posto à venda mais de um ano antes da data de requerimento da patente - Lyons respondeu pretensiosamente. - Dezesesseis meses antes para ser exato. Portanto, a maldita patente não é válida. Exceção estatutária à venda.

Era uma nova abordagem dele, e era inquietante. Até então tudo o que tínhamos repisado exaustivamente, em carta após carta, tinha sido se o Scandinavian Skier se parecia materialmente com o Alpine Ski: se ele infringia os direitos da patente. Agora ele estava citando uma coisa chamada doutrina do "à venda", segundo o qual uma invenção não pode ser patenteada se estava "em uso público ou à venda", mais de um ano antes da data em que a patente foi requerida.

Mas não deixei transparecer minha surpresa. Um bom advogado tem de dominar a arte da dissimulação.

- Boa tentativa - disse. - Não foi realmente *uso*, Steve, e você sabe disso. - O que quer que quisesse dizer, sou bem.
- Ben... - Herb interrompeu.

Lyons me entregou uma pasta com documentos legais.

- Dê uma olhada - disse ele. - Encontrará um folheto do Big Apple Health Club de Manhattan anunciando seu último equipamento, o Alpine Ski, quase um ano e meio antes de o sr. Schell ter requerido sua patente. E uma fatura.

Apanhei o folheto, olhei-o displicentemente e o devolvi.

- Ben... - Herb disse novamente. - Podemos falar a sós um minuto?

Deixei Lyons e Sommer no meu escritório, enquanto Herb e eu conversávamos numa sala de reuniões vazia, perto da minha.

- Do que se trata? - perguntei.
- É verdade. Eles estão certos.
- Você vendeu a máquina mais de um ano antes de requerer a patente?
- Dois anos antes, na verdade. A doze preparadores físicos pessoais em academias de ginástica espalhadas pelo país.

Olhei para ele calmamente.

- Por quê?
- O que é que você queria, Ben? Eu não conhecia a lei. Como é que você pode testar uma novidade se

não a puser em funcionamento? Você não faz idéia do desgaste a que esses equipamentos são submetidos nos clubes e academias de ginástica.

- Então você foi introduzindo aperfeiçoamentos enquanto elas eram testadas?
- É claro.
- Ah. Em quanto tempo você é capaz de obter um documento na sede de sua empresa em Chicago?

Steve Lyons exibia um ar vitorioso quando voltamos para o meu escritório.

- Presumo - disse ele, com o que provavelmente julgava ser condescendência - que o sr. Schell tenha lhe revelado certos detalhes.
- Sim, sem dúvida - disse.
- Preparação, Ben - disse ele. - Não se pode pisar na bola.

O *timing* foi perfeito. Nesse momento preciso meu fax começou a imprimir um documento. Enquanto a máquina fazia o seu trabalho aproximei-se dela e, disse:

- Steve, teria sido tão bom se você tivesse nos poupado tempo e dinheiro, estudando melhor a lei no que diz respeito ao seu caso.

Ele olhou para mim, intrigado, com um sorriso amarelo.

- Ah, vejamos - disse. - Seria o repórter federal, segunda série 544, circuito federal 1990.
- Do que ele está falando? - Sommer sussurrou audivelmente a Lyons.

Lyons, não querendo se mostrar inseguro na minha presença, limitou-se a olhar para mim, sem compreender.

- Isso é verdade? - insistiu Sommer.

A expressão facial de Lyons não mudou.

- Tenho de conferir.

A máquina do fax cortou o papel, um ponto final *staccato*. Eu o entreguei a Lyons.

- Aqui está uma carta do gerente do Big Apple Health Club para Herb Schell, contendo sua opinião sobre o Alpine Ski, suas anotações sobre o desempenho e o que poderia ser reconsiderado. E sugestões para modificações.

Nessa altura, Darlene entrou na sala e silenciosamente me entregou um livro - *Federal Reporter 917, 2ª série* - e se retirou. Sem mesmo olhá-lo, passei-o para Lyons.

- Isto é alguma peça que você está nos pegando? - Lyons conseguiu gaguejar.
- De maneira alguma - respondi. - Meu cliente vendeu protótipos durante um período de experiência, e recolheu dados sobre o desempenho da versão vendida. Por conseguinte, a doutrina do "à venda" não se aplica, Steve.
- Nem sei de onde você está desencavando isso tudo...
- Manville Sales Corp. versus Paramount Systems, Inc. Federal Segunda 544.
- Sem essa - Lyons retorquiu. - Nunca ouvi falar de...
- Página 1.314 - disse, voltando para minha cadeira e cruzando as pernas. - Então vejamos. - Numa voz monocórdia, recitei: - "As normas que definem as exceções de à venda e em uso público não corroboram a invalidação da patente mesmo que, mais de um ano antes de requerer a patente, o

patenteado tenha instalado um acessório num posto de gasolina-restaurante em construção numa rodovia estadual. Um período de experiência ao ar livre da invenção foi necessário para determinar se ela..."

Simultaneamente, Lyons, sentado com o livro no colo, acompanhava meu recital, murmurando as palavras. Ele concluiu a frase para mim: "cumpria satisfatoriamente a finalidade a que se destinava". Ele olhou para mim, boquiaberto.

- Te vejo no tribunal - disse.

Naquela manhã, Herb Schell deixou meu escritório muito mais feliz e quase dez milhões de dólares mais rico. E eu tive o prazer de dar o troco ao pretensioso Steve Lyons.

- Você conhecia este caso fodido palavra por palavra - disse ele, ainda perplexo. - Palavra por palavra. Caramba, cara, como foi que fez isso?
- Preparação - respondi, apertando-lhe a mão. - Lembre-se, não se pode pisar na bola.

2

Muito cedo no dia seguinte tomei o café da manhã no Harvard Club, em Boston, com meu patrão, Bill Stearns.

E foi aí que fiquei sabendo que de repente estava metido numa séria complicação.

Stearns tomava o café da manhã todos os dias ali: a sra. Stearns, uma lânguida dona-de-casa welllesleyana, aparentemente fazia muito pouco além de cumprir seus compromissos sociais como voluntária do Museu de Belas-Artes. Imaginava-a indo dormir tarde, com uma máscara protegendo-lhe os olhos, e desde que seus dois filhos tinham batido asas do ninho materno para seguirem suas vidas predestinadas de jovens brâmanes de Boston (Deerfield, Harvard, bancos de investimento, alcoolismo), ele nunca mais fizera a primeira refeição em casa.

Sua mesa no Harvard Club era sempre a mesma, encostada à grande janela envidraçada debruçada sobre a cidade. Invariavelmente, pedia ovos escaldados especiais, à moda do clube (Stearns considerava a aversão do fim do século XX ao colesterol uma mania em declínio, como o culto aos anos 60). As vezes, comia sozinho, com o *The Wall Street Journal* e o *The Boston Globe*, às vezes com um ou mais sócios juniores, para discutir negócios e golfe.

De vez em quando, eu lhe fazia companhia. Caso suspeitem de que nos entregávamos a colóquios conspiratórios, bate-papos de veteranos sobre a Central Intelligence Agency, devo deixar claro que Bill Stearns e eu normalmente falávamos de esportes (que conheço o suficiente para bater uma bola razoável) ou de negócios imobiliários. Ocasionalmente - naquela manhã, por exemplo -, havia alguma coisa de certa gravidade que Bill queria discutir.

Stearns é o tipo de pessoa considerada avuncular pelos que não o conhecem. Tem quase sessenta anos, cabelos grisalhos, rosto corado, adepto da gravata-borboleta, com uma ligeira barriga. Seus ternos de dois mil dólares de Louis of Boston, nele, pareciam como se tivessem sido apanhados em cabides errados no Porão da Filene.

A verdade é que, depois daqueles dois anos violentos, dantescos, de trabalho clandestino para a CIA, achava a segurança de minha vidinha de advogado na Putnam & Stearns profundamente tranquilizadora. Mas tinha sido o meu trabalho na CIA que me fizera ser recrutado pela Putnam & Stearns. Bill Stearns

tinha sido inspetor geral da Central Intelligence Agency na gestão do lendário Allen Dulles, diretor da CIA de 1953 a 1961.

Quando fui contratado pela Putnam & Stearns há nove anos deixei muito claro que, a despeito de minha passagem pelo serviço de inteligência, recusava-me a ter qualquer contato com a CIA. Minha breve carreira naquele órgão pertencia ao passado, disse taxativamente a Bill Stearns. Para crédito dele, ele levantou os ombros de maneira teatral e disse: "Quem foi que falou em CIA?" Havia, porém, estou convencido, um jeito maroto em seu olhar. Creio que ele imaginou que eu cederia com o tempo, que seria uma tarefa fácil para mim. Ele sabia que a Agência sente-se muito mais à vontade quando trata com gente de seu estafe, que pressionaria de todas as maneiras para que eu cuidasse de seus assuntos jurídicos, e que eu acabaria cedendo. Por que outro motivo um mero ex-funcionário de campo como eu haveria de trabalhar para a firma de um macaco velho como Bill Stearns? A resposta, naturalmente, era uma só: dinheiro, que, diga-se de passagem, era substancialmente mais do que qualquer outra firma poderia me oferecer.

Não sabia por que me convidara para tomar café com ele naquela manhã, mas tinha fortes suspeitas de que alguma coisa estava para acontecer. Ataquei meu *muffin* de *blueberry*. Já tinha tomado muito café, e achei que alguma coisa sólida no estômago me ancoraria. Sempre detestei *breakfasts* de negócios; penso que Oscar Wilde estava certo quando disse que somente as pessoas medíocres conseguem ser brilhantes no café da manhã.

Quando nossa comida chegou, Stearns pegou um exemplar do *The Boston Globe* na sua pasta.

- Acredito que já tenha lido sobre a First Commonwealth – disse ele.

Seu tom de voz me deixou imediatamente alarmado.

- Não vi o *Globe* esta manhã - respondi.

Ele me passou o jornal por cima da mesa. Passei os olhos na primeira página. Lá estava, logo abaixo da dobra, uma manchete que me deixou tonto.

FIRMA DE INVESTIMENTO FECHADA PELO GOVERNO FEDERAL ela dizia. E em letras menores: DEPÓSITOS DA COMMONWEALTH CONGELADOS PELA SEC.

A First Commonwealth era uma pequena firma de administração de fundos, sediada em Boston, que administrava todo o meu dinheiro. Apesar do nome pomposo era um negócio minúsculo, mais uma boutique do que qualquer outra coisa, dirigida por um conhecido meu, com menos de meia dúzia de clientes. Era a firma que pagava minha hipoteca todos os meses, o lugar onde praticamente todo o meu dinheiro estava enfiado.

Até aquela manhã.

Ao contrário de Stearns, não sou rico. O pai de Molly tinha deixado uma importância em dinheiro insignificante, algumas ações e títulos ao portador, e a escritura de sua casa em Alexandria, que estava hipotecada. Também lhe deixara, curiosamente, um documento firmado em cartório que lhe dava plenos direitos de beneficiária de todas as contas em nome dele, estrangeiras e domésticas, de acordo com as leis e blabláblá... Os detalhes são de fundir a cuca, como é a maioria dos detalhes das leis sobre heranças e custódias. Digo "curiosamente" porque, na qualidade de única herdeira sobrevivente de Harrison Sinclair, ela fazia jus automaticamente aos direitos de beneficiária. Não era preciso nenhum papel assinado. Tudo bem, talvez Sinclair fosse do tipo supercauteloso.

Para mim, ele deixou somente uma coisa: um exemplar autografado das memórias do diretor da CIA Allen Dulles, *The Craft of Intelligence*. Era uma primeira edição e tinha uma dedicatória: "Para Hal, com a mais profunda admiração, Allen." Um belo legado de Sinclair, mas estava longe de ser uma fortuna.

Quando meu pai morreu há alguns anos, herdei pouco mais de um milhão de dólares, que depois dos impostos imediatamente se converteram em meio milhão. Apliquei-o na First Commonwealth por causa da sua reputação. Conhecia o dono da firma, Frederick "Doc" Osborne, de diversas questões legais e sempre me parecera sagaz. Foi Nelson Algren quem disse: "Nunca vá comer num lugar chamado Mom's nem jogue cartas com um cara chamado Doc." E isso foi antes dos dias de administradores de fundos.

Você há de imaginar, naturalmente, como um sujeito supostamente perspicaz como eu vai botar todo o seu dinheiro num único lugar. Eu mesmo me perguntei a mesma coisa muitas vezes e, para ser franco, continuo me perguntando. Creio que a resposta é dupla. Doc Osborne era um amigo, e gozava de ótima reputação; por conseguinte, não era preciso diversificar. E sempre cuidei de minha herança como se fosse o início de um pecúlio, uma poupança em que preferia não tocar, uma vez que estava ganhando um salário decente. E acredito também que seja um pouco como o velho provérbio sobre os filhos do sapateiro que nunca têm sapatos: os caras que lidam com dinheiro freqüentemente são displicentes com suas próprias economias.

Larguei o garfo, senti dor de estômago. Fazendo um cálculo rápido, logo percebi que se não conseguisse reaver o dinheiro aplicado na First Commonwealth imediatamente, não cobriria nem minha hipoteca. No mercado imobiliário em baixa de Boston, não conseguiria vender minha casa a não ser com grande prejuízo.

As veias de minhas têmporas latejavam. Olhei para Stearns.

- Socorro, me explique essa bomba - disse baixinho.
- Ben, lamento muito - disse Stearns, interrompendo uma garfada de ovo a meio caminho da boca.
- O que isso quer dizer? Você sabe que essa não é minha especialidade.

Ele tomou um gole de café e pousou a xícara no pires.

- Significa - disse ele com um suspiro - que o seu dinheiro foi congelado juntamente com o de todos os outros clientes da First Commonwealth.
- Por quem? Quem tem autoridade para fazer isso? E por que motivo? - Corri os olhos de alto a baixo no *Globe*, procurando ver se entendia alguma coisa.
- A Comissão de Valores Mobiliários. Mais o escritório da Procuradoria Geral dos Estados Unidos em Boston.
- Congelado - disse morosamente, incrédulo.
- A Procuradoria Geral não diz muita coisa, limita-se a informar que será aberto um inquérito.
- Para investigar o *que*?
- Tudo que adiantaram foi que se trata de uma violação da lei que regulamenta o mercado de ações e outros dispositivos legais. Dizem que pode demorar mais de um ano para liberarem os ativos, dependendo do resultado do inquérito da SEC.
- *Congelado* - disse novamente. - Meu Deus! - Passei a mão no rosto. - E agora, o que posso fazer para sair dessa?
- Nada - disse Stearns. - Nada, a não ser esperar. Posso pedir ao Todd Richlin [gênio financeiro da Putnam & Stearns] para falar com um amigo dele na SEC, mas não espere grande coisa.

Olhei pela janela para as ruas minúsculas de Boston, trinta e tantos andares abaixo de nós - o verde do Public Garden e do Common parecendo com o musgo sintético decorando uma estrada de ferro de brinquedo; a Commonwealth Avenue soberbamente arborizada; e, correndo paralela à avenida, Marlborough Street, onde eu morava. Se tivesse inclinações suicidas, seria um ótimo lugar de onde me atirar.

- Continue - disse.
- A Comissão de Valores e o Ministério da Justiça, agindo através da representação da Procuradoria Geral em Boston, fechou a First Commonwealth, aparentemente sob a alegação de ligações com droga.

-Droga...?

- Bem, o que se diz é que Doe Osborne está envolvido com um esquema de lavagem de dinheiro para traficantes de drogas.
- Mas *eu* não tenho nada a ver com a cagada em que Doe Osborne possa estar metido!
- As coisas não funcionam assim - respondeu. - Lembra-se de quando o Governo Federal fechou aquela grande corretora de Nova York, a Drexel Burnham? Os agentes federais foram literalmente lá, algemaram todo mundo e pregaram um aviso na porta, interditando o local. Se você tivesse condição de ir lá um ano depois ainda veria pontas de cigarro nos cinzeiros, xícaras de café pela metade, esse tipo de quadro.
- Mas os clientes da Drexel não perderam seu dinheiro!
- Bem, veja o caso do Marcos nas Filipinas, ou o do xá no Irã. Às vezes eles simplesmente confiscam o dinheiro e deixam que ele fique rendendo juros, em benefício do Tio Sam.
- Confiscam todo o dinheiro - acrescentei.
- A First Commonwealth está literalmente com um cadeado na porta - prosseguiu Stearns. - Os agentes federais apreenderam todo o equipamento de informática, arquivos e documentação, seqüestraram...
- Quando é que vão devolver o meu dinheiro?
- Talvez dentro de um ano e meio. Provavelmente mais.
- Até lá, que diabo vou fazer?

Stearns respirou ruidosamente.

- Tomei um drinque ontem à noite com Alex Truslow. - Depois, limpando a boca com um guardanapo de linho, acrescentou casualmente: - Ben, quero que você arranje um tempo para a Truslow Associates.
- Minha agenda anda um pouco apertada, Bill. Sinto muito.
- Alex poderia representar mais de duzentos mil dólares de horas faturáveis este ano, Ben.
- Temos pelo menos meia dúzia de advogados tão qualificados quanto eu. Até mais.

Stearns pigarreou.

- Não tão versáteis.

Sua intenção era clara.

- Como se isso fosse uma qualificação - disse.
- Parece que ele acha que é.
- O que ele quer que seja feito, afinal de contas?

A garçonete, uma mulher de busto avantajado de cinqüenta e tantos anos, serviu-nos mais café e deu uma piscadela fraternal para Stearns.

- Coisa rotineira, tenho certeza - disse Stearns, limpando as migalhas de sua lapela.
- Por que eu? Por que não Donovan, Leisure? - Essa era outra firma de ex-companheiros de universidade, com escritório em Nova York, fundada por "Wild Bill" Donovan, chefe da OSS e

figura de proa da história da inteligência americana. A Donovan, Leisure também era conhecida por ter vínculos com a CIA. Para uma atividade tão sigilosa quanto supõe-se que seja a inteligência, é impressionante como tanta coisa é "conhecida" ou "insinuada".

- Sem dúvida, Truslow utiliza em parte os serviços da Donovan, Leisure. Mas ele quer uma consultoria local, e das firmas de advocacia de Boston, não há muitas com as quais ele se sinta tão à vontade quanto a nossa.

Não pude reprimir um sorriso.

- "A vontade"- repeti, saboreando a delicadeza de Steams. - Em outras palavras, ele precisa de algum tipo de trabalho extracurricular de espionagem e quer que tudo fique em família.
- Ben, me ouça. Esta é uma oportunidade maravilhosa. Acho que pode ser sua salvação. Seja lá o que for que Alex possa ter em mente, estou certo de que ele não vai querer que você volte para o serviço clandestino.
- O que é que eu ganho com isso?
- Creio que alguma coisa poderia ser conseguida. Um empréstimo de emergência, digamos. Um adiantamento garantido pela sua participação na firma. Descontado dela no fim do ano.
- Um suborno.

Steams deu de ombros, respirou fundo.

- Você acha que seu sogro morreu num acidente de verdade?

Senti-me contrafeito por ouvi-lo articular minhas suspeitas particulares.

- Não tenho nenhuma razão para não acreditar na versão que me contaram. O que isso tem a ver com...
- Sua linguagem está lhe traindo - disse ele, aborrecido. - Você fala como se fosse um burocrata de merda. Como um funcionário de assuntos públicos da Agência. Alex Truslow acredita que Hal Sinclair foi assassinado. Quaisquer que sejam seus sentimentos em relação à CIA, Ben, é seu dever para com Hal, para com Molly, e para com você mesmo ajudar Alex de toda maneira que puder.

Depois de um silêncio desconfortável, eu disse:

- O que minha capacidade legal tem a ver com as teorias de Truslow sobre a morte de Hal Sinclair?
- Almoce com o cara. Você vai gostar dele.
- Estive com ele. Não tenho dúvida de que é um príncipe. Fiz uma promessa à Molly...
- Nós todos sairíamos ganhando - disse Stearns, examinando a toalha da mesa, sinal de que tinha chegado ao fim de sua paciência. Se ele fosse um cachorro, rosnaria naquela altura. - E você poderia usar o dinheiro.
- Lamento, Bill. Prefiro não entrar nessa. Você compreende.
- Compreendo - disse Stearns suavemente, e começou a acenar, pedindo a conta. Não estava sorrindo.

- Não, Ben - disse Molly quando voltei para casa naquela noite.

Ela é normalmente efervescente, brincalhona, mas desde a morte do pai tomara-se, compreensivelmente, uma pessoa muito diferente. Não apenas abatida, irritada, desapontada, pesarosa - a gama de emoções por que todos passam com a morte de um pai -, mas insegura, hesitante, introspectiva. Era uma Molly muito diferente naquelas últimas semanas, e eu sofria por vê-la daquele jeito.

- Como é que pode acontecer uma coisa dessas?

Não soube responder, por isso simplesmente sacudi a cabeça.

- Você é inocente - disse ela à beira da histeria. - Você é um advogado. Não pode fazer alguma coisa?
- Se eu tivesse sido suficientemente esperto teria espalhado meu dinheiro e isso não teria acontecido. Bobeira imperdoável.

Ela estava preparando o jantar, coisa que só faz quando precisa dos efeitos terapêuticos que uma cozinha proporciona. Vestia um dos meus suéteres velhos da universidade e jeans extragrandes, e mexia alguma coisa numa panela que cheirava a tomates, azeitonas e muito alho.

Não acredito que você achasse Molly bonita na primeira vez que a visse. Mas sua beleza crescia, adquiria outra dimensão no seu subconsciente, de modo que, depois de conhecê-la por algum tempo, você ficava admirado ao ouvir alguém expressar a opinião de que ela era nada menos do que sensacional.

Ela é um pouco mais alta do que eu, um metro e setenta e cinco por aí; cabelos pretos, crespos, alvoroçados; olhos azul-acinzentados e pestanas pretas; e uma pele saudável, corada, que acho ser o seu melhor atributo. Sempre a considerei um tanto misteriosa, ligeiramente distante, não menos agora do que quando a conheci na universidade, e ela é abençoada com um temperamento sereno.

Molly estava no seu primeiro ano de residência de pediatria no Hospital Geral de Massachusetts, e, aos trinta e seis anos, era mais velha do que seus colegas de turma porque começara tarde. O que é muito do seu feitio: ela é uma séria procrastinadora, especialmente quando tem coisas melhores para fazer. No seu caso, isso significou se embrenhar pelo Nepal durante mais de um ano depois de sair da universidade. Em Harvard, embora soubesse que finalmente acabaria na medicina, diplomou-se em italiano, defendendo tese sobre Dante - o que vale dizer que ela é fluente em italiano, mas não tão fluente em química orgânica.

Molly estava sempre citando a frase de Tchekov, que diz que os médicos são iguais aos advogados, mas enquanto os advogados se limitam a roubá-lo, os médicos, além de roubá-lo, também o matam. Amava a medicina, muito mais do que se preocupava com posses materiais. Ela e eu muitas vezes falamos - não totalmente sérios - em abandonar nossos empregos, vender a casa, e nos mudarmos para um lugar na zona rural, onde abriríamos uma clínica para tratar de crianças pobres. Clínica Ellison-Sinclair é como a chamaríamos, o que soava como um hospital psiquiátrico.

Ela baixou o fogo do molho que estava preparando, e nos encaminhamos juntos para a sala de estar ao lado da cozinha, que, como todas as dependências da casa, era um pandemônio de pranchas de madeira, baldes contendo argamassa, canos de cobre e muito mais, tudo coberto por uma fina camada de pó de gesso. Sentamo-nos em poltronas superestofadas protegidas provisoriamente por capas de plástico.

Molly e eu tínhamos comprado uma linda casa em Back Bay de Boston, na Marlborough Street, há cinco anos. Linda, por fora. O interior era *potencialmente* bonito. O mercado imobiliário estava em alta, alguns meses antes de despencar fragorosamente. Você haverá de pensar que eu poderia ter sido mais esperto, mas, como todo mundo, pensei que os preços dos imóveis continuassem subindo, disparados - e a casa era o que os anúncios às vezes chamam de "sonho de um sujeito habilidoso". "Arregace as mangas", dizem os anúncios, "e use sua imaginação." O corretor de imóveis não mencionara nenhum sonho, mas, por outro lado, também não dissera nada sobre a instalação hidráulica artrítica, o cupim ou o reboco podre. As pessoas costumavam dizer na década de 1980 que a cocaína era a maneira de Deus dizer que você tinha dinheiro demais. Na de 1990 é a hipoteca.

Tive o que mereci. A reforma era um projeto em progresso não muito diferente da construção da pirâmide de Gizé. Uma coisa leva à outra. Se você quer consertar a escada que ameaça desabar tem de levantar uma nova parede de sustentação, que necessita de... bem, você sabe do que eu estou falando.

Pelo menos, não havia ratos. Sempre tive uma fobia por ratos, um pavor irracional, incontrolável dos roedores, uma repulsa que excede muito a que todas as pessoas experimentam. Tinha eliminado muitas casas antes desta, casas que Molly adorara, simplesmente porque estava convencido de ter vislumbrado a silhueta de um rato. Exterminadores estavam fora de cogitação; acredito piamente que os ratos, como as

baratas, são fundamentalmente inextinguíveis. Eles sobrevivem a todos nós. Às vezes, quando estávamos dando uma olhada nas novidades de uma locadora de vídeos, Molly se divertia à minha custa, pegando uma fita de horror *Willard*, uma sinistra história de ratos, e sugerindo que o alugássemos. Piada sem graça.

E, como se precisássemos de um pouco mais de estresse, vínhamos discutindo há meses se devíamos ter um filho. Ao contrário do que ocorre comumente - a mulher quer mas o marido não - eu queria uma criança, diversas crianças, enquanto Molly era veementemente contra. Achava esquisito que uma pediatra afirmasse com insistência que o segredo para se criar uma criança de maneira correta é não ser seus pais. Do seu ponto de vista, sua carreira mal estava começando e não era o momento oportuno. Isso sempre provocava as mais acaloradas brigas. Eu dizia que estava disposto a dividir a responsabilidade com ela igualmente; ela contra-argumentava que nenhum homem na história da civilização jamais dividira os deveres, que a educação de uma criança implica, em pé de igualdade. O fato é que eu estava pronto para ter uma família - quando minha primeira mulher, Laura, morreu, ela estava grávida - e Molly não estava. Por isso as discussões continuavam.

- Podíamos vender a casa de papai em Alexandria - ela começou.
- Nas condições em que está o mercado conseguiríamos muito pouco, quase nada. E seu pai não lhe deixou nada. Ele nunca ligou muito para dinheiro.
- Não poderíamos fazer um empréstimo?
- Dando o *quê* como garantia?
- Eu podia arranjar um trabalho extra.
- Isso não resolveria nada - disse. - E você só iria se sacrificar.
- Mas o que Alexander Truslow quer com você?

O que, eu também me perguntava, quando o mundo está cheio de advogados mais qualificados? Não quis repetir a suspeita de Stearns de que o pai de Molly tinha sido assassinado. De qualquer forma, isso não esclarecia por que Truslow queria me contratar. Não havia razão para perturbá-la ainda mais.

- Não gosto de pensar nos motivos que o levam a querer que eu vá trabalhar para ele - disse dissimuladamente. Nós dois sabíamos que tinha a ver com o meu passado na CIA, provavelmente com a minha temível reputação, mas isso ainda não respondia *por que*, precisamente.
- Como vai o NICU? - perguntei, referindo-me ao Neonatal Intensive Care Unit (centro de tratamento neonatal) do Hospital Geral de Massachusetts, onde, desde o enterro de seu pai, estava servindo.

Ela sacudiu a cabeça, recusando-se a mudar de assunto.

- Quero falar sobre essa história com o Truslow. - Enrolando o dedo numa mecha de cabelo, demonstrando ansiedade, ela disse: - Meu pai e Truslow eram amigos. Eram colegas que se respeitavam, não necessariamente amigos íntimos. Mas ele sempre gostou de Alex.
- Ótimo. Ele parece ser uma boa pessoa. Mas, você sabe, uma

vez espião, sempre espião.

- O mesmo se poderia dizer de você.
- Eu lhe fiz uma promessa, Mol.
- Então você acha que o Truslow está a fim de que você trabalhe clandestinamente para ele?
- Tenho minhas dúvidas. Não com a minha tabela de honorários.
- Mas esse trabalho envolve a CIA.
- Não há a menor dúvida quanto a isso. A CIA é o maior cliente individual da Corporação.

- Não quero que você se comprometa - disse Molly. - Já discutimos o assunto antes, isso pertence ao seu passado. Você cortou definitivamente os vínculos com a Agência, mantenha-se afastado.

Ela sabia como era importante para mim manter-me longe do trabalho na clandestinidade, que, de certa forma, trouxera à tona a impiedade fria que existe em mim.

- Essa também é a minha intenção. Mas Stearns vai fazer tudo o que puder para impedir que eu diga não.

Ela se levantou abruptamente e ajoelhou-se no chão diante de mim, colocando as mãos nos meus joelhos.

- Não quero que você volte a trabalhar para eles. Você me prometeu. - Enquanto falava, ela esfregava as mãos nas minhas pernas, tentando me convencer, fitando-me com um olhar aflito, mais impenetrável do que de costume. - Existe alguém com quem você possa falar sobre isso?

Pensei um momento, e finalmente disse:

- Ed Moore.

Edmund Moore, que se aposentara da CIA depois de trinta e tantos anos de serviço, conhecia melhor os meandros da CIA do que qualquer outra pessoa no mundo. Tinha sido meu mentor durante minha breve carreira na CIA - meu "rabi", na gíria da inteligência - e continuava sendo um homem superiormente dotado. Morava em Georgetown, numa maravilhosa casa antiga, e parecia mais ocupado agora, depois de ter se aposentado, do que durante seus dias na ativa na Agência, lendo, ao que se dizia, todas as biografias que eram lançadas pelas editoras, participando de reuniões com aposentados da CIA, almoços com ex-companheiros de trabalho, prestando depoimentos em subcomissões do Senado, e fazendo uma infinidade de outras coisas.

- Telefone para ele - disse ela.
- Farei melhor do que isso. Se conseguir transferir meus compromissos de amanhã à tarde, ou de depois de amanhã, irei vê-lo pessoalmente em Washington.
- Se *ele* tiver tempo para recebê-lo. - Molly começou a me provocar, de certo dando vazão aos seus próprios impulsos, e, ao me inclinar para beijar-lhe o pescoço, ela exclamou subitamente: - Era só o que me faltava! O raio do molho à putanesca está queimando.

Segui-a até a cozinha, e assim que ela apagou o fogo - o molho estava irremediavelmente perdido - abracei-a por trás. As coisas tinham mudado tanto entre nós que à menor provocação de uma parte ou de outra, éramos capazes de embarcar numa discussão interminável, ou...

Beije-i-lhe a orelha direita e fui descendo devagarinho, e, de repente, estávamos transando no assoalho da sala de estar, com poeira ou sem poeira, interrompendo apenas para Molly ir apanhar o seu diafragma. Naquela mesma noite, telefonei para Edmund Moore, que, encantado, me convidou para jantar com ele e a mulher em sua casa na noite seguinte.

Na tarde do outro dia, depois de adiar três compromissos perfeitamente adiáveis, peguei um avião da ponte aérea para o Aeroporto Nacional de Washington, e ao cair da noite, em Georgetown, meu táxi cruzou a Key Bridge, chacoalhou nos paralelepípedos da N Street e parou em frente da grade de ferro da casa de Edmund Moore.

A biblioteca de Edmund Moore, onde nos sentamos depois do jantar, merece um registro especial, pois era simplesmente espetacular: dois planos recobertos de cima a baixo de estantes de carvalho com incrustações de cerejeira cercavam toda a sala. O segundo plano era rodeado por uma passarela; diversas escadas apoiavam-se contra as estantes do primeiro plano. A luz suave do ambiente, a sala adquiria uma tonalidade âmbar. Moore possuía uma das bibliotecas particulares mais notáveis que eu já vira, incluindo uma impressionante coleção de livros sobre espionagem e inteligência. Alguns deles eram relatos de dissidentes da Rússia e de países da Cortina de Ferro, que Ed Moore tinha encaminhado a editoras americanas e inglesas, nos anos em que a CIA fazia dessas coisas. (Abertamente, pelo menos.) Prateleiras inteiras eram dedicadas às obras de Carlyle, Dickens, Ruskin. Tinham a aparência desses livros que se encomendam a metro a um decorador de interiores para dar um aspecto de velha biblioteca baronial, mas eu sabia que Ed Moore tinha colecionado todos eles a duras penas, adquirindo-os em leilões e livrarias de Paris e Londres, e sebos e feiras de livros pelos Estados Unidos a fora, e sem dúvida lera todos eles.

O fogo que crepitava na lareira iluminava a sala com uma agradável luz ocre. Estávamos sentados em poltronas de couro gasto diante das chamas. Ele bebericava um vinho do Porto, safra 1963, de que muito se orgulhava; eu tomava um *scotch* de malte envelhecido.

Admirava a atmosfera que Moore tão cuidadosamente construíra para ele. Na sua casa não se estava mais na Georgetown dos anos 90, entulhada de locadores de vídeo, Tan-O-Ramas e Benettons, mas sim na Inglaterra eduardiana. Edmund era do meio-oeste, na realidade de Oklahoma, mas durante seus anos na CIA tornara-se tão *tweed* e Ivy League quanto qualquer universitário de Yale ou Princeton de sua geração. Não era afetação; era simplesmente o que acontecia depois de algum tempo numa organização como a CIA. Na verdade, a Agência é que mudara. Nos anos 60, quando os *campi* das universidades Ivy League foram invadidos pelas greves e pela droga, a Agência passou a recrutar seus elementos em estabelecimentos de ensino do meio-oeste mais confiáveis, de valores mais fundamentais. Daí para usar uma expressão cunhada por um amigo da companhia, a "poliesterização" da CIA. E ali estava aquele singular cavalheiro de Oklahoma que poderia ter entrado num dos salões de conferências no Linsley-Chittenden Hall de Yale nos anos 40 e ninguém teria piscado o olho. "Distinção", Moore me dissera certa vez, "é o que antepassados ricos deixam depois que o dinheiro acaba." Na verdade, porém, Moore ficara rico com o casamento. O avô de Elena inventara alguma coisa essencial que tinha a ver com o telefone.

- Você não sente nenhuma falta, não é mesmo? - perguntou com um sorriso matreiro. - Ele era um homem pequenino, lembrando a figura de um duende, de setenta e muitos anos, com uma cabeça pequena, calva, do formato de uma abóbada, e usava óculos de armação preta, grossa, cujas lentes ampliavam exageradamente seus olhos. Seu terno marrom de *tweed* sobrava no seu corpo, fazendo com que parecesse ainda menor. - O *glamour*, as viagens, os hotéis cinco estrelas...?
- ... As mulheres bonitas - acrescentei prestimosamente - e os restaurantes três estrelas do guia Michelin.

- Ah, não me fale!

Moore, que tinha sido chefe da Divisão Européia do Diretório de Operações enquanto eu estava baseado em Paris - meu chefe, trocando em miúdos -, estava farto de saber que a vida de um agente secreto na realidade significa intermináveis e tediosos relatórios, telegramas, restaurantes infames, e estacionamentos frios, chuvosos, desolados. Depois da morte de Laura, Moore só faltou me botar pela porta fora do escritório central em Langley, articulando minha entrevista com Bill Stearns em Boston. Ele estava firmemente convencido de que seria um grave erro se eu continuasse na Agência depois do que tinha acontecido. Durante algum tempo, guardei-lhe uma certa mágoa por isso, mas logo me dei conta

de que ele agira com a melhor das intenções na defesa de meus interesses.

Moore era tímido, um amante dos livros - um tipo esdrúxulo naquele gênero de atividade, onde predominava a personalidade impetuosa, agressiva, arguta. De acordo com a nomenclatura da Agência, ele passava mais depressa por um analista, um doutrinador da inteligência. Nunca um ás da espionagem. Ensinara na Universidade de Oklahoma, em Norman, antes de ser recrutado para o serviço de inteligência do Exército na Segunda Guerra Mundial, e no fundo ainda era uma alma acadêmica.

Lá fora, o vento uivava, soprando torrentes de chuva contra as portas envidraçadas numa das extremidades da biblioteca. As portas davam para um jardim maravilhosamente desenhado, no centro do qual havia um lago com patos.

A tempestade começara durante o jantar, que consistira em um assado passado demais servido pela diminuta mulher de Moore, Elena. Falamos sobre generalidades inócuas - política presidencial, Oriente Médio, as próximas eleições alemãs, bisbilhotices sobre conhecidos comuns - e um assunto doloroso, a morte de Hal Sinclair. Ed e Elena apresentaram-me sinceros pêsames. Depois do jantar, ela se desculpou e recolheu-se aos seus aposentos, deixando-nos à vontade para conversarmos.

Ela devia ter passado toda sua vida de casada, imaginei, desculpando-se e retirando-se da sala, ou indo dar uma volta, para permitir que o marido falasse de assuntos de trabalho com o primeiro confrade que aparecesse. Mas estava longe de ser uma figura apagada, retraída; defendia com empenho suas opiniões, dava boas risadas, e, nos seus melhores momentos, lembrava-me a atriz Ruth Gordon.

- Pelo que estou vendo, a vida sedentária lhe faz bem.
- Gosto da tranqüilidade de minha vida com a Molly. Espero poder em breve aumentar a família. Mas ser advogado em Boston não é francamente a maneira mais excitante de se ganhar a vida.

Ele sorriu, tomou um gole de seu Porto, e disse:

- Você já teve excitação de sobra para muitas vidas. - Moore conhecia meu passado, o que o conselho disciplinar da Agência qualificara de "temeridade" no campo.
- E uma maneira de ver as coisas.
- É verdade - concordou -, você era o que se pode chamar de "cabeça quente". Mas era um bom agente, o que é mais importante. Meu Deus, parecia não ter medo de nada. Receávamos que tivéssemos de botar um cabresto em você. É verdade que você fez com que um instrutor do Campo fosse destituído de sua comissão?

Sacudi os ombros. Era verdade: durante meu treinamento no Campo Peary da CIA, um belo dia um instrutor de artes marciais me deu uma tremenda tesoura no pescoço me deixando desacordado na frente dos meus colegas, e ainda ficou me gozando, fazendo pouco de mim. De repente, comecei sentir que uma fria, insidiosa, onda de raiva me invadia avassaladoramente. Foi como se um fluido corrosivo tivesse se infiltrado dentro do meu abdômen e transbordado para o resto do meu corpo, injetando-me uma fúria glacial. Alguma partícula ignota do meu cérebro pareceu ter me dominado; transformei-me num animal primitivo, feroz. Dei um salto e desferi uma cutilada tão violenta no rosto dele que lhe quebrei o maxilar. O incidente foi logo incorporado ao folclore do Campo, contado e recontado, elaborado e embelezado em rodas de bebida, altas horas da noite. Daí em diante, passei a ser visto como uma granada de mão com o pino arrancado. Era uma reputação que me era muito útil no Campo, e fazia com que eu fosse designado para missões consideradas muito arriscadas para os outros. Mas era ao mesmo tempo um traço do meu temperamento que me deixava doente; brigava com o meu lado sóbrio, analítico; simplesmente não era quem eu de fato sou.

Moore cruzou as pernas e sentou-se mais para trás na poltrona.

- Diga-me o motivo de sua visita. Suponho que seja alguma coisa que não podíamos discutir pelo

telefone.

Certamente que não, não contando com um telefone seguro, foi o que pensei. A Agência priva-o desses privilégios com a aposentadoria, mesmo de uma instituição como Edmund Moore.

- Fale-me de Alexander Truslow - disse.
- Ah! - exclamou, erguendo as sobrancelhas. - Está fazendo algum trabalho para ele, imagino.
- Considerando a hipótese. A verdade, Ed, é que eu estou com um pequeno problema financeiro.

- Ah.

- É possível que tenha ouvido falar de uma pequena firma de Boston chamada First Commonwealth.
- Creio que sim. Dinheiro de droga ou coisa parecida.
- Foi fechada. Com todas as minhas economias.
- Sinto muito.
- Por isso, de repente, a Truslow Associates passou a me parecer um pouco mais atraente. Molly e eu bem que podíamos usar o dinheiro.
- Mas a sua especialidade não é propriedade intelectual, ou patentes, ou que outro nome tenha?
- É verdade.
- Quem sabe Alex esteja precisando dos serviços de alguém...

Ele fez uma pequena pausa para tomar um gole do seu Porto, e eu completei:

- Alguém mais adepto de esconder dinheiro em cofres internacionais?

Moore esboçou um sorriso discreto, e acenou a cabeça.

- Mas você talvez seja exatamente o que ele precisa. Você tinha uma reputação de ser um dos melhores, mais competentes agentes do campo...
- Um canhão desgovernado, Ed, você sabe disso.

Um "canhão desgovernado" era, imagino, apenas um dos muitos apelidos com que fui brindado pelos meus colegas e superiores da Agência. Eu era visto com medo, admiração e uma boa dose de perplexidade. Era o trabalho de campo, a exposição ao perigo e a ameaça de violência que traziam à superfície o meu lado sombrio. Alguns me consideravam destemido, o que não era verdade. Outros achavam que eu era temerário, o que estava mais perto da verdade.

O fato é que, em certas ocasiões, emergia um Ben impiedoso e assustador. Era algo que, desde que tivesse consciência, me transtornava profundamente, e acabou me levando a deixar a Agência.

Antes de Paris, fui destacado para Leipzig para molhar os pés. Fazia-me passar por adido comercial. Uma de minhas primeiras incumbências foi interrogar e proteger um informante um tanto nervoso, um soldado do Exército Vermelho aquartelado nas imediações. Tinham me escolhido porque tinha estudado russo em Harvard e era quase fluente. Como dei conta da missão impecavelmente, fui recompensado - promovido de certa forma - com uma tarefa muito mais perigosa.

Recebi ordens para escoltar um desertor da Alemanha Oriental, um físico, de Leipzig para uma travessia de fronteira a uma boa distância, em Herleshausen. O Mercedes que eu estava dirigindo tinha sido adaptado com um compartimento especialmente construído atrás do assento, onde o físico estava escondido. Na barreira de controle passamos pela revista rotineira, o aparelho de rodas dotado de espelho foi introduzido por baixo do carro para flagrar possíveis alemães tentando fugir daquele país miserável. Um homem do BND tinha sido enviado do escritório central, em Pullach, para nos encontrar do outro lado. Enquanto eu passava pelo setor de passaportes e imigração, felicitando-me pelo trabalho

bem-feito, o homem do BND cometeu o erro de se mostrar. Alguém no lado da Alemanha Oriental o reconheceu, e imediatamente passei a ser alvo de suspeita.

Subitamente três, depois sete *Volkspolizei* saíram da cabine e cercaram o carro. Um deles se postou à minha frente e indicou com o braço estendido que eu tinha de parar.

De acordo com o manual de operações da Agência, eu devia demonstrar inocência, perplexidade, e parar. Em hipótese alguma uma vida devia ser sacrificada. Não eram essas as regras do jogo.

E enquanto estava ali sentado, pensei no pequeno, suarento, físico espremido no abafado compartimento entre o assento traseiro e a mala do carro. Minha carga preciosa. O homem era corajoso. Estava arriscando a vida, quando teria sido muito mais fácil não fazer nada.

Sorri, olhei para a esquerda e para a direita, e depois para frente. O policial bloqueando minha passagem - um Stasi *Kommandant*, vim a saber depois - sorriu de volta complacentemente.

Eu estava encurralado. Era uma técnica manjada; tínhamos aprendido no Campo Peary. A única coisa a fazer era me entregar. Não se roubava uma vida; as conseqüências seriam graves.

E aí me deu uma coisa, a mesma fúria glacial que me acometera quando quebrei o maxilar do instrutor de artes marciais. Senti-me como se estivesse noutro mundo. Meu coração não acelerou, meu rosto não ficou vermelho. Estava calmo - mas tomado de um desejo de matar.

Rompa o bloqueio, disse a mim mesmo. *Rompa o bloqueio*.

Pisei no acelerador.

Jamais conseguirei apagar de minha memória a visão do rosto do *Kommandant* ao se erguer e se chocar contra o pára-brisas. Um ricto de terror, incredulidade, estampado nos seus olhos.

Tranqüilo, flutuando numa calma camaleônica, olhava fixamente para a frente. Tudo se movia em câmera lenta. Os olhos do *Kommandant* estavam grudados nos meus, duas poças de medo abjeto. Ele viu nos meus olhos a suprema indiferença. Não a fúria, não o desespero - mas aquela calma gelada.

Com um baque pavoroso o corpo do *Kommandant* foi atirado para o ar. Apesar da fuzilaria cerrada, consegui atravessar a fronteira com minha preciosa carga sã e salva.

Mais tarde, naturalmente, fui repreendido em Langley por ter tomado medidas consideradas "desnecessárias" e "temerárias". Mas meus superiores me fizeram saber de maneira sutil, reservadamente, que no fundo tinham ficado satisfeitos. Afinal de contas, eu tinha contrabandeado o físico alemão, não tinha?

Mas o que perdurou em mim não foi o prazer pela missão cumprida, o orgulho por um ato de heroísmo, mas uma náusea. Por rápidos minutos, durante a travessia da fronteira, eu me transformara praticamente num autômato. Teria sido capaz de jogar o carro contra um muro de concreto. Não tinha medo de nada.

E isso me amedrontava.

- Não, Ben - continuou Moore. - Você estava longe de ser um canhão desgovernado. Você era dotado de uma rara combinação: um prodigioso intelecto e colhões de aço. O que aconteceu com Laura não foi culpa sua. Fique certo de que era um dos melhores. Além do mais, com sua memória fotográfica, ou seja lá como for que a chamam, você é um ativo valioso.

- Minha... memória *eidética*, como os neurologistas a chamam, pode ter sido uma mão na roda nos meus tempos de colégio e faculdade de direito, mas nos dias de hoje, com bancos de dados eletrônicos espalhados por toda parte, não é nada de especial.

- Você esteve com Truslow?
- Conheci-o no enterro de Hal. Falamos durante cerca de cinco minutos. Não mais do que isso. Ainda não sei exatamente o que ele quer que eu faça.

Moore levantou-se e atravessou a sala, dirigindo-se às portas envidraçadas. Uma delas estava batendo mais do que as outras; ele a ajeitou e trancou-a, acabando com o barulho. Ao voltar, disse:

- Você se lembra daquele famoso caso de direitos civis movido contra a CIA no começo da década de 1970? Um negro que se candidatou a um emprego de analista e foi rejeitado sem nenhuma razão aparente?
- Claro.
- Pois bem, foi Alex Truslow que acabou resolvendo o caso. E determinou taxativamente que o departamento de pessoal nunca mais fizesse discriminação de raça e sexo. Foi extraordinário, na sua concepção, a CIA tinha de ser uma autêntica meritocracia, não permitindo que a velha guarda prejudicasse preconceituosamente os direitos das minorias a ter acesso aos seus quadros. Muitos veteranos até hoje não o perdoam por isso, por ele ter consentido que essas minorias ingressassem num clube essencialmente de brancos. E, como você já deve ter ouvido falar, ele será provavelmente nomeado para substituir seu sogro.

Eu acenei a cabeça.

- Até onde você sabe o que ele está fazendo? - perguntou Moore.
- Praticamente nada. "Trabalho de segurança" para a Agência, acredito. Procedimentos de que Langley não quer ou não pode se ocupar.
- Deixe-me mostrar-lhe uma coisa - disse Moore, levantando-se novamente, dessa vez acenando para que eu o acompanhasse. Resmungando, subiu a escada de madeira, em espiral, para o segundo nível da biblioteca. - Daqui a pouco não conseguirei mais subir esses degraus - disse quase sem fôlego. - Quando isso acontecer transferirei todo o meu Ruskin para aqui, onde não precisarei mais vê-lo. Obra desprezível, jamais gostei desse autor pernicioso. E o que acontece quando primos se casam. Aqui está. Eis o meu butim.

Tínhamos avançado uns três metros pela passarela, passando por volumes encadernados de couro pardo quando Moore parou em frente de um trecho de parede revestido de lambri entre duas prateleiras. Pressionou de leve um painel, que se abriu, revelando uma gaveta de arquivo cinzenta.

- Beleza! - exclamei. - Mandou o pessoal do Departamento de Serviços Técnicos construir isso para você? - Para dizer a verdade, era um esconderijo bastante previsível para um arrombador de cofres tarimbado, mas iria desapontá-lo, dizendo uma coisa dessas.

Ele abriu a gaveta, que emitiu um ruído de metal enferrujado.

- Não, na verdade já estava aqui quando comprei a casa em 1952. O velho industrial que mandou construí-la, algum personagem saído das páginas de uma novela de Edith Wharton, sou capaz de apostar, tinha uma queda por compartimentos secretos. Há um painel escamoteável em cima da lareira que nunca uso. Mal sabia ele que esta casa finalmente iria cair nas mãos de um legítimo espião.

A gaveta parecia conter arquivos do serviço de inteligência, pelo menos foi o que deduzi ao passar os olhos nas orelhas indicando os assuntos.

- Não sabia que permitiam que trouxéssemos arquivos para casa ao nos aposentarmos.

Ele se voltou para mim e ajustou a armação dos óculos.

- Oh, é claro que não permitem. - Sorriu, e acrescentou:
- Conto com a sua descrição.
- Pode contar sempre com ela.

- Ótimo. Na realidade, não violei nenhum dispositivo de segurança nacional.
- Alguém lhe cedeu esses documentos?
- Lembra-se de Kent Atkins, do escritório de Paris?
- Certamente. Era meu amigo.
- Pois bem, ele agora está em Munique. É chefe-adjunto do escritório. Ele cortou um dobrado para obter esses papéis para mim. O mínimo que eu poderia fazer era ter a precaução de guardá-los em minha casa, tanto quanto possível a salvo de ladrões.
- Suponho, portanto, que a Companhia não está sabendo.
- Duvido até que tenham dado pela falta dos papéis - disse ele, tirando uma pasta de papel manilha. - Isto é o que Alex Truslow pretende fazer. Sabe alguma coisa sobre o que seu sogro estava fazendo antes de morrer?

A chuva estava começando a amainar. Moore tinha espalhado uma série de pastas de arquivo em cima de uma mesa de carvalho, caprichosamente polida, perto das portas envidraçadas. Elas se referiam à extinção da KGB e dos serviços de inteligência do Bloco do Leste: uma alentada relação de segredos e agentes secretos, de Moscou e Berlim, e de todos os outros lugares atrás do que fora chamado de Cortina de Ferro. Havia transcrições de trechos de interrogatórios de oficiais da KGB, tentando vender segredos em troca de segurança no Ocidente, ou que estavam pondo à venda pacotes de arquivos, oferecendo-os à CIA ou a corporações ocidentais. Havia telegramas descodificados, reportando segmentos de informações vazadas de postos da KGB espalhados pelo mundo, que (pude verificar num simples relance) tinham um potencial explosivo.

- Como você perceberá - disse Moore gentilmente -, há um bocado de informação de que não demoraria muito para ficarmos todos enterrados na Lubyanka.
- O que você quer dizer?

Ele suspirou.

- Tenho certeza de que você conhece o Wednesday Club.

Acenei com a cabeça. O Wednesday Club era uma reunião social regular de ex-figurões da CIA - ex-diretores e diretores-adjuntos que gostavam tanto da sua companhia recíproca que almoçavam juntos num restaurante francês de Washington todas as quartas-feiras. A turma mais jovem da Agência chamava-os irreverentemente de sócios do Fossils Club.

- Bem, tem havido muito falatório nos últimos meses sobre o que estamos vendo sair do que era a União Soviética.
- Alguma coisa útil?
- Útil? - Ele olhou para mim por cima dos óculos, intensamente, parecendo uma coruja. - Consideraria útil receber provas documentais irrefutáveis de que a União Soviética maquinou o assassinato de John F. Kennedy?

Fiquei pasmo por um segundo, e depois sacudi a cabeça.

- Não creio que isso faria Oliver Stone muito feliz.

Ele deu uma gargalhada.

- Mas por um segundo você acreditou em mim, não acreditou?
- Conheço bem o seu senso de humor.

Ele riu um pouco mais, e depois ajustou os óculos no nariz.

- Providenciamos a vinda de generais da KGB e do Stasi que tentaram nos vender informação sobre a massa falida da KGB no mundo inteiro. Nomes de pessoas que trabalhavam para ela.
- Creio que isso seria um grande benefício.
- Talvez, num certo sentido histórico - disse Moore, tirando os óculos e massageando o nariz. - Mas quem realmente está ligando hoje para um comunista liquidado que cooperou há trinta anos com um governo que não existe mais?
- Tenho certeza de que algumas pessoas se importam.
- Sem dúvida. Mas isso não é o que me interessa. Há alguns meses, num de nossos almoços das quartas-feiras, ouvi uma história sobre Vladimir Orlov.
- O ex-chefe supremo da KGB?
- Mais precisamente, o *ultimo* chefe supremo da KGB, antes que o pessoal de Yeltsin acabasse com ela. Para onde você imagina que um sujeito como esse se manda quando lhe puxam o tapete debaixo dos pés?
- Paraguai ou Brasil?

Moore deu uma risadinha.

- O sr. Orlov tratou de cair fora em vez de ficar na sua *dacha* nos arredores de Moscou, esperando que o governo russo decidisse processá-lo por ter desempenhado suas funções com a maior proficiência. Foi para o exílio.
- Onde?
- Este é o problema. - Ele selecionou um maço de papéis grampeados que estavam na mesa e me entregou. Eram fotocópias de um telegrama de um agente da CIA no escritório de Zurique, reportando a presença de um Vladimir I. Orlov, ex-chefe do conselho da KGB soviética, num café da Sihlstrasse.

Estava acompanhado de Sheila McAdams, assistente-executiva do diretor da Central Intelligence, Harrison Sinclair. O telegrama estava datado de menos de um mês antes.

- Não tenho certeza se compreendo - disse.
- Três dias antes da morte de Hal Sinclair, sua assistente- executiva e, espero que não esteja revelando nada que você não saiba, amante, Sheila McAdams, encontrou-se em Zurique com o ex-chefe da KGB.

- E daí?

- O encontro aparentemente tinha sido autorizado pelo próprio Sinclair.
- Presumivelmente estavam negociando alguma coisa.
- É evidente - disse Moore impaciente. - No dia seguinte, o nome de Vladimir Orlov desapareceu de quase todos os bancos de dados da CIA, com exceção dos acessíveis aos cinco ou seis executivos do primeiro escalão. Então foi Orlov quem desapareceu de Zurique. Não sabemos para onde foi. Ao que parece Orlov forneceu à assistente de Hal alguma informação importante em troca de removê-lo de nossos sonares, de nossas vistas. Mas nunca saberemos ao certo. Dois dias depois Sheila foi morta naquele beco de Georgetown. No dia seguinte Hal perdeu a vida naquele pavoroso "acidente".
- Quem os teria assassinado?
- Isso, meu caro Ben, é exatamente o que Alexander Traslow gostaria de saber. - O fogo na lareira

estava morrendo, e Moore atçou-o ociosamente. - Está havendo turbulência na CIA. Uma terrível turbulência. Uma implacável luta pelo poder.

- Entre...?

- Veja bem, a Europa está numa confusão assustadora. A Inglaterra e a França estão em situação difícil, e a Alemanha está praticamente numa depressão. O espectro de hostilidades provocadas por elementos nacionalistas...
- Sim, mas o que isso tem a ver com...
- Os rumores, e posso garantir-lhe que não passam disso, mas eles são oriundos de aposentados da Agência extremamente bem articulados, dão conta que certos elementos dentro da própria Agência encontraram uma maneira de se insinuarem no caos europeu.
- Ed, isso é tremendamente vago...
- E - disse ele de modo tão enfático que me assustou. - *Certos elementos... e insinuar...* e todas as outras pequenas frases dúbias que empregamos quando tudo o que sabemos não passa de ninharias. Mas a questão é que homens idosos que deviam estar jogando golfe e apreciando martinis extra-secos estão assustados. Amigos meus que dirigiram a organização no passado falam de somas enormes de dinheiro que estão trocando de mãos em Zurique...
- Querendo dizer que pagamos a Vladimir Orlov? - interrompi. - Ou que ele *nos* pagou para obter proteção?
- Dinheiro não é a questão! - Seus dentes muitos certos eram de um amarelo que não parecia natural.
- Então o que é? - perguntei gentilmente.
- Deixe-me dizer apenas que os esqueletos ainda não começaram a sair do armário. E quando isso acontecer, a CIA poderá muito bem juntar-se à KGB no montes de cinzas da história.

Permanecemos sentados por muito tempo, em silêncio. Ia comentar *E isso seria tão ruim assim?* quando olhei-o de relance e vi sua expressão. O rosto de Moore estava branco como giz.

- O que Kent Atkins pensa?

Ele ficou calado por um minuto.

- Realmente não sei, Ben. Kent está apavorado. Ele me perguntou o que *eu* achava que estava acontecendo.
- O que foi que disse a ele?
- Que seja o que for que os renegados da CIA estejam tramando na Europa não envolverá simplesmente os europeus. Também nos envolverá diretamente. Envolverá o mundo. E tremo só de pensar no tipo de conflagração que possa estar se armando.
- O que está querendo dizer, especificamente?

Ele ignorou minha pergunta, deu um pequeno sorriso melancólico e sacudiu a cabeça.

- Meu pai morreu aos noventa e um anos de idade, minha mãe aos oitenta e nove. A longevidade é uma característica de minha família. Mas nenhum de meus parentes lutou na Guerra Fria.
- Não estou compreendendo, Ed. A que espécie de conflagração está se referindo?
- Quer mesmo saber? Nos últimos anos de sua gestão, seu sogro estava obcecado em salvar a Rússia. Estava convencido de que, a menos que a CIA agisse seriamente, as forças da reação dominariam Moscou. E então a Guerra Fria seria uma doce recordação. Talvez Hal tivesse posto o dedo em alguma coisa.

Ele fechou a pequenina mão com manchas hepáticas e comprimiu-a contra os lábios franzidos.

- Todos nós que trabalhamos na Central Intelligence corremos perigo. A taxa de suicídios é bastante elevada, você sabe.

Acenei a cabeça.

- E embora, na verdade, seja muito raro um de nós ser morto em ação, acontece. - Sua voz se abrandou um pouco. - Você sabe.
- Está com medo de ser morto?

Outro sorriso, mais uma sacudida de cabeça.

- Estou beirando os oitenta. Não pretendo passar os anos que me restam com um guarda armado ao lado da minha cama. Admitindo que me fornecessem um. Não vejo motivo para viver numa jaula.
- Recebeu alguma ameaça?
- Nenhuma. É apenas o rumo que as coisas estão tomando que me deixa preocupado.

-Rumo...?

- Diga-me uma coisa. Quem sabia que viria me ver?
- Somente a Molly.
- Ninguém mais?

- Não.

- Com o telefone, nunca se sabe.

Olhei-o bem de perto, perguntando-me se a paranóia também o teria atacado, como fizera com James Angleton nos seus últimos anos de vida. E como se estivesse lendo meus pensamentos, Moore disse:

- Não se preocupe comigo, Ben. Estou com todos os meus neurônios funcionando perfeitamente bem. É claro que minhas suspeitas podem ser infundadas. Se alguma coisa tiver de acontecer comigo, acabará acontecendo. Creio, porém, que tenho o direito de ficar com medo.

Nunca soube que fosse histérico, por isso seu medo contido me enervou. Tudo o que consegui dizer foi:

- Acho que você talvez esteja reagindo exageradamente.

Ele esboçou um sorriso triste.

- Talvez sim. Talvez não. - Pegou um grande envelope pardo que estava em cima da mesa e o empurrou na minha direção. - Um amigo... ou, melhor, um amigo de um amigo... me mandou isso.

Abri o envelope e retirei uma fotografia colorida, dezoito por vinte e quatro.

Levei alguns segundos para reconhecer o rosto, mas assim que o identifiquei, senti náuseas.

- Jesus Cristo! - exclamei, transido de horror.
- Desculpe, Ben, mas você tinha de tomar conhecimento. Não deixa dúvidas quanto ao assassinato de Hal Sinclair.

Olhei atentamente a foto, com a cabeça rodando.

- Alex Truslow - prosseguiu - talvez seja a última, a melhor oportunidade que a Companhia tem. Ele vem tentando bravamente livrar a CIA desse, por falta de uma palavra melhor, câncer de que padece.
- As coisas são realmente tão graves assim?

Moore olhou o reflexo da sala nas vidraças obscurecidas das portas. Seus olhos assumiram um ar distante.

- Há alguns anos, quando Alex e eu éramos analistas em início de carreira em Langley, tínhamos um supervisor que sabíamos que estava extrapolando, superdimensionando uma previsão orçamentária. Exagerava absurdamente a ameaça representada por um grupo italiano de extrema-esquerda, a fim de poder dobrar a dotação operacional que lhe era reservada. Pois bem, Alex enfrentou o homem desassombadamente e colocou as coisas nas devidas proporções. Já então o cara era peitudo. Possuía um tipo de integridade que parecia sem cabimento, quase bizarra, numa organização tão cínica quanto a Agência. Ao que me lembro, seu avô foi ministro presbiteriano em Connecticut, e provavelmente Alex herdara dele aquela teimosia ética, E quer saber de uma coisa? As pessoas acabavam respeitando-o por causa disso.

Moore tirou os óculos, fechou os olhos, e massageou-os.

- O único problema é que tenho dúvidas se ainda há outros como ele. E se fizerem com ele o que fizeram com Hal Sinclair... quem sabe o que poderá acontecer?

4

Só fui me deitar muito depois da meia-noite. Era muito tarde para pegar o último avião da ponte aérea para Logan, e Moore nem quis me ouvir falar de ir para um hotel, com tantos quartos vazios no seu casarão agora que seus filhos tinham construído suas famílias. Portanto, passei a noite no confortável quarto de hóspedes no terceiro andar e ajustei o despertador digital para as seis da manhã, para que pudesse chegar no escritório em uma hora razoável.

Cerca de uma hora depois sentei-me subitamente na cama, com o coração agitado, e acendi a luz da mesinha-de-cabeceira. A fotografia ainda estava lá. Molly não podia vê-la em hipótese alguma. Levantei-me da cama, guardei a foto no envelope pardo, e enfiei-o num compartimento de minha pasta dotado de fecho eclair.

Apaguei a luz, fiquei rolando de um lado para o outro na cama até que, não resistindo, acendi novamente a luz. Não conseguia dormir. Como regra, nunca tomo sedativos. Em parte devido ao meu treinamento na Agência (precisamos estar sempre prontos a pular da cama ao primeiro aviso), e em parte porque, na qualidade de advogado de propriedade intelectual, a última coisa que precisava durante o dia era a ressaca provocada por qualquer coisa que induzisse o sono.

Por isso liguei a televisão e procurei alguma coisa apropriadamente soporífera. O canal C-SPAN geralmente resolve o meu problema. No CNN, porém, havia um programa de debates jornalísticos, *A Alemanha em crise*. Três jornalistas discutiam a situação alemã, o *crash* da bolsa de valores e as resultantes demonstrações neonazistas. Pareciam concordar veementemente que a Alemanha corria o perigo de sucumbir a curto prazo a outra ditadura, que representaria uma perspectiva aterradora para o mundo. E, como jornalistas, davam a impressão de estar muito certos disso.

Reconheci um deles imediatamente.

Era Miles Preston, um correspondente inglês. De faces coradas, espírito esfuziante e (ao contrário da maioria dos ingleses que conheço) fanático pela forma física. Conhecia-o desde meus primeiros dias na Agência. Ele era inteligente, extremamente bem-informado, e impressionantemente bem-relacionado. Ouvia atentamente tudo o que ele tinha a dizer.

- Vamos dar nome aos bois - ele estava falando do estúdio da CNN em Washington. - Os chamados neonazistas que estão por trás de toda essa violência são, na verdade, simplesmente velhos e contumazes nazistas. Acho que eles estavam esperando esse momento histórico. Vejam só, depois de todos esses anos, os alemães finalmente resolveram criar um mercado de valores unificado, a Deutsche Börse, e vejam o que aconteceu - ela balançou e depois desabou, certo?

Eu o conhecera quando servia em Leipzig, tendo acabado de concluir meu treinamento na fazenda. Estava me sentindo solitário: Laura tinha ficado em Reston, na Virgínia, tentando vender nossa casa para depois se juntar a mim. Estava sentado sozinho na Thüringer Hof, na Burgstrasse, uma pequena, movimentada, cervejaria no Altstadt, e provavelmente devia estar parecendo fora de forma, debruçado sobre uma enorme caneca de cerveja.

Notei alguém de pé ao meu lado, claramente um ocidental.

- Você está parecendo chateado - disse o homem com sotaque inglês.
- De modo algum - respondi. - Basta beber um pouco desse troço, e todo mundo começa a parecer interessante.
- Nesse caso - disse Miles Preston posso fazer-lhe companhia?

Assenti com um movimento nos ombros. Ele se sentou à minha mesa e perguntou:

- Americano? Um diplomata, ou algo semelhante?
- Departamento de Estado - respondi. Meu disfarce era de adido comercial.
- Trabalho para o *Economist*. Está aqui há muito tempo?
- Há cerca de um mês.
- E não vê a hora de ir embora.
- Estou ficando um pouco cheio dos alemães.
- Não importa quanta cerveja seja capaz de beber - acrescentou. - Quanto tempo mais vai se demorar?
- Umás duas semanas. Depois Paris. Para onde vou com grande entusiasmo. Sempre gostei dos franceses.
- Oh - disse ele. - Os franceses não passam de alemães com boa comida.

Vimo-nos algumas vezes para tomar umas e outras ou jantar, antes de eu ser transferido para Paris. Ele parecia acreditar no meu disfarce de funcionário do Departamento de Estado, ou pelo menos não o questionava. Deve ter desconfiado de que eu trabalhava para a Agência, não sei dizer com certeza. Em uma ou duas ocasiões, quando eu estava jantando com amigos da Agência no Auerbachs Keller, um dos poucos restaurantes decentes da cidade e muito procurado pelos estrangeiros, ele entrou, me viu, mas não se aproximou, pressentindo talvez que eu não queria apresentá-lo. Isso era uma coisa de que eu gostava nele: jornalista ou não, ele nunca tentou bisbilhotar informações ou fazer perguntas indiscretas sobre o que eu estava *realmente* fazendo em Leipzig. Podia ser de uma franqueza desconcertante, quase grosseira - fonte de muitas piadas entre nós dois -, mas ao mesmo tempo era capaz de um tato extraordinário. Ambos estávamos na mesma linha de atividade, o que possivelmente nos aproximara. Tanto ele quanto eu buscávamos e compilávamos informações; a única diferença é que eu fazia isso na moita.

Peguei o telefone na mesinha-de-cabeceira. Era mais de uma e meia da manhã, mas alguém atendeu no

escritório de Washington da CNN, sem dúvida algum jovem plantonista, que me deu a informação de que precisava.

Encontramo-nos para um café da manhã bem cedo no Mayflower. Miles Preston estava tão vigoroso e encantador quanto da última vez em que nos víamos.

- Você se casou novamente? - perguntou, tomando a segunda xícara de café. - O que aconteceu com a Laura em Paris, meu Deus, não sei como você conseguiu sobreviver...
- Sim - interrompi. - Estou casado com uma mulher chamada Martha Sinclair. Uma pediatra.
- Uma médica? Pode ser problema, Ben. Uma esposa deve ser suficientemente esperta para compreender a inteligência do marido, e suficientemente estúpida para admirá-la.
- Ela talvez seja um pouco esperta demais para meu próprio bem. E você, Miles? Ao que me lembro, mulheres era o que não lhe faltava.
- Nunca dei o mau passo. Ah, se a gente pudesse cair nos braços de uma mulher e não cair nas suas garras, hein? - Ele sorriu discretamente e pediu ao garçom uma terceira xícara de café. - Sinclair - murmurou. - Sinclair... Você não se casou por acaso com o rebento do proprietário da Loja da Companhia? Não com a filha de Harrison Sinclair?
- Com ela mesmo.
- Então queira aceitar meus sentimentos. Ele foi... assassinado, Ben?
- Sutil como sempre, Miles. Por que está perguntando?
- Perdão, mas no meu negócio não posso ignorar boatos.
- Para dizer a verdade, estava esperando que você pudesse *me* esclarecer a esse respeito. Não tenho a menor idéia se foi ou não. Mas você não é o primeiro a me sugerir essa hipótese. E não faz o menor sentido para mim, pois meu sogro, ao que eu saiba, não tinha inimigos pessoais.
- Mas você não deve pensar em termos de personalidade. Pense em termos de política.
- Como assim?
- Harrison Sinclair era conhecido como ardoroso defensor de uma política de ajuda à Rússia.
- E daí?
- Muita gente é contra isso.
- Estou sabendo. Muitos americanos se opõem a que se jogue mais dinheiro para os russos, dinheiro bom em cima de dinheiro podre, esse tipo de raciocínio. Principalmente numa época de dificuldades financeiras globais.
- Não é isso o que quero dizer. Há pessoas... não, chamemos de *forças*, Ben, que querem que a Rússia desmorone de vez.
- Que espécie de forças?
- Considere o seguinte: a Europa oriental é um completo desastre. E rica em recursos naturais, e está sendo minada pela dissensão. Muitos europeus do Leste já esqueceram o stalinismo e anseiam novamente por uma ditadura. Portanto, está madura para colheita. Não foi Voltaire quem disse: "O mundo é um vasto templo dedicado à discórdia?"
- Não sigo muito bem a sua lógica.
- *A Alemanha*, homem. Alemanha. A onda do futuro. Estamos prestes a ver uma nova ditadura alemã. E ela não acontecerá acidentalmente, Ben. Está sendo planejada há muito tempo. E os que a estão planejando não querem ver uma Rússia reavivada, revigorada. Tenha em mente como a rivalidade nacional russo-alemã dominou as duas guerras mundiais deste século. Uma Rússia fraca assegura uma Alemanha forte. Talvez, apenas talvez, seu sogro, um advogado forte de uma Rússia forte, democrática, tenha interferido nesses planos. A propósito, quem está escalado para substituí-lo?
- Truslow.
- Hum. Um tanto obstinado, o nosso Alex, não é verdade? Não se pode dizer que seja exatamente um

favorito da velha guarda. Não ficaria surpreso se sobrasse alguma coisa para o lado dele. Bem, tenho um jogo de *squash* marcado. Como solteirão, você me compreende, tenho de me manter em forma. Suas compatriotas americanas estão se tomando cada vez mais exigentes ultimamente.

Uma hora mais tarde, no Aeroporto Nacional, pouco antes de embarcar para Boston, deixei um recado no escritório de Alexander Truslow, concordando em encontrá-lo.

5

O táxi, um carro bastante surrado da Town Taxi, sem a maçaneta da porta traseira direita, e dirigido por um psicótico fronteiro, parou em frente da minha casa às nove e quinze. Troquei de roupa rapidamente - Molly ainda estava no trabalho, e fui para o escritório no Acura. E apenas quinze minutos atrasado. Darlene me lançou um olhar de soslaio e disse:

- Você tinha uma consulta telefônica marcada para as nove horas, ou será que esqueceu?
- Fiquei detido em Washington. A negócio. Você não poderia ligar, apresentando minhas desculpas e marcando outra hora?
- E o Sachs? Ele esperou quase meia hora.
- Droga. Me dê o número dele. Eu mesmo telefono.
- Também - ela me entregou uma papeleta de recados - a Molly ligou. Disse que era urgente.

Fiquei imaginando o que poderia ser tão urgente para que Molly ligasse àquela hora do dia, quando normalmente estava ocupada no hospital.

- Obrigado - disse, e entrei no meu escritório, passando em revista a coleção de vinte e quatro Big Baby Dolls de um metro e vinte de altura, e afundei na poltrona de couro da minha escrivaninha. Fiquei sentado, meditando por algum tempo, considerando se deveria ou não pedir à Darlene para completar a consulta telefônica, mas acabei discando o número do *page* de Molly. Como ninguém respondeu, deixei recado com a operadora.

Um bom volume de trabalho me aguardava, situação que se agravava com o meu atraso, mas positivamente não estava em condições de me concentrar em direito de patentes. Peguei o telefone para ligar para o escritório de Bill Stearns, mas mudei de idéia e recoloquei o fone no gancho. Minha reunião com Truslow estava marcada para a manhã seguinte, mas era muito provável que Stearns já soubesse. Tenho uma dessas esculturas de pinos impossíveis de descrever a menos que você tenha visto uma delas. São chamadas de "brinquedos de executivo". Fiz uma impressão impossível de minha mão fechada com centenas de pinos de cabeças arredondadas, depois fiquei admirando por alguns minutos a escultura em 3-D. Meu outro brinquedo de executivo consiste em um aro de basquetebol numa vistosa tabela de acrílico, montada na parede em frente à minha mesa. Arremessei a pequena bola de couro preta e branca, encestei-a, e ela gritou numa voz eletrônica empolgada: "Grande lance!", e em seguida emitiu um frenético brado de torcida pré-gravado. Tudo muito despropositado naquele escritório tão requintado. Passaram-se dez minutos, e nada de Molly ligar.

Bateram levemente na porta, e Bill Stearns entrou com seus óculos de leitura com lentes em formato de meia-lua, conhecidos como óculos de Ben Franklin.

- Vou me encontrar com Truslow - disse.

Fiz uma pausa, olhei para ele incisivamente, retomei a respiração.

- O Alex vai ficar muito contente.

Expirei lentamente.

- Tudo bem, mas ainda não decidi. Concordei apenas em conversar com ele.

Ele ergueu ligeiramente as sobrancelhas, zombeteiramente.

- Quanto o negócio dele representaria para a firma? - perguntei.

Stearns me disse:

- Eu não veria minha participação sobre esse faturamento até o fim do ano, depois de o lucro ter sido calculado, certo?

Suas sobrancelhas franziram-se mais profundamente.

- Aonde é que você quer chegar, Ben?
- Simplesmente a isto. Truslow quer que eu o represente, e você também. E acontece que tenho necessidade de obter dinheiro com uma certa urgência.

-E?

- Quero que ele *me* pague. Diretamente. Adiantado.

Stearns tirou os óculos, dobrou-os com um leve movimento do pulso, e guardou-os no bolso da lapela.

- Ben, isso é altamente...
- Pode ser feito. Vou ver Truslow, assinarei um contrato com ele, ele transfere um adiantamento de seis dígitos diretamente para a minha conta. E aí fica tudo sacramentado.

Stearns hesitou um momento antes de apertar a minha mão.

- Você é mesmo carne de pescoço. Às vezes me esqueço disso. Está certo, Ben. Negócio fechado. - Ele se virou como se fosse se retirar, e depois voltou-se novamente. - O que fez você mudar de idéia? - Aboletou-se numa das poltronas de couro, "de cliente", e cruzou as pernas.
- Eu poderia marcar um tento, dizendo que foi por causa de seus poderes de persuasão.

Ele sorriu.

- Ou?

- Prefiro marcar o tento - respondi com um meio sorriso.

Pressionei a palma de minha mão contra a escultura de pinos, criando uma réplica *cyborg* de minha mão em terceira dimensão. - Ouça - disse depois de um momento de silêncio, quando Stearns estava se virando novamente para ir embora. - Tive uma conversa com um velho amigo da Agência ontem à noite. Stearns acenou a cabeça, olhando inexpressivamente de meia distância.

- Ele está investigando a morte de Harrison Sinclair.

Ele piscou os olhos algumas vezes e disse:

- E então?
- Ele acredita que teve alguma coisa a ver com a KGB.

Ele esfregou os olhos com ambas as mãos e sentenciou:

- Velhos combatentes da Guerra Fria não perdem suas ilusões facilmente, você não acha? A KGB e o Império do Mal são autênticos vilões no seu tempo. Realmente de primeira categoria. Mas a KGB já não existe há alguns *anos*. E, mesmo quando existia, não fazia coisas como assassinar diretores da Central Intelligence.

Pensei em mostrar-lhe a fotografia que Ed Moore me tinha dado, mas o telefone tocou nesse exato momento.

- E Molly - disse Darlene com sua voz metálica e sem relevo.

Apertei o botão e peguei o fone imediatamente.

- Molly - comecei.

Ela estava chorando, suas palavras eram entrecortadas pelos soluços, quase indecifráveis.

- Ben... uma coisa horrível...

Corri para o corredor, em direção ao elevador, enfiando o paletó pelo caminho. Passei por Bill Stearns, que conversava com Jacobsen, um novo e talentoso associado. Stearns me lançou um rápido olhar penetrante, arguto.

Como se... praticamente ele soubesse.

6

Há mil anos, parecia, fiz o curso de treinamento básico de seis meses da CIA na "fazenda" - Campo Peary, Virgínia -, onde aprendi de tudo, de como pilotar um pequeno avião a ter pontaria com uma pistola num carro em movimento. Um de meus instrutores observou, casualmente, que aprenderíamos as artes negras da espionagem com tal proficiência que, no devido tempo, elas se tornariam automáticas, quase instintivas. O que quer que nos tomasse de surpresa, mesmo anos mais tarde, nossos coipos saberiam como reagir numa fração de segundos *antes* do nosso cérebro. Não acreditei nisso; depois de minha experiência como advogado, tinha certeza, meus instintos teriam fatalmente esmorecido.

Estacionei o Acura, não na nossa vaga atrás do prédio, mas a um quarteirão e meio adiante, na Commonwealth Avenue.

Por quê? Instinto, suponho; os hábitos arraigados do meu tempo no campo.

Molly descobrira alguma coisa terrivelmente inquietante, algo de que não podia falar pelo telefone. Só podia ser isso, mas ainda assim...

Corri pela área atrás do nosso bloco de casas geminadas, aproximando-me da entrada dos fundos do nosso prédio, parando na porta antes de apanhar minha chave. Então, momentaneamente mais tranqüilo, entrei e subi em silêncio os degraus de madeira da escada escura dos fundos.

Os ruídos normais de uma casa. O ronronar do aquecimento interno circulando pelo encanamento; a ciclagem do refrigerador; o zumbido dos inúmeros objetos mecânicos que fazem nossa casa funcionar.

Ansioso, com o corpo todo tenso, entrei no cômodo comprido e estreito que um dia seria a nossa biblioteca, mas que ainda se encontrava em obras. As estantes que iam do chão ao teto permaneciam vazias, a pintura a óleo ainda não secara, um dia depois da última demão aplicada por Frank, o pintor que tínhamos contratado.

Já ia atravessar a peça em direção à escada para alcançar o quarto de dormir no andar de cima quando, na minha visão periférica, notei alguma coisa.

Molly e eu tínhamos empilhado nossos livros naquela sala, por assunto, prontos para serem arrumados nas estantes assim que a tinta secasse. Eles estavam encostados na parede, cobertos por um plástico. Ao lado deles, também protegidas por um pano, estavam as gavetas de carvalho do arquivo, contendo nossos papéis pessoais.

Alguém os tinha compulsado.

Tinham sido remexidos, com habilidade, mas dava para notar. O pano tinha sido removido e recolocado incorretamente. O lado salpicado de tinta tinha ficado virado para *dentro*.

Cheguei mais perto.

Os livros, ainda empilhados, estavam dispostos de maneira diferente. Mas não parecia estar faltando nada. O exemplar assinado por Allen Dulles do *The Craft of Intelligence* ainda estava lá. Mas numa inspeção mais rigorosa, percebi que nossos arquivos estavam numa ordem completamente diferente, algumas etiquetas das orelhas colocadas ao contrário. Os apontamentos do curso de medicina de Molly estavam no lugar dos meus apontamentos de direito, tudo meio desarrumado.

A primeira vista, pelo menos, não parecia realmente faltar nada. As coisas estavam apenas fora de seus lugares.

Aparentemente de propósito, para que eu visse que tinham sido remexidas.

Alguém entrara em nossa casa, revirara nossas coisas, e as deixara deliberadamente em desordem. Para que eu percebesse. Como... o quê? Um aviso?

Com o coração disparado, subi a escada correndo e encontrei Molly no quarto de dormir, encolhida numa posição fetal no meio de nossa cama *king-size*. Ainda estava com suas roupas de trabalho, um conjunto que sempre usava no hospital - uma saia plissada cinzenta, um suéter de *cashmere* salmão -, mas seus cabelos, normalmente puxados para trás, estavam alvoroçados. Notei que ela estava usando o medalhão de ouro que seu pai lhe dera. Pertencera à mãe dele, e passara através de gerações dos Sinclair para os Evans. Acho que ela acreditava que ele lhe dava sorte.

- Querida?

Cheguei mais perto. A maquilagem dos seus olhos estava borrada; ela estivera chorando durante muito tempo.

Encostei minha mão na sua nuca, que estava suada e quente.

- O que foi que aconteceu? O que você tem?

Ela apertava contra o peito o envelope pardo.

- *Onde foi que você encontrou isso?*

Soluçando, com a voz trêmula, ela mal conseguia falar.

- Na sua pasta. Onde você guarda as contas. Estava procurando a conta do telefone... - disse ela.

Com um terrível sentimento de culpa lembrei-me que tinha trocado de pasta naquela manhã. Ela abriu os olhos congestionados.

- Saí do trabalho umas duas horas mais cedo, graças ao Burton, e resolvi dar uma descansada - disse ela com voz pastosa. - Não consegui dormir. Estava tensa demais. Decidi então pagar algumas contas, e não encontrei a do telefone. Foi aí que me lembrei de procurar na sua pasta.

A fotografia que eu tinha escondido era do pai de Molly, depois de sua morte.

Tinha procurado poupá-la o mais possível dos detalhes horrorosos da morte do pai. O corpo de Harrison Sinclair ficara tão queimado que um caixão aberto durante o velório ficou fora de cogitação. Além das terríveis mutilações causadas pela explosão do tanque de gasolina, ele tinha sido quase decapitado (durante a colisão, o médico-legista me havia explicado). Não havia razão para Molly ver o pai naquele estado; tanto ela quanto eu preferimos que ela se lembrasse dele como o tinha visto da última vez que tinham estado juntos - com saúde, exuberante e vigoroso. Lembro-me de ter chorado no necrotério de Washington, ao ver o que tinha sobrado do meu sogro. Molly certamente não precisava passar por essa prova hedionda.

Mas ela insistira. Era médica, dissera, já vira mutilações. Mas é diferente quando se trata de nosso próprio pai; a visão, naturalmente, tinha sido profundamente traumática. Por mais disforme que o corpo de seu pai estivesse, ela conseguiu identificá-lo, apontando a tatuagem desbotada de um coração no seu bíceps (que ele mandara fazer, de pileque, em Honolulu, quando servia o exército durante a Segunda Guerra Mundial), o anel de sua formatura na faculdade, a verruga no queixo. E depois desabara.

A fotografia que Ed Moore me dera tinha sido tirada depois da morte de Hal, mas *antes* da colisão do carro. Era prova irrefutável de que ele fora assassinado.

Era uma foto do busto de Hal Sinclair, com os olhos arregalados, furiosos, como se estivesse indignado. Seus lábios, anormalmente pálidos, estavam entreabertos, dando a impressão de que ele ia falar alguma coisa.

Mas ele estava inquestionavelmente morto.

Imediatamente abaixo da linha de sua mandíbula, indo de uma orelha à outra, via-se uma enorme e horripilante incisão, de onde saía tecido vermelho e amarelo.

O pescoço de Sinclair tinha sido cortado, com destreza, da carótida esquerda à carótida direita. Eu conhecia bem o processo: tinham nos ensinado a reconhecê-lo de relance. A carne era seccionada de um só golpe, provocando prontamente uma queda de pressão arterial no cérebro.

Para a vítima, era como se alguém tivesse subitamente fechado a água. O colapso era quase instantâneo. Tinham feito essa enormidade; tinham matado Hal Sinclair, por alguma razão inimaginável tinham tirado uma foto, e depois o colocado no carro, e...

Eles.

Naturalmente, soube de imediato quem eram *eles*.

Era o que se chamava no ofício de uma "assinatura", ou execução com "impressões digitais", um tipo de crime preferido por um determinado grupo ou organização.

O corte de carótida a carótida era uma especialidade do ex- serviço de inteligência da Alemanha Oriental, o *Ministerium fiir Staatssicherheit*, também conhecido como *Staatssicherheitsdienst*.

O Stasi.

Essa modalidade de execução era a assinatura deles, e a fotografia o seu cartão de visita.

Mas era o cartão de visita de um serviço de inteligência que não existia mais.

Ela soluçava baixinho, sacudindo os ombros, e eu a segurava nos meus braços. Beijeii-lhe a nuca e falei suavemente.

- Molly, sinto imensamente que você tenha visto isto.

Ela pegou um travesseiro com ambas as mãos e esmagou-o contra o rosto, abafando suas palavras.

- É um pesadelo. O que fizeram com ele.
- Seja lá quem tenha sido, Mol, eles os pegarão. Quase sempre pegam. Sei que isso não é consolo. - Eu também não acreditava, mas Molly precisava ouvir essas palavras. Não mencionei minhas suspeitas de que a casa tinha sido vasculhada.

Ela se voltou, seus olhos procurando meu rosto. Meu coração apertou.

- Quem seria capaz de fazer uma coisa dessas. Ben? Quem?
- Todas as pessoas que exercem cargos públicos são vulneráveis, ficam expostas à ação de desequilibrados mentais. Especialmente numa posição tão sensível quanto a de diretor da CIA.
- Mas... a foto demonstra que papai foi morto antes, não é?
- Molly, você falou com ele na manhã em que ele foi morto.

Ela fungou, pegou um lenço de papel, e assoou o nariz.

- Naquela manhã - disse ela.
- Você disse que a conversa foi perfeitamente normal, não houve nada de especial.

Ela sacudiu a cabeça.

- Eu me lembro - disse remotamente -, ele apenas se referiu a uma luta interna pelo poder sobre a qual não podia explicar muita coisa. Mas esse tipo de comentário era normal para ele. Sempre achou que a CIA era um órgão impossível de se controlar. Acho que ele queria apenas desabafar, mas, como sempre, não podia dizer nada específico.
- Continue.
- Foi mais ou menos isso. Ele suspirou e disse, não, na verdade ele *cantou*: "Os tolos correm para onde os sabidos nunca vão." Com a sua voz horrorosa.
- Essa é uma canção do Sinatra, não é mesmo?

Ela acenou a cabeça, comprimiu os lábios.

- A favorita dele. Detestava o homem, amava a música. Não era exatamente um sentimento profundo. De qualquer maneira, ele sempre a cantava na hora de eu ir para a cama quando era pequena.

Eu me levantei da cama, fui até o espelho, e consertei a gravata.

- Já está indo de volta para o escritório, Ben?
- Estou. Sinto muito.
- Estou com medo.
- Eu sei. Também estou, um pouco. Me telefone novamente. Sempre que tiver vontade.
- Você vai aceitar a proposta de Alex Truslow, não vai?

Ajeitei as lapelas do paletó, passei uma escova no cabelo, mas não respondi.

- Falo com você mais tarde.

Hia olhou para mim de modo estranho, como se estivesse decidindo alguma coisa, e finalmente disse: Por que você nunca fala sobre Laura?

- Eu não... - comecei.
- Não. Escute aqui. Sei que é tão penoso para você que chega a ser quase insuportável. Não quero revolver o passado, acredite. Mas tendo em vista o que aconteceu com o papai... O que quero saber, Ben, é se sua decisão de ir trabalhar com o Truslow tem alguma coisa a ver com a maneira como a Laura foi morta, com alguma tentativa de *justificar* as coisas ou algo parecido...
- Molly - disse muito calmamente, acauteladamente. - Por favor.
- Está certo. Desculpe.

Ela estava, com certeza, aprontando alguma coisa, embora eu não soubesse o que fosse na ocasião. Pensei muito sobre Harrison Sinclair naquele dia. Uma de minhas primeiras recordações era ouvi-lo contando uma piada suja.

Ele era um homem alto, magro, elegante, com a cabeça toda branca, obviamente um ex-atleta. (Tinha integrado a equipe de remo da Amherst.) Hal Sinclair era um homem cordial, charmoso, ao mesmo tempo digno e brincalhão.

Na época, eu estava na universidade, um dos três únicos alunos de Harvard (e o único que ainda não concluíra o curso) participando de um seminário do MIT (Massachusetts Institute of Technology) sobre armas nucleares. Numa segunda-feira de manhã, entrei na sala onde se realizava o seminário e vi que tínhamos um visitante, um homem mais velho, alto, bem vestido. Ele se sentou à mesa de conferência em formato de caixão e limitou-se a ficar ouvindo, sem dizer uma palavra. Imaginei (acertadamente) que fosse um amigo do professor. Só muito mais tarde é que vim a saber que Hal, que era o terceiro no comando da CIA, seu diretor de Operações, estava em Boston coordenando uma operação de espionagem sobre o que era então conhecido como Cortina de Ferro, envolvendo professores do MIT.

Naquela tarde, por acaso, eu estava apresentando o resultado de uma pesquisa que realizara sobre a falácia da política americana de destruição mútua de armas nucleares, conhecida como MAD. Era um trabalho bastante superficial, lembro-me bem. A última linha do texto dizia qualquer coisa idiota, fazendo trocadilho com MAD (maluco, coisa maluca). Na realidade, estou sendo injusto comigo mesmo; o documento até que era uma análise decente sobre os critérios seletivos das fontes públicas da estratégia nuclear soviética e americana.

Mais tarde, o visitante de aparência distinta apresentou-se, apertou minha mão e confessou-se muito impressionado com o que acabara de ouvir. Ficamos conversando, e ele me contou uma piada marota mas muito engraçada sobre armas nucleares. Foi então que notei minha amiga Molly Sinclair entrar na sala de aula. Cumprimentamo-nos, surpresos por nos encontrarmos fora de Harvard Yard.

Hal nos levou para almoçar no Maison Robert, na School Street, na área do Old City Hall. (Desde então, Molly e eu jantamos lá exatamente uma única vez, quando a pedi em casamento e sua resposta foi "vou pensar no assunto".) Houve muita bebida e muita risada. Hal contou outra piada picante, e Molly enrubesceu.

- Vocês dois precisam se ver - disse ele em voz baixa para Molly, mas não tão baixa que eu não pudesse ouvir. - Ele é um grande sujeito.

Ela ficou ainda mais vermelha, quase escarlate.

Sentíamo-nos obviamente atraídos um pelo outro, mas nada aconteceria por muitos anos.

- Que bom vê-lo novamente - disse Alexander Truslow. Ele, Bill Steams e eu reunimo-nos no dia seguinte no Ritz-Carlton. - Mas devo confessar: estou um tanto surpreso. Quando nos conhecemos no enterro de

Hal, percebi claramente uma falta de interesse de sua parte.

Truslow estava usando outro elegante terno sob medida, amarrotado como de costume. O único elemento destoante era sua gravatinha-borboleta azul-marinho, com um laço feito de qualquer maneira. Eu estava usando meu melhor terno, um xadrez cinza-esverdeado da Andover Shop, na Harvard Square; creio que estava a fim de impressionar a velha raposa.

Ele fixou os olhos em mim com um ar pesaroso enquanto passava manteiga na broa recém-saída do fomo.

- Suponho que esteja a par de minha breve carreira na inteligência - disse.

Ele sacudiu a cabeça.

Bill me contou. Soube que houve uma tragédia, da qual você foi completamente inocentado.

Foi o que me disseram - murmurei.

Mas foi um momento traumatizante, terrível.

- Foi uma experiência da qual não gosto muito de falar.
- Perdão. Foi o motivo que o levou a deixar a Companhia, não foi mesmo?
- É o motivo - corrija-o. - Abandonei esse tipo de atividade. Para sempre. Fiz uma promessa solene a minha mulher.

Ele pôs a broa no prato sem dar uma mordida.

- É para você mesmo.
- Correto.
- Então precisamos falar com toda franqueza. Você está familiarizado com o que minha firma faz?
- Vagamente.
- Somos uma firma de consultoria internacional. Creio que é a melhor maneira de defini-la. Um de nossos clientes, como tenho certeza que sabe, é... sua antiga empregadora.

Truslow levantou os ombros e sorriu.

- Sem dúvida. Você compreende que estou falando resguardado pelo privilégio do sigilo nas relações cliente-advogado.

Acenei a cabeça e ele continuou.

- Por várias razões, às vezes ela deseja a assistência de uma firma de fora, bem distante do seu território. Por isso ou por aquilo, talvez por ter ficado durante muito tempo com a Agência, a ponto de quase me considerar como parte dos móveis e utensílios, o poder que emana de Langley confia em mim para executar certas tarefas sigilosas.

Peguei uma broa, que naquela altura já estava fria, e dei uma mordida. Notei que ele estava cuidadosamente evitando pronunciar "CIA".

- Oh, é mesmo? - Stearns disse, pondo a mão no ombro de Truslow. - Quanta falsa modéstia. - Para mim, ele acrescentou: - O Alex está prestes a ser nomeado diretor.
- Deve haver uma séria escassez de candidatos qualificados - disse Truslow. - Veremos o que vai acontecer. Como estava dizendo, a Truslow Associates está engajada numa série de projetos com os quais Langley prefere, por um motivo ou outro, não estar diretamente envolvida.

Stearns acrescentou:

- Você sabe como a negligência do Congresso e coisas do gênero podem tolher o trabalho da inteligência. Especialmente nos dias de hoje, com a Rússia fora da jogada.

Sorri polidamente. Esse era um estilo de conversa particularmente comum dentro da Agência, adotado em geral pelos que queriam que a CIA fosse liberada para fazer o que quisesse e bem entendesse, como, por exemplo, explodir charutos na cara do Fidel ou assassinar ditadores do Terceiro Mundo.

- Está certo - disse Truslow, baixando a voz. - Com a "Rússia fora da jogada", como diz o Bill, ou, em outras palavras, com o colapso da União Soviética, criaram-se inúmeros e inusitados problemas para nós.
- É claro - eu disse. - Sem um inimigo, para que serve a CIA? E aí quem vai precisar da Corporação?
- Não é bem assim - disse ele. - Há muitos outros inimigos, e infelizmente sempre precisaremos da CIA reformada, uma CIA *melhor*. O Congresso pode não se dar conta disso agora, mas com o tempo acabará percebendo. Como você sabe, a CIA está se reaparelhando, concentrando-se mais na espionagem econômica e corporativa. Defendendo companhias americanas de países estrangeiros que tentam roubar seus segredos industriais. Que é onde serão travadas as batalhas do futuro. Você sabia que pouco antes de sua morte Harrison Sinclair estabeleceu contato com o último presidente do conselho da KGB?
- Através de Sheila McAdams - disse.

Ele fez uma pausa, levantando o queixo, surpreso.

- É verdade. Mas aparentemente Hal também estava na Suíça. Ambos, ele e Sheila, se avistaram com Orlov. Olhe um pouco para trás, para os estertores finais do império soviético, o golpe de estado fracassado de agosto de 1991. Naquele instante, a velha guarda soube que o jogo tinha acabado. A burocracia do Partido Comunista já estava esfacelada, o Exército Vermelho tinha virado a casaca e passara a apoiar Yeltsin, então considerado a única esperança de pelo menos preservar a Rússia. E a KGB...
- Que - interrompi - articulou o golpe.
- Com efeito. Articulou, foi o cérebro do golpe, embora a maneira como enfiaram os pés pelas mãos não seja motivo de orgulho para ninguém. A KGB sabia que dentro de semanas, talvez meses, iria ser fechada.
- Foi nesse ponto que a Agência começou a olhar a Lubyanka particularmente de perto. Observando se ela aceitaria sua inevitável sentença de morte...
- Ou se rebelaria contra o apagar da luz - disse eu.
- Bem sacado - disse Truslow. - De qualquer maneira, foi nessa altura que a Agência começou a detectar um movimento fora do comum de pesadas "malas diplomáticas", caminhões cheios de sacos postais e caixas de papelão, para ser exato, sendo transferidas de Moscou para a embaixada soviética em Genebra. O destinatário e requisitante era o chefe do escritório da KGB.
- Vocês vão me desculpar - disse Stearns e levantou-se. - Tenho de voltar para o escritório. - Ele apertou a mão de Truslow e retirou-se. Estávamos chegando, percebi, ao que interessava.
- Sabemos o que os carregamentos continham?
- Verdadeiramente, não - disse Truslow. - Algo muito valioso, imagino.
- Motivo pelo qual você quer contar com a minha colaboração.

Truslow assentiu com um gesto de cabeça. Finalmente deu uma mordida na sua broa.

- Como, exatamente?
- Investigação.

Fiz uma pausa, considerei. - Por que eu?

- Porque... - ele baixou a voz e continuou -, porque não posso confiar nos rapazes de Langley. Preciso de alguém de fora, que conheça os métodos da CIA mas que não esteja mais ligado a ela. - Ele fez uma longa pausa, como se estivesse avaliando até onde poderia falar francamente. - Estou amarrado; não sei mais em quem posso confiar na Agência.
- Por que motivo, exatamente?

Ele hesitou.

- A corrupção está comendo solta em Langley, Ben. Estou certo de que você tem ouvido histórias...
- Algumas.
- Pois bem, é muito pior do que você possa imaginar. A coisa atinge proporções criminosas, de ações francamente fora da lei.

Lembrei-me do comentário de Ed Moore: "Está havendo turbulência na Agência... Uma terrível luta pelo poder... Quantias enormes de dinheiro trocando de mãos..." Na ocasião, me pareceu opinião irracional, exageradamente alarmista de um velho que passara muito tempo no ramo.

- Preciso de dados específicos.
- Você os terá - disse Truslow. - Mais do que gostaria de ter. Existe uma organização, um grupo mafioso, um conselho de veteranos... Mas não devemos falar dessas coisas aqui.

O rosto de Truslow ficara congestionado. Ele sacudiu a cabeça.

- E o que foi - perguntei - que Hal Sinclair teve de ver com esses embarques?
- Esse é o mistério. Ninguém sabe por que ele se avistou com Orlov, por que agiu tão sigilosamente. Ou exatamente o que foi transacionado. E aí começaram a surgir boatos de que Hal tinha desviado uma grande importância em dinheiro...
- Apropriou-se fraudulentamente? Hal? Você *acredita* nesses boatos?
- Não estou dizendo que acredito neles, Ben. Certamente não quero acreditar nisso. Conhecendo Hal como conhecia, estou seguro de que qualquer que tenha sido o motivo que o fez se encontrar secretamente com Orlov na Suíça, esse motivo não foi ditado por intenções criminosas. Mas seja qual for o seu propósito, há boas razões para acreditar que ele foi morto por causa desse propósito.

Será que ele teria visto a fotografia que Moore me deu? Tinha minhas dúvidas. Mas antes que pudesse perguntar, ele prosseguiu:

- A questão é que, dentro de alguns dias, o Senado dos Estados Unidos vai começar um inquérito sobre a corrupção que se alastra na CIA.
- Público?
- Sim. Algumas sessões serão sem dúvida interditas à imprensa. Mas a subcomissão selecionada do Senado sobre a Inteligência resolveu investigar diante dos persistentes rumores.
- E Hal está implicado, é isso que está tentando me dizer?
- Não publicamente. Ainda não. Nem creio que o Senado tenha ouvido esses comentários. Sabe apenas que houve um grande desfalque. E por isso o setor de assuntos internos de Langley me contratou para que eu examinasse o assunto. Para apurar o que Hal Sinclair estava fazendo nos últimos dias de sua vida. Descobrir por que ele foi assassinado. Encontrar o dinheiro desviado, para onde foi e quem estava envolvido. A investigação não deve ser feita internamente, a corrupção está muito difundida. Daí, a Truslow Associates...

- A quanto monta o desfalque de que estamos falando?

Ele deu de ombros.

- Uma fortuna. É tudo o que sei lhe dizer por enquanto.

- E você está precisando de mim..

- Preciso de você para descobrir o que Hal estava fazendo, encontrando-se com Orlov. - Ele olhou fixamente para mim. Seus olhos castanhos estavam injetados, úmidos. - Ben, você ainda tem todo o direito de dizer não. Compreenderei. Tendo em vista, especialmente, tudo por que você passou. Mas por tudo o que me foi dito, você era um dos melhores em campo.

Levantei os ombros, lisonjeado e reconhecido, mas não sabendo como responder. Certamente ele ouvira histórias sobre a minha "temeridade".

- Você e eu temos muita coisa em comum - disse ele. - Senti isso a seu respeito desde o início. Você é um sujeito honesto. Deu à Agência o melhor de si, mas sempre achou que ela poderia ser melhor do que era. Vou lhe contar uma coisa: durante todos esses anos na Agência, vi seu objetivo fundamental ser posto em risco por ideólogos e fanáticos da esquerda e da direita. Angleton uma vez me disse uma coisa: "Alex, você é um dos melhores elementos que temos, mas o paradoxo é: o que faz você tão bom no trabalho é o fato de desaprová-lo de certa maneira." - Truslow sorriu com tristeza. - Na ocasião neguei veementemente, até ficar com o rosto vermelho. Mas acabei me convencendo de que ele tinha razão. Instintivamente, sinto que você é uma criatura semelhante, Ben. Nós dois fazemos o que achamos que precisa ser feito, mas no íntimo discordamos do que fazemos. - Ele tomou um longo gole d'água e sorriu para si mesmo, aparentemente embaraçado por ter se permitido ir tão longe.

Ele empurrou a carta de vinhos em minha direção, como se estivesse me convidando a fazer uma escolha.

- Dê uma olhada, Ben. Escolha alguma coisa boa.

Abri a lista encadernada de couro e passei os olhos rapidamente.

- Gosto muito do Grand-Puy-Ducasse Pauillac.

Truslow sorriu e apanhou a lista de vinhos de volta.

- O que estava no alto da página três?

Pensei por um minuto, puxando pela memória.

- Um Leap Merlot, safra de 82, da Stag.

Truslow confirmou com um gesto de cabeça.

- Mas não gosto muito de exibir meus dotes, como se fosse um animal amestrado.
- Eu sei, me desculpe. E um dom muito raro. Como tenho inveja de você.
- Me ajudou muito a driblar as matérias em Harvard para as cpiais a memorização era essencial, que incluíam inglês, história, história da arte...
- É claro que você está sabendo, Ben. Sua... memória eidética é um grande trunfo numa atividade como a nossa, numa missão que possa envolver uma seqüência de códigos e o equivalente. Isto é, se você ainda estiver disposto a aceitar. A propósito, estou perfeitamente de acordo com os termos que você e Bill estabeleceram.

Ele se referia às condições que eu impusera, mas era muito polido para mencioná-la.

- Uh, Alex, quando Bill e eu discutimos essas condições não fazia a menor idéia do que você poderia querer de mim.
- Está tudo certo...
- Não, deixe-me terminar. Se entendi corretamente, que no fundo se trata de limpar o nome de Hal Sinclair, então certamente não tenho a menor intenção de bancar o mercenário.

Truslow franziu as sobrancelhas, mostrando-se sério.

- *Mercenário?* Pelo amor de Deus, Ben. Estou sabendo do seu problema financeiro. No mínimo, a missão que lhe estou confiando me dará uma desculpa para poder ajudá-lo. Se você quiser, posso até incluí-lo na nossa folha de pagamento.
- Obrigado, mas não há necessidade.
- Tudo bem, então. Fico contente por tê-lo a bordo.

Apertamos as mãos, sacramentando o acordo.

- Escute, Ben. Minha mulher, Margaret, e eu estamos indo para nossa casa em New Hampshire hoje à noite. Vamos abri-la para a primavera. Gostaríamos imensamente que você e Molly fossem jantar conosco, nada de muito elaborado, um churrasco ou qualquer coisa assim, informal. Vocês iriam conhecer os netos.
- Parece um ótimo programa.
- Amanhã seria possível?

Amanhã ia ser um dia tumultuado, mas eu sempre poderia dar um jeito.

- Sim, claro. Amanhã.

Não consegui me concentrar o resto da tarde. O pai de Molly poderia realmente ter estado envolvido em algum tipo de conspiração com o ex-chefe da KGB? Seria possível que tivesse mesmo dado um desfalque - uma "fortuna", como Truslow havia dito? Não fazia sentido.

Entretanto, como explicação para seu assassinato... até que fazia um certo sentido.

Formara-se um nó de tensão no meu estômago, que evidentemente não pretendia se desfazer tão cedo.

O telefone tocou. Darlene anunciou que Molly estava na linha.

- A que horas ficamos de nos encontrar com o Ike e a Linda? - Ela estava ligando de algum corredor barulhento no hospital.
- Às oito, mas cancelo o compromisso se você quiser. Dadas as circunstâncias.
- Não. Eu... eu quero ir.
- Eles compreenderão, Molly.
- Não cancele. Será bom sair.

Felizmente, não havia tempo para divagações sombrias naquela tarde. O cliente das quatro horas chegou pontualmente. Mel Kornstein era um homem rotundo de cinquenta e poucos anos, que usava roupas italianas caras, extravagantes e óculos escuros estilo aviador sempre ligeiramente tortos. Tinha um ar distraído, desligado, de um gênio, que acredito que até fosse. Kornstein tinha feito uma fortuna apreciável com a invenção de um jogo de computador chamado SpaceTron, de que você provavelmente já ouviu falar. Caso não tenha, trata-se basicamente de um jogo de perseguição, no qual você, como piloto de uma pequena espaçonave, tem de frustrar a intenção da espaçonave das forças do mal de destruí-lo e em

seguida o planeta Terra. Isso pode parecer uma tolice, mas o jogo é sem dúvida uma maravilha de tecnologia computadorizada. Tudo é feito em terceira dimensão, com tanto realismo que você se convence que de fato está participando da ação. Você realmente tem a sensação de que os cometas, meteoros e espaçonaves inimigas estão caindo em cima de você. Esse efeito é conseguido por meio de um engenhoso *software* que Kornstein patenteou, uma autêntica inovação. Acrescente-se a isso o seu simulador de voz, também patenteado, que dá ordens de comando aos usuários: "Muito longe à direita!" ou "Você está chegando muito perto!", e você terá uma explosão de cor e som, tudo isso no seu computador doméstico. E a empresa de Kornstein fatura cerca de cem milhões de dólares por ano.

Mas agora outra companhia fabricante de *software* tinha lançado um produto tão parecido com o SpaceTron que o faturamento de Kornstein tinha despencado. É desnecessário dizer que ele estava a fim de fazer alguma coisa a respeito.

Afundou na poltrona de couro ao lado da minha escrivaninha, irradiando o mais profundo desespero. Conversamos durante alguns minutos, mas ele não estava muito expansivo. Entregou-me uma caixa contendo o jogo rival, que se chamava SpaceTime. Introduziu o disquete no meu *desktop*, e fiquei realmente pasmo de ver como era uma cópia quase idêntica.

- Esses caras nem tentaram ser originais - comentei.

Kornstein tirou os óculos e limpou-os na fralda da camisa.

- Quero acabar com a raça desses filhos-da-puta - disse ele.
- Vamos devagar - eu disse. - Primeiro, vou ter de requisitar uma perícia independente para determinar até que ponto a sua patente foi violada.
- Quero foder a vida desses sacanas.
- Tudo no seu tempo. Vamos examinar todas as cláusulas da patente, uma de cada vez.
- É idêntico - disse Kornstein, colocando os óculos, ainda tortos. - Como é que é, vamos mover uma ação, ou não?
- Bem, os jogos de computador são patenteáveis de acordo com o mesmo princípio que regula, digamos, os jogos de tabuleiro. Na verdade, você patenteia o relacionamento entre os elementos físicos e os conceitos que eles representam, a maneira como interagem.
- Só quero é fodê-los.

Acenei a cabeça.

- Faremos o melhor que pudermos.

O Focaccia era um desses restaurantes de especialidades do norte da Itália fabulosamente *hippies*, vagamente chocantes, *yuppies*, na Back Bay, que serve muita *arugula* e *radicchio*, cujos fregueses são todos jovens e bonitos, vestem-se de preto, e trabalham em publicidade. Entre o clamor das vozes e a música rap trovejante, o lugar também é ensurdecedor, o que parece ser outra condição de pretensiosos restaurantes italianos do norte, localizados em cenários urbanos americanos.

Molly estava atrasada, mas meus amigos mais íntimos, Ike, e sua mulher, Linda, já estavam empenhados aos berros no que parecia ser uma discussão conjugal, mas na realidade era só uma tentativa de se comunicarem. Isaac Cowan e eu tínhamos sido colegas na faculdade, onde ele se especializara em me derrotar no tênis. Atualmente ele ocupa um cargo jurídico em alguma corporação inexprimivelmente enfadonha, porém nem toca no assunto, mas sei que tem alguma coisa a ver com resseguro. Linda, que estava grávida de sete meses, é uma psiquiatra que trata principalmente de crianças. Os dois são altos, sardentos e ruivos - enervantemente semelhantes quanto ao tipo físico -, e me sinto bem na companhia

deles.

Eles estavam falando alguma coisa sobre uma visita que a mãe dele estava para fazer-lhes. Depois, Ike virou-se para mim e mencionou um jogo de Celtics que tínhamos ido assistir na semana anterior. Falamos um pouco de trabalho, da gravidez de Linda (ela queria perguntar a Molly alguma coisa sobre um teste que o seu obstetra estava insistindo para que ela fizesse), sobre a minha cortada no tênis (praticamente inexistente), e conseqüentemente sobre o pai de Molly.

Ike e Linda sempre se mostraram pouco à vontade quando se falava do famoso pai de Molly, com receio de serem indiscretos, não querendo parecer excessivamente curiosos a seu respeito. Ike sabia alguma coisa sobre minha passagem pela CIA, embora eu tivesse deixado claro que preferia não falar muito sobre o assunto. Ele também sabia que eu tinha sido casado antes, que minha mulher tinha morrido num acidente, e não muito mais do que isso. Naturalmente, isso às vezes limitava nossas conversas. Eles apresentaram seus pêsames, perguntaram como Molly estava reagindo. Sabiam que não podia falar nada sobre o que vinha me preocupando ultimamente, sobretudo sobre o assassinato de Hal Sinclair.

Enquanto estávamos terminando os aperitivos (por uma questão de princípio não pedimos *focacciá*), Molly chegou, desculpando-se profundamente.

- Como foi o seu dia? - perguntou ela, me dando um beijo. Lançou-me um olhar um ou dois segundos mais longos do que o normal, o que significava que estava perguntando por Truslow.
- Tudo correu bem - respondi.

Ela beijou Ike e Linda, sentou-se, e disse:

- Acho que não agüento isso por muito mais tempo.
- A medicina? - perguntou Linda.
- Os "prés" - Molly respondeu, usando o jargão médico para bebês prematuros. - Hoje, deram entrada gêmeos e mais outro bebê, e os três juntos pesavam menos de cinco quilos. Passei o dia todo cuidando dessas coisinhas em estado precaríssimo, tentando introduzir sondas na artéria umbilical, e lidando com famílias estressadas.

Ike e Linda sacudiram as cabeças, expressando solidariedade.

- Crianças com Aids - ela continuou - ou infecções bacterianas em tomo do cérebro, e fazendo plantão uma noite sim outra não...

Eu a interrompi.

- Que tal esquecer tudo isso agora, hein?

Ela se virou para mim, arregalando os olhos.

- Esquecer?
- Está bem, Mol - disse tranqüilamente. Ike e Linda ficaram constrangidos e se concentraram em suas saladas Caesar.
- Sinto muito - disse ela.

Peguei a mão dela por baixo da mesa. O trabalho às vezes a deixava tensa daquele jeito, mas eu sabia que ela ainda não tinha se refeito do choque provocado pela fotografia.

Durante todo o jantar ela se manteve distante; acenava a cabeça e sorria polidamente, mas seus pensamentos estavam obviamente em outro lugar. Ike e Linda sem dúvida atribuíram seu comportamento estranho à morte recente de seu pai, o que procedia em grande parte.

No táxi, a caminho de casa, tivemos uma discussão, procurando manter a voz baixa, sobre Truslow, a corporação e a CIA, tudo o que eu lhe prometera um dia abandonar para sempre.

- Maldição - sussurrou ela -, a partir do momento em que você se comprometeu com Truslow, você voltou a fazer parte desse jogo infame.
- Molly... - tentei argumentar, mas ela não permitiu que eu a interrompesse.
- Quem anda na chuva acaba se molhando. Que diabo, você me prometeu solenemente que nunca voltaria para aquela droga.
- Não estou voltando, Mol.

Ela ficou calada por um momento.

- Você falou com ele sobre o assassinato de papai, não falou?
- Não, não falei. - Uma pequena mentira; mas não queria lhe falar sobre as suspeitas de desfalque ou a comissão de inquérito do Senado.
- Mas seja lá o que for que ele queria de você, tem alguma coisa a ver com isso, não é verdade?
- De certa forma, sim.

O motorista do táxi desviou para evitar um buraco, buzinou e passou para a pista da esquerda. Ficamos calados por algum tempo. Depois de uns bons minutos - como se estivesse deliberadamente tentando criar um efeito dramático qualquer - ela disse, aparentando a maior naturalidade:

- Quer saber de uma coisa, telefone para o instituto médico- legal do condado de Fairfax.

Fiquei momentaneamente confuso.

-Fairfax...?

- Onde mataram papai. Para obter uma cópia do laudo da autópsia. A lei estabelece que os parentes imediatos podem obter cópias se quiserem.

- E daí?

- Está lacrado.
- Por quê?
- Deixou de ser um documento público. As únicas pessoas que podem consultar o laudo da autópsia são o promotor de justiça e o procurador-geral da comunidade de Virgínia.
- Por quê? Porque ele é, era, da CIA?
- Não. Porque alguém envolvido no caso decidiu o que já sabíamos. Foi homicídio.

Fizemos o resto da viagem calados, e por alguma razão maluca tivemos outra desavença ao chegarmos em casa, e acabamos indo para a cama furiosos um com o outro.

E engraçado, mas agora me recordo dessa noite com ternura, pois foi uma das últimas noites normais que passamos juntos, exatamente duas noites antes que aquilo acontecesse.

8

Naquela noite, a última noite normal de minha vida, tive um sonho.

Sonhei com Paris, um sonho tão parecido com a vida quanto qualquer pesadelo aterrador, um sonho que já vivi milhares de vezes. O sonho sempre acontece da seguinte maneira: Estou numa loja de roupas da rue du Faubourg - St. Honoré, uma loja de roupas para homens que é um viveiro de coelhos com uma infinidade de cubículos luminosos, e eu perdi o caminho, indo de cubículo em cubículo, procurando o ponto de encontro que havia laboriosamente estabelecido com o agente de campo, e finalmente descobro um camarim. É o ponto de encontro, e lá, pendurado num cabide está um suéter, um cardigã azul-marinho, que apanho, conforme o combinado, e encontro no bolso dele, conforme previamente assentado, um pedaço de papel contendo uma mensagem em código.

Perco muito tempo tentando decifrar a mensagem, e agora estou atrasado para o telefonema que devo dar, e, freneticamente, vou de cubículo em cubículo nessa loja desgraçada, procurando um telefone, implorando por um, incapaz de localizar um, até que finalmente, no porão do prédio, descobro um aparelho. É um telefone francês antigo, volumoso, em dois tons, bege e marrom, e por alguma razão ele não funciona, mas depois de muitas tentativas - graças a Deus - ele toca.

Alguém atende o telefone; é Laura, minha mulher.

Ela está chorando, implorando para que eu volte para casa, para nosso apartamento na rue Jacob, uma coisa horrível aconteceu. Sou assaltado pelo medo e começo a correr, e em poucos segundos (afinal de contas, isso é um sonho) chego à rue Jacob, à entrada do meu edifício de apartamentos, sabendo o que estou prestes a ver. Essa é a pior parte do sonho: pensando que se não for para casa, nada acontecerá, mas um fascínio irreprimível me impele para a frente. Nado no ar, sentindo-me nauseado.

Um homem está saindo do meu edifício, vestindo uma camisa xadrez de caçador, de lã grossa, tênis Nike. Um americano, estou convencido, de trinta e poucos anos. Embora só possa vê-lo por trás, dá para perceber que ele tem cabelos pretos, abundantes, revoltos - e sempre o mesmo detalhe - uma cicatriz vermelha, repulsiva, que vai da sua orelha ao seu queixo. É uma cicatriz horrível, e posso vê-la nitidamente. Ele está mancando, aparentando sentir muita dor.

Não detenho o homem - por que deveria fazê-lo? -, em vez disso, enquanto ele se afasta capengando, entro no edifício, e sinto cheiro de sangue, que se toma cada vez mais forte à medida que subo os degraus da escada, encaminhando-me para o nosso apartamento, e agora a fedentina é insuportável, tenho ânsias de vomitar, e de repente estou no patamar da escada, de onde avisto três corpos grotescamente estirados em poças de sangue, e um deles - *não pode ser*, digo a mim mesmo - é Laura.

E nesse ponto geralmente acordo.

Mas não foi bem assim que aconteceu, naturalmente. Meu sonho, e é sempre o mesmo, criou uma grotesca semi-parábola dele.

Como *case officer* em Paris, cabia-me dirigir diversos agentes de campo secretos valiosos, e outros nem tanto. Tinha tido um sucesso que obtivera grande repercussão em Paris: conseguira desbaratar uma rede de espões da inteligência militar soviética, que operava numa fábrica de turbinas nos arredores da cidade. Fazia-me passar por arquiteto de uma firma americana. O apartamento que me tinham dado, pequeno mas ensolarado, ficava no sexto *arrondissement*, na minha opinião, a melhor localização de Paris. Tive sorte; a maioria dos meus colegas estava instalada no pouco atraente oitavo *arrondissement*. Laura e eu estávamos casados há pouco tempo, e ela não fizera a menor objeção à mudança para Paris: pelo contrário, era pintora, e havia muito poucos lugares que preferisse pintar do que Paris. Era pequenina, irresistivelmente graciosa, com longos cabelos louros que usava virados para cima. Estávamos totalmente embriagados de amor.

Tínhamos falado em ter filhos, e ambos queríamos. Mas o que eu não sabia é que ela estava grávida, o que me teria deixado emocionado. Ela não chegou a ter uma chance de me dizer. Sempre acreditei que quisesse me dizer à sua maneira, no seu ritmo, depois de ter tido oportunidade de digerir a notícia. Tudo o que eu sabia é que ela vinha se sentindo indisposta há diversos dias. Algum vírus sem importância, pensei.

Por volta dessa ocasião fui contatado por um funcionário subalterno da KGB, um auxiliar de escritório do posto da KGB em Paris, que queria fazer um trato. Tinha algumas informações para vender, disse ele, que colhere nos arquivos em Moscou. Em troca, queria desertar, queria segurança financeira, proteção. Segui todas as normas do procedimento, providenciei o primeiro encontro com o chefe do escritório da CIA, James Tobias Thompson. Os *case officers* são sempre cautelosos com o que chamam de "*blind date*" (encontros cegos), que significam um encontro com um agente desconhecido num lugar designado por ele. Há sempre risco de tudo não passar de uma cilada.

Mas o agente, que disse se chamar Víctor, concordou em se encontrar nos *nossos* termos, o que era animador. Marquei um encontro, arriscado mas vital. Três toques de campainha do telefone de um apartamento em um lugar do sexto *arrondissement* assinalariam o local e a hora. Depois, um encontro "casual" numa loja chique de artigos para homens na rue du Faubourg - St. Honoré, mas, ao contrário do que ocorria no sonho, tudo se passou muito bem. Um suéter azul-marinho estava devidamente pendurado num cabide na cabine de provas, deixado por um cliente descuidado que desistira da compra, e em cujo bolso eu deixara num pedaço de envelope a mensagem em código, designando a hora e o lugar.

No dia seguinte, encontramos-nos num dos endereços seguros mantidos pela Agência, na realidade um pequeno apartamento mal-cuidado no décimo quarto andar. Eu sabia que informações de dissidentes das hostes inimigas geralmente não constituíam material de maior interesse, mas também nunca se podia ignorá-los: muitos dos maiores agentes da história da inteligência, antes de se bandearem para o outro lado, tinham sido delatores.

"Victor" estava usando uma peruca loura, obviamente uma peruca; sua pele morena, azeitonada, era de um homem de cabelos escuros. Abaixo da linha de contorno de sua mandíbula via-se uma comprida e fina cicatriz vermelho-beterraba.

Ele me pareceu ser o artigo genuíno, pelo menos tanto quanto pude avaliar. Prometeu-me que na próxima vez que nos encontrássemos - caso se pudesse fazer um acordo - me faria uma revelação estrondosa. Um documento, disse ele, com o qual se deparara casualmente nos arquivos da KGB. Mencionou um criptônimo: MAGPIE.

Quando meu chefe e amigo do peito Toby Thompson me interrogou mais tarde, ficou intrigado com esse pequeno detalhe. Aparentemente, o caso tinha alguma substância.

Por isso providenciei um segundo encontro.

Desde então, recapitulei nos mínimos detalhes todos os passos do que aconteceu mais de mil vezes. Víctor tinha *me* contatado, o que significava que já conhecia meu disfarce. E todos os endereços seguros, convenientemente localizados, eram usados para interrogatórios e atividades do gênero. Portanto, com a aprovação de Toby Thompson e até mesmo seu estímulo, marquei um segundo encontro entre mim, Víctor e Toby no meu apartamento da rue Jacob.

Laura, a despeito de seus eventuais enjôos, estava fora da cidade, ou pelo menos era o que eu imaginava. Na noite anterior ela fora visitar amigos perto de Giverny, para conhecer os jardins de Monet. Não deveria voltar antes de dois dias. Por conseguinte, o apartamento estava disponível.

Não deveria ter corrido o risco, reconheço, mas isso é fácil de dizer agora.

O encontro deveria ter sido ao meio-dia, mas fiquei detido no escritório numa conferência telefônica transatlântica para Langley, numa linha-tronco segura, falando com o diretor-adjunto de Operações, Emory St. Clair. Como resultado, cheguei vinte minutos atrasado, esperando que Toby e Víctor já estivessem no apartamento.

Lembro-me de ter visto um homem de cabelos escuros saindo a passos largos, resolutamente, do meu edifício, usando uma camisa de caçador xadrez, e de tê-lo tomado por um vizinho ou visitante. Subi os primeiros degraus da escada e notei um cheiro esquisito. O odor tornava-se mais forte à medida que eu me aproximava do terceiro andar. Meu coração começou a bater descompassadamente.

Quando cheguei ao patamar do terceiro andar, deparei-me com uma cena trágica, horripilante, que jamais

esquecerei. Entrelaçados no chão, em poças de sangue fresco, estavam dois corpos: Toby... e Laura. Creio que devo ter gritado, mas não tenho certeza. Tudo parecia uma visão estroboscópica em câmera lenta. De repente estava me ajoelhando ao lado de Laura, apoiando sua cabeça em minhas mãos, não acreditando no que via. Ela não devia estar na casa; não era ela; aquilo era algum engano. Laura tinha sido atingida no peito, no coração, o sangue espalhava-se pela sua camisola de seda branca. Estava morta. Virei-me e vi que Toby tinha sido alvejado no estômago, percebi que ele se mexera na poça de sangue, ouvi-o gemer. Não me lembro de mais nada depois disso. Acho que apareceu alguém. Provavelmente chamei alguém. Não posso ter dito coisa com coisa. Tinha perdido a razão. Tiveram de me separar à força de minha pobre querida Laura, pois estava convencido de que poderia fazê-la reviver se tentasse com suficiente empenho.

Toby Thompson sobreviveu por um triz, mas sua espinha fora afetada e ele ficaria paralítico para o resto da vida.

Mais tarde, algumas coisas foram explicadas.

Sentindo-se indisposta, Laura tinha voltado para casa cedo naquela manhã. Tinha telefonado para o meu escritório para me avisar, mas por alguma razão que ignoro nunca recebi seu recado. Mais tarde, a autópsia revelou que estava grávida. Toby tinha aparecido no meu apartamento alguns minutos antes do meio-dia, armado, para qualquer eventualidade. Encontrou a porta escancarada, com o homem da KGB do lado de dentro, de arma em punho, segurando Laura como refém. "Victor" apontou então sua pistola para Toby e disparou. Depois, virou-se e atirou em Laura. Toby revidou o fogo, tentou mas não conseguiu matá-lo, vencido pela dor.

Ao que tudo indicava, o que acontecera tinha sido uma retaliação soviética dirigida diretamente contra mim. Mas por quê? Por ter desmantelado a rede de espionagem da fábrica de turbinas? Ou teria sido devido a um dos muitos incidentes na Alemanha Oriental em que tinha ferido, e, em alguns casos, matado agentes alemães e soviéticos? Eu tinha sido marcado por "Victor", e deveria morrer num tiroteio. Mas, ao invés, Laura tinha sido morta - Laura que não devia estar ali - e eu, detido por um capricho da sorte, tinha sido poupado. Eu tinha aprontado uma enorme cagada, e estava vivo, enquanto Toby estava condenado a uma cadeira de rodas para o resto de sua vida, e Laura, morta.

Quanto ao homem de cabelos escuros e camisa xadrez que eu vira saindo do edifício, quem mais poderia ser senão "Victor", sem sua peruca loura?

Muito tempo depois, cheguei à conclusão de que embora não tivesse tido propriamente culpa, minha atuação tinha sido lamentável - procedimento incontestavelmente superficial, conquanto Toby me tivesse autorizado - e de certo modo sentia-me diretamente responsável pela morte de minha mulher e a paralisia de Toby.

Minha carreira não estava necessariamente encerrada; podia recorrer a outra junta administrativa. Com o tempo, poderia superar funcionalmente o incidente.

Mas não podia suportá-lo. No íntimo, sabia que só tinha faltado eu mesmo ter apertado o gatilho. O inquérito arrastou-se por algum tempo. Todos que tinham estado até mesmo marginalmente envolvidos, de secretárias e auxiliares do setor de código a Ed Moore, chefe da Divisão de Operações do Diretório Europeu, foram exaustivamente interrogados, submetidos a testes poligráficos. O inquérito abateu-se sobre minha vida num momento em que eu não dispunha mais de reservas íntimas a que recorrer.

Minha mulher e meu futuro filho tinham sido mortos. Minha vida não tinha mais sentido.

Passaram-se semanas. Eu estava no purgatório. Hospedaram-me num hotel a poucos quilômetros de Langley. Ia de carro todas as manhãs para o "trabalho": ficava trancafiado numa sala branca de conferências sem janelas no segundo andar, onde o interrogador (havia sempre um novo) sorria cordialmente, me daria um firme aperto de mão burocrático, e me ofereceria uma xícara de café.

Apanhava então a transcrição da sessão da véspera. Aparentemente éramos dois sujeitos tentando

descobrir o que tinha dado errado em Paris.

Na realidade, o interrogador estava tentando de todas as maneiras me derrubar à menor inconsistência do meu depoimento, detectar a menor quebra de minha compostura, a mais insignificante contradição, cansar-me, dobrar-me.

Depois de sete semanas desse suplício - os custos operacionais deviam ser exorbitantes o inquérito foi encerrado. Não chegaram a nenhuma conclusão.

Fui convocado ao escritório de Harrison Sinclair. Ele ainda era o terceiro homem na Agência, diretor-adjunto de Operações. Embora tivéssemos nos falado apenas poucas vezes, ele agiu como se fôssemos velhos amigos. Não estou dizendo que ele não fosse sincero; mas provavelmente estava fazendo o melhor que podia para me deixar à vontade. Hal era um homem genuinamente afetuoso. Pôs a mão no meu ombro e me conduziu a uma poltrona de couro, sentando-se ao meu lado. Debruçou-se sobre mim numa atitude confidencial, como se fosse me dar instruções sobre alguma operação secreta, e depois me contou uma piada de um velho e uma velha num retiro de idosos em Miami que estavam num elevador. Só me lembro do final: "Então, você é solteira?"

Embora sentisse que minhas entranhas tivessem ficado em carne viva naquelas semanas infernais, surpreendi-me rindo, senti a tensão diminuir, ainda que momentaneamente. Falamos um pouco sobre Molly. Ela estava morando em Boston, depois de ter passado dois anos no Peace Corps na Nigéria. Tinha rompido com o namorado da universidade - o estafermo, como ele o chamava.

Ela queria que eu lhe telefonasse quando me sentisse disposto a voltar a conviver com as pessoas, Sinclair acrescentou. Disse-lhe que o faria.

Ele me falou que Ed Moore, chefe da Divisão de Operações européia, decidira que eu devia deixar a CIA, que a minha carreira sempre seria toldada por perguntas, Que embora eu fosse sem dúvida inocente, sempre haveria suspeitas. A melhor coisa que eu tinha a fazer era ir embora. Moore, ele me disse, tinha sido taxativo.

Eu não ia discutir. Tudo o que queria era me enfurnar em algum lugar e dormir durante dias e depois acordar, constatando que tudo não passara de um pesadelo.

- Ed acha que você devia ir para uma faculdade de direito - disse Hal.

Ouvi passivamente. Qual o interesse que eu tinha por direito? A resposta, descobri mais tarde, não era muito, mas que diferença fazia? É possível fazer bem uma coisa pela qual você não tem maior entusiasmo.

Quis falar com Hal sobre o que tinha acontecido, mas ele não mostrou interesse. Estava com o dia cheio; achava melhor manter-se neutro; não queria mexer no passado.

Você será um grande advogado, ele me disse.

Contou uma piada picante muito engraçada sobre advogados.

Demos uma boa gargalhada. Naquele dia, deixei o quartel-general da CIA - pelo que julguei ser a última vez.

Mas seria atormentado pelo pesadelo de Paris para o resto de minha vida.

9

A casa de campo de Alex Truslow no sul de New Hampshire ficava a menos de uma hora de carro de Boston. Molly, milagrosamente, conseguiu uma folga no hospital e juntou-se a mim. Creio que queria certificar-se de que Truslow era um cara legal, que eu não estava cometendo um erro colossal ao concordar em trabalhar para a Corporação.

A casa, uma bela propriedade antiga, no alto de uma encosta dando para um lago, era muito maior do que esperávamos. De ripas de madeira pintadas de branco e venezianas pretas, era ao mesmo tempo confortável e elegante. Parecia ter começado como uma humilde casa de fazenda de dois cômodos cem anos atrás, e ter sido gradativa e persistentemente ampliada até se estender, ao sabor das necessidades de seus moradores, ao longo do cume sinuoso. Aqui e ali a pintura estava descascando.

Truslow estava do lado de fora, tomando conta do fogo quando chegamos. Estava vestido à vontade: camisa xadrez de lã, calças verde-musgo, folgadas, de cotelê de textura larga, meias brancas e sapatos de sola grossa. Beijou Molly no rosto, bateu nas minhas costas, e foi logo nos empurrando vodca e martínis. Pela primeira vez, me dei conta, conscientemente, do que me intrigava em Alexander Truslow. De maneira marcante - o ar grave, a obstinada honestidade - ele lembrava meu pai, que morrera de enfarte quando eu tinha dezessete anos, no verão antes de eu ir para a universidade.

A mulher dele, Margaret, uma senhora esbelta de cabelos escuros, beirando os sessenta, saiu da casa, enxugando as mãos num avental vermelho, a porta de tela batendo nas suas costas.

- Sinto muito sobre seu pai - disse ela a Molly. - Sentimos muito a falta dele. Muitas pessoas também sentem.

Molly sorriu e agradeceu.

- Este lugar é maravilhoso - disse ela.
- Oh - Margaret Truslow disse, aproximando-se do marido e acariciando-lhe o rosto com as costas da mão. - Pois fique sabendo que detesto isto aqui. Desde que se aposentou da CIA, Alex me tem feito passar praticamente todos os fins de semana e os verões aqui. Agüento porque não tenho outra escolha. - A expressão de seu rosto, a um tempo carinhosa e entediada, era a de uma criança rebelde mas muito amada.
- Margaret prefere Louisburg Square - disse Truslow. Louisburg Square era um pequeno e exclusivo enclave no alto de Beacon Hill, onde o casal possuía uma casa. - Vocês moram na cidade, não é?
- Em Back Bay - disse Molly. - Devem ter visto os avisos de "Homens Trabalhando" e os montes de entulho. E aí que moramos.

Truslow deu uma risadinha.

- Reforma, imagino.

Antes que pudéssemos responder, duas crianças pequenas saíram correndo da casa, uma garotinha de uns três anos, gritando, perseguida por um garoto um pouco mais velho.

- Elias! - a Sra. Truslow chamou.
- Pare com isso - disse Alex, erguendo a menina nos braços. - Elias, não atormente sua irmã Zoe, quero que vocês venham conhecer Ben e Molly.

A menininha olhou para nós cautelosamente com o rosto lambuzado de lágrimas, e em seguida escondeu o rosto no peito de Truslow.

- Ela é muito acanhada - explicou Truslow. - Elias, aperte as mãos de Ben Ellison e Molly Sinclair. - O garoto gorducho de cabelos louros estendeu a mãozinha rechonchuda para cada um de nós, antes de sair em disparada.
- Minha filha... - Margaret começou a dizer.
- Minha filha esgotada - Truslow apartou secamente - e seu marido *work-a-holic* foram a um concerto sinfônico. E por isso seus pobres filhinhos tiveram de vir jantar com os chatos dos avós. Não é

verdade, Zoe? - Ele fez cócegas na menina com uma das mãos enquanto a segurava no colo com a outra. Ela riu miudinho, quase relutantemente, e voltou a choramingar.

- Nossa pequena Zoe parece estar com dor de ouvido - disse Margaret. - Tem chorado desde que chegou aqui.
- Deixe-me dar uma olhada nisso - disse Molly. - Você terá por acaso um pouco de amoxicilina?
- Amoxi-o quê? - perguntou Margaret.
- Deixa pra lá. Devo ter um vidro no carro.
- Isso é o que se chama consulta a domicílio! - exclamou Margaret Truslow.
- Ainda por cima, de graça - disse Molly.

O jantar não podia ter sido mais americano - galinha grelhada, batatas cozidas e uma salada. A galinha estava deliciosa; Truslow deu- nos a receita orgulhosamente.

- Vocês sabem o que dizem? - perguntou ele enquanto nos debruçávamos sobre nossas taças de sorvete. - Quando os filhos mais novos aprendem a manter a casa arrumada, os netos mais velhos entram em campo e estraçalham tudo. Certo, Elias?
- Errado - respondeu Elias.
- Vocês têm filhos? - perguntou Margaret Truslow.
- Ainda não - disse.
- Acho que as crianças não deviam ser vistas nem ouvidas - disse Molly. - Nunca.

Margaret pareceu momentaneamente escandalizada, mas logo percebeu que Molly estava brincando. - Olhe só quem diz isso... uma pediatra! - disse a mulher de Alex em tom de fingida reprimenda.

- Ter filhos foi a melhor coisa que fiz - disse Truslow.
- Não há um livro - disse Margaret - que se chama Grand- children Are So Much Fun, I Should Have Had Them First?

Os Truslow sorriram.

- Há muito de verdade nisso - disse Alex.
- Vocês vão ter de abrir mão disso tudo se voltarem para Washington - disse Molly.
- Eu sei. Não pense que não tenho levado isso em conta.
- Você ainda nem foi convidado, Alex - disse sua mulher.
- Tem toda razão - completou Truslow. - E para ser franco, substituir seu pai é uma perspectiva atemorizante.

Molly acenou a cabeça.

- Poucas coisas são mais difíceis de se enfrentar do que a chatice de um bom exemplo - eu aparteei.
- E agora - Truslow anunciou - espero que as encantadoras senhoras não se importem se Ben e eu nos retirarmos para algum canto a fim de falarmos de trabalho.
- Tudo bem - disse sua mulher asperamente. - A Molly poderá me ajudar a botar as crianças na cama. Se ela ainda tiver paciência para aturar crianças, bem entendido.

- Há algumas semanas - disse Truslow - a Agência capturou um assassino em potencial. Um romeno. Da Securitatet. - Sentamo-nos numa pequena sala de piso de pedra que ele parecia usar como seu estúdio, em tomo de uma grande mesa. Os móveis do aposento eram velhos e gastos; a única nota discordante era um moderno equipamento preto de telefone e misturador que se achava em cima da mesa.

- Ele foi interrogado. Foi durão.

Não sabia aonde ele queria chegar, por isso esperei em silêncio, tenso.

- Depois de diversas sessões de interrogatório, ele finalmente cedeu à pressão. Mas mesmo assim sabia muito pouco. Um trabalho realmente profissional de compartimentação. Ele disse que tinha algo a nos oferecer. Algo sobre o assassinato de Harrison Sinclair...

-E?

- E antes que pudesse dar o serviço, ele morreu.
- Um dos superzelosos interrogadores da Agência, suponho.
- Não. Eles conseguiram se infiltrar no sistema, chegar a ele, e resgatá-lo. A capacidade de penetração deles é impressionante.
- E quem são *eles*?
- Uma pessoa ou diversas pessoas - disse ele lenta, ominosamente - *dentro* da própria CIA.
- Você tem nomes?
- Esta é a questão. Eles estão muito bem acobertados. Não têm cara. Ben, esse grupo que age nos bastidores de Langley é um grupo de que se fala há muito tempo. Você já ouviu falar dos Wise Men?
- Ontem você mencionou um conselho de veteranos. Mas quem são eles? Estão atrás de quê?
- Não sabemos. Estão bem protegidos, por trás de uma série de fachadas.
- E você está me dizendo que esses... "Sábios"... estão por trás da morte de Hal?
- É uma especulação - respondeu. - É possível que Hal fosse *um* deles.

Senti-me ligeiramente estonteado. Hal, ao que parecia, tinha sido morto por alguém treinado pelo serviço secreto da Alemanha Oriental, o Stasi. Agora Truslow estava falando de um romeno. Como é que as peças se encaixam? O que ele estava insinuando?

- Mas você deve saber alguma coisa sobre a identidade deles - aventei.
- Sabemos apenas que eles conseguiram desviar dezenas de milhões de dólares de diversas contas da Agência. Tudo feito de maneira altamente sofisticada. E parece que Harrison Sinclair embolsou 12,5 milhões do bolo.
- Mas você não acredita seriamente nisso. Você sabe como Hal vivia modestamente.
- Ouça, Ben. Eu tampouco quero acreditar que Hal Sinclair tenha desviado um centavo sequer.
- Você não *quer* acreditar? Que diabo está dizendo?

Em vez de responder, Truslow me entregou um envelope pardo. A etiqueta ostentava uma designação de arquivo da Agência: Gama Um, o nível mais alto de classificação com que já me deparara.

Dentro do envelope, uma série de fotocópias de cheques, *printouts* de computador, fotografias pouco nítidas. Numa das fotos, um homem de chapéu-panamá estava postado num canto do que parecia ser um ambiente espaçoso, um grande vestíbulo ou saguão.

Era, sem sombra de dúvida, Hal Sinclair.

- O que isso significa? - perguntei, embora já soubesse.
- É o Hal num banco na Grande Caimã, evidentemente aguardando ser atendido pelo gerente do banco. As outras fotos mostram Hal em diferentes bancos em Liechtenstein, Belize e Anguila.
- Isso não prova nada...
- Ben, preste atenção. Fui um dos amigos mais íntimos de Hal. Isso tudo também me deixa perplexo. Mas a verdade é que muitas vezes Hal sumia durante dias seguidos, alegando doença, ou curtos

períodos de férias. E não era localizado em parte alguma. Evidentemente, era nessas ocasiões que ele fazia os depósitos. Existem registros de viagens que ele fez usando diversos passaportes falsos.

- Isso tudo é um *absurdo*, Alex!

Ele suspirou, obviamente angustiado.

- Aqui está a assinatura dele nos documentos de registros de uma *Anstalt*, uma companhia de "caixa postal" de responsabilidade limitada sediada em Liechtenstein. A verdadeira identidade do proprietário, como você verá, Harrison Sinclair. E temos cópias de transferências bancárias interceptadas para fundos de investimentos na Bermuda. Liberianos, naturalmente. Registros de telefonemas, telex e autorizações de transferências. Inacreditável, Ben. Um monte de papéis comprometedores, indícios mais do que evidentes, e, creia, isso me parte o coração. Mas eles estão todos lá, implacáveis.

Não sabia como interpretar tudo aquilo, sabia dizer apenas que as provas eram realmente incriminadoras. Contudo, por mais grave que fosse o quadro, não fazia sentido. Meu falecido sogro um este- lionatário, um escroque? Era preciso conhecê-lo de perto como eu conhecia para compreender que a hipótese era simplesmente ridícula. Sempre restava, porém, uma ponta de suspeita, de dúvida. A verdade é que nunca chegamos a conhecer totalmente uma pessoa.

- A chave é o encontro de Sinclair com Orlov em Zurique - continuou ele. - Pense bem. O que é que *Zurique* lhe traz à mente?
- Gnomos.

- Hum?

- Os gnomos de Zurique. - A frase, quer me parecer, foi cunhada por um jornalista inglês no início dos anos 60, referindo-se aos banqueiros suíços, sempre tão prestimosos e discretos com os mafiosos e os "barões" da droga.
- Ah. Precisamente. Está na cara que ele e Orlov, ao se encontrarem em Zurique, estavam em altas transações. E evidente que não foi um encontro meramente social - acrescentou pensativamente. - O chefe da CIA e o último chefe da extinta KGB.
- Circunstancial - disse eu.
- Talvez. E Deus queira que haja uma explicação para tudo isso. Portanto, você compreenderá, espero, por que quero limpar o nome dele. A Agência me contratou para descobrir o paradeiro de uma enorme quantia em dinheiro, uma fortuna que torna os 12,5 milhões de que Hal supostamente se apropriou, fraudulentamente, desprezíveis. Preciso de sua ajuda. Podemos matar dois coelhos de uma só cajadada: podemos descobrir onde está o dinheiro e ao mesmo tempo estabelecer a inocência de Hal. Posso contar com você?
- Sim. Sim, pode.
- É uma missão de segurança máxima, que requer o mais alto grau de confiabilidade, Ben, você compreende isso. Terá de passar pela parafernália habitual, o polígrafo, o *vetting* e por aí fora. Antes de você ir embora hoje à noite, vou lhe dar um dispositivo para você adaptar no telefone do seu escritório, compatível com o misturador instalado no meu telefone pessoal do escritório. Mas tenho que preveni-lo com toda franqueza: haverá muita gente que tentará obstruir o seu trabalho.
- Compreendo - disse. A verdade era que não compreendia, ou não compreendia completamente, e por certo não fiz idéia do que ele tinha precisamente na cabeça até a manhã seguinte.

Recordo-me dos acontecimentos da manhã com uma sinistra clareza.

Os escritórios da Truslow Associates, Inc. ocupavam os quatro andares de uma *town house* de tijolos, estreita, na Beacon Street (a pouca distância, notei, de onde Truslow morava em Louisburg Square). Uma placa de latão na trabalhada porta de entrada anunciava: TRUSLOW ASSOCIATES, INC., sem nenhuma explicação; se você tinha de perguntar, supostamente não tinha de saber.

O escritório não era agradavelmente sofisticado. Você tinha de locar uma campainha para entrar numa pequena antecâmara, onde uma recepcionista bem-arrumada, depois de checá-lo, introduzia-o numa sala de espera tranqüila, elegantemente decorada com móveis caros. Esperei cerca de dez minutos, afundado numa confortável poltrona de couro preto, folheando a *Vanity Fair*. Além desta, a seleção de revistas incluía a *Arte and Antiques* e a *Country Life*: nada de publicações de *negócios*, pelo amor de Deus. Nada de exemplares desagradáveis à vista da *Barron's* em ambiente tão requintado.

Exatamente dez minutos da hora marcada, a secretária de Truslow emergiu de alguma outra ocupação mais importante que a tivesse detido (tomando café, imaginei) e me conduziu por uma escada de degraus rangentes e acarpetados ao escritório de Truslow. Era uma assistente administrativa clássica - trinta e poucos anos, bonita e eficiente, exibindo com elegância um costume Chanel e um colar de ouro da mesma grife. Apresentou-se como Donna e perguntou se eu queria água mineral Evian, café, ou suco de laranja feito na hora. Aceitei uma xícara de café.

Alexander Truslow levantou-se de trás de sua escrivaninha quando entrei na sala. A luz do seu escritório era tão intensa que lamentei não ter trazido óculos escuros. Ela jorrava das janelas altas e saltava das paredes antigas pintadas de branco.

Sentado numa cadeira de couro ao lado da mesa de Truslow estava um homem de ombros arredondados, cabelos escuros, grandalhão, aparentando pouco mais de cinquenta anos.

- Ben - disse Truslow -, gostaria que você conhecesse Charles Rossi.

Rossi levantou-se, quase quebrando minha mão ao apertá-la, e disse:

- Prazer em conhecê-lo, Sr. Ellison.
- Da mesma forma - disse, embora tivesse minhas dúvidas se de fato seria. Sentamo-nos, e acrescentei:
- Chame-me de Ben, por favor.

Rossi acenou a cabeça e sorriu.

A secretária colocou uma caneca de cerâmica italiana com café fresco na minha frente. Tirei da pasta um bloco de notas de papel amarelo e minha caneta esferográfica Mont Blanc.

Depois de ela ter se retirado, ele digitou qualquer coisa no teclado Amtel à sua frente, um dispositivo que lhe permitia e à sua secretária se comunicarem silenciosamente durante reuniões ou ligações telefônicas.

- O assunto que vamos discutir com você tem de permanecer estritamente confidencial.

Sacudi a cabeça em sinal de assentimento, e tomei um gole de café. Uma deliciosa mistura de grãos torrados de diversas procedências; realmente excepcional.

- Charles, se você nos desculpar - disse Truslow. - Rossi levantou-se e retirou-se da sala, fechando a porta.

- O Rossi é o nosso elemento de ligação com a CIA - Truslow explicou. - Ele veio de Langley especialmente para trabalhar conosco neste caso.
- Não sei se estou entendendo bem.
- Recebi um telefonema do Rossi ontem à noite. Tendo em vista a extrema delicadeza do projeto para o qual fomos contratados, a Agência, compreensivelmente, está preocupada com o aspecto da segurança. Ela insistiu em aplicar seus próprios métodos de avaliação de comportamento.

Acenei a cabeça.

- Também me parece um tanto exorbitante - prosseguiu Truslow. - Você já foi mais do que testado e esquadrinhado, já passou por toda essa tolice. Mas antes de você ser definitivamente sacramentado, o Rossi gostaria de submetê-lo a certos procedimentos preliminares. Somos obrigados, por contrato com a Central Intelligence Agency, a submeter todos os funcionários de fora a uma rigorosa investigação.
- Compreendo.

Ele estava se referindo ao polígrafo, o detector de mentiras, ao qual todos os funcionários da Agência eram submetidos algumas vezes, no decurso de suas carreiras - ao entrarem no serviço e periodicamente daí em diante. Eventualmente, depois de operações vitais ou em casos extraordinários.

- Ben - continuou Truslow -, como peça central de nossa investigação, queremos que você saia no encalço de Vladimir Orlov, e descubra tudo o que puder sobre o que aconteceu no encontro que ele teve com o seu sogro. Orlov podia estar fazendo jogo duplo com Hal Sinclair, e quero tirar isso a limpo.
- Sair no encalço de Orlov? - repeti.
- Isso é tudo o que lhe posso dizer até que você tenha sido aprovado. Depois de ter sido escrutinado, poderemos voltar a falar. - Ele apertou um botão na sua mesa e Rossi retomou.

Truslow contornou sua pesada escrivaninha e bateu no ombro de Rossi.

- Entrego-lhe aos cuidados de Charlie neste ponto - disse ele, apertando minha mão. - Seja bem-vindo, amigo.

Pude ver Truslow voltar-se novamente para o seu Amtel e apertar uma tecla do seu telefone. Quando ele deixou seu escritório, vi-o num último relance - uma figura sombria, sorumbática, irradiando intensa energia, silhuetada contra o brilhante sol da manhã.

Ao volante de um sedan azul-escuro oficial, Charles Rossi conduziu-me à outra margem do rio, a um edifício ultra-moderno nas imediações de Kendall Square, em Cambridge, perto do Massachusetts Institute of Technology, da Raytheon, da Genzyme e de todas as outras poderosas corporações de alta tecnologia.

Deixando o elevador no quinto andar, entramos numa área de recepção de aparência muito funcional, toda de metal cromado, aço, piso revestido de carpete cinza-industrial e madeiras claras. Na parede à nossa frente lia-se numa placa LABORATÓRIO DE PESQUISAS DE DESENVOLVIMENTO: SOMENTE VISITANTES AUTORIZADOS.

Percebi de imediato que se tratava de território da CIA. Tudo - o nome não-revelador, a anonimidade, o silêncio atemorizante - denunciava a Agência. Sabia que ela mantinha laboratórios e instalações para testes nos subúrbios de Washington, e num edifício na Water Street na cidade de Nova York; mas não tinha conhecimento da existência daquela área de operações em Cambridge, nos domínios do MIT, porém, pensando bem, tinha tudo a ver.

Falando muito pouco, Rossi me escoltou, e passamos por um conjunto de portas de metal, que ele abriu inserindo um cartão magnético numa ranhura vertical. As portas abriram-se, descortinando um enorme salão onde se viam filas e mais filas de terminais de computadores, à frente da maioria dos quais havia pessoas digitando-os.

- Nada de muito especial para se ver, não é mesmo? - Rossi observou quando paramos na entrada do salão. - Um negócio um bocado enfadonho pro meu gosto.
- Você precisava ver a nossa firma - respondi.

Ele riu polidamente.

- Há uma série de projetos em andamento aqui. Micro-dispositivos, criptografia automatizada, máquina virtual, coisas desse tipo. Você está familiarizado com elas?
- Não intimamente - admiti.
- Veja a criptografia automatizada, por exemplo. É financiada pela DARPA - Defense Advanced Research Projects Administration (Administração de pesquisas avançadas de projetos de defesa), um setor do Departamento de Defesa.

Acenei a cabeça enquanto ele me conduzia para um terminal, uma estação de trabalho SPARC-2, onde um jovem agitado, de barba, parecia trabalhar furiosamente.

- Já este terminal é fabricado pela Sun Microsystems, e está "falando" com um supercomputador, um CM-3 da Thinking Machines Corporation.
- Compreendo.
- Pois bem, o Keith aqui está desenvolvendo algoritmos criptográficos para textos comuns, o que quer dizer códigos que são, pelo menos teoricamente, indecifráveis. Em inglês corrente, que nos permitirá traduzir, codificar informações altamente sigilosas numa forma que parecerá um documento em inglês de aparência inócua - não um amontoado de frases desconexas, mas uma prosa fazendo sentido. Depois, por meio de reconhecimento de fala, nossos computadores poderão decifrá-lo, códigos de alçapão, quero dizer, códigos maceteados, esse tipo de coisa.

Não entendi a metade do que ele disse, mas acenei a cabeça assim mesmo. Rossi, entretanto, demonstrou ser muito observador.

- Estou falando enigmaticamente - ele se desculpou. - Deixe-me explicar de maneira mais simples e concisa. Um agente no campo poderá codificar um documento classificado no *script* de um programa noticioso comum transmitido pela Voz da América. Para quem estiver ouvindo não parecerá nada de extraordinário, mas o computador certo saberá decifrá-lo.
- Bacana.
- Bem, a verdade é que estamos trabalhando num monte de coisas. Micro-dispositivos, por exemplo, estão sendo projetados aqui, e mandamos fabricá-los fora.
- E para que eles são usados?

Ele sacudiu a cabeça, como se estivesse indeciso, e depois disse:

- São dispositivos diminutos feitos de silício e xênon, com poucos angströms de largura, que podem, digamos, ser introduzidos imperceptivelmente num computador, e servirem como um dispositivo de transmissão. Há outros usos muito mais interessantes, mas não posso entrar em maiores detalhes. Portanto, se me permitir...

Retornamos ao corredor branco e penetramos noutra área de segurança, a que Rossi teve acesso inserindo um cartão magnético diferente na ranhura vertical. Virando-se para mim, ele observou simplesmente:

- Segurança.

Agora estávamos num corredor inteiramente branco, sem janelas. Uma placa diretamente na nossa frente dizia SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO.

Rossi me levou por um corredor, através de outra seqüência de portas, a uma câmara de concreto de aspecto peculiar. No centro da câmara havia uma câmara menor, cercada por uma parede de vidro, medindo talvez quatro metros e meio de altura por três de largura. Parecia uma grande rosca frita quadrada. Do lado de fora da parede de vidro alinhava-se uma bateria de monitores de computadores.

- Um processador de imagens de ressonância magnética - disse.
- Muito bem. O MRI que você geralmente vê em certos hospitais pode variar de 0,5 a 1,5 tesla; tesla é uma medida de potência do magneto que ele incorpora. Excepcionalmente, você poderá encontrar um de dois teslas numa aplicação altamente especializada. Este aqui é de quatro.
- Espantosamente potente.
- Mas absolutamente seguro. E um pouco modificado. Eu dirigi a modificação. - Os olhos de Rossi vagaram pela estrutura de concreto, totalmente absortos.
- Seguro para quê?
- Você está olhando para um substituto do velho polígrafo. Um MRI modificado será usado brevemente pela Agência para interrogar elementos de serviços de inteligência, agentes, e assim por diante, para obter "impressões digitais" mentais confiáveis.
- Poderia explicar isso?
- Tenho certeza de que você não ignora os inconvenientes do velho sistema de polígrafo.

Eu os conhecia, mas fiquei ouvindo enquanto ele explicava.

- A antiga técnica do polígrafo recorre a braçadeiras que medem a pressão sanguínea e a eletrodos que registram reações galvânicas da pele, como suor, mudanças de temperatura etc. Além de rudimentar, é apenas, o quê?, sessenta por cento confiável. Se tanto.
- Prossiga - disse, com uma ponta de impaciência.

E Rossi continuou calmamente.

- Os soviéticos nem usam mais a coisa, como você deve saber. Eles chegaram a promover seminários para ensinar como burlar o esquema. Pelo amor de Deus, você se lembra quando vinte e sete agentes duplos da DGI cubana agindo contra nós passaram pela peneira da CIA?
- Claro. Fazia parte do folclore da CIA.
- Como você sabe, aquela coisa só registra reações emocionais. As quais variam enormemente de acordo com o temperamento de cada um. E, no entanto, os testes de autenticidade e fidelidade constituem a pedra angular da grande maioria de nossas operações da inteligência. Toda sua segurança operacional depende disso, estabelecendo a legitimidade e a confiabilidade do produto, e até selecionando candidatos e recrutas.
- E é fácil de ludibriar - acrescentei.
- Desconcertantemente fácil - concordou Rossi. - Não somente sociopatas ou pessoas que não acusam a gama normal de emoções humanas: culpa e ansiedade, dores de consciência. Mas qualquer profissional tarimbado é capaz de enganar a máquina, usando os mais diferentes tipos de drogas. Até

mesmo fazendo uma coisa simples como se auto-infligir uma dor física durante o teste pode distorcer os resultados. Basta pisar na ponta de uma tacha.

- É isso mesmo - instiguei-o.
- Portanto, com sua permissão, gostaria de começar, para poder devolvê-lo ao sr. Truslow com a devida presteza.

11

- Meia hora - disse-me Rossi - e você deverá estar liberado. E poderá seguir o seu caminho. Estávamos na câmara externa do MRI, examinando reconstruções computadorizadas em 3-D do cérebro humano. Na tela à minha frente, a imagem de um cérebro em tamanho natural descreveu um círculo e se desintegrou, seção por seção, como uma toranja rosada.

Uma das assistentes de laboratório de Rossi, uma ex-aluna do MIT de cabelos escuros de nome Ann, manipulava as diferentes imagens no monitor. O córtex cerebral, ela me explicou, numa vozinha de menina, constitui-se de seis camadas.

- Descobrimos que há diferença discernível entre a aparência do córtex de uma pessoa que está dizendo a verdade e de outra que está mentindo - disse ela, acrescentando confidencialmente: - Naturalmente, ainda não tenho idéia se isso se origina nos neurônios ou nas células neurônicas, mas estamos trabalhando nisso.

Ela produziu uma imagem computadorizada do cérebro de um mentiroso, que parecia ter uma tonalidade ligeiramente diferente do cérebro de um não-mentiroso.

- Se quiser tirar o paletó - disse Rossi -, você vai se sentir mais confortável.

Tirei o paletó e a gravata e coloquei-os no espaldar de uma cadeira. Enquanto isso, Ann dirigiu-se à câmara interna e começou a ajustar a máquina.

- Agora, tire tudo o que tiver que seja de metal - ele prosseguiu.
- Chaves, fivelas de cinto, suspensórios, moedas. Seu relógio também. Como se trata de um grande e potente magneto (ímã), tudo o que for de aço ou de ferro voará dos seus bolsos. O magneto pode parar seu relógio, ou deixá-lo bastante avariado. - Ele deu uma risadinha bem-humorada. - Sua carteira também.
- Minha carteira?
- A máquina pode desmagnetizar cartões de bancos, de crédito e similares. Espero que você não tenha chapa de aço na cabeça ou coisa parecida, certo?
- Não se preocupe. - Terminei de esvaziar meus bolsos e coloquei o que havia dentro deles numa mesa.
- Muito bem - disse ele, conduzindo-me para a câmara interna.
- Isso pode provocar uma certa sensação de claustrofobia. Você é sujeito a essas coisas?
- Não, especialmente.
- Excelente. Também há um espelho lá dentro para que você possa se olhar, mas muitas pessoas não gostam de se ver deitadas rigidamente na máquina. Creio que isso sugere a elas a maneira como parecerão nos seus caixões de defunto. - Ele deu outra risadinha marota.

Deitei-me na plataforma branca, e Ann me afivelou. As correias em torno de minha cabeça ajustaram-se perfeitamente e eram acolchoadas com espuma de borracha. Contudo, todo o aparato era vagamente desconfortável.

Ela empurrou vagarosamente a plataforma para o centro da máquina. Dentro da "rosca" havia, como tinham dito, um espelho, que me permitia ver minha cabeça e meu tronco.

De algum canto da sala chegou-me a voz de Ann:

- ... para ligar o magneto.

Depois, através de um alto-falante instalado no interior da máquina, ouvi a voz de Rossi.

- Tudo bem aí dentro?
- Estou bem, mas quanto tempo esse teste vai demorar?
- Seis horas - respondeu a voz. - Estou brincando. Dez, quinze minutos.
- É de morrer de rir.
- Tudo pronto?
- Vamos começar logo com isso - disse.
- Você vai ouvir um barulho surdo - disse Rossi -, mas poderá continuar ouvindo minha voz. Ok?
- Ok - respondi impacientemente.

A proteção da cabeça impedia-me de mexê-la, causando uma sensação desagradável.

- Vamos nessa? - de repente, começou um barulho semelhante ao de um bate-estacas: pancadas surdas, compassadas, a intervalos de menos de um segundo.
- Ben, vou lhe fazer uma série de perguntas - ecoou a voz metálica de Rossi. - Responda sim ou não.
- Essa não é a primeira prensa a que sou submetido.
- Compreendo. O seu nome é Benjamin Ellison?
- Sim - respondi.
- Seu nome é John Doe?
- Não.
- Você é médico.

- Não.

- Já teve algum caso extraconjugal?
- Que tipo de pergunta é essa? - disse, zangado.
- Por favor, limite-se a responder. Sim ou não.

Hesitei. Assim como Jimmy Carter, já senti luxúria no meu coração.

- Não.

- Esteve a serviço da Central Intelligence Agency?
- Sim.
- Mora em Boston?

- Sim.

Ouvi uma voz feminina vindo da sala, a voz de Ann, e depois uma voz masculina muito próxima. E logo a pergunta de Rossi num volume amplificado:

- Foi agente da inteligência soviética?

Salivei de incredulidade.

- Sim ou não, Ben. Você entende que essas perguntas se destinam a testar os parâmetros dos seus níveis de ansiedade? Você foi agente da inteligência soviética?

-Não.

- É casado com Martha Sinclair?

- Sim.

- Está agüentando bem aí dentro, companheiro?
- Estou bem. Continue.
- Você nasceu na cidade de Nova York?

- Não.

- Nasceu na Filadélfia?

- Sim.

- Tem trinta e oito anos?

- Não.

- Tem trinta e nove anos?

- Sim.

- Seu nome é Benjamin Ellison?

- Sim.

- Agora, Ben, quero que você minta ao responder as duas próximas perguntas. Sua especialidade jurídica é direito imobiliário?

- Sim.

- Você já se masturbou?

- Não.

- Agora a verdade. Quando trabalhou para a inteligência americana, trabalhou simultaneamente para o serviço de inteligência de qualquer outra nação?

- Não.

- Desde o término do seu vínculo empregatício com a Central Intelligence Agency, manteve contato em qualquer momento com algum elemento de inteligência anteriormente associado ao que foi conhecido como União Soviética ou nações do Bloco Soviético?
- Não.

Houve uma longa pausa, e depois a voz de Rossi fez-se ouvir.

- Obrigado, Ben. Isto é suficiente.

- Então me tire daqui.
- Ann vai cuidar disso num minuto. - O barulho de bate-estacas parou tão subitamente quanto havia começado, e o silêncio foi um alívio enorme. Meus ouvidos estavam entorpecidos. Ouvi vozes novamente, distantes: os técnicos de laboratório, certamente.
- Tudo em cima, sr. Ellison - disse Ann enquanto puxava a plataforma de volta. - *Deus queira que ele esteja bem.*
- Perdão? - eu disse.
- Eu disse, tudo em cima. - Ela se debruçou e soltou a proteção da cabeça, e depois afrouxou as tiras de velcro nos meus tornozelos e nas minhas coxas.
- Estou bem - disse. - Exceto minha audição, que suponho que recuperarei de hoje para amanhã.

Ann me lançou um olhar penetrante, franziu o cenho, e disse:

- Vai se recuperar. - Ela me ajudou a descer da plataforma. - Não foi de todo mal - disse enquanto me punha de pé, acrescentando irritadamente: - *Não funcionou não funcionou.*
- O que foi que não funcionou?

Ela olhou para mim novamente admirada. Hesitou um instante e disse:

- Tudo correu bem. - Ela me acompanhou até a sala externa, onde Rossi, de mãos nos bolsos do paletó, me aguardava numa postura relaxada.
- Obrigado, Ben - disse ele. - Você está limpo. Nenhuma surpresa. As imagens obtidas por computador, na verdade, os instantâneos da atividade de suas ondas mentais, indicaram que você foi inteiramente honesto, exceto quando lhe pedi para mentir.

Rossi virou-se então para pegar umas fichas. Aproximei-me para apanhar minhas coisas e o ouvi murmurar algo a respeito de Truslow.

- O que foi que você disse sobre o Truslow? - perguntei.

Ele se voltou, sorrindo agradavelmente.

- Como assim?
- Você estava falando comigo? - perguntei.

Ele ficou olhando para mim friamente, sacudindo a cabeça, pelo menos por uns cinco segundos.

- Esqueça - eu disse, mas, naturalmente, o tinha ouvido, listávamos de pé a uma distância de menos de um metro um do outro; era simplesmente impossível que o tivesse ouvido mal. Alguma coisa sobre Truslow. Desconcertante. Talvez ele não tivesse se dado conta de que falara em voz alta.

Voltei minha atenção para as minhas coisas em cima da mesa ao nosso lado: o relógio, o cinto, as moedas etc., e Rossi disse novamente, tão nitidamente quanto da primeira vez:

- Será possível?

Olhei para ele e não disse nada.

- *Funcionou?* - a voz de Rossi fez-se ouvir outra vez, um tanto indistinta, um pouco distante, mas...

... e dessa vez tive certeza...

... sua boca não se mexera.

Ele não tinha proferido uma única palavra. A compreensão do que acontecera se cristalizou, e minhas

entranhas gelaram.

Parte II

O TALENTO

De acordo com três novos relatórios, o Pentágono gastou milhões de dólares em projetos secretos para investigar fenômenos extraordinários e verificar se a pura e simples força da mente humana pode ser manipulada para desempenhar vários atos de espionagem...

- *The New York Times*, 10 de janeiro de 1984

THE FINANCIAL TIMES

A Europa teme a volta do nazismo na Alemanha devastada

ELIZABETH WILSON EM BONN

Na corrida de três candidatos ao posto de Chanceler da Alemanha, Jurgen Krauss, líder do renascido Partido Nacional Socialista, parece estar levando vantagem sobre seus dois oponentes: o candidato moderado do Partido Cristão Democrático, Wilhelm Vogel, e o titular...

Seguindo-se ao *crash* do mercado de valores alemão e à subsequente depressão econômica, expande-se o temor, aqui e em toda a Europa, de um ressurgimento de uma modalidade de nazismo...

12

Olhamos um para o outro por um bom momento, Rossi e eu.

Nos longos meses que transcorreram desde aquele instante, jamais consegui explicar esse episódio satisfatoriamente a quem quer que fosse, muito menos a mim.

Ouvi a voz de Charles Rossi quase tão claramente, tão distintamente, quanto se ele tivesse falado comigo. Não como se ele tivesse falado em voz alta. O timbre era diferente da voz falada, da maneira como uma ligação interurbana soa imediatamente diferente de uma ligação clara, local. Um pouco menos distinta, um pouco mais distante, ligeiramente abafada, como uma voz ouvida através da parede de compensado de um quarto de motel barato.

Havia uma diferença inconfundível entre a voz falada de Rossi - de que outra maneira poderei chamá-la? - e sua voz "mental", sua voz *pensada*. A voz falada era mais nítida; a voz mental era mais macia, mais suave, mais redonda.

Podia ouvir os pensamentos de Rossi.

Minha cabeça começou a martelar, uma dorzinha latejante, renitente, localizada na têmpora direita. Em volta de tudo na sala - Rossi, sua extasiada assistente, o equipamento, os aventais emborrachados de laboratório pendurados em cabides ao lado da porta - havia uma aura tremeluzente. Minha pele começou a pinicar desa- gradavelmente, ora esquentando ora esfriando, e senti uma onda de náusea invadir meu estômago.

Livros e mais livros já foram escritos sobre percepção extra- sensorial e fenômenos psíquicos e parapsicológicos, a vasta maioria dos quais está repleta de absurdos e disparates - bem sei, provavelmente, terei lido quase todos -, mas nenhum teórico jamais especulou que seria assim.

Eu era capaz de *ouvir* os pensamentos dele.

Nem todos, graças a Deus, ou há muito teria ficado maluco. Apenas alguns, coisas que acudiam à sua mente com suficiente urgência, suficiente intensidade.

Ou pelo menos disso vim a me dar conta muito mais tarde.

Mas naquele momento, naquele momento de descoberta, ainda não tinha assimilado tudo isso da maneira como hoje vejo as coisas. Sabia apenas - *sabia* - que estava ouvindo alguma coisa que Rossi *não tinha falado em voz alta*, e isso me enchia de pavor.

Estava à beira de um precipício; tinha de lutar com todas as minhas forças para não perder inteiramente a razão.

Naquele momento estava convencido de que alguma coisa dentro de mim tinha estalado, algum fio de minha sanidade tinha se partido; que as forças magnéticas do MRI tinham feito comigo algo de terrível, tinham de certa forma precipitado um esgotamento nervoso, fazendo com que eu perdesse o controle da realidade.

Conseqüentemente, reagi da única maneira que pude: negação absoluta. Gostaria de poder passar por sagaz ou esperto, dizer que logo soube que devia guardar só para mim aquela insólita e tenebrosa manifestação, mas confesso que isso não foi a primeira coisa que me ocorreu. Instintivamente, achei melhor preservar alguma aparência de sanidade - não deixar que Rossi percebesse que eu estava ouvindo vozes.

Ele falou primeiro, tranqüilamente.

- Não disse nada sobre o Sr. Truslow. - Estava me testando, olhando-me nos olhos a uma distância

desconfortavelmente próxima.

Disse pausadamente:

- Pensei que tivesse, Charlie. Devo ter ouvido mal.

Voltando-me para a mesa do laboratório, recolhi minha carteira, minhas chaves, moedas e canetas, e comecei a enfiar tudo nos bolsos. Ao fazer isso, recuei devagar, com naturalidade, distanciando-me dele. A dor de cabeça aumentou, acompanhada de calafrios. Era uma enxaqueca e tanto.

- Não disse absolutamente nada - retrucou Rossi.

Sorri, sem graça, e acenei a cabeça. Queria me sentar em algum lugar, apertar qualquer coisa na minha testa para ver se com isso expelia a dor.

Ele me lançou outro longo e penetrante olhar, e...

... e eu *ouvi* um murmúrio:

- Será que ele tem?

Com forçada jovialidade, eu disse:

- Então, se por hoje é só...

Rossi me olhou de maneira suspeita. Piscou os olhos uma vez, duas, e disse:

- Daqui a pouco. Antes, precisamos nos sentar e conversar um pouco.
- Escute aqui - disse. - Estou com uma tremenda dor de cabeça. Uma enxaqueca, para ser exato.

Estava a pelo menos uns dois metros dele, vestindo meu paletó. Rossi ainda me olhou como se eu fosse uma jibóia armando o bote no meio do seu quarto de dormir. No silêncio, fazia força para ouvir outros sussurros, outras vozes tênues, abafadas.

Nada.

Será que aqueles últimos momentos não passavam de fruto de minha imaginação? Teriam sido alucinações, como a aura tremeluzente em torno dos objetos na sala? Recuperaria a razão depois de um momentâneo lapso de sanidade?

- Você é dado a enxaquecas? - perguntou Rossi.
- Nunca tive antes. Deve ter sido o teste que a provocou.

- É impossível. Isso nunca aconteceu com qualquer teste do processador de imagens de ressonância magnética.

- Bem - disse eu -, de qualquer maneira, já devia estar voltando para o escritório.
- Ainda não terminamos - disse Rossi, virando-se para mim.
- Receio que...
- É coisa rápida. Volto já.

Ele se dirigiu à sala contígua onde estava alinhada a bateria de computadores. Notei quando ele se aproximou de um dos técnicos e disse alguma coisa rápida e furtivamente. O técnico entregou-lhe um rolo de *printouts*.

Rossi voltou, trazendo as imagens computadorizadas do teste de detecção de mentiras. Sentou-se a uma mesa comprida de tampo preto e meneou a cabeça para que eu me sentasse em frente a ele. Fiz uma

ligeira pausa, avaliei a situação e aquiesci em sentar-me.

Ele espalhou as imagens sobre a mesa. Olhou-as com a cabeça abaixada, parecendo consultá-las. Estávamos sentados a menos de um metro um do outro.

De repente ouvi a voz de Rossi, abafada mas espantosamente clara: *Acredito que você tem a capacidade.* Ele disse:

- Aqui, como você perceberá, é o cérebro no início do teste.

Apontou para a primeira imagem, da qual me aproximei para examinar.

- Inalterável, durante quase todo o teste, porque você estava dizendo a verdade.

Voltei a ouvir uma voz oculta: *Você precisa confiar em mim. Tem que confiar em mim.*

Depois ele apontou para um jogo final de imagens, que até mesmo eu, leigo na matéria, pude perceber que apresentavam uma coloração ligeiramente diferente - amarelo e magenta ao longo do córtex cerebral em vez do ferrugem e do bege naturais. Ele contornou com um dedo as áreas que manifestavam alteração.

- Aqui você está mentindo. - Ele sorriu rapidamente e acrescentou com desnecessária polidez: - Eu lhe pedi para mentir.
- Compreendo.
- Estou preocupado com sua dor de cabeça.
- Vai passar.
- Receio que esta máquina pode tê-la causado.
- O barulho - disse. - Talvez tenha sido o barulho que a provocou. Mas logo estarei bem.

Rossi acenou a cabeça, que mantinha abaixada.

Ouvi: *Será tudo mais fácil se confiarmos um no outro.* A voz fugiu momentaneamente, voltando logo em seguida: *...me dizer.*

Como ele não respondesse, falei:

- Se não há mais nada...

Atrás de você, chegou a voz, agora premente e alta. Surgindo atrás de você. A arma carregada. Você se tornou uma ameaça. Apontada para sua cabeça.

Ele não estava falando. Ele estava pensando.

Não deixei escapar qualquer resposta. Continuei olhando para ele fixa e questionadoramente, mantendo porém a maior naturalidade possível.

Agora, agora, agora. Deus queira que ele não ouça os passos atrás dele.

Ele estava obviamente me testando. Tinha absoluta certeza. Eu não devia responder, não devia demonstrar medo. Era isso o que ele queria, vislumbrar um pequeno sinal, o menor indício de medo estampado no meu rosto. Queria que eu girasse o corpo subitamente, vacilasse, deixasse transparecer de alguma forma que era capaz de *ouvi-lo*.

- *Preciso* realmente ir andando - disse, aparentando calma.

Ouvi: *Será que é ele?*

- Tudo bem - disse Rossi. - Vamos deixar a conversa para a próxima vez.

Ouvi: *Ou ele está mentindo ou...*

Perscrutei o rosto dele; sua boca não tinha se mexido, não articulava nenhuma palavra. Senti-me novamente invadido por uma onda de medo avassaladora. Minha pele se arrepiou, e meu coração começou a bater descompassadamente.

Rossi olhou para mim, e tive plena certeza de ler resignação nos seus olhos. Eu tinha conseguido enganá-lo, pelo menos provisoriamente, pensei. Mas havia algo em Charles Rossi que me dizia que não poderia enganá-lo por muito tempo.

13

Estava sentado, atordoado, no banco traseiro de um táxi, que abria caminho pelas ruas largas e congestionadas nas imediações de Government Center, em direção ao meu escritório. Minha cabeça latejava mais do que nunca, e sentia constantemente ânsias de vômito.

Seria uma grosseira avaliação dizer que estava nos primeiros estágios de um pânico violento e incontrolável. Meu mundo tinha sido virado de cabeça para baixo. Nada fazia mais sentido. Receava sinceramente estar prestes a perder de todo o contato com a sanidade.

Passara a ouvir vozes, vozes não enunciadas. Estava ouvindo, pura e simplesmente, os *pensamentos* dos outros quase tão nitidamente como se eles os tivessem verbalizado em voz alta.

E estava convencido de que estava perdendo a razão.

Mesmo agora sou incapaz de projetar lucidamente o que sabia então à luz do que concluí muito depois. Será que tinha realmente "ouvido" o que julgava que ouvira? Como isso seria possível? E, para ir mais diretamente ao ponto, o que precisamente Rossi e sua assistente de laboratório queriam dizer ao se perguntarem: "Será que funcionou?" A meu ver só havia uma explicação possível: *eles sabiam*. De algum modo, eles - Rossi e sua assistente - não estavam admirados com o fato de o MRI ter feito comigo o que fizera. Pois eu não tinha a menor dúvida de que tinha sido o MRI que, de um modo ou de outro, alterara minha estrutura cerebral.

Mas Truslow saberia por acaso o que tinha acontecido?

Entretanto, um minuto após ter reconstituído racionalmente tudo o que me sucedera, surpreendia-me, em pânico, perguntando-me se não tinha mergulhado na loucura.

Enquanto o táxi avançava a duras penas pelo trânsito engarrafado, minha mente tornava-se cada vez mais desconfiada. Aquela história de "teste de detecção de mentiras" teria sido um mero pretexto, uma maneira de me compelir a submeter-me a esse procedimento.

Encurtando uma longa história, será que *sabiam* antecipadamente o que iria me acontecer?

Novamente: Truslow saberia de antemão?

Eu teria realmente enganado o Rossi? Ou ele saberia que eu tinha esse novo e terrível poder?

Temia que Rossi soubesse. Normalmente, quando alguém diz alguma coisa que de certo modo coincide com o que estávamos pensando - todos nós vivemos momentos como esse - reagimos com surpresa, não raro com prazer. É sem dúvida agradável encontrar seres humanos que comungam com nossa maneira de pensar, que se ligam a nós dessa maneira.

Mas Rossi não parecia surpreso. Parecia - como poderei descrever? - alerta, alarmado, desconfiado. Como se estivesse esperando que ocorresse esse tipo de reação.

Especulava, enquanto refletia sobre o episódio com Rossi, se o tinha realmente convencido de que minha reação não tinha nada de extraordinário - que parecia estar meramente sintonizado com seus pensamentos, que tudo não passara de coincidência.

Quando o táxi penetrou na zona financeira, inclinei-me para frente, a fim de orientar o motorista. Este, um

homem negro de meia idade, parecia inteiramente absorto ao volante, entregue aos seus devaneios. Uma divisória arranhada nos separava. Falei com ele pelos orifícios do alto-falante, e subitamente me dei conta de algo alarmante: não estava "ouvindo" o motorista. Fiquei totalmente confuso. Será que o dom adquirido perdurava ou desaparecera completamente? Seria a divisória, a distância, ou qualquer outra coisa? Novamente: teria imaginado tudo o que acontecera?

- Dobre à direita - disse - e pare naquele edifício grande, cinzento, à esquerda.

Nada. Somente o som do rádio, uma estação exclusivamente de entrevistas, com o volume baixo, e ocasionais descargas de estática. Nada mais.

O MRI teria feito alguma coisa ao meu cérebro que desaparecera com a mesma rapidez com que aparecera?

Totalmente confuso, paguei o táxi e entrei no vestíbulo do edifício, que, àquela hora, fervilhava com o burburinho de funcionários voltando de seus almoços. Espremi-me como pude no elevador com um grupo ruidoso de pessoas, apertei o botão do meu andar e, confesso, tentei "ouvir", ou "ler", ou seja lá como for que se diz, mas as conversas em voz alta frustraram meu intento.

Minha cabeça latejava. Sentia-me claustrofóbico, nauseado. O suor escorria pela minha nuca.

Quando a porta do elevador se fechou, os passageiros fizeram silêncio, como costumam fazer freqüentemente nos elevadores, e aconteceu.

Era capaz de ouvir, caleidoscopicamente, pedaços de palavras - ou, como me pareceu na ocasião, *arremedos* de palavras e frases, como um disco ou uma fita soa quando você toca às avessas (ou *tocava* nos dias anteriores ao som gravado digitalmente, quando a tecnologia lhe permitia fazer truques dessa natureza). A mulher ao meu lado - imprensada contra mim pelos demais passageiros - era uma mulher de aparência serena beirando os quarenta, rechonchuda e ruiva. Tinha uma expressão agradável, um discreto sorriso. Mas ao mesmo tempo eu podia ouvir uma voz - que só podia vir dela - aos borbotões, distante e depois diferente, variando de volume, como vozes numa extensão telefônica. *Não posso suportar, dizia a voz. Ele não pode fazer isso comigo.* Chocado com o contraste entre a calma aparente da mulher e pensamentos que atingiam as raias da histeria, virei a cabeça na direção do homem à minha esquerda, que parecia um advogado, num temo listrado típico de advogado, óculos com armação de osso, e uma vaga expressão de tédio. E de repente ouvi um grito distante numa voz masculina: *um atraso de poucos minutos eles começaram sem a minha presença o sacana...*

Eu estava "sintonizando" inconscientemente, da maneira como se é capaz de ouvir uma voz familiar no meio de uma aglomeração de pessoas, selecionando um determinado timbre, um certo som. No silêncio do elevador, era uma coisa simples.

A campainha tocou e a porta se abriu na recepção dos escritórios da Putnam & Stearns. Passei apressadamente por diversos de meus colegas, mal percebendo quem eram, e encaminhei-me para a minha sala.

Darlene ergueu a cabeça, olhando para mim quando me aproximei. Como de hábito, estava de preto, mas naquele dia vestia uma blusa de babados de gola alta, que provavelmente imaginava ser muito feminina. Para mim, entretanto, parecia que a tinha desencavado em algum bazar do Exército da Salvação.

Ao chegar mais perto dela, ouvi: há alguma coisa seriamente errada com o Ben.

Ela começou a dizer qualquer coisa, mas a cortei. Entrei no meu escritório, cumprimentei silenciosamente as Big Baby Dolls, que mantinham sua estóica vigília encostadas numa parede, e me sentei à escrivaninha.

- Segure as minhas ligações, não estou para ninguém - disse, fechando a porta da sala, e afundando na minha poltrona, finalmente a salvo, na solidão. Durante muito tempo permaneci sentado no mais absoluto silêncio, olhando fixamente para o vazio, comprimindo minhas têmporas latejantes, apoiando a cabeça nas mãos, e ouvindo somente as batidas aceleradas do meu coração.

Pouco depois emergi do meu torpor para perguntar a Darlene quais eram os recados para mim. Ela me olhou de um jeito curioso, obviamente imaginando se eu estava bem. Entregando-me uma pilha de papeletas de recados, ela disse:

- O Sr. Truslow telefonou.
- Obrigado.
- Está se sentindo melhor?
- O que quer dizer?
- Está com dor de cabeça, não é verdade?
- É. Uma enxaqueca infernal. Uma dor de cabeça tão violenta que até se vê.
- Sempre tenho um vidro de Advil, aqui - disse ela, abrindo uma gaveta da sua mesa e revelando o seu estoque de medicamentos. - Tome uns dois comprimidos. Também tenho enxaqueca todos os meses, da pior espécie.
- A pior - concordei, aceitando alguns comprimidos.
- Oh, e Allen Hyde, da Textronics, quer falar com você logo que seja possível. - O Sr. Hyde era o inventor apossado das Big Baby Dolls que estava a ponto de propor um acordo.
- Obrigado - e passei os olhos nos recados. Darlene tinha voltado para sua IBM Selectric... é verdade, ainda usamos máquinas de escrever na Putnam & Stearns; em certos casos a lei exige textos batidos à máquina e não impressos a laser... e retomara sua frenética datilografia.

Não consegui me conter, e me acerquei de sua mesa, debruçando-me e tentando.

E não deu outra. Com a mesma clareza, ouvi a voz de Darlene: *Parece que ele a está perdendo* - e depois silêncio.

- Estou legal - disse tranqüilamente.

Darlene girou na sua cadeira, com os olhos arregalados.

- Hein?
- Não se preocupe comigo. Tive uma reunião da pesada esta manhã.

Ela me lançou um longo e inquieto olhar, logo se recompondo.

- Quem é que está preocupada? - disse ela, voltando-se para a máquina de escrever, e eu ouvi, no mesmo tom de conversa: *Eu disse alguma coisa?* - Quer que eu ligue para o sr. Truslow?
- Ainda não. Tenho quarenta e cinco minutos antes do Komstein, que emenda com o Lewin, e preciso respirar um pouco de ar fresco senão minha cabeça vai explodir. - O que eu realmente queria era ficar sentado num quarto escuro com um cobertor cobrindo a minha cabeça, mas imaginei que uma caminhada, por mais penosa que pudesse ser, teria o mesmo efeito para aliviar a dor de cabeça.

Quando voltei ao meu escritório para apanhar meu sobretudo, o telefone de Darlene tocou.

- Escritório do sr. Ellison - disse ela. Em seguida: - Um momento, por favor, sr. Truslow - e apertou o botão de espera. - Você está?
- Eu atendo.
- Ben - Truslow disse quando peguei o telefone. - Pensei que você fosse voltar para conversarmos.
- Desculpe. O teste demorou mais do que imaginei. Estou com um dia daqueles aqui no escritório. Se você não se importar, vamos marcar outra hora.

Uma longa pausa.

- Tudo bem - disse ele. - O que é que você achou do Rossi? Ele me parece um pouco sinistro, mas talvez eu me preocupe demais.
- Não tive oportunidade de avaliá-lo corretamente.
- De qualquer forma, Ben, soube que você passou com distinção no detector de mentiras.
- Espero que não tenha sido uma surpresa para você.
- É claro que não. Mas precisamos conversar. Tenho de instruí-lo minuciosamente. E que surgiu um pequeno contratempo.

Sua voz deixou escapar um sorriso, e eu soube.

- O presidente me convocou para comparecer ao Camp David, - disse ele.
- Parabéns.
- Parabéns são prematuros. O chefe de gabinete dele disse-me que ele quer apenas trocar idéias comigo.
- Para mim, não tem erro. Você já conseguiu.
- Bem... - disse Truslow. Ele pareceu hesitar um momento, mas logo acrescentou: - Voltarei a lhe falar muito em breve - e desligou o telefone.

Subi a Milk Street em direção à Washington Street, a via de pedestres às vezes chamada de Downtown Crossing. Lá, ao longo da garganta entre as duas grandes lojas de departamentos rivais, Filene's e Jordan Marsh, vaguei sem rumo por entre carrinhos de pipoqueiros e de vendedores de *pretzels*, lenços beduínos, camisetas para turistas com motivos de Boston e suéteres de malha rústica sul-americanos. A dor de cabeça parecia estar passando. A rua, como sempre, borbulhava de compradores, músicos ambulantes, empregados de escritório. Agora, porém, o ar estava impregnado de sons, um tumulto de berros e murmúrios, suspiros e exclamações, sussurros e gritos. Pensamentos.

Na Devonshire Street entrei numa loja de aparelhos eletrônicos, e, driblando o vendedor, plantei-me em frente de uma bancada de televisores em cores de vinte e uma polegadas. Diversos aparelhos estavam transmitindo novelas, um estava ligado na CNN, outro na reprise de um show em preto e branco dos anos 50 que talvez fosse o *The Donna Reed Show*. Na CNN, a âncora loura estava dizendo alguma coisa sobre um senador dos Estados Unidos que tinha morrido. Reconheci o rosto que apareceu na tela: senador Mark Sutton, do Colorado, que fora encontrado morto, a tiros, em sua residência em Washington. A polícia local acreditava que o crime não tinha sido cometido por motivos políticos, mas sim durante um assalto à mão armada.

O vendedor aproximou-se novamente, dizendo:

- Todos os Mitsubishis estão em promoção esta semana, sabia?

Sorri amavelmente, agradei e voltei para a rua. Minha cabeça latejava. Surpreendi-me colado a transeuntes nos sinais e faixas de trânsito, *ouvindo*. Uma jovem atraente de cabelos louros, curtos, usando um conjunto de moletom rosa e tênis da mesma cor, aguardava que o sinal abrisse na Tremont Street para atravessar a rua. Em circunstâncias normais, todos nós mantemos uma certa distância social de estranhos; ela estava a poucos centímetros de distância de mim, imersa nos seus pensamentos, mas me fechou a cara como se eu fosse algum tarado, e tratou de se afastar.

As pessoas passavam alvoroçadas por mim, depressa demais para meus débeis e novos poderes. Esticava o pescoço para um lado e para o outro, o mais discretamente possível, mas nada.

Teria o talento desaparecido? Eu teria simplesmente imaginado tudo aquilo?

Nada.

Será que o poder tinha meramente se evaporado?

De volta à Washington Street, vislumbrei uma banca de jornais, onde algumas pessoas compravam seus *Globes*, *Wall Street Journals* e *New York Times*, e quando o sinal abriu, atravessei a rua em direção a

ela. Um rapaz estava olhando a primeira página do *Boston Herald* - PRESO MATADOR DE ALUGUEL, dizia a manchete com a foto de uma figura secundária da Máfia pilhada em Providence. Aproximei-me, fingindo que estava contemplando uma pilha de *Heralds* na frente dele. Nada. Uma mulher, trintona e com pinta de advogada, estava esquadrinhando pilhas de jornais, à procura de alguma coisa. Cheguei o mais perto que pude sem alarmá-la. Nada tampouco.

Teria sumido?

Ou, me questionei, seria porque nenhuma dessas pessoas estava suficientemente preocupada, indignada ou assustada, para emitir ondas cerebrais - será que era assim que a coisa funcionava? - numa frequência que eu pudesse captar?

Finalmente, vi um homem aparentando quarenta e poucos anos, elegantemente trajado, sem dúvida alguma banqueiro da área de investimentos, próximo da pilha de exemplares da *Women's Wear Daily*, admirando as capas brilhantes das revistas expostas. Algo no seu olhar disse-me que ele estava profundamente preocupado com alguma coisa muito grave.

Cheguei mais perto, como se estivesse examinando a capa do último número da *The Atlantic*, e tentei.

... despedir essa mulher ela vai espalhar merda no ventilador só Deus sabe como reagirá é uma porralouca será que telefonará para a Gloria e dará todo o serviço ah meu Deus o que é que eu vou fazer não tenho escolha bem feito quem mandou ser burro foder a secretária...

Olhei furtivamente para o banqueiro, e seu rosto sorumbático não se mexeu.

Àquela altura, eu tinha formulado diversas hipóteses do que poderia ser chamado de explicações, ou talvez teorias, sobre o que tinha acontecido, e o que eu deveria fazer.

Um: O poderoso processador de imagens de ressonância magnética tinha afetado meu cérebro de uma forma que me permitia "ouvir" os pensamentos dos outros. Não de todas as pessoas; talvez não da maioria, mas pelo menos de algumas.

Dois: Eu era capaz de "ouvir" não todos os pensamentos, somente aqueles que eram "expressos" com certa ênfase. Em outras palavras, eu só "ouvia" coisas que fossem pensadas com grande veemência, medo, ódio. Por outro lado, só podia "ouvir" coisas a uma grande proximidade física - noventa centímetros de distância de uma pessoa, no máximo.

Três: Charles Rossi e sua assistente de laboratório não só não estavam surpresos com essa manifestação, como na verdade a esperavam. Isso significa que vinham usando o MRI para essa finalidade expressa, mesmo antes de eu entrar em cena.

Quatro: A incerteza que demonstravam indicava que o teste não tinha funcionado apropriadamente antes, ou que isso raramente acontecera.

Cinco: Rossi não tinha certeza de que a experiência tinha sido bem-sucedida comigo. Por conseguinte, eu não correria perigo enquanto não deixasse que eles percebessem que eu tinha essa capacidade.

Seis: Conseqüentemente, era somente uma questão de tempo antes que me alcançassem, para quaisquer que fossem as suas intenções.

Sete: Muito provavelmente, minha vida nunca mais seria a mesma. Não estava mais em segurança.

Olhei o relógio, me dei conta de que tinha me afastado muito e voltei para o escritório.

Dez minutos mais tarde cheguei à sede da Putnam & Stearns, alguns minutos antes do meu próximo compromisso. Por alguma razão subitamente me surpreendi lembrando-me do rosto do senador que vira no noticiário da CNN. O senador Mark Sutton, do Colorado, morto a balas. Agora me lembrava: O senador Sutton era o presidente do conselho da Subcomissão de Inteligência do Senado. E - teria sido há quinze anos? - fora diretor-adjunto da Central Intelligence antes de ser nomeado para preencher uma vaga no Senado, e eleito dois anos mais tarde.

E...

E era um dos mais antigos amigos de Hal Sinclair. Seu colega de quarto em Princeton. Tinham entrado

para a CIA juntos.

Com isso, agora eram três altas patentes da CIA mortas. Hal Sinclair e dois confidentes íntimos. Coincidências acontecem em toda parte, creio eu. Exceto nos serviços de inteligência. Liguei para Darlene e pedi para que mandasse entrar meu cliente das quatro horas.

14

Mel Kornstein entrou, envergando um terno Armani que não parecia feito sob medida e contribuía muito pouco para esconder o diâmetro da sua cintura.

- Onde é que está o babaca? - perguntou ele, me dando um aperto de mão frouxo, suarento e olhando em torno do meu escritório.
- Frank O'Leary estará aqui dentro de uns quinze minutos. Achei conveniente termos um tempinho antes para repassarmos algumas coisas.

Frank O'Leary era o "inventor" do SpaceTime, um jogo de computador que era uma cópia descarada do extraordinário SpaceTron de Mel Kornstein. Ele e seu advogado, Bruce Kantor, tinham concordado em participar de uma conferência para iniciar os estágios exploratórios de algum tipo de acordo. Em princípio, isso significava que eles tinham concluído que era melhor chegar a um acordo, que perderiam feio se o caso fosse levado a julgamento. Uma questão judicial, como os advogados gostam de dizer, é uma máquina em que você entra como um porco e sai como uma salsicha. Por outro lado, eles poderiam estar comparecendo simplesmente por uma questão de cortesia, mas os advogados não são muito dados a essas firulas. Também era inteiramente possível que os dois quisessem exibir sua confiança gladiatorial, tentar nos confundir um pouco.

Não estava na minha melhor forma naquela tarde. Na verdade - embora minha dor de cabeça tivesse praticamente desaparecido - não conseguia raciocinar direito, e Mel Kornstein logo percebeu isso.

- Você está me seguindo, conselheiro? - perguntou-me em tom de lamúria quando, a certa altura, perdi o fio da meada.
- É claro que estou, Mel - respondi, e procurei me concentrar. Tinha descoberto que se não *quisesse* captar os pensamentos de uma pessoa, geralmente não os captava. O que quero dizer é que tinha percebido, sentado ali com Kornstein, que eu não era bombardeado com pensamentos interferindo numa conversa, o que deveria ser enlouquecedor. Podia ouvi-lo normalmente, mas se quisesse "lê-lo", poderia fazê-lo, focalizando, sintonizando a conversa de uma certa maneira.

Obviamente, não sou capaz de explicar o fenômeno adequadamente, mas, de certa forma, é como as mães conseguem isolar a voz de um filho brincando na praia das dezenas de vozes de outras crianças. E um pouco como ouvir uma confusão de vozes numa extensão telefônica, algumas mais audíveis do que outras. Ou talvez se pareça mais como a conversa de outras pessoas superpostas à sua voz numa linha cruzada num telefone sem fio. Se você fizer algum esforço, será capaz de ouvir tudo claramente.

Assim sendo, ali estava eu, ouvindo a voz de Kornstein - ora exaltada de indignação, ora sussurrante de desespero constatando que podia ouvir apenas sua voz falada se assim desejasse.

Felizmente, estava um pouco mais refeito quando O'Leary e Kantor chegaram, esbanjando cordialidade.

O'Leary - alto, ruivo, de óculos, trinta e poucos anos - e Kantor - baixote, compacto, cabelos rareando, quarentão - sentindo-se inteiramente à vontade no meu escritório, refestelaram-se nas poltronas como se fôssemos velhos camaradas.

- Ben - Kantor me saudou efusivamente.
- Prazer em vê-lo, Bruce. - Seguiram-se os habituais gracejos e amenidades entre supostos velhos conhecidos.

Somente os advogados devem se pronunciar em reuniões dessa natureza. Os clientes, quando chegam a comparecer, limitam-se a fazer ato de presença, servindo apenas como uma rápida referência para os seus advogados, mantendo-se calados para todos os demais efeitos. Mas sempre há exceções: Mel, furibundo, recusou-se a apertar a mão de seus antagonistas, e, não conseguindo se conter, explodiu:

- Daqui a seis meses você estará lavando pratos num desses McDonald's, O'Leary. Espero que goste do cheiro de gordura de batatas fritas.

O'Leary sorriu aparentando calma e lançou um olhar para Kantor que dizia: "Você vai conseguir controlar esse lunático?" Kantor repassou o olhar para mim, e eu disse:

- Mel, deixe Bruce e eu conduzirmos a reunião.

Mel cruzou os braços e fumegou.

O motivo principal do encontro era determinar uma coisa simples: Frank O'Leary teria visto um protótipo do SpaceTron quando estava "desenvolvendo" o SpaceTime? A semelhança dos jogos nem estava em questão. Mas se pudéssemos provar indubitavelmente que O'Leary tinha visto o SpaceTron em qualquer circunstância antes de ele ter sido lançado no mercado, nós ganharíamos. Nada mais simples do que isso. Naturalmente, O'Leary sustentava que tinha visto o SpaceTron pela primeira vez numa loja de *software*. Kornstein, porém, estava convencido de que O'Leary tinha obtido um dos primeiros protótipos do jogo através de seus engenheiros de *software*, mas evidentemente não tinha como provar sua suspeita. E, para arbitrar o litígio, ali estava eu, tentando esgrimir com Bruce Kantor, um galinho de briga irascível. Meia hora depois, Kantor ainda estava perorando sobre cerceamento de comércio e práticas desleais. Eu estava tendo certa dificuldade para acompanhar a sua linha de argumentação, no estado de semi torpor em que me encontrava desde a manhã, mas sabia muito bem que ele estava apenas bazofinando. Nem ele nem seu cliente estavam dispostos a ceder um milímetro sequer de terreno.

Perguntei pela terceira vez:

- Pode afirmar com absoluta convicção que nem o seu cliente nem nenhum de seus empregados tiveram qualquer acesso a qualquer tipo de pesquisa ou trabalho de desenvolvimento em curso na empresa do sr. Kornstein?

Frank O'Leary continuava sentado impassivelmente, de braços cruzados, parecendo entediado, deixando que seu advogado executasse o trabalho pesado. Kantor inclinou-se para frente, e, com seu indefectível sorriso insolente, disse:

- Acho que você está raspando o fundo do tacho, Ben. Se não tem mais nada a...

E foi então que ouvi, naquele tom diáfano que estava começando a reconhecer, a voz de Frank O'Leary murmurar alguma coisa. Não estava entendendo quase nada, mas inclinei a cabeça para frente, fingindo consultar meu bloco de apontamentos, e me concentrei para separá-la do palavrorio de Kantor.

Ira Hovanian, O'Leary estava dizendo.

Deus me livre! Se Hovanian der com a língua nos dentes...

- Ah, Bruce - eu disse. - Talvez o seu cliente possa nos dizer alguma coisa sobre Ira Hovanian.

Kantor franziu o cenho, mostrou-se contrariado, e disse:

- Não sei o que você está...

Mas O'Leary segurou-lhe o braço e soprou alguma coisa no ouvido esquerdo de Kantor. Kantor me olhou enigmaticamente por um instante, rodopiou na cadeira e sussurrou algo de volta.

Consultei meu bloco de folhas amarelas, inclinei a cabeça e comecei a ouvir, mas nesse preciso momento Kornstein bateu de leve no meu ombro.

- O que é que Ira Hovanian tem a ver com essa história? - murmurou. - Como é que você sabia da existência de Ira Hovanian.
- Quem é ele? - perguntei.

-Você não...

- Limite-se a me dizer.
- Ele é um cara que deixou a companhia alguns meses antes do SpaceTron ser lançado no mercado. Um desajustado.
- Um o quê?
- Tive pena do sacana. Perdeu uma porrada de opções de ações.

Acho que encontrou um emprego melhor em algum lugar, mas se tivesse continuado na firma, hoje seria um homem rico.

- Ele vendeu segredos industriais?
- Ira? Ele era um pobre coitado.
- Preste atenção - disse eu. - Por alguma razão, O'Leary conhece esse nome. Significa alguma coisa para ele.
- E uma coisa que só descobri recentemente - respondi. - Tudo bem, deixe-me raciocinar por um minuto. - Dei as costas a Kornstein e fingi me concentrar profundamente nos rabiscos no meu bloco amarelo. A uma distância de muitos centímetros, O'Leary e Kantor estavam mergulhados num colóquio sussurrado.

... roubou um protótipo do cofre. Ele conhecia o segredo. Me vendeu por vinte e cinco mil dólares e a promessa de outros cem mil quando eu começasse a ter lucro.

Anotei tudo o mais depressa que pude, e continuei a ouvir, mas a voz sumiu. O'Leary estava sorrindo, visivelmente relaxado agora, e os seus pensamentos eram plácidos, por conseguinte ilegíveis.

Ia me virar para Kornstein novamente para pedir-lhe esclarecimentos sobre isso, quando de repente captei outro fluxo.

... queimou ele. Que diabo ele ia fazer? Ele é o cara que praticou o ato ilegal, certo? Portanto, para quem é que ele vai apelar?

Agora, Kantor girou a cadeira para mim e disse:

- Vamos nos reunir novamente dentro de um ou dois dias. Já adiantamos bastante hoje.

Refleti alguns segundos e disse:

- Se é isso que você e seu cliente desejam, nenhuma objeção. Ao contrário, assim teremos tempo para um depoimento adicional do sr. Hovanian, que já nos deu algumas informações a respeito de um protótipo do SpaceTron e de um cofre da companhia.

Kantor mostrou-se supremamente desconfortável. Descruzou as pernas e cruzou-as novamente, e coçou o queixo nervosamente com o polegar e o indicador.

- Escute aqui - disse ele, com a voz algumas notas mais altas do que antes -, pode blefar à vontade, mas não percamos nosso precioso tempo. Se o que você quer é um acordo mínimo, creio que seria do interesse do meu cliente, só para virar essa página definitivamente, fazer uma proposta...
- De quatro ponto cinco milhões - disse.
- *O quê?* - perguntou ele com a voz ofegante.

Levantei-me e estendi minha mão.

- Bem, cavalheiros, tenho de tomar alguns depoimentos. Com a cooperação consentida dos senhores no ocultamento de uma felonía, na qualidade de advogado de acusação, creio que teremos um julgamento muito interessante. Muito obrigado por terem vindo.
- Espere um minuto - disse Kantor apressadamente. - Podemos chegar a um acordo de...
- Quatro ponto cinco - repeti.
- Você está maluco.
- Cavalheiros - disse.

Os dois clientes, O'Leary e Kornstein, olhavam para mim, abestalhados, como se de repente eu tivesse abaixado as calças e estivesse dançando em cima da minha escrivaninha.

- Jesus Cristo! - Kornstein disse para mim.
- Vamos... vamos conversar - disse Kantor.
- Muito bem - disse eu, sentando-me. - Vamos conversar.

A reunião foi encerrada quarenta e cinco minutos depois. Frank O'Leary concordou em pagar um acordo total de US\$ 4.25 milhões de uma só vez, vencível noventa dias após, com uma cláusula adicional, estipulando que a SpaceTime retiraria do mercado o seu carro-chefe imediatamente.

Pouco mais tarde, O'Leary e Kantor, consideravelmente menos arrogantes, deixaram meu escritório. Mel Kornstein me deu um abraço de urso, agradeceu-me profundamente, e se retirou, sorrindo pela primeira vez em muitos meses.

Permaneci sentado no meu escritório, ignorando o telefone que tocava, e arremessei a bola, finalizando um lance de gancho perfeito no meu aro eletrônico. Ele reproduziu o som de uma torcida ululante num jogo decisivo Boston x Garden e bradou estridentemente: "Cesta!" Sorri para mim mesmo como um idiota, imaginando por quanto tempo aquela sorte excepcional duraria. Tal como aconteceu, durou precisamente um dia.

15

Meu erro acabou sendo o erro clássico de todo agente secreto calouro: esquecer o fato de estar sob permanente vigilância.

O problema é que tinha perdido meus parâmetros. Meu mundo tinha virado de cabeça para baixo. A lógica normal de minha vida estável, organizada, de advogado não mais se aplicava.

Tenho para mim que vivemos nossas vidas rotineira e mecanicamente, realizando nossas tarefas e cumprindo nossas obrigações como se tivéssemos antolhos. Agora, subitamente, os antolhos tinham sido removidos. Como poderia ser tão circunspecto e cauteloso como talvez tivesse sido no passado?

Consegui sair do escritório relativamente cedo para poder fazer uma parada antes de ir para casa. Quando o elevador chegou, estava vazio - muito tarde, como sempre, para o *rush* do fim de tarde - e entrei.

Precisava desesperadamente falar com alguém, mas com quem, em sã consciência, poderia falar? Molly? Ela pensaria imediatamente que eu não estava regulando bem. Como o de todos os médicos, o seu mundo era muito racional. E claro que acabaria tendo de contar a ela o que me acontecera - mas quando? E o meu amigo Ike? Possivelmente, quero crer; mas naquele ponto não podia correr o risco de contar a quem quer que fosse.

Dois andares abaixo, o elevador parou, e uma jovem vistosa entrou. Ela era alta, cabelos castanho-avermelhados, uma maquilagem nos olhos talvez um pouco exagerada, mas um corpo carnudo, bem proporcionado, sua blusa de seda realçando seus seios generosos. Lá estávamos nós no silêncio normal, compartilhado por passageiros de elevador que não se conhecem mas casualmente se encontram, confinados numa cabine de metal a poucos centímetros um do outro. Ela parecia distraída. Tanto ela quanto eu olhávamos para cima, observando a mudança dos números dos andares. Minha dor de cabeça, graças a Deus, tinha desaparecido quase completamente.

Para dizer a verdade, estava pensando em Molly, quando "ouvi" nitidamente: *como é que ele será na cama?*

Olhei para ela, instintivamente, convencendo-me mais uma vez de que ela não falara nada em voz alta. Seus olhos pareceram se cruzar com os meus numa fração de segundo, logo se voltando para os números vermelhos que piscavam no painel em cima da porta.

Concentrei-me e captei mais alguma coisa.

Boa bunda. Um cara provavelmente bastante forte. Tem pinta de advogado, o que significa que possivelmente é um chato conservador mas só por uma noite quem é que vai ligar?

Virei-me novamente, e dessa vez nossos olhares se encontraram por um instante, talvez um segundo a mais.

Se havia uma mulher disponível, essa mulher era ela. Imediatamente, senti um estranho espasmo de culpa. Eu devassara suas mais íntimas fantasias, seus cálculos e devaneios particulares. Era uma terrível profanação. Violava todas as regras que os seres humanos inventaram para os jogos da sedução, a dança de deixas, insinuações e sugestões, que funciona tão bem porque nada é dito, nada nunca é certo.

Sabia que essa mulher iria para a cama comigo. Em geral, nunca se pode ter certeza absoluta por mais eloqüente que seja a linguagem corporal. Algumas mulheres gostam de flertar, de levar as coisas aos limites extremos, para ver se são suficientemente desejáveis, até onde um homem é capaz de chegar. Depois recuam, respeitando as convenções sociais, fingindo repugnância, uma necessidade de serem cortejadas. Todo jogo, que tem aturdido homens e mulheres desde que nós todos começamos a andar eretos (e provavelmente antes disso), baseia-se na nossa incapacidade de saber o que se passa na cabeça dos outros. Parte da premissa da incerteza.

Mas eu *sabia*, com a mais absoluta certeza, o que ela estava pensando. E por alguma razão achei isso profundamente perturbador, como se tivesse me tornado um proscrito das regras normais do comportamento humano.

Também tenho plena consciência de que outro homem poderia ter tirado vantagem imediata da situação. E por que não? Sabia que ela estava querendo; e eu a achava atraente. Mesmo que ela fingisse desinteresse, eu podia ver - ou "ouvir" - através dessa falsa aparência, e saberia o que dizer e quando dizer. O poder é

enorme.

Aqui entre nós, não sou mais virtuoso do que qualquer outro homem. Acontece que amava Molly. E foi nesse ponto que me dei conta de que meu relacionamento com Molly nunca mais poderia ser exatamente o mesmo.

A Biblioteca Pública de Boston não estava muito cheia àquela hora ao anoitecer, e pude receber a pilha de livros que pedira em vinte minutos.

A literatura sobre percepção extra-sensorial é bastante extensa. Um bom número de livros ostentava títulos que soavam (razoavelmente) sóbrios como *Descobertas psíquicas atrás da cortina de ferro* e *A base científica da telepatia*. Outros, entretanto, tinham títulos muito pouco promissores como *Desenvolva o potencial da sua mente* ou *Qualquer um pode ter PES* (Percepção Extra-Sensorial); esses eu descartei depois de uma rápida olhada. Alguns dos que pareciam sérios revelaram-se, após alguns minutos de leitura, não serem nada sérios - abrigavam muita especulação e provas inconsistentes em páginas cheias de estatísticas e referências eruditas. Finalmente, fiquei reduzido a três volumes que pareciam oferecer alguma esperança: *Psi* (uma abreviatura de "psíquico" usada no jargão científico), *Descobertas recentes em fenômenos parapsicológicos* e *A fronteira da mente*.

Senti-me um pouco estranho folheando esses livros, por mais especulativos que fossem. Era um pouco como um sofredor de enxaqueca que estivesse devorando avidamente volumes que admitiam a hipótese de *poder* haver uma dor de cabeça com as características da enxaqueca. A vontade que eu tinha era de gritar para o interior silencioso, cavernoso da biblioteca: "Não se trata de uma teoria fantasiosa. Eu *tenho* isso!"

Não obstante, meti a cara nos estudos. Aparentemente, entre os charlatães e birutas, havia uma plêiade de cientistas credenciados e merecedores de fé que acreditavam que certos seres humanos possuíam a capacidade de ler a mente alheia de uma forma ou de outra. Entre eles havia uns tantos laureados com Prêmio Nobel e alguns eminentes pesquisadores de Duke, UCLA, Princeton, Stanford, Oxford e a Universidade de Freiburg na Alemanha. Estudavam sub-especialidades como "psicometria" e "psicoquinésia". Na maioria dos casos, esses cientistas tinham obtido reconhecimento em campos de pesquisa mais tradicionais e tinham merecido muito pouca atenção para o seu trabalho em parapsicologia, a despeito de artigos ocasionais publicados em jornais científicos conceituados como o *Nature*, da Inglaterra.

A conclusão parecia ser a seguinte: talvez um quarto de todos os seres humanos, em um momento ou em outro, experimentam alguma forma de telepatia. A maioria de nós, entretanto, se recusa a aceitar esse fato. Li uma série de relatos que me pareceram plausíveis. Uma mulher está jantando com amigos em Nova York e de repente tem *certeza* de que seu pai morreu. Corre ao telefone - e seu pai, de fato, tinha morrido de uma deficiência coronária num hospital no momento em que ela pressentira. Um estudante universitário sente uma súbita, inexplicável, necessidade de telefonar para casa, e fica sabendo que seu irmão mais moço sofrera um acidente terrível de automóvel. Aprendi que, freqüentemente, as pessoas recebem "sinais" ou "premonições" enquanto estão dormindo ou sonhando, porque é nesses momentos que somos menos afetados pelo nosso ceticismo.

Mas na realidade nada disso se aplicava ao que tinha acontecido comigo. Eu não recebia "sinais" ou tinha "premonições" ou "impulsos". Eu estava "ouvindo" - não há outra palavra para o que eu sentia - os pensamentos de outras pessoas. Contudo, não a distância. Na verdade, a mais de alguns centímetros, não conseguia "ouvir" nada. O que significava que estava recebendo algum tipo de sinal transmissível do cérebro humano. Não havia nada a respeito naqueles livros.

Até que me deparei com um capítulo intrigante em *Na fronteira da mente*. O autor discutia o uso de paranormais por diversas forças policiais nos Estados Unidos, e pelo Pentágono durante uma busca de agentes secretos militares no Vietnã. Havia uma referência à utilização de um paranormal pelo Pentágono

em janeiro de 1982, numa caçada ao general Dozier, que tinha sido seqüestrado pelas Brigadas Vermelhas na Itália.

Depois localizei uma referência a um artigo, de 1980, na publicação interna do Exército dos Estados Unidos, *Military Review*, sobre o "novo campo de batalha mental". O artigo falava do "grande potencial" do "uso de hipnose telepática" na guerra - guerra psíquica, como o artigo a chamava. Havia uma menção a armas "psicotrônicas" soviéticas - ao uso da parapsicologia para afundar submarinos nucleares dos Estados Unidos - ao emprego de um psíquico para decifrar códigos pela Agência Nacional de Segurança. O livro abordava igualmente rumores sobre uma "força-tarefa psíquica" nos porões do Pentágono, mantida debaixo da mais alta segurança e chefiada por um diretor-assistente do quadro da inteligência.

E, na página seguinte, encontrei uma referência a um projeto da CIA altamente sigiloso, que pesquisava as possibilidades para fins de inteligência da percepção extra-sensorial.

O projeto, de acordo com o livro, tinha sido encerrado em 1977 pelo novo diretor da Central Intelligence, almirante Stansfield Turner. Pelo menos, especulava o autor, tinha sido *oficialmente* encerrado. Sabia-se muito pouco sobre o projeto, acrescentava o autor, exceto um nome a ele associado, obtido através de um funcionário desleal da CIA. O nome era do diretor do projeto. O nome era Charles Rossi.

Profundamente ansioso e desorientado, precisava fazer algum exercício, clarear a cabeça e pensar racionalmente.

Pertencia há uns dois anos a uma academia de ginástica na Boylston Street de que gosto muito, devido à sua proximidade do meu escritório e da minha casa. Seus sócios constituem uma autêntica mistura de advogados e homens de negócios, vendedores e executivos de nível médio, atletas de verdade, e assim por diante; as instalações e aparelhagens da academia são o que há de melhor. Nunca consegui convencer Molly a ir malhar comigo. Ela é de opinião que lodos nós temos um número limitado de batidas do coração, e ela não está a fim de desperdiçar as suas em alguma máquina Nautilus. E ela se intitula uma médica.

Tirei a roupa de trabalho e enfiei um calção e uma camiseta, e malhei numa máquina de remar durante vinte minutos, pensando o tempo todo sobre o que tinha lido na biblioteca.

No sentido mais estrito eu não estava lendo os pensamentos dos outros, foi a conclusão a que cheguei. Era capaz de receber ondas cerebrais de baixa freqüência geradas por uma parte isolada do cérebro, o núcleo da fala no córtex. Em outras palavras, estava ouvindo palavras e frases ao serem convertidas de idéias e pensamentos abstratos em palavras, ao adquirirem forma na fala, antes de serem pronunciadas em voz alta. Aparentemente, se minha teoria estivesse certa, quando pensamentos nos ocorrem com a força, a paixão ou a rmoção adequadas, nós os *pré*-articulamos - os preparamos para a enunciação, mesmo que não cheguemos a pronunciar as palavras. E r nesses momentos que o cérebro emite sinais perceptíveis a... a mim, por exemplo.

Se ao menos eu soubesse melhor como o cérebro funciona! Mas não podia me arriscar a procurar um neurologista naquela altura: não podia confiar em ninguém, se quisesse manter em segredo minha condição.

Tudo isso passava pela minha mente quando deixei a máquina de remar, com a camiseta ensopada de suor, e passei para a Stairmaster. Esse aparelho de tortura em particular requer que você bombeie para cima e para baixo um par de pedais, ao mesmo tempo em que segura um guidão, mantendo-se o tempo todo na posição vertical, enquanto um mostrador vermelho de computador acompanha o seu sofrimento.

Na Stairmaster ao lado estava um senhor corpulento de seus cinqüenta anos com uma camiseta azul-clara e calção branco, pingando gotículas de suor na base de metal da máquina, transpirando por todos os poros. Seus óculos de aros metálicos estavam embaçados. Havia falado com ele uma vez na academia - não me lembro mais sobre o quê - e me lembrava que o nome dele era Alan, ou Alvin ou coisa parecida, e que ele era vice-presidente de um banco de Boston em apuros, o Beacon Guaranty Trust. Devido a um

histórico de má administração agravada pelos percalços econômicos do país, o Beacon estava lentamente entrando pelo cano. Alan ou Alvin, ao que me recordo, era um homem perenemente deprimido, e quem poderia censurá-lo?

Entretido com o seu exercício na Stairmaster, Al não me notou. Seus olhos estavam semi-cerrados, sua boca entreaberta, sua respiração ofegante.

Não era minha intenção, pois no fundo queria ficar sozinho com os meus pensamentos, mas não pude deixar de ouvir.

O tio de Catherine, quem sabe?

Não. A SEC botará logo o dedo nisso. Esses putos não deixam escapar nada.

Isso seria tão ilegal quanto vender minhas próprias ações.

Tem de haver um jeito.

Não pude captar tudo o que ele estava dizendo. Seus pensamentos vinham e iam, altos e depois fracos, claros e em seguida indistintos, como um rádio de ondas curtas pegando uma estação estrangeira distante. Mas aquela história sobre a SEC (Securities and Exchange Commission) e ilegalidade chamou minha atenção imediatamente. Inclinei minha cabeça ligeiramente na direção do corpo suarento, ofegante de Al. Aí ações vão simplesmente disparar. Por que não posso comprar ações de minha própria companhia? Não me parece justo. Me pergunto se alguém mais do conselho diretor está pensando o que eu estou pensando. É claro que estão. Todos eles estão bolando uma maneira de saírem ricos disso.

O monólogo tornava-se cada vez mais interessante, e eu me empenhava em sintonizá-lo sem me fazer notar. Al, perdido nos seus pensamentos gananciosos, parecia me ignorar.

Vejamos então. O anúncio é feito amanhã, às duas horas da madrugada. Todos os analistas financeiros do país e centenas de milhares de acionistas verão que o combalido Beacon Trust está sendo adquirido pelo Saxon Bancorp, sólido como uma rocha, e todo mundo comprará ações do Beacon tremendamente desvalorizadas. Iremos de onze e meio para cinquenta ou sessenta em dois dias. Santo Deus. E tenho de ficar de mãos atadas? Tem de haver um jeito. Talvez algumas das amigas ricas de Catherine. Talvez o tio dela possa fazer alguma coisa devidamente desvinculada de mim - comprar o Beacon amanhã de manhã no nome de alguém...

Senti meu coração começar a bater rapidamente. Tinha acabado de tomar conhecimento do que poderia ser descrito como a mais quente das informações de cocheira. O Beacon Trust ia ser adquirido pelo Saxon. A transação ia ser anunciada amanhã. Alan ou Alvin era provavelmente uma das pouquíssimas pessoas, executivos e advogados, que estavam a par do negócio. As ações do Beacon certamente iriam disparar, e quem tivesse essa informação antecipada tornar-se-ia uma pessoa rica. Al estava tentando armar um esquema para também sair lucrando, caso encontrasse um meio de não atrair a atenção dos cães de fila da SEC. Duvidava que conseguisse.

Mas eu poderia.

Amanhã, numa questão de horas, poderia arrematar um grande lote de ações do Beacon Trust que faria com que o desaparecimento do meu meio milhão de dólares de economias parecesse inconseqüente.

Não havia a mais remota possibilidade de alguém poder me associar ao Beacon Trust. Minha firma não tinha negócios com o Beacon (não nos dignávamos). Tinha de fazer de tudo para não cumprimentar Al e muito menos dirigir-lhe a palavra.

O que é que a Securities and Exchange Commission poderia fazer? Arrastar-me à barra de um tribunal, submeter-me a um júri de meus pares e acusar-me de ler a mente de terceiros com a intenção de lucrar ilicitamente? O presidente do conselho da SEC seria trancafiado numa cela acolchoada antes de conseguir dar entrada na petição inicial.

Deixei a Stairmaster, suando profusamente. Tinha permanecido três quartos de hora no aparelho de tortura sem me dar conta.

16

Cerca de vinte minutos mais tarde, ouvi a chave girar nas duas fechaduras da porta da frente, e depois ouvi a voz de Molly me chamando:

- Ben?

- Você está atrasada - disse, fingindo irritação. - Diga-me o que é mais importante: a vida de um recém-nascido, ou o meu jantar?

Olhei para ela, sorri e vi que estava exausta.

- Ei - disse, levantando-me para beijá-la. - O que há?

Ela sacudiu a cabeça lentamente, cansada.

- Um dia duro.
- Ah, mas agora você está em casa. - Passei os braços em torno dela, e dei-lhe um longo e gostoso beijo. Apertando-lhe o traseiro, chamei-a contra mim.

Ela deslizou suas mãos, frias e secas, pelas minhas costas, por baixo do elástico de minhas cuecas.

- Nossa! - disse ela. Senti seu hálito quente na minha nuca.

Por minha vez, enfiei as mãos por baixo de sua blusa, do seu sutiã de algodão branco, senti os bicos dos seus seios cálidos, túrgidos, e apertei-os.

Ela foi se entregando languidamente às minhas carícias.

- Vamos subir? - perguntei.

Ela deu um suave gemido e seu corpo estremeceu num breve arrepio.

... a cozinha - ouvi.

Debruçado sobre ela, continuei a acariciar-lhe o seio direito, beliscando o mamilo entumecido.

... vamos fazer na cozinha. De pé. Aqui mesmo...

Aprimei-me, e, segurando-a pelos ombros, conduzi-a gentilmente da sala de estar para a cozinha, e empurrei-a com as costas voltadas para o tampo de carvalho da mesa.

Seus pensamentos. Sabia que estava errado, era maldoso, vergonhoso, mas, arrebatado pela luxúria, não pude refrear meus instintos...

Oh, sim...

Ela gemeu baixinho quando tirei-lhe a blusa.

... meu outro seio. Não pare. Os dois...

Obedientemente, acariciei-lhe ambos os seios com as palmas de minhas mãos, e, abaixando a cabeça, chupei primeiro um bico e depois o outro.

Não se mexa...

Continuei a chupar e lambe, ao mesmo tempo que, afastando pratos e tigelas, a empurrei para trás até ela ficar deitada no tampo da mesa.

Nunca assisti a *The Postman Always Rings Twice* (O destino bate porta), mas me lembrava de fotos do

filme; Lana Turner e John Garfield também não tinham feito isso em cima de uma mesa de cozinha? Então, ainda fuçando seus seios, pressionei meu membro ereto entre suas coxas, forçando aos poucos, e quando comecei a desamarrar o cordão de suas calças, ouvi.

... Não, ainda não.

E obedecendo seus desejos não enunciados, voltei toda minha alenção para seus seios, demorando-me mais tempo nas preliminares do que de outra forma provavelmente faria.

Fizemos de fato amor na mesa da cozinha, quebrando no tumulto uma tigela de louça barata, mas nenhum de nós dois notou o barulho da quebra. Foi, devo dizer, o ato sexual mais erótico e intenso que já experimentei. Molly, de tão empolgada, esqueceu de colocar seu diafragma. Ela teve diversos orgasmos, chorando de prazer. Depois, ficamos enlaçados nos braços um do outro, molhados de suor e almiscarados com os fluidos e odores do sexo, no sofá da sala de estar ao lado da cozinha.

Entretanto, quando terminou, senti-me enormemente culpado.

Dizem que todos os seres humanos ficam tristes depois de praticarem sexo. Acredito que somente os homens sofrem de melancolia pós coito. Molly estava ao mesmo tempo enlevada e desorientada, alisando meu pênis agora flácido, avermelhado e exaurido.

- Você não estava protegida - eu disse. - Isso por acaso quer dizer que mudou de opinião sobre filhos?

- Não - disse ela aereamente. - No momento, não estou no período fértil do meu ciclo. Não há muito perigo. Mas foi para ninguém botar defeito.

Sentia-me cada vez mais culpado e abjeto. Achava que a tinha violado de uma maneira fundamental. Respondendo a todos os seus desejos não formulados, num sentido terrível eu a manipulara, envolvera-a numa desonestidade repreensível.

Eu me sentia uma merda.

- É - disse eu. - Foi ótimo.

Nosso casamento tinha sido realizado numa antiga e encantadora propriedade nos arredores de Boston. O dia continua meio nebuloso. Lembro-me de andar alvoroçado de um lado para outro à procura de minha faixa indiana e botões de camisa e de um par de meias pretas decente para calçar.

Pouco depois de a cerimônia começar, Hal Sinclair me segurou pelo cotovelo. No seu casaco de linho branco ele parecia ainda mais distinto do que quando o conhecera: seus cabelos brancos luziam, contrastando com seu rosto queimado, afilado e simpático. Ele tinha uma covinha no queixo e pequenas rugas em volta dos olhos e da boca.

Parecia zangado, mas logo percebi que estava sendo austero, e eu nunca o tinha visto austero antes.

- Tome conta de minha filha - disse ele.

Olhei para ele, esperando alguma piada, mas o seu ar era inflexivelmente sombrio.

- Está me ouvindo?

Disse que sim. Que naturalmente tomaria.

- Cuide dela com carinho.

E de repente me deu um estalo. Foi como se tivesse levado um soco no plexo solar. Naturalmente. Minha última mulher tinha sido morta. Hal nunca o diria, mas se não fosse minha falha, não adotando procedimentos corretos, Laura estaria viva. Se não fosse o meu desleixo.

Você matou sua primeira mulher, Ben, ele parecia dizer. Não mate a segunda.

Senti meu rosto enrubescer. Tive vontade de mandá-lo se foder. Mas não o meu futuro sogro, não no dia

do meu casamento.

Respondi o mais amavelmente que pude:

- Não se preocupe, Hal. Eu cuidarei.

- Tenho um cliente, Mol - disse mais tarde enquanto tomávamos vodca com tônica na mesa da cozinha. - Um cara normal, totalmente são...

- O que ele estava fazendo na Putnam & Steams? - Ela tomou um gole do copo gelado. - Excelente. Bastante limão, como eu gosto.

Dei uma risadinha.

- Esse cliente, que parece estar falando sério, me perguntou se eu acredito na *possibilidade* de percepção extra-sensorial.

- PES.

- Esse cliente insiste em dizer que, de certo modo, pode captar pensamentos de outras pessoas. É capaz de "lê-los".
- Tá legal, Ben. Qual é a sua?
- Ele fez uma experiência comigo, e estou convencido. O que quero saber é se você aceita essa possibilidade.
- Não. Sim. Como é que eu vou saber? Aonde é que você está querendo chegar?
- Você já ouviu falar nisso?
- Claro. No *The Twilight Zone*, creio que houve um episódio mostrando isso. Um garoto num livro do Stephen King, também. Mas ouça, Ben, eu, nós precisamos conversar.
- Tá certo - disse cautelosamente.
- Um sujeito me assediou hoje no hospital.
- Que sujeito?
- Que sujeito? - ela ecoou sardonicamente. - Você sabe muito bem o sujeito que estou falando.
- Molly, do que é que você está falando?
- Esta tarde. No hospital. Ele me disse que você tinha dito a ele onde poderia me encontrar.

Descansei meu copo na mesa.

- O quê?
- Você não falou com ele?
- Juro. Não tenho a menor idéia do que se trata. Alguém "assediou" você?

- Não assediou no sentido que você possa estar pensando. Não foi isso o que quis dizer. O mais correto seria dizer "abordou". O caso é que o cara estava sentado na área de espera do lado de fora da UTI infantil, acho que tinha mandado me chamar. Não o reconheci. Ele tinha um jeitão oficial: terno cinza, gravata azul, essas coisas.

- Quem era ele?
- Aí é que está. Não sei.

- Você não...

- Escute - disse ela incisivamente. - Preste *atenção*. Ele perguntou se eu era Martha Sinclair, filha de Harrison Sinclair. Disse que sim, quem era ele?, mas ele perguntou se podia falar comigo por alguns minutos, e eu respondi que sim.

Ela olhou para mim, com os olhos vermelhos, congestionados, e continuou.

- Ele disse que tinha de falar com você, que tinha sido amigo do meu pai. Presumi que isso quisesse dizer que ele era funcionário da Agência, e como aparentava ser um e queria falar comigo somente alguns minutos, concordei.
- O que ele queria?
- Perguntou se eu sabia alguma coisa sobre uma conta bancária que meu pai tinha aberto pouco antes de morrer. Mencionou qualquer coisa sobre código de acesso ou algo parecido. Eu não fazia a menor idéia do que ele estava dizendo.
- O quê?
- Ele não falou com você, não é mesmo? - disse ela fazendo força para não chorar. - Ben, é mentira. Tem de ser.
- Você não perguntou o *nome* dele?
- Estava em estado de choque! Mal conseguia falar.
- Como ele parecia?
- Alto. Pele muito clara, quase um albino. Cabelos louro-claros. Forte, mas com qualquer coisa, não sei bem, ambígua, feminina. Disse que estava fazendo um trabalho de segurança para a Central Intelligence Agency - ela disse numa vozinha fina. - Ele disse que estavam investigando, o que ele chamou de "suposto desfalque" de papai, e queria saber se meu pai tinha deixado algum papel comigo, se tinha me dado alguma informação. Deixado algum código de acesso. Qualquer coisa.
- Naturalmente você disse a ele que estão todos com as cabeças enfiadas na merda, não disse?
- Disse que está havendo um terrível engano, qual era a prova de que dispunham, ponderações desse tipo. E o cara disse alguma coisa como: Entrarei em contato novamente, mas, no meio tempo, puxe pela memória, procure se lembrar de alguma referência que seu pai possa ter feito. E acrescentou...

A voz dela falhou, e ela cobriu os olhos com uma das mãos em concha.

- Prossiga, Molly.
- Ele disse que, muito provavelmente, o desfalque estava ligado ao assassinato de meu pai. Ele sabia da foto no... - Ela fechou os olhos.
- Continue.
- Ele disse que havia muita pressão da Agência para tornar públicas essas alegações, liberá-las para a mídia, e eu disse que não podiam fazer uma coisa dessas, que era tudo mentira, que destruiriam a reputação dele. E ele replicou: Não gostaríamos de fazer isso, *Ms. Sinclair*. Tudo o que queremos, ele disse, é a sua cooperação.
- Oh, meu Deus! - exclamei.
- Isso tem alguma coisa a ver com a Corporação, Ben? Com o que quer que seja que você possa estar fazendo para Alex Truslow?
- Sim - disse. - Acho que tem.

Cedo, na manhã seguinte - tinha de ser bem cedo porque Molly ainda não levantara para ir trabalhar -, abri os olhos, olhei em volta do quarto como geralmente faço, e vi no rádio-relógio digital que ainda não eram nem seis horas.

Molly dormia ao meu lado, encolhida na posição fetal, com as mãos cruzadas sobre o peito. Gosto de vê-la dormindo: gosto da vulnerabilidade de menina e de apreciar seus cabelos revoltos e seu rosto sem maquilagem. Ela tem a virtude de dormir muito mais profundamente do que eu. Às vezes acho que ela gosta mais de dormir do que de sexo. E, de fato, ela acorda invariavelmente de bom humor, feliz e revigorada, como se tivesse acabado de voltar de maravilhosas ainda que breves férias.

Ao passo que eu acordo dispéptico, estonteado, irritado. Pulei da cama, atravessei o assoalho de madeira frio e fui direto ao vaso sanitário, esperando que o barulho da descarga a acordasse. Mas nada era capaz de despertá-la do sonho que provavelmente estava tendo. Aproximei-me então da cama, sentei na beirada e inclinei minha cabeça na direção do rosto dela.

Fiquei pasmo ao "ouvir" qualquer coisa.

Não era nada coerente, nada parecido com os fragmentos de pensamento ordenado que conseguira captar na véspera.

Ouvi retalhos de sons quase musicais, tonais, que não soavam como qualquer língua que eu já tivesse ouvido. Era como se estivesse girando o *dial* de um aparelho de rádio em algum país estrangeiro. E de repente uma porção de palavras fazendo perfeito sentido. Ouvi a palavra *computador* e depois alguma coisa que soou como *raposa*, em seguida, obviamente um sonho que ela estava tendo sobre o hospital, a palavra *monitor*. Inesperadamente, ouvi meu nome, *Ben*, seguindo-se mais frases musicais sem sentido.

E aí Molly acordou. Teria sentido meu bafo no seu rosto? Seus olhos abriram-se lentamente, focalizando-se em mim. Ela se aprumou.

- O que é, Ben? - perguntou assustada.
- Nada - respondi.
- Que horas são? Sete?
- Seis. - Hesitei e depois falei: - Quero conversar com você.
- Quero dormir - ela resmungou e fechou os olhos. - Conversamos mais tarde. - Virou para o outro lado e agarrou o travesseiro.

Toquei no seu ombro.

- Mol, meu bem. Temos de falar agora.

Com os olhos fechados, ela murmurou:

- Tudo bem.

Toquei no seu ombro novamente, e ela abriu os olhos de novo.

- O que é? - Sentou-se vagarosamente.

Mudei de posição na cama, e ela deu lugar para mim.

- Molly - comecei, e em seguida fiz uma pausa. - Como é que posso dizer? Como é que se explica uma coisa que não faz sentido para você?

- Hum?

- Mol, isso vai ser realmente difícil de explicar. Mas você vai ter de escutar. Você não vai acreditar em mim, presumo, certamente *eu* não acreditaria, mas, por enquanto, limite-se a me escutar, Ok?

Ela me olhou desconfiada por um instante.

- Isso tem a ver com o cara do hospital, não tem?
- Por favor, escute. Você está sabendo que um camarada da CIA me pediu para que eu me submetesse a um exame no polígrafo MRI.
- E daí?

Acho que o MRI afetou o meu cérebro.

Iila arregalou os olhos, depois as sobrancelhas, preocupada.

- O que foi que aconteceu, Ben?
- Escute. O que vou lhe dizer não é fácil. Você acredita pelo menos na *possibilidade* de alguns seres humanos serem dotados de uma percepção extra-sensorial?
- Esse cliente com quem você falou ontem à noite - disse ela. - Não há cliente nenhum, não é verdade? - Ela suspirou. - Oh, Ben.
- Escute, Molly...
- Ben, tenho alguns colegas que você poderia consultar. No hospital...
- Molly...
- Gente de primeira, muito qualificada. O chefe da divisão psiquiátrica é um especialista particularmente...
- Pelo amor de Deus, ainda não fundi a cuca.

- Então...

- Veja bem, diversos estudos realizados nas últimas décadas demonstram, senão conclusivamente, pelo menos persuasivamente, se você tiver a mente aberta, a *possibilidade* de alguns de nós percebermos os pensamentos dos outros.

"Em fevereiro de 1993", prossegui, "um psicólogo da Universidade de Cornell apresentou um trabalho na reunião anual da Associação Americana para o Progresso da Ciência. E matéria de domínio público. Ele reuniu provas estatísticas irrefutáveis de que a PES existe, que certos seres humanos são capazes de ler os pensamentos de outras pessoas. O trabalho dele foi aceito para publicação numa das revistas de psicologia mais conceituadas. E o chefe do departamento de psicologia de Harvard declarou-se bastante persuadido.

Ela parecia estar entediada, nem olhava mais para mim, mas continuei, impassível.

- Até recentemente nunca prestei muita atenção nesse tipo de especulação. O mundo está cheio de espertalhões e charlatães, e sempre descartei esse tipo de pessoas como ingênuas, ou coisa pior.

Eu passara a divagar, procurando desesperadamente parecer racional e o mais coerente possível.

- Vamos ao que interessa. A CIA, a velha KGB e diversos outros serviços de inteligência pelo mundo afora, creio que a Mossad de Israel também, têm se mostrado historicamente interessados nas possibilidades para fins de espionagem de pessoas que possuam até mesmo uma quantidade mínima dessas... na falta de uma expressão melhor... habilidades "psíquicas". Existem programas substancialmente financiados para identificar essas pessoas, é um fato incontestável, e tentar aproveitá-las em atividades de inteligência. Quando trabalhei na CIA, lembro-me de ter ouvido rumores sobre um programa especial. E a essa altura já li bastante a respeito.

Molly sacudia a cabeça devagar, num gesto que eu não conseguia distinguir se era de ceticismo ou de pena. Ela bateu com a mão no meu joelho e perguntou:

- Ben, você acha que o Alex Truslow está envolvido nisso?
- Preste atenção no que estou dizendo. Quando eu... - Minha voz tomou-se arrastada enquanto eu pensava numa coisa.
- Hein?

Levantei a mão para que ela se calasse. Tentei me desligar, e depois me concentrei. Se ela estava tão preocupada como parecia, certamente...

Rosenberg, ouvi com a mais absoluta clareza. Mordi o lábio inferior e continuei a me concentrar.

Deixou que ele fizesse esse trabalho fodido para o Truslow. Deve ter sido uma pressão muito grande para que ele topasse voltar a entrar em contato com esses espiões, depois de ter jogado tudo para o alto, depois do que lhe aconteceu, não podia deixar de afetá-lo. Stan Rosenberg dará um jeito de vê-lo ainda hoje se eu lhe pedir como um favor especial...

- Molly, você vai telefonar para o Stan Rosenberg, certo? E esse o nome dele, não é?

Ela olhou para mim com um jeito triste.

- Ele é o novo chefe da psiquiatria. Eu mencionei o nome dele para você antes, não mencionei?
- Não, Molly. Nunca. Você estava pensando nele. - Ela acenou a cabeça, e desviou o olhar. - Molly. Quero que você pense em alguma coisa. Uma coisa que eu não tenha a menor possibilidade de *saber* o que é.
- Ben - ela disse, esboçando um vago sorriso.
- Pense... Pense no nome de sua primeira professora no curso primário. *Faça isso, Molly.*
- Tudo bem - ela disse pacientemente. Fechou os olhos como se estivesse fazendo um grande esforço de memória, e eu limpei a mente e ouvi...

Sra. Nocito.

- É sra. Nocito, não é?

Ela anuiu com a cabeça. Depois olhou para mim, exasperada, e disse:

- Qual é o objetivo disso tudo, Ben? Você está se divertindo, me gozando?
- Ouça o que estou querendo lhe dizer, que diabo. Aconteceu alguma coisa comigo no laboratório do MRI do Rossi. O que quer que tenha sido alterou meu cérebro de algum modo, provocou qualquer coisa. Saí do teste com a capacidade, como é que posso explicar isso?, de ouvir ou ler, ou *algo parecido*, de escutar os pensamentos dos outros. Não o tempo todo, e nem todos os pensamentos. Somente coisas que os outros pensam quando pressionados pela raiva, pelo medo ou excitados, mas sou capaz de escutar. Obviamente alguém descobriu que um processador de imagens de ressonância magnética extremamente poderoso pode alterar o cérebro, ou pelo menos *alguns* cérebros...

Cinco cinco cinco zero sete dois zero. Quando ele for ao banheiro, ou quando descer, telefone para Maureen. Ela saberá o que devo fazer...

- Molly, me escute. Vai telefonar para alguém que se chama Maureen. O número do telefone é 555-0720.

Ela me olhou, estupefata.

- Não podia saber disso de maneira alguma, Molly. Impossível. Acredite em mim.

Ela continuou a olhar para mim, com os olhos lacrimosos, boquiaberta.

- Como você conseguiu fazer isso? - sussurrou ela.

Oh, graças a Deus.

- Molly, quero que pense em alguma coisa, alguma coisa que não tenha a *mínima* condição de saber que você está pensando. Por favor.

Ela encostou os joelhos no peito, abraçou-os e comprimiu a boca.

Trollope. Nunca li Barchester Towers. Quero ler. Nas próximas férias...

Você estava pensando que nunca leu *Barchester Towers* de Trollope - disse com muita deliberação.

Molly respirou lentamente, audivelmente.

- Oh, não. Oh, não.

Acenei a cabeça.

- Oh, não - ela repetiu, e fiquei perplexo ao ver seu rosto tomado por uma expressão, não de excitação, mas de pavor. - Oh, Ben - disse ela. - Por favor, não.

Ela segurou o queixo num gesto inconsciente de profunda reflexão. Desceu da cama e começou a andar de um lado para o outro.

- Você concordaria em ir ver alguém no hospital? - ela perguntou. - Um neurologista, alguém com que possamos discutir isso?

Pensei um momento.

- Não, creio que não.
- Por que não?
- Quem é que vai acreditar em mim?
- Se você repetir com eles o que fez comigo, se *demonstrar* seu poder, como é que poderão deixar de acreditar em você?
- Tem razão. Mas com que propósito? O que é que ficaríamos sabendo?

Ela fez um gesto largo com as mãos.

- Como foi que isso aconteceu - disse ela com a voz tensa. - Como isso pôde ter acontecido?
- Molly - eu disse, virando-me para vê-la de frente enquanto ela brincava com a concha em cima da cômoda. - Aconteceu. Ninguém vai me dizer nada que eu já não saiba.

Ela olhou para mim.

- Até onde você acha que o Alex Truslow sabe?
- A meu respeito? Provavelmente nada. E também não deixei que o Rossi ficasse sabendo, pelo menos, *acho* que não deixei...
- Você falou com o Alex sobre isso?
- Ainda não.

- Por que não?
- Eu... não sei.
- Telefone para ele agora.
- Ele está em Camp David.

Ela me olhou, intrigada.

- Está tendo uma reunião com o presidente.
- A chefia da Agência. Compreendo. Você contou ao Bill Steams?
- Não, é claro que não.

Ela fez uma pausa.

- Por que não?
- Por que essa pergunta?
- Quis saber apenas, o que é que você receia?
- Molly, qual é...
- Não, Ben, pense um pouco. - Ela voltou para a beira da cama e sentou-se ao meu lado, ainda brincando com a concha. - A Truslow Associates é contratada para localizar uma fortuna desaparecida. É um trabalho da mais alta confidencialidade, aí pinta um cara da CIA e, a pretexto de checá-lo, submete-o a esse protocolo. Um superdetector de mentiras. Como lhe disseram. É possível que funcione como tal. Tudo bem. Mas o que faz você pensar que eles têm *consciência* de que esse mesmo superpotente MRI tem um certo, vamos chamar de efeito subsidiário, de reestruturar o cérebro humano, ou uma *parte* bem pequena dele? De forma a fazer com que as pessoas expostas dessa maneira desenvolvam a capacidade de ouvir as ondas emitidas por outros cérebros? O que eu quero dizer é: como é que você sabe que eles *sabem* o que o MRI lhe fez, ou é *capaz* de fazer a uma pessoa?
- Depois do que você passou ontem, o cara no hospital, como pode pensar de outra maneira?
- Ben - disse ela com a voz baixa depois de um momento de silêncio.
- Hein?

Ela se voltou para mim, aproximando-se suficientemente para um beijo, e perguntou com uma expressão preocupada:

- Quando nós... quando fizemos amor ontem à noite, na cozinha...

Eu me empertiguei involuntariamente, sentindo-me culpado.

-Hum?

- Você estava fazendo, não estava?
- Fazendo o quê?
- Estava lendo a minha mente, não estava? - Sua voz tinha readquirido o tom agudo.

Sorri, tentando esconder a tensão.

- O que leva você a...

- Ben.
- Você e eu não precisamos de percepção extra-sensorial - comecei com falsa jovialidade.

Ela se afastou abruptamente de mim.

- Você leu, não é mesmo? - E emendou num tom zangado. - Você estava ouvindo meus pensamentos, minhas fantasias, certo?

Antes que eu pudesse dizer sim, ela cuspiu:

- Seu safado!

Ela se levantou, pôs as mãos nas cadeiras, e me olhou de frente.

- Seu filho-da-puta - disse em voz baixa. - Nunca mais faça isso comigo.

18

A reação de Molly era compreensível. Há algo de sombrio e assustador em saber que seus pensamentos mais íntimos, que todos nós julgamos ser inacessíveis a quem quer que seja salvo nós mesmos, possam ser devassados.

Fora, sem dúvida, a melhor relação sexual que Molly e eu já tivéramos e agora devia parecer-lhe uma coisa abjeta, fraudulenta. Mas por quê? Logicamente, o poder que adquirira me possibilitara saber uma coisa que normalmente nunca podemos saber: o que outra pessoa deseja secretamente, e satisfazer esse seu desejo.

Certo?

Entretanto, uma das coisas que nos tornam criaturas inteligentes, racionais, é a capacidade de não compartilharmos nossos pensamentos com os outros - de decidirmos o que revelar e o que manter em sigilo. E de repente eu passara a ser o transgressor, o violador dessa linha. Molly pareceu-me particularmente distante, quando a beijei ao me despedir uma hora mais tarde. Mas depois de desvendar o meu segredo, quem poderia censurá-la?

Suponho que, no íntimo, o que eu gostaria mesmo era de acordar naquela manhã e pensar que tinha sonhado com tudo aquilo, que voltaria para o meu pacato e seguro emprego de advogado de patentes, e retomaria minha rotina de conferências e reuniões.

Isso pode lhes parecer um tanto estranho. Afinal, o dom de ler a mente alheia é uma das fantasias que muitos de nós alimentamos. Há os que beiram as fronteiras da demência, que vivem comprando livros e fitas que lhes prometem ensinar a adquirir percepção extra-sensorial. Num momento ou outro de nossas vidas todos nós desejamos possuir esse poder.

Mas, na realidade, não queremos. Acreditem no que lhes digo.

Assim que cheguei ao escritório e conversei um pouco com Darlene, fechei a porta da minha sala e telefonei para o meu corretor, John Matera, na Shearson. Transferira alguns milhares de dólares da minha poupança para a minha conta de corretagem na Shearson. Isso, mais os dividendos de alguns *blue chips* - em grande parte Nynex e outras ações de serviços de utilidade pública - me dariam dinheiro suficiente para especular. Na verdade, estava jogando com o dinheiro que Bill Stearns me adiantara para me livrar da falência, pobreza e ruína.

Mas era uma coisa certa, afinal de contas.

- John - disse depois de alguns gracejos -, por quanto estão sendo vendidos os papéis do Beacon Trust?

John, que é um tipo rude, franco, respondeu de imediato.

- Nada. São de graça. Estão dando de mão beijada para quem for suficientemente tolo a ponto de demonstrar interesse. Com os diabos, para que você quer esse cocô de cachorro, Ben?
- Qual o preço que estão pedindo?

John deu um longo e profundo suspiro. Ouviu-se uma rápida digitação de computador e ele disse:

- Onze e meio, lance de onze.
- Vejamos então - disse eu. - Por trinta mil dólares, eu posso obter... o quê?
- Uma úlcera. Não seja maluco.
- John, compre.
- Não me cabe dar-lhe conselhos - disse John. - Mas por que você não pensa melhor e me telefona quando tiver recobrado o bom senso?

Sob seus veementes protestos, emiti uma ordem para a compra de 2.800 ações do Beacon Trust a até onze e um quarto. Dez minuto:. depois ele telefonou para dizer que eu era o "orgulhoso possuidor" de 2.800 ações do Beacon Trust a onze, e não resistiu à tentação de acrescentar:

- Otário.

Sorri para mim mesmo por alguns segundos, e depois reuni coragem para telefonar para o Truslow. Lembrando-me de repente que ele havia dito que iria a Camp David, entrei momentaneamente em pânico. Era imperativo que eu entrasse em contato com ele, para saber se o que tinha acontecido fora *intencional*, se ele sabia...

Mas como conseguir falar com ele?

Primeiro telefonei para a Truslow Associates, onde sua secretária disse-me que ele estava fora da cidade e não podia ser contatado. Sim, disse ela; sabia quem eu era, sabia que eu era um amigo, mas mesmo ela não sabia como entrar em contato com ele.

Em seguida, liguei para a casa de Louisburg Square. O telefone foi atendido por uma mulher (uma empregada, supus) que disse que o sr. Truslow tinha se ausentado da cidade - "creio que está em Washington" - e que a sra. Truslow estava em New Hampshire. Ela me deu o telefone de New Hampshire, e finalmente consegui falar com Margaret Truslow. Cumprimentei-a pela escolha de Alex, e depois lhe disse que precisava entrar em contato com ele imediatamente.

Ela hesitou.

- O assunto não pode esperar, Ben?
- É urgente - informei.
- E a secretária dele? Será que ela não pode ajudá-lo?
- Preciso falar com Alex sem perda de tempo.
- Ben, você sabe que ele está em Maryland, em Camp David - disse ela delicadamente. - Não sei como estabelecer contato com ele, e tenho a impressão que este não é um bom momento para perturbá-lo.
- *Tem* de haver um jeito de se chegar a ele - insisti. - E creio que ele quer ser perturbado. Se ele estiver com o presidente, tudo bem. Mas se não estiver...

Parecendo um pouco contrariada, ela concordou em ligar para a pessoa na Casa Branca que primeiro entrara em contato com Alex, para ver se seu marido podia ser localizado. Ela também prometeu que daria o meu recado no sentido de que, quando e se me telefonasse, Truslow só o fizesse por intermédio de um misturador portátil.

As reuniões com os sócios da Putnam & Stearns são invariavelmente enfadonhas, como devem ser as

reuniões desse tipo em qualquer empresa, exceto talvez no seriado da televisão *L. A. Law*. Reunimo-nos todas as sextas-feiras, às dez horas, para discutir o que Bill Stearns estiver a fim de discutir, decidir o que precisa ser decidido.

No decurso dessa reunião em particular, servida com café e pães doces muito gostosos da cantina do escritório, passamos em revista os mais diversos assuntos numa escala que ia dos tópicos irremediavelmente chatos (quantos associados deveriam ser contratados para o ano seguinte?) aos razoavelmente sensacionais (a firma devia aceitar a representação de um conhecido lorde do crime do submundo de Boston - não, é mais prudente dizer *suposto* lorde do crime -, que coincidentemente era irmão de um dos políticos mais poderosos do estado, e que estava sendo acusado de fraude pela Comissão da Loteria Estadual?).

As respostas: Não para o figurão do crime e seis quanto à cota de novos associados a serem contratados. Se não fosse pelo único item da agenda que me dizia respeito - elaborar um caso bem fundamentado para ser apresentado a um conglomerado gigante da indústria alimentícia, de modo a impressioná-lo favoravelmente e levá-lo a contratar nossos serviços, para atuar na ação que movia contra *outro* conglomerado gigantesco, a fim de determinar quem roubara de quem a fórmula de uma gordura sintética - confesso que não teria prestado a menor atenção aos temas em discussão.

Estava me sentindo inseguro e desligado, como se pudesse implodir de uma hora para outra. Bill Stearns, na cabeceira da mesa de conferências, em formato de caixão funerário, parecia me olhar com uma certa insistência. Será que eu estava ficando paranóico? E ele *saberia* de alguma coisa?

Não, a verdadeira questão era: *O quanto* ele sabia?

Senti-me tentado a ver se conseguia sintonizar os pensamentos de meus colegas enquanto eles faziam rabiscos nos seus blocos de anotações ou falavam, mas, para dizer a verdade, era difícil. Tantos eram os sócios que estavam tensos, irritados, nervosos, que a zoeira erguia-se como se fosse uma muralha de som compacta, ou uma pilha de tapetes estendendo-se de uma parede à outra, da qual não conseguia distinguir os pensamentos de uma pessoa das palavras pronunciadas por outra. Já descrevi a diferença quantitativa - a diferença de timbre - nos pensamentos que conseguia receber comparada com a voz falada normal. Mas a diferença é sutil, e quando o rebuliço era muito grande, eu simplesmente ficava confuso e frustrado.

Contudo, não deixava de captar um ou outro pensamento isolado. Assim, num determinado momento, passei a ouvir Todd Richlin, o mago das finanças da firma, discutindo faturáveis, recebíveis e entregáveis, e ao mesmo tempo ouvia, superpostos às suas palavras, seus frenéticos e irascíveis pensamentos ... *O Stearns ergueu as sobrancelhas, o que significará isso? e Kinney está tentando embarcar na canoa dele e me deixar mal, bom sacana*. Atropelando esses pensamentos espocavam interjeições de Thorne ou de Quigley, algo sobre a necessidade de contratar um consultor de fora para treinar nossos associados basicamente analfabetos a escrever e a falar, seguindo-se *seus* pensamentos sobre isso. Acabava envolto numa infernal confusão de vozes, roubando aos poucos minha concentração. Enquanto isso, toda vez que olhava para a cabeceira da mesa de conferências, Bill Stearns parecia estar olhando para mim.

Logo a reunião começou a adquirir aquele ritmo que indica que nos resta menos de meia hora. Richlin e Kinney se digladiavam num confronto sobre o andamento do litúgio corporativo a cargo de Kinney envolvendo a Viacorp, uma grande empresa de diversões de Boston, e eu ainda tentava limpar minha mente de todo aquele falatório, quando ouvi Stearns adiar a reunião, levantar-se rapidamente de sua poltrona e retirar-se da sala.

Corri para alcançá-lo, mas ele continuou caminhando, apressado, pelo corredor.

- Bill - chamei-o.

Ele se virou e me olhou friamente, sem diminuir o passo. Parecia fazer questão de manter uma boa distância física entre nós. O jovial Bill Steams desaparecera para dar lugar a um homem de postura rígida, assustadoramente concentrado. *Será que ele também sabia?*

- Não posso falar com você agora, Ben - disse num tom de voz estranho, peremptório, que nunca o tinha ouvido usar antes.

Alguns minutos depois de ter voltado ao meu escritório, foi completada uma ligação de Alexander Truslow.

- Pelo meu amor de Deus, Ben. É assim tão importante? - A voz dele tinha aquele tom esquisito, sem relevo que um misturador confere.
- Sim, Alex, é. Esta linha é estéril?
- E. Ainda bem que me lembrei de trazer o dispositivo comigo.
- Espero não ter interrompido uma reunião sua com o presidente ou coisa parecida.
- Não. Ele está reunido com alguns membros do seu gabinete, discutindo não sei o quê sobre a crise alemã. Estou aguardando a minha vez. O que é que há?

Fiz-lhe um relato resumido do que tinha acontecido nos "Development Research Laboratories" e contei-lhe, o mais sucintamente possível, o que era capaz de fazer agora.

Seguiu-se uma pausa exageradamente longa. O silêncio me pareceu infinito. Estaria pensando que eu ficara maluco? Será que ele iria desligar?

Quando finalmente falou, o fez quase em um murmúrio.

- O Projeto Oráculo - sussurrou.
- O quê?
- Meu Deus. Já tinha ouvido falar... mas pensar que...
- Você está *sabendo* de alguma coisa sobre isso?
- Por Deus, Ben. Sabia que esse camarada Rossi tinha estado envolvido num empreendimento desses. Pensei... Ouvi falar que tinham tido algum êxito, que a coisa tinha funcionado com um indivíduo. Mas as últimas informações que me chegaram foram de que Stan Turner tinha encerrado o projeto há bastante tempo. Então era isso que ele vinha desenvolvendo! Eu devia ter percebido que havia alguma coisa suspeita na história de Rossi.
- Quer dizer que você não foi informado?
- Informado? Me disseram que se tratava de uma checagem regulamentar. Você entende agora o que quis dizer quando lhe falei que há alguma coisa fora dos eixos? A companhia está fora de controle. Francamente, não sei mais em quem posso confiar...
- Alex. Vou ter de cortar completamente meus vínculos com a sua firma.

Tem certeza, Ben? - Truslow protestou.

- Sinto muito. Para minha segurança, da Molly, e sua, vou ter que baixar a bola por uns tempos. Sumir de vista. Cortar todos os meus contatos com você ou com quem esteja associado à CIA.

Ben, ouça. Sinto-me responsável, fui eu que envolvi você nessa história em primeiro lugar. Seja qual for a sua decisão, a respeitarei. Uma parte de mim quer que você continue para descobrir o que esses caubóis da Agência querem de você. E uma outra parte quer lhe dizer para ir para nossa casa de campo e ficar escondido por algum tempo. Não sei o que lhe dizer.

- Não sei que diabo aconteceu comigo. Ainda não compreendi. Não sei se chegarei a compreender.

Mas...

- Não tenho o direito de lhe dizer o que você deve fazer. Cabe unicamente a você decidir. Você pode querer falar com o Rossi, sondar o que ele quer de nós. Ele talvez seja perigoso. Talvez seja apenas excessivamente zeloso. Use o seu bom senso, Ben. Isso é tudo o que lhe posso dizer.
- Está certo. Pensarei sobre isso.
- Enquanto isso, se houver qualquer coisa que eu possa fazer...
- Não, Alex. Nada. No momento não há nada que ninguém possa fazer.

Assim que desliguei, entrou outra ligação.

- Um homem chamado Charles Rossi - Darlene anunciou pelo interfone.

Atendi.

- Rossi?
- Sr. Ellison, vou precisar que o senhor compareça o mais depressa possível e...
- Não - respondi. - Não tenho nenhum compromisso com a CIA. Meu compromisso era com o Sr. Alexander Truslow. E há alguns minutos, o compromisso acabou.
- Espere um momento...

Mas eu tinha desligado.

19

John Matera, meu corretor na Shearson, estava tão excitado que mal podia pronunciar as palavras:

- Jesus Cristo - disse ele. - Você ouviu?

Estávamos falando pela linha gravada da Shearson, por isso disse inocentemente.

- Ouviu o quê?
- O Beacon, o que aconteceu com o Beacon, ele foi comprado pelo Saxon...
- Isso é fantástico - disse, fingindo excitação. - O que é que isso representa para as ações?
- Representa? *Representa?* Já subiram *trinta* pontos, Ben. Você triplicou o seu dinheiro, e o dia ainda não acabou. Você já ganhou sessenta mil dólares, o que não é nada mal para umas duas horas de trabalho. Meu Deus, se você tivesse comprado opções...
- Venda, John.
- Que merda...!
- Venda, John. Agora.

Por alguma razão não me senti exultante. Ao contrário, senti uma onda sombria, ácida de medo varrer minhas entranhas. Tudo por que tinha passado nas últimas horas eu podia descartar como Iruto de minha imaginação, como uma espécie de terrível ilusão. Mas tinha lido a mente de um ser humano, e dessa forma tivera acesso a uma informação secreta, e ali estava sua prova concreta.

Não apenas para mim, mas também para mais alguém que estivesse me vigiando. Sabia que havia um sério risco de a SEC desconfiar de uma mudança de patrimônio tão rápida. Eu precisava do dinheiro, e tinha permitido que isso ofuscasse meu bom senso.

Dei-lhe instruções rápidas sobre o que fazer com o lucro apurado, em que conta depositá-lo, e desliguei o telefone. Em seguida liguei para Edmund Moore, em Washington.

O telefone tocou insistentemente - ninguém atendeu. Ed Moore sempre considerara esses aparelhos um transtorno - e quando já ia desligar, uma voz masculina finalmente atendeu.

- Pronto.

lira a voz de um homem jovem, não a de Ed. A voz de alguém numa posição de autoridade.

- Ed Moore, por favor.

Uma pausa.

- Quem está falando?
- Um amigo.
- Nome, por favor.

- Não é da sua conta. Deixe-me falar com Elena.

Pude ouvir ao fundo a voz aguda de uma mulher chorando, seus soluços subindo e descendo ritmicamente:

- Quem é? - perguntou a mulher.

- Ela não pode atender, cavalheiro. Sinto muito.

Os soluços, a distância, tornaram-se mais altos, transformando-se em palavras:

- Oh, Senhor! - e - Meu querido. Meu querido - e uma respiração forte, ofegante, angustiada.
- Que diabo está acontecendo aí? - perguntei.

O homem cobriu o bocal do fone, consultou alguém, e entrou novamente na linha.

- O sr. Moore faleceu. Sua esposa o descobriu faz poucos minutos. Ele se suicidou. Lamento informar. Isso é tudo o que posso dizer.

Fiquei atônito, quase sem fala.

Ed Moore... *suicídio*? Meu querido amigo e mentor, aquele homem pequenino, irascível e, acima de tudo, dono de um coração imenso. Estava muito confuso, muito chocado, mesmo para chorar as lágrimas que mais tarde seriam inevitáveis.

Não podia ser.

Suicídio? Ele havia mencionado em nossa última conversa vagas ameaças contra ele; temia por sua vida. Era evidente que não se tratava de suicídio. Tinha me parecido muito desorientado, até mesmo desequilibrado, quando me falara.

Edmund Moore estava morto.

Não tinha sido suicídio.

Telefonei para o hospital e pedi que localizassem Molly. Confiava no seu bom senso, nos seus conselhos, e precisava deles mais do que nunca.

Estava profundamente amedrontado. Há uma tendência machista entre os novos recrutados para o serviço secreto a depreciar e ridicularizar o medo, como se ele comprometesse sua competência, sua virilidade. Os agentes tarimbados, entretanto, sabem que o medo pode ser seu maior aliado. E preciso sempre ouvir

e confiar nos seus instintos.

E meus instintos me diziam agora que meus recentes poderes nos colocavam, a Molly e a mim, em grande perigo.

Depois de uma longa espera, uma voz rouca, provavelmente por causa do cigarro, me disse:

- Desculpe, senhor, não respondem. Gostaria que eu o ligasse com a unidade de tratamento intensivo neonatal?
- Sim, por favor.

A mulher que respondeu na UTI com um ligeiro sotaque hispânico informou:

- Não, sr. Ellison. Sinto muito, ela já foi embora.
- Foi embora?
- Foi para casa. Há uns dez minutos.
- Como?
- Ela teve de sair repentinamente. Disse que era uma emergência, alguma coisa que tinha a ver com o senhor. Julguei que soubesse.

Desliguei e saí correndo em direção ao elevador, com o coração disparado.

Chovia a cântaros, e o vento soprava com a força de uma tempestade. O céu estava plúmbeo com estrias amarelas. As pessoas passavam com suas capas impermeáveis amarelas e cáqui, seus guarda-chuvas pretos virados pelo avesso pelo vento uivante.

Quando subi os degraus de minha casa, encharcado pela curta corrida do táxi à porta da frente, a noite já caía, e todas as luzes da casa pareciam estar apagadas. Estranho.

Corri para o vestíbulo externo. Por que ela teria vindo para casa? Estava escalada para pernoitar no hospital.

A primeira coisa esquisita que notei foi o alarme estar desligado. Queria dizer que estava em casa? Molly saíra de casa depois de mim naquela manhã, e era sempre tão cuidadosa - até mesmo um pouco obsessiva - em relação ao alarme, nunca deixando de ligá-lo - embora houvesse muito pouco para ser roubado.

Quando abri a porta da frente, notei a segunda coisa esquisita: a pasla de Molly estava lá, no hall, a pasta que levava com ela para onde quer que fosse.

Ela deve estar em casa.

Acendi algumas luzes e subi silenciosamente a escada em direção ao nosso quarto de dormir. Estava escuro e nada de Molly. Subi mais um lance de escada até o quarto que ela usa como estúdio, embora naquela altura estivesse na mais completa balbúrdia devido às obras.

Nada.

Chamei em voz alta:

- Mol?

Nenhuma resposta.

A adrenalina começou a correr solta pelo meu sistema circulatório enquanto eu fazia toda sorte de especulações.

Se não estava em casa, será que estaria a caminho? E caso estivesse, quem ou o que a teria feito vir para casa? E por que não tentara se comunicar comigo?

- Molly? - chamei um pouco mais alto.

Silêncio.

Desci a escada rapidamente, com o coração aos pulos, acendendo as luzes à medida que me movimentava.

Não. Não estava na sala de estar. Não estava na cozinha.

- Molly - gritei dessa vez.

O mais completo silêncio em toda a casa.

Súbito, dei um pulo quando o telefone tocou.

Joguei-me sobre ele e disse:

- Molly.

Não era Molly. A voz era de homem e desconhecida.

- Sr. Ellison? - Um certo sotaque. Mas de onde?

- Sim?

- Precisamos falar. É urgente.
- Qual foi a cagada que vocês aprontaram com ela? - Explodi.
- Por favor, sr. Ellison. Não pelo telefone. Não na sua casa.

Respirei devagar, procurando diminuir a batida do meu coração.

- Quem está falando?
- Lá fora. Precisamos nos encontrar agora mesmo. É uma questão de segurança para vocês dois. Para todos nós.
- Onde, que diabo... tentei articular.
- Tudo será explicado - voltou a voz. - Vamos conversar...
- Não - respondi. - Quero saber imediatamente...
- *Ouçã* - a voz com sotaque chiou no receptor. - Tem um táxi no fim de seu quarteirão. Sua mulher está dentro dele, esperando pelo senhor. Dobre à esquerda no fim do quarteirão...

Não esperei que ele terminasse. Jogando o fone no chão, rodopiei e corri para a porta.

20

A rua estava escura, silenciosa, lustrosa da chuva. Caía uma ligeira garoa, quase uma névoa.

Lá estava ele, no fim do quarteirão, um táxi amarelo, a algumas centenas de metros. Por que no *fim* do quarteirão? Por que *ali*?

E enquanto corria, cada vez mais aceleradamente, percebi, no assento traseiro do táxi, a silhueta da cabeça de uma mulher, de longos cabelos pretos emaranhados, imóvel.

Seria de fato Molly?

Não podia ter certeza àquela distância, mas podia ser - *tinha* de ser. Por que estaria ela ali? O que acontecera?

Mas alguma coisa parecia errada. Instintivamente, diminuí o passo, virando a cabeça de um lado para o outro.

O que seria?

Alguma coisa. Gente demais andando pela rua àquela hora da noite, na chuva. Andando com uma calma forçada. As pessoas normalmente andam depressa para fugir da chuva...

Mas será que estava ficando paranóico?

Certamente, eram transeuntes normais.

Por um instante, uma fração de segundo na verdade, vi de relance um dos passantes. Alto, magro, usando uma capa de chuva preta ou azul-marinho e um gorro escuro de malha.

Pareceu olhar para mim. Nossos olhares se cruzaram num milésimo de segundo.

Seu rosto era extraordinariamente pálido, como se tivesse sido inteiramente descorado. Seus lábios eram finos e tão pálidos quanto o resto do seu rosto. Debaixo de seus olhos viam-se profundos círculos amarelados que se estendiam até os ossos da face. Seu cabelo, ou o que consegui ver dele por baixo do gorro, era louro, da cor de palha, penteado para trás.

Desviou o olhar com rapidez, com naturalidade.

Quase um albino, Molly tinha dito. O homem que a tinha "assediado" no hospital, que queria saber sobre contas bancárias ou dinheiro que Harrison Sinclair pudesse ter deixado para ela.

Tudo parecia errado. O telefonema, Molly sentada no táxi: *cheirava* mal, e meus anos de treinamento na Agência tinham me ensinado a cheirar as coisas de certo modo, a estabelecer parâmetros, e...

... não sei exatamente o que me chamou a atenção, um lampejo instantâneo, o brilho de alguma coisa - metálica? - à luz do poste do outro lado da rua estreita.

Ouvi então um leve roçar de tecido contra tecido, ou de tecido contra couro, um som peculiar que me era familiar sobrepondo-se aos ruídos ambientais da rua - seria por acaso um *coldre*?

Atirei-me no chão, no momento em que uma voz masculina profunda gritou:

- Abaixese!

De repente o silêncio foi abalado por uma assustadora cacofonia.

Os minutos que se seguiram foram de puro terror, uma confusão infernal de explosões e gritos - o pipocar abafado de pistolas semiautomáticas equipadas com silenciadores, o atrito metálico de balas perfurando os capôs dos carros na minha frente. De algum veio o ruído estridente de uma freada, e em seguida ouviu-se uma explosão de vidros. A vidraça de uma janela se estilhaçara - uma bala perdida?

Fiquei de cócoras, tentando determinar de onde vinha o fogo. Desloquei-me com a velocidade de um raio, meu cérebro fazendo milhões de suposições.

De onde ele viria?

Não sabia precisar. Do outro lado da rua? Da esquerda? Sim, da esquerda, da direção, da direção do táxi!

Uma figura sombria correu ao meu encontro, outro grito, que não consegui entender, e novamente joguei-me no chão ao ouvir outra explosão de fogo cerrado. Dessa vez os tiros eram perigosamente perto. Um estilhaço de qualquer coisa picou o meu rosto, minha testa; doeu quando, raspei o queixo na calçada. Senti uma fisgada na minha coxa. E o pára-brisas do carro ao lado do qual estava agachado espatifou-se em mil pedaços.

Estava encurralado; meus desconhecidos assaltantes fecharam o cerco, e eu estava desarmado. Desesperado, mergulhei debaixo do carro, e aí ouviu-se outra saraivada de tiros abafados, um grito angustiante, e o cantar de pneus...

E silêncio.

Silêncio absoluto.

O tiroteio cessara momentaneamente. Debaixo do chassi do carro só conseguia distinguir um círculo de luz diretamente do outro lado da rua. Nele jazia o corpo de um homem, trajado de preto, com o rosto virado, e sua nuca era uma horripilante massa de sangue e tecido.

Seria o homem pálido que eu vira de relance segundos antes?

Não, logo me dei conta. O homem morto era compacto, mais baixo.

No silêncio meus ouvidos ainda retiniam dos disparos e das explosões. Permaneci onde estava por algum tempo, com receio de me mexer, temendo que o menor movimento denunciasse minha posição.

E então ouvi meu nome.

- Ben! - Uma voz, de certo modo familiar.

A voz estava agora mais perto. Vinha da janela de um veículo que se aproximava.

- Ben, você está bem?

Momentaneamente não consegui responder.

- Oh, Cristo - ouvi a voz dizer. - Oh, Cristo, espero que ele não tenha sido atingido.
- Aqui - consegui finalmente dizer. - Estou aqui.

21

Alguns minutos depois eu estava sentado nos fundos de uma van branca à prova de bala, entorpecido. Sentado no compartimento da frente, atrás do motorista uniformizado e separado de mim por um painel de vidro grosso, estava Charles Rossi. O interior da van era elegantemente equipado: uma pequena tela de televisão embutida, uma máquina de fazer café e até um fax.

Estou contente por você estar bem - veio a voz amplificada de Charles Rossi, emanando metalicamente de um interfone. O painel de vidro que nos separava parecia ser à prova de som. - Precisamos conversar. - Que diabo foi esse tiroteio?

- Sr. Ellison - disse ele, cansado. - Sua esposa está em perigo. Isso não é uma brincadeira.

Por estranho que pareça, não senti raiva. Ainda estaria meio abobalhado, sob o efeito do que tinha acabado de passar? Do choque com o desaparecimento de Molly? O que sentia era uma sensação distante, remota, de indignação, uma vaga noção de que havia algo errado... Contudo, estranhamente, não sentia raiva.

- Onde está Molly? - perguntei duramente.

Rossi suspirou através do interfone.

- Ela está sã e salva. Queremos que você saiba disso.
- Vocês estão com ela?
- Sim - Rossi respondeu como se estivesse muito longe. - Ela está conosco.
- O que foi que vocês fizeram com ela?
- Você vai vê-la muito em breve - disse Rossi. - Eu lhe prometo. Você vai compreender que fizemos isso para a segurança dela. Eu lhe garanto.

A voz dele era confortante, razoável e plausível.

- Ela está em segurança - continuou Rossi. - Você a verá muito em breve. Nós a estamos protegendo. Você vai poder falar com ela dentro de poucas horas, e verá.
- Então quem foi que tentou me matar?

- Não sabemos.
- Você não sabe de muita coisa, não é verdade?
- Ainda não podemos dizer se foi gente nossa, ou se foram outros.

Gente nossa. Significando a CIA? Ou outros dentro do governo?

Portanto, o quanto saberiam a meu respeito?

Estiquei o braço e levantei a maçaneta da porta para abri-la, mas a porta estava trancada por dentro.

- Não tente - disse Rossi. - Por favor, você é muito valioso para nós. Não quero que se exponha ao perigo.

A van estava agora em movimento. Não sabia onde, não compreendia muito bem. Mas sabia de uma coisa agora.

- Estou ferido - disse.
- Você parece estar bem.
- Não. Estou ferido.

Curvei-me e toquei na parte dolorida de minha coxa. Desafivelei o cinto e abaixei a calça. Descobri a marca de agulha, um diminuto ponto preto cercado por uma inflamação circular. Não tinha visto nenhum dardo; não era tampouco uma agulha hipodérmica.

- Como foi que vocês fizeram?
- Fizemos o quê?

Estávamos descendo a Storow Drive, por uma pista que apontava para as vias expressas.

Kotamina, pensei.

A voz de Rossi soou metálica.

- Hein?

Devo ter falado alto, mas não fiz nenhum esforço para manter meus pensamentos só para mim.

Será que tinham injetado algum composto de benzodiazepina na minha coxa? Não. A reação era mais de hidróclorido de ketamina. "K Especial", como era chamado nas ruas, um tranqüilizante para animais.

A Agência ocasionalmente tinha necessidade de aplicar ketamina em indivíduos relutantes. A substância produz o que chamam de "anestesia dissociativa", o que significa basicamente fazer com que você se sinta dissociado do seu ambiente - você pode *experimentar* dor, por exemplo, mas não a *sentir*, ela separa o sentido da sensação.

Ou, na dosagem precisamente certa, você é capaz de permanecer alerta, mas torna-se surpreendentemente condescendente, agradável, embora a parte de auto-preservação do seu cérebro o advirta para não aquiescer.

Se você quiser que uma pessoa faça alguma coisa que de outra forma não faria, é a droga perfeita.

Olhei para a estrada e vi que estávamos nos aproximando do aeroporto. Fiquei imaginando o que iam fazer comigo.

Pensei que, afinal, não poderia ser coisa tão ruim assim.

Uma parte de mim, distante, debilitada, me dizia numa voz sumida para abrir a porta da van, saltar do veículo em movimento e fugir.

Mas está tudo basicamente certo, dizia minha outra parte numa voz mais forte, mais próxima, mais alta.

Estou sendo testado de alguma forma. Testado por Charles Rossi. É só isso.

Eles não podem arrancar nada de mim, nada que tenha algum valor. Se fossem me matar, já teriam feito isso há muito tempo.

Mas esses pensamentos mórbidos são tolos. Paranóicos. Desnecessários.

Basicamente está tudo certo.

Podia ouvir Rossi falando comigo calmamente a centenas de quilômetros de distância.

Se estivesse no seu lugar, tendo em vista tudo por que passou, sem dúvida me sentiria do mesmo modo. Você acha que ninguém sabe, você mesmo não acredita inteiramente. Às vezes você se exulta com o que subitamente passou a ser capaz de fazer; às vezes fica apavorado.

- Não tenho a menor idéia do que você está falando, o que está se referindo - eu disse, mas minhas palavras saíam mecanicamente, inexpressivas, sem convicção.
- Seria muito mais simples, muito melhor para todos nós, se cooperássemos em vez de nos antagonizarmos.

Eu não disse nada.

Um momento de silêncio, e em seguida ele falou.

- Nossa intenção é protegê-lo. De algum modo há outros que sabem da sua participação na experiência.
- Experiência? - disse. - Está se referindo ao seu "polígrafo" MRI?
- Sabíamos que havia uma em mil, na melhor das hipóteses, uma em cem, chances de o MRI obter o efeito desejado em você. Certamente tínhamos boas razões para acreditar, considerando a avaliação médica de sua ficha na Agência, que você reunia todos os atributos necessários: o QI, o perfil psicológico e principalmente a memória eidética. Precisamente o perfil certo. E evidente que não podíamos ter certeza, mas havia motivos significativos para sermos otimistas.

Distraidamente tracei um padrão no assento estofado de couro cor de vinho.

- Você não foi suficientemente cauteloso - disse ele. - Mesmo uma pessoa com os seus treinamentos, suas qualificações, pode ser descuidada.

Todos os meus alarmes estavam tocando agora. Sentia a pele da minha nuca formigar desagradavelmente. Entretanto, minha mente preguiçosa, serena, parecia totalmente separada de meus instintos corporais, e me surpreendi acenando a cabeça lentamente.

Ele disse:

- ... não se surpreenda com o fato de os telefones do seu escritório e de sua casa terem sido grampeados, tudo legalmente, diga-se de passagem, tendo em vista seu possível envolvimento na queda da First Commonwealth. Diversos dispositivos eletrônicos também foram instalados nas dependências de sua casa, deixamos muito pouco ao acaso.

Limitei-me a sacudir a cabeça lentamente.

- É desnecessário dizer que monitorizamos tudo o que você disse em voz alta, e você foi um tanto indiscreto, tanto na sua reunião outro dia com Mel Komstein quanto nas conversas com sua mulher. Não quero ser crítico, pois você não tinha nenhuma razão para desconfiar que houvesse alguma coisa errada. Afinal de contas, não havia motivo para recorrer ao que aprendeu no seu treinamento na Agência.

Abaixei a cabeça para aumentar a pressão sanguínea no cérebro mas isso só serviu para me deixar mais tonto. Minha cabeça estava lindando, e os faróis dos carros que passavam na estrada pareciam excessivamente luminosos, e meus braços e minhas pernas estavam pesados.

Ele disse, com a voz denotando preocupação: Também foi bom. Se não o tivéssemos mantido debaixo de uma vigilância cerrada, talvez não o tivéssemos socorrido a tempo.

Repreni um bocejo, enrijecendo os tendões do meu pescoço.

- Alex - comecei a dizer.

Ele disse:

- Sinto muito por termos sido obrigados a fazer isso. Você compreenderá. Era uma questão de protegê-lo de você mesmo. Quando cessar o efeito da ketamina você compreenderá que tínhamos de fazer isso. Estamos do seu lado. Certamente não queremos que nada lhe aconteça. Simplesmente precisamos de você para cooperar conosco. Assim que tiver nos ouvido, creio que cooperará. Não podemos obrigá-lo a fazer nada que não queira fazer.

- Acho que uma boa assistência jurídica - murmurei.

- Você representa uma grande esperança para gente muito boa.

- Rossi... - eu disse. Meu discurso era indistinto, minha boca e minha língua pareciam preguiçosas. - Você foi... diretor do projeto... do projeto psíquico da CIA... Projeto Oráculo... seu nome...

- Você é muito, muito valioso para nós - disse Rossi. - Não quero que nada lhe aconteça.

- O que é que você... sentado aí na frente... tem a esconder?

- Compartmentalização - disse ele. - Você conhece a regra de ouro no serviço de inteligência. Com os seus poderes, seria perigoso para você saber demais. Você passaria a ser uma ameaça para todos nós. O melhor é mantê-lo o mais ignorante possível.

Paramos num terminal sem sinalização do aeroporto Logan.

- Dentro de alguns minutos um avião militar decolará para a base da força Aérea de Andrews.

- Por que... - comecei, mas não cheguei a terminar a frase.

Rossi respondeu um pouco depois:

- Tudo será explicado muito em breve. Tudo.

22

A última coisa de que me lembro foi de estar falando com Charles Rossi na van. Depois acordei estontado numa cabine de avião sem poltronas que se parecia muito com uma aeronave militar. Dei-me conta de que estava amarrado horizontalmente num banco, maca ou coisa parecida.

Se Rossi estava a bordo, não conseguia vê-lo em parte alguma, certamente não daquele ângulo. Homens sentados perto de mim envergavam uma espécie de uniforme militar. Montando guarda a mim? Será que pensavam que eu planejava fugir a dez mil pés de altitude? Não percebiam que eu estava desarmado?

A ketamina que tinham me injetado na rua devia ser extremamente poderosa, porque mesmo agora não conseguia pensar claramente. Não obstante, tentei.

O destino era a base da Força Aérea de Andrews. Provavelmente, estava sendo encaminhado ao quartel-general da CIA. Não. Isso não fazia sentido. Rossi sabia da minha capacidade de ler pensamentos, portanto o *último* lugar a que me levaria seria Langley. Ele parecia saber o que eu *não era capaz* de fazer - não conseguia captar ondas cerebrais através de vidro, ou a uma distância de mais de alguns centímetros -, o que me dizia que ele tinha realizado essa extraordinária experiência anteriormente.

A minha capacidade ainda estaria funcionando? Não fazia idéia agora. Qual seria sua duração? Talvez

tivesse sumido com a mesma rapidez com que surgira.

Mexi-me no lugar onde me encontrava amarrado, forçando as correias, e notei que meus guardas viraram as cabeças, tensos.

Teria sido realmente Molly quem estava no táxi? Rossi dissera que ela estava com eles sã e salva. Mas um táxi? E estacionado numa rua? Devia ser uma isca, alguém que se parecesse muito com Molly colocada no táxi para me atrair ao fim do quarteirão. Mas teria sido o pessoal do Rossi que armara a estratégia? Ou os "outros" não nomeados, não especificados?

E quem seriam esses outros?

Consegui grasnar:

- Ei!

Um dos guardas levantou-se, aproximou-se de mim (mas não demais, notei).

- Em que posso ajudá-lo? - perguntou ele amavelmente. Era um jovem de pouco mais de vinte anos, cabelo à escovinha, alto, musculoso.

Virei a cabeça na direção dele, e olhei-o de frente.

- Estou me sentindo mal - disse.

Ele ergueu as sobrancelhas.

- As instruções que recebi...

- Vou vomitar - disse. - As drogas. Só queria que você soubesse disso. Cumpra a porra das ordens que lhe deram.

Ele olhou em volta. Um dos outros guardas franziu a testa e sacudiu a cabeça.

- Sinto muito - disse ele. - Quer um copo d'água ou alguma coisa?

Dei um gemido.

- Água? Pelo amor de Deus! O que é que isso vai adiantar? O que estou precisando é de ir à privada.

O guarda voltou-se para o outro, e sussurrou-lhe alguma coisa. O companheiro gesticulou, parecendo indeciso. O primeiro virou-se para mim e disse:

- Sinto muito, meu chapa. Mas o melhor que posso oferecer é uma panela ou coisa parecida.

Dei de ombros, ou tentei, amarrado como estava pelas correias.

- Como quiser.

Ele foi até a frente da cabine e voltou com o que parecia ser uma comadre de alumínio, que colocou ao lado da minha cabeça.

Fiz o melhor que pude para simular ânsia de vômito, tossi e fiz força para vomitar enquanto ele segurava a comadre embaixo da minha boca, com sua cabeça a poucos centímetros de distância, e um ar de profunda repugnância.

- Espero que lhe estejam pagando bem para isso.

Ele não respondeu.

Dei o melhor de mim para focalizar meu cérebro confuso, obscurecido pela ketamina.

...não atingi-lo... ouvi.

Sorri, percebendo o que se tratava.

Tossi novamente.

Depois: por quê...

E alguns segundos após:... *o que ele fez é assunto da companhia nunca nos dizem provavelmente algum condenado por espionagem não tem pinta parece mais um advogado condenado.*

- Acho que você não tem nada afinal de contas - disse o guarda, afastando a comadre por alguns

segundos.

- Que alívio - disse eu. - Não afaste muito esse troço.

Fiquei sabendo, em primeiro lugar, que ainda estava funcionando; e, em segundo, que não ia descobrir nada através daquele cara, que fora deliberadamente mantido ignorante de quem eu era e para onde estava indo.

Pouco depois voltei a mergulhar num sono sem sonhos.

Quando despertei novamente estava sentado no banco traseiro de outro veículo. Dessa vez um Chrysler padronizado do governo. Meus braços e minhas pernas doíam.

O motorista era um homem alto, beirando os quarenta anos, com cabelos grisalhos à escovinha, envergando uma *parka* azul-marinho.

Estávamos entrando agora numa região particularmente rural da Virgínia, nos arredores de Reston, deixando para trás as Casas Internacionais das Panquecas e as Drugstores Osco, e as centenas de pequenos *shopping malls*, enveredando por sinuosas estradas arborizadas de duas pistas. A princípio imaginei que estivéssemos indo para Langley por outro caminho periférico, mas depois percebi que estávamos avançando numa direção totalmente diferente.

Era uma região onde se localizavam casas de segurança - o segmento da Virgínia onde a CIA mantém diversas residências particulares usadas para atividades da Agência: reuniões com agentes, interrogatórios de delatores etc. Às vezes são apartamentos em grandes prédios suburbanos anônimos, mas na maioria das vezes são pequenos sítios com casas térreas discretas, modestamente mobiliadas com móveis baratos, alugados por mês, espelhos com molduras espalhafatosas, vodca *no freezer* e vermute na geladeira.

Dez minutos depois paramos na frente de um portão monumental de ferro forjado, trabalhado, encaixado em grades de ferro de quase cinco metros de altura. As barras de ferro do portão e das grades terminavam em ponta e pareciam oferecer a mais alta segurança. Talvez fossem eletrificadas. As duas faces do portão giraram eletronicamente nos seus gonzos, dando acesso a uma longa alameda arborizada que ia dar, algumas centenas de metros adiante, numa clareira em frente a uma casa georgiana de tijolos que, na escuridão da noite, quase parecia agourenta. Um quarto no terceiro andar estava aceso, alguns no segundo, e um grande aposento no primeiro, cujas cortinas estavam fechadas. A entrada externa também estava acesa. Pensei com os meus botões o quanto estaria custando à Agência o aluguel daquela mansão, e por quanto tempo.

- Chegamos, senhor - disse o motorista. Ele falou com uma voz ligeiramente nasalada, comum a tantos funcionários públicos que emigram para Washington provenientes das imediações da Virgínia.
- Certo. Obrigado pela carona.

Ele acenou a cabeça, e disse, compenetrado: Boa sorte, senhor.

Desci do carro e atravessei lentamente a alameda de cascalho e a laje que conduziam à entrada. Ao me aproximar da porta da frente, ela se abriu.

Parte III

A CASA DE SEGURANÇA

THE WALL STREET JOURNAL

A CIA em crise

**Consta que o presidente está prestes a nomear novo chefe da CIA
Especula-se se uma nova vassoura poderá realmente limpar a casa
A agência de espionagem está fora de controle?**

POR MICHAEL HALPERN

REPÓRTER EFETIVO DO *THE WALL STREET JOURNAL*

Entre os insistentes rumores que circulavam em Washington sobre o envolvimento da Central Intelligence Agency numa vasta rede de atividades ilegais, comenta-se que o presidente está em vias de nomear um novo diretor.

O objeto das últimas especulações é um funcionário de carreira da Agência, Alexander Truslow, que é visto de um modo geral com bons olhos pelo Congresso e pela comunidade da inteligência.

Muitos observadores, entretanto, receiam que o sr. Truslow defronte-se com o difícil senão insuperável desafio de tentar reinar numa CIA que, segundo é voz corrente, está fora de controle.

Eu não deveria ter ficado de modo algum surpreso ao ver o homem na cadeira de rodas, me olhando calmamente quando entrei na ampla e ornada sala de estar. James Tobias Thompson III tinha envelhecido terrivelmente desde a última vez que o tinha visto, no incidente que encerrara minha carreira na Agência, e, muito mais tragicamente, roubara a vida de uma mulher maravilhosa e paralisara um homem da cintura para baixo.

- Boa-noite, Ben - disse Toby.

Sua voz, baixa e áspera, quase não se ouvia. Ele era um homem magro, cerca de setenta anos, vestindo um terno de sarja azul-marinho conservadoramente talhado. Seus pesados sapatos pretos - que raramente tocavam o chão - estavam impecavelmente polidos. Seus cabelos, um tanto longos para um homem da sua idade, especialmente um veterano da Agência, estavam totalmente brancos. Em Paris, quando o vi pela última vez, eram pretos retintos com mechas grisalhas nas têmporas. Seus olhos eram castanhos; tinha um ar ao menino tempo distinto e deprimido.

A cadeira de rodas de Toby apoiava-se contra uma imensa lareira de pedra, na qual, estranhamente, ardia uma grande fogueira artificial. Estranhamente, digo, porque o salão onde me encontrava, que deveria ter quinze metros de largura por trinta de comprimento, com um pé-direito de quase seis metros de altura, era refrigerado com uma temperatura desconfortavelmente baixa. Por alguma razão lembrei-me que Richard Nixon gostava de fogueiras crepitantes no Salão Oval refrigerado, em pleno verão.

- Toby - disse, aproximando-se devagar para apertar-lhe a mão. Mas ele se limitou a fazer um gesto para uma cadeira a uns bons nove metros de distância dele.

Sentado numa *bergère* ao lado da lareira estava Charles Rossi. Não muito distante, num pequeno sofá estofado de damasco, estavam dois rapazes vestindo ternos azul-marinho baratos que sempre associei a tipos de segurança da Agência. Quase certamente estavam armados.

- Obrigado por ter vindo - disse Toby.
- Oh, não me agradeça - disse, disfarçando meu amargor. - Agradeça ao pessoal do sr. Rossi. Ou aos químicos da Agência.
- Perdão - disse Toby. - Conhecendo-o e ao seu temperamento, julguei que não conseguiríamos contar com a sua presença de qualquer outra maneira.
- O senhor foi claro - atalhou Rossi - ao dizer que não estava disposto a cooperar.
- Boa jogada. Essa droga realmente mina a vontade. Pretende me manter dopado para garantir minha complacência?
- Acho que depois de ouvir tudo o que temos a lhe dizer, será mais cooperativo. Se decidir não cooperar, não há nada que possamos fazer. Um animal enjaulado não dá um bom agente de campo.
- Então abra o jogo.

A cadeira de espaldar alto em que estava sentado parecia ter sido especialmente colocada para mim de modo que eu pudesse ver e falar com Rossi e Thompson. Observei, entretanto, que ficava a uma grande distância de todos.

- A Agência dessa vez arranhou uma boa casa de segurança para vocês - eu disse.
- Na verdade pertence a um aposentado da Agência - disse Toby, sorrindo. - Como tem passado?
- Estou bem, Toby. Você também parece estar bem.

- Tão bem quanto é possível esperar.
- Lamento nunca termos tido uma oportunidade de conversar - disse.

Ele sacudiu os ombros e sorriu novamente como se eu tivesse feito uma sugestão leviana, tola.

- Normas da Agência - disse ele. - Não minhas. Também gostaria que tivéssemos tido.

Rossi estava me observando em silêncio. Eu continuei:

- Não queira saber como senti...
- Ben - Toby interrompeu. - Por favor, não. Nunca o culpei. Essas coisas acontecem. O que aconteceu comigo foi duro, mas o que aconteceu com *você* , com a Laura...

Ficamos calados por um momento. Fiquei ouvindo o chiado das chamas de gás cor de laranja lambendo as pinhas de cerâmica.

- Molly - comecei.

Toby levantou a mão para me calar.

- Ela está bem - disse ele. - Felizmente, graças ao Charles, você também está.
- Creio que mereço uma pequena explicação - disse suavemente.
- Você merece, Ben - Toby concordou. - Tenho certeza de que você compreende que esta conversa não está acontecendo. Não há registro do seu vôo para Washington, e a polícia de Boston já arquivou o relatório de um tiroteio na Marlborough Street.

Acenei a cabeça.

- Peço-lhe desculpas por tê-lo acomodado tão longe de nós - ele prosseguiu. - Você compreende a necessidade da precaução.
- Não, se você não tiver nada a esconder - disse.

Do outro lado da sala, Rossi sorriu para si mesmo e disse:

- Esta é uma situação totalmente inusitada, que não planejamos. Como expliquei, mantê-lo fora de proximidade física é a única maneira que conheço capaz de assegurar o tipo de compartimentalização de conhecimento que esta operação exige.
- Que operação é essa? - perguntei tranqüilamente.

Ouvi um chiado mecânico baixo, quando Toby ajustou sua cadeira para me olhar de frente. Então falou, devagar, como se estivesse tendo grande dificuldade.

- Alex Truslow trouxe você para executar uma tarefa. Gostaria que Charles não tivesse recorrido aos truques que empregou. Ele será o primeiro a admitir que não é flor que se cheire.

Rossi sorriu.

- É um jogo de fins e meios, Ben - disse Toby. - Estamos perseguindo o mesmo fim que Alex; simplesmente estamos empregando meios diferentes. Mas não percamos de vista o fato de que esse é um dos mais intrigantes e importantes experimentos na história do mundo. Acho que uma vez que nos tenha ouvido, você decidirá embarcar na nossa canoa. Se resolver o contrário, tudo bem.

- Vá em frente.

- Nós o selecionamos há algum tempo como nosso mais provável objeto de estudo. Tudo no seu perfil

parecia certo, a memória fotográfica, a inteligência, e assim por diante.

- Então vocês *sabiam* o que ia acontecer.

- Não - disse Rossi. - Tínhamos fracassado diversas vezes.
- Um segundo - disse eu. - Esperem aí. Quanto vocês sabem exatamente?
- Muita coisa - disse Toby calmamente. - Você agora tem a capacidade de receber o que é chamado de ORF, ondas de rádio de frequência extremamente baixa geradas pelo cérebro humano. Incomoda-se se eu fumar? - Ele tirou do bolso um maço de Rothmans - lembrei-me que Rothmans era a única marca que ele fumava quando nos conhecemos em Paris, e bateu o maço no braço da cadeira de rodas até sair um cigarro.
- Se me incomodasse - respondi -, duvido que a fumaça me perturbasse a essa distância.

Ele levantou os ombros e acendeu o cigarro. Botando a fumaça pelo nariz luxuriantemente, ele continuou.

- Sabemos que... o talento, na falta de uma palavra melhor, não diminui desde que surgiu. Sabemos que você só é sensível a pensamentos que são ocasionados em momentos de forte emoção. Não sua, mas dos que você esteja tentando "ouvir". Isso confirma claramente a teoria defendida há muito tempo pelo dr. Rossi de que a intensidade das ondas de pensamento, ou ORF, será proporcional à intensidade da reação emocional do indivíduo. Essa emoção varia a força dos impulsos elétricos descarregados. - Ele fez uma pausa para tragar novamente e depois disse com voz rouca, através da fumaça expirada. - Estou extrapolando?

Limitei-me a sorrir como resposta.

- Naturalmente, Ben, estaríamos muito mais interessados em ouvir o relato de suas experiências do que ficarmos ouvindo nossas próprias teorias.
- O que foi que os levou a pensar em usar o processador de imagens de ressonância magnética?
- Ah - disse Toby. - Para isso recorro ao meu colega Charles.
- Como você talvez saiba ou não, Ben, durante os últimos anos faço parte da equipe do DDO aqui nos Estados Unidos. - O que ele estava dizendo é que servia no Deputy Directorate of Operations, para simplificar, o setor que supervisiona as missões secretas no quartel-general da CIA em Langley. - Minha área de responsabilidade é o que eles chamam de projetos especiais.
- Pois bem - disse, sentindo uma estranha sensação de vertigem. - Talvez um dos cavalheiros possa me explicar em que consiste esse... projeto, como parecem chamá-lo.

Toby Thompson deu uma última tragada e esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro de cristal, na mesa de carvalho ao seu lado. Olhou a cortina de fumaça levantar-se e espiralar no ar, e voltou-se para mim.

- O que estamos falando - disse ele - é assunto da mais alta classificação de segurança. - Fez uma pausa e prosseguiu: - E é, como você pode imaginar, uma história longa e complexa.

24

- A Central Intelligence Agency - disse Toby, com os olhos fixos a meia distância - há muito se interessa... digamos... pelas técnicas mais *exóticas* de espionagem e contra-espionagem. Não me refiro apenas à maravilhosa invenção do guarda-chuva búlgaro, cuja ponta injeta um veneno mortal. Não sei até onde você está por dentro desfiando coisas dos seus tempos de Agência...

- Não muito, eu disse.

Toby olhou para mim abruptamente, como se estivesse surpreso por ler sido interrompido.

- E o nosso pessoal, naturalmente, o observou na Biblioteca Pública de Boston pesquisando, portanto você deve saber pelo menos alguma coisa que é de domínio público. Mas a verdadeira história é muito mais interessante.

"Você tem de ter em mente", prosseguiu, "um aspecto principal: a razão pela qual a maioria dos empreendimentos governamentais silo realizados debaixo do maior segredo é o *medo do ridículo*. É simplesmente isso. E numa sociedade como a nossa, um país como os Estados Unidos, que se orgulha do seu obstinado pragmatismo... bem, acho que os fundadores da CIA reconheceram que o maior risco para a sua existência não é a injúria pública e sim o escárnio público.

Sorri concordando, e acenei a cabeça. Toby e eu éramos bons amigos antes do incidente, e eu sempre apreciara o seu ferino senso de humor.

- Por conseguinte - continuou ele -, somente um punhado de oficiais superiores, historicamente, teve acesso ao trabalho da

Agência nessa área. Gostaria que isso ficasse bem claro. - Ele me olhou diretamente, depois inclinou a cabeça ligeiramente para trás. - Experiências sobre parapsicologia, como você sem dúvida já sabe, datam pelo menos da década de 1920 em Harvard e Duke, experiências sérias realizadas por pesquisadores sérios, mas naturalmente nunca levadas a sério pela comunidade científica de um modo geral. - Ele sorriu secamente e acrescentou: - Assim é a estrutura das revoluções científicas. E claro que o mundo é chato; como poderia ser de outra forma.

"O primeiro trabalho desbravador foi feito por um homem chamado Joseph Banks Rhine na Universidade de Duke no final dos anos 20 e começo dos 30. Com certeza você conhece as cartas Zener.

- Humm? - murmurei.
- Você sabe, as famosas cartas de percepção extra-sensorial de cinco símbolos: os quadrados, triângulos, círculos, linhas onduladas e linhas retas. O fato é que Rhine e seus sucessores descobriram que algumas pessoas têm o talento, muito poucas, como se constatou, e em graus variados. A vasta maioria, naturalmente, não possui o dom. Ou, como alguns estudiosos postulam, muitos têm o *potencial* para desenvolver o talento mais do que supõem, mas nosso consciente bloqueia esse potencial.

"De qualquer maneira, alguns laboratórios através das décadas desde 1930 dedicaram-se à pesquisa da parapsicologia de muitas formas, não apenas da percepção extra-sensorial. Houve, naturalmente, a Fundação dr. Rhine para Pesquisas sobre a Natureza do Homem, como também houve o Laboratório do Sonho do dr. William C. Menninger no Centro Médico Maimonides no Brooklyn, que realizou um trabalho interessante sobre a telepatia do sonho. Alguns desses laboratórios são financiados pelo Instituto Nacional de Saúde Mental, uma fachada para a Central Intelligence Agency.

- Mas a CIA só foi fundada... quando?... 1949 - eu disse.
- É verdade, entramos nesse campo um pouco atrasados. Já em 1952, de acordo com os arquivos da Agência, havia um sério interesse manifestado pelas *possibilidades* dessa pesquisa. Basicamente isso significava localizar indivíduos dotados de habilidades psíquicas. Mas os primeiros diretores da Agência pareciam mais preocupados em encobrir o trabalho...
- Com medo do ridículo - interrompi. - Mas como a Agência conseguiu lidar com esses psíquicos? Quero dizer, ou eles eram psíquicos para valer ou não eram. E se eram de fato, *saberiam* que estavam se reunindo com pessoas de um serviço de inteligência.

Toby sorriu, devagar e enviesado.

- Tem toda razão. Pelo que li, foi um problema e tanto. Empregaram um sistema de segurança duplo, usando dois intermediários. Mas, como disse, chegamos um pouco tarde. Espicaçados, naturalmente, pelos soviéticos.

Rossi pigarreou e observou:

- A Guerra Fria teve sua utilidade.
- Sem dúvida - Toby retomou sua explanação. - Voltamos pelo menos à década de 1960, a Agência começou a ouvir relatos fidedignos de esforços militares que vinham sendo desenvolvidos pelos soviéticos. Creio que foi por volta dessa época que uma pequena célula de funcionários graduados da Agência resolveu financiar um estudo interno sobre as possibilidades da PES na espionagem. Iniciativa das mais enganosas! Para cada pessoa ter um lampejo dessa capacidade, há centenas de vigaristas e velhinhas birutas manipulando cristais. De qualquer forma, você deve se lembrar de ter ouvido falar do vôo da Apollo 14 à Lua, em 1971, quando o astronauta Edgar Mitchell realizou a primeira experiência de percepção extra-sensorial no espaço. Não deu certo, a propósito. Naqueles anos, os primeiros anos, é como penso neles, nós e os Laboratórios Médicos das Forças Armadas e a NASA estávamos gastando quase um milhão de dólares por ano em pesquisas sobre parapsicologia. Café pequeno, é verdade, mas naquela altura ainda estávamos assobiando no escuro.

"Aí surgiu uma série de relatórios classificados, no início dos anos 70, da Agência de Inteligência da Defesa, prevendo que em breve seríamos ameaçados pela pesquisa psíquica dos soviéticos, que estava permitindo à KGB, à GRU e ao Exército Soviético realizarem proezas incríveis, como precisar o deslocamento de tropas, navios e até a localização de instalações militares. Alguém no primeiro escalão da Agência levou a coisa a sério. Não creio que esteia levelando um segredo ao lhe dizer que Richard Nixon manifestou um forte interesse pelo programa.

"Em meados da década de 1970, nossa inteligência confirmou que os soviéticos possuíam diversos laboratórios parapsicológicos para finalidades militares, o principal deles em Novosibirsk. Aí, em 1977, um repórter do *Los Angeles Times* foi preso pela KGB em Moscou quando tentava obter um documento altamente secreto de um instituto de parapsicologia. Isso realmente instigou a CIA, uma vez que agora ambos os lados sabiam o que o outro sabia...

"De qualquer forma, dentro da Agência, o programa era tão secreto que o termo PES nunca aparecia em parte alguma, em nenhum documento. Era chamado de 'nova informação biológica sobre sistemas de transferência!' Alguns anos mais tarde, depois do meu... acidente... fui chamado para chefiar o projeto, para acelerá-lo, ou detoná-lo. Cagar ou sair do vaso, foram as instruções que recebi.

- E você resolveu cagar.
- Modo de dizer. Certamente eu era tão cético quanto os que mais o fossem. Era bastante hostil a toda aquela maluquice, e pensei que me tinham dado uma ocupação de faz-de-conta, para encher o tempo num desses programas de reabilitação, o tipo de atividade que reservam a um técnico de operações liquidado, cujas pernas não funcionam mais.

"Mas aí - ele ergueu as mãos na direção de Rossi - um belo dia conheci o dr. Charles Rossi, e aprendi uma coisa que soube de imediato que poderia mudar o mundo.

- Quer tomar alguma coisa? - Toby perguntou justamente quando minha curiosidade redobrou. - Você gosta de *scotch*, não é mesmo?

- Por que não? - disse. - O dia está sendo longo.

- Certamente. E o efeito da ketamina parece ter passado. Portanto, um pouco de birita não fará mal. Wally, *scotch* para todo mundo, não, Charles, você prefere vodca, certo?
- *On the rocks* - disse Rossi. - Com uma pitada de pimenta-do-reino, por favor.

Um dos seguranças se levantou - ele estava, agora pude ver, definitivamente usando um coldre por baixo do paletó - e se retirou da sala. Alguns minutos depois, durante os quais por alguma razão permanecemos sentados em silêncio, ele voltou com uma bandeja de drinks. Obviamente ele não fora treinado na arte de servir, mas conseguiu dar conta do recado sem derramar uma gota.

- Me diga uma coisa - falei. - Por que não consigo captar suas ondas?
- A essa distância... - disse Rossi.
- Não. Não consegui captar nem as da segurança ainda há pouco, quando ele serviu o meu drink. Não "ouvi" nada. O que está acontecendo?

Toby me olhou por um momento, pensativo. A luz forte fazia buracos nas suas órbitas.

- Interferências - ele disse finalmente.
- Não compreendo.
- FEB. Ondas de rádio de frequência extremamente baixa. - Ele fez um gesto com a mão abrangendo toda a sala. - Uma frequência de rádio equivalente a sons inaudíveis está sendo emitida através de alto-falantes instalados em toda a sala. Essa frequência é transmitida nas mesmas frequências em que as ondas do cérebro humano funcionam. Isso torna impossível a você captar qualquer coisa.
- Então você não se incomoda se nos sentarmos um pouco mais perto.

Toby sorriu.

- Não gostamos de correr riscos.

Acenei a cabeça, decidindo mudar de assunto.

- Todo esse trabalho da CIA sobre a PES, julguei que tivesse sido encerrado por Stan Turner em 1977.

Oficialmente, sim - disse Rossi. - Na verdade, foi simplesmente sepultado na burocracia debaixo de muito sigilo, de modo que quase ninguém dentro da Agência sabia de sua existência.

Toby continuou sua narrativa.

- Até então, nossos esforços tinham se concentrado em como localizar os poucos indivíduos dotados desse poder. Eles são escassos e muito distantes uns dos outros. A questão logo passou a ser: como *instilar* esse poder? Será possível? A hipótese parecia muito remota, para dizer a verdade absolutamente impossível. Charles... bem, ninguém melhor do que o próprio Charles para lhe contar.

Rossi mudou de posição na cadeira, e respirou fundo.

- No começo dos anos 80 - disse ele - estava trabalhando numa pequena firma na Califórnia, aperfeiçoando um aparelho que o Pentágono tinha achado muito interessante; era, em termos simples, um indutor eletrônico de paranóia: um "disruptor psíquico de neurônios", como o chamaram, capaz de "embaralhar" as conexões sinápticas entre as células nervosas do cérebro. Na prática, isso faria eletronicamente o que a droga LSD frequentemente faz. Uma inovação realmente odiosa, mas, pensando bem, o pessoal do Pentágono é que foi responsável pela introdução do napalm, graças aos bons ofícios da Dow Chemical. De qualquer forma, felizmente, esse projeto não foi adiante, mas um dia recebi um

telefonema do Toby, que me ofereceu o dobro do que estava ganhando e me atraiu do ensolarado sul da Califórnia para esta encantadora metrópole. Continuei meus trabalhos sobre os efeitos dos estímulos eletromagnéticos no cérebro humano. Inicialmente, mostrava-me intrigado com o conceito de controle mental. Minha atenção estava toda voltada para a FEB, frequência extremamente baixa de ondas de rádio, como Toby explicou. Veja bem, o cérebro gera sinais elétricos.

"Portanto, estava tentando descobrir se podíamos transmitir sinais fortes nas mesmas frequências que o cérebro transmite, a fim de induzir confusão, e até mesmo a morte.

- Encantador - disse.

Mas Rossi me ignorou.

- Nada aí, tampouco. Mas tínhamos descoberto as possibilidades da FEB. E um dia deparei-me com uma pesquisa feita pelo dr. Milan Ryzl da Universidade de Praga a respeito de hipnose. O dr. Ryzl tinha descoberto que certas pessoas podem, sob o efeito da hipnose, relaxar suas inibições a tal ponto que são capazes de receber imagens por telepatia. Isso me deu o que pensar.

"E aconteceu, por mera coincidência, que, em 1983, num hospital da Holanda, um cidadão de meia-idade submeteu-se a um exame rotineiro num processador de imagens de ressonância magnética e emergiu com uma percepção extra-sensorial mensurável e documentada. Seus médicos ficaram abismados. O homem e seus médicos foram imediatamente visitados por agentes das inteligências holandesa, francesa e americana, que foram unânimes em confirmar o relatório. *O homem tinha efetivamente a capacidade de ouvir os pensamentos dos outros a uma curta distância.* Neurologistas atribuíram o fenômeno ao intenso efeito magnetizante do MRI no córtex do homem.

- O poder durou? - perguntei.
- Não exatamente - respondeu Rossi. - Na realidade, o homem ficou maluco. Começou a se queixar de terríveis dores de cabeça, barulhos horrorosos, e um dia literalmente bateu com a cabeça num muro de tijolos e matou-se. - Rossi sorveu um longo gole de vodca.
- Então por que o MRI não teve o mesmo efeito com todos os que foram submetidos a ele? - perguntei.
- Exatamente a mesma coisa que pensei - disse Rossi. - O MRI está em uso no mundo inteiro desde 1982, e essa foi a primeira comunicação sobre a surpreendente ocorrência. A luz de minucioso exame do holandês, a junta mista holandesa-franco-americana concluiu que o cidadão possuía certas características que deviam constituir pré-requisitos. Além de extremamente inteligente, com um QI superior a 170, de acordo com o teste Stanford-Binet, era dotado de uma memória eidética.

Acenei a cabeça uma vez.

- Havia outros indicadores. O homem possuía uma capacidade verbal altamente desenvolvida, e uma capacidade matemática e quantitativa igualmente fora do comum. Dei um pulo em Amsterdã e consegui me avistar com esse holandês antes de ele enlouquecer. Ao voltar para Langley, tentei reproduzir esse bizarro efeito.

"Recrutamos homens e mulheres que pareciam possuir as características certas, a inteligência, a memória, a capacidade verbal e a quantitativa etc. E sem revelar a natureza exata da experiência, os uhinemos ao MRI mais potente que conseguimos localizar. Esse modelo particular foi fabricado pela Siemens A.G., da Alemanha. Fizemos modificações. Mas nenhum sucesso, até você.

- Por quê? - perguntei, engolindo de um trago meu uísque e colocando o copo vazio na mesa ao lado.

- Não sabemos - Rossi respondeu sinceramente. - Bem que gostaríamos de saber, mas a verdade é que não sabemos. Sem dúvida você tinha os indicadores certos. A inteligência, obviamente, mas também a capacidade verbal, a memória eidética, que é encontrada em menos de 0,1 por cento da população em geral. Você joga xadrez, não joga, Ben?

- Não muito mal.
- Muito bem, na verdade. E você é um ás em coisas como palavras cruzadas. Acho até que você praticou meditação zen numa certa época.
- De fato, pratiquei.
- Estudamos os registros do seu treinamento em Camp Peary muito de perto - Toby Thompson atalhou. - Você era mais do que adequado, mas naturalmente não tínhamos idéia de que você seria um sucesso.

- Vocês parecem estranhamente desinteressados numa demonstração de minhas habilidades - disse, me dirigindo aos dois.

- Muito pelo contrário - disse Rossi. - Estamos muito interessados. *Extremamente* interessados, na verdade. Com a sua permissão, gostaríamos de submetê-lo a uma série de testes amanhã de manhã. Nada muito cansativo.

- Isso não será necessário - respondi. - Teria prazer em dar uma demonstração agora mesmo.

Houve um momento de silêncio desconcertante até que Toby disse, sorrindo:

- Podemos esperar.
- Vocês parecem saber muita coisa sobre esse fenômeno. Talvez possam me dizer quanto tempo vai durar.

Rossi fez novamente uma pausa.

- Também não sabemos. Bastante, esperamos.
- *Bastante?* - disse. - Bastante para quê?
- Ben - Toby disse suavemente como você adivinhou, o trouxemos aqui por um motivo. Precisamos submetê-lo a uma série de testes. E depois precisamos de sua ajuda.
- Minha ajuda? - interpelei, não me preocupando em esconder minha hostilidade. - De que espécie de ajuda você está falando?

Um longo hiato de silêncio na sala cavernosa, e finalmente Toby falou.

- Jogadas de espionagem, creio que você chamaria.

Permaneci sentado, imóvel, durante o que me pareceu ser cinco minutos, enquanto os dois me olhavam.

- Sinto muito, cavalheiros - disse, levantando-me. Virei-me lentamente para a porta e comecei a andar.

Os dois seguranças se levantaram, e um deles encaminhou-se para a porta, bloqueando o caminho, enquanto o outro tomou posição atrás de mim.

- Ben! - Toby chamou.

- Realmente, Ben - Rossi disse quase simultaneamente.

- Por favor, sente-se - ouvi Toby dizer com calma. - Receio que agora você não tenha muita escolha.

Uma das coisas que aprendi nos meus dias da Agência foi saber quando persistir e quando desistir. Estava em franca desvantagem, não apenas em relação aos dois seguranças, como a quem mais houvesse na casa, e sabia que havia outros. Calculei as chances de fuga, e elas eram contra mim dez mil contra uma, cem mil contra uma.

- Você está nos colocando numa posição difícil - disse Toby nas minhas costas.

Virei-me lentamente.

- É o que acontece com animais enjaulados.

Ele estava me olhando com uma ponta quase imperceptível de ansiedade.

- Nós, eu, *não* queremos recorrer à compulsão. Preferimos apelar para a razão, o dever, a decência básica que sabemos que você tem.
- E ao meu desejo de ver minha mulher novamente.
- Também há esse aspecto - ele admitiu. Nervoso, fechou e abriu os dedos diversas vezes.
- E, naturalmente, você já me contou muita coisa - disse. - Sei demais, certo? Não é essa a expressão? Tenho, portanto, o direito absoluto de sair daqui, mas provavelmente não chegaria ao portão.

Exasperado, Toby disse:

- Você está sendo ridículo. Depois do que lhe dissemos, por que cargas d'água haveríamos de querer fazer-lhe mal? Só nos move o Interesse científico...
- A Agência também providenciou o congelamento do meu dinheiro? - perguntei amargamente. Senti os músculos de minhas pernas tensos, num início de câibra. Meu estômago estava enjoado, gotas de transpiração brotavam na minha testa. - Aquele lance escroto da First Commonwealth?
- Ben - Toby disse depois de um longo silêncio. - Preferimos manter as coisas positivas, apelar para a razão. Penso que assim que nos ouvir, poderemos chegar a algum acordo.
- Está certo - disse finalmente. - Pelo menos isso estou disposto a fazer. Vamos aos fatos.

- É tarde, Ben - disse Toby. - Você está cansado. Mais precisamente, estou cansado, mas também me canso facilmente. De manhã, antes de você ser levado a Langley para os testes, nós todos falaremos outra vez. Charles?

Rossi murmurou seu assentimento, deu-me um olhar rápido, penetrante e deixou a sala.

- Ben - Toby disse quando ficamos sozinhos. - Acredito que o pessoal que cuida da casa tenha providenciado tudo o que você precisa para passar a noite, uma muda de roupa, artigos de toalete, e não sei o que mais. - Ele sorriu gentilmente. - Uma escova de dentes.

- Não, Toby. Você está se esquecendo de um detalhe. Quero ver Molly.
- Ainda não posso deixar que você a veja, Ben - disse Toby. - Não é fisicamente possível.
- Depois receio que não cheguemos a nenhum acordo.
- Ela não está na área.
- Então quero falar com ela pelo telefone. *Agora*.

Toby me avaliou por um momento, e depois fez outro sinal com a mão para os seguranças. Um deles

retirou-se da sala e voltou com um telefone preto, que ligou numa tomada perto de mim, colocando o telefone numa mesa lateral.

O guarda retirou o fone do gancho e apertou uma longa série de números. Contei: onze dígitos, o que poderia significar uma ligação interurbana, e depois mais três números. Provavelmente, um código de acesso. E em seguida outros dois dígitos. O guarda ficou ouvindo impassivelmente durante um instante e depois disse:

- Noventa e três. - Ouvi novamente, e passou o fone para mim.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ouvi a voz de Molly, aguda, angustiada.

- Ben? Oh, Deus, é você?
- Estou aqui, Molly - disse da maneira mais tranquilizadora que pude.
- Oh, meu Deus, você está bem?
- Estou, estou bem, Molly. Você está...?
- Ok. Estou Ok. Pra onde é que o levaram?
- Uma casa de segurança em algum lugar da Virgínia - disse, olhando para Toby. Ele acenou a cabeça, confirmando. - E onde é que a meteram?
- Não sei, Ben. Num hotel ou apartamento, sei lá. Fora de Boston, não muito longe.

Senti novamente a raiva me dominar. Dirigindo-me a Toby, disse:

- Onde é que ela está?

Toby fez uma pausa.

- Sob custódia protetora nos subúrbios de Boston.
- *Ben!* - a voz de Molly soou no receptor, ansiosa. - Me diga se essa gente é...
- Tanto quanto saiba, Mol, está tudo Ok. Vou saber mais amanhã.
- Está tudo ligado - ela sussurrou -, ligado com aquela... com aquela...
- Eles estão sabendo - disse.
- Por favor, Ben. Que diabo está acontecendo? Por que fui envolvida? Eles não podem *fazer* isso! Isso é legal? Eles podem..
- Ben - disse Toby. - Lamento, mas vamos ter que interromper a ligação agora.
- Te amo, Mol. Não se preocupe demais.
- Não me *preocupar?* - ela perguntou incredulamente.
- Daqui a pouco estará tudo sob controle - disse, sem nenhuma convicção.
- Te amo, Ben.
- Eu sei - disse, e logo ouvi o sinal de ligação.

Coloquei o fone no gancho.

- Você não tinha nada que assustar Molly desse jeito - disse ao Toby.
- Foi para proteção dela, Ben.
- Compreendo.
- Do mesmo modo que estou sendo protegido.
- Exatamente - disse ele, ignorando meu sarcasmo.
- Segurança máxima - insistiu. - Estamos tão seguros quanto dois prisioneiros possam estar.
- Tenha paciência, Ben. Amanhã, depois de termos conversado, você estará livre, poderá ir embora.
- E agora? O que você me diz de agora?

- Amanhã - respondeu ele. - Amanhã, ouça primeiro tudo o que temos a lhe dizer. Se então ainda quiser ir embora, prometo-lhe que não o impedirei.

Com um zumbido elétrico ele guiou sua cadeira de rodas, atravessando o longo tapete persa em direção à porta.

- Boa-noite, Ben. Eles o conduzirão ao seu quarto.

Foi nesse ponto que me ocorreu uma idéia e, com essa preocupado na cabeça, segui os dois guardas no sentido da escada principal.

26

O quarto que me reservaram era grande e confortável, mobiliado no estilo de uma estalagem rural de Vermont, com espaços livres e elegante. Encostada a uma das paredes havia uma cama *king-size* coberta com uma colcha de chenile branca. Depois daquele dia longo e exaustivo, era um convite extremamente tentador, mas ainda não podia dormir. Havia ainda um armário escuro, de noqueira, e duas mesas laterais combinando; depois de breve inspeção reparei que esses móveis estavam presos de certa forma ao chão. O banheiro anexo era igualmente espaçoso e elegante: piso de mármore italiano, paredes de azulejos brancos, louça preta e metais dos anos 30.

O assoalho, que rangia quando me deslocava, era revestido de parede a parede com um carpete de tom claro. Alguns quadros tinham sido colocados nas paredes, aqui e ali, com bom gosto: óleos de marinhas executados num estilo indefinido. Esses quadros também tinham sido fixados nas paredes. Parecia que estava sendo aguardado algum animal violento capaz de, uma hora para outra, resolver atirar objetos pelo quarto.

Pesadas cortinas que iam até o chão, com listras largas marrons e douradas, escondiam janelas com vidraças finamente trabalhadas. Notei imediatamente que as janelas eram reforçadas por uma tela metálica quase invisível, que sem dúvida as tornavam à prova de abalos e as ligavam a um sistema de alarme.

Eu era um prisioneiro.

Aquele quarto em particular naquela "casa de segurança", deduzi, era provavelmente usado para abrigar dissidentes de serviços de inteligência ou outros agentes com os quais todo cuidado era pouco. Essa categoria obviamente me incluía.

Para todos os efeitos, eu era um refém, a despeito da retórica dourada de Toby. Eles tinham me confinado ali, como um exótico espécimen de laboratório, para ser submetido a uma série de testes exaustivos e depois pressionado a voltar para o serviço.

Mas tudo naquele esquema cheirava a improvisação. Geralmente, quando uma operação é planejada, cada ângulo é coberto, cada detalhe cuidadosamente estudado, às vezes com um rigor que chega a ser ridículo. Ainda assim, freqüentemente não dá certo - A MERDA ACONTECE, como diz o pára-choque do caminhão -, mas não por falta de planejamento. Senti que os preparativos naquela casa tinham sido apressados, improvisados e isso me deu esperança.

Estavam mantendo Molly em cativeiro, mas eu poderia negociar a sua liberação muito mais rapidamente se estivesse livre. Tinha de me mexer imediatamente.

Mesmo assim, ao trocar meu terno rasgado e sujo (uma das baixas do tiroteio na Marlborough Street), sabia que Molly ia se sair bem. Era muito possível que de fato a estivessem protegendo - além do que,

naturalmente, queriam mantê-la separada de mim como meio de persuasão. Sabemos como é, o negócio é amarrar a garota nos trilhos da estrada de ferro para nos obrigar a mudar de idéia, certo? Felizmente, não haveria nenhum expresso avançando perigosamente, e o pior que poderia acontecer em decorrência dessa situação era Molly submeter seus captores a um impiedoso açoitamento verbal. Eu sabia como a Agência gostava de pressionar.

Quanto a *mim*, entretanto - bem, isso era uma outra história. Desde que adquirira esse extraordinário predicado, minha vida estava em constante perigo de uma maneira ou de outra. E agora eu era confrontado com uma simples escolha: cooperar, ou...

Ou o quê?

Toby não dissera a verdade - por que haveriam de querer eliminar o único ser vivo bem-sucedido no seu projeto altamente secreto? Não seria o mesmo que matar a galinha dos ovos de ouro?

Ou a necessidade de manter segredo tinha precedência sobre qualquer outra coisa?

Talvez, embora... talvez eu pudesse conduzir as coisas com minhas próprias mãos.

Pois eu tinha uma vantagem inquestionável sobre os outros seres humanos, pelo menos enquanto ela durasse, e ela não mostrava sinais de ter diminuído. E - isso era o que me dizia que o meu encarceramento fora feito precipitada, descuidadamente - tinha conseguido obter algumas informações úteis de um dos meus guardas.

Toby, ou quem quer que estivesse dirigindo a operação, tivera a precaução de requisitar guardas completamente desinformados a meu respeito, ou sobre o próprio projeto. Mas naturalmente tiveram de ser rigorosamente instruídos sobre os detalhes de *suas* operações de segurança.

Enquanto um dos guardas - Chet era o nome dele - me conduzia para o quarto de dormir no terceiro andar em que eu seria trancafiado, caminhei ao lado dele o mais próximo possível. Evidentemente ele recebera instruções para não falar comigo, e manter uma boa distância de mim.

Mas *não* recebera instruções para não *pensar*, e pensar é uma das poucas atividades humanas sobre as quais não temos controle.

- Estou preocupado - disse a ele ao subirmos o primeiro lance de escada. - Vocês são quantos?
- Sinto muito, senhor - disse Chet, virando bruscamente a cabeça. - Não tenho permissão para falar com o senhor.

Ergui a voz, fingindo estar zangado.

- Mas como é que vou ter certeza de que estou realmente *seguro*? Quantos de vocês vão me proteger? Não pode pelo menos me dizer isso?
- Desculpe, senhor. Por favor, afaste-se.

Ao chegar ao quarto que me fora destinado, já sabia que haveria dois guardas de prontidão em frente ao meu quarto a noite inteira, que Chet faria o primeiro turno, que estava satisfeito com isso, e morria de curiosidade para saber quem eu era e o que tinha feito.

Passei a primeira hora inspecionando cuidadosamente o quarto, procurando localizar os dispositivos de escuta (tinham de estar lá, mas não conseguia situá-los) e coisas dessa ordem. Ao lado da cama havia um rádio-relógio, candidato certo a esconder um microfone.

Mas não havia nada no rádio.

Mais ou menos a uma e meia da manhã bati na porta do quarto para chamar o guarda. A porta foi aberta alguns segundos depois, revelando Chet.

- Pois não?
- Desculpe incomodá-lo - disse. - É que minha garganta está ressecada. Será que você não me

arranjava um copo de água mineral gasosa?

- Deve haver uma pequena geladeira aí no quarto - ele argumentou, mas estava tenso, seu corpo estava tão comprimido quanto a mola de um relógio, e mantinha as mãos dos lados, como lhe tinham ensinado.

Sorri matreiramente.

- Todos já se foram.

Ele parecia aborrecido.

- Dentro de alguns minutos - disse ele, fechando a porta. Julguei que fosse se comunicar com o andar térreo pelo walkie-talkie, uma vez que tinha recebido ordens para não deixar seu posto em hipótese alguma.

Cerca de cinco minutos depois ouvi uma batida suave na porta.

Nessa altura estava com o rádio-relógio ligado a todo volume, numa estação AM de rap, rouca e rítmica. E o chuveiro estava ligado, enchendo o banheiro de fumaça. A porta estava aberta, e a fumaça penetrava no quarto.

- Estou no chuveiro - gritei. - Deixe em qualquer lugar, obrigado.

Um guarda com um uniforme diferente entrou, trazendo uma bandeja com uma garrafa de água mineral francesa - um toque de requinte, pensei - e olhou em tomo do quarto, por alguns segundos, tentando decidir onde deixar a bandeja, e foi aí que dei o bote.

Ele era um profissional bem treinado, mas eu também era, e os dois ou três segundos de vantagem que levava sobre ele foram suficientes para pegá-lo de surpresa. Joguei-o no chão, a bandeja e a garrafa d'água caindo sem fazer barulho no carpete. Ele se recuperou com impressionante rapidez, derrubando-me momentaneamente, desferindo um soco com a mão esquerda no meu queixo, um golpe certo e doloroso.

Senti voltar minha velha calma glacial.

O rádio berrava estridentemente sem parar: "DOWN she gotta go DOWN now I really gotta...", o jato do chuveiro tamborilava e com toda essa zoeira naturalmente muito pouco se podia ouvir, e...

A bandeja era uma arma que podia ser letal. Apanhei-a no chão com a mão direita e dei uma violenta cutilada no pescoço dele, na área cartilaginosa vulnerável cobrindo sua jugular, e com o gume de borda estreita da bandeja de madeira dei um golpe com toda força no seu pomo-de-adão, deixando-o sem fôlego. Ele gemeu ao erguer as pernas para me aplicar uma tesoura, e, de repente, ouvi... *não posso atirar... não devo atirar... filho-da-puta...*

E ele ficou à minha mercê, sabia o que ele *não* faria. Essa era a sua verdadeira vulnerabilidade, a razão pela qual não sacou sua arma, e quando fez dos punhos porretes, consegui dar-lhe uma gravata, jogando-me por cima do seu abdome, empurrando-o contra o braço de carvalho maciço da poltrona estofada. Ouvi nitidamente quando bateu com a nuca na madeira; o ar saiu-lhe dos pulmões numa lufada, seu corpo como que se desinflou subitamente, caiu-lhe o queixo, e ele escorregou para o chão.

Estava inconsciente. Ferido, mas não gravemente. Ficaria desmaiado durante uns dez ou vinte minutos.

E a voz no rádio continuava berrando alucinadamente.

Contava talvez com poucos segundos antes que o guarda de apoio entrasse, desconfiando da demora.

O guarda desmaiado tinha uma arma no seu coldre, uma excelente Ruger P90 de .9mm semi-automática, com que tinha treinado, embora raramente tivesse tido oportunidade de usá-la em ação. Retirei-a do coldre, inseri o pente de reserva, destravei a segurança, e...

De repente deparei-me com outro guarda pairando sobre mim, não o Chet, mas outro, do turno da manhã,

e sua arma estava apontada para mim.

- Abaixei a arma - ordenou.

Encaramo-nos, ambos transidos de medo.

- Calma - disse ele. - Ninguém vai se machucar se você largar essa pistola. Ponha-a no chão devagar, esqueça-a e...

Não tive escolha.

Olhei para ele desassobradamente e apertei o gatilho.

Minha intenção não era matá-lo, somente feri-lo.

Um súbito estampido, um clarão, e aquele cheiro acre. Alvejei-o na coxa, logo percebi, e ele fez o que era de se prever: abaixou-se. Não era um matador frio, calejado, notara desde o começo, e a informação era preciosa.

Dominei-o, apontando a Ruger para sua cabeça.

Seu olhar era um misto de dor, do ferimento à bala, e de um medo enorme. Ouvi um tropel de palavras angustiadas...

não meu Deus não Senhor não permita que ele faça isso.

... então eu disse, muito calmamente:

- Se você se mexer, vou ter de matá-lo. Sinto muito.

Seus olhos se arregalaram ainda mais, e seu lábio inferior tremeu. Desarme-o e coloquei sua arma no bolso.

- Fique aí, quietinho. Conte até cem. Sem se mexer, se fizer o menor ruído, virei atrás de você. E, retirando-me do quarto, fechei a porta, ouvi quando se trancou automaticamente, e me vi no corredor escuro.

27

Curvando-me, avancei lentamente pelo corredor de paredes revestidas de carvalho e rapidamente sondei o terreno.

No fim do corredor brilhava uma luz que parecia vir de uma porta aberta. Talvez houvesse alguém lá dentro. Mas não havia ninguém. O quarto, presumi, era usado pelos guardas enquanto aguardavam a troca de turno, era onde provavelmente tomavam seu café.

Pensei: haveria alguma coisa no quarto de que pudesse precisar?

Não. Era pouco provável, e não valia o risco.

Continuei avançando à parede do corredor, fugindo da luz.

De repente ouvi um barulho de estática, alto e metálico. Vinha de um walkie-talkie que o segundo guarda tinha deixado no corredor ao entrar no quarto. Um sinal, pedindo confirmação. Não conhecia os códigos, não podia responder. Não valia a pena tentar.

Isso significava que teria mais ou menos um minuto antes que alguém surgisse de algum lugar da casa para investigar por que ninguém respondia ao sinal.

Escuridão por toda parte, uma longa série de portas fechadas. Não conhecia praticamente nada da planta

da mansão, apenas o que conseguira reparar, enquanto me tinham levado para o quarto no terceiro andar. Agora, estava me afastando da escada. A escada principal tinha que ser um território perigoso, muito central; mas estava convencido de que devia haver uma escada nos fundos, para a criadagem.

E não deu outra.

Sem luz e estreita, com os degraus de madeira gastos, a escada dos empregados ficava localizada no fim daquela ala da casa. Desci, pisando o mais levemente possível, mas mesmo assim os rangidos dos degraus ecoaram no vão da escada.

Quando alcancei o segundo andar, ouvi passos no andar de cima. Passos apressados, de gente correndo, e depois vozes gritando ordens. Tinham dado pela minha fuga mais rapidamente do que esperava.

Sabiam que eu ainda estava na casa, e eu não tinha a menor dúvida de que todas as entradas estavam guardadas; todas tinham sido alertadas, e eu simplesmente estava encurralado.

Olhando primeiro para cima e depois para baixo, percebi que não poderia prosseguir diretamente para o primeiro andar.

Mas o que haveria no segundo andar?

Não havia escolha; tinha de correr o risco. Deixei o vão da escada e aventurei-me pelo corredor do segundo andar, que não era carpetado como o corredor de cima, e meus passos faziam um ruído alarmante. As vozes estavam aumentando, soando cada vez mais perto.

A única luz era da lua do lado de fora, brilhando timidamente através de uma janela no fundo do corredor. Rodopiei e me joguei contra a janela, decidido a abri-la e pular, fosse o que Deus quisesse, quando percebi que a janela não dava para um gramado macio, esponjoso, e sim para uma superfície asfaltada.

Uma área de estacionamento recoberta de asfalto, a uns bons oito ou nove metros abaixo de mim, um mergulho suicida. Nada para amenizar a queda. Não poderia pular.

Subitamente o alarme disparou, um ensurdecedor tilintar de centenas de campainhas, por toda a casa, vindo de toda parte. As luzes foram acesas abruptamente, brilhantes, halógenas, iluminando o corredor, iluminando tudo, enquanto o alarme continuava enfurecido.

Por amor de Deus, *mexa-se*, homem! Gritei internamente.

Sim, era preciso me mexer. Mas para onde?

Correndo desesperadamente pelo corredor, longe das janelas, na direção da escada principal, tentei sucessivamente uma porta atrás da outra, até que, quatro, cinco, seis portas adiante, uma se *abriu*.

Um banheiro pequeno e escuro, com uma janela dando para um prisma de ventilação, pelo qual entrava uma corrente de ar fresco. A cortina de vinil do boxe do chuveiro farfalhou e esvoaçou, e, naturalmente, seria por ali.

Arranquei a cortina do banheiro dos seus ganchos e ela caiu no chão.

O alarme parecia ainda mais alto, mais insistente. Uma porta bateu em algum lugar, e ouviram-se gritos.

O que seria agora?

Não passa de uma simples cortina de chuveiro, *rasgue-a!* Se ao menos tivesse pensado em apanhar um lençol de cama!

Amarre-a a alguma coisa, pensei, excitado. Prenda-a em algum lugar. Qualquer coisa estável.

Mas não havia nada! Nada onde pudesse fixar o pedaço de vinil ao qual me agarraria para descer pela janela, e certamente não havia tempo a perder, pois os passos ressoavam cada vez mais próximos. Na certa tinham me seguido até o segundo andar, e ao olhar em volta desesperadamente, meu coração disparou. Ouvi a menos de seis metros no corredor:

- A direita! Avante!

Ao levantar inteiramente a janela, descobri uma tela, praguejei em voz alta, e procurei desprender os malditos pinos na base, mas eles estavam aparafusados, não saíam do lugar. Então recuei, tomei impulso e me joguei...

Lancei-me no espaço pela janela, rompendo a tela, contorcendo-me desajeitadamente, tentando amortecer

a queda.

E aterrissei no chão de terra batida, fria, dura, desguarnecida de grama, o impacto do salto refletindo-se nos meus ombros e na minha nuca. Levantei-me imediatamente, sentindo dor no tornozelo torcido.

Árvores à minha frente, uma pequena mata, quase invisível na escuridão, mas agora iluminada pelos holofotes de busca montados no beiral do terceiro andar.

Uma saraivada de balas.

Atrás de mim, à minha esquerda, ouvi o silvo de alguma coisa tremendamente perto, um zumbido no meu ouvido, e atirei-me no chão. Os tiros continuavam espocando, perdidos, próximos. Atravessei o gramado correndo, e escondi-me atrás das árvores, graças a Deus. Uma proteção natural. Poucos centímetros adiante a casca do tronco de uma árvore lascou, depois outra. Num último e desesperado esforço, superando a dor estonteante no tornozelo e nos ombros, corri em direção à grade da frente da propriedade.

Eletrificada?

Uma grade de quase cinco metros de altura de ferro forjado pintado de preto, à prova de ladrões, de alta segurança... alta tensão? Seria possível?

Não podia mais recuar, não podia parar. Tinha apenas alguns segundos de vantagem sobre eles, e já começava a ouvi-los, aproximando-se cada vez mais de mim. Pareciam ser muitos, e o tiroteio recomeçou, tinham me localizado, mas as árvores bloqueavam sua visão.

Respirei fundo e avaliei a situação. A casa era cercada pela natureza, plantada no meio das florestas a perder de vista da Virgínia, o que queria dizer muitas árvores e muitos animais, sobretudo esquilos saltitantes, subindo e descendo agilmente das grades, e...

Avancei para a grade, segurando uma seção horizontal como alça, e comecei a subir, procurando alcançar o topo pontiagudo, e, hesitando uma fração de segundo, que pareceu uma eternidade, agarrei as agourentas lanças pretas no cimo da grade...

E senti o ferro frio, duro.

Não. Não era eletrificada. Esquilos e outros pequenos bichos das florestas seriam impietosamente imolados numa grade eletrificada. não é mesmo? Passei as pernas cuidadosamente por cima, apenas roçando as afiadas pontas da grade, e pulei na grama úmida, esponjosa do outro lado. Estava solto.

Atrás de mim, a mansão refulgia, as luzes cintilavam, o clamor quebrava o silêncio da noite.

Corri, ouvindo gritos e passadas de pessoas correndo atrás de mim, mas que estavam do outro lado da grade; eu tinha levado a melhor sobre eles.

Corri, corri muito, tremendo, provavelmente gemendo, mas mantendo meu passo largo, até a estrada fazer uma curva e me encontrar numa encruzilhada que tinha notado quando chegara, e, ao prosseguir pela estrada escura e estreita, vi um par de faróis avançando na minha direção.

O carro estava se movimentando a uma boa velocidade, nem muito depressa nem muito devagar, um Honda Accord. Fiquei observando-o se aproximar, e cheguei a pensar em fazer um sinal para que parasse, mas não podia ter certeza.

Ele viera da estrada principal, mas eu tinha de ter cuidado, e quando diminuí minha marcha, a luz de seus faróis dianteiros de repente se intensificou, ofuscando-me, e logo em seguida surgiu outro par de faróis por trás de mim, faróis altos, e me vi apanhado entre os dois veículos: o Honda à minha frente, e atrás de mim outro carro, maior, de marca americana.

Dei meia-volta, mas os carros tinham me cercado, e outros dois logo emergiram da escuridão, rinchando os freios, e parando ao lado do outro.

Os quatro pares de faróis me cegavam completamente. Girei o corpo novamente, e tentei bolar uma maneira de fugir, mas sabia que não havia nenhuma, e aí ouvi uma voz que vinha de um dos carros.

Ecoando na noite, veio a voz de Toby:

- Boa tentativa, Ben. Você está em plena forma. Por favor, entre aqui.

Estava cercado por homens e armas apontadas para mim. Lentamente baixei a Ruger. Toby estava sentado no banco traseiro de uma van, um dos últimos veículos a chegar. Estava falando da janela.

- Sinto muito - disse ele calmamente. - De qualquer forma foi uma bela tentativa.

28

Levaram-me num carro comum do governo, um Chrysler sedan azul-escuro, para Crystal City, Virgínia. Entramos num edifício de escritórios de aspecto comum com um estacionamento subterrâneo. Sabia que a CIA possuía diversos edifícios em Crystal City e seus arredores; aquele certamente seria um deles. Fui escoltado pelo motorista até o elevador e subimos ao sétimo andar, onde atravessamos um corredor típico de repartição pública pintado de bege-burocrata. SALA 706 estava escrito em tinta preta num vidro fosco. Do lado de dentro, uma recepcionista me cumprimentou e me apontou um escritório interno, onde fui apresentado a um neurologista indiano, de barba, de quarenta e poucos anos, chamado dr. Sanjay Mehta.

Com certeza você está se perguntando se eu li os pensamentos do meu motorista, das pessoas com quem cruzei no corredor, do neurologista, e assim por diante; e a resposta é sim, naturalmente. Meu motorista era outro funcionário da Agência tão desinformado quanto meu motorista anterior. Não fiquei sabendo de nada por intermédio dele. O mais que fiquei sabendo, ao atravessar o corredor, foi que realmente estava num edifício da CIA onde estavam sendo realizados trabalhos sobre assuntos científicos e técnicos.

Com o dr. Mehta, as coisas foram diferentes. Ao apertar-lhe a mão ouvi: *Você pode ler meus pensamentos?*

Hesitei um momento, mas tinha decidido não bancar o reservado, e respondi em voz alta.

- Sim, posso.

Ele fez um gesto, indicando uma cadeira, e pensou: *Pode ler os pensamentos de qualquer um?*

- Não - disse-lhe. - Somente os que...

- *Somente os de uma ênfase particular - como os que são acompanhados de emoções fortes, não é assim? Ouvi.*

Sorri e acenei a cabeça.

Ouvi uma frase numa língua que não compreendi, que presumi que fosse hindi.

Ele falou pela primeira vez.

- O senhor não fala hindi, não é verdade, sr. Ellison? - O inglês dele tinha sotaque britânico.

- Não, não falo.
- Sou totalmente bilíngüe, o que significa que posso pensar em hindi ou inglês. O que o senhor está dizendo, então, é que não *compreende* meus pensamentos quando eles são em hindi. O senhor pode *ouvi-los*, certo?
- Perfeitamente.
- Mas não *todos* os meus pensamentos, naturalmente - ele continuou. - Pensei uma série de coisas nos últimos dois minutos, em hindi e em inglês. Talvez centenas de "pensamentos", se assim se pode classificar o fluxo do processamento de idéias. Mas o senhor só foi capaz de ouvir aqueles que

pensei com grande força.

- Suponho que sim.
- Poderia sentar-se ali, por obséquio?

Acenei a cabeça novamente.

Ele se levantou de sua escrivaninha, e deixou a sala, fechando a porta atrás dele.

Fiquei sentado por alguns momentos, inspecionando sua coleção de pesos de papel de plástico, do tipo que produzem uma nevasca quando sacudidos, e logo estava captando outro pensamento. Dessa vez o timbre de voz era de mulher, agudo e angustiado.

Eles mataram meu marido, dizia a voz. Mataram Jack. Oh, Deus. Eles mataram Jack.

Um minuto depois, o dr. Mehta voltou.

- Então? - disse ele.
- Ouvi - disse.
- Ouviu o quê?
- Uma mulher pensando que seu marido foi morto - respondi esclarecedoramente. - O nome do marido é Jack.

O dr. Mehta exalou audivelmente, sacudindo a cabeça devagar. Após um longo silêncio ele disse:

- Bem?
- Bem o quê?
- O senhor não "ouviu" nada há pouco, ouviu? - Ele disse a palavra "ouviu" com a mesma conotação que eu vinha lhe emprestando mentalmente.
- Apenas silêncio - disse.
- Ah. Mas antes foi uma mulher; o senhor tem razão. Isso é muito interessante. Eu pensaria que o senhor captou apenas que alguém estava sofrendo. Mas o senhor não percebe sentimentos; na verdade o senhor parece *ouvir* coisas, correto?
- Está certo.
- Pode me dizer exatamente o que foi que ouviu?

Repeti para ele.

- Assim mesmo - disse ele. - Excelente. O senhor pode distinguir o que ouve do que "ouve"?
- Creio que o timbre é diferente, a percepção da voz - tentei explicar. - É como a diferença entre uma frase sussurrada e uma frase falada. Ou... ou a maneira como às vezes você é capaz de se lembrar de uma conversa, as inflexões e entonações e tudo mais. Percebo uma voz falada, mas ela é muito diferente da voz audível.
- Interessante - disse ele. Levantou-se, pegou um peso de papel de Niagara Falls na sua mesa, e ficou brincando com ele enquanto andava de um lado para outro no pequeno espaço atrás de sua mesa.
- Mas o senhor não ouviu a primeira voz.
- Não me dei conta de que havia outra.
- Havia outra, um homem, do outro lado dessa parede, mas ele recebeu instruções para pensar placidamente, por assim dizer. A segunda era uma mulher, na mesma sala, que foi instruída para simular um pensamento horroroso e pensar com uma certa intensidade. A propósito, a sala é à prova de som. A terceira tentativa, que o senhor diz que também não ouviu, veio de uma mulher, mas dessa vez ela estava a uns cem metros, noutra sala, no fim do corredor.
- O senhor disse que ela estava "simulando", querendo dizer com isso que o marido dela não foi morto na realidade? - perguntei.

- Exatamente.

- Quer dizer então que não fui capaz de distinguir entre seus pensamentos genuínos e os simulados?

- É por aí - Mehta concordou. - Interessante, não é?

- Isso é um eufemismo - respondi.

Durante cerca de uma hora ele me submeteu a uma bateria de testes, destinados a determinar o grau de sensibilidade do meu "dom", a força que deviam ter as emoções acompanhando os pensamentos, a distância em que a pessoa tinha de estar, e assim por diante.

No final ele aventou uma explicação.

- Como o senhor já especulou - disse o dr. Mehta -, o efeito magnetizante do MRI no seu cérebro produziu esse resultado peculiar. - Ele acendeu um Camel liso. Seu cinzeiro era um souvenir barato de um lugar chamado Wall Drug, em Dakota do Sul.

Ele expeliu uma nuvem de fumaça, que pareceu permitir-lhe pensar profundamente.

- Não sei muita coisa a seu respeito, somente que é advogado de alguma especialidade que me escapa, e que já serviu à Agência. De qualquer forma prefiro não saber muito mais do que isso. Quanto a mim, sou o chefe da divisão psiquiátrica da CIA.
- Testes psicológicos, interrogatórios, esse tipo de coisa?
- Basicamente. Estou certo de que meu pessoal o submeteu a testes antes de mandá-lo para a fazenda, ou para onde quer que o tenham mandado, e no final do seu período de serviço. Sua ficha foi removida, de modo que não poderia saber mais nada a seu respeito do que já sei, mesmo que quisesse. E não quero. - Outra nuvem de fumaça, e ele continuou: - Mas se espera que eu o esclareça sobre sua capacidade de ler mentes, lamento desapontá-lo. Quando Toby Thompson me procurou há alguns anos, pensei que ele não estivesse batendo bem. - Sorri e ele continuou: - Francamente, não sou dos que acreditam na percepção extra-sensorial humana. Não que haja nada inerentemente ridículo sobre ela. Há um volume substancial de provas que sugere que certas espécies animais possuem a capacidade de se comunicarem dessa maneira, como parece ser o caso dos golfinhos e dos cachorros. Mas nunca vi nenhuma prova além de relatos anedóticos não-confiáveis de que os seres humanos são capazes de fazê-lo.
- Presumo que tenha mudado de opinião agora.

Ele riu.

- Os pensamentos ocorrem em todo o cérebro humano, no hipocampo e no córtex do lóbulo frontal assim como no neocórtex. Um colega meu, Robert Galambos, defende a teoria de que o pensamento é "feito" pelas células gliais e não pelos neurônios. Já ouviu falar do cérebro de Broca?

"O cirurgião francês Pierre-Paul Broca descobriu uma área do cérebro humano onde a linguagem é produzida, uma área localizada no lóbulo frontal esquerdo. A área de Broca é o centro do mecanismo da fala. Outro lugar, conhecido como área de Wernicke, é onde reconhecemos e processamos a fala. Fica nos lobos temporal e parietal esquerdos. Postulo que quando uma dessas duas áreas, provavelmente a de Wernicke, é sutilmente alterada pelo poderoso magnetismo do visualizador de ressonância magnética, os neurônios se realinham. E isso lhe permite 'ouvir' ondas radiofônicas de baixa frequência de outras áreas de Broca. Sabemos há muito tempo que o cérebro humano emite esses sinais elétricos. O que o senhor está fazendo, suspeito, é simplesmente *receber* esses sinais. Sabe como às vezes podemos 'ouvir' nossos pensamentos, como se fossem articulados em nossa própria voz falada?

- Sim, às vezes.
- Pois bem, minha teoria é que em algum ponto da formação desses pensamentos há uma atividade

concorrente nos centros da fala. E é nesse ponto que os sinais elétricos são gerados. Muito bem. Então duas recentes descobertas científicas nos fizeram especular.

"Uma foi um estudo publicado na revista *Science* há dois anos, de autoria de uma equipe de Johns Hopkins, que descobriu que podia produzir uma imagem computadorizada do processo de *pensamento* do cérebro. Ligaram eletrodos ao cérebro de um macaco, e usaram gráficos computadorizados para rastrear a atividade elétrica no córtex motor - a área do cérebro que controla a atividade motora. De forma que um instante antes de um macaco reso executar uma ação, eles puderam ver na tela do computador, com um milésimo de segundo de antecedência, a atividade elétrica no cérebro do macaco. Extraordinário! Podíamos ver, de fato, o cérebro pensando.

"E então, uma dupla de geobiólogos do Instituto de Tecnologia da Califórnia descobriu que o cérebro humano contém algo como sete bilhões de cristais magnéticos microscópicos. Na realidade, magnetos feitos de cristais de magnetita, um mineral ferroso. A dupla estava pesquisando se havia alguma ligação entre o câncer e os campos eletromagnéticos, embora ainda não haja provas de que os cristais magnéticos tenham qualquer coisa a ver com o câncer. Mas meus colegas e eu pensamos: e se pudéssemos usar o visualizado! de ressonância magnética para alterar de certa forma esses minúsculos magnetos no cérebro humano - alinhá-los? Na sua atividade de advogado de patentes, agora me recordo, suponho que o lenhor se mantém em dia com os avanços tecnológicos.

De um modo geral, sim.

No começo de 1993, uma excepcional descoberta foi anunciada, quase simultaneamente, pelo gigante japonês da computação Fujitsu, a Nippon Telegraph and Telephone Corporation, e a Universidade de Tecnologia de Graz, na Áustria. Usando várias técnicas de biocibernética, a captação dos impulsos elétricos produzidos pelo cérebro por meio da eletroencefalografia, os seres humanos podem controlar computadores especialmente configurados simplesmente *pensando* um comando! Usando suas mentes podem mover um cursor na tela de um computador, até mesmo digitar letras. Era isso aí. Nesse ponto soubemos que era possível.

- Por que então não conseguem induzir isso em todo mundo?
- Eis a questão - disse ele. - Talvez tenha a ver com a maneira como a sua área de Wemicke está situada. Talvez com o número, ou densidade, das células neurônicas lá localizadas. O que quer que seja que lhe confere uma memória eidética. Para ser honesto, não tenho a menor idéia. Isso tudo não passa de especulação. Mas por alguma razão, ou confluência de razões, aconteceu com você. O que o torna realmente muito valioso.
- Valioso - disse - para quem? - Mas ele já havia virado as costas e se retirado da sala.

29

— Estou realmente bastante satisfeito - disse Toby Thompson, e, de fato, ele estava visivelmente satisfeito consigo mesmo.

Eu estava sentado numa sala de interrogatórios anti-séptica, profusamente iluminada, olhando para Toby numa sala contígua através de um grande e espesso painel de vidro. O vidro estava todo lambuzado de impressões digitais, e a sala era tão clara que era fácil esquecer que eram oito horas da manhã e que eu passara a noite acordado. A sala ficava situada no subsolo do mesmo edifício de escritórios sem graça da safra dos anos 60.

- Me diga uma coisa - perguntei. - Para que essa barreira de vidro? Por que você não saturou a sala com ondas de frequência extremamente baixa como fez na casa de segurança?

Toby sorriu quase melancolicamente.

- Oh, mas ela está. O melhor é não arriscar. Não confio muito na tecnologia. E você?

Mas eu não estava a fim de piadas, depois de mais de uma hora de testes com o dr. Mehta.

- Se tivesse conseguido fugir... - comecei.
- Nada nos teria detido, Ben. Faríamos tudo para encontrá-lo. Você é por demais valioso. Na verdade, nosso perfil psicológico de você indicava, inequivocamente, que você tentaria fugir. Portanto, não chegou a me surpreender. Você deve se lembrar, Ben, que com o seu afastamento da Agência, você não tem mais o cheiro da colônia.
- Cheiro da colônia?
- Entomologia. Formigas. Você com certeza se recorda do meu interesse por formigas.

Toby de fato tinha estudado para ser entomologista antes de a Segunda Guerra Mundial tê-lo desviado para muito longe, para a inteligência militar, a OSS, e mais tarde a CIA. Mas conservara o interesse por formigas, lendo vorazmente as publicações especializadas, mantendo contato com um velho amigo de Harvard, E. O. Wilson, que era um dos maiores conhecedores de formigas do mundo. Entretanto, o único uso que Toby encontrara em toda sua vida para as formigas fora na construção de metáforas.

- Claro que me recordo, Toby. O cheiro da colônia.
- Quando uma formiga cumprimenta outra, ela passa suas antenas pelo corpo da outra. Se a outra for uma intrusa pertencente a outra espécie, será atacada. Mas se for da mesma espécie e apenas, digamos, de uma colônia diferente, será aceita. Não obstante, receberá menos comida até que adquira o mesmo cheiro, o mesmo feromônio, que as demais formigas da colônia têm. Só então é considerada uma delas.
- Quer dizer que pertencço a uma colônia diferente? - perguntei impacientemente.
- Você já viu uma formiga oferecer sua comida? É muito íntimo, muito tocante. O ataque naturalmente é muito desagradável. Uma, quando não as duas, morre.

Passei os dedos pelo tampo da mesa de fórmica imitando madeira onde tinha sido instalado.

Tudo bem - disse. - Agora me diga uma coisa: Quem foi que armou a cilada na outra noite?

- Em Boston?

- Correto. E não me venha com "não sabemos".

- Mas é a expressão da verdade. Realmente não sabemos, Sabemos, isso sim, que houve um vazamento...

- Que diabo, Toby - explodi. - Temos de ser honestos um com o outro.

Ele ergueu a voz, quase gritando, o que me surpreendeu.

- Estou *sendo* honesto com você, Ben! Como lhe disse, desde o meu acidente em Paris, estou à frente desse projeto. Chamam-no de Projeto Oráculo, você sabe como a turma de Operações Secretas é amarrada no seu código de nomes melodramáticos, do latim *oraculum*, de *orare*, falar. A mente fala, não é mesmo?

Dei de ombros.

- O projeto Oráculo é o Projeto Manhattan da telepatia, caro, intensivo, ultra-secreto e considerado

uma causa perdida por quase todos que têm conhecimento da sua existência. Desde os muitos meses de PES, 133 dias para ser preciso, antes que se suicidasse, do cidadão holandês, já submetemos mais de oito mil indivíduos a testes.

- Oito *mil!* - exclamei.
- A vasta maioria desses indivíduos, naturalmente, sabia apenas que estava sendo submetida a experiências médicas, pelo que era generosamente remunerada. De todos eles, dois se destacaram com pequenas manifestações de PES, mas a capacidade deles desapareceu depois de um dia ou dois. Com você...
- Já se passaram dois dias, e nada mudou.
- Excelente. Excelente.
- Mas qual é a finalidade disso tudo? A Guerra Fria acabou, Toby, a miserável...
- Ah - disse ele. - Totalmente errado. Sim, é verdade, o mundo mudou, mas continua sendo um lugar perigoso. A ameaça russa permanece, esperando outro golpe de estado ou a falência total do sistema, da mesma forma que a Alemanha de Weimar estava à espera de um Hitler para restaurar seu império arruinado. O Oriente Médio continua um caldeirão. O terrorismo campeia, estamos entrando numa era de terrorismo como nunca se viu antes. Precisamos cultivar essa habilidade que você possui, desesperadamente. Precisamos de agentes que possam adivinhar *intenções*. Sempre haverá Saddam Husseins ou Muammar Kadhafis ou outros tiranos da mesma laia.
- Por que, então, o tiroteio em Boston, me diga? O Projeto Oráculo está em execução há quanto tempo? Cinco anos?
- Aproximadamente.
- E de repente começam a atirar em mim. Obviamente, há uma urgência. Algumas pessoas querem alguma coisa a qualquer preço, e muito rapidamente. Não faz sentido.

Toby suspirou, tocou o vidro que nos separava com os dedos.

- Não há mais ameaça soviética - disse ele lentamente. - Graças a Deus. Mas agora estamos enfrentando uma ameaça muito mais difícil, muito mais difusa: centenas de milhares de espões desempregados do Bloco do Leste, muitos deles constituindo um bando ameaçador de malfeitores.
- Isso não é uma explicação - respondi. - Isso são *ativos*. Para quem eles trabalham? E *por quê?*
- Com mil diabos - *Toby trovejou*. - Quem é que você pensa que liquidou Edmund Moore ?

Olhei fixamente para ele. Os olhos de Toby estavam fora das órbitas, assustados, lacrimosos.

- Diga-me - falei muito calmamente. - Quem foi que o matou?
- Oh, pelo amor de Deus, a versão pública é que ele enfiou na boca o cano de sua arma, uma Smith & Wesson modelo 39 de 1957, fornecida pela Agência.

- E?

- O modelo 39 é um parabélum de 9mm, certo? E a primeira pistola de 9mm produzida por um fabricante americano.
- Aonde é que você quer chegar, caramba?
- A bala que perfurou o cérebro de Ed Moore veio de um cartucho especial de 9mm x 18. O cartucho usado na pistola Makarov de 9mm. Percebeu?
- Soviética. Fabricada no final dos anos 50. Ou...
- Da Alemanha Oriental. O cartucho foi fabricado para a Pistole M, Alemanha Oriental. Não acredito que Ed Moore usasse munição fornecida pela polícia secreta da Alemanha Oriental na sua velha pistola da Agência.

- Mas a famigerada Stasi não *existe* mais, Toby!
- A Alemanha Oriental não existe. A Stasi não existe. Mas o pessoal *remanescente* da Stasi existe. E alguém o está contratando. Alguém o está *usando*. *Precisamos* de você, Ben.
- Sim - disse, levantando minha voz. - Obviamente. Mas para fazer o quê?

Ele repetiu seu ritual de tirar um cigarro do maço de Rothmans, acendê-lo, e depois falar obscuramente através da fumaça.

- Queremos que você localize o último chefe da KGB.
- Vladimir Orlov.

Ele acenou a cabeça.

- Mas certamente você conhece o paradeiro dele. Com todos os recursos de que a Agência dispõe...
- Sabemos apenas que ele está em algum lugar no norte da Itália. Na Toscana, mais precisamente.
- Como é que você sabe disso?
- Nunca divulgo fontes e métodos - disse com um sorriso malicioso. - Na verdade, Orlov é um homem doente. Ele vem consultando um cardiologista em Roma. Pelo menos isso nós sabemos. Ele é cliente desse médico há anos, desde a primeira vez que visitou Roma no final dos anos 70. Esse especialista atende diversos líderes mundiais, com grande discrição. Orlov confia nele.

"Também sabemos que depois de suas consultas com esse cardiologista, ele é levado de volta para uma localidade desconhecida na Toscana. Até agora seus motoristas têm demonstrado grande habilidade em não deixar rastros.

- Pratique então um pequeno roubo.
- Em quem? No cardiologista italiano? Tentamos o consultório dele em Roma sem sucesso. Ele deve guardar a ficha de Orlov bem escondida.
- E se eu encontrar o homem?
- Você é o genro de Harrison Sinclair. Casado com a filha de Hal. Não é totalmente implausível que você tenha negócios a tratar com ele. Ficaré desconfiado, mas você poderá contornar as suas suspeitas. Uma vez na presença dele, queremos que você apure tudo o que ele e Hal Sinclair possam ter discutido. Tudo. Hal realmente roubou uma fortuna? O que foi que Orlov teve a ver com o episódio? Você fala russo, e com o seu "talento"...
- Ele não precisará dizer uma palavra.
- Numa só tacada você poderá localizar a fortuna desaparecida e limpar o nome de Hal Sinclair. Mas tenha em mente que é inteiramente possível que o que possa apurar sobre Hal não lhe agrade.
- Improvável.
- Não, Ben. Você não quer acreditar que Harrison Sinclair era um ladrão. Nem Alex Truslow nem eu tampouco queremos. Mas prepare-se para a possibilidade de ser isso o que você vai descobrir, por mais repugnante que possa ser. Essa missão não será sem riscos.
- Da parte de quem?

Ele se inclinou para trás na sua cadeira de rodas.

- A gente mais traiçoeira no negócio de inteligência é sua própria gente. Você sabe, houve um grande entomologista no século XIX chamado Auguste Forel que certa vez observou que os grandes inimigos das formigas são... outras formigas. Os maiores inimigos dos espões são outros espões. - Ele entrelaçou os dedos como se fosse rezar. - Qualquer que possa ter sido o trato que Vladimir

Orlov fez com Hal Sinclair, tenho certeza de que ele não quer que ele seja revelado.

- Não queira me enganar, Toby. Você não acredita que Hal era inocente.

Ele respirou fundo.

- Não - admitiu. - Não acredito. Gostaria de poder pensar de outra maneira. Mas no mínimo você poderá descobrir o que Hal pretendia fazer antes de morrer. E por quê.
- O que *Hal* pretendia fazer? - bradei. - Hal está *morto!*

Surpreso, Toby olhou para cima. Parecia assustado, embora não pudesse dizer se era por causa do meu rompante ou por outro motivo.

- Quem foi que o matou? - perguntei. - Quem foi que matou Hal?
- Ex-funcionário da Stasi, quer me parecer.
- Não me refiro à execução. Quero saber quem foi o mandante.
- Não sabemos.
- Esses renegados da CIA; esses "Homens Sábios" de que Alex me falou?
- É possível. Embora, sei que você vai odiar ouvir isso, mas considere a hipótese, talvez Sinclair fosse um deles. Um dos chamados Homens Sábios. E talvez tivesse havido uma cisão.
- Essa é uma teoria - disse friamente. - Deve haver outras.
- Sim. Talvez Sinclair tenha feito um acordo com Orlov, alguma coisa grande, envolvendo muito dinheiro. E Orlov, por ganância ou por medo, mandou matar Sinclair. Afinal, não seria lógico que um desses ex-facínoras da Alemanha Oriental ou da Romênia fizesse um biscate para o homem que tinha sido seu chefe?
- Preciso falar com Alex Truslow.
- Ele não pode ser contatado.
- Não. Ele está em Camp David, mas pode ser contatado.
- Ele está em trânsito, Ben. Se precisa falar com ele, tente amanhã. Mas não há tempo a perder. Este assunto é da maior urgência.

Você pretende reter Molly, não é? Até que eu entregue a mercadoria.

- Ben, estamos desesperados. As coisas são de uma importância vital. - Ele respirou fundo. - A propósito, a idéia não foi minha. Fui contra ela, e discuti com Charles Rossi veementemente.
- Mas acabou concordando.
- Ela está sendo tratada excepcionalmente bem, posso lhe garantir. Ela confirmará isso. O hospital foi avisado de que ela teve de se ausentar para tratar de um assunto de família urgente. Poderá descansar em paz por alguns dias, coisa de que estava precisando muito.

Senti a adrenalina borbulhar e lutei com todas as minhas forças para manter a compostura.

- Toby, acredito que foi você quem me disse uma vez que quando um ninho de formigas está sendo atacado, as formigas não convocam as jovens formigas como guardas, ou soldados. Mobilizam as velhas senhoras formigas, você me disse. Porque se as velhas morrerem tudo bem. Isso é chamado de altruísmo, é melhor para a coletividade, a colônia. Certo?
- Faremos tudo o que pudermos para protegê-lo.
- Duas condições - disse eu.
- Quais são?
- Primeiro, este é o único compromisso que assumo para quem quer que seja. Não farão de mim uma cobaia, moço de recados, ou qualquer coisa parecida. Compreendido?

- Compreendido. - Toby disse com a mesma ênfase. - Embora espere que a certa altura possamos induzi-lo a mudar de idéia.

Ignorei o que ele disse e continuei.

- E segundo, você só receberá a informação depois de Molly ter sido solta. Vou estudar os termos e as condições exatos. Mas vai ser o meu jogo, com as minhas regras.
- Você não está sendo razoável - disse Toby num tom de voz mais alto.
- Talvez. Mas é condição *sine qua non*.
- Não posso permitir. E contra todos os procedimentos em vigor.
- Aceite-as, Toby.

Outra pausa muito, muito longa.

- Dane-se. Está certo, Ben.
- Então, combinado. Negócio fechado.

Ele colocou as palmas das duas mãos em cima da mesa à sua frente.

- Vamos despachá-lo de avião para Roma dentro de algumas horas - disse ele. - Não há um minuto a perder.

Parte IV

TOSCANA

Líder do Partido Nacional Socialista da Alemanha assassinado

Por Isaac Wood
New York Times Service

BONN - Jurgen Krauss, o impetuoso presidente do renascido Partido Nazista, que estava na liderança da corrida para o posto de chanceler, foi morto a tiros esta manhã num comício que aqui realizava.

Até o presente momento ninguém assumiu a responsabilidade pelo atentado.

Com isso ficam apenas dois homens na disputa pela chefia dos destinos da Alemanha, ambos considerados centristas. Embora expressando pesar pelo fim violento do sr. Krauss, diplomatas mostraram-se aliviados...

Tinha estado em Roma diversas vezes antes, e nunca chegara a me entusiasmar. A Itália é sem dúvida um de meus países preferidos, talvez o meu único favorito, mas sempre achei Roma suja, congestionada e desesperada. Bela, de certo - o Campidoglio de Miguelângelo, a Catedral de São Pedro, a Villa Borghese, a Via Veneto, todos deslumbrantes de muitas maneiras, antigos, luxuriantes, opulentos -, mas esmagadora, ameaçadora. E praticamente aonde quer que você vá na cidade sempre acaba no monumento a Victor Emmanuel II, uma estrutura horrorosa em feitiço de máquina de escrever de mármore branco da Bréscia, na Piazza Venezia, envolto na fumaça maligna do tráfego. Era aqui que Mussolini proferia suas arengas; prefiro evitá-la sempre que possível.

No dia em que cheguei chovia muito e estava desagradavelmente frio. Debaixo da chuva, o ponto de táxi em frente ao aeroporto internacional de Fiumicino parecia pouco convidativo para uma investida imediata.

Dirigi-me, portanto, a um bar e pedi um *cafe lungo*, saboreei-o sem pressa, sentindo a cafeína batalhar com a minha diferença de fuso horário. Tinha entrado no país com um passaporte falso, que me fora fornecido pelos especialistas em falsificação da seção de Serviços Técnicos da CIA (em cooperação, seja dito, com o Departamento de Estado dos Estados Unidos).

Fazia-me passar por Bernard Mason, um homem de negócios americano chegado ao país para contatos com a subsidiária italiana de minha corporação. O passaporte era um primor de falsificação nos menores detalhes - pontas de páginas viradas e sinais de intenso manuseio; se não conhecesse suas origens, seria capaz de pensar que, de fato, tinha sido usado em muitas viagens internacionais, e por uma pessoa desleixada. Mas, naturalmente, tinha sido maquiado especialmente para a ocasião.

Tomei mais um *cafe lungo* e comi um *cornetto*, em seguida encaminhei-me ao banheiro. As instalações sanitárias, em preto e branco, eram simples e asseadas. Encostada a uma das paredes, embaixo de um grande espelho, via-se uma fileira de pias; em frente a elas, do outro lado do pequeno banheiro, ficavam quatro privadas cujas portas, pintadas de preto brilhante, iam do chão ao teto sem vão aberto. A privada da extrema esquerda estava ocupada, e embora a do centro estivesse desocupada, demorei-me um pouco na pia, lavando as mãos, o rosto, e penteando o cabelo até que a porta da privada à esquerda se abriu. Um árabe atarracado saiu, apertando a fivela do cinto contra o ventre volumoso. Retirou-se sem lavar as mãos, e eu entrei imediatamente no gabinete que ele acabara de desocupar e tranquei a porta.

Abaixei o tampo do vaso, subi nele, e estiquei o braço na direção do compartimento de plástico moldado junto ao teto. Conforme prometido, abriu com facilidade, e lá estava ele, um pacote de bom tamanho. Um envelope pardo acolchoado contendo, acondicionadas em pedaços de pano branco, uma caixa de cinquenta cápsulas ACP .45 e uma lustrosa pistola semi-automática preta .45, uma Sig-Sauer 220, novinha em folha, ainda cheirando a óleo da fábrica. A Sig, na minha opinião, é a melhor pistola que se fabrica. É equipada com visores noturnos de tritium, possui um cano de dez centímetros, seis raias de estriamento, e pesa cerca de oitocentos gramas. Esperava não ser obrigado a fazer uso dela.

Estava de péssimo humor. Tinha jurado nunca mais participar desse jogo terrível, e ali estava eu de volta. E mais uma vez teria de explorar o meu lado sombrio, violento, que julgava ter sepultado para sempre. Embrulhei novamente a caixa, enfiei-a na minha bolsa de viagem, e deixei o envelope no compartimento, que fechei cuidadosamente.

Assim que saí do banheiro e me encaminhei para o ponto de táxi, entretanto, senti uma coisa errada. Uma presença, uma pessoa, um movimento. Os aeroportos são lugares caóticos, febris, alvoroçados, por isso

mesmo são ideais como postos de observação, vigilância. Eu estava sendo observado. Senti isso. Não posso dizer que tenha "ouvido" ou "lido" o que quer que fosse - gente em profusão em pequenos grupos, uma Babel de línguas estrangeiras, e meu italiano dava apenas para o gasto. Mas tive um pressentimento. Meus instintos, que já tinham sido tão apurados mas estavam fora de uso há muito tempo, estavam voltando aos poucos.

Havia alguém.

Um homem recato, moreno, aparentando trinta e poucos, quarenta anos, usando um paletó esporte cinza-esverdeado, estava postado perto da *farmácia*, com o rosto encoberto pelo exemplar do *Corriere della sera*.

Apressei o passo até sair do terminal. Ele me seguiu de maneira muito pouco sutil, o que me deixou preocupado. Ele parecia não fazer questão de ser notado, sinal de que devia haver outros. Provavelmente também significava que *queriam* que eu notasse.

Entrei no primeiro táxi disponível, um Mercedes branco, e disse:

- Grand Hotel, *per favore*.

O sujeito que me vigiava embarcou no táxi imediatamente atrás do meu. Naquela altura, provavelmente haveria outro veículo envolvido na operação, talvez dois ou três. Depois de cerca de quarenta minutos enfrentando o trânsito da hora do *rush* matinal, o táxi parou na Via Vittorio Emanuele Orlando em frente ao Grand Hotel. Imediatamente três mensageiros se precipitaram sobre o táxi para pegar minha bagagem, acomodá-la numa carreta, ajudar-me a descer do táxi, e acompanhar-me ao elegante discreto saguão do hotel.

Gratifiquei cada um deles mais do que generosamente e declinei meu suposto nome à recepção.

O funcionário sorriu e disse:

- *Buon giorno, signore* - e rapidamente consultou a lista de reservas. Uma expressão embaraçada estampou-se no seu rosto. - *Signore... ah, Mr. Mason* - disse ele, desculpando-se.
- Algum problema?
- Receio que sim. Não temos nenhum registro...
- Talvez a reserva tenha sido feita em nome da minha companhia - alvitrei. - Transatlântica.

Depois de alguns segundos ele sacudiu a cabeça novamente.

- Sabe quando a reserva foi feita?

Bati com a mão espalmada na superfície de mármore do balcão da recepção.

- Não sei e não quero saber! - explodi. - Este hotel é uma bagunça...
- Se o senhor precisa de um quarto, cavalheiro, estou seguro de que...

Acenei para o chefe dos mensageiros.

- Não. Aqui, não. Tenho certeza de que o Excelsior não comete erros grosseiros como este. - Voltando-me para o chefe dos mensageiros, ordenei: - Leve minhas malas para a entrada de serviço. Não a da frente, a dos fundos. E quero um táxi para o Excelsior, na Via Veneto. Imediatamente.

O chefe dos mensageiros fez uma ligeira mesura e gesticulou para um dos mensageiros, que virou a carreta com a minha bagagem e começou a empurrá-la na direção dos fundos do saguão.

- Senhor, lamento muito se houve algum engano, estou certo de que poderemos saná-lo rapidamente -

disse o funcionário da recepção. - Temos um quarto de solteiro disponível. Na verdade, temos diversas pequenas suítes disponíveis.

- Não quero incomodá-lo - disse altivamente enquanto seguia o carro com a bagagem para os fundos do saguão, a caminho da entrada de serviço.

Em poucos minutos o táxi parou nos fundos do hotel. O mensageiro colocou a valise e a bolsa de viagem na mala do Opel. Dei-lhe uma boa gorjeta e embarquei.

- O Excelsior, *signore?* - o motorista perguntou.
- Não, o Hassler. Na Piazza Trinità dei Monti.

O Hassler dá para a escadaria da Praça de Espanha, um dos lugares mais agradáveis de Roma. Já tinha me hospedado nele antes, e a Agência fizera uma reserva para mim, a meu pedido. O episódio do Grand Hotel, naturalmente, tinha sido uma artimanha e parecia ter dado certo, meus seguidores perderam a minha pista. Não sabia por quanto tempo poderia ficar ali incógnito, mas, por enquanto, as coisas pareciam estar sob controle.

- Exausto, tomei um banho de chuveiro e despenquei na cama *king-size*, enfiando-me por debaixo dos voluptuosos lençóis de linho, momentaneamente em paz, e entreguei-me a um sono profundo, de que há muito precisava, perturbado por sonhos aflitos sobre Molly.

Algumas horas mais tarde fui acordado por uma buzina nas proximidades da escadaria da praça. A tarde ia pela metade e a suíte estava inundada de luz. Rolei na cama, peguei o telefone, e pedi um *cappuccino* e alguma coisa para comer. Meu estômago estava roncando.

Olhei o relógio e calculei que o dia de trabalho estava apenas começando em Boston. Fiz uma chamada para um banco em Washington onde ainda mantinha uma velha conta, aberta há muitos anos, mas que ainda continuava ativa. Meu corretor, John Matera, transferira meus "ganhos" com as ações do Beacon Trust para lá. (Ganhos, naturalmente, era a única coisa que não eram.) Não tinha sentido, pensei, facilitar as coisas para que a CIA acabasse pondo as mãos no meu dinheiro. Conhecia seus truques e estava decidido a não confiar inteiramente nela.

O café chegou quinze minutos depois, servido numa xícara grande com a borda dourada, e acompanhado de sanduíches apetitosamente apresentados: grossas fatias de pão de fôrma úmido recobertas com finíssimas fatias de *prosciutto*, *arugula*, *pecorino fresco* e enfeitadas com rodela de tomate de um vermelho muito vivo, brilhando do fragrante azeite de oliva.

Senti-me mais sozinho do que nunca. Molly, tinha certeza, estava bem - estava de fato sendo protegida tanto quanto estava servindo de refém. Contudo, preocupava-me com ela, com o que lhe estariam dizendo a meu respeito, com o medo que deveria estar sentindo, com o esforço que estaria fazendo para segurar a barra. Mas estava convencido, por outro lado, de que ela não se dobraria; ao contrário, devia estar fazendo um inferno da vida de seus captores.

Sorri para mim mesmo e nesse preciso momento o telefone tocou.

- Sr. Ellison? - disse a voz com sotaque americano.
- Sim.
- Bem-vindo a Roma. Escolheu uma boa época para vir.
- Obrigado. E muito mais agradável aqui do que nos Estados Unidos nesta época do ano.
- E há muito mais o que ver - disse o meu contato da CIA, completando o código de reconhecimento.

Desliguei.

Quinze minutos mais tarde, à luz suave de um fim de tarde romano, saí do Hassler. A escadaria da Praça

de Espanha fervilhava de gente, de pé, sentada, fumando, tirando fotografias, gritando uns para os outros, rindo das piadas que se contavam. Observei o cenário buliçoso, senti-me terrivelmente deslocado no meio de toda aquela vivacidade e, tenso de ansiedade, tomei um táxi.

31

Na Piazza della Repubblica, não longe da principal estação ferroviária de Roma, aluguei um carro na Maggiore, usando minha carteira de motorista falsa em nome de Bernard Mason e um cartão ouro Citibank Visa. (Na verdade, o cartão de crédito era verdadeiro; mas as contas do fictício sr. Mason eram pagas, através de uma firma de advocacia de Fairfax, Virgínia, pela CIA.) Deram-me um Lancia preto luzidio do tamanho de um transatlântico: o tipo de carro que Bernard Mason, homem de negócios americano *nouveau riche*, indubitavelmente alugaria.

O consultório do cardiologista ficava situado não muito longe dali, no Corso dei Rinascimento, uma rua principal barulhenta, de trânsito permanentemente congestionado, saindo da Piazza Navona. Estacionei numa garagem subterrânea um quarteirão e meio adiante e localizei o edifício do médico, cuja entrada ostentava uma placa de latão onde se lia: DOTT. ALDO PASQUALUCCI.

Chegara quase quarenta e cinco minutos antes da hora marcada, e resolvi dar uma volta pela Piazza. Por diversas razões, sabia que era melhor aceitar sem discutir o horário que me fora reservado inusitadamente tarde, mas deliberadamente assim. O inconveniente, suponho, destinava-se a incrementar minha fama: era a única hora de que o solitário magnata americano, Bernard Mason, dispunha para consultar-se com o médico. Incomodado dessa forma, o dr. Pasqualucci presumivelmente mostrar-se-ia mais inclinado a ser cooperativo e obsequioso. O médico era considerado um dos melhores cardiologistas da Europa, sem dúvida a razão pela qual o ex-chefe da KGB o tinha procurado. Era lógico, portanto, que o sr. Mason, que residia muitos meses do ano em Roma, procurasse seus serviços. Tudo o que o dr. Pasqualucci sabia era que o americano lhe tinha sido recomendado por outro médico, um clínico que conhecia casualmente, e que se impunha a maior discrição, uma vez que o império de negócios de Mason sofreria incalculável dano financeiro se viesse a público que ele estava se submetendo a tratamento para curar um problema cardíaco. Pasqualucci não sabia que o médico que recomendara Mason estava na verdade a serviço da CIA.

Aquela hora da noite os edifícios barrocos de cor ocre da Piazza Navona estavam dramaticamente iluminados com lâmpadas de Klieg, uma visão estonteante. A praça regurgitava de gente pelas calçadas, nos cafés, gente palradora, excitada, elétrica. Casais embevecidos consigo mesmos passavam lentamente, enquanto outros observavam o movimento; em outras épocas teriam desfilado. A praça tinha sido construída no local das ruínas do Estádio do imperador Domiciano. (Sempre me lembrarei de que foi Domiciano quem disse: "Os imperadores são necessariamente homens marcados por um destino trágico, uma vez que somente seu assassinato é capaz de convencer o público de que as conspirações contra suas vidas são reais.")

As luzes da noite cintilavam na água que jorrava das duas fontes de Bernini em torno das quais as pessoas pareciam gravitar perenemente: a Fonte dos Quatro Rios no centro da praça e a Fonte do Mouro na extremidade sul. A Piazza Navona era um logradouro singular. Séculos atrás fora usada para corridas de bigas, e mais tarde os papas mandaram inundá-la para que nela fossem travadas batalhas navais.

Abri caminho no meio da multidão, sentindo-me de certa forma alienado dos outros, sua alegria efervescente contrastando com minha ansiedade. Passara muitas noites como aquela, sozinho em cidades estrangeiras, e sempre considerara estranhamente fascinante ver-me cercado pelo burburinho de vozes

estrangeiras. Naquela noite, naturalmente, abençoado (ou seria atormentado?) com minha bizarra faculdade, sentia-me cada vez mais confuso enquanto pensamentos misturavam-se com trechos de conversas e gritos numa algazarra incompreensível.

Ouvi, alto e bom som:

Non ho mai avuto una settimana peggiore! e depois, naquela voz-pensamento: *Avessimo potuto salvarlo!*

E em voz alta:

Lui e uscito con la sua ragazza.

E, novamente, numa voz-pensamento suave: *Poverino!*

E em seguida outra voz-pensamento abafada, mas dessa vez distintamente americana: *maldito seja, o sem-vergonha me deixou sozinha!*

Virei-me. Ela era obviamente americana, pouco mais de vinte anos, usando uma camiseta da Stanford por baixo de uma jaqueta de zuate lavada com ácido, caminhando sozinha, a poucos passos de mim. Seu rosto redondo, comum, estava amuado. Ela me surpreendeu olhando para ela e me lançou um olhar zangado. Virei o rosto, e só então ouvi outra frase, em inglês com sotaque americano, e meu coração começou a bater agitado.

Benjamin Ellison.

Mas de onde viria a voz? Tinha de ser de perto, num raio de menos de dois metros. Devia ter vindo de uma das dezenas de pessoas que me cercavam, mas quem? Tive de fazer um esforço enorme para não virar a cabeça de um lado para outro, tentando surpreender o olhar de alguém que parecesse fora do contexto, um tipo da Agência que tivesse me seguindo. Virei-me casualmente, e ouvi...

Não posso deixar que ele perceba

... E comecei a acelerar meu passo, andando apressadamente na direção da igreja de Santa Agnes, ainda não conseguindo isolar meu seguidor da multidão, e de repente dobrei à esquerda, esbarrando numa mesa de café de plástico branco, quase derrubando um homem de idade, e enveredei por um beco estreito fedendo a urina. Ouvia gritos atrás de mim, as vozes de uma mulher e de um homem, os sons de um tumulto. Disparei pelo beco adentro, sentindo passos me seguindo, e abaixei-me no vão de uma porta, que parecia ser uma entrada de serviço. Comprimi o corpo contra a porta alta de madeira, sentindo a tinta descascada beliscar meu pescoço e minha cabeça, e dobrei o joelho lentamente, deixando-me afundar no chão frio de ladrilho da entrada. Consegui perceber vagamente o interior através do painel de vidro quebrado no meio da porta externa. A escuridão e as sombras, pensei, me esconderiam suficientemente.

Sim, não havia dúvida, era um vigilante.

Uma figura grandalhona, musculosa, despontou no beco, com os braços abertos como se estivessem sendo usados para manter o equilíbrio. Tinha visto aquele homem na *praça*, à minha direita, mas o confundira com um italiano como outro qualquer; ele se mesclara muito bem com os transeuntes para o meu olho sem prática. Passou bem em frente a mim, andando devagar, e vi seus olhos perscrutarem o diminuto vestíbulo onde eu estava ajoelhado.

Teria me visto?

Ouvi: *fugiu para...*

Seus olhos se mantiveram firmes, olhando para frente, sem se desviarem para baixo, enviesadamente.

Senti o aço frio da pistola no bolso de minha calça, saquei-a lentamente. Destravei-a, e pus o dedo no gatilho experimentalmente.

Ele continuou andando pelo beco, observando atentamente os vãos das portas de um lado e de outro. Esgueirei-me do meu esconderijo, vi quando ele atingiu o fim do beco, fiz uma ligeira pausa e tomei a direita.

Sentei-me, respirei lenta e profundamente. Fechei os olhos por um minuto, depois inclinei-me para a

frente e dei outra olhada. Ele tinha sumido. Perdera-o de vista, pelo menos momentaneamente. Muitos e infundáveis minutos após, deixei o beco, caminhando na direção que meu seguidor tomara antes, afastando-me da *praça*, e avançando, através de um *dédalo* de ruelas escuras, para o Corso.

Precisamente às oito horas, o dr. Aldo Pasqualucci abriu a porta do seu consultório e, inclinando ligeiramente a cabeça, apertou minha mão. Ele era surpreendentemente baixo, rotundo mas não propriamente obeso, e vestia um terno de *tweed* marrom confortavelmente usado com um colete de pêlo de camelo. Seu rosto era afável. Seus olhos castanhos transmitiam uma certa preocupação. Seus cabelos eram pretos, salpicados de branco, e pareciam ter sido recentemente penteados. Na mão esquerda segurava um cachimbo de espuma do mar; o ar à sua volta recendia fumo de cachimbo com fragrância de baunilha.

- Por favor, entre, sr. Mason - disse ele. - Seu sotaque não era de modo algum italiano, mas britânico, aristocrático e claro. Fez um gesto com seu cachimbo na direção da sala de exames.
- Obrigado por me receber a uma hora tão inconveniente.

Ele abaixou a cabeça, sem concordar ou discordar, e disse sorridente:

- E um prazer. Tenho ouvido falar muito do senhor.
- E eu do senhor. Mas primeiro preciso perguntar...

Fiz uma pausa, concentrei-me... e não encontrei nada audível.

- Pois não. Quer ter a bondade de sentar-se aqui e tirar sua camisa.

Ao sentar-me na mesa de exame recoberta de papel e tirar meu paletó e minha camisa, disse:

- Preciso ter certeza de poder contar com sua absoluta discrição.

Ele apanhou um aparelho de tirar pressão na mesa atrás dele, enrolou a braçadeira no meu braço, pressionou o fecho de velcro, e disse:

- Todos os meus clientes podem contar com a mais completa confidencialidade. Não admito outra maneira de exercer a profissão médica.

Então disse em voz alta, deliberadamente provocante:

- Mas o senhor pode *garantir*?

E no instante antes de Pasqualucci responder, bombeando a pêra até a braçadeira apertar meu braço desconfortavelmente, ouvi... *pomposo... arrogante...*

Ele estava tão perto de mim que pude sentir seu hálito quente com cheiro de tabaco, perceber sua tensão, e logo me dei conta de que estava ouvindo seus pensamentos.

Em italiano.

Ele era bilíngüe, tinha sido informado: italiano nato mas criado em Northumbria, Grã-Bretanha, e educado em Harrow e mais tarde em Oxford.

Então o que isso significava? O que significava ser bilíngüe? Ele falaria em inglês enquanto pensava em italiano, era assim que funcionava?

Ele disse, dessa vez com muito menos cordialidade:

- Sr. Mason, como o senhor sabe muito bem, trato de algumas eminentes personalidades, todas elas

muito retraídas. Não revelarei seus nomes. Se o senhor tem dúvidas quanto à minha discricção, por favor sinta-se à vontade para se retirar agora mesmo.

Ele deixou a braçadeira inflada ao máximo por muito tempo, e por isso meu braço estava latejando. Fizera-o, pelo menos em parte, deliberadamente, desconfiei. Mas agora, como pontuando sua declaração, ele soltara a válvula de pressão, que emitiu um longo silvo.

- Desde que entendamos um ao outro - disse eu.
- Muito bem. O dr. Corsini disse que o senhor tem tido vertigens ocasionais, que de vez em quando seu coração dispara aparentemente sem razão.
- Correto.
- Quero um histórico completo. Talvez o submeta ao monitor Holter, talvez a um teste de estresse, veremos. Mas primeiro quero que me diga com suas próprias palavras o que o trouxe aqui.

Virei-me para olhá-lo de frente e disse:

- Dr. Pasqualucci, minhas fontes me dizem que o senhor trata de um certo Vladimir Orlov, da ex-União Soviética, e isso me deixa preocupado.

Ele espumou:

- Como lhe disse, o senhor está livre para procurar outro cardiologista. Posso até recomendar-lhe um..
- Estou querendo apenas dizer, doutor, que me preocupa o fato de as fichas, cardiogramas, ou seja lá como for que essas coisas se chamam, ficarem arquivadas aqui no seu consultório. Se algum dia houver uma devassa devido... digamos, ao *interesse* que possa haver nele de parte de qualquer serviço de inteligência, minha ficha, também, não ficará muito vulnerável? Gostaria de saber quais são as precauções que o senhor toma.

O dr. Pasqualucci me olhou como uma ave de rapina, furiosamente, com o rosto em brasa, e eu comecei a ler seus pensamentos com impressionante clareza.

Cerca de uma hora depois manobrei o Lancia através do trânsito barulhento, alucinado, raivoso, dirigindo-me aos arredores de Roma, à via Trullo, dobrando à direita e tomando a via S. Guiliano, uma zona moderna e um tanto desolada da cidade. Alguns metros à frente, à direita, localizei o bar e parei o carro.

Era um desses bares para todas as finalidades e com tudo o que se possa imaginar, um prédio pequeno de estuque pintado de branco, com um toldo de lona de listras amarelas, e cadeiras de varanda de plástico branco empilhadas na frente do estabelecimento. Num painel do café Lavazza lia-se a inscrição: ROSTICCERIA-PIZZERIA-PANINOTECA-SPAGHETTERIA.

Eram vinte para as dez, o lugar fervilhava de adolescentes com jaquetas de couro, esbarrando em trabalhadores grisalhos bebendo no bar. Uma vitrola automática castigava uma velha canção americana que reconheci: "I Wanna Dance with Somebody". Whitney Houston, decidi.

Meu contato da CIA, Charles Van Aver - o homem que me telefonara no hotel no meio da tarde -, não estava lá. Era muito cedo, provavelmente estaria no seu carro no estacionamento dos fundos. Abanquei-me no bar, pedi uma Aversa, e fiquei olhando o pessoal se divertir. Um grupo de jovens jogava cartas. Uma família numerosa, reunida em torno de uma mesa muito pequena para tanta gente, erguia brindes entusiásticos. Nenhum sinal de Van Aver, e - com minha única exceção - era evidente que todos que ali se encontravam estavam no seu ambiente.

No consultório do cardiologista, pude confirmar o que observara antes com o dr. Mehta, que uma pessoa bilíngüe pensa em dois idiomas, uma mistura desnorteante. Os pensamentos do dr. Pasqualucci constituíam uma estranha cacofonia de italiano e inglês.

Meu italiano, embora limitado, me permitia entender o sentido do que ele estava pensando.

Escondido no fundo de um *closet* de suprimentos, um pequeno compartimento onde eram guardados produtos de limpeza, vassouras e esfregões, papel para fotocópias, disquetes de computador, fitas de máquinas de escrever e muito mais, havia um cofre reforçado com concreto. Nele se encontravam substâncias de aplicação controlada, a documentação relativa a um caso desagradável de imperícia médica em que ele estivera envolvido há dez anos e fichas de diversos pacientes. Entre esses pacientes contavam-se conhecidos políticos italianos de partidos rivais; o diretor-executivo de um dos maiores impérios automotivos da Europa; e Vladimir Orlov.

Enquanto o dr. Pasqualucci me auscultava com um estetoscópio frio, eu dava tratos à bola para descobrir como poderia obrigá-lo a pensar na combinação do cofre, como poderia abri-lo, quando, subitamente, ouvi qualquer coisa, algo que parecia com um zumbido pouco nítido, muito distante, como uma onda de rádio entrando e saindo da frequência, as palavras:

Volte-Basse...

E Castelbianco

E novamente: *Volte-Basse... Castelbianco... e Orlov...*

E fiquei sabendo tudo o que precisava saber.

E nada de Van Aver aparecer. Tinha memorizado sua fotografia: um homem corpulento, de rosto avermelhado, um sulista bom de copo de sessenta e oito anos. Usava seu espesso cabelo branco longo por cima do colarinho na sua nuca, pelo menos de acordo com sua foto mais recente dos arquivos da Agência. Seu nariz grosso era vincado de diminutos vasos sanguíneos rompidos, típicos dos alcoólatras. Um alcoólatra, Hal Sinclair costumava dizer, é uma pessoa de quem você não gosta que bebe tanto quanto você.

Às dez e um quarto paguei a conta e me retirei discretamente pela porta da frente do restaurante-bar. A área de estacionamento estava escura, mas dava para distinguir o costumeiro sortimento de Fiats Panda e Ritmo, Fords Fiesta, Peugeotts e um Porsche preto. Depois da zoeira no bar, apreciei o silêncio do estacionamento imerso nas trevas, respirando o ar fresco que, de certo modo, parecia mais limpo e revigorante naquela parte de Roma.

Na fileira de carros mais ao fundo estava estacionado um Mercedes verde-oliva reluzente, placa ROMA 1717. E lá estava ele, dormindo no volante, numa postura relaxada de um homem de mais idade. Creio que esperava que ele estivesse com o motor ligado, impaciente para dar início ao percurso de mais de três horas rumo ao norte, na direção de Toscana, mas o carro estava às escuras. Van Aver, imaginei, devia estar curtindo os efeitos da grande quantidade de bebida que ingeria regularmente, segundo o seu prontuário. Podia ser alcoólatra, mas era um homem experiente, que conhecia todo mundo, e por isso seus pecadilhos eram tolerados.

O pára-brisas estava parcialmente embaçado. Ao me aproximar do carro, considerei se devia insistir em dirigir, ou se isso poderia melindrar o superego de Aver. Assim que entrei no Mercedes, tentei automaticamente ouvir seus pensamentos, ou pelo menos os fragmentos que descobrira ser capaz de perceber quando alguém está dormindo.

Mas não ouvi nada. Silêncio total. Achei estranho, ilógico...

... E de repente fui tomado por um influxo estonteante, vertiginoso de adrenalina.

Pude ver os longos cabelos brancos de Van Aver enrolados na sua nuca, por cima da gola alta do suéter azul-marinho; de boca aberta, ele parecia rressonar, mas logo abaixo notei que sua garganta estava grotescamente escancarada, rasgada de um lado a outro num corte profundo, horripilante. Uma terrível mancha vermelho-escura espalhava-se pelas lapelas abaixo do seu paletó, descendo pelo seu suéter. Seu

pescoço pálido, flácido era uma poça de sangue quente que ainda corria, e que meus olhos se recusavam a aceitar. Percebi de imediato que Van Aver estava morto e deixei o carro precipitadamente.

32

Corri para a via del Trullo, com o coração aos pulos, e encontrei o carro alugado. Pelejei por alguns momentos com a chave até finalmente conseguir abrir a porta da frente e enfiar-me por trás do volante. Aspirando e expirando lentamente, comedidamente, recobrei aos poucos o equilíbrio. De repente, bruscamente, fora jogado de volta aos dias trágicos que vivera em Paris. Via-me persistentemente, quase caleidoscopicamente, naquele corredor na rue Jacob, estupefato diante dos dois corpos, um deles de minha amada Laura...

A despeito da mística do trabalho clandestino de inteligência, geralmente ele não inclui morte violenta e mutilação. Isso é a exceção, não a regra, e embora tivéssemos sido todos treinados para enfrentar a eventualidade de derramamento de sangue no teatro da Guerra Fria, raramente isso chega a acontecer na vida de cada um de nós.

Muito poucos agentes clandestinos defrontam-se com a violência no decurso de suas carreiras - uma grande dose de estresse e ansiedade, mas muito pouca violência pura e simples. E quando isso acontece, eles costumam reagir como qualquer outra pessoa: sentem aversão, repugnância; prevalece o instinto de lutar-ou-fugir. A maioria dos agentes que têm a desventura de ver muito derramamento de sangue no seu trabalho, via de regra, se queimam cedo e se aposentam.

Mas comigo aconteceu uma coisa diferente. A exposição a sangue e atrocidades me endureceu, esmagou alguma coisa dentro de mim. Desligou qualquer coisa: o horror humano essencial à violência. Tornei-me, ao contrário, enraivecido, concentrado, tranquilo. Foi como se tivesse sido injetado intravenosamente com um sedativo.

Enquanto tentava encontrar sentido no que acabara de acontecer, analisei metodicamente uma lista de possibilidades. Quem mais saberia que eu ia me encontrar com Van Aver? A quem ele teria contado? Quem, ao saber do encontro, o teria mandado matar? E por que motivo?

Gostaria de acreditar que Van Aver tinha sido assassinado pela mesma pessoa ou pessoas que estavam me seguindo desde que tinha chegado a Roma. O que, obviamente, levava à pergunta: por que eu não fora eliminado? Era evidente que quem quer que tivesse cortado a garganta de Van Aver tinha me precedido, portanto era improvável que ele tivesse sido assassinado por quem estivesse me *seguindo* ao local do encontro (e, de qualquer maneira, eu tomara elaboradas precauções para não ser seguido ao deixar o consultório do dr. Pasqualucci).

Isso indicava que tinha sido alguém, ou algum grupo, *dentro* da CIA que tinha mandado matar Van Aver. Alguém que sabia que ele ia se encontrar comigo, alguém que interceptara qualquer que tenha sido o tipo de comunicação estabelecida entre Toby Thompson em Washington e Van Aver em Roma.

Contudo, por mais que pensasse nessa hipótese, mais tinha que admitir a possibilidade de os culpados não serem necessariamente da CIA, podiam ser membros da ex-Stasi.

Por conseguinte, essa linha de dedução não adiantou nada.

E quanto ao motivo? Não podia ser atrás de *mim* que eles estavam - Van Aver e eu não parecíamos nem um pouco um com o outro; ninguém poderia ter cometido esse engano. E presumivelmente haverá outras maneiras de me pegarem, se esse fosse o seu objetivo.

Também não era o caso de Van Aver possuir alguma informação ciue alguém quisesse me impedir de ter acesso. Sua missão, Toby me dissera, era escoltar-me até a Toscana assim que eu tivesse descoberto o

paradeiro de Orlov, e...

E dar um jeito para que eu pudesse me avistar com Orlov. Eu não conhecia o protocolo, não sabia o que seria preciso fazer para chegar à presença do ex-dirigente da KGB. E claro que não podia simplesmente bater na porta do homem.

Seria isso? O motivo da morte de Van Aver poderia ter sido tão-somente impedir que eu entrasse em contato com Orlov? "Desencorajar-me", frustrar-me, torná-lo o mais difícil possível? Não permitir que eu descobrisse alguma coisa sobre os "Homens Sábios"?

Subitamente empertiguei o corpo.

Meu raciocínio estava errado. Eu me atrasara para meu encontro com o homem da CIA. Atrasara-me deliberada, taticamente; mas o fato é que me *atrasara*.

Como a maioria dos agentes de campo, Van Aver provavelmente fora impecavelmente pontual. Quem quer que o tenha surpreendido, de faca na mão...

Esperava que ele fosse se encontrar com alguém.

Eu.

É possível que não soubessem com quem Van Aver ia se encontrar... Sabiam apenas que ele ia se encontrar com *alguém*.

Se eu tivesse chegado na hora, será que agora também estaria jogado no banco da frente ao lado de Van Aver com a carótida cortada?

Inclinei a cabeça para trás, encostando-a na almofada do assento e expirei lentamente.

Possível? Sim, naturalmente.

Tudo era possível.

Quando fechei a conta no Hassler e acomodei minhas coisas na mala do Lancia, já passava bastante da meia-noite. A auto-estrada A-1 era razoavelmente desimpedida, exceto por um ocasional resfolegante caminhão.

Tinha obtido com o *concierge* do Hassler um mapa muito bom da Toscana, um mapa do Touring Club italiano que parecia ser bastante informativo e preciso. Para mim foi muito fácil memorizá-lo. E então localizei uma pequena cidade chamada Volte-Basse, não muito distante de Siena, umas três horas ao norte.

Levei algum tempo para me acostumar com os motoristas italianos, que não são realmente descuidados - comparados com os de Boston, o resto do mundo é dócil - apenas elegantemente agressivos. Concentrar-me por algum tempo na iluminação âmbar da estrada me acalmou, me permitiu pensar claramente.

Enquanto dirigia na pista à esquerda, desenvolvendo perto de cento e vinte quilômetros por hora, ia pensando. Por duas vezes saí do leito da estrada subitamente e parei no acostamento, esperando com o motor ligado e as luzes apagadas, para me certificar de que não estava sendo seguido. Recurso profissional elementar, mas funciona. Parecia que ninguém estava me seguindo, mas não podia ter certeza. Um carro se aproximou por trás, chegou mais perto, piscou os faróis e meu estômago ficou tenso. Quando estava quase em cima de mim, pisei no acelerador e dei uma guinada para a direita.

O outro carro estava tentando ultrapassar, era só isso.

Meus nervos estavam em frangalhos. É assim que eles ultrapassam na Itália, falei com meus botões. Você está perdendo o controle. Segure as pontas.

Surpreendi-me falando em voz alta comigo mesmo.

- E isso aí, Ben, não deixe a peteca cair. Você está em cima do lance. Você vai chegar lá.

O que estava acontecendo é que, ao adquirir esse... talento... Tornara-me uma aberração. Não tinha idéia de quanto tempo mais poderia conservá-lo, mas ele já havia modificado minha vida para sempre, e por diversas vezes estivera perto de me matar. E o que era mais inquietante, o talento e tudo o mais que ele acarretava tinham ine transformado precisamente naquilo que não queria voltar a ser, o implacável, destemido, autômato criado pelo meu trabalho na CIA.

Essa forma de percepção extra-sensorial que eu possuía era, eu agora acreditava, uma coisa terrível. Não fantástica e maravilhosa, mas na verdade horrível. Ninguém deveria poder penetrar nos muros de proteção que cercam as pessoas.

E, hoje, via-me lançado no meio de algo que afastara minha mulher de mim e me transformara de novo no homem de gelo, e como se não bastasse ainda punha minha vida em risco.

Afinal, quem eram os bandidos? Alguma facção da CIA?

Sem dúvida iria saber muito em breve. Na cidade de Volte- Basse, na Toscana.

Era, vim a descobrir, a menor das aldeias, um mero cisco no mapa. Um amontoado de velhas construções de pedra pardacenta distribuídas dos dois lados de uma estrada estreita, a Número 71, que levava diretamente a Siena. Havia um bar, um pequeno armazém/açougue, e não muito mais do que isso.

Às três e meia da manhã a aldeia estava na mais profunda inércia, mergulhada no silêncio e nas trevas. O mapa que tinha memorizado, por mais informativo que fosse, não assinalava nada que se chamasse "Castelbianco", e não havia ninguém a quem pudesse perguntar àquela hora da manhã, ou, na realidade, noite fechada.

Estava exausto, precisando descansar urgentemente mas a estrada ficava excessivamente exposta. Meus instintos me aconselharam a estacionar num lugar mais resguardado. Enveredei pela 71, afastando-me de Siena, atravessando a moderna cidade de Rosia, e alcançando a colina arborizada mais adiante. Imediatamente depois de um pátio de pedra avistei um desvio para uma propriedade particular, uma grande extensão de floresta toscana com um castelo bem para dentro. A estrada era diminuta e escura e sua superfície uma traiçoeira pavimentação de cascalho e pedras. O Lancia avançou aos trancos e barrancos pelo caminho rústico. Logo localizei um matagal, onde entrei com o carro, que ficou invisível, pelo menos enquanto continuasse escuro.

Desliguei o motor, tirei da mala um dos cobertores que surrupiara do Hassler e me cobri. Reclinei o banco dianteiro até onde ele ia e fiquei ouvindo o motor estalar enquanto esfriava, sentindo-me muito solitário, finalmente peguei no sono.

33

Com o corpo doído e estonteado, acordei com o nascer do sol e tive momentaneamente uma sensação de deslocamento. Onde estava? Não em casa, na minha confortável cama, aconchegado à Molly, lembrei-me com um sentimento de perda, mas no banco dianteiro de um carro alugado em algum lugar de uma floresta na Toscana.

Levantando de volta o encosto do banco, liguei o carro, saí de marcha a ré do matagal, e rodei alguns quilômetros em direção à cidade de Rosia. O ar estava frio, e o sol, que começava a despontar no horizonte, dardejava seus raios contra o casario de terracota. Tudo estava parado, imerso no mais absoluto silêncio, até um caminhão com o motor rateando atravessar ruidosamente o centro da cidade, e depois, quando o motorista engatou uma reduzida, subir gemendo a íngreme colina na direção da pedreira pela qual eu tinha passado na noite anterior.

Rosia parecia consistir em duas ruas principais, com fileiras de prédios baixos, compridos e de telhados vermelhos, evidentemente construídos na metade deste século. A maioria deles abrigava pequenas lojas - uma padaria, uma loja de ferragens e material de construção, algumas quitandas (FRUTTA & VERDURA), uma banca de jornais. Aquela hora matutina estavam todas fechadas com exceção do Jolly Caffè Bar-Alimentari, no fundo da rua sossegada, do qual vinham vozes masculinas. Caminhei até lá. Trabalhadores

tomavam seu café, liam jornais esportivos, duelavam verbalmente. Levantaram os olhos quando entrei, fizeram silêncio, e me examinaram dos pés à cabeça com curiosidade. Peguei alguns pensamentos em italiano, mas nada de maior consequência.

Vestido como estava, calças amarrotadas e um pesado suéter de lã, provavelmente eles não atinaram quem eu pudesse ser. Se fosse um dos estrangeiros (quase sempre ingleses) que possuíam ou alugavam as vilas toscanas das vizinhanças a preços exorbitantes, por que não tinham me visto antes? E o que é que aquele gringo maluco estava fazendo de pé às seis horas da manhã?

Pedi um expresso e me sentei numa das pequenas mesas redondas de plástico. Os trabalhadores logo retomaram o papo, e quando meu café chegou, uma xícara pequena de Illy-Caffè cheia de café expresso fumegante com um *iceberg* de *crema*, tomei um longo e saboroso gole e senti a cafeína fazer o seu trabalho no meu sistema sanguíneo.

Devidamente revigorado, levantei-me e aproximei-me do cidadão que me pareceu ser o mais velho do grupo, um homem barrigudo, de cara redonda, careca, e com a barba branca por fazer. Usava um avental branco sujo por cima de um macacão azul-marinho.

- *Buon giorno* - disse.
- *Buon giorno* - respondeu ele, olhando-me desconfiado.

Falava com sotaque suave, doce da Toscana, no qual o C duro torna-se H, um *ch* duro vira um suave *sh*.

Consigo dizer no meu italiano rudimentar:

- *Sto cercando Castelbianco, in Volte-Basse.* - Estou procurando Castelbianco.

Ele levantou os ombros e virou-se para os outros.

- *Che pensi, che que sto sta cercando di vendere l'assicurazione til tedesco, o cosa?* - Acho que esse cara está tentando vender seguro ao alemão, ou sei lá o quê?, resmungou.

O alemão: era isso o que pensavam que Orlov fosse? Seria esse o seu disfarce, um exilado alemão?

Risada geral. O mais moço do grupo, um rapaz moreno de vinte e poucos anos, parecendo um árabe disse:

- *Digli che vogliamo una parte della sua percentuale.* - Diga-lhe que queremos uma parte de sua comissão. Mais risadas.

Um outro disse:

- *Pensi che questo sta cercando di entrare nella professione del muratore?* - Você acha que esse sujeito está querendo entrar para a profissão de pedreiro?

Ri descontraidamente junto com eles.

- *Voi lavorate in una cava?* - Vocês trabalham numa pedreira?, perguntei.

O mais moço respondeu, batendo no ombro do mais velho:

- *No, è il sindaco di Rosia. Io sono il vice-sindaco.* - Não, ele é o prefeito de Rosia. Eu sou o vice-prefeito.
- *Allora, Sua Eccellenza* - disse para o careca, perguntando se estavam fazendo algum serviço de pedreiro para o "alemão". - *Che state lavorando le pietre per il... tedesco... a Castelbianco?*

Ele fez um gesto com a mão negando e todos riram novamente. O mais moço disse:

- *Se fosse vero, pensi che staremmo qua perdendo il nostro tempo? Il tedesco sta pagando i muratori tredici mille lire all'ora!* - Se estivéssemos, acha que estaríamos aqui perdendo nosso tempo? O alemão está pagando aos pedreiros treze mil liras a hora!
- Se você quer vitela, este é o homem que tem de procurar - um outro disse referindo-se ao homem mais velho, que se levantou, esfregou as mãos no avental (que só então percebi que estava manchado de sangue de animais), e se encaminhou para a porta. Foi seguido pelo homem que acabara de falar.

Depois de o açougueiro e seu auxiliar terem saído, disse para o jovem trigueiro:

- Mas afinal onde é que fica Castelbianco?
- Em Volte-Basse - disse ele. - Alguns quilômetros acima da estrada, na direção de Siena.
- Castelbianco é uma cidade?
- Uma cidade? - disse com um riso incrédulo. - É suficientemente grande para ser uma cidade, mas não é. É uma *tenuta*, uma propriedade. Há alguns anos, quando éramos crianças, costumávamos brincar em Castelbianco, antes de ter sido vendida.
- Vendida?
- Um alemão rico acabou de se mudar para lá. Dizem que ele é alemão, não sei, talvez seja suíço ou de outra nacionalidade. Muito reservado, muito secreto.

Ele me descreveu onde Castelbianco ficava, agradeci-lhe e parti.

Uma hora depois encontrei a propriedade onde Vladimir Orlov se refugiara.

Se, realmente, a informação que "obtivera" do cardiologista estava certa, naquela altura não tinha certeza. Mas a conversa no bar a respeito de um "alemão" recluso parecia confirmá-la. O pessoal da aldeia pensaria que Orlov era alguma figura importante da Alemanha Oriental que se exilara quando o Muro veio abaixo? As melhores dissimulações acompanham sempre os contornos da realidade.

Plantada numa colina a cavaleiro de Siena, Castelbianco era uma magnífica vila antiga construída no estilo romanesco. Era grande e seu estado era precário; uma de suas alas estava obviamente sendo restaurada. A vila era cercada de jardins que provavelmente tinham sido belos mas estavam descuidados, abandonados. Encontrei-a no fim de uma estrada sinuosa nas colinas acima de Volte-Basse.

Castelbianco sem dúvida fora a residência dos ancestrais de uma família toscana, e séculos antes disso provavelmente teria sido um bastião fortificado de uma das muitas cidades-estados etruscas. Oliveiras verde-prateadas, enormes girassóis, videiras e grandes ciprestes estendiam-se a perder de vista pelos campos e florestas que circundavam os jardins em abandono. Percebi imediatamente por que Orlov escolhera aquela vila em particular. Sua excepcional localização e a maneira como estava implantada no alto de uma colina facilitavam enormemente seu sistema de segurança. Um grande muro de pedra cercava a propriedade, encimado por fios eletrificados, detalhe que não me passou despercebido. Não que fosse impenetrável - praticamente *nada* é impenetrável para agentes especializados em assaltos e invasões de propriedades -, mas cumpria perfeitamente sua função de manter afastadas pessoas indesejáveis. Numa pequena guarita de pedra recém-construída, na única entrada, um guarda checava todos os visitantes. Na verdade, os únicos visitantes, como ficara sabendo naquela manhã, eram os operários de Rosia e adjacências - pedreiros e carpinteiros que chegavam em velhos caminhões poeirentos, eram cuidadosamente revistados, e só então admitidos na propriedade para iniciar sua jornada de trabalho. Provavelmente Orlov teria trazido com ele esse guarda de Moscou. E se alguém conseguisse passar por esse guarda, certamente haveria outros no interior da vila. Portanto, pretender forçar os portões parecia uma idéia bastante desaconselhável.

Depois de observar a cidadela por alguns minutos, de carro e a pé, arquitetei um plano.

A poucos minutos de carro ficava a cidade de Sovicille, capital da região, daquela *comuna* a leste de Siena, a capital mais pacata e despretensiosa que já vira. Estacionei no centro da cidade, na Piazza G. Marconi, em frente a uma igreja, ao lado de um caminhão de água engarrafada San Pellegrino. O sossego da praça só era perturbado pelo chilreio exibicionista do passarinho numa gaiola em frente ao Jolly Caffè, e a tagarelice de um grupo de mulheres de meia-idade. Avistei a placa de um telefone público, e, ao caminhar na sua direção, a paz da pracinha foi quebrada pelo badalar do sino da cidade.

Entrei no bar e pedi um café e um sanduíche. Por alguma razão, não há no mundo café como o italiano. Eles não o cultivam, mas sabem prepará-lo como ninguém, e em qualquer lanchonete de beira de estrada ou botequim da Itália você pode tomar um *cappuccino* melhor do que no mais sofisticado restaurante que se proclama do "Norte da Itália" no Upper East Side de Manhattan.

Tomei um gole, e pensei, o que venho fazendo muito desde que saí de Washington. Contudo, a despeito de minhas profundas lucubrações, ainda não tinha idéia do pé em que as coisas se encontravam.

Estava de posse do mais extraordinário talento, mas, em sã consciência, o que eu tinha sido capaz de fazer com ele até agora? Conseguira rastrear um ex-chefe da inteligência soviética - uma pequena proeza de espionagem que, francamente, a CIA de certo teria sido capaz de realizar, com mais tempo e um pouco de engenhosidade.

E agora?

Agora, se tudo corresse conforme planejado, eu estaria muito próximo do ex-espião-mor da KGB. Talvez descobrisse por que ele se encontrara com meu falecido sogro. Talvez não.

De uma coisa estava certo, ou pelo menos julgava estar: os receios de Edmund Moore tinham fundamento. Toby o confirmara. Alguma coisa estava acontecendo, alguma coisa que envolvia a CIA, alguma coisa substancial e assustadora. Alguma coisa, suspeitava, de conseqüência global. E os acontecimentos estavam se precipitando. Primeiro tinha sido Sheila McAdams, depois o pai de Molly. Em seguida o Senador Mark Sutton. E agora Van Aver, em Roma.

Mas qual seria o esquema?

Toby me mandara descobrir tudo o que pudesse de Vladimir Orlov. E no processo eu quase tinha sido morto.

Para quê?

Para saber alguma coisa que Harrison Sinclair sabia? Alguma coisa pela qual fora morto por saber?

Desfalque, ganância fundamental, não era uma explicação adequada. Minha intuição me dizia que era algo mais, algo maior, algo de enorme e premente interesse para quem quer que fossem os conspiradores. E, se tivesse sorte, ficaria sabendo através de Orlov.

Se tivesse sorte. Um segredo que certas pessoas de imenso poder queriam que continuasse sendo um segredo.

E poderia ou não desvendar alguma coisa. Soltariam Molly, confiava, pelo menos, não voltaria para casa de mãos vazias. E aí?

Nunca me sentiria seguro, e Molly tampouco. Não enquanto possuísse esse terrível dom; não enquanto Rossi ou qualquer um de seus cupinchas soubessem onde me encontrar.

Desanimado, deixei o café, e encontrei na rua principal, Via Roma, uma loja chamada Boero, cuja vitrine expunha munição e artigos de caça para aquela região obcecada pela caça. Os estojos e caixas expostos deselegantemente ostentavam nomes como Rottweil, Browning, Caccia Extra. O que não encontrei aí fui encontrar numa loja de apetrechos de caça muito mais chique em Siena, urna casa na diminuta Via Rinaldi, chamada Maffei, que se gabava de vender jaquetas e acessórios de caça de alto preço (para toscanos abastados, imaginei, que queriam parecer elegantes enquanto caçavam, ou que queriam pelos menos *parecer* que estavam caçando). Em seguida, providenciei a transferência de uma grande quantia da minha velha conta bancária em Washington para um escritório da American Express em Londres, e daí

para Siena, onde me foi entregue em dólares americanos.

Finalmente houve uma brecha - e eu tinha conseguido ordenar razoavelmente meus pensamentos - para dar um telefonema. Na Via dei Termini, em Siena, localizei um posto telefônico da SIP (companhia telefônica italiana) onde, de uma das cabines, disquei um número internacional.

Depois dos costumeiros estalidos e zumbidos e interlúdios de estática, o telefone do outro lado da linha foi atendido ao terceiro loque, como deveria ser.

Uma voz feminina disse:

- Trinta e dois mil.

Eu disse:

- Extensão nove oito sete, por favor.

Outro clique, e o timbre da ligação foi alterado quase imperceptivelmente, como se a chamada estivesse sendo transmitida através de um cabo isolado de fibra óptica. Provavelmente de um posto avançado de comunicações perto de Bethesda, para uma estação de distribuição no Canadá (Toronto, acredito) e de volta para Langley.

Uma voz masculina familiar entrou na linha. Toby Thompson.

- A formiga *Caglyphis* - disse ele - sai do formigamento ao sol do meio-dia.

Era um código que ele inventara, uma referência à formiga prateada do Saara, que é capaz de suportar as mais altas temperaturas, chegando a 140 graus Fahrenheit - mais do que qualquer outro animal.

Respondi:

- E elas também correm mais do que qualquer outro animal.
- Ben! que diabo você... *onde* é que...?

Será que podia confiar em Toby? Talvez sim, talvez não, mas o melhor era evitar riscos desnecessários. Afinal, e se Alex Truslow estivesse certo e a Agência estivesse mesmo infiltrada? Sabia que as precauções de segurança da ligação telefônica me dariam uns oitenta segundos antes de minha localização poder ser determinada, por isso tinha que falar rapidamente.

- Ben, o que está acontecendo?
- Você talvez queira me dar o serviço, Toby. Charles van Aver está morto, como certamente está sabendo...

-Van Aver...!

Tanto quanto podia adivinhar através do milagre da moderna telecomunicação, Toby parecia genuinamente chocado. Olhei o meu relógio e disse:

- Investigue. Pergunte em volta.
- Mas onde é que você está? Você não tem se comunicado. Combinamos que...
- Quero que saiba que não vou ficar dando notícias de acordo com o seu esquema. Não é seguro. Mas mantereí sempre contato. Vou ligar novamente hoje à noite, entre dez e onze horas, e quero me comunicar imediatamente com Molly. Vocês podem fazer isso; vocês são uns craques. Se a ligação não for completada em vinte segundos, desligarei.
- Ouça, Ben...
- Mais uma coisa. Tenho a impressão de que seu... aparelho está vazando. Sugiro que tome providências para consertá-lo, ou perderá contato comigo inteiramente. E você não há de querer isso.

Desliguei. Setenta e dois segundos cravados. Não poderiam me localizar.

Perambulei no meio da multidão pela Via dei Termini, preocupado, e encontrei uma banca que tinha uma boa seleção de jornais estrangeiros: o *Financial Times* e *The Independent*, *Le Monde*, o *International Herald-Tribune*, *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, *Neue Zürcher Zeitung*. Peguei um exemplar do *Trib* e passei os olhos na primeira página, continuando a andar. A principal reportagem ci a, naturalmente, a eleição alemã.

E uma pequena manchete abaixo da dobra, no lado esquerdo da página, dizia:

Comitê do Senado dos Estados Unidos investigará Corrupção na CIA.

Completamente absorto, esbarrei num glamoroso jovem casal italiano, ambos vestidos de verde-oliva. O rapaz, de óculos escuros Kuy-Ban de aviador, disse alguma imprecisão em italiano que não compreendi direito.

- *Scusi* - disse, o mais ameaçadoramente possível.

Notei então a manchete no alto da página à esquerda: ALEXANDER TRUSLOW NOMEADO CHEFE DA CIA.

Fontes da Casa Branca informam que Alexander Truslow, antigo funcionário de carreira, que foi diretor-executivo da CIA em 1973, será o novo diretor. O sr. Truslow, que dirige uma firma de consultoria internacional sediada em Boston, comprometeu-se a promover uma grande reforma moralizadora na CIA, cuja reputação vem sendo seriamente afetada por alegações de corrupção.

As coisas começavam a fazer sentido. Não era de admirar que Toby tivesse falado de uma "grave urgência". Truslow representava uma ameaça para algumas pessoas muito poderosas. E agora, tendo sido nomeado substituto de Harrison Sinclair, estava numa posição de fazer alguma coisa sobre o "câncer", como ele chamava, que estava contaminando a Agência.

Hal Sinclair tinha sido morto, da mesma forma que Edmund Moore, Sheila McAdams e Mark Sutton, e talvez - provavelmente - outros.

O próximo alvo era óbvio.

Alex Truslow.

Toby tinha razão: não havia tempo a perder.

34

Um pouco antes das três da tarde fui de carro até a pedreira, perto de onde tinha passado a noite anterior. Uma hora e quinze depois estava sentado no banco da frente de um surrado caminhão Fiat, parando em frente ao portão principal de Castelbianco. Estava usando roupas de trabalho, calças de sarja azul-escuro e uma camisa azul-claro, muito gastas e cobertas de poeira. Ao volante do caminhão estava o jovem operário moreno que conhecera no bar de Rosia de manhã cedo.

Seu nome era Ruggiero, e era o filho de um italiano com uma imigrante marroquina. Avaliando-o corretamente como um moço disposto a cooperar, flexível e muito suscetível a um suborno, encontrara-o na pedreira e chamara-o a um canto para pedir-lhe uma informação.

Melhor dizendo, pagar por ela. Expliquei que era um homem de negócios canadense, um especulador imobiliário, pronto a pagar generosamente por informações. Molhando discretamente a mão de Ruggiero

com cinco notas de dez mil liras (cerca de quarenta dólares), disse-lhe que precisava encontrar um meio de entrar em contato com o "alemão" para falar de negócios - fazer-lhe especificadamente uma proposta irrecusável (embora não muito legal) pela aquisição de Castelbianco. Eu tinha um comprador potencial; o "alemão" faria um lucro rápido e fácil.

- Ei, espera aí - disse Ruggiero. - Não quero perder meu emprego.
- Não há nada a temer - respondi. - Desde que tudo seja feito corretamente.

Ruggiero me deu todas as informações que eu precisava sobre as obras que estavam sendo realizadas em Castelbianco. Disse-me que o encarregado dos serviços domésticos entendia-se diretamente com a pedreira, fazendo os pedidos de mármore e granito. Aparentemente, o "alemão" estava fazendo uma reforma em regra; a ala em ruínas estava sendo restaurada com lajotas de mármore florentino verde para o revestimento do piso e granito para o terraço. Ele contratara mestres-pedreiros, autênticos artesãos de Siena, herdeiros da tradição do velho mundo.

Ruggiero soube cobrar por suas informações. Umass poucas horas do seu tempo custaram-me setenta mil liras - mais de quinhentos dólares. Ele telefonou para o seu elemento de contato em Castelbianco e informou-o que o último pedido de mármore florentino entregue há três dias não fora suficiente. Um empregado que fora despedido por causa disso cometera lamentável engano. O resto do pedido seria entregue imediatamente.

Era pouco provável que alguém em Castelbianco questionasse a boa vontade da firma que explorava a pedreira em suplementar o pedido anterior, e, de fato, ninguém se opôs. Se, na pior das hipóteses, alguém da equipe de Orlov se mostrasse desconfiado, conferisse o mármore entregue e concluísse que não tinha havido nenhum engano, então Ruggiero diria simplesmente que tinha sido mal informado. E nada lhe aconteceria.

Minutos após estávamos no portão de Castelbianco. O guarda saiu da guarita de pedra, segurando uma lista de controle presa a uma prancheta, e aproximou-se do caminhão, piscando no sol.

- Si?

Sua entonação e o seu sotaque eram de tal ordem que, se estivéssemos algumas centenas de quilômetros mais ao norte, poderia facilmente imaginá-lo dizendo "*Da?*" com a mesma aspereza. Com seu cabelo louro cortado à escovinha, sua pele corada, saudável, ele era inquestionavelmente um camponês russo, o tipo de galalau complacente empregado com frequência pela Lubyanka.

- *Ciao* - disse Ruggiero.

O guarda acenou a cabeça em sinal de reconhecimento, deu um tique na lista de visitantes, olhou a carga de placas de mármore que estávamos transportando, e finalmente me viu.

E acenou novamente.

Respondi com um breve gesto de cabeça e fechei a cara como se quisesse acabar logo com aquela entrega.

Ruggiero acelerou o motor e passou devagar com o caminhão por entre as pesadas colunas de pedra. A estrada de terra passou por algumas pequenas casas de pedra, com telhados acentuadamente inclinados, que presumi pertencerem a serviçais. Galinhas e patos casquinavam e grasnavam andando de um lado para outro nos exíguos em frente às casas. Uns poucos empregados espalhavam um pó branco que tiravam de um grande saco de fertilizante num escasso trecho gramado.

- O pessoal dele mora aqui.

Resmunguei qualquer coisa, não querendo perguntar quem era o "pessoal dele", se é que Ruggiero sabia.

Numa colina à nossa esquerda via-se um pequeno rebanho de ovelhas. Tinham caras compridas rosadas, de aparência muito diferente de qualquer ovelha que já vira na América, e baliram em coro, desconfiadas, quando passamos.

A casa erguia-se altaneira na elevação de terreno à nossa frente.

- Como ela é por dentro? - perguntei.
- Nunca estive lá dentro. Ouvi dizer que é bonita, mas um pouco estragada. Precisa de muita obra. Ouvi falar que o "alemão" comprou muito barato.
- Sorte dele.

Fizemos uma curva acima de uma ravina estreita, passamos por outra construção de pedra baixa. Essa não tinha janelas.

- Casa de ratos - disse Ruggiero.
- Hein?
- Estou brincando. Em parte. E onde costumavam jogar o lixo da comida. Está cheia de ratos, por isso trato de me manter a distância. Agora usam para guardar coisas.

Fiquei arrepiado só de pensar no quadro.

- Como é que você sabe tanta coisa sobre este lugar?
- Castelbianco? Meus amigos e eu costumávamos brincar por aqui quando éramos crianças. - Ele encostou o caminhão ao lado de um terraço onde diversos homens de meia-idade, queimados do sol, estavam curvados cortando e assentando lajotas de pedra num padrão de círculos concêntricos. - Naqueles dias, quando Castelbianco pertencia aos Peruzzi-Moncinis, eles deixavam os garotos de Rosia virem brincar aqui. Não se importavam. As vezes ajudávamos a dar conta de pequenas tarefas. - Ele esticou o braço para trás e apanhou dois pares de luvas de lona grossa, e me deu um par. Enquanto puxava uma alavanca que depositou automaticamente o carregamento de mármore no chão, ele disse: - Se encontrar alguém que queira comprar a propriedade do alemão, procure achar alguém que mande arrancar o arame farpado. Este lugar pertencia a toda a comunidade.

Ele pulou da boléia do caminhão, e eu o acompanhei, dando a volta por trás, onde ele começou a levantar as placas e a empilhá-las cuidadosamente perto do terraço.

- *Che diavolo stai facendo, Ruggiero?* - gritou um dos pedreiros, voltando-se para nós e acenando a mão, perguntando que diabo ele estava fazendo.
- *Calmati* - disse Ruggiero, continuando a empilhar as lajotas, *Calma. Sto facendo il mio lavoro. Eper l'interno, credo. Che ne so iol* - Estou fazendo o meu trabalho, ele estava dizendo. Eu o ajudei a descarregar o mármore. As lajotas finas, ásperas de um lado, policias do outro, não eram pesadas, mas eram frágeis, e tinham de ser colocadas no chão com cuidado.
- Ninguém me disse nada sobre uma entrega de mármore - o mesmo pedreiro que parecia ser capataz continuou em italiano, gesticulando as mãos. - O mármore foi entregue na semana passada, por acaso, vocês estão de porre?
- Faça apenas o que me mandam fazer - disse Ruggiero, apontando para a casa. - Ficou faltando da última vez, e Aldo resolveu completar a remessa. De qualquer maneira, não é da sua conta, meta-se com o seu trabalho fodido.

O pedreiro pegou uma espátula, acertou uma camada de cimento, e disse resignadamente:

- Vá se foder.

Trabalhamos em silêncio durante algum tempo, levantando, carregando e depositando no chão, procurando encontrar um ritmo. Eu disse em voz baixa:

- Esses caras te conhecem mesmo.
- Ele me conhece. Meu irmão trabalhou com ele durante alguns anos. É um babaca. Você quer que acabemos de descarregar esse troço?
- Quase - respondi.
- Quase?

Enquanto trabalhávamos em silêncio, observei a casa e o seu entorno. Visto de perto, Castelbianco não era nenhum *palazzo*; era grande, e magnífico à sua maneira, mas ao mesmo tempo tinha uma aparência desoladora, dilapidada. Talvez um milhão de dólares de obras de restauração lhe restituísse a grandeza que não via há séculos, mas Orlov não estava gastando nem uma fração disso. Perguntei-me onde ele teria arranjado o dinheiro, mas, pensando bem, por que o ex-chefe da inteligência soviética não teria encontrado maneiras espertas de embolsar parte do ilimitado orçamento que controlava, de desviar fundos em moeda forte para contas bancárias na Suíça? E quanto não estaria pagando aos seus seguranças, que deviam ser pelo menos uma meia dúzia? Não grande coisa, era de se supor, mas, por outro lado, estava proporcionando asilo a esses indivíduos, proteção contra a prisão que fatalmente teriam de enfrentar na Rússia por terem servido com tanta fidelidade a agora desacreditada KGB. Como as coisas tinham mudado de rumo tão rapidamente: os temidos, poderosos agentes da segurança estatal, a espada e o escudo do Partido eram agora perseguidos como cães raivosos.

Mas me incomodava o fato de ter conseguido penetrar nos domínios de Castelbianco com tanta facilidade. Que tipo de segurança era aquela para um homem com a vida ameaçada, um homem que fora levado a entrar em acordo com o chefe da CIA para que ele lhe desse proteção, como se fosse um pequeno comerciante de Chicago comprando proteção dos capangas de Al Capone.

O esquema de segurança era modesto: ao que tudo indicava não havia atiradores de elite, câmeras de circuito fechado. Entretanto, isso fazia um certo sentido. Sua *verdadeira* segurança era sua anonimidade, que aparentemente era tão bem-sucedida que nem os meus empregadores sabiam onde ele se encontrava. Segurança *excessiva* seria uma... vá lá, "bandeira vermelha". Um sistema muito rigoroso chamaria atenção indevida. Um alemão rico excêntrico poderia empregar alguns guardas, mas um esquema muito sofisticado seria arriscado. O que importava é que eu estava do lado de dentro, e segundo a informação que tinha recebido, Orlov também estava. O problema era, como conseguiria entrar na casa? E ainda mais pertinente, uma vez lá dentro, conseguiria sair?

Pela vigésima vez, provavelmente, ensaiei mentalmente o meu plano, e depois fiz um sinal para o meu cúmplice italiano deixar as lajotas e me seguir.

- Aiutatemi!

- Socorro! *Per l'amor di Dio, ce qualcuno chi aiutare?* - Batendo desesperadamente na pesada porta de madeira que abria diretamente da cozinha para fora, Ruggiero gritava com toda a força de seus pulmões: - Pelo amor de Deus, alguém pode me ajudar? - Seu antebraço direito estava com um aspecto horrível, sangue corria profusamente de um longo ferimento.

Agachado numa moita próxima, por trás de tambores de metal enferrujados contendo restos de comida, eu observava atentamente. Um ruído do lado de dentro indicou que alguém ouvira as batidas desesperadas. Vagarosamente, com um rangido das dobradiças, a porta foi aberta, revelando uma mulher rotunda com um guarda-pó de lona verde por cima de um vestido caseiro florido. Seus olhos castanhos, pequenos círculos embutidos numa massa de rugas por lúixio de cabelos grisalhos esvoaçantes, arregalaram-se subitamente quando ela viu o ferimento de Ruggiero.

- *Shto eto takoye? Bozhe moi! Pridi, malodoi chelovek! Bystro!* - O que é isto? Meu Deus, entre, rapaz! - disse ela em russo com voz aguda, assustada.

Ruggiero respondeu em italiano:

- *Il marmo... Il marmo é affilato...* - O mármore... O mármore é afiado...

Presumi que ela fosse a governanta russa, ou talvez uma empregada que trabalhara para Orlov nos seus dias de poder. E, como previ, ela agiu com todo o carinho maternal de uma mulher russa de sua geração. Naturalmente ela não poderia adivinhar que o ferimento de Ruggiero não tinha sido causado por um acidente com as pontudas lajotas de mármore, mas sim por mim, utilizando maquilagem de teatro comprada numa loja de Siena.

A pobre mulher tampouco poderia suspeitar que assim que vii asse as costas para prestar os primeiros socorros ao jovem italiano, alguém surgisse inesperadamente da moita e a subjugasse. Rapidamente, apertei um pano embebido de clorofórmio contra sua boca e o seu nariz, abafando seus gritos, e aparei seu corpo pesado quando ela perdeu os sentidos.

Ruggiero fechou rapidamente a porta da cozinha. Ele me olhou de relance, alarmado, sem dúvida pensando: que diabo de "investidor canadense" é esse? Mas comprara e pagara a sua ajuda, e ele não ia me deixar na mão.

Ruggiero lembrava-se de seus dias de brincadeiras de criança em Castelbianco onde ficava a entrada para a cozinha. Só isso, na minha opinião, já valia o que lhe tinha pago. Quando tirei o rolo de corda de náilon do meu macacão, ele me ajudou a amarrar a empregada, tomando cuidado para que a corda não esfolasse sua pele, e colocando uma mordação na sua boca, presa com corda, para quando ela recobrasse os sentidos. Depois, silenciosamente, ele me ajudou a remover o corpo desmaiado da cozinha cheirando a cebola para uma espaçosa copa.

Ele apertou minha mão. Dei-lhe o saldo do pagamento, em dólares americanos, e com um sorriso rápido, nervoso, ele disse:

- *Ciao* - e desapareceu.

Um pequeno e escuro lance de degraus de pedra conduzia da cozinha para um corredor, para o qual davam o que pareciam ser quartos de dormir desocupados. Avancei sem fazer barulho, abrindo caminho mais pelo tato do que qualquer outra coisa. Vindo de um lugar da casa, ouvi um zumbido muito fraco, que parecia vir de muito longe, quilômetros de distância. Não se ouvia os ruídos normais que são ouvidos numa casa, mesmo se tratando de um castelo como aquele.

Cheguei a um cruzamento de dois corredores, um simples patamar onde cabiam apenas duas velhas cadeiras de madeira. O insistente zumbido estava agora mais próximo, mais alto. Vinha de baixo. Acompanhei-o descendo a escada, virando à esquerda, dando alguns passos em frente, e dobrando novamente à esquerda.

Enfiando a mão no bolso da frente do meu macacão, toquei na Sig-Sauer. Senti o frio reconfortante do aço da pistola.

Defrontei-me com portas altas, duplas, de carvalho. O zumbido continuava vindo, a intervalos irregulares, do lado de dentro.

Saquei a pistola e, abaixando-me o mais possível, empurrei devagar uma das faces da porta, não sabendo o que ou quem encontraria no interior do aposento.

Era uma grande sala de jantar vazia, com as paredes e o piso nus e uma mesa de carvalho imensamente comprida posta para o almoço de uma pessoa.

O almoço, evidentemente, já tinha sido comido.

O solitário comensal, sentado numa das extremidades da mesa, tocando furiosamente uma campainha para uma criada que aparentemente não ouvia seus chamados, era um homem pequeno, calvo, de aspecto

inócuo, usando óculos de lentes grossas e armação preta. Já tinha visto centenas de fotos do homem, mas não fazia idéia de como Vladimir Orlov era realmente pequeno.

Estranhamente, estava de paletó e gravata. Quem iria procurá-lo, escondido como estava na Toscana? O terno não era elegantemente britânico, como parecia ser preferência de muitos russos modernos em posição de poder; era uma confecção fora de moda, quadrada, de algum fabricante soviético ou da Europa Oriental, provavelmente com algumas décadas de uso.

Vladimir Orlov: o último dirigente da KGB, cuja fisionomia dura e mal-encarada eu tinha visto vezes sem conta nos arquivos da Agência, e em fotografias de jornais. Mikhail Gorbachev o nomeara em substituição ao traçoeiro chefe da KGB, que planejava derrubar o governo de Gorbachev, durante as últimas convulsões do poder soviético. Sabíamos muito pouco sobre o homem, exceto que era considerado "confiável" e "amistoso" com Gorbachev, e outros dados esparsos e improváveis.

Finalmente ali estava ele, sentado diante de mim, encolhido, pequenino, insignificante. Todo o poder parecia ter sido drenado dele.

Levantou os olhos, fechou a cara, e perguntou em russo com sotaque siberiano:

- Quem é você?

Durante rápidos segundos fiquei sem fala, não consegui responder, mas quando o fiz, foi com uma suavidade que não esperava:

- Sou o genro de Harrison Sinclair - disse em russo. - Sou casado com a filha dele, Martha.

O velho espião parecia ter visto um fantasma. Suas sobrancelhas espessas baixaram, depois se fecharam, seus olhos se contraíram, e em seguida se arregalaram, espantados. Ficou lívido de repente.

- *Bozhe moi* - sussurrou. - Oh, meu Deus. *Bozhe moi*.

Fiquei simplesmente parado, sem tirar os olhos dele, com o coração a mil, não compreendendo o que ele tinha querido dizer, quem pensava que eu era. Levantou-se lentamente, franzindo a testa e me interpelando num tom acusatório.

- Com os diabos, como foi que conseguiu entrar aqui?

Não respondi.

- Você é louco de se atrever a vir aqui.

Suas palavras foram murmuradas, mal se conseguindo ouvi-las.

Harrison Sinclair me traiu. E agora vão nos matar, a nós dois.

A vancei lentamente, adentrando a cavernosa sala de jantar. Meus passos ecoaram contra as paredes nuas, o pé-direito alto.

Debaixo de sua calma glacial, sua postura arrogante, os olhos de Vladimir Orlov piscavam de ansiedade. Passaram-se muitos segundos em silêncio.

Meus pensamentos voavam. Harrison Sinclair me traiu. E agora vão nos matar, a nós dois.

Hal o tinha *traído*? O que isso queria dizer?

Orlov finalmente falou, com voz clara, ressonante, reverberante:

- Como se atreve a comparecer diante de mim?

Enfiando a mão por baixo da mesa, ele apertou um botão diferente. De algum lugar no corredor veio um som longo e contínuo de uma campainha, e ouvi passos no interior da casa. A governanta ou copeira, tendo provavelmente recobrado os sentidos mas impossibilitada por algum motivo de se locomover ou se

fazer ouvida, não respondia a seus chamados. Mas talvez um dos guardas tivesse ouvido o barulho, e desconfiado que podia haver alguma coisa errada.

Saquei a Sig do bolso do macacão, e apontei-a para o ex-chefe supremo da KGB. Pensei com meus botões se Orlov já se vira naquela situação, com alguém lhe apontando uma arma para valer. Nos círculos de inteligência em que ele sempre trabalhou, pelo menos de acordo com os depoimentos que tinha lido sobre a carreira, as verdadeiras armas não são pistolas, metralhadoras Uzi ou dardos envenenados, mas relatórios de aptidão e memorandos.

- Quero que saiba - disse, empunhando a pistola por baixo da mesa - que não tenho intenção de lhe fazer mal. Nós dois precisamos ter uma rápida conversa, e depois irei embora. Quando o guarda aparecer, quero que assegure a ele que está tudo bem. Do contrário, o senhor certamente morrerá.

Antes que pudesse acrescentar mais alguma coisa, a porta da sala de jantar foi aberta, e um guarda que não tinha visto antes apontou uma automática para mim, gritando:

- Não se mexa!

Sorri casualmente, lancei um breve olhar para o velho, e, depois de uma momentânea, imperceptível hesitação, ele disse ao guarda:

- Pode ir. Obrigado, Volodya, mas estou bem. Foi um engano.

O guarda abaixou a arma, olhou-me de alto a baixo - vestido como um operário como eu estava, ele continuou desconfiado - relaxou aos poucos, e disse:

- Queira desculpar, retirando-se e fechando a porta calmamente.

Aproximei-me da mesa e sentei-me ao lado de Orlov. Sua testa reluzia de suor; visto de perto, seu rosto estava da cor cinza. Glacial e soberbo, sem dúvida - mas ao mesmo tempo profundamente assustado e tentando desesperadamente não demonstrá-lo.

Estava sentado a poucos centímetros de distância dele, demasiado perto para seu conforto, e ele virou a cabeça ao falar. Uma expressão de imensa contrariedade estava estampada no seu rosto.

- Por que se encontra aqui? - grasnou, um pouco rouco.
- Por causa de um acordo que firmou com meu sogro. - Seguiu-se uma longa pausa, durante a qual me concentrei, tentando ouvir aquela voz diferente, mas não conseguindo captar nada.
- Sem dúvida, foi seguido. Está pondo em perigo a nós dois.

Sem resposta. Comprimi meus lábios, concentrando-me profunda mente, e de repente ouvi um barulho, uma frase sem sentido, nada relevante.

- O senhor não é russo, não é verdade? - disse.

Por que está aqui? - disse Orlov, inquieto na sua cadeira. Seu colovelo esbarrou num prato, que bateu noutros com estrépito. Sua voz foi crescendo gradativamente, adquirindo força e volume. - Seu Imbecil!

Ouvi outra frase esvoaçante enquanto ele falava, algo que não compreendi, alguma coisa num idioma estrangeiro. Que língua seria? Não era russo, não podia ser, não soava familiar. Fiz uma careta, fechei os olhos, escutando, e ouvi uma corrente de vogais, de palavras que não consegui decifrar.

- O que é? - perguntou ele. - Por que você está aqui? O que está fazendo? - Ele empurrou sua cadeira de carvalho de espaldar alto para trás. Ela rangeu ruidosamente contra o piso de terracota.

- O senhor nasceu em Kiev, certo?
- Saia daqui!
- O senhor não é russo nato. É ucraniano.

Ele se levantou e começou a recuar lentamente, tentando sair da sala.

Também me pus de pé e saquei a Sig novamente, relutando em ameaçá-lo de novo.

- Fique onde está, por favor.

Ele gelou.

- O seu russo tem um pequeno sotaque ucraniano. Os seus Gs é que o denunciam.
- O que é que está fazendo aqui?
- Sua língua nativa é o ucraniano. O senhor *pensa* em ucraniano, não é mesmo?
- Você já sabia disso - retrucou ele. - Não precisava vir até aqui, expor-me ao perigo, para aprender uma coisa que Harrison Sinclair certamente já lhe dissera. - Ele deu um passo na minha direção, como se pretendesse me ameaçar, numa tentativa canhestra de reconquistar a vantagem psicológica. Seu velho terno stalinista caía no seu corpo como no de um espantalho. - Se tem alguma coisa a me dizer ou a me entregar, é melhor que tenha conseqüências capazes de abalar o mundo.

Outro passo à frente. Ele prosseguiu.

- Presumo que tenha e lhe darei cinco minutos para se explicar, após o que trate de cair fora.
- Sente-se, por favor - disse, apontando com o cano da pistola sua cadeira. - Não vai tomar muito tempo. Meu nome é Benjamin Ellison. Como já disse, sou casado com Martha Sinclair, filha de Harrison Sinclair. Martha herdou todos os bens de seu pai. Seus contatos, tenho certeza de que os tem em toda parte, poderão confirmar que sou quem digo que sou.

Aparentando estar mais relaxado, subitamente ele deu o bote, mas deve ter calculado mal o pulo ao se jogar em cima de mim com os braços abertos. Com um grito gutural, quase subumano - um *aaaghgh!* sufocado, entrecortado - ele se atirou contra mim, agarrando meus joelhos, tentando me desequilibrar. Desviei-me e, segurando-o pelo ombro, derrubei-o, jogando-o por terra.

Ele se estatelou no chão, ao pé da mesa de carvalho, ofegante, com o rosto esfogueado.

- Não - murmurou, ofegante. Seus óculos estavam jogados no chão a cerca de meio metro de sua cabeça.

Mantendo a arma voltada para ele, estendi o braço para apanhar os óculos e com a mão livre ajudei-o desajeitadamente a se levantar.

- Por favor - disse-lhe delicadamente -, por favor, não tente outra vez.

Orlov estava prostrado na cadeira mais próxima como uma marionete, exausto porém atento. Sempre despertou minha curiosidade o fato de os líderes mundiais, uma vez destituídos do poder, ficarem palpavelmente diminuídos, num sentido quase físico. Lembro-me de quando conheci Mikhail Gorbachev na Escola Kennedy em Boston, de ter-lhe apertado a mão após uma palestra que ele fizera poucos anos depois de ter sido tão sem-cerimoniosamente expulso do Kremlin por Bóris Yeltsin. E Gorbachev me deu a nítida impressão de uma pessoa muito pequena, muito mortal e muito comum. Comecei a ficar com uma certa pena do homem.

Uma frase em russo.

Ouvi-a; ouvi seus pensamentos, uma frase reconhecível em russo, no meio de uma enxurrada de outras em

ucraniano, como um veio de urânio incrustado num bloco de grafite.

Sim; ele nascera em Kiev. Aos cinco anos de idade sua família mudou-se para Moscou. Como o médico em Roma, ele também era bilíngüe, embora raciocinasse principalmente em ucraniano, com um pouco de russo entremeado.

A frase que ele pensou queria dizer *homens sábios*.

- O senhor sabe muito pouco - disse, simulando grande segurança - a respeito dos Homens Sábios.

Orlov sorriu. Seus dentes eram ruins, separados, desiguais e manchados.

- Sei tudo, sr. ...Ellison.

Olhei seu rosto de perto, concentrando-me, vendo o que podia captar. Novamente, a maior parte parecia ser em ucraniano. Aqui e ali pude detectar cognatos, palavras que soavam de maneira muito semelhante a seus equivalentes em russo, inglês ou alemão. Ouvi *Tsyurikh*, que só podia ser Zurique. Ouvi *Sinclair*, e algo que soou como *banco*, embora não tivesse certeza.

- Precisamos conversar - disse. - Sobre Harrison Sinclair. Sobre o acordo que fez com ele.

Debrucei-me mais perto dele, como se estivesse pensando profundamente. Um tropel de palavras estranhas chegou aos meus ouvidos, num tom baixo e nebuloso. Mas entre elas uma palavra se destacava das demais, parecia gritar para mim. Era novamente Zurique, ou qualquer coisa que soava como tal.

- Acordo! - ele escarneceu. O espião-mor deu uma risada aguda, seca. - Ele roubou bilhões de dólares de mim e do meu país, *bilhões* de dólares!, e o senhor tem o desplante de chamar isso de *acordo*?

36

Então era verdade. Alex Truslow estava certo.

Mas... bilhões de dólares?

Tudo se resumiria a uma questão de dinheiro? Seria realmente isso? O dinheiro, através da história, sempre motivou os maiores atos de maldade, quando se vai ao cerne da questão. Teria sido por dinheiro que Sinclair e os outros tinham sido mortos? A razão pela qual a Agência, segundo Edmund Moore me alertara, estava sendo minada?

Bilhões de dólares.

Ele me olhou de maneira arrogante, quase altaneiramente, e tentou ajustar os óculos.

- E agora - ele disse com um suspiro, passando a se expressar em inglês - é só uma questão de tempo para que meu pessoal me ache. Disso não tenho a menor dúvida. Não chega a me surpreender que vocês tenham conseguido me localizar. Não há lugar algum no mundo, nenhum lugar na face da terra onde a vida seja possível, onde não possamos ser finalmente encontrados. O que não entendo é por que, por que você resolveu pôr em perigo minha vida, vindo até aqui, sejam quais forem suas razões. Isso é de estupidez inconcebível. - O inglês dele era excelente, aparentemente fluente, com sotaque britânico.

Respirei fundo, e disse:

- Fui extremamente cauteloso para chegar aqui. Não precisa se preocupar por causa disso. - Sua expressão fisionômica não se alterou. Suas narinas tremeram ligeiramente; seus olhos mantiveram-se

firmes, não traindo qualquer emoção.

- Estou aqui - continuei - para reparar as coisas. Para retificar o mal que meu sogro lhe fez. Estou preparado para lhe oferecer uma grande soma pela sua assistência na localização do dinheiro.

Ele comprimiu os lábios.

- Correndo o risco de parecer vulgar, sr. Ellison, estou extremamente interessado em saber qual é a sua definição de "grande soma".

Acenei a cabeça e me levantei. Colocando a arma no meu bolso, e me afastando ligeiramente além do seu alcance, abaixei-me e arregacei as pernas do meu macacão, expondo os maços de dólares americanos atados nas minhas panturrilhas. Soltei as presilhas de velcro que comprara numa loja de artigos de esporte em Siena, e o dinheiro desprendeceu-se de cada perna em dois segmentos.

Coloquei-os em cima da mesa.

Era de fato muito dinheiro - provavelmente mais do que Orlov já tinha visto, e certamente mais do que eu já vira em toda minha vida e tinha um inegável poder de persuasão.

Ele examinou os maços de notas de perto, convencendo-se aparentemente de que eram reais. Ergueu os olhos e disse:

- Quanto é que tem aqui?, uns três quartos de um milhão de dólares, talvez?
- Um milhão redondo - disse.
- Ah - disse ele, com os olhos arregalados, dando uma risada seca, irônica. Empurrou teatralmente os maços de dinheiro na minha direção. - Sr. Ellison, estou atravessando sérias dificuldades financeiras, e, por mais substancial que seja esta quantia, não é nada comparada com o que eu deveria receber.
- Sim, eu sei. Mas com a sua ajuda, poderei localizar o dinheiro. Mas primeiro precisamos conversar.

Ele sorriu:

- Vou aceitar seu dinheiro de boa-fé, como parte de pagamento. Não sou orgulhoso. E vamos conversar, sim. E depois chegaremos a um acordo.

Ótimo. Neste caso, deixe-me fazer uma primeira pergunta: Quem foi que matou Harrison Sinclair?

- Esperava que pudesse *me* dizer isso, sr. Ellison.
- Mas foram agentes da Stasi - disse - que executaram a ordem.
- Muito provavelmente. Mas se foram da Stasi ou da Securitate, não tive nada a ver com isso. Certamente, não seria de meu interesse eliminar Harrison Sinclair.

Levantei uma sobrancelha, incrédulo.

- Quando Harrison Sinclair foi morto - disse Orlov -, eu e meu país fomos esbulhados em mais de dez bilhões de dólares.

Senti o rosto enrubescer e ficar quente. Por tudo o que pudera observar, ele estava dizendo a verdade. Meu coração batia devagar e ritmadamente.

Por certo a vila toscana de Orlov não tinha nada de modesta, mas ele tampouco estava vivendo em grande esplendor, como acontecia com alguns figurões nazistas que se refugiaram no Brasil e na Argentina nos anos imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Uma grande quantia em dinheiro compraria não só uma vida faustosa como, muito mais importante, proteção para o resto da vida.

Mas dez bilhões de dólares!

Orlov continuou:

- Como é que se chama a memória escrita pelo diretor da CIA no governo Nixon, William Colby? *Honorable Men* (Homens honrados), era esse o nome?

Acenei a cabeça cautelosamente. Não gostava de Orlov, embora por motivos que não tinham nada a ver com ideologia ou a amarga rivalidade que as pessoas imaginam que existia entre a KGB e a CIA. Hal Sinclair uma vez me confidenciou que quando fora chefe representante em diversas capitais do mundo, alguns de seus melhores camaradas eram seus colegas de posto equivalente na delegação da KGB. Somos - ou devia dizer - *éramos* muito mais semelhantes do que distintos.

De minha parte, achava a pretensão de Orlov repelente. Ainda há pouco ele se agarrara nas minhas pernas como uma velha; agora estava sentado como um paxá - e pensando quase o tempo todo em *ucraniano*, pelo amor de Deus.

- Bem - prosseguiu Orlov -, Bill Colby era, é, um homem honrado. Talvez demasiado honrado para sua profissão. E, até me trair, julguei que Harrison Sinclair também fosse.
- Não compreendo.
- Até onde ele lhe contou esse episódio?
- Muito pouco - admiti.
- Pouco antes do colapso da União Soviética - disse ele -, contactei secretamente Harrison Sinclair, usando canais que não eram usados há muitos anos. Há, havia, melhor dizendo, meios. E pedi ajuda a ele.
- Para fazer o quê?
- Para remover de meu país a maior parte de suas reservas em ouro.

Fiquei estupefato, mesmo perplexo com o que ele me dizia - mas fazia um certo sentido. Confirmava o que eu sabia, o que tinha lido nos jornais e o que tinha ouvido de amigos meus.

A Central Intelligence Agency sempre calculara que a União Soviética possuía dezenas de bilhões de dólares em reservas em ouro, nos seus cofres centrais, e em Moscou e suas cercanias. De repente, entretanto, imediatamente após o golpe de estado da linha-dura comunista fracassar em agosto de 1991, o governo soviético anunciou que possuía meros três bilhões de dólares em ouro.

Essa notícia provocou ondas de choque através da comunidade financeira mundial. Para onde poderia ter sido desviado todo aquele ouro? Surgiram as mais disparatadas versões. Uma fonte fidedigna, entretanto, informou que o Partido Comunista Soviético ordenara que cento e cinquenta toneladas de prata, oito de platina, e pelo menos sessenta de ouro fossem escondidas no exterior. Alegou-se que próceres do Partido Comunista teriam ocultado tanto quanto cinquenta *bilhões* de dólares em bancos ocidentais, na Suíça, em Mônaco, Luxemburgo, Panamá, Liechtenstein, e uma série de bancos *offshore*, como as Ilhas Caimã.

Ao que se dizia, o Partido Comunista soviético lavou dinheiro furiosamente nos seus últimos anos de existência. Empresários soviéticos criavam *joint ventures* fictícias e companhias-fantasma para evadir dinheiro do país.

Na verdade, o governo de Yeltsin chegou a contratar uma firma americana de investigações, a Kroll Associates - uma das principais concorrentes de Alex Truslow, diga-se de passagem - para rastrear o dinheiro, mas nada foi apurado. Chegou mesmo a ser revelado que uma transferência maciça para bancos suíços tinha sido autorizada pelo gerente administrativo do Partido, que se suicidou - ou foi assassinado - um dia ou dois depois de o golpe ter fracassado.

teriam sido os ex-camaradas de Orlov, numa tentativa para me impedir de descobrir o paradeiro do ouro desaparecido, que haviam inalado o homem da CIA, Charles van Aver, em Roma?

Eu ouvia em total estupefação.

- A Rússia - disse ele - estava se desmoronando.
- O senhor quer dizer que a *União Soviética* estava se desmoronando.

Ambas. Refiro-me a ambas. Era claro para mim e qualquer um com um cérebro capaz de raciocinar que a União Soviética estava na iminência de ser lançada na lata de lixo da história, para usar a frase desgastada de Marx. Mas a Rússia, minha querida Rússia, também i slava à beira do colapso. Gorbachev me chamara para dirigir a KGB depois de Kryuchkov ter tentado um golpe. Mas o poder estava escapando por entre os dedos de Gorbachev. Os adeptos da linha-dura estavam saqueando as riquezas do país. Sabiam que Yeltsin assumiria o poder, estavam esperando para destruí-lo.

Tinha lido e ouvido muita coisa sobre o misterioso desaparecimento dos ativos da Rússia, na forma de moedas fortes, metais preciosos e até obras de arte. Isso não era novidade para mim.

- E assim - continuou - elaborei um plano para mandar para fora do país todo o ouro russo que pudesse. Os linhas-duras tentariam retomar o poder, mas se eu conseguisse impedir que eles pusessem as mãos nas riquezas do país, eles seriam impotentes. Eu quis salvar a Rússia do desastre.
- E Hal Sinclair também queria - disse, tanto para ele quanto para mim.
- Sim, exatamente. Sabia que ele seria simpático à idéia. Mas o que eu estava lhe propondo deixou-o apavorado. Seria uma operação clandestina, na qual a CIA ajudaria a KGB a roubar o ouro da Rússia. A removê-lo do país. E um belo dia, quando fosse seguro, ele seria restituído.
- Mas por que precisou da ajuda da CIA?
- É muito difícil movimentar ouro. Extremamente difícil. E tendo em vista como estava sendo cuidadosamente vigiado, eu não teria condições de removê-lo do país. Meu pessoal e eu estávamos sob constante e rigorosa vigilância. E certamente eu não teria como liquidá-lo, vendê-lo; seria rastreado a mim num segundo.
- E então vocês dois se encontraram em Zurique.
- Sim. Foi um procedimento muito complicado. Encontramo- nos na presença de um banqueiro em quem ele confiava. Ele criou um sistema de conta para receber o ouro. Ele concordou com a minha condição, de que me seria permitido "desaparecer". Ele removeu todos os dados pertinentes sobre minha localização dos bancos de dados da CIA.
- Mas como Sinclair, ou a CIA, conseguiram exportar o ouro?
- Oh - disse ele, com ar de tédio -, sempre há maneiras, você sabe. Os mesmos canais usados para contrabandear defectores para fora da Rússia nos velhos tempos.

Esses canais, eu sabia, incluíam o sistema de correio militar, que é protegido pela Convenção de Viena. Esse método em particular foi usado para extrair diversos defectores famosos de trás da Cortina de Ferro. Lembro-me de ter ouvido uma história sobre um lendário defector, Oleg Gordievsky, na rede de boatos da Agência, de que ele teria sido escamoteado num caminhão de mobílias. Não era verdade, mas era pelo menos plausível.

Ele continuou:

- Toda uma aeronave militar foi especialmente adaptada para servir como mala diplomática, com permissão de deixar o país sem ser inspecionada. E naturalmente existem os caminhões lacrados. Diversos métodos a que a CIA tem acesso, e nós não tínhamos, porque estávamos sendo observados muito de perto. Havia informantes espalhados por toda parte, infiltrados até entre meus assessores e secretárias particulares.

Havia, entretanto, uma coisa que não se encaixava bem.

- Como Sinclair sabia que podia confiar no senhor? Como poderia ter certeza de que o senhor não estava do lado errado, dos "bandidos"?

- Por causa - disse Orlov - do que eu lhe ofereci em troca.
- Explique melhor.
- Ele queria fazer uma limpeza na CIA. Achava que ela estava totalmente podre.
- E eu lhe dei a prova de que realmente estava.

37

Orlov olhou para a porta como se esperasse que um de seus guardas aparecesse. Suspirou.

- No início da década de 1980 finalmente começamos a desenvolver a tecnologia para interceptar as comunicações mais sofisticadas entre o quartel-general da sua CIA e outros órgãos do governo.

Ele suspirou novamente, e depois deu um sorriso perfunctório. Foi como se tivesse contado exatamente a mesma história antes. - O equipamento de recepção via satélite e de microondas instalado no telhado da embaixada soviética em Washington começou a captar um amplo raio de sinais. Eles confirmavam informações que já tínhamos recebido através de um agente de penetração em Langley.

- Que eram?

Outro sorriso perfunctório. Comecei a imaginar se essa era simplesmente sua maneira de sorrir, uma ligeira contração da boca, os olhos imutáveis, cautelosos.

- Qual foi a grande missão da CIA desde sua fundação até, digamos, 1991?

Sorri, um cínico impedernido defrontando-se com outro.

- Derrotar o comunismo internacional e de modo geral tornar a vida de vocês um inferno.
- Certo. Houve algum momento em que a União Soviética foi realisticamente uma ameaça para os Estados Unidos?
- Por onde começo? Lituânia, Latvia, Estônia? Hungria? Berlim? Praga?
- *Mas para os Estados Unidos?*
- Vocês tinham a bomba, não nos esqueçamos.
- E nós tínhamos tanto medo de usá-la quanto vocês. Só que *vocês* a usaram e nós não. Alguém em Langley acreditava seriamente que Moscou tinha meios ou a vontade de dominar o mundo? E o que é que nós deveríamos fazer com o mundo uma vez que tivéssemos assumido o poder: aniquilá-lo como, sinto dizê-lo, nossos grandes e estimados líderes soviéticos fizeram com o outrora grande império russo?
- Houve ilusões de ambas as partes - reconheci.
- Ah, mas essa... *ilusão*... certamente fez com que a CIA trabalhasse horas extras durante anos, não é verdade?
- Aonde quer chegar?
- Simplesmente ao seguinte - disse Orlov. - Sua grande missão agora é derrotar a espionagem corporativa, certo?
- É o que dizem. O mundo agora é diferente.

- Sim. A espionagem corporativa internacional. Os japoneses, os franceses e os alemães, todos querem roubar valiosos segredos industriais de suas pobres, sitiadas corporações americanas. E somente a Central Intelligence Agency é capaz de garantir a segurança da América para o capitalismo.

"Pois bem, em meados da década de 1980, a KGB era o único serviço de inteligência do mundo equipado para monitorar inteiramente as comunicações transmitidas do quartel-general da CIA. E o que descobrimos simplesmente confirmou as mais tenebrosas suspeitas de meus mais fanáticos camaradas comunistas. Através de comunicações interceptadas entre Langley e seus postos avançados em capitais estrangeiras, Langley e o Federal Reserve *et cetera*, ficamos sabendo que a CIA há anos estava seriamente empenhada em direcionar seus fabulosos recursos de espionagem contra as estruturas *econômicas* de aliados ostensivos como os japoneses, os franceses e os alemães. Contra corporações nesses países. Tudo em nome da proteção da segurança nacional americana.

Ele fez uma pausa, virou-se para me olhar, e disse:

- Portanto? Uma atividade normal do sistema. Portanto - Orlov continuou, acomodando-se confortavelmente na sua cadeira, e levantando as palmas de ambas as mãos ao mesmo tempo, como se tivesse deixado claro o que estava insinuando, julgamos ter detectado os contornos de uma operação normal de lavagem de dinheiro; como você sabe, o dinheiro flui das contas de Langley no Federal Reserve em Nova York para os vários postos da CIA no mundo. Sempre que for necessário financiar operações secretas para a defesa da democracia, certo? Nova York para Bruxelas, Nova York para Zurique, para a cidade do Panamá, para San Salvador. Mas não. Não era bem assim.

Ele olhou para mim e esboçou outro sorriso.

- Quanto mais nossos gênios financeiros fuçavam... - Ele notou meu ceticismo, e disse: - E, entre muitos idiotas, tínhamos nossos gênios. Quanto mais eles fuçavam, mais confirmavam suas suspeitas de que não se tratava absolutamente de uma operação de lavagem 'Ir dinheiro padronizada. O dinheiro não estava simplesmente sendo canalizado. O dinheiro estava sendo *surrupiado*. Grandes quantias estavam sendo desviadas das verbas destinadas à espionagem corporativa. Interceptações seguidas provaram isso.

"Seria a CIA como instituição a responsável? Não. Nossa fonte dentro de Langley confirmou que era apenas um pequeno grupo. Elementos que agiam por conta própria. Essas operações eram controladas por uma pequena célula de funcionários da CIA.

- Os "Homens Sábios".
- Um nome irônico, devo admitir. Um pequeno grupo de funcionários públicos dentro da CIA estava ficando enormemente rico. Usando as informações que obtinham através dessas operações de espionagem para se locupletarem.

O fato é que era muito comum o pessoal da CIA tirar vantagens dos orçamentos, dos fundos da organização, que são fluidos e insuficientemente documentados (por razões de sigilo: nenhum diretor da CIA que ordenou uma operação secreta em algum país do Terceiro Mundo deixa qualquer documento que possa servir de pista para uma comissão parlamentar de inquérito). Muitos agentes que conheci tinham por hábito sugar - cobrar o *dízimo*, alguns o chamavam - dez por cento das verbas a que tinham acesso, e enfiá-los numa conta numerada suíça. Nunca fiz isso, mas os que faziam alegavam que era para garantir uma proteção caso alguma coisa desse errado. Os contadores de Langley desconsideravam rotineiramente essas falcatruas, sabendo muito bem aonde tinha ido parar o dinheiro indebitamente apropriado.

Abri o jogo com Orlov, que sacudiu a cabeça, respondendo devagar.

- Estamos falando de importâncias consideráveis. Não de dízimos.
- Quem eram... quem são eles?
- Não temos nomes. Eles estavam muito bem protegidos.
- E como é que eles acumulavam suas fortunas?
- Não é preciso uma profunda compreensão dos negócios ou da micro-economia, sr. Ellison. Os Homens Sábios tinham acesso às conversas mais íntimas e discussões de estratégia nas reuniões de conselho de grandes empresas e da indústria automobilística em Bonn, Frankfurt, Paris, Londres e Tóquio. E com os dados colhidos nessas reuniões... Bem, era uma questão simplesmente de usar a cabeça e fazer investimentos estratégicos nos mercados de valores do mundo, particularmente Nova York, Tóquio e Londres. Afinal de contas, se você *sabia* o que a Siemens ou a Philips ou a Mitsubishi estavam a fim de fazer, você sabia quais as ações que deveria comprar ou vender, não é verdade?
- Então não era propriamente peculato?
- Não. Não se tratava de *desfalque* pura e simplesmente. Era manipulação dos mercados de ações, violações de centenas de leis americanas e estrangeiras. Os Homens Sábios faziam isso com grande proficiência. E o resultado dessa hábil manipulação se refletia diretamente nas suas contas bancárias em Luxemburgo, Grande Caimã e Zurique. Eles fizeram verdadeiras fortunas. Centenas de milhões de dólares, ou mais.

Ele olhou novamente para a porta de duas faces, e continuou, com um certo ar de triunfo estampado no rosto.

- Imagine só o que poderíamos ter feito com as provas comprometedoras, as transcrições, as comunicações interceptadas... E verdadeiramente inimaginável. Não poderíamos querer nada melhor como instrumento de propaganda. A América estava roubando de seus aliados. Assim que as notícias vazassem, a OTAN seria imediatamente destruída.

- Meu Deus!

- Oh, mas aí veio o ano de 1987.

- E daí?

Orlov sacudiu a cabeça devagar.

- O senhor não sabe o que aconteceu?
- O que foi que houve em 1987?
- Esqueceu-se do que houve à economia americana em 1987?
- A economia? - perguntei, admirado. - Houve o grande *crash* do mercado de ações em outubro de 1987, mas afora...
- Exatamente. "*Crash*" talvez seja uma expressão um tanto exagerada, mas certamente os mercados de ações americanos acredito que tenham entrado em colapso no dia 19 de outubro de 1987.
- Mas o que isso tem a ver com...
- Um "*crash*" do mercado de valores, para usar sua expressão, não é necessariamente um desastre para quem está preparado para enfrentá-lo. Muito pelo contrário, um grupo de especuladores bem-informados pode obter lucros apreciáveis, vendendo a curto prazo, negociando e arbitrando futuros, e recorrendo a outros meios, correto?
- O que está querendo dizer?

- O que estou dizendo, sr. Ellison, é que a partir do momento em que descobrimos o que esses Homens Sábios estavam fazendo, quais eram os seus canais, pudemos acompanhar suas atividades muito de perto, sem que eles percebessem.
- E eles ganharam dinheiro com o *crash* de 1987, é isso?
- Usando programas mercantis computadorizados e mil e quatrocentas contas mercantis separadas, precisamente calibradas com o Nikkei de Tóquio e acionando as alavancas simultaneamente, e com a velocidade certa, eles não só ganharam rios de dinheiro com o *crash*, sr. Ellison, eles o provocaram.

Aturdido, não podia fazer mais nada senão ficar olhando, boquiaberto.

- Como vê - ele prosseguiu - tínhamos algumas provas devastadoras do que um grupo dentro da CIA fizera ao mundo.

- E chegaram a usá-las?

- Sim, sr. Ellison. Houve um momento em que o fizemos.
- Quando?
- Quando digo "nós", estou me referindo à minha organização. Você se recorda certamente dos acontecimentos de 1991, do golpe de estado contra Gorbachev, instigado e organizado pela KGB. Como sabe, a sua CIA recebeu informações antecipadas de que esse golpe estava sendo articulado. Por que acha que vocês não fizeram nada para evitar o golpe?
- Há teorias a respeito.
- Há teorias e há fatos. Os fatos são que a KGB possuía arquivos detalhados e explosivos sobre esse grupo que se auto-intitulava os Homens Sábios. Esses arquivos tão logo fossem revelados ao mundo, destruiriam a credibilidade da América, como já lhe disse.
- E dessa forma a CIA foi imobilizada - disse. - Chantageada com a ameaça de tornar os fatos públicos.
- Precisamente. E quem abriria mão de uma arma como essa? Não um ardoroso adversário dos Estados Unidos. Não um homem leal à KGB. Que melhor prova eu poderia oferecer?
- Sim - disse. - Brilhante. - Quem está a par da existência desses arquivos?
- Somente um punhado de pessoas - disse ele. - Meu predecessor na KGB, Kryuchkov, que está vivo mas teme por sua vida para abrir a boca. Seu principal assessor, que foi executado, não, perdão, creio que o *The New York Times* publicou uma notícia dizendo que ele tinha se suicidado pouco depois do golpe, estou certo? E, naturalmente, eu.
- E o senhor deu a ele esses arquivos surpreendentes.
- Não - disse ele.
- Por que não?

Um breve levantar de ombros, em esboço de sorriso.

- Porque os arquivos desapareceram.

- O quê?

- A corrupção corria solta naqueles dias em Moscou - Orlov explicou. - Mais ainda do que agora. O antigo regime, milhões de pessoas que trabalhavam em todas as velhas burocracias, ministérios e secretarias, o governo soviético na sua totalidade sabia que seus dias estavam contados. Gerentes de fábricas vendiam suas mercadorias para o mercado negro. Auxiliares administrativos vendiam seus arquivos nos escritórios da Lubyanka na KGB. Os correligionários de Yeltsin tinham pegado muitos arquivos no quartel general da KGB, e alguns desses arquivos estavam trocando de mãos! E foi aí

que fui informado de que os arquivos sobre os Homens Sábios tinham desaparecido.

- Arquivos como aquele simplesmente não desaparecem.
- É claro que não. Soube que uma arquivista subalterna da KGB, pertencente aos quadros do Primeiro Diretório-Chefe, levava o arquivo para casa e o vendera.
- Para quem?
- Um consórcio de empresários alemães. Vendera-o, ela revelou, por um pouco mais de dois milhões de marcos alemães.
- Cerca de um milhão de dólares americanos. Mas certamente poderia ter conseguido muito mais.
- Naturalmente! Aquele arquivo valia dinheiro altíssimo. Continha os ingredientes para chantagear os mais graduados executivos da CIA! Valia muito, muito mais do que a estúpida arquivista tinha obtido. A ganância pode tornar as pessoas irracionais.

Contive a vontade de rir.

- Um consórcio alemão - meditei. - Por que um grupo de alemães poderia estar interessado em chantagear a CIA?
- Não soube na ocasião.

Mas agora sabe?

- Tenho minhas teorias.
- Tais como?
- Está me pedindo fatos - disse ele. - Encontramo-nos em Zurique, Sinclair e eu, em condições do mais absoluto sigilo, naturalmente. Nessa altura eu já tinha deixado o país. Sabia que nunca mais voltaria.

"Sinclair ficou furioso quando soube que eu não tinha mais os arquivos incriminadores, e ameaçou cancelar o acordo, voltando imediatamente para Washington e dando o assunto por encerrado.

- Discutimos durante muitas horas. Tentei fazê-lo acreditar na verdade, que não o estava enganando.

- E ele cancelou?

Na ocasião pensei que sim. Agora não.

- Por quê?

Porque pensava que tínhamos um acordo, e como se verificou m u tarde, não tínhamos. Deixei Zurique e vim para esta casa, que Sinclair, a propósito, descobrira para mim, e fiquei esperando notícias. Dez bilhões de dólares tinham sido transferidos para o Oeste. Ouro que pertencia à Rússia. Era uma jogada mirabolante, mas tinha de confiar na honestidade de Sinclair. Mais do que isso, no seu próprio auto-interesse. Ele queria impedir que a Rússia se tornasse uma ditadura chauvinista da direita russa. Ele também queria poupar o mundo disso. Mas acho que foi o arquivo. O fato de não ter em meu poder o arquivo sobre os Homens Sábios com que contava. Deve ter pensado que eu não estava jogando limpo. Por que outro motivo me trairia?

- Traí-lo?
- Os dez bilhões de dólares foram para um cofre-forte em Zurique. Instalado num subterrâneo embaixo da Bahnhofstrasse, exigindo duas senhas de acesso para poder ser aberto. Mas não tive acesso a ele. E logo depois Harrison Sinclair foi morto. E agora não há esperança de reaver o ouro. Portanto, espero que compreenda que eu certamente não tinha o menor interesse em que ele fosse morto.

- Não - concordei. - Não teria. Mas quem sabe eu possa ajudá-lo agora.
- Se tiver as senhas de Sinclair...
- Não. Não há senhas. Nenhuma me foi transmitida.
- Então receio que não haja nada que possa fazer.
- Engano seu. *Há* uma coisa que posso fazer. Preciso do nome do banqueiro com quem se encontrou em Zurique.

E nesse momento a porta de duas faces no fundo da sala de jantar abriu-se de par em par.

Pus-me de pé num salto, não querendo sacar minha arma, admitindo que pudesse ser novamente um dos guardas, hipótese em que tudo deveria parecer normal; não podia me arriscar a parecer que estava ameaçando o dono da casa.

Percebi de relance um lampejo de tecido azul-marinho, e logo me dei conta do que se tratava. Três policiais italianos uniformizados entraram na sala apontando suas pistolas para mim.

- *Tieniti le mani al fianco!* - Mantenha as mãos junto ao corpo!, ordenou um deles.

Avançaram pela sala adentro, em formação SWAT. Minha pistola era inútil naquela altura; estava em minoria. Orlov afastou-se de mim até colar-se à parede, como se evitasse a linha de fogo.

- *Sei in arresto. Non muoverti.* - Não se mexa... está preso, disse o outro.

Fiquei parado meio apalermado, confuso. Como isso poderia ter acontecido? Quem os teria chamado? Não compreendi.

E então vi o pequeno botão da campainha instalada na perna grossa de carvalho da mesa de jantar, no ponto em que ela se apoiava no piso de terracota. Era o tipo de campainha que você aciona com a ponta do pé, da maneira como os caixas de banco podem, sem ser vistos, chamar a polícia. Ela dispararia um alarme silencioso muito distante - no caso presente, suspeitei, tão longe quanto a central da polícia municipal de Siena, o que explicava terem os policiais demorado tanto para chegar. Polícia, sem dúvida, na folha de pagamento do misterioso "alemão" emigrado que queria segurança de primeira ordem.

O salto que Orlov dera ao se atirar em cima de mim, seu único movimento canhestro. Ele sabia que eu ia derrubá-lo no chão, que poderia rolar o corpo e pressionar o botão de emergência com a mão, o joelho ou o pé.

Mas havia alguma coisa errada!

Olhei para o ex-chefe da KGB e notei que ele estava apavorado. Com o quê?

Ele estava olhando para mim.

- Siga o ouro! - Ele resmungou. Querendo dizer exatamente o quê?

- O nome! - gritei para ele. - Me dê o nome.
- Não posso dizer! - respondeu com dificuldade, indicando os policiais com as mãos. - Eles...

Sim, Naturalmente ele não poderia pronunciá-lo em voz alta na frente daqueles homens.

- O *nome* - repeti. - Pense no nome!

Orlov olhou para mim, perplexo e desesperado. Voltou-se então para os policiais.

- Onde está o meu pessoal? - disse ele. - O que foi que vocês fizeram com meu...

De repente, ele pareceu ser arremessado para cima. Ouviu-se um pipocar característico, que identifiquei imediatamente, virei-me e vi que um dos policiais estava alvejando Orlov com uma submetralhadora, seu

fogo automático cortava um grotesco desenho no peito do velho espião. Seus braços e suas pernas dançaram por alguns segundos enquanto ele expelia um derradeiro, lancinante grito. O sangue espirrou por toda parte, respingando o chão de pedra, as paredes, e o tampo polido da mesa de jantar. Orlov, com o pescoço decepado pela metade, estava caído junto à parede, transformado num macabro amontoado ensangüentado.

Deixei escapar um grito involuntário de pavor. Embora reconhecendo minha posição de inferioridade, tinha sacado minha arma, o que não fazia o menor sentido.

Subitamente fez-se silêncio. O fogo da submetralhadora cessou. Atordoado, levantei as mãos e me entreguei.

38

Os *carabinieri* me levaram, algemado, através do portão em arco de Castelbianco, e lentamente até uma van azul surrada da polícia.

Tinham a aparência e estavam vestidos como *carabinieri*, mas naturalmente não eram. Eram assassinos - mas a serviço de quem? Ainda estonteado com a cena de horror que acabara de presenciar, não conseguia pensar direito. Orlov havia convocado seus homens, sua guarda de proteção, mas fora surpreendido quando *outros* chegaram. *Mas quem eram eles?*

E por que também não tinham me matado?

Um deles dissera alguma coisa muito rapidamente e em voz baixa em italiano. Os outros dois, me cercando de perto, acenaram a cabeça e me fizeram sentar no banco traseiro da van.

Não era a hora certa para me mexer, para fazer qualquer coisa repentina, por isso obedeci-os bovinamente. Um dos supostos policiais sentou-se voltado para mim na parte de trás da van, enquanto outro assumia o volante e o terceiro mantinha vigilância do banco da frente.

Nenhum deles falou.

Olhei para o policial que me escoltava, um rapaz bochechudo, de cara enfezada. Estava sentado a menos de meio metro de mim.

Procurei me concentrar.

Não ouvi nada; somente o ronco abafado do motor enquanto a van percorria a estrada de terra, afastando-se da propriedade. Iria livrar o mais possível minha mente de pensamentos dispersivos - transformá-la de certa forma numa lousa em branco; num receptor.

Então ouviria as vibrações de pensamento naquela tonalidade ligeiramente alterada que me indicava que, na realidade, não estava ouvindo nada falado em voz alta.

Esvaziei minha mente o mais que pude, e de repente "ouvi" meu nome... alguma coisa que me souu familiar... naquela tênue, esvoaçante maneira que me dizia serem pensamentos.

Em inglês.

Ele estava pensando em inglês.

Ele não era policial, e não era italiano.

- Quem é você? - perguntei.

O rapaz olhou para mim, traindo momentaneamente sua surpresa, e depois sacudiu os ombros sem dizer uma palavra, hostilmente, como se não tivesse compreendido.

- Seu italiano é excelente - disse.

O motor da van silenciou e ela logo parou. Tínhamos parado em algum lugar. Não podia ser muito longe da propriedade - estávamos rodando apenas há poucos minutos e fiquei pensando aonde teriam me levado.

As portas da van abriram-se, e os outros dois entraram na parte de trás do veículo. Um deles me apontou uma arma enquanto o outro fez um gesto para que eu me deitasse. Quando obedeci, ele começou a amarrar meus tornozelos com fitas de náilon preto.

Tornei as coisas o mais difícil para ele - escoiceando e me contorcendo. Mas com um pedaço de velcro ele conseguiu prender as fitas pretas, amarrando os meus pés. Descobriu então uma grande pistola, oculta num coldre preso na barriga da minha perna esquerda.

- Mais uma - disse ele para os outros num tom triunfante.

Em inglês.

- É melhor que não haja outras - disse o que parecia ser o chefe do grupo. Sua voz era grave, rascante, com a rouquidão característica dos fumantes.
- Pois é - disse, passando as mãos pelas minhas pernas e pelos meus braços.
- Tudo bem - disse o que parecia ser o líder. - Sr. Ellison, somos seus colegas.

- Prove - disse, emborcado. Tudo o que conseguia ver era a luz do teto imediatamente acima de mim. Não houve resposta.

- Você pode acreditar em nós ou não, o problema é seu - disse o chefe do trio. - Não faz nenhuma diferença para nós. Queremos apenas lhe fazer algumas perguntas. Se for completamente honesto conosco, não tem com que se preocupar.

Enquanto ele falava, senti uma coisa fria e líquida ser espalhada nos meus braços, e depois no meu rosto, pescoço e orelhas; um líquido viscoso, que estava sendo aplicado com um pincel.

- Sabe o que é isso? - o falso policial à testa do grupo perguntou.

Senti um gosto adocicado no canto da minha boca.

- Posso imaginar.
- Ótimo.

Os três me retiraram da van, expondo-me à claridade ofuscante do dia. Não tinha sentido opor resistência naquelas circunstâncias. Não estavam me levando a parte alguma. Olhando em volta ao ser retirado da van, vi árvores, mato, um brilho repentino de arame farpado. Continuávamos nos terrenos de Castelbianco, não muito longe da entrada, defronte a uma das pequenas construções de pedra que havia reparado quando entrei na propriedade.

Puseram-me no chão bem em frente à construção. Senti o cheiro de argila da terra e a fedentina de lixo podre, e logo me dei conta de onde estava.

Então o líder falou:

- Só queremos que nos diga onde está o ouro.

Jogado no chão de costas, com a nuca fria da umidade da terra, disse:

- Orlov não quis cooperar. Mal tive chance de falar com ele.
- Não é verdade, sr. Ellison - disse o do meio. - Não está sendo honesto conosco. - Ele encostou no meu rosto um objeto pequeno, reluzente, que identifiquei como um bisturi afiado como uma navalha, e fechei meus olhos instintivamente. Meu Deus, não permita que ele faça isso.

Ele golpeou de leve minha face. Senti o choque do metal frio e depois uma dor aguda, como a picada de uma agulha.

- Não queremos retalhá-lo pra valer - disse o líder. - Por favor, nos dê a informação. Onde está o ouro?

Senti uma coisa quente e pegajosa escorrendo lentamente pela minha face direita. O bisturi estava agora encostado na minha outra face, frio e estranhamente agradável.

- Sinceramente não gosto disso, sr. Ellison, mas não temos escolha. Outra vez, Frank.
- *Não!* - exclamei, ofegante.
- Onde é que ele está?
- Já lhe disse, não faço...

Outro golpe. Frio, depois pungentemente quente, e senti o sangue na minha face, escorrendo ao encontro do líquido-isca viscoso com que me tinham untado. Lágrimas afloraram aos meus olhos.

- Estou certo de que sabe por que estamos fazendo isso, sr. Ellison - disse o líder.

Tentei dobrar-me sobre o estômago, mas dois deles me seguraram firmemente. - Que diabo! Orlov não sabia. Será que é tão difícil compreender isso? *Ele* não sabia, logo *eu* também não posso saber!

- Não nos obrigue a fazê-lo - disse o mais velho. - Sabe que faremos.
- Se me soltarem, poderei ajudá-los a achá-lo - sussurrei.

Ele fez um gesto com sua pistola e os outros dois mais jovens me seguraram, um pela minha cabeça, e o outro pelos meus pés. Esbravejei e esperneeii violentamente, mas minha mobilidade era limitada, pois estava seguro com firmeza.

Empurraram-me para a fria e sombria umidade da acanhada construção de pedra, pútrida com o forte e acre odor de lixo em decomposição. Ouvi ruídos roçagantes. Também havia outro cheiro forte, parecendo de querosene ou gasolina.

- Removeram o lixo ontem - disse o mais velho -, portanto devem estar famintos.

Mais ruídos roçagantes.

Plástico sendo amassado; mais ruídos, dessa vez mais frenéticos. Sim; gasolina ou querosene.

Largaram-me com os pés amarrados. A única luz no diminuto e medonho cubículo vinha da porta, contra a qual eu podia ver as silhuetas de dois dos falsos *carabinieri*.

- O que é que vocês *querem*, porra? - explodi.

Diga-nos onde ele está, e o tiraremos daí. Era a voz áspera, grossa do líder do grupo. - Nada mais simples.

- Oh, Deus - deixei escapar em voz alta. Nunca deixe que eles percebam seu medo, mas não era possível contê-lo numa situação daquelas. Uma arranhadura. Pequenos grunhidos. Devia haver dúzias deles.

- Sua ficha pessoal - continuou ele - revela que você tem uma fobia incontrolável a ratos. Por favor, ajude-nos, e poremos fim ao seu suplício.

- *Já disse*, ele não sabia!
- Tranque a porta, Frank - ordenou o chefe.

A porta de acesso à casa de pedra foi fechada com estrondo e trancada com ferrolho. De repente, ficou tudo preto como breu, e então, quando meus olhos se acostumaram à escuridão, tudo adquiriu uma lúgubre

tonalidade âmbar. Em toda a volta ouvia-se o vaivém dos roedores alvoroçados. Diversas formas volumosas e escuras moviam-se em torno de mim, provocando-me arrepios.

- Quando resolver falar - ouvi do lado de fora da casa de pedra - estaremos aqui.
- *Não!* - gritei. - Já disse a vocês tudo o que sei!

Uma coisa passou por cima do meu pé.

- Jesus Cristo...

Ouvi uma voz rouca do lado de fora dirigindo-se a mim.

- Você sabia que os ratos são o que se poderia chamar de "legalmente cegos"? Eles se orientam quase que inteiramente pelo olfato. Seu rosto ensangüentado e lambuzado com esse líquido adocicado será um prato irresistível para eles. Eles vão mordê-lo até levá-lo ao desespero.
- Não sei mais nada - *berrei*.
- Então tenho muita pena de você - disse a voz rouca.

Senti uma coisa enorme e quente, seca e coriácea roçar no meu rosto, nos meus lábios, uma porção delas. Não consegui abrir os olhos, sentindo incisões agudas nas minhas faces, insuportáveis estocadas, um ruído semelhante a papel sendo amarrotado, um chicotear de rabos contra minha orelha, patas úmidas no meu pescoço.

Somente o fato de saber que meus captores e algozes estavam do lado de fora aguardando que eu sucumbisse, impedia-me de berrar, dando vazão a um terrível, indescritível pavor.

39

Só Deus sabe como - *como* - consegui manter minha mente enfocada.

Dei um jeito de me aprumar, arremessando os ratos longe enquanto me erguia, enxotando-os do meu rosto e do meu pescoço com as mãos. Em poucos minutos me livreí das amarras de náilon, mas de pouco isso me adiantaria, como os homens do lado de fora sem dúvida sabiam: a única maneira de escapar daquela masmorra era pela porta da frente, que estava firmemente aferrolhada. Procurei urna arma, mas logo me apercebi que naturalmente eles tinham confiscado as duas que possuía. O que me restava eram alguns cartuchos de munição amarrados nos meus tornozelos, por baixo das meias, totalmente inúteis sem alguma coisa com que pudesse dispará-los.

A medida que meus olhos foram se adaptando à escuridão, consegui localizar a fonte do cheiro de combustível. Diversas latas de um galão de gasolina estavam empilhadas contra uma parede, ao lado de equipamento agrícola. A "casa dos ratos", como meu amigo italiano a havia chamado, podia ter sido construída para servir de depósito de lixo, mas também era usada para guardar ferramentas e materiais utilizados na manutenção da propriedade de Orlov - sacos (de papel) de cimento, sacos (de plástico) de fertilizante, ancinhos, pulverizadores de fertilizante, tábuas cortadas.

Enquanto os ratos corriam alvoroçados à minha volta - eu mantinha os braços e as pernas em constante movimento para impedi-los de subir pelo meu corpo - fiz um rápido levantamento do escasso arsenal com que contava para uma tentativa de fuga. Um ancinho, calculei, dificilmente sobreviveria a uma investida contra a porta de aço, e o mesmo aconteceria com qualquer outra das ferramentas disponíveis. A gasolina parecia ser o único meio óbvio de ataque - mas ataque contra quê? Não tinha fósforo. E se

derramasse a gasolina e desastradamente a fizesse pegar fogo? O que é que aconteceria? Acabaria sendo queimado vivo. Isso só beneficiaria meus captores. Arrematada loucura. Tinha de haver uma maneira. Senti a rabanada seca de um rato no meu pescoço e estremei.

Do lado de fora uma voz grave bradou:

- Tudo de que precisamos é da informação.

A coisa evidente a fazer era inventar uma informação, fingir que não agüento mais e dar o serviço.

Mas isso não ia colar. Certamente esperavam que eu tentasse esse golpe; teriam sido exaustivamente prevenidos contra esse tipo de coisa. Não sabia como, mas tinha de sair dali.

Era quase impossível; eu não era nenhum Houdini; mas tinha de descobrir um jeito de sair dali. Os ratos, ou melhor, ratazanas, eram pequenas criaturas gordas, pardas, de longos rabos escamosos, correndo em volta de meus pés, emitindo grunhidos histéricos. Havia *dúzias* deles. Alguns tinham subido pelas paredes; dois deles, agachados no alto de um saco de fertilizante de vinte e cinco quilos, pularam na minha direção atraídos pelo cheiro de sangue coagulado no meu rosto. Horrorizado, abri impetuosamente os braços para me desvencilhar deles. Um mordeu meu pescoço. Sacudi o corpo violentamente e consegui esmagar alguns com os pés.

Sabia que não sobreviveria por muito tempo naquele antro infernal.

Foi o saco de fertilizante que primeiro chamou minha atenção. Apesar da luz escassa, pude ler o rótulo:

CONCIME CHIMICO
FERTILIZZANTE

Um rótulo amarelo com o formato de diamante proclamava que ele era um "oxidante". O produto era usado geralmente em terrenos gramados. Contém trinta e três por cento de nitrogênio puro, advertia o rótulo. Cheguei mais perto, apertei os olhos. Derivado em partes iguais de nitrato de amônia e nitrato de sódio.

Fertilizante.

Seria possível...?

Era uma idéia. A probabilidade de dar certo não era das mais animadoras, mas valia a pena tentar. Literalmente, não havia outra saída.

Abaixei-me e retirei o pente da Colt .45 escondido por baixo da minha meia esquerda. Tinham apreendido a arma mas não tinham dado pelo pente de pequenas dimensões.

Estava completo: continha sete balas. Não era muita coisa, mas talvez desse para o gasto. Removi os sete cartuchos do pente.

Uma voz fez-se ouvir do lado de fora da casa dos ratos:

- Curta o resto do dia, Ellison. E a noite também.

Contendo meu pavor, abri caminho pelo chão de pedra infestado de ratos e alcancei uma das paredes. Enfiei os cartuchos, um a um, numa fenda estreita na argamassa da parede, formando uma fileira deles com suas pontas cinzentas se projetando para fora.

Com um velho alicate enferrujado que encontrei, golpeei o nariz de cada bala para afrouxar o encaixe de pressão da bala na cápsula. Cuidadosamente, apertei o alicate na ponta da cada bala, puxando-a, torcendo-a de um lado para outro, até que a bala se desprende de sua cápsula. Essa parte do cartucho é o projétil, a parte que é propulsionada contra um alvo. Mas de nada ela me servia. O que eu precisava era do que ficava em cada cartucho: o explosivo de propulsão e a espoleta de detonação.

Um trio de ratos precipitou-se sobre meus pés, um deles conseguindo chegar ao meu joelho, enfiar as garras no tecido de minha camisa, tentando a todo custo alcançar o meu rosto. Ofegante, aterrorizado, tremendo, estapeei os ratos e derrubei-os no chão de pedra.

Mal feito do susto, retirei cada cartucho de latão da fenda na parede e derramei lentamente a pequena

quantidade de explosivo de cada um num pedaço de papel que rasgara de um dos sacos de cimento. As seis cápsulas renderam uma boa pequena pilha de explosivo, uma substância cinza-escuro feita de pequenas esferas irregulares de nitrocelulose e nitroglicerina.

O próximo passo era de longe o mais arriscado: remover as espoletas. Trata-se de pequenos discos de níquel situados na base de cada cápsula, que contêm uma pequena quantidade do poderoso explosivo tetraceno. Eles também são extremamente sensíveis à força percussiva. Lutando contra a escuridão, cercado de ratos ameaçadores, minha capacidade de concentração só podia deixar muito a desejar. E aquela operação tinha de ser conduzida com a mais absoluta cautela.

Procurei superficialmente à minha volta alguma coisa parecida com uma verruma, mas a tentativa foi em vão. Uma busca mais rigorosa da sinistra masmorra talvez tivesse produzido alguma coisa utilizável, mas simplesmente não me atrevia a enfiar minhas mãos nuas num buraco escuro e sinuoso qualquer. Não me orgulho do meu pavor por ratos, mas todos nós temos nossas fobias, e a minha, como estou certo de que todos concordarão, não era inteiramente irracional, teria de me arranjar com a caneta esferográfica que tinha no bolso. Ela funcionaria satisfatoriamente. Retirei seu cartucho de tinta.

Muito, *muito* cuidadosamente, inseri a ponta do cartucho de tinta no canal de fogo (*flash holé*) na base da cápsula e extraí a primeira espoleta de percussão. A segunda saiu muito mais facilmente, poucos minutos retirei as espoletas de seis dos cartuchos, deixando um intacto.

Senti uma coisa seca e escamosa passar de raspão na minha nuca e estremei. Meu estômago deu um nó instantaneamente.

O mais habilmente que pude, introduzi cada espoleta no cartucho intacto, empilhando-as uma em cima da outra. Despejei no espaço remanescente todo o explosivo de propulsão, socando-o com o dedo indicador. Tinha, agora, uma pequena bomba.

Em seguida, localizei um pedaço de madeira adequado, um pedaço de cano (enferrujado), uma garrafa de refrigerante descartada, um trapo, uma pedra grande e um prego comprido quase reto. A busca consumiu alguns minutos, que pareceram uma eternidade, com os ratos atropelando-se no chão - um inefavelmente horripilante tapete móvel, a meu ver. Meu estômago permanecia intumescido, um músculo dolorido, tenso. Eu tremia quase sem parar.

Com a pedra martelei o prego no pedaço de madeira até sua ponta aparecer do outro lado. Agora o fertilizante. Entre os muitos sacos de vinte e cinco quilos, havia dois com um teor de nitrogênio que variava de dezoito a vinte e nove por cento. Um tinha um teor de trinta e três por cento. Foi esse que escolhi. Abri o saco de plástico e tirei uma mão-cheia que pulverizei em outro pedaço grande de papel de saco de cimento. Um pequeno bando de ratos insinuou-se até a pilha, seus bigodes indóceis de curiosidade e cobiça. Dispersei-os com a garrafa de soda. Seus corpos eram bem mais sólidos e musculosos do que imaginara. Se tivesse que falar, não teria conseguido, tão paralisado de medo estava. De certa forma, porém, meu sistema nervoso autônomo me mantinha em ação roboticamente.

Rolando a garrafa de soda sobre as bolotas macias de fertilizante obtive um pó fino. Repetindo esse processo diversas vezes, consegui uma quantidade apreciável de fertilizante bem pulverizado. Em condições ideais, esse processo teria sido desnecessário, mas aquelas estavam longe de ser condições ideais. Antes de tudo, o agente sensibilizador deveria ser algo como o nitrometano, o fluido azul usado pelos entusiastas de motores envenenados para aumentar a octanagem do combustível. Mas não dispunha de nada parecido. Só havia gasolina, que teria que quebrar o galho, embora fosse muito menos eficiente. Portanto, pulverizar o fertilizante nitrogenado, diminuindo o diâmetro das bolotas, aumentando a área da substância e tornando-a mais reativa, era o mínimo que eu podia fazer.

Destampe a lata de gasolina e derramei-a cuidadosamente sobre o fertilizante em pó. Houve um grande alvoroço entre a chusma de ratos; pressentindo o perigo, eles debandaram espavoridos, executando piruetas assombrosas, buscando tumultuadamente os recessos da câmara.

Meticulosamente, enchi com o fertilizante sensibilizado o cano enferrujado, cuja extremidade eu tinha

vedado, deixando cair sobre ela uma pedra de bom tamanho. O cano tinha menos de dois centímetros de diâmetro, uma medida satisfatória. Enfiei no nitrato o cartucho que tinha preparado.

Ao admirar minha obra, tive uma súbita e desanimadora impressão de que minha bomba improvisada não explodiria. Os ingredientes básicos estavam lá, mas o seu efeito era totalmente imprevisível, lendo em vista sobretudo a maneira apressada e sofrida como montara a engenhoca.

Apelando para todas as minhas forças, enfiei o cano na argamassa que juntava as pedras na parede. O encaixe foi extremamente justo.

Quem sabe! Talvez funcionasse.

Se não funcionasse... Se *deflagrasse* em vez de *detonar*, falharia miseravelmente, enchendo o espaço diminuto de emanções tóxicas que me derrubariam, provavelmente me matariam. Havia também a possibilidade de uma falha na detonação do cano-bomba me aleijar, cegar ou coisa pior.

Coloquei a tábua comprida sobre o cano-bomba, que se projetava ligeiramente da parede, fazendo coincidir a ponta do prego com a base do cartucho. Prendendo a respiração, com o coração disparado, enrolei o trapo imundo em torno dos meus olhos, e apanhei a pedra que tinha usado momentos antes como martelo.

Segurei-a com a mão direita diretamente sobre o prego enfiado no pedaço de madeira.

E, recuando a pedra uns sessenta centímetros, arremessei-a com toda força contra a cabeça do prego.

A explosão foi tonitruante, e subitamente tudo à minha volta era um fantasmagórico clarão alaranjado, visível mesmo através do pano sujo firmemente amarrado em torno dos meus olhos, uma saraijada infernal de pedras e fogo, uma catarata de estilhaços, e todo o meu mundo transformou-se numa imensa bola flamejante. E isso foi a última coisa de que fui capaz de me lembrar.

Parte V

ZURIQUE

A Alemanha Elege Moderado como Próximo Chanceler

Alívio nas capitais mundiais quando a Alemanha em crise rejeita o novo fascismo e opta pelo centrista Wilhelm Vogel

Por Jean-Pierre Reynard de Bonn

A Europa não precisava mais temer a volta do nazismo, uma vez que os eleitores da Alemanha economicamente devastada votaram esmagadoramente a favor...

Branca, a mais macia, pálida roupa branca de cama: tinha consciência da cor branca, não de ausência de cor, mas de um intenso, rico e cremoso branco que me acalmava com sua tranqüila luminosidade.

E comecei a perceber suaves murmúrios que vinham de algum lugar muito distante.

Sentia-me como se estivesse flutuando numa nuvem, virando de cabeça para baixo e depois para cima, sem saber distinguir uma posição da outra, e não ligando a mínima.

Mais murmúrios.

Acabara de abrir os olhos que pareciam ter ficado grudados durante uma eternidade.

Tentei focalizar os vultos murmurantes à minha frente.

- Ele recuperou os sentidos - ouvi alguém dizer.
- Os olhos dele estão abertos.

Lentamente, muito lentamente, o ambiente que me cercava entrou em foco.

Estava num quarto que era todo branco; estava coberto com lençóis brancos e ataduras brancas enfaixavam meus braços - a única parte do meu corpo que conseguia ver.

Quando meus olhos recuperaram o foco, vi que o aposento em que me encontrava era um quarto simples com paredes de pedra caiadas. Estaria por acaso numa casa de fazenda, ou algo parecido? Onde é que estava? Um tubo intravenoso alimentava meu braço esquerdo, mas o lugar não se parecia com um hospital.

Ouvi uma voz masculina com sotaque estrangeiro:

- Sr. Ellison?

Tentei dizer alguma coisa, mas a voz não saía.

- Sr. Ellison?

Tentei outro vagido. E novamente não saiu nada, pensei, mas talvez estivesse enganado. Devo ter feito alguma espécie de ruído, porque a voz com sotaque disse:

- Ah. Bom.

Agora conseguia ver quem estava falando: um homem pequeno, de rosto estreito, com uma barba cuidadosamente aparada e olhos castanhos ternos. Vestia um suéter grosso de malha rústica e calças de lã cinzenta, e sapatos de couro gastos. Era um homem de meia-idade de ventre volumoso. Estendeu a mão macia, rechonchuda, na minha direção, e nos cumprimentamos.

- Meu nome é Boldoni - disse ele. - Massimo Boldoni.

Com grande esforço disse:

-Onde...?

- Sou médico, sr. Ellison, embora reconheça que não pareço com um doutor. - Ele falava inglês com um melífluo sotaque italiano. - Não estou usando meu jaleco de médico porque normalmente não trabalho aos domingos. Respondendo à sua pergunta, o senhor está na minha casa. Infelizmente, temos diversos quartos desocupados.

Ele deve ter percebido a expressão confusa no meu rosto, pois acrescentou:

- Isto aqui é um *podere*, uma antiga casa de fazenda. Minha esposa a administra como uma pousada, a Podere Capra.
- Eu não... - tentei dizer. - Como eu...?
- O senhor está reagindo muito bem, considerando tudo por que passou.

Olhei para meus braços enfaixados, e olhei de volta para o médico.

- O senhor tem muita sorte - disse ele. - Poderia ter comprometido seriamente sua audição. Sofreu queimaduras somente nos braços, e se recuperará rapidamente. As queimaduras não são graves; muito pouca pele foi queimada, como verá mais tarde. É um homem realmente de sorte. Suas roupas pegaram fogo, mas eles conseguiram chegar até o senhor antes que as chamas lhe causassem danos maiores.
- Os ratos - disse.
- Não se constatou sintomas de raiva, ou quaisquer doenças - ele me assegurou. - O senhor foi submetido a exames rigorosos. As mordidas superficiais foram tratadas e cicatrizarão muito rapidamente. Poderão ficar cicatrizes insignificantes, mas isso é tudo.

Receitei-lhe morfina para aliviar a dor, o que poderá lhe dar a impressão de às vezes estar voando, não é verdade?

Acenei a cabeça. Era de fato bastante agradável; não havia sensação de dor. Queria saber exatamente quem ele era, e como eu tinha ido parar naquele lugar, mas estava encontrando dificuldade para articular as palavras, e parecia estar sendo dominado pela inércia.

- Diminuirei a dosagem gradativamente. Mas agora alguns amigos seus estão querendo lhe fazer uma visita.

Ele deu meia-volta e bateu de leve algumas vezes numa pequena porta redonda de madeira. A porta se abriu, e ele se desculpou e retirou-se.

Senti minha garganta começar a latejar.

Numa cadeira de rodas, parecendo cansado e diminuído, estava Toby Thompson. De pé, ao lado dele, estava Molly.

- Oh, Deus, Ben - disse ela e correu para mim.

Nunca a tinha visto parecer tão bonita. Vestia uma saia de *tweed* marrom, uma blusa de seda branca, e exibia o colar de pérolas que eu havia comprado para ela na Shreve's, e o medalhão-camafeu de ouro de boa sorte que o pai lhe dera.

Beijamo-nos demoradamente.

Ela me olhou de alto a baixo, com os olhos cheios de lágrimas.

- Eu estava, nós estávamos, tão preocupados com você. Meu Deus, Ben.

Ela segurou minhas duas mãos.

- Como foi que vocês dois... conseguiram chegar lá? - disse com dificuldade.

Ouvi o zumbido da cadeira de rodas de Toby quando ele se aproximou.

- Receio que tenhamos chegado lá pouco tarde - disse Molly, apertando minhas mãos. A dor me fez

estremecer, e ela recolheu as mãos abruptamente. - Desculpe. Sinto muito.

- Como está se sentindo? - perguntou Toby. Ele estava vestindo um terno azul-marinho e calçava lustrosos sapatos pretos ortopédicos. Seus cabelos brancos estavam impecavelmente penteados.

- Veremos quando suspenderem os entorpecentes. Onde é que estou?

- Greve, em Chianti.
- O médico...

Massimo é da mais absoluta confiança - disse Toby. - Ele está na nossa folha, ocasionalmente precisamos de seus serviços médicos. De tempos em tempos usamos o Podere Capra como uma casa de segurança. Molly encostou uma de suas mãos no meu rosto, como se não conseguisse acreditar que eu estava realmente deitado ali, ao lado dela. Ao olhá-la mais de perto, percebi que ela estava exausta, com olheiras acentuadas por baixo dos olhos injetados, que obviamente lhe tinham dado muito trabalho para disfarçar com a maquiagem. Mas a despeito de tudo ela estava linda. Usava Fracas, meu perfume preferido; achava-a, como sempre, irresistível.

- Meu Deus, como senti falta de você - disse ela.
- Eu também, *baby*.
- Você nunca me chamou de "*baby*" antes - admirou-se.
- Nunca é tarde - murmurei - para começar a usar um novo tratamento carinhoso.
- Você não pára de me surpreender - disse Toby num tom sério. - Não sei como você conseguiu.
- Conseguiu o quê?
- Como conseguiu fazer um rombo na parede daquela construção de pedra. Se não tivesse explodido aquela masmorra, provavelmente estaria morto a esta altura. Aqueles caras estavam decididos a deixar você ali até que fosse comido vivo ou, mais certamente, morto de pavor. E é claro que nosso pessoal não teria sabido onde procurar se não fosse a explosão.
- Não compreendo - disse. - Como vocês souberam onde eu estava?
- Uma coisa de cada vez - disse Toby. - Conseguimos rastrear sua ligação de Siena em oito segundos.
- Oito? Mas eu pensei que...
- Nossa tecnologia de telecomunicações melhorou significativamente desde que você nos deixou. Você tem a capacidade de se certificar de que estou lhe dizendo a verdade, Ben. Se quiser chego minha cadeira mais perto.

Por enquanto a garantia dele era suficiente; de qualquer maneira, mesmo que quisesse, estava muito estonteado para poder concentrar minha mente.

- Assim que tivemos certeza de onde você estava através da localização da chamada telefônica em Siena, pudemos chegar lá.
- Graças a Deus - disse Molly. Ela continuava a segurar minhas mãos, como se eu pudesse escapulir caso não o fizesse.
- Providenciei imediatamente para que Molly fosse liberada, e ela e eu voamos para Milão, acompanhados por alguns rapazes da segurança. Na hora H, pode-se dizer. - Ele bateu com as mãos nos braços da cadeira de rodas. - O que não foi muito fácil, preso neste troço. Na Itália não dão muita bola para rampas destinadas a deficientes físicos. De qualquer maneira, tínhamos montado um bom sistema de alerta. Já lhe contei que se você puser mesmo uma pequena gota d'água na entrada de um formigueiro...

Suspirei.

- Me poupe das formigas, Toby. Não tenho forças.

Mas ele continuou, ignorando minha interrupção:

- As formigas-operárias saem correndo pelo formigueiro, dando o alerta, prevenindo contra uma possível inundação iminente, indicando até saídas de emergência. Em menos de meio minuto a colônia começa a evacuar o formigueiro.
- Fascinante - disse sem muita convicção.
- Desculpe-me, Ben. Eu me deixei empolgar. De qualquer forma, sua mulher vem supervisionando o dr. Boldoni bem de perto, certificando-se de que você tenha o melhor tratamento.

Virei-me para Molly.

- Quero a verdade, Mol. Qual é a gravidade dos meus ferimentos?

Ela sorriu com tristeza, contudo encorajadoramente. As lágrimas ainda brilhavam nos seus olhos.

- Você vai ficar bom, Ben. No duro. Não quero que você se preocupe.
- Abre o jogo.
- Você tem queimaduras de primeiro e segundo graus nos braços. Vai doer, mas não é coisa séria. Não mais de talvez quinze por cento do seu corpo foram atingidos.
- Se não é coisa séria, por que estou atrelado a toda essa parafernália? - Notei pela primeira vez que numa estranha atadura, enrolada na ponta do meu dedo indicador, estava uma luz vermelha, como o extraterrestre em *E.T.* Levantei o dedo. - Que diabo é isso?
- É um oxímetro de pulso. A luz vermelha é um raio laser. Mede a sua saturação de oxigênio, que se mantém a noventa e sete por cento. Sua pressão está um pouco alta, o que era de se esperar.

"Ben, você sofreu uma pequena concussão durante a explosão. O dr. Boldoni suspeitou que pudesse haver queimaduras provocadas pela inalação de fogo, o que poderia ser perigoso. Nesses casos, a traquéia pode se dilatar, e você pode morrer, se não for assistido cuidadosamente. Você estava expectorando uma substância, ele receou que fossem pedaços de sua própria traquéia. Mas eu examinei meticulosamente e verifiquei que era apenas fuligem, graças a Deus. Eliminamos a hipótese de queimaduras por inalação, mas há alguma inalação de fumaça.

- Então qual é o tratamento, doutora?
- Você está tomando fluidos IV. D-5 com metade do teor salino normal. E vinte K a duzentos por hora.
- Traduza, por favor.
- Desculpe, isso é potássio. Quero que você se hidrate bem, tome muitos fluidos. Terá de mudar os curativos diariamente. Essa coisa branca viscosa que você vê por baixo das ataduras é unguento.
- Você é um cara de sorte mesmo, tem uma médica pessoal que lhe presta assistência completa - disse Toby.
- Além disso, você vai precisar de muito repouso, na cama - ela concluiu. - Por isso trouxe-lhe alguma coisa para ler. - Dizendo isso, ela me entregou um punhado de revistas. No topo da pilha estava uma capa da revista *Time*, estampando uma fotografia de Alexander Truslow. Ele tinha uma boa aparência, vigorosa, embora o fotógrafo parecesse ter feito questão de enfatizar as bolsas embaixo de seus olhos. *A CIA em Crise*, dizia o título da capa, e logo abaixo: *Uma Boa Era?*
- Parece que Alex não consegue ter uma boa noite de sono há dez anos - observei.
- Há uma outra fotografia que lhe faz mais justiça - disse Toby. Ele tinha razão; na capa do *The New*

York Times Magazine, Alex Truslow, com seus cabelos brancos cuidadosamente penteados, sorria orgulhosamente. "Poderá Ele Salvar a CIA?" - perguntava a manchete.

Sorrindo orgulhosamente, depusitei no chão a pilha de revistas.

- Quando será sua confirmação pelo Senado?
- Ele já foi confirmado - respondeu Toby. - No dia seguinte à nomeação, o comitê de inteligência do Senado foi persuadido pelo presidente de que precisamos de um diretor *full-time* à frente da CIA o mais depressa possível. Um processo de confirmação demorado só iria causar tumulto. Ele foi confirmado por todos os membros do comitê com exceção, creio eu, de dois votos.
- Isso é fantástico - disse. - E aposto que sei quem foram os seus dois opositores. - Citei os nomes dos dois senadores integrantes do comitê mais declaradamente da extrema direita, ambos do Sul.
- Acertou na mosca - disse Toby. - Mas esses dois palhaços não representam nada comparados com os verdadeiros inimigos.
- Dentro da Agência - eu disse.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

- Então me diga uma coisa: Quem eram os rufiões que se faziam passar por policiais italianos?
- Ainda não sabemos. Americanos. Mercenários particulares é o meu melhor palpite.
- Agência?
- Você quer saber se era da CIA? Não, não há registro deles em parte alguma. Eles... eles foram mortos. Houve um... tiroteio bastante violento. Perdemos dois bons homens. Estamos transmitindo impressões digitais, fotos e outros dados essenciais pelos computadores para ver se aparece alguma coisa.

Ele olhou para o seu relógio.

- E a esta hora...

Um telefone numa mesa próxima tocou.

- Deve ser para você - disse ele.

41

Era Alex Truslow. A ligação estava boa; sua voz soava tão nítida que devia estar sendo transmitida eletronicamente, indicando que a linha era muito provavelmente estéril.

- Graças a Deus que você está bem - disse ele.
- E a vocês. - respondi. - Você está parecendo meio abatido na capa da *Time*, Alex.

- Margaret diz que eu estou parecendo que fui recentemente embalsamado. Talvez tenham escolhido uma foto tão pouco lisonjeira, porque eles se perguntam se vai haver realmente uma nova era, e concluem: Negativo, esse cara não está à altura da responsabilidade. Você sabe como é, sou considerado um fóssil antediluviano. As pessoas sempre querem sangue novo.

- Pois estão muito enganadas. Parabéns pela confirmação.
- O presidente teve realmente que fazer força para vencer a queda de braço. Mas o mais importante, Ben, é que quero que você volte.
- Por quê?
- Depois de tudo por que você passou...
- Ainda não pus a mão na mercadoria - confessei. - Você me falou de uma fortuna, estamos atrás dela, certo?
- Estamos, certamente.
- Tudo bem. Você me falou de uma fortuna, uma fortuna desaparecida, mas eu não tinha idéia da sua magnitude. Ou da sua origem.
- Se importaria de me revelar os seus progressos?
- Agora mesmo? - Olhei interrogativamente para Toby.

Por sua vez, ele olhou para Molly e disse:

- Não levaria a mal se eu lhe pedisse para nos deixar a sós por alguns minutos?

Os olhos de Molly estavam vermelhos e inchados, e lágrimas começaram a correr por suas faces. Ela olhou para ele.

- Levaria a mal, sim.

Pelo telefone, Alex disse:

-Ben?

Toby desculpou-se.

- É que precisamos discutir certos detalhes técnicos, enfadonhos...
- Sinto muito - disse ela friamente. - Não vou me retirar. Ben e eu somos sócios, e não serei posta à margem.

Seguiu-se um longo silêncio, e finalmente Toby disse num tom agradável:

- Pois, então, assim seja. Mas terei de contar com sua discrição.
- Pode contar com ela.

Pelo telefone, e ao mesmo tempo para Molly e Toby, relatei a essência do que Orlov me contara. Enquanto eu falava, os rostos de Toby e de Molly estampavam seu espanto.

- Meu Deus do céu - Truslow suspirou. - Agora faz sentido. E tão maravilhosamente agradável de ouvir! Hal Sinclair não estava envolvido em nenhuma atividade criminosa. O homem estava tentando salvar a Rússia. E claro. Agora, por favor, quero que você volte.
- Por quê?
- Pelo amor de Deus, Ben, esses homens que lhe submeteram a essa tortura infame, eles só podiam ter sido contratados pela facção.
- Os Homens Sábios.
- Só pode ser. Nada mais faz sentido. Hal deve ter confiado em alguém. Alguém de quem ele dependia para ajudá-lo nos complicados arranjos sobre o ouro. A pessoa em quem ele confiou era um agente duplo. De que outra maneira eles poderiam ter tomado conhecimento da existência do ouro?
- O mesmo lance de Boston?
- Possivelmente. Não, eu diria *provavelmente*.
- Mas isso não explica o que aconteceu em Roma - disse.
- Van Aver. É verdade. E você ainda insiste em saber por que o quero de volta.
- Quem é que estava por trás daquilo?
- Sobre aquele incidente não tenho a menor idéia. Não há provas que estabeleçam uma ligação com os Homens Sábios, embora eu não descarte a possibilidade. Certamente quem quer que tenha armado a emboscada conhecia os detalhes do encontro que você tinha planejado com ele. Talvez através de vazamento nas comunicações telegráficas entre Roma e Washington. Ou talvez tenha sido uma jogada local, quem é que vai saber?
- Local?
- Por meio de monitoramento do telefone de Van Aver, ou quem sabe através dos telefones de *todo* o pessoal que serve em Roma. Você sabe que há uma boa chance de estarmos falando de alguns dos ex-camaradas de Orlov. Jamais descobriremos com certeza. E muito esdranho.
- Como assim?
- Houve uma época em que não deixaria escapar a oportunidade de chefiar a CIA. Seria capaz de qualquer coisa para agarrar o cargo de diretor. Mas agora, agora que o consegui, ele me parece uma armadilha mortal. Sinto-me cercado de punhais ameaçadores. Muita gente importante não me quer neste lugar. Parece uma armadilha de onde não sairei com vida.

Você conseguiu ler os pensamentos de Orlov? - perguntou Toby assim que desliguei o telefone.

Acenei a cabeça.

Mas havia um porém. Orlov nasceu na Ucrânia.

- Ele se expressa em russo! - objetou Toby.
- Russo é o seu segundo idioma. Quando percebi que Orlov pensava em ucraniano, fiquei convencido de que não teria êxito. Um detalhe cruel. Mas aí me lembrei: aquele camarada da Agência que me testara, o dr. Mehta, especulara que eu não recebia *pensamentos per se*, mas ondas radiofônicas de frequência extremamente baixa, emitidas pelo centro produtor da fala no cérebro. Na verdade, eu podia ouvir palavras no momento em que o cérebro as preparava para serem faladas - ou *não*. Por isso passei a conversar em inglês e russo, pois sabia que Orlov falava ambas as línguas. E isso me permitiu compreender o que ele pensava, uma vez que sua mente agora inseria palavras em inglês nos seus pensamentos em ucraniano.
- Sim - disse Toby, acenando a cabeça. - Sim.
- Fiz-lhe diversas perguntas, sabendo que o que quer que resolvesse falar em voz alta, teria pelo

menos que *pensar* as respostas.

- Muito bem - disse Toby.
- As vezes - prossegui - ele fazia tanta força para *não* responder que pensava as palavras inglesas que *não queria* dizer.

A morfina começou a me dominar, tornando difícil a minha concentração. Não queria mais nada agora a não ser dormir por alguns dias.

Ele mudou de posição na sua cadeira de rodas, e depois aproximou-a de mim, acionando uma alavanca.

- Ben, há algumas semanas um ex-coronel da Securitate, a polícia secreta romena durante a ditadura do falecido Nicolau Ceausescu, contatou um velho conhecido nosso. - Ele estava me dizendo que os romenos tinham entrado em contato com um falsificador de documentos que forjava papéis de identidade para agentes *free-lancers*. - O qual, por sua vez, nos contatou.

Esperei que ele continuasse sua narrativa, e, após pouco mais de um minuto, ele retomou.

- Pegamos o romeno, que, sob intenso interrogatório, revelou saber de uma conspiração para matar certos funcionários graduados da inteligência americana.
- Conspiração de quem?
- Não sabemos.
- Quem eram os visados?
- Também não sabemos.
- E você acha que isso tem a ver com o ouro desviado?
- É possível. Agora, me diga uma coisa: o Orlov lhe disse onde esses bilhões de dólares estão enfiados?

- Não.

- Você acha que ele sabia mas não quis lhe dizer?

- Não.

- Ele não lhe deu nenhuma senha de acesso ou coisa parecida?

Ele estava visivelmente desapontado.

- Não é possível que, na realidade, Sinclair tenha dado um grande golpe? Tenha dito a Orlov que concordava com o esquema para remover os dez bilhões de dólares em ouro, e depois...
- E depois *o quê?* - exclamou Molly. Ela o encarou ferozmente. Duas pequenas manchas vermelhas afloraram às suas faces, e logo vi que ela ouvira mais do que podia suportar. Ela murmurou: - Meu pai era um homem maravilhoso, um homem *bom*. Era honesto e correto, tanto quanto os que mais o fossem. Pelo amor de Deus, a pior coisa que poderiam dizer dele é que ele era um homem de dupla personalidade.
- Molly... - Toby começou.
- Uma vez eu estava sentada com ele no banco traseiro de um táxi em Washington quando ele achou uma nota de vinte dólares enfiada entre o assento e o encosto e a entregou ao motorista. Ele disse que quem a tivesse perdido poderia se dar conta e entrar em contato com a companhia de táxis. Papai, eu disse, o motorista vai simplesmente embolsá-la...

- Molly - disse Toby, tocando na mão dela. Seu olhar era triste, temos de considerar todas as

possibilidades, por mais improváveis que possam ser.

Molly ficou calada. Seu lábio inferior tremeu. Procurei sintonizar seus pensamentos, mas ela estava um pouco distante, e não consegui reunir a energia mental necessária. Para ser honesto, nem sabia se ainda possuía meu estranho dom. Talvez a experiência por que passara na casa dos ratos em chamas o tivesse comprometido e ele desaparecera tão subitamente quanto surgira. Creio que não me importaria muito se ele tivesse desaparecido para sempre.

O que quer que fosse que estivesse pensando, ela estaria pensando com grande emoção. Mas, de qualquer maneira, podia imaginar o tormento por que estava passando, e tudo o que eu mais queria fazer era pular da cama e passar meus braços ao seu redor para consolá-la. Detestava vê-la naquele estado. E, no entanto, ali estava eu prostrado na cama, com os braços enfaixados, e a cabeça cada vez mais confusa.

- Não penso assim, Toby - disse com ar preocupado. - Molly tem razão: não faz sentido com o que sabemos sobre o caráter de Hal.
- Mas estamos de volta ao ponto de partida - disse ele.
- Não - respondi. - Orlov me deu uma pista.
- "*Siga o ouro*", ele disse. "*Siga o ouro.*" E ele estava pensando no nome de uma cidade quando falou isso.
- Zurique? Genebra?
- Não. Bruxelas. Há meios, Toby. Uma vez que a Bélgica não é conhecida como um grande centro de ouro, não deverá ser tão difícil assim descobrir onde dez bilhões de dólares em ouro poderão estar escondidos em Bruxelas.
- Tomarei as providências necessárias com respeito ao seu vôo - disse Toby.
- *Não, senhor!* - exclamou Molly veementemente. - Ele não vai a lugar algum. Ele precisa de repouso. Pelo menos, uma semana na cama.

Sacudi a cabeça, desalentadamente.

- Não, Mol. Se não seguirmos a pista imediatamente Alex será o próximo. E depois nós. A coisa mais fácil do mundo é simular "acidentes".
- Se deixar você sair dessa cama, estarei violando meu juramento hipocrático...
- O juramento que se dane - disse eu. - Nossas vidas estão em perigo. Uma fortuna imensa está em jogo, e se não a acharmos... você talvez não viva o suficiente para honrar seu juramento.

Quase sentindo o bafo de Toby, ouvi-o dizer:

- Estou com você - e com um guincho elétrico de sua cadeira de rodas ele começou a se afastar lentamente.

O quarto estava silencioso e tranqüilo. Na cidade, ficamos tão acostumados com os barulhos urbanos que não os ouvimos mais. Mas ali, numa remota região do norte da Itália, não havia barulhos exteriores. Da janela podia ver, à luz pálida da tarde toscana, um campo de girassóis murchos, mortos, com suas hastes altas, marrons, curvadas em piedosas fileiras.

Toby deixara Molly e eu sozinhos para conversarmos. Ela sentou-se na beira da minha cama, afagando distraidamente meus pés através do cobertor.

- Desculpe - eu disse.
- De quê?
- Não sei. Só queria pedir desculpa.
- Aceito suas desculpas.

- Espero que não seja verdade a respeito de seu pai.
- Mas no seu coração...
- No meu coração não acredito que ele tenha feito nada de errado. Mas temos de descobrir.

Molly deu uma olhada em volta do quarto, depois admirou pela janela a vista espetacular das colinas toscanas.

- Sabe de uma coisa? Seria capaz de morar aqui.
- Eu também.
- De verdade? Você acha que poderíamos?
- Abrindo, por exemplo, uma filial da Putnam & Stearns na Toscana? Está brincando!
- Mas com o seu talento para ganhar dinheiro... - Ela sorriu de esguelha. - Podíamos simplesmente nos mudar para aqui. Você deixaria o direito e viveríamos para sempre...

Um longo silêncio, e depois ela continuou.

- Quero ir com você a Bruxelas.
- Molly, é perigoso.
- Posso ajudá-lo. Você sabe disso. De qualquer maneira, você não deve viajar a menos que seja acompanhado por um médico. Não no estado em que você se encontra.
- Por que você não está mais se opondo a que eu viaje?
- Porque sei que não é verdade o que insinuam que papai teria feito. E quero que você prove.
- Mas você aceita a possibilidade, mesmo a probabilidade, de que se encontrar alguma coisa, poderá ser favorável a seu pai?
- Meu pai está morto, Ben. O pior já aconteceu. Nada que você possa descobrir desfará isso.

- Está certo. Ok. - Minhas pálpebras começavam a fechar, e eu não conseguia reunir forças para impedir isso. - Agora me deixe dormir.

- Telefonarei antecipadamente e encontrarei um hotel para nós em Bruxelas - ouvi-a dizer a um milhão de quilômetros de distância.

Ótimo, pensei; deixe que ela faça isso.

- Alex Truslow me advertiu sobre cobras no jardim - sussurrei. - E... estou começando a imaginar... se Toby não será uma das cobras.

- Ben, achei uma coisa. Uma coisa que poderá nos ajudar. - Ela disse mais alguma coisa que não cheguei a entender, e a sua voz se evaporou.

Um pouco mais tarde - talvez minutos, talvez segundos - julguei ouvir Molly sair sorratamente do quarto. Ouvi ovelhas balindo em algum lugar muito distante, e pouco depois dormia a sono solto.

42

Thompson nos acompanhou até a entrada do terminal da Swissair no aeroporto internacional de Milão. Molly lhe deu um beijo. Apertei-lhe a mão, e em seguida passamos pelo detector de metais no portão de embarque. Poucos segundos depois ouviu-se a chamada do voo da Swissair para Bruxelas. Sabia que naquele mesmo momento Toby estava embarcando num avião para Washington.

O entorpecente que vinha me mantendo nas nuvens nos dois últimos dias começava a perder seu efeito (embora ainda sentisse a cabeça muito confusa para poder "ler" Toby). Sabia que era melhor suspender a morfina se pretendia me manter alerta. Agora, meus braços, particularmente o lado direito de meus antebraços, pareciam estar em fogo. Latejavam, cada pulsação enviava punhaladas de dor até meus ombros. E em cima disso tudo, como cessara a ação do entorpecente, sentia uma terrível e ininterrupta dor de cabeça.

Contudo, consegui levantar minhas duas bolsas de viagem (não despachamos qualquer bagagem) e chegar até minha poltrona sem sentir muita dor. Toby adquirira passagens de primeira classe para nós e nos munira de novos passaportes. Éramos agora Carl e Margaret Osborne, proprietários de uma pequena, porém próspera, loja de presentes em Kalamazoo, Michigan.

Sentei-me na poltrona da janela, conforme solicitara, e observava atentamente a equipe de manutenção da Swissair correndo de um lado para outro na pista, concluindo suas checagens de última hora. Meu corpo estava retesado, sob grande tensão. A entrada da frente do avião que dava para a passarela de embarque tinha sido fechada e trancada alguns minutos mais cedo. A área da primeira classe me proporcionava um excelente posto de observação. Assim que vi os últimos membros da tripulação deixarem a área da cabine de comando e descerem para terra pela escada de serviço, comecei a gritar.

Erguendo os braços enfaixados para o alto, berrei:

- Deixem-me sair! Meu Deus! Oh, meu *Deus!* Deixem-me sair daqui!
- O que foi que houve? - Molly gritou para mim.

Praticamente todos os passageiros da primeira classe voltaram-se para nós. Olhavam-nos horrorizados. Uma comissária de bordo correu na minha direção.

- Oh, Jesus - gritei. - Tenho de descer, *agora!*
- Sinto muito, cavalheiro - disse a comissária de bordo. Ela era alta e loura, com um rosto despojado, um tanto masculino, de quem não é de muita conversa. - Não podemos permitir que passageiros desembarquem pouco antes da decolagem. Posso lhe ser útil em alguma coisa?
- O que é que está havendo? - Molly me perguntou.
- Deixem-me sair. - Levantei-me. - Tenho de desembarcar. A dor é insuportável.
- Cavalheiro! - a aeromoça suíça protestou.
- Pegue nossas malas! - disse para Molly. Com os braços ainda levantados, gemendo e me lamentando, comecei a abrir caminho pelo corredor. Molly pegou rapidamente nossas malas no compartimento de bagagem de mão em cima das poltronas, e conseguiu enfiar as alças a tiracolo de duas das valises nos seus ombros estreitos e, ao mesmo tempo, apanhar as outras duas com as mãos. Ela me seguiu pelo corredor em direção à frente do avião.

Mas a comissária de bordo bloqueou nossa passagem.

- Cavalheiro! Madame! Sinto muito, mas o regulamento estipula...

Uma senhora de idade gritou apavorada:

- Deixem ele sair daqui!

- Meu Deus - *gritei.*

- Senhor, o avião já vai decolar.

- *Mexa-se!* Saia da nossa frente! - Era Molly, fora de si. - Sou a médica dele! Se não nos deixar sair desse avião imediatamente, um processo judicial desse tamanho vai cair no seu colo. Estou me referindo

pessoalmente à senhora, e vai sobrar para a companhia também, está me entendendo?

A mulher arregalou os olhos enquanto recuava no corredor e depois se encolhia contra uma fila de poltronas para nos deixar passar. Com Molly a reboque, às voltas com nossa bagagem, desci a escada de serviço, que, graças a Deus, ainda estava encaixada na lateral do avião.

Atravessamos a pista correndo e reentramos no terminal. Uma vez lá dentro, peguei todas as malas que estavam com Molly - ia doer mas certamente podia fazê-lo - e puxei-a para o meu lado enquanto corria para o balcão da Swissair.

- Que diabo está acontecendo?
- Cale a boca... Fique calada por alguns minutos!

Felizmente, os agentes de viagem da Swissair não tinham visto de onde tínhamos vindo. Tirei do bolso um maço de notas (gentileza, também, de Toby) e comprei duas passagens de primeira classe para Zurique. O vôo saía dentro de dez minutos.

Foi só o tempo de embarcarmos.

Embora o vôo da Swissair de Milão para Zurique fosse agradável e sem surpresas - sempre preferi a Swissair a qualquer outra companhia de aviação - passei quase toda a viagem em agonia física.

Beberiquei um Blood Mary e tentei esvaziar minha mente. Molly dormia pesado depois da refrega. Antes de entrar no avião, antes mesmo da acidentada troca de vôo, ela se queixara de estar indisposta, de se sentir enjoada. Não dera maior importância, atribuiu o mal-estar a algum vírus que pegara no vôo para a Itália num 747 que, segundo ela, mais parecia um "tubo de pasta de dentes". Obviamente ela não gostava muito de voar.

Chegara à conclusão que seria insensatez confiar em Toby naquela altura dos acontecimentos. Talvez estivesse sendo demasiadamente desconfiado. Mas não podíamos mais correr riscos, e se Toby fosse a cobra no jardim..

Daí ter dito a ele que estava indo para Bruxelas. Não, Orlov não tinha pensado "Bruxelas", mas só eu sabia disso. Dentro de uma hora ou pouco mais do que isso, tinha certeza, o pessoal da CIA em Bruxelas descobriria que o sr. e a sra. Carl Osborne não tinham chegado no vôo procedente de Milão, e alarmes seriam acionados. Portanto, na melhor das hipóteses, aquela era uma manobra de despistamento temporário; mas era melhor do que nada.

Siga o ouro, Orlov me havia dito alguns segundos antes do seu brutal assassinato. *Siga o ouro*.

Agora compreendia o que ele tinha querido dizer. Pelo menos assim pensava. Ele e Sinclair tinham ultimado sua transação em Zurique. Ele não me dissera o nome do banco, mas pensara alguma coisa, pensara um nome. *Koerfer*: só podia ser um nome. Seria o nome de um banco? Ou de um indivíduo? Teria que localizar o banco em Zurique onde os dois mestres da espionagem tinham se encontrado.

Siga o ouro significava seguir a trilha do papel, que era a única maneira de descobrir a natureza do animal que matara Sinclair. E, muito provavelmente, a única maneira de Molly e eu permanecermos vivos.

Tentei relaxar. Uma das primeiras perguntas que ele me fez, depois de concluído meu depoimento, foi se minha... *habilidade*, como ele delicadamente a chamou, tinha ficado intacta ao incêndio, li a verdade é que não soube o que responder na ocasião; ainda não tinha a força ou a vontade necessárias para me concentrar suficientemente.

Agora, entretanto, reuni meus recursos e tentei, enquanto Molly dormia. Minha cabeça doía - mais do que em qualquer enxaqueca que já tivera. Isso se relacionaria com os ferimentos que recebera no incêndio?

Ou, mais ominosamente, teria alguma coisa a ver com o poder que eu adquirira no laboratório do Projeto Oráculo? Era um sintoma de alguma coisa que começava a degenerar, a dar errado? Quem tinha sido - Rossi? Toby? - que mencionara, muito casualmente, que a única pessoa em quem o protocolo funcionara,

o holandês, acabara maluca? O clamor na cabeça dele o levava ao suicídio. Começava a compreender o impulso.

Contudo, ao mesmo tempo, receava que aquela maldita habilidade telepática, que me metera naquela enrascada, afinal, pudesse ter me deixado.

Por isso enruguei a testa, apertei os olhos, franzi as sobrancelhas, tentei tornar minha mente receptiva, e tive dificuldade. Estava cercado de sons, o que tornava enlouquecedoramente difícil separar as ondas de frequência extremamente baixa. Havia o barulho dos motores do avião, abafado, monótono, embalador; o murmúrio indistinto das conversas de passageiros próximos; a gargalhada estridente de alguém sentado nos fundos, no setor dos fumantes; o choro de uma criança algumas poltronas atrás de nós; o tinido de miniaturas de garrafas e o chacoalhar de latas nos carrinhos conduzidos pelas aeromoças nos corredores. Molly dormia ao meu lado, mas não queria particularmente violar a promessa que lhe fizera. O próximo passageiro - estávamos viajando na primeira classe, afinal de contas - ficava a uma boa distância de mim.

Inclinei a cabeça furtivamente na direção de Molly, concentrei-me, e a ouvi murmurar alguma coisa em voz alta. Ela mudou de posição subitamente, como se estivesse detectado minha proximidade, e abriu os olhos.

- O que está fazendo? - perguntou.
- Checando você - disse rapidamente.

- Ah, é?

- Como é que você está se sentindo?
- Péssima. Ainda enjoada.
- Sinto muito.
- Obrigada. Vai passar. - Ela aprumou-se na poltrona vagarosamente, massageou o pescoço. - Ben, você tem uma idéia precisa do que vamos fazer em Zurique?
- Mais ou menos - respondi. - Vamos ter de apelar para a intuição.

Ela acenou a cabeça, tocou na minha mão direita.

- Como é que vai a dor?
- Diminuindo - menti.
- Valeu a tentativa de querer dar uma de macho, mas sei muito bem como deve estar doendo. Se quiser, logo mais à noite, lhe darei alguma coisa para ajudá-lo a dormir. As noites são piores, porque você não pode evitar rolar por cima dos braços.
- Não será necessário.
- Se quiser, é só falar.
- Pode deixar.
- Ben? - Olhei para ela. Seus olhos estavam avermelhados. - Ben, tive um sonho com papai. Mas provavelmente você sabe disso.
- Eu lhe disse Molly, eu não...
- Deixa pra lá. Esse sonho que tive... Sabe como é, todos esses lugares onde vivi quando era garota, Afeganistão, Filipinas, Egito? Desde que me entendo por gente, até onde posso me lembrar, sempre senti a ausência dele. Creio que isso é muito comum entre os filhos do pessoal da CIA, nossos pais estão longe a maior parte do tempo, e não sabemos onde, por que, o que eles fazem, e nossos amigos não param de perguntar por que o pai da gente nunca está presente, esse tipo de papo, você sabe. Parecia que o papai nunca estava em casa, só muito mais tarde é que compreendi *por que*, mas me

lembro de pensar que se fosse boazinha com a mamãe, ele passaria mais tempo em casa brincando comigo. Quando fiquei mais velha e ele me disse que trabalhava na CIA, aceitei o fato sem maiores problemas - acho que já desconfiava, e alguns de meus amigos tinham chegado a especular sobre a hipótese comigo. Mas isso não tornou as coisas mais fáceis.

Ela inclinou sua poltrona para trás, ficando quase na horizontal, e fechou os olhos, como se estivesse numa sessão de análise.

- Quando ele ficou publicamente identificado como funcionário da CIA, as coisas também não ficaram melhores. Ele trabalhava o tempo todo, um verdadeiro escravo de sua carreira. Então o que foi que eu fiz? Tornei-me uma escrava da *minha* carreira, segui medicina, que em alguns aspectos é até pior.

Notei que ela começara a chorar, o que atribuí ao fato de estar cansada, ou ao drama por que tínhamos acabado de passar.

Ela continuou soluçando, e suspirou profundamente.

- Acho que sempre imaginei que ele e eu passaríamos a nos conhecer melhor quando ele se aposentasse, e quando eu tivesse constituído minha família. E agora... - Sua voz baixou, ficou engasgada, aguda. Era novamente uma menininha. - E agora, nunca mais...

Não consegui continuar, mas eu passei a mão nos seus cabelos para que soubesse que não precisava. A última vez que tinha visto o pai de Molly tinha sido numa viagem de trabalho a Washington. Ele já era diretor da Agência há alguns meses. Eu estava em Washington tratando de uma questão legal. Não havia nenhuma razão especial para que eu lhe telefonasse do Jefferson, onde estava hospedado. Provavelmente eu queria, de certo modo, embarcar na onda da nova importância de Hal, de ter meu sogro ocupando um cargo tão proeminente. Egoísmo, vaidade? Naturalmente. Queria, no íntimo, ser bafejado com os reflexos da glória alheia. Sem dúvida, também, queria voltar para o quartel-general da CIA em triunfo, mesmo que o triunfo pertencesse a outra pessoa.

No telefone Hal disse que teria muito prazer em se encontrar comigo para um almoço ligeiro ou um drinque (ele se tornara um fanático pela preservação da saúde, deixando de tomar qualquer bebida alcoólica; só bebia cerveja sem álcool ou seu pseudo-coquetel favorito de suco de amora, soda e limão). Mandou um carro com motorista ao meu hotel para me levar ao McLean, o que me deixou preocupado: e se o *The Washington Post* soubesse que Hal estava abusando do poder? Harrison Sinclair, aquele pilar de retidão, tinha mandado uma limusine do governo, à custa do contribuinte, apanhar seu genro. Que poderia muito bem ter tomado um táxi. Será que minha fotografia ia aparecer na primeira página da edição de amanhã do *Post*, embarcando num chapa-branca do governo?

Ao contrário de minha última vez na CIA, quando saí de fininho com uma caixa de papelão debaixo do braço, atravessando sozinho o cavernoso vestíbulo em direção ao estacionamento, dessa vez minha chegada foi realmente triunfal. Fui recebido na entrada por Sheila McAdams, a atraente assistente-executiva de trinta e poucos anos de Hal, que me conduziu ao elevador de acesso ao gabinete dele.

Ele irradiava saúde. Pareceu realmente contente em me ver. Em parte, acredito, porque tinha oportunidade de exibir seus novos domínios. Almoçamos na sua sala de refeições particular: saladas gregas, sanduíches de berinjela grelhada e copos de suco de amora gelado com soda e limão.

Conversamos um pouco, perfunctoriamente, sobre o assunto que me levava a Washington. Falamos sobre as mudanças verificadas na Agência desde a derrocada da União Soviética, sobre o que ele planejava fazer durante sua gestão. Fofocamos de passagem sobre pessoas que conhecíamos. Fizemos algumas considerações de ordem política. Ao todo, um almoço agradável, sem nada de excepcional.

Mas nunca me esquecerei de uma coisa que ele me disse quando eu estava indo embora. Ao me

encaminhar para a porta de saída, ele botou o braço nos meus ombros e disse:

Pensando bem, nunca chegamos a falar sobre o que aconteceu em Paris.

Olhei-o com estranheza.

- O que aconteceu com você, quero dizer...

- Sim... - eu disse.
- Algum dia gostaria de conversar sobre isso. Há uma coisa que quero lhe dizer.

Senti-me instantaneamente nauseado.

- Conversemos agora - disse. Fiquei aliviado quando ele disse:
- Não posso.
- Sua agenda deve ser muito...
- Não, não se trata disso. É que realmente não posso. Haveremos de falar. Não agora, mas breve.

Nunca falamos.

Quando Molly e eu chegamos ao aeroporto de Kloten, pegamos um táxi Mercedes para o centro de Zurique. Passamos pela gigantesca, recentemente reformada, Hauptbahnhof, contornamos a estátua de Alfred Escher, o político do século XIX homenageado por ter tornado Zurique um centro bancário moderno.

Tinha feito reservas para nós no Savoy Baur en Ville, o mais antigo hotel da cidade e um dos favoritos entre advogados e homens de negócios americanos abastados. Tinha sido restaurado em 1975, e ficava em plena Paradeplatz, perto de tudo - e, o que era mais importante, ao lado da Bahnhofstrasse, onde quase todos os edifícios abrigam bancos.

Registramo-nos e subimos para nosso quarto, que era agradável muito bronze e armários de marchetaria - nem moderno nem antigo. Conversamos um pouco até ficarmos muito sonolentos para podermos continuar. Novamente ela se ofereceu para me dar um sedativo, que recusei. Observei Molly se entregar aos poucos ao sono; tentei acompanhá-la. Precisava desesperadamente dormir, mas o sono não vinha. A dor nas minhas mãos e nos meus braços manifestava-se através de um calor latejante, e minha mente girava com os acontecimentos, as revelações, dos últimos dias.

Num dos cofres nos subterrâneos da Bahnhofstrasse, a alguns metros do nosso hotel, encontrava-se a resposta ao que acontecera a mais de dez bilhões de dólares em ouro roubados da ex-União Soviética, a resposta ao enigma da morte de Sinclair. Dentro de poucas horas, muito provavelmente, estaríamos muito perto de solucionar o mistério. Gostaria que já fosse de manhã.

Na mesinha-de-cabeceira, ao lado da base do abajur, estava um exemplar do *International Herald-Tribune* que o hotel deixara para nós no quarto. Apanhei-o e passei os olhos ociosamente na primeira página.

Uma das matérias, um artigo de uma coluna do lado direito da página, era encimada pela fotografia de um rosto que se tornara bastante familiar para mim. Embora não me surpreendesse ao ver a notícia publicada, o seu conteúdo era ominoso.

Último chefe da KGB Encontrado Assassinado no Norte da Itália

Por Craig Rimer w
Washington Post Service

ROMA - Vladimir A. Orlov, último chefe da agência de inteligência soviética - a KGB - foi encontrado morto pela polícia local em sua residência, a vinte e cinco quilômetros de Siena. Ele tinha 72 anos.

Fontes diplomáticas daqui revelaram que o sr. Orlov estava escondido na região toscana da Itália há muitos meses desde sua deserção da Rússia.

As autoridades italianas confirmam que o sr. Orlov foi morto num ataque armado. Seus assaltantes não foram identificados, mas acredita-se que sejam inimigos políticos da Máfia siciliana. Segundo informações não confirmadas, o sr. Orlov estaria envolvido em operações financeiras ilícitas antes de sua morte.

O governo russo recusou-se a comentar a morte do sr. Orlov, mas numa declaração distribuída esta manhã em Washington, o recentemente nomeado diretor da CIA, Alexander Truslow, disse: "Vladimir Orlov presidiu o desmantelamento do maior órgão da opressão soviética, pelo que devemos todos lhe ser gratos. Lamentamos seu passamento."

Sentei-me na cama, com meu coração pulsando juntamente com minha cabeça, minhas mãos e meus braços latejantes. O artigo ao lado focalizava o novo líder da Alemanha. "Vogel" - dizia a manchete - "Estreita os Laços Americanos."

O texto esclarecia: "O chanceler eleito da Alemanha, Wilhelm Vogel, cuja eleição por maioria esmagadora ocorreu poucos dias após o *crash* do mercado de valores alemão, que levou a nação ao pânico, convidou o recém-confirmado chefe da CIA, Alexander Truslow, a vir à Alemanha para consultas sobre a melhor maneira de assegurar relações estáveis entre os Estados Unidos e a Alemanha. O novo diretor do órgão de inteligência aceitou o convite imediatamente como sua primeira visita oficial a um país estrangeiro, e acredita-se que irá a Bonn para um encontro com o chanceler eleito assim como o colega alemão do sr. Truslow, o diretor do *Bundesnachrichtendienst*, ou seja, Serviço Federal de Inteligência Alemã, Hans Koenig..."

Percebi de pronto que Truslow estava em perigo.

Era a justaposição.

Vladimir Orlov advertira sobre russos da linha-dura assumindo as rédeas do seu país. O que meu amigo correspondente inglês Miles Preston havia dito sobre uma Rússia fraca ser necessária para uma Alemanha forte? Orlov, que com Harrison Sinclair tentara salvar a Rússia, estava morto. Um novo líder alemão tinha subido ao poder na esteira de uma Rússia enfraquecida, limitada.

Os teóricos da conspiração, entre os quais (como já disse) não me alinho, gostam de escrever e falar sobre neonazistas, como se toda a Alemanha não quisesse outra coisa senão a volta do Terceiro Reich. É um disparate, absoluta insensatez - os alemães que fiquei conhecendo e dos quais conseqüentemente passei a gostar, durante minha breve estada em Leipzig, não eram nada disso. Não eram nazistas, ou camisas-pardas; não ostentavam suásticas, ou qualquer coisa parecida. Eram uma gente boa, decente, patriótica, essencialmente semelhante ao russo médio, ao americano médio, ao sueco médio, ao cambojano médio.

Mas a questão não era o povo, era?

É a Alemanha, cara, Miles dissera. A onda do futuro. Estamos às vésperas de ver uma nova ditadura alemã. E ela não acontecerá acidentalmente, Ben. Ela está sendo planejada há muito tempo.

Sendo planejada...

E Toby havia alertado para uma conspiração de assassinato iminente.

E aí tive um estalo, um lampejo na sinistra escuridão, um breve momento de intuição.

Foi a fotografia de Vladimir Orlov assassinado que provocou meu *insight*. Ele tinha mencionado o *crash* do mercado de valores americano em 1987.

Um *crash* do mercado de valores, para usar sua expressão não é necessariamente um desastre para quem

está preparado para ele. Muito pelo contrário, um grupo de especuladores espertos pode obter grandes lucros num *crash* da bolsa de valores...

Os Homens Sábios, eu tinha perguntado, ganharam dinheiro com o colapso do mercado acionário? *Certamente, ele respondera.* Usando um programa de transações computadorizado e mil e quatrocentas contas de aplicações separadas, calibrando-se precisamente com a Nikkei de Tóquio e acionando alavancas exatamente ao mesmo tempo, e à velocidade certa, eles não só ganharam quantias fabulosas no *crash*, Sr. Ellison, eles o provocaram.

Se os Homens Sábios tinham sido capazes de causar a significativa - conquanto, ao mesmo tempo, relativamente benigna - crise no mercado de valores em 1987...

...teriam feito a mesma coisa na Alemanha?

Havia, Alex tinha prognosticado sombriamente, um câncer de corrupção na CIA. Uma corrupção que incluía a coleta e o uso de dados de inteligência econômica do mais alto sigilo do mundo inteiro para manipular mercado de valores, e conseqüentemente nações.

Seria isso possível?

E haveria um motivo oculto para o Chanceler eleito Vogel convidar Alexander Truslow a visitar a Alemanha?

E se houvesse protestos em Bonn contra esse chefe da espionagem americana? Afinal, demonstrações neonazistas faziam parte do noticiário constantemente. Quem ficaria surpreso se Alexander Truslow fosse assassinado por "extremistas" alemães? Seria um plano perfeito, lógico.

Alex, que certamente sabia demais sobre os Homens Sábios, sobre o *crash* do mercado de valores alemão...

Eram nove horas da noite em Washington quando minha ligação para Miles Preston foi completada.

- O *crash* do mercado de valores alemão? - ele ecoou asperamente, como se eu tivesse fora do meu juízo normal. - Ben, o *crash* alemão aconteceu porque os alemães finalmente criaram um mercado de valores único, unificado, a Deutsche Börse. Não podia ter acontecido há quatro anos. Agora me diga uma coisa: qual a razão desse súbito interesse pela economia alemã?
- Não posso dizer, Miles...
- Mas o que você está fazendo? Você está em algum lugar da Europa, não é verdade? Onde?
- Digamos apenas que estou na Europa.
- O que você está procurando?
- Sinto muito.
- Ben Ellison, nós somos amigos. Abra o jogo comigo.
- Se pudesse, o faria. Mas não posso.
- Tudo bem. Mas se pretende levar adiante seja lá o que estiver fazendo, deixe-me pelo menos ajudá-lo. Posso levantar informações, falar com amigos. Diga-me onde posso localizá-lo.
- Infelizmente não posso...
- Então me telefone...
- Manterei contato, Miles - disse, e concluí a ligação.

Somente então comecei a ter um pressentimento.

Fiquei sentado na beira da cama por muito tempo, olhando pela janela para a elegante vista da Paradeplatz, seus edifícios reluzindo ao sol, e momentaneamente fiquei paralisado, tomado por um imenso, massacrante pavor.

Não dormi; não consegui.

Em vez disso, liguei para um dos muitos advogados que conhecia em Zurique, e tive a sorte de encontrá-lo na cidade, no seu escritório. John Knapp era um advogado especializado em direito corporativo - o único ramo mais chato que direito de patentes, que me *agradava*. Ele estava morando em Zurique, trabalhando na sucursal de um prestigioso escritório de advocacia americano, mais ou menos há uns cinco anos. Também sabia mais sobre o sistema bancário suíço do que qualquer pessoa que eu conhecia, tendo estudado na Universidade de Zurique e supervisionado algumas transações secretas de reputação mais do que duvidosa para certos clientes. Knapp e eu nos conhecíamos desde os tempos de faculdade, onde fomos colegas de turma, e ocasionalmente jogávamos *squash*. Desconfiava de que, no fundo, ele não me topava, e, de minha parte, o sentimento era recíproco, mas questões profissionais freqüentemente nos aproximavam, e ambos simulávamos ser bons e velhos camaradas, atitude muito comum nas amizades masculinas.

Deixei um bilhete para Molly, que ainda dormia, dizendo que voltaria dentro de uma ou duas horas. Tomei um táxi em frente ao hotel e pedi ao motorista que me levasse ao Kronenhalle na Ramistrasse.

John Knapp era um homem baixo, magro, portador de um mal comum aos homens de pequena estatura. Como um cachorrinho chihuahua tentando ameaçar um São Bernardo, ele assumia e fazia gestos imperiosos que beiravam o ridículo, parecendo caricaturas. Tinha pequenos olhos castanhos e usava o cabelo castanho cortado baixo, com uma franja que o fazia parecer com um monge dissoluto. Depois de todos aqueles anos em Zurique, ele começara a adquirir uma certa cor local e a vestir-se como um banqueiro suíço; usava um terno azul-marinho de corte inglês e uma camisa listrada cor de vinho, provavelmente da Charvet de Paris; suas abotoaduras de seda trançada certamente eram de lá. Aquele era um sujeito que lera todos os livros sobre poder e sucesso e sabia como ninguém organizar um almoço de pesos pesados, e garantir para si uma sala de quina no escritório.

O bar no Kronenhalle estava tão cheio que tive de me espremer para conseguir um lugar. Mas seus *habitués* eram sem dúvida a fina flor de Zurique. Knapp, que gostava de viver em grande estilo, colecionava lugares como aquele. Costumava esquiar em St. Moritz e Gstaad.

- Santo Deus, o que foi que aconteceu com suas mãos? - ele perguntou ao apertar minha mão direita enfaixada com mais força que devia e perceber que eu recuara instintivamente.
- Uma manicure desastrada - pilheriei.

Seu olhar de horror transformou-se instantaneamente numa expressão de exagerada hilariedade.

- Tem certeza de que não esfolou os dedos na sua empolgante atividade de manusear processos de patentes?

Sorri, senti-me tentado a revidar (sei que os advogados corporativos são especialmente vulneráveis a gozação), mas não disse nada. É importante ter em mente, a mim me parece que um chato é aquele que fala quando você quer que ele ouça. E no meu caso, num instante, ele teria esquecido tudo sobre minhas mãos enfaixadas.

Vencidas as preliminares, ele perguntou:

- Então, o que o traz à cidade-Z?

Eu estava tomando um uísque; ele fizera questão de pedir uma *kirschwasser* em *schweitzerdeutsch*, o

dialeto suíço alemão.

- Desta vez, receio que terei de ser um pouco circunspecto - respondi. - Negócios.
- Ah-ah - disse ele significativamente. Sem dúvida ele teria sabido através de um de nossos amigos que eu tinha servido durante um certo período à Agência. Provavelmente ele pensava que essa era a chave do meu sucesso jurídico (e, naturalmente, não estaria muito longe da verdade). No meu caso, achei que era melhor agir misteriosamente com Knapp do que inventar uma história tola qualquer para acobertar minhas reais intenções.

Fingi abrandar um pouco minha postura.

- Tenho um cliente que possui bens aqui que ele está tentando localizar.
- Isso não foge um pouco à sua linha de atividade?
- Não inteiramente. Relaciona-se com uma transação que minha firma está conduzindo. Não leve a mal, mas não posso adiantar muito mais do que isso.

Ele comprimiu os lábios e esboçou um sorriso, como se soubesse mais sobre o que eu me referia do que eu mesmo.

- Vamos aos fatos.

O barulho no ambiente era tão alto que a simples idéia de ler a sua mente era absurda. Tentei algumas vezes, debruçando-me sobre ele, concentrando-me o mais que podia, mas nada. Entretanto, não havia nada que eu quisesse saber dele que ele não dissesse em voz alta. Tão banais e primários os pensamentos de Knapp certamente seriam.

- Até onde vão seus conhecimentos sobre ouro?
- Quanto você quer saber?
- Estou tentando rastrear um depósito de ouro feito num dos bancos daqui.

- Qual deles?

- Não sei.

Ele sorriu zombeteiramente.

- Há quatrocentos bancos registrados aqui, meu caro. Quase cinco mil agências. E milhões de onças de ouro entram na Suíça anualmente, da África do Sul ou seja lá de onde for. Boa sorte.

- Quais são os maiores?
- Os maiores bancos? Os três Grandes - o *Anstalt*, o *Verein*, e o *Gesellschaft*.
- Hein?
- Perdão. O *Anstalt* é o que nós chamamos de Credit Suisse, ou *Schweizerische Kreditanstalt*. O *Verein* é o Swiss Bank Corporation. O *Gesellschaft* é o Union Bank da Suíça. Então você está procurando ouro depositado num dos três grandes, só que você não sabe qual deles?
- É isso aí.
- Quanto ouro?
- Toneladas.
- *Toneladas?* - Outro sorriso. - Duvido seriamente. De que é que estamos falando, de um *país!*

Abanei a cabeça.

- Uma empresa próspera.

Ele deu um assobio de incredulidade. Uma loura num vestido colante verde-claro olhou para ele, julgando-se equivocadamente objeto de sua admiração, mas logo virou-lhe o rosto. Presumivelmente não teria interesse num monge dissoluto de terno azul-marinho.

- Então, qual é o problema? - perguntou ele, virando sua *kirschwasser* e estalando os dedos para que o garçom lhe trouxesse outra. Alguém esqueceu o número da conta?
- Me acompanhe por um segundo - eu estava começando a falar igual ao Knapp, e não estava gostando nada. - Se uma quantidade considerável de ouro fosse transferida para Zurique e depositada numa conta numerada, para onde ela iria, fisicamente?
- Caixas-fortes subterrâneas. Na verdade, isso está se tornando um problema sério para os bancos daqui. Tanto dinheiro e ouro para armazenar, e um espaço cada vez mais acanhado, porque leis municipais não permitem a construção de edifícios mais altos. A solução é cavar buracos no subsolo como toupeiras.
- Debaixo da Bahnhofstrasse.
- Exatamente.
- Mas não seria mais prático vender o ouro aqui e transformá-lo em ativos líquidos? Marcos alemães, francos suíços ou qualquer outra moeda forte?
- Não necessariamente. O governo suíço tem pavor de inflação. Por isso impõe limites ao montante de dinheiro que os estrangeiros podem acumular. Chegou até a haver um teto de cem mil francos para as contas estrangeiras.
- Ouro não rende juros, certo?
- Claro que não - disse Knapp. - Pelo amor de Deus, ninguém deposita dinheiro na Suíça pensando em *juros*. As taxas de juros dos bancos suíços são ridículas, um por cento. Ou zero. As vezes, você tem até de *pagar* pelo privilégio de manter seu dinheiro aqui. Não estou brincando. Muitos bancos cobram algo como um e meio por cento sobre todos os saques.
- Estou percebendo. Agora, é possível dizer qual a procedência do ouro só de olhar para ele, não é verdade?
- De certo modo. O ouro, o tipo de ouro que os bancos centrais usam como suas reservas monetárias, é guardado na forma de lingotes, geralmente quatrocentas onças *troy* por barra. Na maioria das vezes ouro "três noves", que significa que é 99,9 por cento puro. Invariavelmente é estampado com número de contraste, e de série.

O garçom voltou com a *kirschwasser*, e Knapp virou o copo sem se dar conta de onde ele se materializara.

- Para cada lote de dez barras de ouro, uma é contrastada. Para isso são perfurados orifícios em seis lugares diferentes e são raspados alguns miligramas da barra. Mas, respondendo à sua pergunta: sim, é possível dizer de onde procede a maior parte do ouro.

Ele sorriu furtivamente, e, pensativo, com gosto tomou um gole do seu drinque.

- Você devia experimentar essa bebida. A gente passa realmente a apreciá-la. De qualquer maneira, o mercado do ouro é uma coisa muito estranha, muito sensível. Lembro-me de quando ele enlouqueceu não faz muito tempo. Os soviéticos estavam tentando vender um carregamento de ouro aqui, e alguém notou que algumas barras estavam estampadas com as *águias czaristas*. Os gnomos entraram em órbita.

- Por quê?

- Isso é pergunta que se faça? O fato ocorreu no Natal de 1990. Usinas de ouro com as águias dos Romanoff! O governo de Gorbachev estava em queda livre, entrando aceleradamente pelo cano, e tentava negociar o ouro de que ainda dispunha. Estava raspando o fundo do barril. Se não estivesse na pior por

que motivo estaria lançando mão das suas últimas reservas czaristas? O resultado foi que o preço do ouro subiu cinqüenta dólares a onça.

Gelei no meio de um gole, o sangue subiu para minha cabeça.

- E aí? - perguntei.
- E aí? E aí nada. No fim tudo não passou de um golpe muito bem bolado. Uma jogada pra lá de sofisticada, num lance audacioso de desinformação financeira de parte dos soviéticos. Descobriu-se mais tarde que eles tinham misturado deliberadamente algumas velhas barras czaristas no carregamento. Observaram a distância o mercado entrar em pânico, como sabiam que fatalmente aconteceria, e depois descarregaram seu ouro ao preço artificialmente elevado. Um golpe magistral, não é mesmo? Nem todos os soviéticos eram tão idiotas como muitos pensavam.

Pensei em silêncio por alguns minutos. E se não tivesse sido desinformação? E se... Não, não fazia sentido. Pousei o copo na mesa e continuei, aparentando a maior serenidade possível:

- Quer dizer então que ouro pode ser *lavado*?

Ele fez uma pequena pausa.

- Sim... claro. Você o derrete, refina, contrasta novamente e elimina as marcas. Se você quiser agir sigilosamente, a mão-de-obra é muito maior, pode ser feito. E é barato. O ouro é completamente fungível. Mas Ben, estou entendendo. Você está atrás de um tremendo carregamento de ouro que pertence a um de seus clientes, e não sabe onde ele *está*!
- É um pouco mais complicado do que isso. Não posso ser muito específico. Mas me diga uma coisa: quando você se refere a sigilo bancário suíço, o que você quer dizer exatamente? Até que ponto é difícil quebrar esse sigilo?
- Uau! - exclamou Knapp. - Está me parecendo uma história de capa e espada!

Olhei penetrantemente para ele, e ele respondeu.

- Não é fácil, Ben. Duas das expressões mais reverenciadas nesta cidade são: "o princípio da confidencialidade" e "a liberdade de câmbio de moedas estrangeiras". Tradução: direito inalienável de esconder dinheiro. Essa é a razão de sua existência. O dinheiro é a sua religião. O que estou querendo dizer é que Huldrych Zwingli, ao iniciar a Reconstrução de Zurique jogando todas as estátuas católicas no rio Limmat, teve primeiro o cuidado de recuperar o ouro das imagens e entregá-lo ao conselho municipal. E foi assim que surgiu o sistema bancário suíço.

"Mas os suíços - bem, é preciso gostar muito deles. São maníacos por sigilo - a menos que lhes interesse quebrar a confidencialidade. Mafiosos, traficantes de drogas, ditadores corruptos do Terceiro Mundo com sua maleta abarrotada de dinheiro fraudulento -, os suíços protegem seu sigilo com o rigor de padres no confessionário. Mas não esqueçamos, quando os nazistas surgiram durante a guerra e começaram a pressioná-los, de uma hora para outra os suíços tornaram-se condescendentes. Forneceram prontamente aos nazistas os nomes dos judeus alemães que tinham contas nos seus bancos. Eles gostam de difundir o mito de que enfrentaram os nazistas com firmeza, quando eles vieram pôr a mão no dinheiro dos judeus, mas isso não passa de lenda. Está certo, admito, nem todos os bancos, mas muitos deles. O Basler Handelsbank, por exemplo, lavou dinheiro nazista, e isso é um fato devidamente documentado."

Knapp passou os olhos pelo salão como se estivesse procurando alguém.

- Quer saber de uma coisa, Ben, você está procurando uma agulha no palheiro.

Acenei com a cabeça concordando, e passei o dedo na superfície suada do copo.

- É verdade que tenho um nome - disse.
- Um nome?
- O nome de um banqueiro, creio eu. - Um nome, não disse, que Orlov tinha pensado em conexão com o ouro em Zurique. - Koerfer.
- Ah, *muito bem* - disse ele, triunfante. - Por que não me disse há mais tempo? O dr. Ernst Koerfer, diretor-gerente do Banco de Zurique. Pelo menos, até um mês atrás.
- Ele se aposentou?
- Morreu. Ataque do coração ou coisa parecida. Embora não jurasse que ele *tinha* um coração. Um bom filho-da-puta. Mas um administrador eficiente.
- Ah! Você conhece alguém que esteja agora à frente do Banco de Zurique?

Ele me olhou como se eu tivesse perdido o juízo.

- Qual é, garotão! Conheço *todo mundo* nos meios bancários suíços. Esse é o meu trabalho, cara. O novo diretor-gerente é um sujeito chamado Eisler. Dr. Alfred Eisler. Se quiser, posso telefonar e providenciar um encontro. É isso o que você quer?
- É - respondi. - Seria genial.
- Não tem problema.
- Obrigado, garotão - eu disse.

Conseguir uma arma na Suíça demonstrou ser um desafio maior do que imaginara. Meus contatos eram limitados, praticamente inexistentes. Receava contatar Toby ou qualquer um ligado à CIA; não havia ninguém aqui em quem eu pudesse confiar. Caso fosse absolutamente necessário, poderia procurar Truslow, mas esse caminho devia ser evitado: como podia ter certeza que os canais de comunicação não tinham sido penetrados? Era melhor não ligar para ele. Finalmente, depois de subornar o gerente de uma loja de artigos de esporte e material de caça, obtive o nome de alguém que poderia me "ajudar": o cunhado do gerente da loja, que explorava, entre todas as coisas, uma livraria de obras antigas. Encontrei-a alguns quarteirões mais adiante. Letras douradas em estilo gótico na vitrine anunciavam:

Buchhändler
Antiquitäten Und Manuskripte

Uma sineta pendurada na porta tocou quando entrei. A loja era pequena, escura, e recendia mofo, umidade, e um cheiro de baunilha de velhas encadernações aos pedaços.

Estantes altas de metal preto, abarrotadas de livros e pilhas de revistas amareladas, ocupavam praticamente todo o espaço acanhado. Um corredor estreito espremido entre as estantes levava a uma pequena escrivaninha de carvalho entulhada de papéis e livros, à qual sentava-se o proprietário. Ele me cumprimentou amavelmente:

- Guten Tag!

Retribui a saudação com um gesto de cabeça, olhando em volta como se estivesse procurando um determinado volume, e perguntei-lhe em alemão:

- Até que horas a loja fica aberta?
- Até as sete - respondeu.

- Voltarei quando tiver mais tempo.
- Mas se dispuser de apenas alguns minutos, tenho novas aquisições nos fundos da loja. - Dizendo isso, ele se levantou, trancou a porta da frente e afixou uma tabuleta, informando que a loja estava fechada. Conduziu-me então a um quatinho nos fundos atravancado com pilhas de livros com encadernação de couro em estado lastimável. Em diversas caixas de sapatos ele guardava um sortimento de armas. Entre elas, as melhores eram uma Ruger Mark II (uma decente semi-automática mas apenas de calibre 22), uma Smith & Wesson e uma Glock 19. Escolhi a Glock. É uma arma que, segundo amigos da Agência, apresenta certos problemas, mas sempre gostei dela. O preço era exorbitante, mas afinal estávamos na Suíça.

Durante todo o jantar no Agnes Amberg na Hottingerstrasse, nenhum de nós abordou os assuntos que tanto pesavam em nossas mentes. Era como se ambos precisássemos de uma trégua, de aliviar a tensão e bancar turistas comuns por alguns instantes pelo menos. Com as mãos enfaixadas, sentia dor e uma certa dificuldade para cortar o meu prato de ave.

Siga o ouro...

Agora contava com um nome e um banco. Estava muitos passos mais próximo.

Dispondo de um rumo, um caminho, poderia chegar mais perto da verdade, saber por que Sinclair tinha sido morto - isto é, qual a *conspiração* que tivera de ser abafada. Se minha epifania de meia-noite seria corroborada.

Ficamos sentados num silêncio constrangedor. De repente, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Molly disse:

- Você sabia que este é um lugar onde, até 1969, as mulheres não tinham direito ao voto?

- E daí?

- E eu pensei que a profissão médica nos Estados Unidos não levava as mulheres a sério. Nunca mais direi isso depois do médico que consultei hoje.
- Você foi a um médico? - perguntei, embora já soubesse. - Por causa da indisposição estomacal?

- Foi.

-E?

- E - disse ela, dobrando meticulosamente o guardanapo de linho - estou grávida. Mas você já sabia.
- Sim - admiti. - Sabia.

44

Molly e eu voltamos para o hotel a duras penas. Há algo sobre a alegria - e ao mesmo tempo o medo - de descobrir de repente que você está gerando um ser humano que pode ser muito estimulante, e naquela noite estávamos nos sentindo particularmente amorosos. Embora Laura tivesse ficado grávida de mim não cheguei a saber disso, enquanto ela estava viva. Aquela era, portanto, uma primeira vez para mim. E no que dizia respeito à Molly - bem, ela se manifestara tão radicalmente avessa à procriação durante anos que esperava que se mostrasse pouco entusiasmada e até mesmo falasse em se livrar da criança, ou qualquer outra coisa abominável do gênero.

Mas estava redondamente enganado. Ela estava simplesmente empolgada, exultante. Teria alguma coisa a ver com a recente perda de seu pai? Provavelmente, mas quem realmente conhece os mistérios do inconsciente?

Antes mesmo de fecharmos a porta do quarto do hotel, ela começou a arrancar minhas roupas. Passou as mãos sofregamente pelo meu peito, enfiou-as por baixo do meu cinto e apertou minhas nádegas, desviando-as em seguida para a frente, enquanto me beijava alucinadamente. Reagi com igual paixão, puxando sua blusa de seda creme, lutando impacientemente com os botões (alguns caíram no tapete), querendo acariciar-lhe os seios, os mamilos, que já estavam eretos. Mas, lembrando-me de minhas mãos queimadas e enfaixadas, optei pela língua, e passei a lambar-lhe os bicos dos seios lubrificamente. Ela estremeceu. Com os ombros e o tronco - meus braços latejantes erguidos mais pareciam as garras arqueadas de uma lagosta - empurrei-a para a cama imensa e caí sobre ela. Mas ela não se deixaria dominar facilmente. Atracamo-nos numa luta agressiva como nunca tinha visto em nossos embates amorosos, mas que estava apreciando imensamente. Mesmo antes de penetrá-la, ela gemia e suspirava de prazer, antecipando o orgasmo.

E depois, como costumam dizer, ficamos deitados, desfrutando o suor de nossos corpos, a viscosidade de nossas peles, o odor penetrante de almíscar e a tepidez da paixão, acariciando-nos mutuamente, falando baixinho.

- Quando foi que aconteceu? - perguntei. Lembrei-me de quando tínhamos feito amor pouco depois de ter me tornado telepático, quando ficamos tão excitados que ela nem tivera tempo de colocar o diafragma. Mas isso tinha ocorrido muito recentemente.
- O mês passado - disse ela. - Não julguei que fosse acontecer alguma coisa.
- Você esqueceu?
- Em parte.

Sorri do seu subterfúgio, nem um pouco ressentido.

- Você está vendo só - disse eu. - As pessoas de nossa idade tentam de todas as maneiras conceber, compram kits de ovulação, livros e não sei mais o quê. E aí você esquece de botar o seu diafragma uma vez, e acontece acidentalmente.

Ela acenou com a cabeça e sorriu enigmaticamente.

- Não inteiramente por acidente.
- Eu imaginava.

Ela ergueu os ombros.

- Deveríamos ter conversado sobre isso previamente?
- Provavelmente - disse. - Mas, de minha parte, tudo bem.

Outra pausa, e ela então perguntou:

- Como está a queimadura?
- Bem - respondi. - Endorfinas naturais são grandes analgésicos.

Ela hesitou, como se estivesse tomando coragem para dizer alguma coisa importante. Não pude deixar de ouvir uma frase - *ele era uma coisa horrível* - e então ela falou.

- Você mudou, não é verdade?
- O que você quer dizer com isso?

- Você sabe. Você se tornou o que tinha jurado nunca mais se (ornar novamente).
- É a coisa certa, Mol. Realmente não havia outra escolha.

Sua resposta foi em voz baixa e triste.

- Não, acredito que não. Mas você já está diferente, sinto isso. Pressinto. Não preciso de telepatia para ver isso, é como se todos os nossos anos em Boston tivessem sido apagados. Você voltou à antiga forma. E não gosto disso. Me assusta.
- Também me assusta.

Você estava falando no meio da noite.

- Enquanto dormia?

Não, ao telefone. Com quem você estava falando?

- Um repórter que conheço, Miles Preston. Conheci-o na Alemanha nos meus primeiros tempos de CIA.
- Você perguntou a ele alguma coisa sobre o *crash* do mercado de valores alemão.
- E eu que pensei que você dormia a sono solto.
- Você acha que tem alguma coisa a ver com o assassinato de papai?
- Não sei. É possível.
- Descobri uma coisa.
- Sim. Lembro-me de você dizer alguma coisa quando eu estava fora do ar em Greve.
- Creio que agora compreendo por que papai me deixou aquela carta de autorização.
- Do que você está falando?
- Lembra-se do documento que ele me deixou no seu testamento? Havia a escritura de propriedade da casa dele, títulos e ações, e aquele bizarro "instrumento", como os advogados se referem a ele, conferindo-me todos os direitos de beneficiária, no país e no exterior.
- Certo. E aí?
- Bem, isso não teria nenhum sentido para as contas *domésticas*, que automaticamente viriam para mim de qualquer maneira. Mas quanto às contas *estrangeiras*, em países onde a legislação bancária varia tanto, uma carta dessas viria a calhar.
- Especialmente no caso de uma conta suíça.
- Exatamente. - Ela se levantou da cama, foi até o *closet*, abriu uma mala, e apanhou um envelope. - O instrumento financeiro - ela anunciou. Preparou um pouco mais o terreno e depois exibiu o livro que seu pai por alguma razão me tinha legado, a primeira edição das memórias de Allen Dulles, *The Craft of Intelligence*.
- Por que cargas d'água você trouxe esse livro?

Ela não respondeu. Em vez disso, voltou para a cama e colocou as duas coisas em cima dos lençóis amarrotados.

Em seguida, abriu o livro. A capa predominantemente cinza estava imaculada, e a lombada do livro estalou quando ela o abriu no meio. Provavelmente tinha sido aberto muito poucas vezes antes. Talvez uma única vez, quando o lendário Allen Dulles pegou sua caneta Waterman no bolso e escreveu na página de rosto do livro com sua caligrafia legível: "Para Hal, com a mais profunda admiração, Allen."

- Isso foi a única coisa que papai deixou para você. E durante muito tempo fiquei pensando por quê.
- Da mesma forma que eu.

- Ele gostava de você. E embora sempre tivesse sido um tanto frugal, nunca foi mesquinho. Por isso mesmo fiquei pensando por que ele lhe deixaria apenas este livro. Eu conhecia muito bem a cabeça dele, ele era um jogador. Daí, quando me deixaram empacotar minhas coisas, separei todos os documentos que papai me deixou, e resolvi examiná-los cuidadosamente à procura de qualquer tipo de marcas ou anotações, era isso o que ele costumava fazer quando eu era garota, marcava os livros para que eu não perdesse um trecho importante. E encontrei.
- O quê?

Olhei para a página que ela estava apontando. Na página 73, que tratava de códigos, cifras, e criptoanálise, a frase "Pink Code" (Código Rosa) estava sublinhada. Ao lado dela, rabiscada de leve a lápis, estava escrito "L2576HJ".

- Este é o sete dele - ela explicou. - E definitivamente o seu dois. E o seu J.

Compreendi imediatamente. "Pink Code" na realidade significava o Onyx Code; Dulles obviamente não tinha querido revelar o nome verdadeiro. Código Onix era um livro de código famoso da Primeira Guerra Mundial que a Agência tinha herdado do Serviço Diplomático dos Estados Unidos. Ainda existia, embora fosse usado raramente, uma vez que tinha sido decifrado há muito tempo. 12576HJ era uma frase codificada.

Hal Sinclair tinha deixado para Molly o meio legal de acesso à conta.

E tinha deixado para mim o número da conta. Se eu conseguisse decifrá-lo.

- Mais outra coisa - disse ela. - Na página anterior.

Ela apontou. No alto da página 72 havia uma série de números, 79648, que Dulles havia citado como exemplo para o leitor leigo da maneira como os códigos funcionam. Estava levemente sublinhada a lápis, e ao lado Sinclair escrevera "R2".

R2 referia-se a um livro de código de safra muito mais recente, que eu nunca tinha usado. Presumi que 79648 fosse outro código que se traduziria numa série de números diferentes (ou talvez letras) quando o código R2 fosse aplicado.

Eu precisava de informações sobre códigos de dentro da CIA, mas não podia me arriscar a revelar meu paradeiro. Por isso liguei para um amigo da CIA dos dias de Paris que se aposentara há alguns anos e estava lecionando ciências políticas em Erie, Pennsylvania. Eu tinha lhe salvado o pescoço duas vezes - uma vez numa vigilância noturna que acabara mal, e outra burocraticamente, limpando o nome dele na investigação subsequente.

Ele me era muito grato, e concordou sem hesitação em ligar para um amigo de sua inteira confiança, ainda servindo à Agência, e pedir-lhe, como um favor a um velho companheiro, para dar uma rápida checada nos arquivos de criptografia um andar abaixo. Uma vez que qualquer livro de código com três quartos de século de existência dificilmente constituiria um assunto de segurança nacional, a fonte de meu amigo leu para ele uma série de códigos. Ele então ligou para um telefone público fora do hotel e os leu para mim.

E finalmente obtive o número da conta.

O segundo código, entretanto, foi um osso duro de roer. O livro não ficava arquivado na seção de criptografia (a Cripta, como era chamada), tendo em vista que ainda estava ativo.

- Farei tudo o que estiver ao meu alcance - disse o meu amigo.
- Liguei de volta - respondi.

Ficamos sentados silenciosamente. Passei os olhos nas memórias de Dulles. Ele iniciava o capítulo sobre

códigos e cifras com a famosa frase de Henry Stimson, secretário de Estado em 1929: "Cavalheiros não lêem a correspondência um do outro."

Ele estava enganado, naturalmente, e Dulles se deu ao trabalho de demonstrá-lo enfaticamente. Todo mundo no negócio de espionagem lê a correspondência alheia e o que mais puderem. Talvez porque espiões não são cavalheiros.

Fiquei pensando o que Henry Stimson teria declarado sobre cavalheiros que lêem a *mente* dos outros.

Liguei de volta para Erie uma hora mais tarde. Ele atendeu o telefone ao primeiro toque. Sua voz estava diferente, tensa.

- Não consegui - disse ele.
- Como assim? - Alguém teria conseguido para ele?
- Foi desativado.
- Hein?
- Desativado. Todos os exemplares foram retirados de circulação.
- A partir de quando?
- De ontem. Ben, o que está havendo?
- Me desculpe - disse, sentindo o peito apertado. *Os Homens Sábios*. - Tenho de correr. Obrigado. - E desliguei.

Na manhã seguinte percorremos a Bahnhofstrasse, alguns quarteirões da Paradeplatz, até acharmos o número certo. A maioria dos Itancos situava-se nos andares superiores dos edifícios, acima de lojas elegantes.

A despeito do seu nome grandiloqüente, o Banco de Zurique era um estabelecimento pequeno, familiar e muito discreto. Sua entrada estava escondida numa pequena rua transversal à Bahnhofstrasse, ao lado de um *Konditorei*. Uma pequena placa metálica dizia apenas *B. Z. et Cie*. Se tivesse que perguntar, de nada lhe adiantaria ficar sabendo.

Entramos no vestíbulo, e ao fazê-lo, senti um movimento atrás de nós. Virei-me rapidamente, tenso, e vi que era apenas um desconhecido, provavelmente um cidadão natural de Zurique. Alto, muito magro, envergando um terno cinza, era sem dúvida um bancário ou um lojista dirigindo-se ao trabalho. Relaxei e, passando o braço na cintura de Molly, adentramos o vestíbulo.

Mas alguma coisa me intrigou, e olhei para trás, mas o cidadão já tinha desaparecido.

Tinha sido o rosto, extremamente pálido, com grandes olheiras amareladas caídas, lábios finos, descorados, e cabelo louro fino, penteado para trás.

Ele me pareceu extremamente familiar, não havia a menor dúvida quanto a isso.

E me lembrei instantaneamente da noite chuvosa do tiroteio na Marlborough Street em Boston, do transeunte alto, esquelético...

Era ele. Minha reação foi espantosamente lenta, mas agora tinha absoluta certeza. Era ele. O mesmo homem de Boston estava aqui em Zurique.

- O quê? - perguntou Molly.

Virei-me, e continuei seguindo em frente.

- Nada - disse. - Não percamos tempo. Temos muito o que fazer.

- O que foi, Ben? - perguntou ela, assustada. - Havia alguém atrás de nós? - Mas antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, uma voz masculina perguntou pelo interfone o que desejávamos.

Dei meu nome verdadeiro.

O recepcionista respondeu, com uma deferência contida.

- Entre, por favor, sr. Ellison. *Herr Direktor* Eisler está à sua espera.

Tinha de dar crédito a John Knapp; ele obviamente tinha alguma influência aqui.

- Por favor, certifique-se de não trazer consigo objetos de metal - ressoou a voz incorpórea. - Chaves, canivetes, moedas em excesso. O senhor pode guardar os seus pertences com toda segurança nesta gaveta. - Imediatamente uma pequena gaveta foi ejetada da parede. Despojamo-nos de moedas, chaves e não sei mais o que, e colocamos tudo na gaveta. Uma operação deveras impressionante e eficaz, pensei com meus botões.

Ouviu-se um leve zumbido e a primeira porta à nossa frente abriu eletronicamente. Olhei para cima na direção de um par de minúsculas câmeras de vigilância japonesas instaladas perto do teto, e Molly e eu passamos para uma pequena ante-sala para esperar que a segunda porta também fosse aberta eletronicamente.

- Você por acaso não está...? - Molly sussurrou.

Sacudi a cabeça. A segunda porta foi aberta, e fomos recebidos por uma mulher loura de aspecto comum, um pouco corpulenta, usando óculos de armação de metal exageradamente grande, que provavelmente ficariam bem em outras pessoas. Ela se apresentou como assistente pessoal de Eisler, e nos conduziu por um corredor com um carpete cinza. Fiz uma rápida parada no banheiro e depois me juntei às duas mulheres.

O escritório do dr. Alfred Eisler era pequeno e simples, revestido de lambris de nogueira. Algumas aquarelas em tom pastel com molduras de madeira clara adornavam a parede, e pouca coisa a mais. Nenhum dos toques de decoração que esperava - nada de tapetes orientais, velhos relógios, móveis de mogno. A escrivaninha do diretor era simples, uma mesa de vidro e cromo despojada. Em frente da escrivaninha havia duas poltronas de couro branco parecendo confortáveis, de moderno desenho sueco e um sofá também de couro branco.

Eisler era bastante alto, mais ou menos da minha altura, mas era ii m tanto pesado. Usava um terno preto de casimira. Teria quarenta e poucos anos, tinha um rosto redondo, bochechudo, olhos fundos e grandes orelhas salientes. Sulcos profundos vincavam os cantos de sua boca, sua testa e o cenho. E era completamente careca, dono de uma calva reluzente. Embora um tanto sinistra, a figura de Eisler impressionava.

- Ms. Sinclair - disse ele, segurando a mão de Molly. *Ele* sabia quem deveria ser o centro de sua atenção: não o marido, mas a mulher, a herdeira legal da conta numerada de seu pai, de acordo com a legislação bancária suíça. Fez uma ligeira curvatura. - E Mr. Ellison. - A voz de Eisler era um baixo profundo; seu sotaque, uma mistura de suíço-alemão e inglês requintado de Oxbridge (Oxford-Cambridge).

Sentamo-nos nas poltronas de couro branco; ele se sentou no sofá, de frente para nós. Apresentamo-nos, e ele pediu à sua secretária para trazer café. Enquanto falava, as rugas na sua testa se acentuaram, e ele

gesticulava com as mãos manicuradas de uma maneira delicada que parecia quase feminina. Ele sorriu forçadamente para indicar que a reunião tinha começado; o que era, sua expressão perguntou, o que queríamos?

Tirei do bolso o documento-autorização assinado pelo pai de Molly e entreguei a ele. Ele olhou de relance e dirigiu-se a nós:

- Acredito que deseja ter acesso à conta numerada.
- Correto - disse Molly, toda negócios.
- Há algumas formalidades - disse, desculpando-se. - Precisamos confirmar sua identidade, verificar sua assinatura, e coisas do gênero. Presumo que tenha referências bancárias nos Estados Unidos.

Molly acenou a cabeça ativamente e exibiu uma série de documentos com todas as informações de que ele necessitava. Ele os pegou, apertou um botão para chamar a secretária, e os entregou a ela.

Nem cinco minutos de amenidades - sobre a Kunsthaus e outras visitas obrigatórias em Zurique - o seu telefone tocou. Ele atendeu e disse: "*Já?*", ouviu alguns segundos, e recolocou o fone no gancho. Outro sorriso forçado.

- O milagre da tecnologia do fax - disse ele. - Esse procedimento costumava levar tanto mais tempo. - Se a senhora quiser ter a bondade?

Ele deu a Molly uma caneta esferográfica e uma prancheta de látex à qual estava presa uma folha de papel com o cabeçalho do Banco de Zurique, e pediu-lhe para escrever o número da conta, em palavras - sua assinatura numérica - na linha cinza no centro da folha.

Quando ela acabou de escrever o número da conta que seu pai tinha codificado tão elaboradamente, ele chamou sua secretária de novo, entregou-lhe a folha de papel e trocou mais algumas amenidades enquanto a caligrafia de Molly era checada opticamente, explicou loquazmente, comparada com o cartão de assinatura enviado por fax pelo nosso banco em Boston.

O telefone tocou novamente; ele pegou o fone e disse: "*Danke*", e desligou. Em seguida sua secretária voltou com uma pasta de arquivo cinza marcada com o número 322069.

Era evidente que tínhamos vencido o primeiro obstáculo. O número da conta estava certo.

- Muito bem - disse Eisler -, em que posso ser útil precisamente?

Eu tinha escolhido deliberadamente a poltrona mais perto dele.

Inclinei-me para frente, concentrei-me.

Limpei minha mente. Aproveitei o momento de silêncio. Focalizei meus poderes extraordinários.

Os pensamentos foram chegando. Em alemão, naturalmente, uma confusão de palavras.

- Por favor? - disse Eisler, ao me ver sentado com a cabeça inclinada e a testa enrugada.

Não me era possível ir mais adiante. Estudara alemão, seguira um curso intensivo do idioma na fazenda, mas ele estava pensando muito rápido para mim.

Não adiantava insistir.

- Gostaríamos de saber qual é o montante do depósito na conta - disse.

Apesar dos pesares, inclinei-me novamente na direção dele, tentei, concentrei-me, tentei isolar do fluxo de palavras em alemão alguma coisa, *qualquer* coisa que pudesse entender, a que pudesse me agarrar.

- Não é permitido discutir particularidades - disse Eisler fleumaticamente. - De qualquer maneira, não sei.

E então ouvi uma palavra. *Stahlkammer*.

Indiscutivelmente, essa foi a palavra que saltou aos meus ouvidos. *Stahlkammer*.

Caixa-forte.

- Essa conta dispõe de uma caixa-forte, correto? - perguntei.
- Sim, senhor - admitiu -, dispõe. Na verdade, uma bastante grande.
- Quero ter acesso a ela imediatamente.
- Como desejar - disse Eisler. - É claro. Imediatamente. - Ele se levantou do sofá. Sua calva brilhou à luz dos pontos luminosos embutidos no teto. - Presumo que tenha a combinação do código de acesso.

Molly olhou para mim, dando a perceber que estava fora do seu elemento.

- Creio que é o mesmo número da conta - disse.

Eisler deu uma risada e sentou-se novamente.

- Realmente não saberia dizer. Embora por razões de segurança não aconselharíamos nossos clientes a fazer isso. De qualquer forma, não tem o mesmo número de dígitos.
- Devemos tê-la - disse. - Estou certo de que a temos em algum lugar. O pai de minha mulher nos deixou um monte de papéis e anotações. Talvez o senhor possa nos ajudar. Quantos dígitos tem a senha?

Ele olhou de soslaio para a pasta de arquivo.

- Receio não poder lhe dizer.

Mas eu o ouvi, algumas vezes, um número que ele pensou mas obstinadamente se negava a dizer, articulando-o em algum nicho do centro da fala no seu cérebro ..."*Vier*"...

Quatro dígitos, era o que queria dizer?

- Por acaso seria uma senha de quatro dígitos? - perguntei.

Ele riu novamente, sacudiu os ombros: esta brincadeira até que foi engraçada, ele disse com sua linguagem corporal, mas agora acabou-se o recreio.

- Existe uma conta numerada que administramos e à qual prestamos serviços - explicou pacientemente como se estivesse falando com uma criança retardada. - Por lei, o senhor pode sacar ou transferir os fundos disponíveis à sua vontade. Mas também há uma caixa-forte, na verdade um cofre, por cuja segurança somos responsáveis. Mas não temos acesso a ele. Nunca temos, exceto em circunstâncias excepcionais. Tal como o falecido sr. Sinclair estipulou, para abrir o cofre, uma senha torna-se indispensável.
- Então o senhor pode nos fornecê-la - disse Molly, arrogantemente.
- Sinto muito, mas não posso.
- Como herdeira legal dessa conta, solicito...
- Se pudesse, atenderia ao seu pedido com muito prazer - disse Eisler. - Mas de acordo com os termos do acordo estabelecido aqui não posso.

-Mas...

- Lamento - disse o banqueiro conclusivamente. - É totalmente fora de questão, sinto dizer.
- Sou a herdeira legal de *todo* o patrimônio de meu pai - disse Molly indignadamente.

- Lamento profundamente - disse Eisler, imperturbável. - Gostaria sinceramente que não tivesse vindo de tão longe, Boston, não é mesmo?, para descobrir isso. Um simples telefonema lhe teria poupado tempo e dinheiro.

Permaneci sentado, calado, mal ouvindo aquela troca de palavras, abrindo distraidamente o fecho eclair de minha pasta de couro.

E súbito ouvi novamente ...*Vier*... e depois uma seqüência de números. *Acht*... *Sieben*... Eu o surpreendi olhando para a pasta de arquivo, e então foram saindo, um a um:

"*Vier*... *Acht*... *Sieben*... *Neun*... *Neun*".

- Veja bem, Ms. Sinclair, trata-se - disse o banqueiro em voz alta - de um sistema de chave mestra dupla, destinado a...
- Sim. - Interrompi. Remexendo papéis na minha pasta, fingi examinar atentamente uma anotação. - Está aqui. Achei-a.

Eisler fez uma pausa, acenou com a cabeça, e me examinou, desconfiado.

- Excelente - ele disse enquanto eu recitava os números. - De acordo com os termos estabelecidos pelos donos da conta, a partir do momento que conseguiram ter acesso a ela, a conta passa a ser ativa...
- Donos? - atalhei. - Há mais de um?
- Sim, senhor. É uma conta de dupla assinatura. Como beneficiária legal, sua esposa é um dos donos.
- E quem é o outro? - perguntou Molly.
- Não posso revelar - disse Eisler, desculpando-se desdenhosamente. - Outra assinatura é necessária. Para ser absolutamente honesto, desconheço a identidade do outro dono. Quando o segundo dono nos apresentar a senha, a seqüência de números dá entrada nos nossos computadores. A assinatura do co-proprietário é codificada nos dados básicos, e quando a senha adequada é inserida, a assinatura é impressa graficamente. Esse é o sistema do banco para evitar que qualquer funcionário nosso possa ser implicado na eventualidade de uma ação contra nós.
- Afinal, o que quer dizer isso? - interpelou Molly.
- Quer dizer - respondeu Eisler - que a senhora é legalmente autorizada a inspecionar a caixa-forte e verificar o seu conteúdo. Mas sem a permissão do segundo dono, não pode transferir nem sacar o seu conteúdo.

O dr. Alfred Eisler nos escoltou até um elevador apertado que nos levou diversos andares abaixo. Estávamos descendo em direção às catacumbas, ele nos explicou, no subsolo da Bahnhofstrasse.

Emergimos num pequeno corredor acarpetado, uma jaula cercada de barras de aço. No fim do corredor estava postado um corpulento guarda envergando um uniforme verde-oliva. Ele acenou para o diretor do banco e depois abriu a pesada porta de aço.

Nenhum de nós disse uma palavra ao atravessar a porta que dava para outro corredor revestido de barras de aço, até chegarmos a uma pequena área assinalada com a palavra *Sieben*. Barras de aço circundavam três paredes da jaula. A outra parede era inteiramente de melai, de algum tipo de cromo ou aço escovado. No seu centro havia uma enorme roda de aço com seis aros, evidentemente o mecanismo que permitia abrir a parede metálica.

Eisler apanhou uma chave na argola presa ao seu cinto e abriu a jaula.

- Faça o obséquio - disse ele, apontando para a pequena mesa de metal no centro da jaula com duas cadeiras à sua volta. No meio da mesa havia um telefone bege sem botões, e um pequeno teclado

eletrônico preto.

- De acordo com o que estipula a conta - disse o banqueiro - nenhum funcionário do banco pode permanecer nesta área enquanto a combinação está sendo acessada. Digite o número da senha devagar, checando a leitura digital para se certificar de que não cometeu qualquer engano. Caso tenha se enganado, pode tentar uma segunda vez. Se essa tentativa também falhar, o mecanismo eletrônico trava tudo sistema. Só será permitido acesso pelo menos vinte e quatro horas depois.

- Compreendo - disse. - O que acontece depois que introduzirmos a senha?
- Nesse ponto - Eisler explicou, apontando para a roda de seis aros a caixa-forte interna é aberta eletronicamente, e então vira-se a roda. É muito mais fácil do que parece, não tenha receio. E a porta de acesso à caixa-forte se abre.
- E quando terminarmos? - perguntou Molly.
- Quando a senhora tiver acabado de examinar o conteúdo, ou caso haja algum problema, por favor entre em contato comigo simplesmente levantando o telefone da mesa bege.
- Muito obrigada - disse Molly enquanto o dr. Eisler se retirava.

Esperamos um momento até ouvirmos a segunda porta de aço se fechar.

- Ben - sussurrou Molly. - Que diabos nós...
- Tenha paciência. - Devagar e cuidadosamente, meus dedos envoltos em gaze tinham pouca destreza, digitei 48799, observando cada algarismo aparecer em vermelho no pequeno painel eletrônico preto. Quando apertei o 9 final, houve um barulho mecânico, como se um selo tivesse sido rompido.
- Bingo - disse.
- Mal consigo respirar - disse Molly, com a voz engasgada.

Juntos nos encaminhamos para a roda e a giramos. Ela se movimentou facilmente sob nossas mãos, rodando na direção do relógio, e um grande segmento da parede de aço se abriu.

Lâmpadas fluorescentes fracas iluminaram o interior da caixa-forte, que percebi ser desapontadoramente exíguo. A câmara de paredes revestidas de tijolos teria talvez três metros quadrados. Estava inteiramente vazia.

A um segundo exame me dei conta de que nossos olhos tinham sido vítimas de uma ilusão óptica.

O que a princípio nos pareceu ser as paredes internas de tijolos, mal-acabadas e desaprumadas, podia agora ser visto com mais nitidez, na medida em que nossos olhos se ajustavam à iluminação precária, e revelava-se algo inteiramente diferente.

Não eram tijolos. Eram barras de ouro, de um amarelo opaco, avermelhado.

A cavernosa caixa-forte estava cheia - quase inteiramente, do chão ao teto - de lingotes de ouro.

46

- Meu Deus - murmurou Molly.

Fiquei pasmo. Lentamente, quase que reverenciosamente avançamos caixa-forte adentro em direção às paredes de ouro puro. Elas não reluziam ou brilhavam, como se poderia supor. A coloração geral era opaca, um amarelo-mostarda, mas uma inspeção mais rigorosa constatei que algumas das barras empilhadas com precisão eram de um amarelo-manteiga (novas, e quase cem por cento puras), e outras eram de um amarelo-avermelhado, o que denunciava impurezas de cobre: provavelmente tinham sido

fundidas de moedas de ouro derretidas e de jóias. Cada barra tinha estampados na sua base grandes números de série.

Não fosse por seus tons amarelados bem definidos e pátina suave, aquelas barras de ouro poderiam passar por tijolos, cuidadosamente empilhados, como se vê em qualquer canteiro de obras.

Muitas estavam arranhadas e dentadas: essas provavelmente estavam armazenadas na Rússia há um século ou mais. Algumas, eu sabia, tinham sido roubadas dos exércitos pelas tropas vitoriosas de Stalin; a maioria tinha sido extraída de minas na União Soviética. As arestas de muitas estavam chanfradas: marcas de contraste. As barras mais novas tinham um formato trapezóide, mas a grande maioria era retangular.

- Santo Deus, Ben - disse Molly, virando-se para mim. Seu rosto estava esfomeado, e seus olhos arregalados. - Você fazia idéia disso? - Por algum motivo, ela sussurrava.

Acenei com a cabeça.

Ela tentou levantar uma das barras, mas não conseguiu. Era muito pesada. A muito custo, com as duas mãos, finalmente conseguiu erguê-la. Depois de alguns segundos colocou-a de novo em cima das outras, fazendo um barulho surdo. Incrédula, enfiou a unha do polegar na barra.

- Não tem erro, é legítimo mesmo, não é? - disse ela.

Confirmei silenciosamente. Estava nervoso, naturalmente, excitado e assustado, a adrenalina corria solta no meu sistema sanguíneo.

Há uma famosa observação feita por Vladimir Lenin: "Quando formos vitoriosos numa escala mundial, acho que deveremos usar ouro para construir banheiros públicos nas ruas de algumas das maiores cidades do mundo."

Errado em muitos aspectos.

Mais adequada a citação do poeta romano Plauto duzentos anos antes do nascimento de Cristo: "Odeio o ouro; ele persuadiu muitos homens em muitas circunstâncias a praticar o mal."

Muito certo.

Fui despertado de meus devaneios pelo quadro de Molly sentada no chão de concreto, com as costas apoiadas na parede de lingotes de ouro. A vitalidade parecia ter sido sugada do seu corpo. Ela não chegara a desmaiar, mas parecia completamente estonteada.

- Quem é o outro dono? - ela perguntou em voz baixa.
- Não sei - admiti.
- Um palpite.
- Nem isso. Pelo menos por enquanto.

Ela abraçou os joelhos e apertou-os contra o peito.

- Quanto?
- Humm?
- Ouro. Quanto é que tem de ouro aí? - Seus olhos estavam fechados.

Vistoriei a câmara. A pilha tinha cerca de um metro e oitenta de altura. Cada barra media nove polegadas de comprimento por três de largura e uma de espessura (22,86 x 7,62 x 2,54 cm).

Levei algum tempo, mas contei 526 pilhas, cada uma com um metro e oitenta de altura. O que perfazia 3.156 pés lineares, ou... 37.879 barras de ouro.

Estaria calculando certo?

Lembrei-me de ter lido uma vez um artigo sobre o Federal Reserve Bank de Nova York. O ouro da caixa-forte do Fed, que tem a metade do comprimento de um campo de futebol, abriga o equivalente a 126 bilhões de dólares se você calculá-lo ao preço de mercado de US\$ 400 a onça. Não sabia a quanto o

ouro estava sendo vendido quando Orlov e Sinclair limpavam o tesouro nacional soviético, mas US\$ 400 a onça parecia razoável para efeito de cálculo.

Não. Esse cálculo não ia dar certo.

Tudo bem. O maior compartimento de ouro na caixa-forte do Federal continha uma parede de dez pés de largura por dez de altura e dezoito de profundidade, que representava 107 mil barras, valendo dezessete bilhões de dólares.

Minha cabeça rodava, fervendo de cálculos. O volume aqui era um terço daquilo.

Voltei ao meu cálculo original de 37.879 barras de ouro. O ouro estava sendo vendido agora a US\$ 400 a onça, mais provavelmente a US\$ 330. Ok. A US\$ 330 a onça, uma barra de ouro, de cerca de quatrocentas onças *troy*, valia US\$ 132,000.

O que dava...

Cinco bilhões de dólares.

- Cinco - eu disse.
- Cinco *bilhões*?
- Certo.
- Nem sou capaz de conceber isso - disse Molly. - Está empilhado aqui... eu estou sentada encostada nele... e não sou capaz de conceber cinco bilhões de dólares... e tudo meu...

- Não.

- A metade?
- Não. Este ouro pertence à Rússia.

Ela me olhou friamente, e disse:

- Você é um desmancha-prazeres.
- Você está certa.
- Ele falou em dez - interrompi.
- O quê?
- Talvez haja cinco bilhões aqui. Orlov me falou em dez bilhões de dólares.
- Então ele estava errado. Ou mentindo para você.
- Ou a metade desapareceu.
- *Desapareceu?* Aonde você quer chegar, Ben?

Pensei que tínhamos finalmente encontrado o ouro - pensei em voz alta. - E no entanto achamos apenas a metade dele.

O que você está dizendo? - ela perguntou, intrigada.

- O quê?

Imprensado num vão entre duas pilhas verticais de ouro, ao nível do chão, estava um pequeno envelope quadrado de linho cru.

- Que diabo...? - disse ela, puxando-o.

Ele saiu facilmente.

Com os olhos assustados, ela virou o envelope, viu que não havia nada escrito nem de um lado nem do outro, e abriu-o cautelosamente.

Era um cartão com uma margem azul - pelo aspecto, um cartão de correspondência da Tiffany - com o nome Harrison Sinclair em letras maiúsculas no alto.

Alguma coisa estava escrita no centro do cartão com a letra do pai dela.

- É... - Molly começou, mas eu a interrompi.
- Não leia em voz alta. Mostre-me.

Duas linhas.

A primeira era: "Caixa 322. Banque de Raspail."

A segunda dizia: "Boulevard Raspail, 128 Paris, 7e."

Isso era tudo. O nome e o endereço de um banco em Paris. O número de uma caixa, presumivelmente de uma caixa de um cofre. Para quê? O que isso queria dizer? Literalmente, caixas dentro de caixas: era isso em que se transformara toda a questão.

- O quê... ? - disse ela.

- Vamos embora - disse impacientemente, colocando o cartão no bolso. - Vamos levar outro papo com o Eisler.

47

"Um homem morto", de acordo com *Vidas* de Plutarco, "não pode morder." Acredito que tenha sido John Dryden quem escreveu há séculos: "Homens mortos não contam histórias."

Ambos errados. Hal Sinclair continuava a contar histórias muito depois do seu enterro, histórias misticadoras.

O brilhante velho mestre da espionagem Harrison Sinclair surpreendera centenas de pessoas nas suas seis décadas na terra - amigos e associados, superiores e subordinados, inimigos pelo mundo afora e em Langley. E mesmo depois de sua morte, parecia que as surpresas, truques e reversões não tinham parado. Quem poderia esperar tanta coisa na trilha de um homem morto?

Enquanto Molly e eu mantínhamos uma rápida conferência sussurrada, a assistente pessoal de Eisler esperava no corredor do lado de fora da caixa-forte. Nós a havíamos convocado para ver o diretor imediatamente.

- Há algum problema? - perguntou ela, com o rosto demonstrando preocupação.

- Sim - disse Molly laconicamente.
- Estamos prontos a ajudar de todas as maneiras - ela disse, escoltando-nos até o elevador rumo ao escritório de Eisler. Continuava transpirando extrema eficiência, mas sua reserva suíça parecia ter derretido um pouco; ela chilrava familiarmente, como se tivéssemos nos tornado amigos íntimos no espaço de uma hora.

Molly conversava com ela polidamente, enquanto eu me mantinha calado. Apalpei minha Glock no bolso da frente do paletó.

Entrar no banco, passando pelos detectores de metal, tinha sido uma proeza e tanto, à qual devo creditar meu treinamento na CIA. Um conhecido meu dos tempos da Agência, Charles Stone (cuja extraordinária saga sem dúvida todos conhecem), uma vez me descreveu como tinha contrabandeado uma pistola Glock através do portão de segurança de uma companhia aérea no Aeroporto Charles de Gaulle, em Paris. A Glock é predominantemente, embora não inteiramente, feita de plástico, e Stone (muito engenhosamente, na minha opinião) desmontou a arma, colocou as pequenas peças de metal num estojo de barba pegajoso e as peças de metal maiores na armação de uma mala de roupas - ambos os volumes passando pelos raios

X da bagagem - e levou consigo as peças de plástico.

Infelizmente, a técnica de Stone não teria funcionado aqui, pois não tive o luxo de contar com um detector de metais e raios X de bagagem. Tinha de levar tudo comigo, e a arma fatalmente acionaria o alarme.

Diante disso bolei meu próprio método, tirando partido de uma anomalia de todos os detectores de metais. Essas máquinas estão longe de serem tão sensíveis nas suas extremidades quanto são no centro do campo. E a Glock é feita com uma quantidade relativamente pequena de metal. O que fiz, por conseguinte, foi prender à pistola um cordão comprido de náilon fixado no meu cinto e passando por um pequeno furo que fizera no bolso direito de minha calça. A arma ficou pendurada na perna direita de minha calça, perto do meu sapato; firmei-a mantendo a mão no bolso e segurando o cordão quando passei pelo detector de metais. Essencialmente, estava passando a arma pelo detector no perímetro do campo magnético, onde ele é tão atenuado que não detecta praticamente nada. Naturalmente, ao passar pelo corredor, estava quase catatônico de medo que meu truque não funcionasse, que minha tentativa de ludibriar o detector de metais pudesse dar errado. Mas passei sem incidente, e dirigindo-me ao banheiro pouco depois pude recuperar a pequena pistola e colocá-la confortavelmente no bolso de minha calça.

O dr. Eisler, que parecia mais perturbado do que sua assistente, ofereceu-nos café. Declinamos polidamente. Sua testa estava enrugada, denotando preocupação, quando sentou-se no sofá à nossa frente.

- Então - ele disse na sua voz grave porém refinada. - Qual é o problema?
- O conteúdo da caixa-forte - eu disse - está incompleto.

Ele olhou fixamente para mim por muito tempo, e depois deu de ombros imperiosamente.

- Não sabemos nada sobre o conteúdo do cofre de um cliente. Somos obrigados apenas a manter todas as precauções de segurança, todas...
- O banco é responsável.

Ele sorriu secamente.

- Receio que não. De qualquer forma, sua esposa é apenas co- proprietária.
- Uma quantidade considerável de ouro - disse - parece estar faltando. Grande demais para ter sido extraviada. Gostaria de saber aonde poderá ter ido parar.

Eisler expirou pelas narinas e acenou a cabeça amavelmente. Parecia aliviado.

- Mr. Ellison, Ms. Sinclair, ambos certamente compreendem que não posso discutir detalhes de quaisquer transações...
- Uma vez que foi feita na minha conta - Molly atalhou - tenho direito de saber para *onde* foi transferido.

Eisler hesitou, acenou novamente a cabeça.

- Madame, senhor. No caso de contas numeradas, nossa responsabilidade consiste em permitir acesso a quem quer que cumpra as exigências estipuladas pela pessoa ou pessoas que estabeleceram a conta. Além disso, a fim de proteger todas as partes envolvidas, temos de manter a mais completa confidencialidade.
- Estamos falando - disse Molly inflexivelmente - de *minha* conta. Quero saber para *onde* foi o ouro!
- Ms. Sinclair, confidencialidade nesses assuntos é uma tradição do sistema bancário do nosso país, tradição que o Banco de Zurique é compelido a observar. Lamento muito. Há mais alguma coisa que possamos fazer...

Num gesto inesperado saquei a Glock e a aponte para sua testa alta, larga.

- Esta pistola está carregada - disse. - Estou perfeitamente preparado para usá-la. Não faça isso - soltei o pino de segurança quando percebi que ele estava começando a deslizar o pé para a direita, sutilmente, em direção a um botão de alarme silencioso na base de sua escrivania, alguns centímetros adiante. - Não cometa a imprudência de apertar o botão de alarme.

Aproximei-me, mantendo o cano da pistola quase encostado na sua testa.

Mal precisava me concentrar agora, seus pensamentos fluíam nitidamente. Conseguia captar muita coisa: lampejos de pensamentos, a maior parte em alemão, mas com ocasionais trechos em inglês quando ele se preparava para proferir frases, objeções, protestos.

- Estamos, como pode ver, desesperados - disse. A expressão estampada no meu rosto deixava-o perceber que, por mais desesperado que estivesse, mantinha completo controle de minhas ações e estava preparado para atirar a qualquer momento.
- Se for tão temerário a ponto de atirar em mim - disse Eisler com espantosa serenidade -, não conseguirá nada. Em primeiro lugar, não sairá desta sala. Não só o estampido do disparo será ouvido por minha secretária, como há sensores de movimento neste gabinete que...

Ele estava mentindo, era evidente. E estava compreensivelmente assustado: isso nunca tinha lhe acontecido antes. Prosseguiu:

- Mesmo que eu lhe desse a informação que procura, coisa que não farei, certamente não conseguiria sair do banco.

Sobre isso, concluí que ele parecia estar dizendo a verdade; mas não era preciso uma percepção extra-sensorial para aceitar a lógica do que ele estava dizendo.

- Estou pronto, entretanto, a dar essa idiotice por encerrada - ele continuou. - Se baixar essa arma e se retirar imediatamente não apresentarei queixa. Compreendo que esteja desesperado. Mas não tem nada a ganhar me ameaçando.
- Não estamos ameaçando. Queremos informações sobre uma transação feita com uma conta que pertence de direito, de acordo com as legislações bancárias americana e suíça, à minha mulher.

Algumas gotas de suor começaram a escorrer de sua testa, brotando no topo de sua calva e fluindo pelas profundas rugas paralelas que sulcavam sua fronte. Dava para perceber que sua obstinação estava enfraquecendo.

Ouvi uma torrente de pensamentos, alguns de indignação, outros de súplica. Ele estava passando pela agonia da indecisão.

- Alguém retirou ouro dessa caixa-forte? - perguntei com calma.

Nein, ouvi distintamente. *Nein*.

Ele fechou os olhos, parecendo estimular o tiro que poria fim à sua vida. O suor agora escorria aos borbotões.

- Não posso dizer.

Ninguém tinha retirado nenhum ouro. Mas...

De repente, tive um estalo.

- Mas havia outro ouro, não havia? Ouro que não foi depositado na caixa-forte.

Segurei a arma com firmeza, e aproximei-a devagar até que o cano encostou na sua testa suarenta. Pressionei-a contra a pele. Ela se comprimiu com uma fácil elasticidade, formando pequenas marcas em torno da boca do cano.

- Por favor - ele sussurrou. Quase não ouvi.

Seus pensamentos agora afluíam rapidamente e embaralhados, incoerentes; não conseguia entendê-los.

- Uma resposta - disse - e o deixaremos em paz.

Ele engoliu em seco, fechou os olhos, e depois os abriu novamente.

- Um carregamento - ele murmurou. - Dez bilhões de dólares em lingotes de ouro. Recebemos tudo aqui no Banco de Zurique.
- Para onde ele foi?
- Parte foi armazenada na caixa-forte. E o ouro que viram.
- E o resto?

Ele engoliu em seco novamente.

- Foi liquidado. Supervisionamos sua venda através de corretores de ouro com quem operamos numa base confidencial. Ele foi derretido e depois refundido.
- Qual era o valor?
- Talvez cinco... talvez seis...
- Bilhões.

- Sim.

- Ele foi convertido em ativos líquidos? Dinheiro em espécie?
- Foi transferido por telegrama.
- Para onde?

Ele fechou os olhos novamente. Os músculos em torno das órbitas contraíram-se como se ele estivesse rezando.

- Não posso dizer.
- Para onde.
- Não *devo* dizer.
- O dinheiro foi transferido por telegrama para Paris?
- Não... por favor, não posso...
- Para onde o dinheiro foi transferido?

Deutschland... Deutschland... München...

- O dinheiro foi transferido para Munique?
- O senhor terá de me matar - sussurrou, com os olhos ainda fechados. - Estou preparado para morrer.

Sua determinação me surpreendeu. Que força o possuía? O que sustentava sua alucinada obstinação? Estaria tentando pôr à prova um possível blefe de minha parte? Naquela altura devia saber, com certeza, que eu não estava blefando. Ou se estivesse, com uma arma encostada na sua cabeça, qual o homem que

se arriscaria a comprovar se eu estava ou não blefando, se a arma estava ou não carregada? Ele preferia morrer a violar a confidencialidade bancária suíça!

Ouvi um discreto som líquido, e vi que ele tinha perdido o controle de sua bexiga. Uma mancha escura espalhou-se por uma grande área irregular no gancho de suas calças. Seu pavor era genuíno. Seus olhos permaneciam fechados, e ele completamente hirto, paralisado de medo.

Mas eu não amoleci; não podia.

Comprimindo o cano da arma com mais força na sua têmpora, disse pausadamente:

- Tudo o que eu quero é um nome. Diga-nos para onde o dinheiro foi transferido. Para quem. Forneça-nos um nome.

O corpo de Eisler foi tomado por um visível tremor. Seus olhos não estavam simplesmente fechados, suas pálpebras estavam apertadas, aparafusadas em pequenos nós franzidos de tensão muscular. O suor escorria por suas faces, descendo pelas mandíbulas para o seu pescoço. O suor molhava as lapelas do seu terno cinza e manchava sua gravata.

- Só queremos um nome.

Molly me olhava com os olhos marejados de lágrimas, de vez em quando ela estremecia. A cena era demasiadamente brutal para os seus nervos. Agüenta firme, Mol, tive vontade de lhe dizer. Não deixe a peteca cair.

- O senhor sabe o nome que eu quero.

E num minuto tive o nome.

Ele permaneceu calado. Seus lábios tremeram como se ele fosse chorar, mas ele não falou.

Ele pensou.

Ele não falou.

Já ia abaixar a arma quando outra pergunta me ocorreu.

- Qual foi a última vez que foram transferidos para ele fundos deste banco?

Esta manhã, Eisler pensou.

Ele apertou ainda mais os olhos. Gotículas de transpiração rolaram de seu nariz para os lábios.

Esta manhã.

Então eu disse, abaixando a arma:

- Vejo que o senhor é um homem de uma vontade de aço.

Lentamente, ele abriu os olhos diretamente para mim. Havia, naturalmente, muito medo neles, mas havia mais alguma coisa. Um brilho de triunfo, pareceu-me; um lampejo de desafio.

Finalmente, ele falou. Sua voz estalou:

- Se deixarem meu escritório imediatamente...
- O senhor não falou. Admiro isso.
- Se deixarem..
- Não pretendo matá-lo - prossegui. - O senhor é um homem honrado; está cumprindo o seu dever. Portanto, se chegarmos a um acordo e decidirmos que este incidente nunca aconteceu, se o senhor concordar em não apresentar queixa e nos deixar sair do banco sem sermos molestados, consideraremos o caso encerrado. Iremos embora.

- Sim - concordo - disse ele. Sua voz estalou novamente. Ele pigarreou. - Saiam imediatamente. Se tiver um pingo de bom senso, o que duvido seriamente, desapareça de Zurique com sua mulher o mais depressa possível.

48

Saímos rapidamente do banco e aceleramos o passo, passando a correr desabaladamente Bahnhofstrasse abaixo. Eisler parecia ter cumprido o trato, deixando-nos sair do banco (pensando na sua própria segurança e na de seus funcionários), mas àquela altura, calculei, certamente já teria acionado o sistema de segurança do banco e a polícia municipal. Ele tinha nossos nomes verdadeiros, e não nossos nomes fictícios, o que era uma vantagem, mas seria provavelmente uma questão de horas - se tanto - até sermos capturados. E assim que as forças dos Homens Sábios soubessem que estávamos aqui, se é que já não sabiam... mas não queria me entregar a esse tipo de raciocínio.

- Você conseguiu? - perguntou Molly enquanto corríamos.
- Sim. Mas não podemos falar agora. - Estava hiper-alerta, de olho em todos os transeuntes, procurando aquele rosto que tinha reconhecido, do pretenso assassino louro que vira pela primeira vez em Boston.

Nenhum sinal dele.

Mas pouco depois pressenti que tínhamos novamente companhia.

Há dúzias de técnicas diferentes para se seguir um homem, e os profissionais realmente bons raramente são apanhados. O problema para o homem louro é o que eu tinha "feito", no jargão da vigilância: o tinha reconhecido. A não ser a uma boa distância, ele não podia pretender me seguir sem ser notado. E, de fato, não o vi em parte alguma perto de nós.

Mas, como logo saberia, havia outros "perdigueiros" que não reconheci. No tráfego intenso de pedestres da Bahnhofstrasse, seria difícil senão impossível localizar um deles.

- Ben - Molly começou, mas eu lhe lancei um olhar severo que a fez calar imediatamente.
- Agora não - disse em voz baixa.

Quando chegamos à Barengasse dobrei à direita, e Molly me seguiu. Os vidros das vitrines das lojas proporcionavam uma boa superfície refletora que me permitia estudar quem estivesse nos seguindo, mas ninguém parecia conspícuo. Eram profissionais. Era como se desde o momento que o detectara ao entrarmos no banco, o homem louro estivesse decidido a não ser visto. Outros confederados estavam agora em ação.

Teria de driblá-los.

Molly deu um longo e trêmulo suspiro.

- Isso é uma *loucura*, Ben. Isso é tremendamente *perigoso!* Sua voz se suavizou. - Quer saber de uma coisa, odiei ver você apontando uma arma para a cabeça daquele cara. Odiei ver o sofrimento dele. Essas coisas são tão deprimentes.

Enquanto andávamos pela Barengasse, tinha plena consciência dos pedestres que nos cercavam, mas ainda não conseguira me fixar em ninguém.

- Armas? - disse. - Elas salvaram minha vida em mais de uma ocasião.

Ela suspirou fundo.

- Papai também sempre dizia a mesma coisa. Ele me ensinou a atirar.
- Com espingarda ou coisa parecida?
- Armas de mão. Uma .38 e uma .45. Para dizer a verdade, eu era um bocado boa. Um craque, se você quer saber. Uma vez acertei na mosca de uma dessas silhuetas que a polícia usa como alvos a trinta metros de distância. A partir desse dia nunca mais usei a arma de meu pai. Também pedi a ele para que não tivesse uma arma em casa.
- Mas se tivesse que fazer uso de uma arma para sé defender ou a mim...
- É claro que faria. Mas nunca me obrigue a fazê-lo.
- Não a obrigarei. Prometo.
- Obrigada. Mas era necessário aquilo tudo com o Eisler?
- Sim, receio que era. Agora tenho um nome. Um nome e uma conta que provavelmente nos dirão para onde o ouro foi desviado.
- E o Banque de Raspail em Paris?

Sacudi a cabeça.

- Não sei o que aquele bilhete queria dizer. A quem se destinava.
- Mas por que meu pai deixaria o bilhete ali?
- Não sei.
- Mas se há uma caixa de cofre, tem de haver uma chave, certo?
- De certo modo, sim.
- Então onde é que ela está?

Sacudi a cabeça novamente.

- Não temos a chave, mas deve haver uma maneira de termos acesso à caixa. Mas primeiro, Munique. Se houver algum modo de interceptar Truslow antes que alguma coisa lhe aconteça, eu o acharei.

Teríamos enganado nossos seguidores?

Duvidoso.

- E o que você me diz do Toby? - perguntou Molly. - Você não deveria notificá-lo?
- Não podemos nos arriscar a entrar em contato com ele, ou com quem quer que seja da CIA agora.
- Mas ele poderia nos ajudar.
- Não confio na ajuda dele.
- Que tal tentar se comunicar com Truslow agora?
- Ele deve estar a caminho da Alemanha. Mas se puder impedi-lo de...
- O quê?

No meio da frase dei uma guinada para um telefone público que avistara. Naturalmente, era muito arriscado fazer uma ligação para o escritório de Truslow na CIA. Entretanto, havia outras maneiras. Mesmo sem aviso prévio, mesmo improvisando na hora. Havia meios e modos.

No meio da rua, Molly ao meu lado, vigiava atentamente as imediações. Por enquanto... ninguém.

Com auxílio de uma telefonista internacional liguei para um centro de comunicações em Bruxelas, cujo número eu, naturalmente, não tive a menor dificuldade em lembrar. Estabelecida a ligação, acionei uma seqüência de números que transferiu a chamada para um sistema telefônico um tanto complicado, uma

linha sem saída. A próxima chamada que eu discasse diretamente parecia estar sendo originada em Bruxelas.

O assistente executivo de Truslow atendeu minha chamada. Dei a ele um nome que Truslow reconheceria imediatamente, pedi-lhe para completar a ligação com o diretor.

- Sinto muito, senhor - disse o assistente. - Neste momento o diretor está a bordo de uma aeronave militar sobrevoando a Europa.
- Mas ele é acessível via satélite - insisti.
- Não tenho autorização, senhor...
- Trata-se de uma *emergência!* - quase gritei para o assistente. Truslow tinha de ser contatado, prevenido para não entrar na Alemanha.
- Sinto muito, senhor - respondeu ele.

Desliguei. Era muito tarde.

E então ouvi meu nome.

Virei-me para Molly, mas ela não havia dito nada.

Pelo menos *pensei* ter ouvido meu nome.

Uma sensação muito esquisita. Sim, era distintamente o meu nome. Olhei em volta da rua.

Lá vinha ele novamente, sem sombra de dúvida - *pensando*, não falando.

Mas não havia nenhum homem por perto que pudesse...

Não era um homem, mas uma mulher. Meus perseguidores acreditavam em idênticas oportunidades de trabalho. Muito correto, politicamente.

Era a mulher que estava sozinha na banca de jornais alguns metros adiante, aparentemente absorvida na leitura de um exemplar do *Le Canard Enchaîné*, um jornal francês satírico.

Aparentava trinta e poucos anos, cabelos ruivos curtos, e usava um costume verde-oliva austero. Pelo que pude observar, era de forte compleição física. Sem dúvida devia ser muito eficiente, não se limitando simplesmente a tarefas de vigilância.

Mas *se* era uma seguidora, isso era tudo o que eu podia deduzir. Uma seguidora a serviço de *quem?* Dos manipuladores da CIA contra as quais Truslow tinha me prevenido, os chamados Homens Sábios? Ou de elementos ligados a Vladimir Orlov - que sabiam da existência do ouro e que eu estava na trilha dele?

Os empregados da moça sabiam que eu tinha ido ao Banco de Zurique e saíra de lá de mãos abanando.

De mãos vazias, é verdade, mas com preciosas informações. O nome de um alemão em Munique que tinha sido o receptor de cerca de cinco bilhões de dólares.

Agora era a minha vez.

- Mol - disse o mais tranquilamente possível. - Você tem de sair daqui.

-O quê...?

- *Mantenha a voz baixa.* Aja com naturalidade. - Sorri como se tivesse ouvido alguma coisa espirituosa. - Temos companhia. Quero que você vá embora.
- Para *onde?* - perguntou, assustada.
- Pegue nossas coisas no guarda-malas da estação de trem - sussurrei, e pensei um segundo. - Depois vá para o Baur-au-Lac, na Talstrasse. Qualquer motorista de táxi na Suíça sabe onde fica. Existe um restaurante lá chamado Grillroom. Me encontrarei com você nesse lugar. Entreguei-lhe minha pasta de couro. - Leve isso com você.
- E se...
- *Mexa-se!*

Freneticamente, ela murmurou em resposta:

- Você não está em condição de enfrentar nenhuma situação perigosa, Ben. Suas mãos... sua destreza...
- Vá!

Ela me olhou insistentemente, depois, sem qualquer aviso, saiu correndo pela rua afora. Um belo lance histriônico; um observador pensaria que tínhamos tido um arrufo, tão natural foi a reação de Molly.

A ruiva olhou agudamente por cima do jornal, seus olhos seguindo Molly, virando-se para mim, e depois voltando para o jornal. Obviamente decidira ficar comigo, sua caça principal.

Ótimo.

Subitamente dei meia-volta e me precipitei rua abaixo. Na minha visão periférica percebi que a ruiva deixara cair seu jornal e, desistindo de qualquer sutileza ou subterfúgio, saiu correndo atrás de mim.

Pouco adiante havia uma espécie de beco, pelo qual entrei abruptamente. Atrás de mim, na Barengasse, ouvi gritos e os passos da mulher. Espremi-me contra uma parede de tijolos, vi a mulher ruiva no costume oliva entrar no beco ao meu encalço, vi quando sacou uma arma, e soltei o pino de segurança de minha Glock e atirei contra a mulher.

Houve um gemido, um suspiro profundo. A mulher fez uma careta, balançou o corpo desajeitadamente para a frente, e recuperou o equilíbrio. Eu a atingira em algum lugar da perna, na coxa talvez. Sem perder um minuto dei um pulo para a frente, disparando contra ela; na realidade, não diretamente contra ela, mas em volta dela, circunscrevendo sua cabeça e seus ombros. Perdendo momentaneamente o equilíbrio, ela se contorceu, virando o corpo para a esquerda e para a direita, e recuperando em seguida seu centro de gravidade, nivelou sua arma contra mim, mas demorou-se demais ao fazer a pontaria, e...

... sua mão se abriu quando uma bala da minha pistola atingiu seu pulso, e sua arma caiu estrepitosamente ao chão. Num salto joguei-me em cima dela, pressionando-a contra o pavimento, apertando meu cotovelo contra sua garganta, imobilizando-a com minha mão esquerda.

Ela permaneceu imóvel por alguns momentos.

Estava ferida na coxa e no pulso, e o sangue empapava o tecido de seda oliva em diversos lugares.

Mas a mulher era imensamente forte, de constituição resistente, e num repentino ímpeto de força ergueu o corpo, quase me desequilibrando, até que meu cotovelo comprimiu novamente a cartilagem de sua garganta.

Ela era na verdade mais jovem do que parecera a princípio, teria talvez pouco mais de vinte anos, e era uma mulher de força extraordinária.

Num movimento seguro, ágil, apanhei sua arma - era uma pequena Walther - e enfiei-a no bolso da lapela do meu paletó.

Desarmada, e obviamente sentindo muita dor, a quase-assassina gemeu, emitindo um som gutural, animal, enquanto eu virava minha pistola para ela, apontando precisamente entre seus olhos.

- Esta arma contém dezesseis balas - disse-lhe muito tranqüilamente. - Disparei cinco. Ainda me restam onze.

Seus olhos se dilataram, mas de desafio, não de medo.

- Não hesitarei em matá-la. Suponho que acredita no que estou dizendo, mas se não acreditar, não tem a menor importância. Eu a matarei porque preciso proteger a mim e a outras pessoas. Mas por enquanto preferia não ter de fazê-lo.

Seus olhos se apertaram ligeiramente, como se concordasse.

Ouvi sirenes, cada vez mais fortes, mais próximas. Será que ela pensava que a chegada da polícia suíça lhe proporcionaria uma oportunidade para fugir?

Mas permaneci em posição de fogo, sabendo que aquela mulher era uma profissional, provavelmente imbuída de uma coragem homicida, e, além do mais, certamente estava sendo regamente paga pelo seu valor.

Seria capaz de fazer qualquer coisa. Mas calculei que preferisse não morrer se não fosse necessário. E da natureza humana, e mesmo aquela assassina tinha instintos humanos.

Tinha de afastá-la o mais possível da rua, para que não fôssemos vistos.

- Vamos lá, quero que você se levante devagar. Depois quero que se vire e ande lentamente. Se cometer a insensatez de fazer qualquer coisa contrariando minhas instruções, não hesitarei em abrir fogo.

Recuei, ergui meu cotovelo da sua garganta agora machucada, e, com a Glock apontada firmemente para o centro da sua testa, observei-a enquanto muito devagar, obviamente sentindo dor, ela lutava para se levantar.

Então ela pronunciou sua primeira palavra para mim.

- Não - disse ela com um sotaque de origem européia indeterminada.
- Vire-se - respondi.

Ela se virou lentamente, e eu a revistei com minha mão livre. Não encontrei nada. Nenhuma segunda arma, nem mesmo uma faca.

- Agora, ande - disse-lhe, encostando o cano da arma na sua nuca, forçando-a a andar mais depressa.

Quando chegamos a um pequeno nicho escuro, deserto, quase no fim do quarteirão, empurrei-a para dentro subitamente, mantendo a Glock encostada na sua nuca. Disse então:

- Olhe para mim.

Ela se virou devagar. Seu rosto estampava uma teimosa recalcitrância. De perto, era um rosto quadrado, quase masculino, mas não destituído de uma certa graça. Ela não descuidava de sua aparência, fosse por vaidade ou para compor sua falsa identidade. Usava um delineador de olhos azul forte e uma sombra de um azul muito pálido misturado com um ligeiro brilho. Seus lábios carnudos estavam pintados com batom vermelho.

- Quem é você? - perguntei.

Ela não disse nada. Houve um leve tremor embaixo do seu olho esquerdo, mas afóra isso, seu rosto permaneceu congelado.

- Você não está em condições de opor resistência - eu disse.

Sua face esquerda contraiu-se, mas seus olhos me olharam com tédio.

- Quem foi que a contratou?

Nada.

- Ah, uma autêntica profissional - disse. - São tão difíceis de encontrar nos dias de hoje. Devem ter lhe pago muito bem.

Um tremor de rosto; silêncio.

- Quem é o homem louro? - insisti. - O sujeito pálido.

Mais silêncio.

Ela olhou para mim, como se estivesse prestes a falar, depois retraiu-se. Ela era realmente muito boa, sabia disfarçar seu medo.

Momentaneamente, pensei em voltar a ameaçá-la, mas me lembrei que havia outras maneiras de saber o que queria. Outros recursos, outros talentos. Esquecera o que, em última análise, me trouxera aqui.

Com a arma apontada firmemente para o seu cenho, cheguei mais perto.

Fui imediatamente saudado por um fluxo de som indistinto que me acostumara a reconhecer, uma confusão de sílabas e ruídos, mas, estranhamente, eram o que agora sei serem pensamentos "audíveis" de alguém que não está com medo. E uma língua que não reconheci.

Sua face esquerda tremia de tensão, mas não de medo, emoção que manifestamos de maneira muito diferente. Aquela mulher estava encostada contra o fundo de um nicho escuro com um arma semiautomática apontada diretamente contra ela, e, no entanto, não estava com medo.

Existem diversas drogas que o pessoal que age na clandestinidade administra a seus agentes para que se mantenham calmos, contidos, uma verdadeira farmacopéia de inibidores beta, ansiolíticos e muito mais que se descobriu ao longo dos anos serem capazes de manter os agentes calmos porém concentrados. Talvez aquela mulher estivesse sob a influência de alguma coisa parecida. Por outro lado, talvez fosse sobrenaturalmente calma, um desses peculiares espécimes humanos, sociopatas ou seja lá o que forem, que não sentem medo da mesma forma que nós, e que, conseqüentemente, são indicados por excelência para sua estranha linha de trabalho. Ela se rendera a mim não por medo, mas por muito cálculo racional. Ela planejava, eu seria capaz de apostar, surpreender-me num momento em que minhas defesas estivessem relaxadas.

Mas ninguém é inteiramente destituído de medo.

Sem medo não somos humanos. Todos nós experimentamos um certo grau de medo. O medo nos mantém vivos.

- O nome dele - sussurrei.

Apertei o dedo no gatilho muito de leve, mas ostensivamente, e disse a mim mesmo que se tivesse de ser, sem dúvida mataria aquela mulher.

Max.

Ouvi, muito nitidamente, naquele timbre cristalino, uma sílaba muito clara. *Max*. Um nome, presumi. Um nome que era compreensível em qualquer idioma.

- Max - disse em voz alta. - Max o quê?

Seus olhos encontraram-se com os meus, com despreocupação, nem medo nem surpresa.

- Me disseram que você era capaz de fazer isso - disse ela, falando finalmente. Seu sotaque era europeu. Não era francês, mas escandinavo? Finlandês, ou norueguês... ? Ela ergueu os ombros. - Sei muito pouco. Foi por isso que fui contratada.

Reconheci o seu sotaque. Holandês, ou talvez flamengo.

- Você pode saber muito pouco - concordei. - Mas não pode deixar de saber *alguma* coisa. Do contrário não teria nenhuma utilidade. Você recebeu instruções, lhe deram nomes de códigos, e assim por diante. Qual é o sobrenome do Max?

Ouvi novamente, *Max*.

- Experimente-me - disse ela com uma ponta de impertinência.
- Qual é o último nome dele?

Ela respondeu comprimindo os lábios ligeiramente.

- Não sei. Não tenho certeza. De qualquer maneira, Max não é o nome verdadeiro dele.

Acenei com a cabeça.

- Não tenho dúvida de que você está certa. Mas a quem ele está ligado?

Outro levantar de ombros.

- Quem foi que lhe contratou?
- Você quer saber qual o nome da companhia que consta do meu contra-cheque semanal? - respondeu ironicamente.

Debrucei-me mais perto até sentir seu hálito no meu rosto, com a Glock ainda apontada para ela, e minha mão esquerda pressionando-a contra a parede de tijolos.

- Qual é o seu nome? Presumo que isso você saiba.

Sua expressão facial permaneceu inalterável.

Zanna Huygens, *ela pensou*.

- De onde é que você é, Zanna?

Sai pra lá, seu filho-da-puta, ouvi em inglês.

Não enche.

Ela falava inglês, alemão, flamengo. Seria provavelmente uma das assassinas de aluguel flamengas que as agências internacionais de espionagem gostam de contratar como *free-lancers*. A CIA costumava contratar mão-de-obra holandesa e flamenga, não apenas porque é boa, mas porque os elementos dessas nacionalidades têm uma facilidade natural em muitos idiomas, o que torna fácil para eles misturarem-se em qualquer parte do mundo, ocultarem suas verdadeiras identidades.

Ouvi outra coisa que não compreendi. Uma frase flutuante, repetida diversas vezes: *o nome o nome o nome o nome o nome*.

O nome filho-da-puta o nome me dê o nome

O nome me dê o nome.

- Não sei *nada* - ela cuspiu na minha cara, me respingando de perdigotos.
- Disseram-lhe para arrancar um nome de mim, não é isso?

Um tique na face esquerda; um muxoxo com os perfeitos lábios carmesim. Então, depois de considerar por um momento, ela falou.

- Sei que você é um cara meio anormal - disse ela. Inopinadamente, suas palavras começaram a jorrar com um sotaque flamengo afetado, monótono. - Sei que foi treinado pela CIA. Sei que tem esse dom estranho que às vezes lhe permite ouvir as vozes que estão nas cabeças de outras pessoas, na mente de pessoas amedrontadas. Não sei exatamente como, por que, ou de onde vem essa faculdade, ou se você já nasceu com essa coisa...

Ela falava sem parar, quase sem raciocinar, e de repente me dei conta do que estava fazendo.

Ela estava falando ininterruptamente, procurando encher o centro da fala do seu cérebro com o maior número possível de palavras, o que provavelmente teria sido ensaiado, porque se você falar sem parar, seu cérebro "fica sobrecarregado produzindo os pensamentos que levam à fala vocalizada, demasiado sobrecarregado para poder ser penetrado, ser lido.

- ... ou por que você está aqui - ela continuou tagarelando. Mas também sei que é cruel, sedento de sangue, e que não vai voltar vivo para os Estados Unidos, mas provavelmente posso lhe ser de alguma ajuda. Por favor, *por favor* não me mate, *por favor não me mate*, estava fazendo o meu trabalho, e não atirei diretamente contra você, como terá percebido, *por favor*...

Ela estaria realmente implorando?, me perguntei momentaneamente. Aquele medo estaria refletindo nos seus olhos? O efeito do ansiolítico teria cessado, ou o estresse e o terror finalmente a tinham derrubado? E enquanto eu recobrava o fôlego e refletia como responder, ela espalmou as duas mãos no meu rosto, enfiou as unhas afiadas nas minhas órbitas, gritando estridente e ensurdecidamente, e deu uma joelhada na minha virilha, isso tudo acontecendo num átimo de segundo, desconcertante, assustadora. Reagi um pouco tarde, mas não tarde demais, segurando com firmeza minha arma, com o dedo enfaixado, desajeitado, encostado no gatilho e a assassina de aluguel sacudindo minha mão, querendo certamente desalojar a pistola, mas não conseguindo. Em vez disso, sua investida me fez recuar instintivamente e com isso apertar levemente o gatilho. A cabeça da mulher explodiu, e com um som líquido o ar foi expelido dos seus pulmões e ela caiu no chão.

Calmamente, abaixei-me, revistei-a, procurando mas não encontrando documentos, papéis ou carteiras de qualquer espécie, exceto uma carteira de notas contendo uma pequena quantia em moeda suíça, provavelmente o estritamente necessário para permitir-lhe levar a cabo o compromisso daquela manhã, e depois corri.

Por um longo, horrível, excruciante momento, enquanto procurava por Molly no Grillroom do Baur-au-Lac, *sabia* que ela estava morta. Sabia que a tinham pegado. Como já acontecera antes, eu tinha sobrevivido ao seu ataque violento mas os outros tinham abatido minha mulher.

O Grillroom é um lugar confortável, com aspecto de clube, um bar à moda americana, uma grande lareira de pedra, e homens de negócios sentados às suas mesas, saboreando *emincé de turbot*, à hora do almoço. Eu estava decididamente deslocado naquele ambiente: sujo e com a roupa manchada de sangue, despertava olhares hostis, recriminadores.

Quando me voltei para me retirar, uma jovem envergando um uniforme de garçonne correu para mim e perguntou:

- O senhor é o sr. Osborne?

Levei um momento para me lembrar que aquele era o meu nome fictício.

- Por que pergunta?

Ela abaixou a cabeça, encabulada, e me entregou um bilhete dobrado.

- Da sra. Osborne, senhor - disse ela e ficou parada esperando enquanto eu abria. Dei-lhe uma nota de dez francos, e ela se afastou apressadamente.

O Ford Granada azul em frente, dizia o bilhete com a letra de Molly.

Munique estava escura quando chegamos, uma clara e revigorante cintilação noturna das luzes da cidade. Tínhamos apanhado nossas malas no depósito de bagagem da Hauptbahnhof de Zurique, e tomado o trem das 15:39, que chegou às 20:09, na Hauptbahnhof de Munique. Houve um momento de tensão no trem quando atravessamos a fronteira alemã, e tivemos de passar pelo controle de passaportes. Aquela altura, tinha havido tempo suficiente para nossos passaportes falsos terem sido transferidos por fax às autoridades alemães, particularmente se a CIA lhe tivesse dispensado tratamento prioritário, o que era capaz de apostar que tinha feito.

Mas os tempos tinham mudado. Aqueles velhos dias, nos quais você era acordado no meio da noite, a porta da sua cabine violentamente aberta e uma voz alemã gritando "*Deutsche Passkontrolle!*", pertenciam agora a uma página virada da História. A Europa estava se unindo. Os controles de passaporte eram raros.

Exausto mas tenso, ansioso, ligado, tentei dormir no trem mas não consegui.

Trocamos algum dinheiro na agência do Deutsche Verkehrs- Bank na estação, e depois fiz reservas de hotel para passarmos a noite. O Metropol, com a vantagem exclusiva de sua localização diretamente do outro lado da Hauptbahnhof, estava lotado. Mas consegui reservar um quarto no Bayerischer Hof und Palais Montgelas, na Promenadeplatz, no centro da cidade - onde cobravam os olhos da cara, mas é o tal negócio: na tempestade, qualquer porto...

De um telefone público liguei para Kent Atkins, chefe-adjunto do escritório da CIA em Munique. Atkins, companheiro velho de bebida nos nossos dias de Paris, era, como já tive oportunidade de dizer, amigo de Edmund Moore - e, o que era mais importante, fora ele quem tinha fornecido a Moore documentos advertindo sobre algo "ominoso" que estava sendo tramado nos subterrâneos da Agência.

Eram cerca de nove e trinta quando liguei para a casa de Atkins.

Ele atendeu ao primeiro toque.

- Pronto.
- Kent?
- Sim? - Sua voz estava clara, alerta, mas parecia que eu o tinha acordado. Uma das virtudes vitais que você adquire na nossa profissão é a capacidade de acordar de repente, e ficar perfeitamente atento numa fração de segundo.
- Cara, você anda dormindo cedo. São pouco mais de nove horas.
- Quem é que está falando?
- É o Pai João.
- Quem?
- O *Père Jean*. - Uma velha brincadeira, uma referência, que esperava que ele lembrasse.

Um silêncio prolongado.

- Quem... oh, Deus. Onde é que você está?
- Não podíamos nos encontrar para um drinque ou coisa parecida?
- Não pode esperar?
- Não. Hofbrauhaus dentro de uma hora?

Atkins respondeu rápida e sarcasticamente:

- Por que não nos encontramos no vestíbulo da embaixada americana?

Entendi o que ele quis dizer e sorri comigo mesmo. Molly olhou para mim, preocupada. Acenei, procurando transmitir-lhe confiança.

- Me encontro com você na Leopold - disse ele, e desligou. Pareceu-me distraído.

Leopold, eu sabia - e ele sabia que eu sabia - significava a Leopoldstrasse, no Schwabing, na zona norte da cidade. O que, por sua vez, queria dizer o Englischer Garten, um lugar de encontro lógico, e especificamente, o Monopteros, um templo clássico construído no início do século XIX numa elevação do parque. Um ótimo local para um "encontro às cegas", como nós espíões chamamos.

Em vez de tomarmos o U-bahn que saía diretamente da estação de trem, o que envolvia certos riscos, deixamos discretamente a gare e demos uma longa volta, encaminhando-nos em seguida para a Marienplatz, a praça central da cidade, sempre apinhada de gente, dominada pelo monstrengo gótico da nova sede da municipalidade, com sua fachada cinzenta, da cor de pão de gengibre, sinistramente iluminada à noite, confrontada no seu ângulo sudoeste por uma loja de departamentos cuja arquitetura agressivamente moderna destruía a unidade *kitsch*-gótica da praça, por mais execrável que fosse.

De certa forma a Alemanha não tinha mudado muito desde que a vira pela última vez. Reencontrei-a ao ver uma multidão esperando bovinamente num sinal luminoso na Maxburgstrasse para atravessar a rua, num trecho em que não se via um único veículo e os pedestres poderiam perfeitamente ter atravessado a *strasse* sem que ninguém notasse, mas a lei era a lei. Um rapaz pulava de um pé para o outro, desesperadamente impaciente, como um cavalo que morde nervosamente o freio, mas mesmo ele não ousava violar a etiqueta social.

Entretanto, sob significativos aspectos a Alemanha tinha mudado drasticamente. Os grupos que se reuniam na Marienplatz eram mais ruidosos e ameaçadores do que as pessoas pacatas que por ali costumavam transitar outrora. *Skinheads* neonazistas espreitavam em pequenas gangues cheias de ódio, vociferando *slogans* e ofensas a minorias raciais. Grande parte de prédios e monumentos góticos estava coberta de pichações. *Ausländer raus!* e *Kanacken raus!* - "Fora estrangeiros!" - em diversos graus de insulto. *Tod allen Juden und dem Ausländerpack!* - "Morte aos judeus e às hordas estrangeiras." *Deutschland ist stärker ohne Europa* - "A Alemanha é mais forte sem a Europa." Também havia ataques aos ex-alemães: *Ossis - Parasiten!* Inscrita com tinta rosa na fachada de um restaurante elegante, uma evocação de uma época mais remota: *Deutschland fiir Deutsche* - "A Alemanha para os alemães." E um grito de súplica: *Für mehr Menschlichkeit, gegen Gewalt!* significando "Mais humanidade, contra a violência!"

Dúzias de desabrigados dormiam ao relento deitados em caixas de papelão desmontadas. Muitas vitrines estavam protegidas com ripas de madeira, outras estavam com seus vidros quebrados, e muitas lojas pareciam estar nos últimos estertores. *Wegen Geschäftsaufgabe alle Waren 30% billiger!* dizia um cartaz: liquidação do negócio 30% de desconto em todas as mercadorias.

Munique parecia uma cidade fora de controle. Perguntei-me se o resto do país, que atravessava sua maior crise econômica desde os dias que antecederam a subida de Hitler ao poder, também não estaria.

Molly e eu tomamos o U-bahn de Marienplatz para Münchner Freiheit e cortamos as alamedas asfaltadas do Englischer Garten, contornando o lago e a Torre Chinesa. Localizamos rapidamente o Monopteros, que sempre me lembrou um Jefferson Memorial bulímico, cheio de colunas e capitéis de gosto duvidoso. Circundamo-lo em silêncio. Nos anos 60 o Monopteros tinha sido uma espécie de abrigo de desocupados, contestadores e outros. Agora parecia ser um ponto de encontro de meninos e meninas adolescentes usando camisetas de universidades americanas e jaquetas de couro preto.

- Por que você acha que o dinheiro foi transferido para Munique? - perguntou Molly. - Frankfurt não é a capital financeira da Alemanha?
- Sim. Mas Munique é o centro industrial. Capital industrial e ao mesmo tempo capital da Bavária. A verdadeira cidade do dinheiro. As vezes Munique é chamada de a capital secreta da Alemanha.

Chegamos cedo ou, talvez, Atkins é que tenha chegado atrasado no seu velho Ford Fiesta caindo aos pedaços. Estava com o rádio ligado a todo volume, ou talvez fosse uma fita: Donna Summer cantando o velho clássico pós-disco "She Works Hard for the Money". Lembrei-me de que em Paris ele tinha uma afinidade embaraçosa com as *discothèques*. A música só cessou quando ele desligou a ignição e o carro parou aos estalos e tremeliques a uns quinze metros de onde estávamos.

- Belo carro - exclamei enquanto ele se aproximava. - Muito *gemütlich*.
- Muito decrépito - rebateu sem sorrir. Seu rosto demonstrava grande tensão, a mesma ansiedade que notara em sua voz. Atkins leria seus quarenta e cinco anos, ágil, com uma cabeleira prematuramente embranquecida contrastando com suas espessas sobrancelhas castanhas. Tinha um rosto comprido, magro e era praticamente destituído de lábios, mas não deixava de ser bem-apegoado. Também era gay, o que por muito tempo tornara difícil o seu progresso na carreira (só recentemente é que os altos escalões em Langley tornaram-se mais liberais).

Atkins envelhecera bastante desde que o vira a última vez em Paris. Tinha olheiras pronunciadas, denunciando noites de insônia. Não era uma pessoa preocupada quando o conheci em Paris, mas alguma coisa o obcecava agora, e eu sabia o que era.

Comecei apresentando-o a Molly, mas ele não estava para amabilidades sociais. Estendeu a mão e segurou meu ombro.

- Ben - disse ele com os olhos alarmados. - Trate de sair daqui o quanto antes. Caia fora da Alemanha. Não posso me arriscar a ser visto com você. Onde é que você está hospedado? - perguntou.
- Vier Jahreszeiten - menti.
- Muito público, muito vulnerável. Eu nem ficaria na cidade se fosse você.
- Por quê?
- *Você é persona non grata.*
- Aqui?
- Em toda parte.

- E daí?

- Você está na lista de observação.
- O que isso quer dizer?

Atkins hesitou, olhou para Molly e depois para mim, como se estivesse pedindo permissão para prosseguir. Acenei com a cabeça.

- Cauterização.
- O quê?

No jargão da Agência, um agente comprometido ou identificado é "cauterizado" para sua própria proteção sendo prontamente removido de uma situação hostil e posto em segurança. Cada vez mais frequentemente, porém, o termo é usado com ironia - significando a apreensão de um agente por seus próprios empregados quando é considerado perigoso para a organização.

O que Atkins estava querendo me dizer era que tinham emitido instruções para o mundo inteiro no sentido de que eu deveria ser detido por qualquer representante da Agência que porventura me encontrasse.

- É uma DDCI, ou Diretriz de Diretor da Central de Inteligência. Ordens emanadas do gabinete de um figurão chamado Rossi. O que você está fazendo aqui? - Atkins caminhava apressadamente, talvez

um reflexo inconsciente do medo que parecia dominá-lo. Molly quase precisava correr para poder acompanhá-lo. Ela se limitava a ouvir, deixando o falatório por minha conta.

- Preciso de sua ajuda, Kent.
- Eu lhe perguntei o que está fazendo aqui. Ficou *maluco*?
- O que você sabe exatamente?
- Me preveniram que você poderia aparecer por aqui. Voltou à vida privada? Está agindo por sua conta?
- Voltei para a vida privada quando deixei a Agência e fui para a faculdade de direito.
- Mas você voltou à ativa - insistiu. - Por quê?
- Fui forçado a isso.
- E o que dizem. Nunca se consegue largar definitivamente o vício.
- Papo-furado. Durante algum tempo eu consegui.
- Dizem que você foi submetido a um programa experimental superclassificado. Uma espécie de programa de pesquisa destinado a explorar aptidões excepcionais. Não sei o que isso quer dizer. Os comentários são vagos.
- Os rumores são bários - eu disse. Ele entendeu minha referência: "bário" é um termo inspirado na KGB para informações falsas que são dadas a supostos vazamentos a fim de detectá-los, de modo semelhante ao uso do bário na gastroenterologia.
- Talvez - disse ele. - Mas vocês precisam desaparecer, Ben. Todos os dois. Suas vidas estão ameaçadas.

Quando chegamos a um matagal deserto numa alameda de terra, parei.

- Você sabia que Ed Moore está morto?

Ele piscou os olhos.

- Estou sabendo. Falei com ele na noite anterior ao seu assassinato.
- Ele me disse que você estava morrendo de medo.
- Moore exagerou.
- Mas você *está* com medo, Kent. Você tem de me contar o que sabe. Você forneceu documentos ao Moore...
- Do que você está falando?

Molly, percebendo sua reticência, comunicou:

- Vou dar uma volta. Estou precisando urgentemente de um pouco de ar fresco. - Ela roçou a mão na minha nuca ao se afastar.
- Ele me *contou*, Kent - prossegui. - Isso nunca passou de mim, lhe garanto. Não temos tempo para essas coisas. *O que você sabe?*

Ele mordeu o lábio inferior, franziu o cenho. Sua boca era uma linha reta arqueada para baixo. Consultou o relógio. Um Rolex de imitação.

- Os documentos que dei ao Ed estavam longe de ser conclusivos.
- Mas agora você sabe mais, não é verdade?
- Não tenho nada por escrito. Nenhum documento. Tudo o que fiquei sabendo foi de ouvido.
- Geralmente é a forma mais valiosa de inteligência. Kent, Ed Moore foi morto devido a essas informações. Tenho outras que podem ser úteis...

- Não *quero* saber de suas malditas informações.
- Ouça.
- Não. Você é que tem de me ouvir. Falei com Ed poucas horas antes de os miseráveis o obrigarem a se suicidar. Ele me alertou sobre uma conspiração, um homicídio que estava sendo planejado.
- Sim - disse com o estômago tenso -, contra quem?
- Ed só tinha fragmentos de informação. Era mais especulação.
- Quem?
- Contra o único sujeito que é capaz de limpar a Agência.
- Alex Truslow.
- Você falou isso.
- Estou trabalhando para ele.
- Folgo em saber. Por ele e pela Companhia.
- Sinto-me lisonjeado. Mas agora preciso de certas informações. Recentemente uma grande soma de dinheiro foi transferida para a conta de uma corporação em Munique. Para o Commerzbank.
- Conta de quem?

Podia confiar nele ou não? Tinha de acreditar na capacidade de julgamento de Ed Moore. Mergulhei de cabeça.

- Você está me seguindo ou não?

Atkins respirou fundo.

- Estou lhe seguindo, Ben.
- O nome do beneficiado era Gerhard Stoessel. A conta pertence à empresa Krafft A. G. Diga-me tudo o que você sabe.

Ele balançou a cabeça.

- Você está inteiramente equivocado. Sinto muito, meu caro, mas lhe venderam gato por lebre.
- Por quê?
- Sabe quem é Stoessel?
- Não - admiti.
- Pelo amor de Deus! Você não tem lido os jornais? Gerhard Stoessel é o presidente do conselho administrativo da Neue Welt, uma gigantesca organização imobiliária. Dizem que possui e/ou controla a maior parte dos imóveis comerciais da Alemanha unificada. Como se não bastasse, Stoessel é o conselheiro econômico de Wilhelm Vogel, o chanceler eleito. Vogel já o nomeou ministro do seu governo. Quer que Vogel reconstrua a abalada economia alemã. É conhecido como o Svengali de Vogel, uma espécie de gênio financeiro. Mas, como lhe disse, você está inteiramente por fora.
- Como assim?
- A empresa imobiliária não tem qualquer vínculo com a Krafft A. G. Você sabe muita coisa sobre a Krafft?
- Essa é em parte a razão de estar aqui. Sei que é uma grande fabricante de armas.
- Simplesmente a maior indústria de armamentos da Europa, sediada em Stuttgart. Muito maior do que outras indústrias bélicas alemãs como: Krupp, Dornier, Krauss-Maffei, Messerschmitt-Bölkow-Blohm, Siemens, e não nos esqueçamos da Bayerische Motorenwerke. Maior do que a Ingenieurkontor Lübeck, fabricante de submarinos; ou as Maschinenfabrik Augsburg-Nürnberg, AEG, MTU, Messerschmitt, Daimler-Benz, Rheinmetall...

- Como é que você sabe que Stoessel não tem ligação com a Krafft?
- É a lei. Há alguns anos o Federal Cartel Office baixou uma lei quando a Neue Welt tentou adquirir a Krafft. O órgão responsável pelos cartéis decidiu que as duas companhias não podiam ter nada em comum, que uma fusão criaria um gigante incontrolável. Você sabia que a palavra cartel vem do alemão *Kartell*! É um conceito alemão.
- Minha informação está certa - disse.

Durante o tempo todo eu vinha fazendo força, enquanto falava e ouvia, para captar o que pudesse dos pensamentos de Kent. Aqui e ali alguma coisa transparecia. A cada vez que isso acontecia confirmava o que eu já sabia, que ele estava dizendo a verdade, pelo menos como a conhecia.

- Se... se sua informação for correta, e não lhe perguntarei onde a obteve, não *quero* saber, isso é uma prova convincente de que a companhia de Stoessel adquiriu secretamente a Krafft!

Virei-me para me certificar de que Molly estava à vista; ela andava de um lado para outro, sem se afastar muito.

O que tudo isso significava - pensei, mas não disse - era que o Banco de Zurique canalizara bilhões de dólares para uma companhia alemã, a maior imobiliária combinada com a maior fábrica de armamentos... complexo que estava por trás de Wilhelm Vogel, o próximo chanceler da Alemanha... o próximo líder, funcionalmente, da Europa.

Tremi nas bases, não querendo considerar as implicações disso, mas incapaz de reprimir minha imaginação. As conseqüências, estava na cara, eram ainda piores do que eu suspeitara.

50

— Poderia ter sido suborno? - perguntei.

- Stoessel é conhecido como um sujeito honesto - respondeu Atkins.
- As aparências enganam. Às vezes, são os tipos mais fáceis de serem subornados.
- Tudo bem, não estou afirmando que ele fosse incapaz de aceitar um suborno. Mas o fato é que todo financiamento de campanha eleitoral na Alemanha é rigorosamente fiscalizado nos dias de hoje. E para evitar que esses gigantes industriais controlem a política. Há muitas maneiras de canalizar dinheiro secretamente, mas nenhuma corporação se atreve. A inteligência alemã mantém um controle severo. Portanto, se você possui alguma prova - *prova documental* - do que está insinuando, é pura dinamite política.

O que eu podia dizer? Não tinha documentos. Só contava com os pensamentos na cabeça de Eisler que tinha captado. Mas como dizer isso a Atkins?

- Uma razão a mais - disse eu - para que bilhões de dólares ou marcos alemães canalizados sub-repticiamente para o país fossem enormemente valiosos para um candidato. Mas não entendo. Pensei que Vogel fosse um moderado, uma espécie de populista.
- Vamos andar - disse ele.

Pelo canto do olho não perdia Molly de vista. Começamos a caminhar, e, mantendo uma certa distância, ela nos seguiu.

- Muito bem - disse Atkins, baixando a cabeça enquanto andava. - A economia alemã está numa desordem como nunca esteve desde a década de 1920, certo? Distúrbios em Hamburgo, Frankfurt, Berlim, Bonn, em todas as cidades principais, e em muitas localidades menores igualmente. Os neonazistas estão em toda parte. Uma onda de violência está varrendo o país. Está me seguindo?
- Continue.
- Então os alemães tiveram essa grande eleição. E o que foi que aconteceu algumas semanas antes do dia da eleição? Um violento *crash* do mercado de valores. Uma verdadeira catástrofe. A economia alemã, bem, você pode ver com seus próprios olhos; já ouviu falar, está em ruínas. Devastada. Sob certos aspectos é uma depressão pior do que a Grande Depressão nos Estados Unidos nos anos 30.

"Daí o pânico dos alemães. O candidato oficial é alijado e um novo rosto é eleito. Um homem do povo. Um homem honrado - um ex-mestre-escola, um chefe de família - que vai mudar tudo. Vai salvar a Alemanha. Torná-la novamente grande.

- Compreendo. Da mesma forma que Hitler foi guindado ao poder em 1933 no meio do desastre de Weimar. Você está insinuando que Vogel é secretamente um nazista?

Pela primeira vez Kent deu uma risada. Na verdade, mais um ronco do que uma risada.

- Os nazistas, ou na realidade os neonazistas, para ser mais exato, são repelentes. Mas são extremistas. Estão longe de representar a maioria do eleitorado alemão. Acho que se tem uma impressão errônea sobre os alemães nesse sentido. Não há como negar, Hitler existiu *de fato*. Mas isso foi há muitos anos, e as pessoas mudam. Os alemães querem ser grandes novamente. Querem recuperar seu status de potência mundial.

- E Vogel...?

- Vogel não é o que ele se diz ser.
- O que isso significa?
- Era isso que eu estava tentando descobrir quando enviei aqueles documentos para Ed Moore. Sabia que ele era um homem íntegro, alguém em quem podia confiar. Fora da Agência. Alheio ao que pudesse estar acontecendo. E além disso um especialista em política européia.
- O que foi que você descobriu?
- Fui transferido para aqui poucos meses depois da queda do Muro de Berlim. Fui designado para interrogar agentes da KGB, da Stusi, todos esses caras. Havia boatos, apenas boatos, veja bem, de que Vladimir Orlov teria evadido grandes quantias de dinheiro do país. A maioria dos fofoqueiros de plantão pertencia aos escalões inferiores e não sabia nada de relevante. Mas quando tentei obter informações sobre Orlov, constatei que o seu paradeiro era dado como "desconhecido" em todos os bancos de dados.
- A localização dele era protegida pela CIA - disse eu.
- Certo. Esquisito, mas tudo bem. Acontece. Aí me mandaram interrogar um cara graúdo da KGB que, acho que o sujeito precisava desesperadamente de dinheiro, começou a dar com a língua nos dentes, referindo-se a um dossiê que tinha visto sobre corrupção na CIA. Grande novidade. A CIA é corrupta? O papa caga no mato? Um grupo de funcionários graduados, me esqueço do nome. Não é importante.

"Mas aí uma coisa me deu o que pensar. O cara da KGB me falou de um plano *americano* - um plano da CIA, ele acrescentou - para manipular o mercado de valores alemão.

Acenei com a cabeça e senti meu coração bater aceleradamente.

- Em outubro de 1992, a Bolsa de Valores de Frankfurt concordou em criar um mercado de valores alemão centralizado, a Deutsche Börse. Tendo em vista a interligação da Europa, a maneira como todas as moedas européias estão agora vinculadas através do Sistema Monetário Europeu, uma crise na Deutsche Börse devastaria toda a Europa, disse o cara. Especialmente nos dias atuais de comércio e portfólios de seguros, e transações computadorizadas, tudo conduzido num ritmo frenético. Não havia interceptores de circuito no mercado alemão. Os computadores eram programados para vender automaticamente, disparando vendas maciças. Ademais, era uma época de grande instabilidade de moedas, desde que o Bundesbank, o banco central da Alemanha, fora forçado a aumentar as taxas de juros. E o resto da Europa teve de seguir o exemplo. Isso afetou as cotações do mercado de valores. De qualquer maneira, os detalhes não são tão importantes. O fato é que, segundo o ex-agente da KGB, há um plano em andamento para minar e destruir a economia européia. O cara era um cobra em finanças, por isso ouvi-o atentamente. Ele disse que todas as alavancas já estavam nos seus devidos lugares; só estava faltando uma rápida e súbita injeção de capital.
- Onde é que está esse cara, esse ex-agente da KGB?
- Sarampo. - Kent sorriu amargamente e deu de ombros. É um método de extermínio que faz a morte parecer ter sido provocada por causas naturais. - Presumo que tenha sido coisa de seus próprios correligionários.
- Você comunicou isso?
- É claro que sim. É o meu trabalho, amigo. Mas me disseram para não levar a coisa adiante. Esquecer qualquer tentativa de investigar o assunto; era prejudicial às relações teuto-americanas. Não perder mais tempo com isso.

De repente notei que estávamos parados em frente ao velho e enferrujado Ford Fiesta de Atkins. Tínhamos dado uma volta grande, mas eu estivera tão absorvido que nem percebera. Molly juntou-se a nós.

- Vocês já acabaram, rapazes? - perguntou ela.
- Sim - respondi. - Por enquanto. - Voltando-me para Atkins, disse: - Obrigado, companheiro.
- Ok - disse ele, abrindo a porta do carro. Não a trancou, entretanto; ninguém, por mais necessitado que fosse, se daria ao trabalho de roubar um veículo como aquele. - Mas agora ouça o meu conselho, Ben, por favor. Você também, Molly. Caiam fora do país. Nem passaria a noite aqui se fosse vocês.

Apertei-lhe a mão.

- Você se importaria de nos dar uma carona até o centro da cidade?
- Sinto muito - disse ele. - A última coisa que desejo é ser visto com você. Concordei com esse encontro porque somos amigos. Você me ajudou em momentos difíceis. Eu lhe sou grato. Mas tome o metrô. Faça-me o favor.

Ele se acomodou no assento do motorista e colocou o cinto de segurança.

- Boa sorte - disse Atkins. Bateu a porta, baixou o vidro e acrescentou: - Dêem o fora daqui.
- Podemos nos encontrar novamente?
- Não.
- Por que não?
- Fique longe de mim, Ben, ou serei um homem morto. - Virou a chave da ignição, sorriu, e acrescentou: - Sarampo.

Dei o braço a Molly e nos encaminhamos para a Tivolistrasse. O motor do carro de Kent não pegou nas duas primeiras tentativas, mas na terceira o carro roncou e ganhou vida.

- Ben - Molly começou a falar, mas alguma coisa me incomodava, e virei-me para ver Kent dar marcha a ré.

A música, me lembrei.

Ele tinha fechado o carro com o rádio tocando a música de Donna Summer. Mas agora o rádio estava desligado.

Ele não o tinha desligado.

- Kent! - gritei, saltando na direção do carro. - Pule fora!

Ele olhou para mim, surpreso, sorrindo timidamente, imaginando que eu pudesse estar fazendo alguma palhaçada.

O meio sorriso desapareceu subitamente num clarão de luz branca, um estouro surdo como o despedaçar de uma *pinata* mas eram os vidros das janelas do Ford Fiesta de Kent, seguido de uma tonitruante explosão, provocando labaredas sulfurosas com matizes âmbar e vermelho-sangue e grandes línguas de fogo ocre e índigo, e depois uma coluna de nuvens que arremessava pedaços do carro pelo ar. Um estilhaço me atingiu na nuca: o mostrador de seu Rolex de imitação.

Molly e eu nos abraçamos mudos por um segundo, e depois corremos o mais depressa que pudemos pelas alamedas do Englischer Garten envolto nas trevas.

51

Alguns minutos depois do meio-dia chegamos a Baden-Baden, o famoso e antigo *spa* aninhado entre pinheiros e bétulas da Floresta Negra da Alemanha. Em nosso reluzente Mercedes 500SL prateado de aluguel (forrado com couro cor de vinho, era exatamente o tipo de carro que um jovem ambicioso diplomata servindo na embaixada do Canadá escolheria), fizemos o percurso num tempo ótimo. Levamos menos de quatro horas de frenética porém cuidadosa direção na *autobahn* A8, partindo de Munique no sentido oeste-noroeste. Eu vestia um terno conservador mas elegante que tinha comprado na Loden-Frey na Maffeistrasse, ao sair da cidade.

Tínhamos passado uma noite angustiada, insone, no nosso hotel na Promenadeplatz. A terrível explosão no Englischer Garten, a morte estúpida de nosso amigo: as imagens e o terror tinham ficado gravados em nossas mentes. Consolamo-nos mutuamente e falamos durante horas, cada um procurando afastar os temores do outro, tentando encontrar um sentido para o que aconteceu.

Sabíamos que se tornara imperioso localizar Gerhard Stoessel, o industrial alemão e tubarão imobiliário que recebera a transferência do dinheiro de Zurique. Ele estava no centro da conspiração, tinha certeza.

Precisava me aproximar de algum jeito de Stoessel e captar os pensamentos do conspirador. E tinha de me comunicar com Alex Truslow, em Bonn ou onde quer que ele estivesse, e preveni-lo. Ele deveria deixar o país imediatamente, ou teria de adotar medidas de segurança adequadas.

De manhã cedo, depois de desistir de conciliar o sono de que lanto necessitava, telefonei para uma repórter econômica da revista *Der Spiegel*, que conhecera superficialmente em Leipzig.

- Elisabeth - disse-lhe - preciso localizar Gerhard Stoessel.
- O grande Stoessel em pessoa? Estou segura de que ele está em Munique. E onde fica a sede da Neue Welt.

Mas ele não estava em Munique, como ficara sabendo depois de umas sondagens preliminares.

- Será que está em Bonn? - perguntei.
- Não vou lhe perguntar por que você está querendo entrar em contato com Stoessel - disse ela, percebendo a ansiedade na minha voz. - Mas você deve ficar sabendo que não é fácil chegar a ele. Deixe-me fazer algumas ligações.

Ela ligou de volta vinte minutos depois.

- Ele está em Baden-Baden.
- Não vou perguntar qual é a sua fonte, mas suponho que seja confiável.
- Completamente. - Antes que pudesse perguntar, ela acrescentou: - Ele se hospeda invariavelmente no Park Hotel e Spa Brenner.

No século XIX Baden-Baden era muito procurada pela nobreza européia; foi lá que, depois de perder tudo no cassino Spielbank, Dostoievski escreveu em desespero *O jogador*. Agora alemães e outros europeus freqüentam o balneário elegante para esquiar, jogar golfe ou tênis, assistir às corridas de cavalo no Hipódromo Iffezheim e usufruir as virtudes medicinais dos banhos de água mineral, que emana de poços artesianos situados no subsolo da montanha Florentiner.

O dia começara encoberto e bastante frio, e quando nos aproximamos do Park Hotel e Spa Brenner, cercado por um parque particular às margens do rio Oosbach, começara a cair uma garoa. Baden-Baden parecia uma cidade acostumada a pompa e festividades; a arborizada Lichtentaler Allee, com as cores vibrantes de rododendros, azaléias e rosas, era o seu ponto central, seu grande passeio. Mas agora parecia triste e deserta, ressentida e furtiva.

Molly ficou à minha espera no Mercedes enquanto eu entrava no espaçoso e silencioso vestíbulo do hotel. Tinha percorrido uma distância tão grande nos últimos poucos meses, refleti. Tanta coisa tinha acontecido a nós dois desde aquele dia chuvoso de março no interior do estado de Nova York, em que acompanháramos Harrison Sinclair à sua sepultura, e ali estávamos num *spa* alemão deserto no Schwarzwald, e novamente chovia.

O funcionário uniformizado da recepção encarregado do registro de hóspedes era um jovem alto, louro, de vinte e poucos anos, e obsequioso.

- Posso ajudá-lo, senhor?
- *Ich habe eine dringende Nachricht für Herm Stoessel*. - Tenho um recado urgente para o sr. Stoessel, disse com ar importante, segurando um envelope numa das mãos.

Apresentei-me como Christian Bartlett, segundo secretário do consulado canadense em Munique.

- Poderia, por obséquio, entregar-lhe esta carta? - disse no meu alemão com forte sotaque mas ainda aproveitável.
- Naturalmente, cavalheiro - disse o recepcionista, estendendo a mão para apanhar o envelope. - Mas ele não está no momento. Deverá passar toda a tarde fora.
- Onde ele está? - perguntei, pondo o envelope no bolso do meu paletó.
- No balneário, creio.
- Qual deles?

Ele ergueu os ombros.

- Não sei. Sinto muito.

Na realidade, só há dois *spas* importantes em Baden-Baden, ambos na Romerplatz: o Velho Balneário, também chamado Friedrichsbad, e as Termas Caracalla. No primeiro a que me dirigi, as Termas Caracalla, repeti minha Cantinela e fui recebido com olhares vazios. Não há nenhum *Herr* Stoessel aqui, me disseram. Um funcionário mais velho, entretanto, entreouvei a conversa e disse:

- O sr. Stoessel não costuma vir aqui. Experimente o Friedrichsbad.

No Friedrichsbad, o recepcionista - um homem de meia-idade corpulento, pálido - acenou a cabeça. Sim, disse ele, o sr. Stoessel se encontra aqui.

- *Ich bin Christian Bartlett von der Kanadischen Botschaft. Es ist äusserst wichtig und dringend, dass ich Herrn Stoessel erreiche.*

Preciso falar com urgência com o sr. Stoessel, disse a ele.

O recepcionista balançou a cabeça, com a truculência de uma mula.

- *Er nimmt gerade ein Dampfbad.* - Ele está tomando um banho de vapor. - *Man darf ihn auf gar keinen Fall stören.* - Deu ordens para não ser incomodado.

O recepcionista, entretanto, impressionado com a minha pose, e talvez com o fato de eu ser estrangeiro, concordou em me levar até a sauna onde o grande *Herr* Stoessel se encontrava. Se era realmente um assunto urgente, ele ia ver o que podia fazer. Passamos por camareiros de uniformes brancos transportando bandejas com água mineral e bebidas geladas, enquanto outros carregavam pilhas de toalhas felpudas brancas, e finalmente chegamos a um corredor aparentemente afastado dos demais empregados.

Do lado de fora da sauna estava sentado um homem abrutalhado, com cara de batata, num uniforme cinza de segurança, suando profusamente e visivelmente desconfortável. Era obviamente um guarda-costas. Ele olhou para cima quando nos aproximamos e rosnoou:

- *Sie dürfen nicht dort hineingehen!* - Você não pode entrar aí!

Olhei para ele, surpreso, e sorri. Num movimento inesperado, com a velocidade de um raio, saquei minha arma do bolso e dei uma coronhada na têmpora do brutamontes. Ele deu um gemido e desabou no chão. Virando a arma para o outro lado, golpeei a nuca do recepcionista, com o mesmo resultado.

Movimentando-me rapidamente, arrastei os dois corpos para uma pequena dependência de serviço próxima, tirando-os do caminho, e fechei a porta para isolar a área. O uniforme branco do recepcionista saiu facilmente. Ficou sobrando no meu corpo, detalhe sem maior importância.

Peguei uma bandeja vazia no balcão de aço inoxidável e diversas garrafas de água mineral numa pequena geladeira, e encaminhei-me com naturalidade para a porta da sauna. Empurrei-a com força e ela abriu com um rangido estridente.

O vapor rodopiou à minha volta, grosso e opaco como um algodão absorvente, um forro ondulante. A cabine estava insuportavelmente quente, sufocante, e o vapor, sulfuroso e acre. Sentia-lhe o gosto. As paredes eram revestidas de azulejos brancos.

- *Wer ist da? Was ist los?* - Quem está aí? O que está acontecendo?

Através da névoa diáfana consegui distinguir com esforço dois corpos nus, robustos, avermelhados. Estavam reclinados num comprido banco de pedra coberto com toalhas brancas, como carcaças num

matadouro.

A voz veio do corpo mais perto de mim, de peito cabeludo e rotundo. A medida que penetrava nas densas nuvens, segurando a bandeja no alto, fui distinguindo suas orelhas protuberantes, seu crânio calvo, seu nariz grande. Gerhard Stoessel. Tinha estudado sua fotografia naquela manhã, e não havia dúvida de que era ele. Não dava para ver bem seu companheiro, exceto que era outro homem de meia-idade, sem pêlos e pernas curtas.

- *Erfrischungen* - Stoessel rosnou. - Refrigerantes? - *Nein!*

Sem dizer uma palavra, recuei, retirando-me da cabine, e fechei a porta.

O guarda-costas e o recepcionista ainda estavam inconscientes. Rápida e resolutamente, percorri os corredores até encontrar o que queria: uma porta sem vidraça localizada no que deveria ser os fundos da sauna. Era o espaço apertado de manutenção que sabia que tinha que haver ali. Uma espécie de túnel pelo qual os empregados do *spa* tinham acesso aos canos de vapor para eventuais reparos. Não estava fechada; não havia razão para isso. Abri-a e rápida, nervosamente enfiei-me no túnel de teto baixo. Estava completamente escuro. As paredes cobertas de limo e depósitos minerais provenientes da umidade. Perdendo momentaneamente o equilíbrio, levantei o braço para me firmar e segurei acidentalmente num cano escaldante. Só com muito esforço consegui abafar um grito de dor.

Engatinhando pelo espaço adentro, percebi um pequeno orifício de onde emanava uma luz tênue, e avancei na sua direção. O ajuste da calefação em torno da saída do vapor, onde o cano penetrava no interior da cabine, afrouxara, deixando passar uma nesga de luz - e um som abafado.

Depois de pouco mais de um minuto meus ouvidos acostumaram-se suficientemente à má qualidade do som, e pude reconhecer frases, e em seguida sentenças inteiras. A conversa entre os dois homens era naturalmente em alemão, mas eu conseguia compreender a maior parte do que diziam. Agachado na escuridão, com as mãos escoradas nas paredes de concreto limoso, ouvia com horrorizado fascínio, dominado pelo medo.

52

A princípio eram apenas frases isoladas: *Bundesnachrichtendienst*, o Serviço Federal Alemão de Inteligência. O Serviço Suíço de Inteligência. A *Direction de la Surveillance du Territoire*, organização de contra-espionagem francesa, a DST. Foi mencionada alguma coisa sobre Stuttgart, e um aeroporto. Depois a conversa tornou-se mais fluente, mais expansiva. Uma voz desdenhosa - seria de Stoessel ou do outro homem?:

- E apesar de todos os seus recursos, suas fontes, seus *dados-base*, eles não têm a menor idéia de quem possa ser essa testemunha secreta.

Não consegui ouvir uma resposta.

Súbito uma frase esparsa:

- Para assegurar a vitória...
- A confederação.
- Se quisermos que uma Europa unificada seja nossa. - Em seguida: - Uma oportunidade como essa só surge uma ou duas vezes num século.

- Total coordenação com os Homens Sábios...

O outro homem, que naquela altura eu estava convencido de que era Stoessel:

- ... na História. Há sessenta anos Adolf Hitler tornou-se chanceler e a República de Weimar sucumbiu. As pessoas esquecem que no começo ninguém acreditava que ele passaria daquele ano!

O outro respondeu, exaltado:

- Hitler era um louco. Nós somos equilibrados.
- Não carregamos o peso da ideologia - disse a voz de Stoessel que é sempre a causa da derrocada...

Algo que não pude ouvir, e Stoessel respondeu:

- Portanto, temos de ser pacientes, Wilhelm. Dentro de poucas semanas você será o líder da Alemanha, e nós dominaremos. Mas para consolidar nosso poder será preciso tempo. Nossos sócios americanos nos garantem manter sua reserva.

Você será o líder da Alemanha... O outro homem era, tinha que ser, Wilhelm Vogel, o chanceler eleito. Fiquei com o estômago embrulhado.

Vogel, tinha certeza de que era Wilhelm Vogel, fez um barulho, uma espécie de objeção surda, à qual Stoessel respondeu em alto e bom som:

- ... que eles verão e não farão nada. Desde Maastricht, a conquista da Europa tornou-se imensamente mais fácil. Os governos cairão um por um. E sabemos que os políticos não são líderes. Eles se limitarão a olhar para os líderes corporativos, porque a indústria e o comércio são as únicas forças capazes de governar uma Europa unificada. Eles não têm visão! Nós somos visionários! Somos capazes de enxergar muito mais longe, além do amanhã e do dia seguinte. Para além das preocupações imediatas do momento presente.

Outro silêncio do chanceler eleito. Stoessel então disse:

- Uma conquista global que é muito simples, porque é baseada na motivação do lucro, pura e simplesmente.
- O ministro da defesa - ponderou Vogel.
- Não haverá problema - respondeu Stoessel. - Ele quer a mesma coisa. Uma vez que o exército alemão recupere a glória que lhe é devida...

Outra observação abafada, e Stoessel prosseguiu:

- Facilmente! Facilmente! A Rússia não é mais uma ameaça! A Rússia não é nada. A França... você tem idade suficiente para se lembrar da Segunda Guerra Mundial, Willi. Os franceses vão xingar e reclamar, vangloriar-se de uma linha Maginot, mas capitularão sem lutar.

Vogel pareceu objetar novamente, pois Stoessel respondeu em tom queixoso:

- Porque vai ao encontro de seus melhores interesses econômicos, por que outro motivo? O resto da Europa reinvestirá e a Rússia não terá outra escolha senão reinvestir também.

Vogel disse alguma coisa sobre Washington e uma "testemunha secreta".

- Ele será encontrado - disse Stoessel. - O vazamento será descoberto e tampado. Ele nos garante que

será contido.

Vogel disse algo sobre "antes disso", e Stoessel replicou:

- Sim, precisamente. Acontecerá dentro de três dias... Sim. Não, o homem será assassinado. Não falhará. Está tudo orquestrado. Ele morrerá. Não tem com que se preocupar.

Houve um barulho, um baque, que deveria ser a porta da sauna sendo aberta.

Então, muito nitidamente, Stoessel disse:

- Ah, você chegou.
- Bem-vindo - disse Vogel. - Espero que seu vôo para Stuttgart tenha sido sem incidentes.

Outro baque surdo; a porta foi fechada.

- ... queria lhe dizer - a voz de Stoessel se fez ouvir novamente - como somos gratos. Todos nós.
- Obrigado - disse Vogel.
- Nossos sinceros cumprimentos - disse Stoessel.

O recém-chegado falou em alemão fluente, mas com um sotaque estrangeiro, provavelmente americano. A voz era ressonante, de barítono, e me soou um tanto familiar. Pareceu-me a voz de alguém que ouvira na televisão ou no rádio.

- A testemunha foi convocada para depor perante a comissão de inteligência do Senado - disse o recém-chegado.
- Quem é? - perguntou Stoessel.
- Ainda não temos um nome. Tenha paciência. Obtivemos acesso aos bancos de dados dos computadores da comissão. E por isso que temos certeza de que a testemunha prestará depoimento sobre os Homens Sábios.
- E sobre nós? - disse Vogel. - A testemunha sabe sobre a Alemanha?
- É impossível saber - disse o americano. - Quer ele ou ela saiba ou não, nossa ligação com vocês é fácil de estabelecer.
- Então ela precisa ser eliminada - disse Stoessel.
- Mas sem conhecer a identidade da testemunha - disse o americano -, é impossível saber quem eliminar. Somente quando o indivíduo aparecer...
- Somente nesse momento...? - interrompeu Vogel.
- Nesse momento - disse o americano - será feito. Isso posso lhes garantir.
- Mas sem dúvida serão tomadas medidas para proteger a testemunha - disse Stoessel.
- Não há medidas de proteção adequadas - prosseguiu o americano. - Não se preocupe. Eu não estou. O que deve nos preocupar agora é a coordenação. Se os hemisférios forem divididos em partes proporcionais, se ficarmos com as Américas, e vocês com a Europa...
- Sim - Stoessel interrompeu impacientemente -, você está se referindo à coordenação entre os dois centros que governarão o mundo, mas isso é fácil de se conseguir.

Era hora de me mexer.

O mais silenciosamente possível me virei desajeitadamente naquele espaço apertado, e rastejei de volta à porta. Agucei os ouvidos, e quando me certifiquei de que ninguém estava passando, abri a porta rapidamente e voltei para o corredor, que agora parecia grotescamente iluminado. Os joelhos de minhas calças brancas estavam sujos de lama.

Dei a volta correndo para a entrada da sauna, achei a bandeja com as garrafas de água mineral, e dei um

safanão na porta. Uma nuvem opaca de vapor me envolveu quando entrei na cabine. Stoessel deslocara-se ligeiramente para a direita. O homem que identificara como Vogel não mudara da posição em que o vira inicialmente no banco. O último a chegar estava mais afastado de Vogel, à direita do chanceler eleito, fora do alcance de minha vista.

- Ei - disse o americano, ainda em alemão. - Ninguém pode ir entrando aqui sem mais nem menos, está me entendendo? - A voz me parecia cada vez mais enlouquecedoramente familiar.

Stoessel me repreendeu acerbadamente em alemão.

- Chega de refrigerantes! Deixe-nos em paz! Dei ordens para que não me incomodassem!

Permaneci parado, deixando que meus olhos se ajustassem ao vapor opaco. O americano parecia ser um homem de meia-idade, não podia dizer com certeza, e estava em melhor forma física do que os alemães. Uma súbita lufada de ar, vinda não se sabe de onde, soprou as nuvens sulfurosas, e um redemoinho abriu uma clareira no ambiente condensado de vapor. O rosto do americano rodopiou à minha frente, tornando-se imediatamente reconhecível, e por um momento fiquei paralisado. O americano era o novo diretor da CIA. Meu amigo, Alex Truslow.

Parte VI

LAC TREMBLANT

LOS ANGELES TIMES

**A Alemanha se rearma, adquirindo armas nucleares
Medida apoiada por Washington e líderes ocidentais**

Por Carolyn Howe
Da Redação do Times

Aliviados com o fato de a Alemanha ter resolutamente rejeitado o neonazismo, os Estados Unidos e a maioria dos governos ocidentais emprestaram seu apoio ao apelo do novo chanceler da Alemanha Wilhelm Vogel no sentido de "restaurar o orgulho nacional da Alemanha"...

-*Wer ist denn das?* - Quem é? - *Wo ist der Leibwächter?* - Onde está o guarda-costas?, vociferou Vogel. O cabelo prateado de Truslow, agora podia ver, ainda estava impecavelmente penteado; seu rosto estava vermelho do calor escaldante, ou de raiva, mais provavelmente de ambos.

Cheguei mais perto dele.

Dirigindo-se a mim, numa voz suave e gentil, ele disse:

- Por favor, Ben, pare onde está. Para seu próprio bem. Não se preocupe. Disse a eles que você é um amigo, que não deve ser molestado. Ninguém lhe fará mal. Você não sofrerá nenhuma violência.

Ele tem de ser morto, *ouvi nitidamente*. Ele tem de ser morto imediatamente.

- Estávamos procurando-o por toda parte - continuou Truslow, docemente.

Ellison tem de ser eliminado, *ele pensou*.

- Devo admitir - ele prosseguiu no mesmo tom suave - que este era o último lugar do mundo onde poderia esperar encontrá-lo. Mas agora você está a salvo, e...

Arremessei a bandeja contra Truslow, espalhando as garrafas de água mineral por tudo quanto é lado. Uma delas atingiu Vogel no estômago; as outras caíram ruidosamente no chão de ladrilhos.

Truslow ordenou em alemão:

- *Halten Sie diesen Mann auf. Er darf hier nicht lebend herauskommen!* - Parem este homem! Ele não pode sair daqui vivo, gritou.

De um salto varei a porta e, reunindo todas as minhas forças, saí correndo em disparada na direção da saída mais próxima para a Komerplatz, com as palavras de Truslow ecoando na minha cabeça.

E naquele momento soube que Alexander Truslow mentira para mim pela última vez.

Molly estava à minha espera com o motor do Mercedes ligado na entrada lateral do Friedrichsbad. Ela engrenou o carro e arrancou a toda para os arredores da cidade, enveredando pela *autobahn* A8. O Aeroporto Internacional de Echterdingen ficava a menos de cem quilômetros a leste, alguns quilômetros ao sul de Stuttgart.

Fiquei calado por muito tempo.

Finalmente, contei-lhe o que tinha presenciado. Ela reagiu da mesma forma que eu, chocada, horrorizada, e depois furiosamente indignada.

Agora ambos sabíamos por que Truslow tinha me recrutado, por que Rossi tinha arditosamente me ludibriado, induzindo-me a participar como cobaia do Projeto Oráculo, por que os dois tinham ficado tão exultantes quando descobriram que a experiência tinha dado certo comigo.

Muita coisa agora fazia sentido.

Em voz alta, enquanto varávamos a *autobahn* nas mãos competentes de Molly, fui juntando as peças do quebra-cabeça.

- Seu pai não cometeu crime algum. Ele queria simplesmente fazer o que pudesse para salvar a Rússia. Por esse motivo concordou em ajudar Vladimir Orlov a limpar o tesouro soviético, ajudá-lo

a transferir as reservas de ouro para o exterior e escondê-las. Ele as remeteu para Zurique, onde parte foi depositada numa caixa-forte, e parte foi convertida em ativos líquidos.

- Mas para onde foram a partir daí?
- Caíram nas mãos dos Homens Sábios.
- Alex Truslow, você quer dizer.
- Certo. Ao me pedir para rastrear essa fortuna desaparecida, que ele me disse ter sido desviada por seu pai, ele estava na verdade me usando, usando meus poderes extraordinários, para localizar a metade do ouro a que *ele não conseguia ter acesso*. Porque seu pai a tinha trancado na caixa-forte do Banco de Zurique.
- Mas quem é o co-proprietário da conta?
- Não sei. Truslow deve ter desconfiado que Orlov tinha roubado o ouro. Foi por isso que ele me empregou para encontrar Orlov, o que a CIA não tinha conseguido fazer.
- E uma vez que você o descobrisse...?
- Assim que o localizasse, presumivelmente poderia ler seus pensamentos. E saber onde ele havia enfiado o ouro.
- Mas papai era co-proprietário da conta. De qualquer forma Truslow ia precisar da minha assinatura.
- Por algum motivo, Truslow deve ter querido que fôssemos a Zurique. O que foi mesmo que o diretor do banco disse, ao termos tido acesso à conta, seu status fora alterado de inativo para ativo?
- Querendo dizer o quê?
- Não sei.

Molly hesitou, deixou que um caminhão pesado de dezesseis rodas ultrapassasse.

- E se o Projeto Oráculo não tivesse tido êxito com você?
- Então ele poderia não ter encontrado o ouro. Ou quem sabe tivesse podido. Mas, de qualquer modo, levaria muito mais tempo.
- Você está me dizendo, portanto, que Truslow *usou* os cinco bilhões a que teve acesso como uma alavanca para provocar o *crash* do mercado de valores alemão?
- ...Se encaixa, Molly. Não posso ter certeza, mas se encaixa. Se a informação de Orlov estiver certa, e os Homens Sábios, leia-se Truslow, e provavelmente Toby, e provavelmente outros...
- Que agora dirigem a CIA...
- ... Sim, se os Homens Sábios usaram realmente dados sigilosos da inteligência da Agência para obter informações estratégicas sobre mercados estrangeiros, e foram capazes de alguma forma de arquitetar a crise do mercado de valores dos Estados Unidos em 1987, deve ter sido o mesmo pessoal que precipitou a crise alemã de conseqüências muito mais graves.
- *Mas como!*
- Você canaliza uns míseros bilhões de dólares, marcos alemães, secreta e sub-repticiamente no mercado de valores alemão. Aplicados com sabedoria e agilidade, por *experts* com acesso a contas de transações computadorizadas, eles podem ser usados para adquirir vastas somas de dinheiro a crédito, a fim de se desestabilizar um mercado já fraco. Para obter o controle de ativos muito maiores, para comprar e vender com margem, comprar e vender, usando programas de transações computadorizadas a uma velocidade que só é possível nesta era de computadores.
- Mas para *quê?*
- Para quê? Veja o que aconteceu. Vogel e Stoessel estão às vésperas de controlar a Alemanha. Truslow e os Homens Sábios agora controlam a CIA...

- E?

- E... não sei.

- Mas quem é que vai ser assassinado?

Não tinha uma resposta exata para isso, mas sabia que havia um vazamento - alguém que estava a par dessa conspiração entre o pessoal de Truslow e o de Stoessel, entre a Alemanha e a América. E essa pessoa, quem quer que ela fosse, ia testemunhar perante a Subcomissão de Inteligência do Senado sobre corrupção na CIA. "Corrupção" comandada pelo novo diretor da Central Intelligence Agency, Alexander Truslow.

Uma testemunha secreta ia denunciar toda a trama dentro de dois dias. Se ele (ou ela) não fosse morto antes.

No Aeroporto Echterdingen abordei um piloto de uma companhia aérea particular que se apressava para ir para casa. Ofereci-lhe o dobro do que ele normalmente recebia para voar a Paris, e ele deu meia-volta, vestiu sua jaqueta de vôo, e nos conduziu ao seu pequeno avião. Ele solicitou pelo rádio permissão para decolar, obteve-a, e levantamos vôo imediatamente.

Pouco depois das duas da manhã chegamos ao Charles de Gaulle, passamos por breves formalidades alfandegárias, e tomamos um táxi para o centro de Paris. Descemos no Duc de Saint-Simon, na rue Saint-Simon, no décimo sétimo *arrondissement*. Acordamos a zeladora que cochilava na portaria, e, com muita lábia e paparicação, conseguimos um quarto. A mulher tinha ficado irritada por termos interrompido o seu sono. Molly corajosamente insistiu para me acompanhar na minha missão noturna, mas estava se sentindo enjoada da gravidez e foi facilmente dissuadida.

Paris, para mim, não era apenas uma das grandes cidades do mundo; era, ou pelo menos tinha se tornado, palco de meus recorrentes pesadelos. Paris não era o *Île*, a Rive Gaúche e a rue Royale. Era a rue Jacob, a escura e estreita ruazinha onde Laura e meu futuro filho tinham sido assassinados e James Tobias Thompson III ficara paralítico para o resto da vida, numa seqüência que se repetia incessantemente, tornando-se cada vez mais ritualizada, grotesca e artificial. Paris passara a ser sinônimo de tragédia.

Entretanto, eu não tinha escolha senão voltar.

Estava agora num deprimente estúdio fotográfico num segundo andar de uma zona sórdida na rue de Sèze. No térreo do prédio pequenas lojas com as fachadas pintadas de preto exibiam cartazes anunciando sex shop, vídeo & sexodrome e lingerie látex cuir e cruces verdes fosforescentes faziam propaganda da Grande Pharmacie de la Place.

O que parecia ter sido antes um minúsculo apartamento de quarto e sala conjugados convertera-se desordenadamente ao longo dos anos numa combinação de estúdio fotográfico pornográfico e locadora de vídeos pornôs. Sentei-me numa cadeira de plástico moldado encardida, esperando que Jean terminasse seu trabalho. Jean - nunca soube seu sobrenome nem fazia questão de saber - explorava um lucrativo negócio paralelo, produzindo excelentes documentos falsos, passaportes e licenças, principalmente para operadores autônomos e pequenos meliantes. Tinha tido oportunidade de recorrer aos seus serviços algumas vezes, durante minha permanência em Paris, e considerava-o confiável e um bom artesão.

Poderia confiar nele dessa vez? Bem, creio que não se pode ter certeza de nada nesta vida. Mas Jean tinha todos os motivos para ser confiável. Seu ganha-pão dependia de sua discrição, que seria irremediavelmente comprometida com um simples ato de traição.

Estava esperando há quarenta e cinco minutos, passando os olhos sem nenhum interesse numa revista de cinema em frangalhos, tendo me cansado de inspecionar caixas de vídeo expostas no balcão. Havia mais fetiches e variedades no mundo da pornografia do que jamais imaginara ("Flagelação", "Hard Sex", "Trisex" e algumas anomalias de que nunca ouvira falar), e tudo isso era agora disponível em vídeo.

Passava da meia-noite. O fotógrafo tinha trancado a porta da frente e baixado a persiana para se

resguardar do minguido movimento da rua àquela hora da noite. Dos fundos do quarto vinha o zumbido de uma secadora fotográfica de ar quente.

Finalmente Jean emergiu da câmara escura. Era um homem pequeno, mirrado, prematuramente envelhecido, careca, de ar preocupado, usando óculos de armação redonda. Cheirava fortemente a solução de permanganato de potássio, que usara para envelhecer artificialmente os documentos.

- *Voilà* - ele disse, colocando os papéis no balcão com um floreio. Sorriu orgulhosamente. O trabalho não tinha sido terrivelmente difícil: ele pudera aproveitar o jogo completo de documentos preparados pela CIA que nos tinham sido fornecidos, reciclando-os na verdade, retocando nossas fotografias e alterando os números quando necessário. Ele nos provera de um jogo de passaportes canadenses e dois jogos de passaportes americanos. Molly e eu estávamos agora devidamente documentados como cidadãos americanos ou canadenses.

Examinei os quatro jogos cuidadosamente. Ele fizera um trabalho meticuloso. Também cobrara ultrajantemente. Mas eu não estava em condição de barganhar.

Acenei com a cabeça, paguei-lhe sua pequena extorsão, e desci para a rua. O ar estava impregnado de queixumes de criaturas abatidas, desafortunadas, do cheiro acre da emanação de vapores diesel. Mesmo àquela hora da noite, noctívagos perambulavam pelas ruas de Pigalle em busca de prazeres fáceis. Uma gangue de jovens hirsutos passou toda paramentada à moda dos anos 60, no que parecia ser a última onda da *jeunesse* francesa: jaquetas de couro, pretas ou marrons, e camisetas de universidades americanas (o efeito sendo prejudicado por *slogans* impressos como "American Football", tornando mais evidente a contrafação); cabelos compridos, jeans com as bainhas das calças enroladas, e sapatos pesados de aspecto ortopédico, do tipo que às vezes se vê usados por freiras. Alguém passou roncando numa enorme motocicleta, uma Honda Africa Twin 750. Nos minutos seguintes fiz diversas ligações telefônicas para velhos contatos dos meus dias de CIA. Nenhum deles era ligado de qualquer maneira oficial a serviços de inteligência do governo; cada um atuava principalmente do lado errado da lei (uma distinção difícil de ser estabelecida no negócio de espionagem): de um proprietário de uma loja *souvlaki* que lavava dinheiro para terceiros (mediante uma taxa, naturalmente) a um armeiro que alterava armas sob encomenda para assassinos e matadores profissionais. Consegui acordar cada um deles, com exceção de uma coruja noturna que parecia ter ido a um clube dançante com uma garota e um telefone celular. Finalmente, através de um velho amigo que já me tinha sido útil em outras ocasiões, localizei o que os operadores franceses costumam chamar de *ingénieur*, um "engenheiro", ou seja, um técnico especializado em manipular sistemas telefônicos internacionais. Em menos de uma hora estava no apartamento do *ingénieur*, num prédio decrépito da safra de construções populares dos anos 60 no vigésimo *arrondissement*, numa rua transversal à Avenue de la République. Ele espiou pelo olho mágico, e logo abriu a porta. Seu apartamento, escassamente mobiliado com móveis baratos, recendia a cerveja choca e suor. Ele era pequeno e gorducho, e usava calças jeans sujas de tinta e uma camiseta branca manchada do Hard Rock Cafe, debaixo da qual se escondia uma protuberante barriga. Obviamente estava dormindo, como a maioria dos parisienses; seus cabelos estavam desalinhados e seus olhos semi-cerrados. Sem um grunhido sequer de gentileza social, ele apontou com o polegar um telefone branco lambuzado em cima de uma mesinha de centro forrada de fórmica imitando madeira com as bordas lascadas. Ao lado da mesinha um horroroso sofá amarelo-mostarda cujo estofamento saía em tufos em diversos lugares. O telefone estava precariamente equilibrado em cima de uma pilha de catálogos de Paris.

O *ingénieur* não sabia meu nome e naturalmente não perguntou. Tinham-lhe dito apenas que eu era um *homme d'affaires*, mas, provavelmente, todos os seus clientes eram *hommes d'affaires*. Ele estava ganhando quinhentos francos fáceis para me permitir usar um telefone que não podia ser rastreado.

Na verdade, a chamada que ia fazer era rastreável, mas seu rastro sumia bruscamente em algum lugar em Amsterdã. Daí, a ligação seguiria através de uma série de brechas para Paris, mas nenhum equipamento

eletrônico tinha um alcance tão grande.

O *ingénieur* pegou meu dinheiro, grunhi suinamente, e retirou-se para outro quarto. Se tivesse tido mais tempo, teria preferido um esquema mais seguro do que esse, mas tinha de me dar por muito satisfeito com ele.

O fone estava pegajoso, com impressões digitais gordurosas, que notei desaprovadamente, e cheirava a fumo de cachimbo. Apertei as teclas do número, e seguiu-se uma estranha seqüência de tons. Presumivelmente, o sinal estava gravitando em volta da Europa, antes de encontrar seu agora débil caminho para Washington, D.C., onde o sistema de telecomunicações de fibra óptica da Agência o enriqueceria e o transmitiria através de seus próprios impulsos eletrônicos.

Ouvi os cliques e zumbidos familiares enquanto esperava o terceiro toque.

Ao terceiro toque uma voz feminina anunciou:

- Três mil e duzentos. - Como era possível a mesma mulher sempre atender o telefone, a qualquer hora do dia ou da noite? Talvez nem fosse uma voz humana, mas sim uma voz sintetizada de alta qualidade.

Respondi:

- Extensão nove oitenta e sete, por favor. Outro clique e finalmente ouvi a voz de Toby.
- Ben? Graças a Deus. Soube o que aconteceu em Zurique. Você está...
- Estou sabendo, Toby.
- Sabendo o quê?
- Sobre Truslow e os Homens Sábios. E os alemães, Vogel e Stoessel. E a testemunha surpresa.
- Santo Deus, Ben, de que diabo você está falando? Onde é que você está?
- Desista, Toby - blefei. - Tudo está prestes a vir à tona de qualquer maneira. Juntei peças mais do que suficientes para denunciar a conspiração. Truslow tentou me matar, o que foi um erro grave.

Houve um ligeiro ruído de estática.

- Ben - disse ele finalmente. - Você está enganado. Chequei meu relógio e vi que a ligação já tinha dez segundos,

tempo suficiente para que a chamada fosse rastreada... até Amsterdã. Eles iriam me localizar em Amsterdã, o que seria uma falsa orientação útil.

- Naturalmente - respondi sardonicamente.
- Não, por favor, Ben. Há coisas que estão acontecendo que não podem ser compreendidas... sem uma perspectiva total. Estamos vivendo momentos perigosos. Precisamos da ajuda de gente como você, e agora com seus poderes especiais, mais do que...

Lentamente desliguei o telefone. Sim. Toby estava envolvido.

Voltei para o hotel e me acomodei ao lado de Molly, que dormia profundamente.

Agitado e insone, levantei-me da cama, peguei o exemplar das memórias de Allen Dulles que o pai de Molly me deixara, e comecei a folheá-lo aleatoriamente. Não chega a ser um grande livro, mas era tudo o que tinha no quarto do hotel, e precisava passar os olhos em alguma coisa, precisava distrair meus pensamentos tempestuosos. Li um trecho sobre os Jedburgh, que tinham sido lançados de pára-quadras na França; e sobre Sir Francis Walsingham, que foi um mestre da espionagem da Rainha Elizabeth no século XVI.

Olhei novamente os códigos que Hal Sinclair tinha nos deixado, para que eu decifrasse, e pensei no seu bilhete críptico na caixa-forte em Zurique mencionando um cofre particular num banco no Boulevard

Raspail.

E pensei, pela milionésima vez, no pai de Molly e nos segredos que nos legara, segredos dentro de segredos. Imaginei...

Foi mais um palpite do que qualquer outra coisa, certamente algo sem maior fundamento, que me inspirou a sair da cama pela segunda vez e apanhar uma lâmina no meu estojo de barbear.

As editoras nos Estados Unidos costumavam imprimir livros de uma qualidade superior nos velhos tempos, e por velhos tempos me refiro a tão recentemente quanto 1963. Por baixo da capa protetora cinza, vermelha e amarela de *The Craft of Intelligence*, a capa dura do livro era recoberta por um tecido de trama fina e gravada em baixo-relevo com a insígnia da editora. A lombada era costurada, não colada, com um tecido preto-e-branco. Examinei minuciosamente o livro, virando-o e revirando-o, inspecionando-o por todos os ângulos.

Seria possível? Até que ponto o mestre da espionagem era realmente engenhoso?

Retalhei cuidadosamente a lombada com a lâmina. Levantei o tecido da encadernação, descasquei o papel *kraft* marrom do forro, e lá estava, luzindo como um farol, um sinal luminoso do túmulo de Harrison Sinclair.

Era uma pequena chave de latão com um formato diferente gravada com o número 322: a chave para o que presumi que fosse a explicação, a resposta ao mistério, no fundo de um cofre no Boulevard Raspail em Paris.

54

Caminhamos apressadamente pela rua de Grenelle na manhã seguinte em direção ao Boulevard Raspail e ao Banque de Raspail.

- Um assassinato está programado para acontecer dentro de dois dias, Ben - disse Molly. - Dois dias! Não sabemos quem será a vítima; tudo o que sabemos é que a menos que uma testemunha-surpresa deponha, todos nós podemos nos considerar mortos.

Dois dias: eu sabia; pensava no tique-taque do relógio praticamente o tempo todo. Mas não respondi.

Um homem de certa idade num impecável sobretudo azul-marinho encaminhou-se na nossa direção: cabelos brancos penteados para trás, olhos castanhos amendoados, por trás de óculos retangulares. Sorriu polidamente. Olhei para a vitrine de uma loja onde se lia imprimerie, expondo cartões de visita pregados num painel de cortiça, amostras do seu trabalho. Percebi uma mulher refletida no vidro, admirei sua silhueta e me dei conta de que era Molly; e em seguida vi o reflexo de um Austin Mini Cooper vermelho e branco andando lentamente atrás de nós.

Gelei.

Tinha visto aquele mesmo carro da janela do hotel na noite anterior. Quantos outros pequenos Austin vermelhos de teto branco haveria?

- Merda - exclamei, batendo a mão na testa num gesto teatral.
- O que foi?
- Esqueci uma coisa. - Apontei para trás sem me virar. - Tenho que voltar ao hotel. Você se importa?
- O que foi que você esqueceu?

Segurei-a pelo braço.

- Vamos.

Sacudindo a cabeça, puxei-a e percorremos a rua de volta rumo ao hotel. O Austin, que vi num rápido e furtivo relance, era dirigido por um homem jovem de óculos e terno escuro, aumentou a velocidade e sumiu no fim da rua.

- Você esqueceu os documentos ou coisa parecida? - perguntou Molly enquanto eu virava a chave na fechadura da porta do quarto. Botei um dedo nos meus lábios.

Ela me olhou assustada.

Fechei e tranquei a porta, jogando imediatamente minha pasta de couro na cama. Esvaziei-a, retirando os documentos, e depois ergui-a contra a luz, abri o fecho ecler de cada compartimento, passei os dedos em cada divisória, revistei-a minuciosamente.

Molly balbuciou:

- O quê?

Disse em voz alta:

- Estamos sendo seguidos.

Ela olhou para mim interrogativamente.

- Ok, Molly. Você pode falar agora.
- *É claro* que estamos sendo seguidos - disse ela, exasperada. - Estamos sendo seguidos desde...
- Desde quando?
- Tem dó, Ben, você é o...
- ... o *expert*. Eu sei. Tem razão. Havia alguém me esperando quando cheguei a Roma. Fui constantemente seguido em Roma. Acho que os perdi de vista na Toscana.
- Em Zurique...
- Certo. Fomos seguidos em Zurique, quando fomos ao banco, e depois. Provavelmente em Munique, embora seja difícil afirmar. Mas tenho absoluta certeza de que não fui seguido ontem à noite.
- Como é que você sabe?
- A verdade é que não tenho absoluta certeza. Mas tive o maior cuidado, e dei uma grande volta depois de me encontrar com o cara dos documentos, e se houve algum indício, estou seguro de que não percebi. E fui exaustivamente treinado para perceber essas coisas. Por mais que você pratique direito de patentes essa é uma técnica que você não esquece nunca.
- Então o que você está querendo dizer com isso?
- Que *você* foi seguida.
- E naturalmente a culpa é minha? Saímos juntos do aeroporto, você mandou o motorista dar mil voltas, disse que tinha certeza de que não estávamos sendo seguidos. E eu não saí do hotel.
- Deixe-me ver sua bolsa.

Ela me entregou e eu despejei tudo o que havia dentro dela em cima da cama. Ela me olhou, desconsolada. Examinei coisa por coisa cuidadosamente, depois inspecionei a bolsa e seu forro. Também examinei os saltos de nossos sapatos; pouco provável, entretanto, pois não tinham ficado fora de nossas vistas. Não.

Nada.

- Acho que estou sendo o seu gato preto - disse ela.

- Mais o sino de uma ovelha - disse, distraído. - Ah!
- O quê?

Estendi a mão e peguei cuidadosamente a corrente com o medalhão no seu pescoço, passando-os por cima de sua cabeça. Abri a caixinha de ouro redonda e no seu interior vi apenas o camafeu de marfim.

- Pelo amor de Deus, Ben, o que você está procurando? Algum microfone oculto?
- Achei que valia a pena dar uma checada, certo? - devolvi-lhe a jóia mas de repente me ocorreu uma idéia, e tomei-a de volta.

Abri novamente o medalhão, e olhei minuciosamente o verso da tampa.

- O que está inscrito aqui dentro? - perguntei.

Ela fechou os olhos, tentando se lembrar.

- Nada. A inscrição é nas costas do medalhão.
- Certo. O que tornou a coisa muito fácil - disse.
- Fácil para quê?

Eu tinha uma pequena ferramenta de joalheiro no meu chaveiro. Inseri a chavinha de fenda chanfrada na tampa. Um disco de ouro, aproximadamente do tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos e cerca de um oitavo de polegada de espessura, abriu-se. Preso a ele estava um pequeno fio enrolado quase tão fino quanto um fio de cabelo.

- Não um microfone - disse. - Um transmissor. Um dispositivo miniatura com um alcance de cerca de onze quilômetros. Emite um sinal RF.

Molly olhou boquiaberta para mim.

- Quando o pessoal do Truslow te capturou em Boston, você estava usando isso, não estava?

Ela levou algum tempo para responder.

- Sim..

- E depois quando mandaram você para a Itália, eles lhe devolveram isso com suas coisas.

- Sim..

- Tá na cara. Naturalmente. É evidente que era por isso que eles queriam que você ficasse ao meu lado. Apesar de todas as precauções que tomamos, eles sabiam o tempo todo onde estávamos. Pelo menos durante todo o tempo que você usou o medalhão.
- Agora também?

Respondi devagar, não querendo alarmá-la mais do que o necessário.

- Sim - respondi. - E muito provável que eles saibam onde nos encontramos neste momento.

O pequeno, elegante Banque de Raspail no 128 do Boulevard Raspail no sétimo *arrondissement* de Paris era um pequeno banco mercantil, que mais parecia uma joalheria, aparentemente interessado numa clientela de abastados e discretos parisienses que desejavam um excelente serviço pessoal que julgavam não poder encontrar em bancos abertos às massas mal-cheirosas.

Seu interior era um anúncio de sua exclusividade: não havia um único cliente à vista. E de fato o ambiente não tinha nada a ver com um banco. Tapetes Aubusson desbotados cobriam o assoalho; agrupadas aqui e ali ao longo das paredes viam-se cadeiras Biedermeier estofadas de seda adamascada; estatuetas italianas de aparência frágil e abajures tendo urnas como bases adornavam mesinhas laterais. Gravuras de detalhes arquitetônicos em molduras douradas, rigorosamente dispostas em quadrantes nas paredes, completavam o efeito de imponente elegância e grande solidez. Eu, naturalmente, não depositaria meu dinheiro num banco que gastava tanto com ostentação, mas não sou francês.

Molly e eu sabíamos que estávamos operando sob enorme premência de tempo. Faltavam apenas dois dias para o assassinato, e ainda não sabíamos quem era o alvo.

E agora eles - *eles* significando os agentes de Truslow, talvez com o reforço dos agentes a serviço de Vogel e do consórcio alemão por trás dele - tinham nos localizado. Sabiam que estávamos em Paris. Podiam não saber *por quê*; podiam não ter conhecimento do bilhete críptico de Sinclair a respeito do Banque de Raspail; mas sabiam que estávamos aqui por algum motivo.

E embora não me tivesse permitido tocar no assunto com Molly, sabia que eram grandes as chances de sermos mortos.

Sem dúvida, eu era de grande valia para a inteligência americana devido à minha capacidade psíquica, mas agora eu representava, mais do que outra coisa, uma ameaça. Sabia o que o pessoal de Truslow estava fazendo na Alemanha, ou pelo menos sabia em parte. Não possuía provas documentais, evidências, nada sólido; portanto, se pusesse a boca no trombone agora - telefonasse, por exemplo, para o *The New York Times* - simplesmente ninguém acreditaria em mim. Seria descartado como um louco varrido. Molly e eu tínhamos de ser eliminados. Esse era o único caminho lógico para o pessoal de Truslow.

Mas se ao menos conseguíssemos descobrir quem seria assassinado em Washington dentro de dois dias, se pudéssemos frustrar o atentado, torná-lo público, jogar luz sobre ele, estaríamos salvos. Pelo menos assim acreditava.

O tique-taque do relógio não parava.

Mas quem seria? Quem poderia ser a testemunha-surpresa? Seria um assistente de Orlov, um russo, alguém a quem ele tivesse revelado a verdade? Ou talvez um amigo de Hal Sinclair, alguém em quem *ele* tivesse confiado.

Cheguei a considerar por um momento a mais remota de todas as possibilidades. Toby? Quem, afinal, sabia tanto? Seria Toby quem de repente compareceria perante o Senado daqui a dois dias, testemunhando contra Truslow, detonando a conspiração?

Ridículo. Qual seria a razão disso?

Assustados, esgotados, e fora de nosso juízo normal, Molly e eu tínhamos discutido no Duc de Saint-Simon, mas finalmente bolamos um plano de ação. Tínhamos de deixar o hotel o mais depressa possível, numa questão de minutos. Contudo, não podíamos deixar de ir ao Boulevard Raspail; tínhamos de ver o que o pai de Molly tinha deixado. Não podíamos omitir qualquer peça do quebra-cabeça. Talvez não encontrássemos nada; o cofre talvez estivesse vazio; talvez nem existisse mais um cofre no nome dele no banco. Mas tínhamos de conferir. *Siga o ouro*, havia recomendado Orlov. Era o que tínhamos feito. E agora a trilha do ouro levava inexoravelmente àquele pequeno banco particular em Paris.

Portanto, conscientes de que nos restavam poucas alternativas de ação, arrumamos rapidamente nossas malas e dissemos ao mensageiro para despachá-las para o Crillon, gratificando-o generosamente por sua

discrição. Molly explicou-lhe que estávamos realizando um trabalho preparatório para um eminente estadista estrangeiro, que era de vital importância que nosso paradeiro fosse mantido em segredo, que ele não revelasse a ninguém para onde tinha despachado nossa bagagem.

O medalhão-camafeu, entretanto, era outra história. Tinha poucas dúvidas de que o transmissor RF oculto no medalhão atrairia nossos seguidores numa questão de minutos para o Saint-Simon. Destruí-lo era uma solução, mas não a melhor. Desviar a atenção do inimigo era sempre melhor. Peguei o medalhão e saí do hotel, caminhando ao acaso para os lados do Boulevard Saint-Germain. Em frente à estação do metrô da rue du Bac há um café que está sempre cheio. Entrei, aproximei-me do balcão, e pedi uma *demitasse*. Espremida ao meu lado estava uma mulher de meia-idade muito *soignée* com os cabelos cor de cobre presos num *chignon*, segurando num dos braços uma enorme bolsa de couro verde e lendo a última edição da revista *Vogue*. Disfarçadamente introduzi o medalhão na bolsa-saco da mulher, tomei meu café, deixei alguns francos e voltei para o hotel. Considerando que esses transmissores emitem o sinal RF ao longo da linha de visão, nossos seguidores ficariam confusos, pelo menos temporariamente: enquanto minha amiga leitora da *Vogue* continuasse circulando cercada de muita gente, eles nunca conseguiriam localizar o sinal, nunca teriam condições para determinar de onde ele vinha no meio da multidão.

Deixamos o hotel separadamente e por meios diferentes de egressão. Pouparei os detalhes, bastando dizer que era muito pouco provável que tivéssemos sido seguidos - e a partir de um ponto de encontro no obelisco da Place de la Concorde, atravessamos de táxi o Sena pela Pont de la Concorde, e descemos o Boulevard Saint-Germain, até o ponto em que ele se bifurca com o Boulevard Raspail.

Algumas jovens mulheres muito atraentes, vestidas no rigor da moda, trabalhavam em suas mesas a uma boa distância da porta de vidro e mogno pela qual Molly e eu tínhamos entrado, e duas delas ergueram os olhos com uma ponta de contrariedade pela súbita interrupção. Afetavam uma certa pose, mas com um charme particularmente francês. Então um homem jovem levantou-se de sua mesa e dirigiu-se a nós, demonstrando alguma ansiedade, como se estivéssemos ali para assaltar o banco e fazer deles todos reféns.

- *Oui?*

Ele se colocou à nossa frente, bloqueando-nos com uma postura um tanto desagradável. O jovem bancário usava um terno azul-marinho de paletó jaquetão com um corte exagerado, e óculos de aros redondos pretos do tipo que o arquiteto Le Gorbussier costumava usar (e, depois dele, gerações de arquitetos americanos afetados).

Deixei que Molly tomasse a iniciativa dos entendimentos, pois era ela quem ali estava para tratar de um assunto que lhe dizia respeito diretamente. Ela estava usando um de seus originais e elegantes conjuntos, uma espécie de costume de linho preto, igualmente apropriado para a praia e um jantar na Casa Branca. Como de hábito, ninguém era capaz de exibir excentricidades com a sua classe. Ela começou explicando, no seu excelente francês, que, na qualidade de herdeira legal do patrimônio de seu pai, queria ter acesso ao seu cofre particular. Fiquei observando os dois falarem, como se estivesse muito distante, e ponderei sobre o inusitado da situação. *O patrimônio de seu pai*. Ali estávamos nós rastreando os bens de seu pai, que representavam uma fortuna fabulosa que não lhe pertencia.

Esposo silencioso, dei a volta no *foyer*, acompanhando os dois até a mesa do funcionário que iria nos atender. Embora esse fosse apenas o segundo banco que visitava no decurso do drama que se abatera sobre nós, desde que adquirira essa fatídica habilidade telepática, tinha a impressão de não ter feito outra coisa senão ir a um banco atrás do outro durante a última semana ou pouco mais do que isso. O ritual, os formulários, tudo era nauseantemente familiar.

E enquanto estávamos ali sentados, surpreendi-me mergulhado naquele recesso peculiar do meu cérebro com o qual também me tornara tão familiarizado, aquele lugar estranho no qual flutuavam palavras e frases. Pensamentos. Castigava um pouco o francês, como se costuma dizer, isto é, era razoavelmente

fluyente no idioma, e esperei que os pensamentos gauleses do bancário aflorassem..

... Mas não saiu nada.

Fui momentaneamente tomado de um medo que se tornara freqüente: teria aquele dom peculiar, que me tinha sido conferido tão subitamente, desaparecido com a mesma subitaneidade? Não estava conseguindo captar nada. Lembrei-me da tarde andando em Boston, depois de deixar a Corporação, quando fui assaltado por uma incrível profusão de pensamentos de estranhos, tolos, irados, arrependidos fragmentos que me chegavam sem que eu precisasse realmente me concentrar.

E pensei se naquele momento tudo não estaria se diluindo, se apagando.

- Ben? - de repente ouvi Molly dizer.

- Sim?

Ela me olhou de maneira curiosa.

- Ele está dizendo que, se quisermos, podemos ir à caixa-forte agora mesmo. Só tenho de preencher um formulário.
- Então o que estamos esperando? - disse, sabendo que ela estava tentando adivinhar minhas intenções. *Se você tivesse o poder, Mol, não teria que perguntar*, pensei.

O funcionário apanhou numa gaveta um formulário de duas páginas cujo único propósito só podia ser intimidação. Quando ela terminou de preencher o formulário, ele passou os olhos de relance, comprimiu os lábios, levantou-se e consultou um homem mais velho, provavelmente seu superior. Alguns minutos depois ele voltou, e com um aceno de cabeça conduziu-nos a uma dependência interna com as paredes cobertas de cima abaixo de compartimentos de latão sem brilho, medindo de vinte e cinco centímetros quadrados a aproximadamente três vezes isso. Ele inseriu sua chave na fechadura de uma das caixas menores.

Ele puxou a caixa com a frente de latão de seu receptáculo e levou-a para uma sala de conferência anexa, depositando-a em cima de uma mesa, explicando-nos que o sistema francês exigia duas chaves para abrir um cofre particular: uma pertencente ao cliente, e a outra ao banco. Com um breve sorriso e um aceno de cabeça perfunctório, deixou-nos sozinhos na sala.

- E agora? - disse.

Molly sacudiu a cabeça num pequeno gesto que traduzia tanta coisa - apreensão, alívio, admiração, frustração - e inseriu na segunda fechadura a pequena chave que seu pai escondera na lombada do livro de memórias de Allen Dulles. A Harrison Sinclair, que sua alma descansa em paz, nunca faltara senso de ironia.

A chapa de latão da face do cofre abriu-se com um leve clique. Molly enfiou sua mão dentro.

Com a respiração momentaneamente suspensa, olhei para ela com intensidade. Não me contendo, perguntei:

- Vazia?

Após alguns segundos ela sacudiu a cabeça.

Respirei fundo.

Ela puxou do fundo do cofre um envelope cinzento comprido, medindo talvez vinte e dois centímetros por dez. Intrigada, abriu o envelope e retirou seu conteúdo: um bilhete datilografado, um pedaço amarelo de um envelope comercial, e uma pequena fotografia em preto e branco. Instantes depois ouvi-a dizer com a respiração ofegante:

- Oh, Deus misericordioso. Deus misericordioso.

Contemplei a fotografia que tanto a tocara. Era um instantâneo desprezioso tirado de um álbum de família: três por quatro, com as bordas recortadas como era comum nos anos 50. Um homem alto, de porte atlético, bem-apessoado aparecia na foto de braço dado com uma beldade de cabelos e olhos escuros; na frente deles, uma garotinha sorridente com ar travesso de três ou quatro anos, cintilantes olhos claros e cabelos escuros repartidos ao meio e amarrados em duas tranças.

Os três estavam de pé nos degraus de uma grande casa ou chalé de madeira; o tipo de residência de verão espaçosa e confortável que se vê no Lago Michigan, no Lago Superior, ou nas margens de qualquer lago rústico do país.

A garotinha - Molly; não havia a menor dúvida quanto a isso - era uma mancha de hiperatividade, sua imagem tendo sido captada numa ultra-rápida piscadela do diafragma da máquina. Seus pais pareciam ambos orgulhosos e de bem com a vida: um enternecedor flagrante de família tão tipicamente americano que quase chegava a ser *kitsch*.

- Eu me lembro desse lugar - disse Molly.

- Hein?

- Pra dizer a verdade, não me lembro muito bem do lugar, mas me recordo de ouvir falar dele. Era a residência de minha avó, em algum lugar do Canadá, a mãe da minha mãe. Era a casa dela nas margens de algum lago. - Ela ficou calada por alguns minutos, admirando a foto, provavelmente esmiuçando detalhes: uma cadeira Adirondack na varanda atrás deles, faltando uma ripa; as pedras grandes, irregulares da fachada; o paletó de um tecido leve de verão do pai e sua gravata-borboleta; o vestido estampado com flores de sua mãe; a bola de borracha e a luva de beisebol jogadas nos degraus ao lado deles.
- Que sensação estranha - disse ela. - Uma espécie de recordação feliz. De qualquer forma, a casa não nos pertence mais. Infelizmente. Creio que meus pais a venderam quando eu ainda era pequena. Nunca mais voltamos lá depois desse verão.

Apanhei o pedaço de envelope, que tinha um endereço ou parte de um endereço rabiscado: 7, rue du Cygne, ler, 23. Paris, certamente, mas o que significava? Por que estava ali guardado num cofre?

E qual a razão da fotografia? Um sinal, um recado para Molly de seu falecido pai - de (perdoem-me o lugar-comum) além-túmulo?

Peguei a carta, que tinha sido batida em alguma máquina de escrever manual antiga, cheia de rasuras e correções, e por alguma razão era endereçada "A minha Adorada Snoops".

Olhei para Molly, e já ia lhe perguntar o que significava aquela saudação, quando ela sorriu timidamente e explicou:

- Snoops era o meu apelido.
- Snoops?
- De Snoopy. Meu personagem favorito das histórias em quadrinhos quando era pequena.
- Snoopy.
- E... também porque eu gostava de abrir gavetas fechadas quando era garota. Mexer nas coisas que diziam não ser da minha conta. Peralta de qualquer criança, mas se seu pai era chefe do escritório

da CIA no Cairo, ou diretor-adjunto de Planejamento, ou fosse lá o que fosse, você levava bronca a toda hora por causa de sua curiosidade. A curiosidade matou o gato, você sabe. Então ele passou a me chamar de Snoopy, e mais tarde de Snoops.

- Snoops - disse, mexendo com ela.
- Não se atreva, Ellison. Está me ouvindo. Não ouse bancar o engraçadinho.

Voltei minha atenção para a carta, tão mal batida em papel Crane de linho cru com o timbre de Harrison Sinclair, e comecei a ler:

À Minha Adorada Snoops:

Se você estiver lendo isto - e naturalmente estará, do contrário estas palavras nunca serão lidas - deixe-me primeiro expressar, pela milionésima vez, minha admiração. Você é uma médica maravilhosa, mas também teria sido uma espiã de primeira classe se não desdenhasse tanto da profissão que escolhi. Mas não quero que você veja nisso qualquer hostilidade: por muitos motivos você tinha toda razão para ter tanta ojeriza à atividade de inteligência. Reconheço que há muita coisa objetável nela. Só espero que um dia você também aprecie o que ela tem de nobre - e não por qualquer sentimento de obrigação filial, lealdade ou culpa. Quando o câncer de sua mãe progrediu a ponto de se tornar claro que ela só teria mais algumas semanas entre nós, ela me fez sentar no seu quarto de hospital e me disse, sacudindo o dedo indicador, que eu nunca deveria interferir na maneira que você escolhesse para viver sua vida. Ela disse que você nunca seguiria os padrões convencionais, mas que no fim, aonde quer que você se radicasse, ninguém teria uma cabeça mais equilibrada, uma noção mais clara da realidade, uma melhor perspectiva do que a "querida Martha". Por isso confio que compreenderá o que passo a lhe relatar.

Por motivos que logo se tornarão aparentes, não há registro deste cofre nos meus papéis, nas minhas Últimas Vontades e Testamento, ou em qualquer outro lugar. Para ter podido encontrar esta nota, você terá encontrado a chave que deixei (às vezes as maneiras mais simples e antiquadas são as melhores) e também entrado na caixa-forte em Zurique.

O que significa que você encontrou o ouro, o que estou certo de que você concordará requer alguma explicação. Jamais gostei de perseguições e caçadas, portanto acredite por favor que minha intenção não foi tornar as coisas difíceis para você - mas sim fazer as coisas difíceis para *quaisquer* outros. Nada neste jogo é infalível, mas se chegou até aqui, você compreenderá por que fiz isso. Tudo é para sua proteção.

Estou-lhe escrevendo poucas horas depois de uma momentosa reunião em Zurique com Vladimir Orlov, cujo nome você deve reconhecer como o último chefe supremo da KGB. Fiz um acordo com ele que preciso lhe explicar, e fiquei sabendo de certas coisas por intermédio dele que tenho de lhe contar.

Porque estou às vésperas de ser morto. Tenho certeza disso. Quando você ler esta carta, poderei estar morto ou não, mas queria que você soubesse por quê.

Como você sabe melhor do que ninguém, Snoops, o dinheiro nunca exerceu qualquer atração sobre mim, além do que precisamos para garantir alimento e abrigo. Por isso espero que quando lhe disserem que fui corrupto, estelionatário, e o que mais disserem depois que eu tiver partido, você saiba a verdade. Você saiba que tudo não passa de infâmia.

Mas o que você talvez não saiba é que enquanto lhe escrevo, recebi diversas ameaças de morte, algumas inconsistentes, outras bastante sérias. Elas começaram (não chega a surpreender) pouco depois de ter sido nomeado diretor da Central Intelligence, quando tomei a peito limpar a casa, lancei minha temerária campanha de moralizar a CIA. Eu amava o lugar; eu *acreditava* no lugar. Ben, estou certo de que você compreende isso como nenhum estranho é capaz.

Alguma coisa terrível está acontecendo nas entranhas da CIA. Há um pequeno grupo que ao longo dos anos lançou mão abusivamente de dados sigilosos de inteligência para amealhar fortunas fraudulentas. Dispus-me, desde meu primeiro dia como diretor, a desmascará-lo. Tinha minhas teorias mas precisava

de provas.

A atmosfera em Langley naquela época era como um isqueiro, pronto a entrar em combustão à menor faísca de uma comissão parlamentar de inquérito, ou à ação de um repórter investigativo do *The New York Times*. Falavam abertamente pelos corredores em se verem livres de mim. Alguns dos representantes da velha guarda me odiavam mais do que a Bill Colby! Vim a saber que diversos mercadores do poder altamente situados e extremamente influentes nos círculos políticos de Washington foram ao presidente exigir a minha cabeça.

Os rumores de corrupção flutuavam numa escala assombrosa. Soube de histórias de um pequeno grupo de antigos e atuais agentes conhecidos como os Homens Sábios, que se reuniam regularmente em condições de extremo sigilo. Dizia-se que esses Homens Sábios estavam envolvidos em fraudes maciças. Acreditava-se que estavam usando informações coligidas pela Agência para ganhar rios de dinheiro. Mas ninguém sabia quem eram esses indivíduos. Aparentemente eles são tão influentes, tão bem entrosados que conseguiram escapar impunes até hoje.

Até que um dia fui contatado diretamente por um empresário europeu - um finlandês mais precisamente - que me disse representar um "ex-líder mundial" que possuía "informações" que poderiam me interessar. Demoradas negociações foram iniciadas, muito antes de eu saber que a pessoa que ele representava era nada menos do que o último chefe da KGB soviética, Vladimir Orlov, que estava vivendo numa pequena *dacha* nos arredores de Moscou e queria deixar a ex-União Soviética e se exilar.

Orlov, adiantou-me o intermediário, tinha uma proposta interessante a me fazer.

Precisava de ajuda para salvar as reservas de ouro da Rússia das linhas-duras que mais cedo ou mais tarde, ele acreditava, acabariam derrubando o governo de Yeltsin. Se eu o ajudasse a transferir uma quantidade maciça de ouro - dez bilhões de dólares! - ele me entregaria um valioso dossiê que possuía sobre certos elementos corruptos dentro da CIA.

Orlov, acrescentou o intermediário, tinha em seu poder um arquivo documentando nos mínimos detalhes corrupção em grande escala nos quadros da CIA. Enormes quantias de dinheiro vinham sendo acumuladas há anos por um pequeno grupo dentro da CIA, ganhando somas fabulosas com o uso de inteligência, obtida através de espionagem corporativa no mundo inteiro. Ele tinha todos os nomes, localidades, importâncias, registros. Provas irrefutáveis.

Eu, naturalmente, concordei. Teria concordado em ajudá-lo de qualquer maneira - você sabe como eu queria sinceramente impedir que a Rússia voltasse à ditadura -, mas o chamariz desse arquivo tornou a oferta irresistível.

Afinal, Orlov apareceu em Zurique sem o famoso arquivo - tinha sido roubado debaixo do seu nariz, o que me deixou muito nervoso. Inicialmente, suspeitei de uma tentativa de chantagem, mas cheguei à conclusão de que ele era de fato uma vítima. E tendo chegado àquele ponto, tive de concluir o acordo. Mas precisava de ajuda para fazer uma transação daquele porte gigantesco - ajuda que viesse *de fora* da Agência. Isenta de qualquer possível laivo de corrupção. Era imperativo, tendo em vista a imensa quantia de dinheiro com que estávamos lidando. Por outro lado, todas as operações financeiras não podiam constar de qualquer registro contábil.

Por isso apelei para um homem da Agência que não pertencia mais aos seus quadros, um *outsider*, um homem cuja integridade estava acima de qualquer suspeita: Alexander Truslow. Foi o maior erro que cometi.

Fiz de Truslow o co-proprietário da conta do Banco de Zurique para onde transferi metade do ouro. Isso significava que nenhum de nós poderia movimentar o ouro sem o consentimento do outro. E o ouro só poderia ser transferido ou vendido quando a conta fosse ativada - um mecanismo que podia ser acionado por qualquer uma das partes. Caso surgisse algum problema, imaginei, estaríamos ambos protegidos de qualquer imputação de culpa. Eu não poderia ser acusado de apropriação indébita em escala mundial.

A outra metade do ouro embarcamos em *container* através da Terra Nova, pelo estreito de São Lourenço,

para o Canadá. Ou, melhor dizendo, *Truslow* se ocupou disso.

Mas agora há uma coisa que me assusta profundamente. Temo pela minha vida. Como você sabe, Ben, temos em Langley especialistas em fazer com que assassinato pareça morte natural.

Sei, por conseguinte, que estou com os dias contados.

Só muito recentemente fiquei sabendo que Wilhelm Vogel, candidato a chanceler da Alemanha, é controlado por um poderoso cartel alemão. Eles pretendem, secretamente, rearmar e reconstruir a Alemanha. A intenção deles é controlar não só a Alemanha mas, através dela, uma Europa unificada. Seus sócios são esse grupo que atua dentro da CIA. O acordo, estou sabendo, prevê uma divisão pacífica do saque. O elemento da CIA controlará, através de testas-de-ferro, a Agência, e por extensão a economia do Hemisfério Ocidental. O cartel alemão ficará com a Europa. O complexo se tornará imensa e inconcebivelmente rico e poderoso. Será um novo neofascismo corporativo - assumindo as rédeas do governo nestes tempos frágeis e incertos.

O líder dos americanos é Alexander Truslow.

Sinto-me impotente para fazer o que quer que seja.

Mas acredito que muito em breve haverá uma maneira de detê-los. Há documentos a serem revelados. Eles terão de vir à luz.

Se for morto, vocês dois têm de encontrá-los.

Para isso, deixo a cada um de vocês um presente.

Deixei muito pouco do meu patrimônio para vocês, o que não me deixa nada feliz. Mas agora gostaria de legar a cada um de vocês um pequeno presente - ambos presentes de sabedoria, que, afinal, constitui o mais precioso bem.

Para você, Snoop, é uma lembrança de dias muito venturosos na sua vida, na minha e na de sua mãe. As verdadeiras riquezas, como você aprenderá, são encontradas na família. Esta fotografia, que acredito que você nunca tenha visto, sempre traz à minha mente um verão muito feliz que nós três passamos lá.

Você tinha apenas quatro anos, portanto estou certo de que não há de se lembrar de muita coisa. Mas eu, um escravo do trabalho já naqueles dias, fui obrigado a tirar um mês de férias depois de minha operação de apendicite de emergência. Creio que meu corpo estava me dizendo que devia passar mais tempo com minha família.

Você adorou o lugar - apanhou sapos na represa, aprendeu a pescar, a lançar uma bola de beisebol... Você não parava um instante, e nunca a vi tão contente. Sempre acreditei que Tolstoi estava completamente enganado quando escreveu no começo de *Anna Karenina* que todas as famílias felizes são iguais. Cada família, feliz ou infeliz (e a nossa foi as duas coisas), é única como um floco de neve. Permita-me, minha querida Snoop, ser sentimental e simplório uma vez na vida.

E para você, Ben, deixo-lhe o endereço de um casal que poderá estar vivo ou não quando você ler estas linhas. Espero ardentemente que pelo menos um deles esteja vivo para lhe contar uma história muito importante. Leve esse pedaço de papel com você; ele servirá de bilhete de entrada, uma espécie de chave mestra.

Porque acredito que o que eles têm a lhe dizer o aliviará de um terrível peso que você carrega nos ombros há muito tempo.

De maneira alguma, Ben, você foi responsável pela morte de sua primeira mulher, como esse casal lhe confirmará. Como gostaria de ter podido compartilhar essa confiança com você enquanto estava vivo. Mas, por várias razões, não me foi possível.

Muito em breve você compreenderá. Alguém - creio que tenha sido La Rochefoucauld ou um dos aforistas franceses do século XVII - disse-o exemplarmente: Raramente conseguimos perdoar aqueles que nos ajudaram.

E uma última referência literária, uma citação do "Gerontion", de Eliot: "Depois de tal revelação, qual o perdão?"

57

Lágrimas abundantes rolaram pelas faces de Molly, e ela mordeu o lábio inferior. Pestanejou rapidamente e fitou a carta por algum tempo; finalmente, olhou para mim.

Eu não sabia por onde começar, o que perguntar. Limitei-me a passar os braços em torno dela, e apertei-a demoradamente contra mim, sem dizer palavra por um longo tempo. Senti seu peito arfante, contendo os soluços convulsivos. Após um ou dois minutos sua respiração tornou-se mais regular, e ela se despreendeu de meus braços. Seus olhos brilhavam intensamente, e por um instante voltaram a ser os olhos cintilantes da menininha de quatro anos da fotografia.

- Por quê? - disse ela afinal.
- Por que... o quê?

Seus olhos procuravam meu rosto ansiosamente. Contudo, ela permanecia calada, como se tentasse decidir o que realmente queria dizer.

- A fotografia - acabou dizendo.
- Uma mensagem, uma pista. O que mais poderia ser?
- Você não acredita que possa ser... uma simples, terna evocação... diretamente ditada por sua memória afetiva?
- Você é quem sabe, Molly. Acha que isso condiz com a maneira de ser dele?

Ela fungou, sacudiu a cabeça.

- Papai era uma criatura maravilhosa, mas não se pode dizer que fosse um espírito franco, direto. Creio que ele aprendeu a ser enigmático com seu amigo James Jesus Angleton.
- Ok. Onde é que ficava a casa de sua avó no Canadá?

Ela sacudiu novamente a cabeça.

- Tenha piedade, Ben, eu tinha apenas *quatro* anos. Passamos um único verão lá. Não me recordo praticamente de nada.
- Pense - disse.
- *Como?* Se não me lembro de coisa alguma. Não *sei* onde era! Em algum lugar do Canadá francês, provavelmente em Quebec. Sei lá!

Coloquei minhas mãos nas suas faces, segurei firme sua cabeça, olhei diretamente nos seus olhos.

- O que é que você... pare com isso, Ben!
- *Tente* pelo menos.
- Tentar... ei, calma lá. Fizemos um trato. Você me garantiu... você me *prometeu*... que não tentaria ler meus pensamentos.

trem... tremble... trembling?...

Foi apenas um fragmento, uma palavra, um som que ouvi subitamente.

- Você está tremendo - eu disse.

Ela me olhou, intrigada.

- Não, não estou. O que você...

- Tremble. Trembling.

- O que você...?
- *Concentre-se!* Trembling. Tremble. Trem...
- O que você está dizendo?
- Não sei. Ou melhor, sei, sim. Sei, sim. Ouvi você... você *pensou*.

Ela retribuiu meu olhar penetrante, desafiadora e aturdida, alternadamente. E, depois de uma nova pausa, ela disse:

- Realmente, não faço idéia...
- Tente. *Pense*. Trembling. Trembley? Canadá. Sua avó. Trembley ou algo parecido? Era esse o nome de sua avó?

Ela sacudiu a cabeça.

- Ela era a vovó Hale. Eilen. O vovô chamava-se Frederick. Não havia ninguém na família com esse nome Trembley.

Suspirei, frustrado.

- Tudo bem. Trem. Canadá, Trembling. Canadá...

...tromblon...

- Tem mais uma coisa - disse. - Você está pensando... ou talvez subvocalizando alguma coisa, algum pensamento, algum nome, *algo* de que seu consciente não se dá conta inteiramente.

- O que você...?

Interrompi, impaciente.

- O que é "Tromblon"?
- O quê?... Oh, meu Deus... Tremblant. Lago Tremblant!
- Onde...?
- A casa ficava num lago em Quebec. Agora me lembro. Lago Tremblant. No sopé de uma grande e bela montanha chamada Mont-Tremblant. A casa dela ficava no Lago Tremblant. Como é que eu soube disso?
- Você *se lembrou*. Não o suficiente para verbalizar o nome, mas de algum modo estava no seu cérebro. Provavelmente você o ouviu inúmeras vezes quando era pequena, e o armazenou.
- E você acha que isso é importante?
- Acho que isso é *crucial*. Acho que é por isso que seu pai deixou essa fotografia de um lugar que só você poderia reconhecer. Um lugar que provavelmente não está mencionado em parte alguma. Portanto, se alguém conseguisse chegar a esse cofre, chegaria a um beco sem saída. O máximo que alguém poderia fazer, exceto você, seria identificá-la e a seus pais mas não iria além disso, ficaria

bloqueado.

- Eu mesma quase fiquei perdida.
- Suponho que ele esperava que você se lembrasse, identificasse o lugar de algum modo. É um recado para você. Tenho absoluta certeza disso. Seu pai deixou essa pista para você.

-E...

- E ir lá.
- Você acha que é lá... que estão os documentos?
- Não ficaria de todo surpreso. - Levantei-me e estiquei as calças e o paletó.
- Não quero perder um minuto.
- Aonde? Aonde é que vamos?
- Você vai ficar aqui - disse, olhando em volta da sala de conferência.
- Você acha que estou segura aqui?
- Vou requisitar ao gerente do banco o uso desta sala para o resto do dia. Ninguém poderá entrar. Se tivermos de pagar uma taxa de aluguel pelo seu uso, pagaremos. Uma sala de conferência de valores dentro de uma caixa-forte... não pode haver lugar mais seguro, pelo menos de um momento para outro. Voltei-me para me retirar.
- Aonde você vai?

À guisa de resposta, ergui a mão, mostrando-lhe o pedaço de envelope.

- Espere. Preciso de um telefone aqui. Um telefone... e um fax.
- Para quê?
- Trate de consegui-los, Ben.

Olhei-a com surpresa, acenei com a cabeça e deixei a sala.

A rue de Cygne - rua do cisne - era uma rua pequena, sossegada, a alguns quarteirões do que fora outrora o Marché des Innocents, o grande mercado central de Paris, o lugar que Emile Zola chamou *le ventre de Paris*. Depois que o velho mercado foi demolido no fim dos anos 60, foram levantadas no local diversas estruturas gigantescas modernistas, inclusive Le Fórum des Halles, galerias e restaurantes, e a maior estação de metrô do mundo.

O número 7 era um velho prédio de apartamentos caindo aos pedaços do final do século XIX, acachapado, escuro e mofado por dentro. A porta do apartamento 23 era de grossos painéis de madeira lascada que, há muito tempo, tinha sido pintada de branco e agora estava encardida, cinzenta.

Muito antes de chegar ao segundo andar, ouvi o rosar ameaçador de um cachorro grande que vinha de dentro do apartamento. Aproximei-me e bati na porta.

Depois de algum tempo, durante o qual o cachorro passou a latir insistentemente, ouvi passos arrastados de um homem ou de uma mulher de idade, e em seguida o ruído de uma corrente de metal, que supus ser da porta sendo destrancada do lado de dentro.

A porta foi aberta.

Por um breve instante, uma fração de segundo, tive a impressão de estar assistindo a um filme de horror - os passos arrastados, o ruído de corrente - e o rosto da criatura assomou no vão escuro da porta.

Era uma mulher; as roupas eram de uma velha de postura curvada, de cabelos compridos e prateados, presos num chumaço frouxo no alto da cabeça. Mas o rosto da anciã era indiscretamente horripilante, uma massa de vergões, inchaços e caroços emoldurados grotescamente por um par de olhos gentis e uma boca pequena, deformada, torta.

O choque me deixou paralisado, sem fala. Mesmo que tivesse condições de falar alguma coisa, não

dispunha de um nome, tão-somente de um endereço. Dei um passo à frente e sem dizer uma só palavra mostrei-lhe o pedaço de envelope amarelado. No fundo do apartamento escuro, o cachorro ganiu e forçou a corrente que o prendia.

Também sem pronunciar uma palavra, ela olhou o pedaço de envelope com os olhos semicerrados, virou as costas e sumiu no interior do apartamento.

Segundos depois, um homem aparentando cerca de setenta anos chegou à porta. Dava para perceber que tinha sido um homem forte, musculoso; e seus desalinhados cabelos grisalhos tinham sido pretos retintos em outros tempos. Sua aparência agora era frágil, de uma criatura alquebrada, que ainda mancava pronunciadamente de uma perna; e a feia cicatriz, fina e comprida numa das faces, na altura da mandíbula, outrora vermelha e inflamada, empalidecera, adquirindo uma coloração esbranquiçada. Quinze anos tinham-no envelhecido dramaticamente.

O homem cujo rosto e silhueta jamais esqueceria, pois os via noite após noite, implacavelmente.

O homem que vira sair mancando do edifício da rue Jacob há quinze anos.

Então disse com uma calma que jamais poderia imaginar que tivesse em semelhantes circunstâncias:

- Você é o homem que matou minha mulher.

58

Não me lembrava de lhe ter visto os olhos, que eram de um azul-acinzentado aguado: olhos vulneráveis que não casavam com os de um frio exterminador da KGB, com o homem que não hesitara um minuto sequer em disparar um tiro no coração de minha jovem e bela mulher.

Lembrava-me apenas de sua cicatriz no rosto, de seus cabelos pretos revoltos, da camisa de xadrez e do seu andar claudicante.

Um possível dissidente, arquivista dos quadros da KGB em Paris, que se identificara como "Victor", dizendo que tinha valiosas informações para vender. Informações que descobrira nos arquivos em Moscou. Algo que tinha a ver com um criptônimo - MAGPIE (ave europeia, variedade de pombo).

Ele quer se bandear para o nosso lado. Em troca, quer proteção, segurança, conforto, todas as coisas que nós americanos, como uma espécie de Papai Noel da inteligência, temos por hábito proporcionar a espões desertores.

Conversamos. Encontramo-nos no Faubourg St. Honoré. Voltamos a nos encontrar num apartamento de segurança. Ele nos prometeu material explosivo sobre o dossiê conhecido como MAGPIE. O interesse de Toby é espicaçado. Ele se mostra muito interessado no MAGPIE.

Combinamos nos encontrar no meu apartamento na rue Jacob. E seguro, pois estava certo de que Laura se ausentara da cidade. Chego atrasado. Um homem com uma camisa xadrez, fartos cabelos pretos, sai do prédio apressadamente, mancando. Sinto cheiro de sangue, pronunciado e metálico, quente e azedo, um odor nauseante que grita para mim, cada vez mais alto à medida que subo os degraus da escada.

Poderá realmente ser Laura? Não, não é possível, certamente que não é, aquele corpo contorcido, aquela camisola de seda branca, a grande mancha vermelha. Não é real, não pode ser. Laura está fora, foi a Giverny; aquele corpo não é dela; há uma vaga semelhança, mas isso é tudo, definitivamente não pode ser...

Estou perdendo a razão.

E Toby. Aquela forma humana gemendo no chão do corredor: Toby, salvo milagrosamente da morte,

mas parálitico para o resto da vida.

Eu era responsável por aquela tragédia.

Eu fizera aquilo aos dois. Ao meu mentor e amigo. A minha adorada esposa.

"Victor" examinou o pedaço de envelope, e ergueu os olhos. Seus olhos azul-acinzentados fixaram-se em mim com uma expressão que não consegui definir com exatidão: medo? Ou indiferença? Podia ser qualquer coisa.

Finalmente, ele me disse:

- Entre, por favor.

Os dois, "Victor" e a mulher deformada, sentaram-se lado a lado no sofá estreito. Mantive-me de pé, com a arma apontada para eles, possuído de surdo rancor. Uma grande televisão colorida estava ligada, sem som, exibindo alguma velha série americana que não reconheci.

O homem falou primeiro, em russo.

- Não matei sua mulher.

A mulher - sua esposa? - permaneceu sentada com as mãos trêmulas cruzadas no colo. Não conseguia olhar para seu rosto.

- Seu nome? - perguntei, também em russo.
- Vadim Berzin - o homem respondeu. - Esta aqui é Vera. Vera Ivanovna Berzina. - Ele inclinou ligeiramente a cabeça para ela, sentada à sua direita.
- Você é o "Victor" - afirmei peremptoriamente.
- Fui. Durante alguns dias adotei esse nome.
- Então, quem é você na realidade?
- Você sabe quem eu sou.

Será que de fato sabia? O que realmente eu sabia sobre aquele homem?

- Estava esperando que eu aparecesse?

Vera fechou os olhos, ou melhor, eles pareceram desaparecer nas dobras do seu rosto intumescido. Eu já tinha visto um rosto assim antes, agora me lembrava, mas somente em fotografias e no cinema. *O homem elefante*, um filme tenebroso baseado na história verídica do Homem Elefante de triste fama, o inglês John Merrick. Ele fora terrível e impiedosamente deformado pela neurofibromatose, a doença de von Recklinghausen, que pode provocar tumores cutâneos e deformidades. Seria esse o mal que afligia aquela mulher?

- Eu estava à sua espera - disse o homem, acenando com a cabeça.
- Mas não tem medo de me deixar entrar no seu apartamento?
- Não matei sua mulher.
- Não ficará surpreso se eu lhe disser que não acredito em você.
- Não - disse ele, sorrindo languidamente. - Não me surpreende. - Fez uma pausa, e acrescentou: - Você pode me matar, ou a nós dois, muito facilmente. Pode nos matar agora mesmo se quiser. Mas por que haveria de querer? Por que, antes de ouvir o que tenho a lhe dizer?

Estamos morando aqui desde a derrocada da União Soviética. Compramos nosso exílio, como fizeram tantos de nossos companheiros da KGB.

- Você pagou o governo russo?

- Não, pagamos à sua Central Intelligence Agency.
- Com o quê? Dólares escondidos em algum lugar?
- Oh, por favor. Os minguados dólares que pudésemos ter juntado ao longo dos anos não representariam nada para a grande e poderosa CIA. Ela não precisa de nossas notas de dólares sujas e amarrotadas. Não, compramos nossa liberdade com a mesma moeda que todos os agente da KGB...
- Naturalmente - atalhei. - Informação. Inteligência roubada dos arquivos da KGB. Como todos fizeram. Surpreende-me o fato de ter encontrado compradores interessados, depois de tudo o que você fez.
- Ah, sim - disse Berzin sardonicamente. - Armei uma cilada para um jovem e brilhante agente da CIA com quem o Centro em Moscou tinha uma velha diferença. Inventei uma falsa defecção, tal como manda o figurino. Não é isso?

Não disse nada e ele prosseguiu.

- Compareci ao local marcado, mas o jovem agente não estava lá. E então, como a vingança não é seletiva, matei a mulher do jovem espião e baleei um homem da CIA mais velho. Meu relato está correto?
- Mais ou menos.
- Ah. Ah, sem dúvida uma boa história.

Eu tinha baixado minha arma enquanto ele falava, mas ergui-a novamente, devagar. Estou convencido de que poucas coisas são mais eficazes para reconstituir a verdade do que uma arma carregada nas mãos de alguém que saiba manejá-la.

Pela primeira vez, a mulher dele falou. Numa voz clara, de contralto, ela interrompeu intempestivamente:

- Deixe ele falar!

Desviei rapidamente o olhar para a mulher desfigurada, logo voltando a encarar seu marido. Ele não parecia amedrontado; ao contrário, parecia quase divertido, achando graça da situação. Mas subitamente sua expressão mudou, tornando-se grave.

- A verdade - disse ele - é a seguinte: quando cheguei ao seu apartamento, fui recebido por um homem mais velho, Thompson. Mas não sabia quem ele era.
- Impossível...
- Não! Nunca o tinha visto, e você não me tinha dito com quem iria ao encontro. Por motivos de compartimentalização, estou certo.

Ele me disse que tinha sido encarregado de me interrogar, que queria começar o interrogatório sem perda de tempo. Concordei. Revelei-lhe a existência do documento magpie.

- Que significa exatamente o quê?
- Uma fonte na inteligência americana.
- Uma cunha soviética?
- Não necessariamente. Apenas uma fonte de informações.
- Codinome magpie? - Empreguei a palavra russa *soroka*, usada para designar um pássaro.

- Sim.

- Então era um codinome da KGB? - Havia uma longa lista de nomes codificados da KGB derivados

de nomes de pássaros, um recurso muito mais original do que qualquer coisa que *nós* tenhamos criado.

- Sim, mas, na realidade, não era rigorosamente uma cunha. Não se tratava exatamente de um agente nosso infidelo, mas sim de um agente de vocês que conseguimos atrair para o nosso lado, de maneira a poder nos ser útil eventualmente.
- E a fonte magpie era...?
- magpie, como ficou constatado, era James Tobias Thompson. Evidentemente, não podia suspeitar que estivesse frente a frente com a própria fonte, uma vez que ignorava seu nome verdadeiro - os arquivos da KGB são muito subdivididos para isso. E lá estava eu, falando de um dossiê que queria vender sobre uma delicada operação soviética, e lá estava o agente da CIA, me ouvindo com o maior interesse enquanto eu tentava vender-lhe a informação que revelaria seu disfarce.
- Meu Deus, Toby!
- Repentinamente, esse tal de Thompson tornou-se violento. Derrubou-me, sacou uma arma provida de silenciador, e exigiu que eu lhe entregasse o documento. É claro que não seria idiota de trazê-lo antes de termos fechado o negócio em termos definitivos. Ele me ameaçou. Disse-lhe que não tinha o documento comigo. Acredito que ele estivesse disposto a me matar, quando nos voltamos subitamente e vimos uma mulher entrando na sala. Uma mulher bonita vestindo uma camisola branca.
- Sim. Laura.
- Ela tinha ouvido tudo. Tudo o que eu dissera, tudo o que Thompson dissera. Ela nos disse que estava dormindo no quarto, indisposta, e que o barulho a tinha acordado. E de repente tudo ficou confuso. Aproveitei-me da interrupção para me levantar e tentar fugir. Enquanto corria, puxei minha arma, mas antes que pudesse engatilhá-la, senti minha perna explodir. Olhei, e vi que Thompson tinha me atingido, mas seu disparo não tinha sido fatal. Sua pontaria falhara, e nessa altura eu já conseguira engatilhar minha pistola. Ele ficou paralisado na minha frente, e alvejei-o em legítima defesa. Dei um salto para o corredor, joguei-me escada abaixo, e logrei fugir antes que ele me matasse.

Tudo o que tinha vontade de fazer era afundar no chão, cobrir os olhos, procurar refúgio no sono, mas necessitava agora de toda minha reserva de força de vontade. Limitei-me a afundar numa ampla poltrona, engatilhar novamente a arma, e continuar a ouvir em silêncio.

- Enquanto descia a escada - continuou Berzin -, ouvi outro tiro abafado, e supus que ele tivesse se matado ou matado a mulher.

Notei que os olhos da mulher desfigurada estavam fechados; tinham permanecido fechados quase toda a narrativa de seu marido. Seguiu-se um prolongado silêncio. Ouvi, ao longe, o zumbido de lambretas, o ronco de um caminhão, risadas de crianças.

Finalmente consegui falar.

- Uma história plausível - disse.
- Plausível e verdadeira - disse Berzin.
- Mas você não pode prová-la.
- Não posso? Por acaso examinou de perto o corpo de sua mulher?

Não respondi. Não tinha tido coragem de olhar o corpo de Laura.

- Foi o que pensei - disse Berzin, compreensivamente. - Mas se um perito em balística tivesse examinado os ferimentos, teria verificado que o tiro tinha sido disparado pela arma pertencente a James Tobias Thompson.
- É fácil dizer isso quando o cadáver está enterrado há quinze anos.

- Deve ter havido registros.
- Estou certo de que houve. - Mas não acrescentei: Embora não tenha tido acesso a nenhum deles.
- Mas tenho algo que você vai achar útil, e se me permitir apanhá-la, terei resgatado minha dívida com Harrison Sinclair. Seu sogro, não é?
- Foi ele quem o tirou de Moscou?
- Quem mais teria suficiente influência?
- Mas por quê?
- Provavelmente para que um dia eu pudesse lhe contar essa história. Está em cima do aparelho de televisão.
- O que é?
- O que quero lhe mostrar. Quero lhe dar. Em cima do televisor.

Virei a cabeça ligeiramente para olhar o receptor de TV, que estava transmitindo uma reprise de *MASH*. Em cima do console de madeira havia uma porção de coisas: um busto de Lenin, desses que se podia comprar em qualquer lugar de Moscou; um prato laqueado que parecia estar sendo usado como cinzeiro; uma pequena pilha de antologias de poemas de Aleksandr Blok e Anna Akhmatova, editadas em russo.

- Está no Lenin - disse com um sorriso malicioso. - Tio Lenin.
- Fique onde está - eu disse, encaminhando-me para o aparelho de televisão. Ergui a pequena cabeça oca de ferro e virei a estatueta. Uma etiqueta na sua base dizia BERIOZKA 4.31, o que significava que tinha sido comprada numa das velhas lojas soviéticas de moeda forte por quatro rublos e trinta e um kopeks, em certa época considerado um bom dinheiro.
- Dentro - disse ele.

Sacudi o busto, alguma coisa no seu interior se deslocou. Retirei um chumaço de papel, e um pequeno objeto oblongo apareceu. Peguei-o e examinei-o.

Uma fita microcassete.

Olhei para Berzin como se pedisse uma explicação. De um dos outros aposentos do apartamento o cachorro (que presumi estar amarrado ou contido de alguma forma) começou a choramingar.

- Sua prova - disse ele, como se aquilo explicasse tudo.

Como não respondi, ele prosseguiu:

- Usei um fio.
- Na rue Jacob?

Ele acenou com a cabeça, visivelmente satisfeito.

- Uma fita gravada em Paris há quinze anos comprou minha liberdade.
- Por que diabo você usou um fio? - Uma resposta me ocorreu, mas não fazia sentido. - Você não estava realmente negociando sua defecção, não é verdade? Ainda estava trabalhando para a KGB, certo? Plantando informação?
- Não! Foi meramente por *proteção*.
- Proteção? Contra quem? Contra pessoas para cujo lado você estava pretendendo se bandear? Isso é ridículo!
- Não... ouça! Era um gravador de microcassetes que havia ganhado de Lubyanka para o caso de "provocações", ciladas, esse tipo de coisas. Mas daquela vez usei-o para me proteger. Para gravar quaisquer promessas, garantias, até mesmo ameaças. Desse modo, se houvesse divergências sobre o

que me tinha sido prometido, seria a *minha* palavra contra a de *vocês*. Sabia que se estivesse equipado com um gravador, ele acabaria me sendo útil de uma forma ou de outra. O que mais tinha eu? - Ele pegou a mão da mulher, que notei estar tomada de pequenos tumores, mas nem de longe comparáveis aos que desfiguravam seu rosto. - Isto é para o senhor. Uma gravação do meu encontro com James Tobias Thompson. E a prova que queria.

Aturdido, aproximei-me do casal de idosos, puxei uma cadeira para perto dos dois e sentei-me. Não foi nada fácil, tendo em vista o torvelinho em que minha mente se encontrava, mas inclinei a cabeça e me concentrei, até parecer estar ouvindo alguma coisa, uma sílaba aqui, uma frase ali, e então tive quase *certeza* de estar realmente ouvindo algo. Pouco depois não tive mais dúvidas de que conseguira sintonizar seus desesperados, ansiosos pensamentos, que me chegavam com muita nitidez.

Calma e metodicamente, disse em russo:

- É muito importante para mim que esteja dizendo a verdade sobre tudo isso... sobre minha mulher, sobre Toby, sobre tudo.
- É claro que estou!

Não respondi; *ouvi*, o silêncio da sala quebrado apenas pelo choramingo do cachorro, mas então uma frase muito clara invadiu meu consciente.

É claro que lhe estou dizendo a verdade!

Mas estaria, de fato? Estaria pensando isso? Ou, ao invés, estaria prestes a dizer isso - duas coisas muito diferentes? O que me tinha levado a acreditar que possuía o dom de adivinhar a verdade?

Tolhido pela incerteza, não estava nem um pouco preparado para a próxima coisa que ouvi.

Uma voz de mulher, agradável e profunda, de contralto, mas não enunciada.

Uma voz *pensada*, calma e segura.

Você pode me ouvir, não pode?

Olhei para a mulher, e seus olhos estavam novamente fechados, soterrados naquela devastadora paisagem de vergões e tumores. Sua pequena boca parecia estar ligeiramente arqueada para cima num grotesco arremedo de sorriso; um pungente porém confiante sorriso.

Pensei: Sim, posso.

E, olhando para ela e sorrindo, inclinei a cabeça.

Seguiu-se um hiato de silêncio, e então ouvi: O senhor pode me ouvir, mas eu não consigo ouvi-lo. Não tenho a mesma capacidade de audição. Precisa falar em voz alta comigo.

- A fita... - Berzin começou a dizer, mas sua mulher pôs um dedo nos lábios, advertindo-o para que se calasse. Perplexo, ele se manteve em silêncio.
- Sim - disse eu. - Sim, posso. Como sabe?

Ela continuou a sorrir, conservando os olhos fechados.

Estou a par dessas coisas. Tenho conhecimento dos projetos de James Tobias Thompson.

- Como? - perguntei.

Enquanto meu marido trabalhava como funcionário do escritório da KGB em Paris, eu fiquei servindo em Moscou. Eles gostavam de fazer isso - manter marido e mulher separados para poderem manipulá-los. De qualquer forma, meu trabalho era muito importante. Importante demais para que desistisse dele. Fui secretária-chefe de três titulares sucessivos da KGB. Fui, na verdade, uma guardiã. Cuidava de todos os seus documentos secretos, sua correspondência.

- Então foi a senhora quem descobriu o dossiê magpie.

Fui, e muitos outros dossiês.

Desconcertado, Berzin perguntou:

- O que está acontecendo?

Num tom tranqüilizador, sua mulher disse:

- Vadim, por favor, fique calado por alguns minutos. Explicarei tudo.

E ela prosseguiu, seus pensamentos tão claros e inteligíveis quanto sua voz falada.

Durante toda minha vida tive esta doença. *Com um gesto da mão esquerda apontou o rosto.* Mas quando cheguei aos quarenta, ele atingiu meu rosto, e em pouco tempo tornei-me... inadequada... para permanecer numa posição de tanta visibilidade. O diretor e seus assessores não suportavam mais olhar para minha cara. Da mesma forma que você também não está agüentando. Por isso me destituíram do meu cargo. Mas antes de ir embora, levei comigo um documento que acreditei poder pelo menos garantir a evasão de Vadim para o Ocidente. E quando ele foi me visitar em Moscou, dei-o a ele.

- Mas como - insisti - soube a meu respeito?

Não soube. Imaginei. Na minha posição, tomei conhecimento do programa que Thompson estava empenhado em deslanchar. Ninguém na sede da Chefia do Primeiro Diretório em Yasenyevoy acreditava que tal coisa fosse possível. Mas eu acreditei. Não sabia se chegaria a ter êxito, mas sabia que era possível. O dom que possui é realmente extraordinário.

- Não - discordei. - É uma coisa terrível.

Antes que pudesse acrescentar alguma coisa, explicar-lhe, ela pensou: O pai de sua mulher nos tirou da Rússia. Foi uma atitude generosa da parte dele. Mas tínhamos mais o que oferecer além desta fita.

Franzi as sobrancelhas, perguntando em silêncio: O quê?

Seus pensamentos continuaram a fluir, serenos e claros.

Esse homem, James Tobias Thompson. Seu mentor. O *MAGPIE*. Ele continuou a se reportar a Moscou. Sei o que estou dizendo; vi seus relatórios, nos quais faziam referências a pessoas de dentro e de fora da CIA que conspiravam para assumir o poder. Essas pessoas cooperaram com os alemães. Você precisa encontrá-lo. Ele está arrependido do que fez. Thompson lhe confirmará...

De repente, os ganidos do cachorro transformaram-se em fortes latidos.

- Alguma coisa está errada com o Hunter - disse Berzin. - Vou ver o que é.
- Não - disse eu. Os latidos agudos tornaram-se mais altos, mais rápidos, mais insistentes.
- Está acontecendo alguma coisa *ruim* com ele - disse Berzin.

Então o latido converteu-se num horrível, lancinante uivo, um lamento quase humano, quase um grito de desespero.

E depois um silêncio tenebroso.

Tive a impressão de ouvir qualquer coisa, um pensamento. Meu nome *pensado* com grande insistência em algum lugar muito perto.

Tive a certeza de que o cachorro acabara de ser brutalmente abatido.

E que nós seríamos os próximos.

É realmente impressionante como somos capazes de raciocinar rapidamente quando nossas vidas estão em perigo. Vera e Vadim olharam simultaneamente na direção de onde vinha o uivo angustiante do cachorro. E então Vera deu um grito, pulou do sofá e começou a correr desajeitadamente no sentido do som.

- *Pare* - gritei para ela. - Não avance... não é seguro! *Abaixe-se!*

Confuso e apavorado, o casal se abraçou instintivamente. A mulher começou a balbuciar qualquer coisa em voz alta, mas o marido a interrompeu asperamente, cuspidando as palavras.

- Silêncio!

Alarmados, os dois se calaram, e imediatamente abateu-se sobre o apartamento um silêncio sinistro, sobrenatural. Um silêncio absoluto, no qual pressentia que alguém - ou mesmo diversas pessoas - se locomovia sorratamente. Não conhecia a disposição dos cômodos do apartamento, mas podia fazer uma idéia: ficava no segundo andar - *le premier étage*, como os franceses o consideram - e provavelmente uma escada de incêndio de emergência ligava os andares nos fundos do prédio, onde presumi que ficasse localizada a cozinha, onde o cachorro teria sido amarrado - e por onde os invasores certamente teriam entrado.

Os invasores. Quem seriam eles?

Meus pensamentos encadeavam-se vertiginosamente: Quem sabia que eu estava ali naquele apartamento? Dessa vez não havia nenhum transmissor miniaturizado para orientar meus perseguidores; e ao que soubesse não tinha sido seguido. Toby Thompson... Truslow... estariam agindo juntos? Ou estavam em campos opostos, um tentando destruir o outro?

Aquele casal russo *émigré* faria parte de uma lista de suspeitos, sob vigilância cerrada? Seria possível que alguém com excelente acesso aos segredos da Agência - e a descrição encaixava-se como uma luva tanto em Truslow quanto em Thompson - saberia do acordo que o pai de Molly fizera com o casal? Sim, certamente, era possível. Além do mais sabiam que eu estava em Paris. Por conseguinte, era natural que tivessem redobrado a vigilância, até então pouco rigorosa.

Num segundo ou dois, no máximo, esses pensamentos atravessaram minha mente num lampejo, mas ao fazer uma pausa momentânea, vi que os Berzin estavam correndo, ou melhor, caminhando apressadamente, atabalhoadamente na direção do corredor acanhado, buscando, de certo, a cozinha. Que loucura! O que estavam fazendo? O que estavam pensando?

- Voltem - disse, quase gritando, mas eles já haviam alcançado o umbral da porta, frenéticos, fora de si, agindo irrefletidamente, illogicamente, como duas corças acossadas, assustadas. Precipitei-me sobre eles para puxá-los, tirá-los do caminho, a fim de que pudesse mover-me desembaraçadamente, sem requebrar pela sua segurança. E ao me deslocar, percebi uma sombra vacilante no corredor, o vulto de um homem, pareceu-me.
- Abaixem-se! - gritei, mas nesse preciso momento ouviu-se o *pfut pfut pfut* sibilante, abafado de uma automática dotada de silenciador, e tanto Vera quanto Vadim começaram a perder o equilíbrio e a cair para a frente num grotesco movimento de balé em câmera lenta, como duas árvores sendo tombadas, grandes e venerandas árvores que tivessem sido serradas em suas raízes, e tudo o que se ouviu foi um grito profundo, pungente, subitamente emitido pelo velho ao chocar-se contra o chão.

Fiquei estarrecido, e sem pensar disparei minha arma repetidamente na direção do corredor escuro. Ouvi um grito, um grito estridente de dor que parecia indicar que eu ferira alguém, e diversas vozes masculinas, exaltadas, gritando simultaneamente. Os tiros foram retribuídos, lascando o batente da porta. Uma bala roçou meu ombro; outra atingiu a tela da televisão, e o aparelho explodiu. Dei um pulo para a frente, agarrei a maçaneta da porta, e joguei o peso do meu corpo contra ela, batendo-a com força e trancando-a à chave.

Para quê? Para ficar encurralado na sala de estar, que se comunicava com o corredor por aquela porta? *Use a cabeça, Ben, que diabo!*

A única alternativa era o corredor, onde o pistoleiro ou pistoleiros estavam, e isso não fazia sentido. Mas então qual era a saída?

Não tinha tempo para pensar, só havia tempo para reagir o mais prontamente possível, mas eu me entrincheirara naquele canto traiçoeiro, e enquanto calculava, aflito, uma rajada de balas foi disparada contra a pesada porta de madeira.

E agora?

Pelo amor de Deus, cara, mexa-se!

Dei meia-volta, vi a cadeira de madeira em que estivera sentado segundos antes, e arremessei-a contra a janela. A vidraça se espatifou em mil pedaços, e a cadeira ficou presa entre as lâminas de alumínio da persiana. Corri para a janela, arranquei a cadeira, e usei-a para varrer os cacos de vidro pontiagudos.

Outra rajada de balas nas minhas costas; a maçaneta foi estilhaçada, e depois mais tiros pipocaram.

Ao sentir que a porta estava sendo entreaberta atrás de mim, saltei - sem olhar - da janela do segundo andar para a rua.

Dobrei as pernas para amortecer o impacto e estiquei os braços para a frente para proteger minha cabeça caso caísse de bruços.

Tive a sensação de estar me movendo em câmera lenta. O tempo parara momentaneamente. Podia me ver caindo, quase como se estivesse assistindo a um filme, vendo-me encolher as pernas, vendo a rua se aproximar de mim, vindo ao meu encontro num zoom vertiginoso - arbustos, calçada, pedestres e...

E num instante vi-me plantado na calçada, depois de uma violenta aterrissagem. Caíra com as plantas dos pés e fora lançado para a frente, quase ereto, com os braços abertos para recuperar o equilíbrio.

Estava ferido; não havia a menor dúvida, e sentia muita dor. Mas estava vivo, graças a Deus, e podia me mexer. Ao ouvir as balas zunindo por trás e por cima de mim, dei uma súbita guinada, tentando ignorar a dor excruciante nos pés, calcanhares e panturrilhas. Corri com uma velocidade que nem suspeitava de que fosse capaz, descendo instintivamente a rua na direção de Les Halles. Os transeuntes à minha volta gritavam, gesticulavam, alguns se encolhiam de medo enquanto eu abria caminho no meio da multidão, multidão que sabia que me salvaria, servindo de anteparo, dificultando o avanço de meus perseguidores. Mas haveria, efetivamente, perseguidores? Será que teria conseguido ludibriá-los completamente? Estariam todos no apartamento que pertencera aos russos? Ou...

Mas nem todos tinham ficado lá. Não. Olhei para trás e vi que diversos homens envergando ternos escuros, e muitos outros em trajes de rua indefiníveis corriam atrás de mim, com os rostos exprimindo determinação. Ziguezagueei em torno de um monte de tijolos, e alguma coisa neles...

Atire os malditos tijolos neles, homem! O que está esperando?

... me fez lembrar que possuía algo muito mais eficiente do que simples tijolos; tinha uma boa e confiável pistola, provavelmente ainda com dez ou doze cartuchos; girei o corpo e disparei um tiro, mirando com a maior precisão possível para não ferir um inocente, e vi um dos homens de terno escuro tombar. Mas logo surgiu outro, e continuei correndo, dobrando a esquina da rue Pierre-Lescot, passando em frente a um *tabac* e um bar, uma padaria, driblando os pedestres apressados da hora do *rush*. Eu era um alvo em movimento, correndo, trançando; um alvo difícil para meu único - seria mesmo único? - perseguidor. Ele teria de escolher: ou parava para fazer pontaria com alguma precisão ou corria o mais depressa que

pudesse, e minha estratégia parecia estar dando certo: ele preferiu correr, tentar me alcançar. Podia ouvi-lo atrás de mim. Agora, éramos só ele e eu, o mundo encolhera, restavam apenas nós dois, uma questão de vida ou morte, somente o homem de terno escuro, chapéu de feltro e óculos escuros me perseguindo implacavelmente, diminuindo a distância que nos separava, e eu correndo como jamais tinha corrido em minha vida. Ignorava a dor, ignorava os sinais de alerta e meu corpo se ressentia por isso. Agora mesmo, enquanto corria, meu abdômen e minhas ilhargas eram acometidos de terríveis câibras. Era o máximo que podia fazer para continuar seguindo em frente; meu corpo, fora de forma depois de anos de advocacia e nenhum treinamento físico, estava me mandando parar, me entregar: *O que eles poderiam realmente querer de mim agora? Informação? Dê a eles a informação que quiserem. Não era um indivíduo extremamente valioso para que me submetessem a qualquer tipo de tortura, um sujeito com a minha extraordinária capacidade?*

Logo adiante erguia-se o extravagante fórum Les Halles, e enquanto corria na sua direção - por quê? Qual era o objetivo? Estava simplesmente pretendendo correr até cair de exaustão, era isso? - meu corpo brigava com minha mente. Meu pobre corpo, devastado pela dor, debatia-se, insurgia-se contra minha férrea determinação mental, ora importunando e suplicando, ora lisonjeando capciosamente: *Entregue-se, eles não lhe farão mal, não molestarão a Molly, tudo o que querem é a garantia do seu silêncio. E verdade que poderão não acreditar em você, mas você poderá contemporizar, poderá fingir fazer o jogo deles. Entregue-se, salve a sua pele...*

As passadas, agora aceleradas, ressoavam atrás de mim, e de repente me deparei numa espécie de garagem-estacionamento ao nível da rua, onde havia, numa de suas extremidades, uma porta em que se lia: *sortie de secours e passage interdit*. Abri-a e fechei-a atrás de mim. Ela emitiu um ruído metálico enferrujado, e me vi num pequeno, mal iluminado, vão de escada, cheirando a lixo. Perto da porta, um grande tambor transbordava de lixo.

Era um tambor de alumínio, muito leve para servir de obstrução.

Alguma coisa bateu com força no outro lado da porta. Talvez um pé, ou um ombro; mas a porta não cedeu. Desesperadamente, derrubei o tambor. Lixo, lixo, mais lixo... e a metade de uma tesoura velha. Talvez servisse; valia a pena tentar.

Outra pancada contra a porta, e dessa vez ela se abriu parcialmente: um raio prateado de luz penetrou no vão de escada penumbroso e logo se foi. Abaixei-me, peguei a lâmina delgada de aço, e enfiei-a fundo numa folga da dobradiça da porta.

A porta retumbou novamente, mas dessa vez não entrou nenhum raio de luz: a porta não cedeu. Enquanto a lâmina da tesoura se mantivesse no lugar, a porta estaria segura.

Saltei para a escada, que levava diretamente a um corredor, que, por sua vez, ia ter numa movimentada galeria.

- Onde é que ficava? Numa estação, uma estação do metrô; sim, era isso. Chatelet les Halles. A maior estação subterrânea do mundo. Um labirinto. Muitos rumos a escolher; muitas direções a tomar para despistá-lo - se meu corpo resistisse, se me permitisse continuar.

E de repente soube o que tinha de fazer.

e amigo James Tobias Thompson III gostava de mexer comigo. Laura e eu tínhamos chegado a Paris naquela manhã, vindos de Washington pela TWA, e estou exausto. Laura ficou dormindo no nosso apartamento vazio na rue Jacob; estou sentado, sonolento, no escritório de Thompson no consulado dos Estados Unidos na rue St.-Florentin.

Gosto do cara; e ele parece gostar de mim. É um bom começo para uma carreira sobre a qual tinha tido sérias apreensões. A maioria dos jovens agentes de campo não morre de amores por seus superiores, que os tratam como os jovens inexperientes e não-confiáveis que são na realidade.

- *Para todos os efeitos sou Toby — ele insiste. — Ou nos tratamos pelo segundo nome, e nesse caso você é Ellison e terei de me comportar como um sargento nojento, ou somos colegas. - E antes que eu possa agradecer-lhe, ele me empurra uma pilha de livros.*
- *Decore-os - diz ele. - Decore todos eles.*

Alguns são simples guias que qualquer turista pode comprar (*Plande Paris par Arrondissement: Nomenclatura des rues avec la station du Métro, la plus proche*) e outros são editados pela Agência unicamente para uso interno (mapas detalhados, classificados, do Metrô de Paris, listas secretas de locais diplomáticos e militares espalhados pela cidade, sugestões de rotas de fuga de trem ou de carro).

- Espero que esteja brincando - disse.
- Tenho cara disso?
- Não conheço o seu senso de humor.
- Não tenho nenhum. - Disse ele da boca para fora, indicando exatamente o contrário. - Você tem uma memória fotográfica. É capaz de reter muito mais do que a maçaroça que tenho lá em cima.

Rimos: ele tem cabelos escuros, é esbelto, de aparência jovem.

Ele diz:

- Algum dia, amigo, essas informações poderão vir a calhar.

Algum dia, Toby, pensei, com os olhos rodando pela enorme estação do metrô, procurando me orientar. Fazia tempo que estivera ali. Nunca pensou que ela pudesse lhe vir a calhar novamente, não é mesmo? Fisicamente, era um molambo. Meus braços, embora doessem muito menos, continuavam enfaixados; minhas pernas, meus pés e tornozelos soltavam faíscas de dor aguda, explosiva, como fogos de artifício num Quatro de Julho.

Chatelet les Halles. Medindo quarenta mil metros quadrados, é a maior estação subterrânea do mundo. Obrigado, Toby. Veio mesmo a calhar. Ah, eu e essa velha memória fotográfica.

Olhei para trás, não vi nada, mas não me deixei levar pela sensação de alívio que muitas vezes significa lassidão. Evidentemente, ele me seguira até o topo da escada, sendo detido apenas por um pedaço de aço enferrujado, que a qualquer momento provavelmente saltaria ou vergaria sob constante pressão.

Quando se é perseguido, o maior erro que se pode cometer é ceder a velhos, atávicos, instintos humanos de sobrevivência como a reação lutar-fugir que salvou as vidas de nossos ancestrais das cavernas. O instinto faz com que se reaja previsivelmente, e a previsibilidade é o inimigo.

O que ele faria, portanto?

No caso em questão, se a porta não cedesse, ele procuraria a entrada alternativa mais próxima. Certamente haveria uma por perto. Ponha-se no lugar dele, decida se escolheria atravessar a estação e ganhar a rua - não, muito arriscado - ou se tentaria perder-se no labirinto dos corredores (uma boa possibilidade), ou se procuraria manter a maior distância possível do inimigo, embarcando no trem mais próximo (uma possibilidade ainda melhor).

E então, supostamente, ele daria meia-volta, eliminando a melhor (e por conseguinte a mais óbvia) rota de evasão... e me procuraria no meio da multidão. Em qualquer lugar, menos na plataforma de um trem. Perscrutei a multidão. Uma menina adolescente de cabelos crespos cantava em francês com sotaque inglês, numa pífia imitação de Edith Piaff, "On the Street Where You Live", com um fundo musical de cordas e angelicais acordes supridos por um sintetizador Casio. Algumas pessoas atiravam moedas no casaco espalhado no chão à sua frente, mais por piedade, supus, do que propriamente por admiração. Todas as pessoas pareciam caminhar decididamente para algum lugar. Tanto quanto me era dado perceber, ninguém dentro da estação estava atrás de mim.

Então onde é que ele se metera?

A estação era um formigueiro humano, uma encruzilhada desconcertante de placas superpostas de *correspondances* (de cor laranja) e de *sortie* (azuis), e trens chegando e partindo demandando dúzias de diferentes destinos: Pont de Neuilly, Créteil-Préfecture, Saint-Rémy-Les-Chevreuse, Porte d'Orléans, Château de Vincennes... E não apenas trens regulares do Metrô, mas também os de KER (Réseau Express Régional), interligando os subúrbios parisienses. O lugar era imenso, esparramado, infundável, desnordeante. E ludo isso evidentemente me favorecia.

Por mais alguns segundos pelo menos.

Tomei a direção que meu perseguidor consideraria mais óbvia e por conseguinte - talvez - menos provável: o rumo para o qual o maior fluxo de tráfego parecia se encaminhar. *Direction* Château de Vincennes e Pont de Neuilly.

À direita da longa fileira de borboletas havia uma área com um aviso de *passageinterdit* isolada por uma corrente. Corri na sua direção, tomei impulso, e saltei por cima dela. Uma comprida fila de pessoas segurando exemplares do *Pariscope* serpenteava em torno de uma cabine vendendo entradas de teatro pela metade do preço (*Ticket Kiosque Theater: "Les places du jour à moitié prix"*), ao lado de uma bizarra estátua de bronze de um homem e uma mulher, ambos artisticamente deformados, lançando-se nos braços um do outro desesperadamente. Passei voando por uma saída para o Centre Georges Pompidou e o Fórum des Halles, por um grupo de três policiais equipados com *walkie-talkies* e armados com pistolas e cassetetes, que me olharam com desconfiança.

Dois deles puseram-se em posição de alerta e começaram a correr atrás de mim, gritando.

Parei abruptamente diante de uma seqüência de portas pneumáticas muito altas, intransponíveis.

Mas foi por isso que Deus inventou a *Sortie de Secours*, a saída de emergência para uso exclusivo do pessoal do Metrô, por onde me embarafustei diante de um grupo de funcionários espantados.

Os gritos cresciam atrás de mim. Ouviu-se o silvo estridente de um apito de trânsito.

Um tropel ruidoso.

Passei por uma loja de meias, um quiosque de flores ("*Promotion - 10 tulipes 35F*").

Cheguei a um corredor muito comprido, ao longo do qual esteiras rolantes transportavam pedestres. A esteira adjacente levava pessoas no sentido contrário, na direção de onde eu tinha vindo. Entre as duas esteiras havia uma faixa de metal de um metro de largura e na altura da cintura, que fluía para a frente como um tapete de aço sem fim.

Olhei em volta, e vi que aos seguranças do Metrô que corriam atrás de mim juntara-se agora uma figura solitária, de terno escuro, que se aproximava de mim a uma velocidade assustadora, enquanto eu estava imprensado por um grupo de pessoas que não se mexiam, deixando que as esteiras de aço e borracha fizessem todo o trabalho de locomoção. Estava entalado.

O homem de terno escuro: exatamente o indivíduo de quem queria me desvencilhar.

E enquanto ele chegava cada vez mais perto, virei-me novamente para avaliar a distância que nos separava e me dei conta de que já o tinha visto antes.

Seus óculos de aros pretos grossos escondiam apenas parcialmente suas pesadas olheiras amareladas. Estava sem chapéu, certamente perdido na perseguição, revelando seus cabelos louros esbranquiçados

penteados para trás. Uma figura descarnada, fantasmagoricamente pálida, de lábios finos, lívidos.

Na Marlborough Street em Boston.

Em frente ao banco em Zurique.

O mesmo homem, indubitavelmente. Um homem que provavelmente sabia muita coisa a meu respeito.

E um homem - o detalhe dava calafrios - que nem se dera ao trabalho de se disfarçar.

Estava pouco ligando para que eu pudesse reconhecê-lo.

Forcei minha passagem pelo gargalo de pessoas imóveis, abrindo caminho a cotoveladas, e galguei a faixa de metal em movimento entre as duas esteiras rolantes.

Procurando manter o equilíbrio, percebi que a superfície metálica divisora era seccionada a pequenos intervalos regulares por lâminas de aço salientes, ali colocadas, com toda certeza, para dificultar o que eu estava tentando fazer - andar em cima dela.

Era difícil, mas não impossível.

Como era mesmo que a mulher em Zurique o tinha chamado?

Max.

Está certo, meu chapa, pensei.

Venha me pegar, "Max".

Seja lá o que for que possa estar querendo, venha me pegar.

Tente.

61

Corri sem medir as conseqüências.

Perigosamente, equilibrando-me em cima da superfície metálica em aclave. A minha volta, de um lado e de outro, suspiros, gritos e berros - *Quem é o maluco? Um criminoso? Do que ele está fugindo?* A resposta era dada prontamente a quem olhasse para baixo da esteira rolante, a pouca distância, e visse o bando de funcionários uniformizados soprando freneticamente seus apitos numa versão francesa dos Keystone Kops (guardas trapalhões dos velhos filmes mudos), infiltrando-se no meio da multidão.

E agora, sem dúvida para o grande espanto dos curiosos, não apenas um mas *dois* homens avançavam precariamente pela estreita faixa de metal, um procurando enganar o outro desesperadamente.

Max. O matador.

Mal refletindo sobre o que estava fazendo, pulei para o lado oposto, para a mão das pessoas que estavam descendo, apoiando de leve os pés por um ou dois segundos antes de transpor a divisória de vidro, uns bons três metros abaixo, e aterrissar no vão da escada. Subi os degraus sem me arriscar a olhar para trás, não podendo perder o embalo por um segundo sequer, correndo o mais depressa que os meus doloridos tornozelos permitiam, todo o som à minha volta abafado pelo acelerado e incessante pulsar do meu coração, e minha ofegante respiração. No alto da escada, distante de mim, havia uma placa de sinalização azul: *direction pont de neuilly*. Um raio de luz, um rumo a seguir. Eu era um cachorro galgo perseguindo um coelho; era um prisioneiro fugindo da prisão. Na minha mente febril, era qualquer coisa que me inspirasse, qualquer coisa que me desse forças para ir em frente, que sublimasse minha dor, ignorasse os apelos do meu corpo para parar, bloqueasse o canto sedutor da sereia: *Desista, Ben. Eles não lhe farão mal. De qualquer maneira você não pode vencer, não pode derrotá-los, está em inferioridade numérica, torne as coisas mais fáceis para você e desista.*

Não.

Ele não hesitará em me fazer mal, respondi no meu insano diálogo íntimo. Ele fará o que tiver de fazer.

Vislumbrei uma escada rolante no topo da escada.

Onde estavam os... perseguidores?

Permiti-me um rápido olhar em volta, uma virada de cabeça antes de me encaminhar para a escada rolante.

Os guardas do Metrô, todos três - seriam três? - tinham desistido da perseguição. Provavelmente tinham transmitido a informação pelo *walkie-talkie* a outros colegas postados mais à frente.

Tinha sobrado só um.

Meu velho amigo, Max.

Ele não desistira, naturalmente. Continuou se equilibrando na faixa de metal, uma figura solitária, curvada, aproximando-se, acelerando cada vez mais as largas passadas...

No alto da escada rolante havia um pequeno patamar, e à direita, outra escada rolante com uma placa indicando: *sortie rue de rivoli*. Muito bem, e agora? Qual o rumo a tomar? A rua ou a plataforma do trem? Mantenha-se em território que você conhece.

Hesitei apenas um segundo, e disparei na direção da plataforma do trem, onde pessoas apressadas entravam e saíam dos vagões.

Ele agora estaria uns dez segundos atrás de mim, o que significava que também faria uma pausa no patamar, e se eu desse azar, me avistaria pouco adiante na plataforma do trem, um alvo extremamente exposto e portanto vulnerável.

Siga em frente.

Apitos eletrônicos anunciaram que o trem ia partir, e vi que não conseguiria pegá-lo. Num último e desesperado esforço, corri para a porta aberta mais próxima, mas todas elas se fecharam bruscamente quando eu ainda estava a quase vinte metros de distância.

E quando o trem arrancou, e ouvi Max chegando à plataforma, joguei-me alucinadamente contra a estrutura metálica do vagão, agarrando-me como pude em algo sólido e saliente.

Uma alça providencial.

Graças a Deus.

Então minha mão esquerda achou outra alça enquanto era sugado para o túnel pouco mais adiante, deixando a estação de Chatelet e Max para trás, achatando meu corpo contra a carroceria do trem. Naturalmente a sorte tinha me abandonado, a idéia de que ia morrer a qualquer momento era terrível.

Um enorme espelho redondo projetava-se da parede na entrada do túnel.

Dava para perceber que o trem passaria rente, com poucas polegadas de folga. Mas é claro que eu não passaria - uma massa de carne humana protuberante que seria cortada em dois com a mesma precisão que uma faca Sabatier corta um queijo.

Um lampejo de lógica cruzou meu cérebro incandescente. Que diabo pensa que está fazendo? Que maluquice é essa? Pretende por acaso cavalgar o trem pelo túnel apertado, para ser esmagado como uma barata, deixar que as paredes do túnel façam o que Max não conseguiu fazer, é essa sua intenção?

Deixei escapar involuntariamente um grito agudo do fundo de meus pulmões, e, num átimo, milésimos de segundo antes que o enorme disco metálico que se aproximava a uma velocidade crescente me decapitasse, larguei as alças e me joguei no frio, duro piso da plataforma.

Mal ouvi os disparos à minha volta. Estava num outro mundo, numa terra alucinatória de medo e adrenalina. Meu corpo chocou-se contra o chão, e bati com a cabeça e os ombros. Lágrimas vieram-me aos olhos - uma dor indescritível, lancinante, generalizada tomou conta de mim.

Passage Interdit Au Public - Danger.

Uma placa amarela bem em cima da minha cabeça violentou meu atordoamento.

Podia parar ali mesmo e acabar com meu sofrimento, deixar-me ficar deitado, render-me.

Ou - se meu corpo permitisse - podia avançar na direção da placa amarela, no sentido da boca do túnel. A rigor, que outra escolha me restava?

Alguma coisa dentro de mim, uma insuspeitada reserva de energia àquela altura, eclodiu subitamente, e um impetuoso fluxo de adrenalina percorreu minhas veias, fazendo com que me levantasse e, cambaleante, atordoado, me encaminhasse para a pequena escada de degraus de concreto. A placa amarela estava montada numa dobradiça, e eu esbarrei nela com o ombro, empurrando-a, quase tropeçando nos degraus e me precipitando na escuridão do túnel, na esteira do trem que acabara de partir. Aparentemente havia uma passagem.

É claro que havia. O que era?

Uma *pass e relle de sécurité*. Construída para que o pessoal de manutenção do Metrô pudesse trabalhar, se necessário fosse, mesmo com os trens trafegando.

Enquanto corria - não, na verdade, cambaleava - pela passarela de segurança, ouvi um ruído atrás de mim, um ruído pneumático de freios, um rangido de metal, o barulho de outro trem encostando na estação que eu acabara de deixar.

Vindo na minha direção.

Mas não havia perigo, ou será que havia? Estava seguro ali, não estava?

Não. A trilha era muito estreita; meu corpo ficaria fatalmente muito perto do trem quando ele passasse. Era capaz de perceber isso mesmo no meu estado de excitação provocado pela mistura de adrenalina e medo. E certamente meu perseguidor não seria suicida a ponto de me seguir; ele sabia que eu estava com meus minutos contados; limitar-se-ia a me deixar mergulhar nos túneis, indo ao encontro de minha morte inevitável, e aí ouvi qualquer coisa, um pensamento, e me dei conta de que não estava sozinho.

Virei-me de repente. Ele estava no túnel junto comigo.

Sinceramente, estou impressionado, Max.

Agora são dois que vão morrer.

E do que agora era uma boa distância, ouvi os silvos eletrônicos e logo em seguida o barulho surdo das portas sendo fechadas, e (iquei gelado quando o trem começou a se locomover na minha direção dentro do túnel.

Senti uma espécie de vertigem. Uma coceira na nuca. Todas as minhas sinapses pulsavam agitadamente, emitindo uma mensagem química de medo...

mexa-se mexa-se mexa-se

... mas dominei o instinto, e comprimi o corpo contra a parede do túnel quando uma lufada de vento anunciou a aproximação do trem, não conseguindo manter os olhos abertos quando a pele metálica do trem, uma mancha assustadora, relampejou, passando tão perto que tive certeza de que raspava em mim.

E continuou passando.

Abri os olhos.

E com minha visão periférica vi que Max - talvez uns dez metros adiante - tinha feito a mesma coisa. Ele também achatara o corpo contra a parede do túnel.

Estava estroboscopicamente iluminado pela luz amarela-esverdeada de uma lâmpada fluorescente diretamente em cima de sua cabeça.

Mas havia uma diferença.

Seus olhos não estavam fechados. Ao contrário, olhavam fixamente para a frente. E não demonstravam medo, mas sim concentração.

E havia outra diferença.

Ele não estava parado.

Estava avançando cautelosamente na minha direção.

Esgueirando-se sorratamente.

Enquanto ele se aproximava o trem continuava passando. Parecia o trem mais comprido do mundo. Sentia-me como se tivesse sido imobilizado no tempo, plantado no meio de um tornado. Ao me afastar dele, caminhando cada vez mais para dentro do túnel, avistei qualquer coisa logo adiante. Uma reentrância na parede iluminada por uma lâmpada fluorescente. Um nicho. Se pudesse...

Efetivamente, poucos metros à frente havia um nicho profundo. Segurança.

Um pequeno esforço a mais, continuando a andar de lado como os caranguejos, enfrentando a assustadora corrente de ar, o vidro, o aço e as alças protuberantes, cortando o espaço talvez a cinco centímetros do meu nariz.

E finalmente alcancei o nicho. Estava protegido.

Nenhum outro sistema de transporte subterrâneo no mundo conta com esse sistema de passagens e nichos, lembrei-me. Podia ver a página, os diagramas. Há um nicho a cada dez metros... Entre cada estação há, em média, seiscentos metros de trilhos... As linhas regulares entre as estações do Metrô de Paris compreendem duzentos quilômetros de extensão... O terceiro trilho, o do meio, é extremamente perigoso, carregado com 750 volts de corrente elétrica CD.

O nicho tinha quase um metro de profundidade.

Positivamente espaçoso.

Pude, então, puxar minha pistola, destravar o trinco de segurança, carregá-la, esticar a mão para fora do nicho e atirar.

Ponto a meu favor.

Alvejei-o. Ele fez uma careta de dor, e balançou para a frente.

E assim que a traseira do trem acabou de passar estrondosamente, ele caiu para a frente, sobre os trilhos. Mas não estava seriamente ferido, o que era evidente pela maneira como procurava se apoiar, flexionando as pernas para não cair novamente.

O trem se fora. Agora, éramos somente nós dois no túnel. Ele se postara de pé no cascalho entre os trilhos; encolhi-me, procurando proteção na estreita cavidade. Recuei, afastando-me da sua linha de fogo, mas ele deu um salto para a frente, com a arma estendida, e disparou.

Senti uma dor aguda na minha perna esquerda: tinha sido ferido.

Apertei novamente o gatilho e ouvi apenas aquele familiar clique chocho, inócuo, aquele som frustrante, irritante, avisando-me que o cartucho estava vazio. Recarregar a arma estava fora de cogitação; não dispunha de balas de reserva.

Por conseguinte, fiz a única coisa que podia fazer naquelas circunstâncias: com um berro arrepiante dei um pulo para a frente, na direção do pistoleiro. Mal pude ver a expressão do seu rosto um segundo antes de derrubá-lo com um murro: uma expressão de fria indiferença, ou seria de incredulidade? Nesse intervalo-relâmpago ele tentou fazer pontaria novamente, mas antes que pudesse erguer sua pistola, caímos embolados no chão, suas costas batendo nos trilhos de aço e nas pedras pontudas do cascalho, e ouvi sua arma cair estrepitosamente de sua mão num canto qualquer.

Ele se levantou com imensa força, mas eu levava a vantagem da surpresa e do posicionamento. Tinha imobilizado seus braços e suas pernas, e consegui empurrá-lo para trás, apertando sua garganta com uma das mãos.

Ele grunhiu, levantou-se novamente, e falou pela primeira vez, algumas palavras com um forte sotaque - alemão?

- Não adianta - resmungou. Mas eu não estava interessado no que ele tivesse a dizer, só queria saber o que se passava na sua conturbada *mente*, mas não conseguia me concentrar, não havia tempo para isso.

Portanto, continuei forçando seu tronco para trás e tentando esganá-lo.

Para trás, na direção da plataforma do trem, um raio de luz tornou-se visível a trinta ou quarenta metros de distância.

E ouvi alguns pedaços de pensamento-linguagem, frases esparsas que me pareciam chegar com grande impetuosidade, porém não muito nítidas. *Você pode me matar*, ele pensou em alemão, *vous pouvez me tuer, mais il y aura un autre. Un autre me remplacera. Un autre...*

... e por um breve instante, aturdido, perdi o domínio sobre sua garganta. Ele se ergueu mais uma vez, e dessa feita conseguiu se desvencilhar de mim, e eu caí para trás, meus sapatos escorregando no cascalho como se estivessem numa poça de graxa. Minha mão direita se projetou no espaço enquanto tentava aparar a queda, mas não havia nada para agarrar a não ser o ar, e...

750 volts de corrente elétrica.

As pontas dos meus dedos quase raspavam no aço frio, duro do terceiro trilho, mas consegui erguê-las a tempo, a tempo de vê-lo dar um salto no ar, atirando-se sobre mim.

Procurei minha arma, mas tinha sumido.

Levantei-me com um súbito pinote e dei-lhe um balão, jogando-o por cima dos meus ombros na direção do terceiro trilho eletrificado enquanto o trem se aproximava de nós veloz e ruidosamente, e vi as pernas dele se agitarem com a descarga elétrica segundos antes de o trem, apitando desesperadamente, passar sobre o seu corpo. Oh, Jesus Cristo, não podia acreditar no que estava vendo, as pernas continuavam a se mexer, mas terminavam nos seus quadris, a parte inferior do corpo do infeliz tremia, um toco sangrento amputado na cintura, um pedaço de carne humana ainda fremente.

Da frente do túnel vinha o fragor de outro trem que se aproximava. Serenamente, com uma calma glacial, protegi-me no nicho mais próximo. O trem varou o túnel como um bólido, e instintivamente encolhi-me dentro do meu refúgio. Depois de ele ter desaparecido na curva, saí do túnel sem olhar para trás.

63

A aldeia de Mont-Tremblant era um pequeno amontoado de construções - uns dois restaurantes campestres franceses, um supermercado Bonichoix, e um hotel com um toldo verde na fachada, totalmente deslocado, parecendo uma maquete de um dos grandes hotéis de Monte Carlo. Pairando ao longe, as montanhas Laurencianas de Quebec, verdes e luxuriantes.

Molly e eu tínhamos voado separadamente para os dois aeroportos internacionais de Montreal procedentes de Paris em duas companhias aéreas distintas. Ela para o Mirabel, via Frankfurt e Bruxelas; eu para o Dorval, via Luxemburgo e Copenhague.

Adotara diversas técnicas padronizadas da profissão para garantir que não pudéssemos ser seguidos com facilidade. Cada um de nós usou os passaportes canadenses que meu contato em Pigalle tinha falsificado, o que vale dizer que os dois jogos de passaportes americanos - em nome do sr. e sra. Alan Crowell, e sr. e sra. John Brewer - continuavam virgens; poderiam ser eventualmente usados no futuro em caso de emergência. Embarcamos em aeroportos diferentes, Molly no Charles de Gaulle, e eu no Orly. E o mais importante: viajamos de primeira classe em transportadoras européias - Aer Lingus, Lufthansa, Sabena e Air France. As companhias aéreas ainda tratam os passageiros da primeira classe como personagens importantes, o que não acontece com as companhias americanas, que oferecem aos seus passageiros da primeira classe uma poltrona maior e um drinque de cortesia e fim de papo. Como personagem importante seu lugar será mantido até o último momento; chegam até a chamar pelo alto-falante qualquer

passageiro de primeira classe que já tenha passado pelo *check-in* mas ainda não tenha embarcado. Em cada etapa da viagem só embarcamos nos últimos segundos possíveis, e dessa forma nossos passaportes forjados foram examinados muito por alto ao sermos despachados às pressas para o embarque.

Embora tenhamos optado por rotas circulares, milagrosamente conseguimos desembarcar com apenas duas horas e meia de diferença um do outro.

Eu tinha alugado um carro de Avis, apanhei Molly, e começamos nossa viagem de 130 quilômetros pela 15 Norte. A estrada poderia se situar em qualquer parte do mundo, nos arredores industriais e logo depois nos subúrbios de Milão ou Roma ou Paris ou, sob esse aspecto, de Boston. Mas quando a 15 se transformou na 117 - a *Autoroute des Laurentides* - a larga e bem pavimentada estrada passou a percorrer uma bela região através das soberbas montanhas Laurencianas, atravessando Sainte-Agathe-des-Monts e depois Saint-Jovite.

Estávamos sentados diante de nossos pratos intocados de *escargots Florentine* e truta frita, como dois lutadores embrutecidos, emudecidos. Na verdade, também quase não tínhamos falado durante todo o trajeto.

Em parte porque estávamos simplesmente exaustos, e ainda por cima sofrendo os efeitos da diferença de fuso horário. Mas creio que em parte estávamos calados porque tínhamos passado por tantas coisas, juntos e separadamente, que o problema não era falta de assunto. Ao contrário, tínhamos coisas *demais* para discutir.

Tínhamos atravessado o espelho: tudo se tornava cada vez mais curioso. O pai de Molly passara de vítima a vilão, e agora... o que seria? Toby tinha sido vítima, depois salvador, depois vilão... e agora?

E Alex Truslow, meu amigo e confidente, o novo diretor da CIA - seria de fato o líder da facção que durante anos enriquecera fraudulentamente à custa da Agência?

Um assassino de codinome Max tentara me matar em Boston, em Zurique e em Paris.

Quem era ele na realidade?

A resposta viera num dos últimos e raros momentos de minha assombrosa capacidade telepática, enquanto o assassino e eu nos engalfinhávamos nos trilhos da linha férrea do Metrô de Paris. Num derradeiro esforço de concentração conseguira finalmente sintonizar; lera seus pensamentos.

Quem é você? - perguntei.

Seu verdadeiro nome era Johanne Hesse. "Max" era apenas um codinome.

Quem foi que o contratou?

Alex Truslow.

Por quê?

Uma execução.

Quem era o alvo?

Seus empregadores não sabiam. Tudo o que sabiam é que a vítima em perspectiva era a testemunha-surpresa que ia depor perante a Comissão de Inteligência do Senado.

Amanhã.

Quem era ela? Quem poderia ser?

Faltavam menos de vinte e quatro horas.

Quem seria?

Por que, então, estávamos naquele isolado e remoto lugar em Quebec? O que esperávamos encontrar? Uma árvore oca contendo documentos? Um microfilme escondido em alguma estatueta?

Tinha minhas teorias formuladas à luz do que apurara até então, teorias que explicavam tudo, mas ainda faltava uma peça do quebra-cabeça - a última e mais importante. E estava convencido de que íamos descobri-la a qualquer momento escondida numa cabana de pedra abandonada em algum lugar às margens

do Lago Tremblant.

O cartório da aldeia de Mont-Tremblant ficava localizado na cidade vizinha, bem maior, de St.-Jerome. Mas como constataríamos, seria de muito pouca utilidade. O francês estulto responsável pelos registros emitia licenças e cuidava de outras tarefas burocráticas diversas. Chamava-se Pierre La Fontaine e informou-nos em poucas palavras que todos os assentamentos notariais de Mont-Tremblant tinham sido inteiramente destruídos num incêndio no início da década de 1970. Tudo o que existia eram escrituras lavradas a partir de então, e que não encontrara qualquer documento mencionando os nomes Sinclair ou Hale. Molly e eu levamos umas boas três horas vasculhando os arquivos com ele, inutilmente.

Demos então uma grande volta de carro pelo Lac Tremblant, passando pelo Tremblant Club e outras novas sociedades recreativas: a Mont-Tremblant Lodge, com suas quadras de tênis de saibro e uma praia arenosa dando para o lago; o Manoir Pinoteau; o Chalet des Chutes; e casas ao mesmo tempo elegantes e rústicas.

Creio que a idéia que tínhamos em mente era que um de nós, ou ambos, pudesse reconhecer a cabana, de memória (no caso de Molly), ou pela fotografia. Mas não tivemos sorte aí tampouco. A maioria das casas não era visível da estrada de terra que confiava com o lago. Tudo o que se via eram tabuletas, algumas com letras entalhadas, e outras pintadas profissionalmente. Mesmo que tivéssemos tempo para sair da estrada e explorar os caminhos que conduziam às casas debruçadas sobre o lago - e isso certamente exigiria dias - na realidade teria sido impossível, uma vez que grande parte dos acessos às residências estava interditada ao tráfego. Por outro lado, muitas casas ficavam situadas na parte norte mais isolada, que só podia ser alcançada de barco.

Ao fim de nossa pequena missão de reconhecimento, desanimado, estacionei o carro em frente ao Tremblant Club.

- E agora? - perguntou Molly.
- Vamos alugar um barco - respondi.
- Onde?
- Aqui, imagino.

Mas não era. Não se via locais de aluguel de barcos, e nenhum dos hotéis em que paramos tampouco alugava qualquer tipo de embarcação. Era evidente que a cidade tornava as coisas o mais difícil possível para os turistas.

Então, o ronco do motor de popa de um barco quebrou ao longe o silêncio do belo e sereno espelho d'água, o que me deu uma idéia. No Lac-Tremblant-Nord (que na verdade não era a extremidade mais ao norte do lago, mas sim o fim da estrada, para além da qual não havia acesso) encontramos diversos abrigos de barcos de alumínio pintados de cinza e madeira. Os abrigos naturalmente estavam trancados com cadeados. Parecia ser um embarcadouro para os residentes do lago que não dispunham de cais próprios.

Abrir os cadeados foi uma questão de minutos. Nos abrigos havia os mais diferentes tipos de pequenas embarcações, a maioria barcos de pesca. Avistei uma lancha amarela Sunray com um motor de popa de setenta cavalos, mas o mais importante era que suas chaves tinham sido deixadas na ignição. O motor pegou de primeira, e em poucos minutos estávamos, entre nuvens de fumaça azul, singrando as águas do lago.

As casas variavam de estilo: modernos sucedâneos de chalés suíços e cabanas rústicas, algumas construídas sobre pilotis em cima da água, muitas quase invisíveis no meio das árvores, e outras dependuradas na encosta da montanha. Havia ainda uma casa que à primeira vista parecia uma construção normal mas que na realidade era uma extravagante concepção de uma cabana antiga de um arquiteto moderno.

E inopinadamente surgiu a velha cabana com sua fachada de pedra assentada numa suave elevação do

terreno a talvez cem metros da beira d'água. Uma varanda voltava-se para o lago, e nela havia duas cadeiras Adirondack brancas. Era inequivocamente a casa em que Molly passara um verão quando criança. Na verdade, não parecia ter mudado muito desde que a fotografia tinha sido tirada décadas atrás. Molly admirou demoradamente a casa, ao mesmo tempo emocionada e fascinada. A cor sumira de suas faces.

- É esta - disse ela.

Desliguei o motor da lancha o mais perto da margem que ousei, e deixei que ela derivasse para o cais de madeira em estado precário, e a amarrei.

- Meu Deus! - exclamou Molly. - E aqui mesmo. Este é o lugar.

Ajudei-a a saltar para o cais, e depois desembarquei.

- Meu Deus, Ben, lembro-me perfeitamente deste lugar! - Sua voz era um agudo e excitado sussurro. Ela apontou para uma casa de barcos de madeira pintada de branco. - Foi ali que papai me ensinou a pescar.

Ela começara a andar pelo cais em direção à casa de barcos, perdida no seu nostálgico devaneio, quando a segurei pelo braço.

- O quê...?

- Silêncio! - ordenei.

A princípio o som era quase inaudível, um farfalhar de mato que vinha das imediações da casa.

- O que é isso? - murmurou Molly.

Fiquei calado, totalmente imóvel.

O vulto escuro parecia quase voar em nossa direção sobre a grama crescida, que se derramava pela suave encosta. Um ganido agora se misturava com o ruído de patas correndo.

Um baixo grunhido.

O grunhido transformou-se num ameaçador latido de advertência, enquanto o animal - um doberman, identifiquei - avançava para nós com as presas à mostra.

Avançava tão velozmente que era praticamente um borrão.

- *Não!* - gritou Molly, correndo para a casa de barcos.

Meu estômago virou pelo avesso quando o doberman saltou, cobrindo uma distância que parecia inconcebível, e, no momento em que ia sacar minha pistola, ouvi uma voz de homem ordenar energicamente:

- Pare!

Simultaneamente, ouvi um barulho dentro d'água, atrás de nós, e girei o corpo.

- Você poderia se dar mal desse jeito. Ele não gosta de surpresas.

Um homem alto numa roupa de banho azul-marinho emergiu da água. A água escorreu de sua barba grisalha quando ele se ergueu e aprumou o corpo - um Netuno bronzeado, talvez um tanto envelhecido, emergiu das profundezas da terra.

Uma visão tão ilógica que meu cérebro se recusou a registrá-la.

Molly e eu ficamos estupefatos, de boca aberta, olhos arregalados, incapazes de pronunciar uma só

palavra.

Molly correu para abraçar seu pai.

Parte VII

WASHINGTON

O que se diz numa ocasião dessas?

Ninguém falou durante um segundo que pareceu uma eternidade.

As águas do lago estavam totalmente paradas, sua superfície era um grande espelho opaco. Não havia barulho de barcos a motor, não se ouviam gritos, nem mesmo o chilreio de pássaros. Silêncio absoluto. O mundo tinha parado.

Chorando, Molly enlaçou o pai com tanta força que pareceu sufocá-lo. Ela é alta, mas ele é ainda mais alto, e por isso teve de se curvar ligeiramente para poderem se abraçar.

Fiquei observando, enternecido.

Finalmente, me animei a dizer:

- Quase não o reconheci com essa barba.
- Não é essa a idéia? - Harrison Sinclair disse solenemente com sua voz rascante, esboçando em seguida um sorriso discreto. - Espero que tenha tomado as devidas precauções para não serem seguidos até aqui.
- Fiz o melhor que pude.
- Sabia que podia contar com você.

De repente, Molly desvencilhou-se dos braços do pai, recuou e deu-lhe um tapa de leve no rosto. Ele se assustou.

- Desgraçado - disse ela, baixando a voz.

A cabana estava escura e silenciosa. Tinha o cheiro peculiar de uma casa que estivera fechada durante muito tempo: de lenha crepitando no fogo da lareira vezes sem conta ao longo dos anos que impregnara o assoalho e as paredes com o seu odor; de cânfora e naftalina; de mofo e tinta e óleo de cozinha rançoso.

Sentamo-nos num sofá cujo estofamento estava desbotado de muitos anos de poeira, ouvindo o pai dela falar. Ele estava sentado numa cadeira de lona suspensa do teto por um cabo comprido.

Ele trocara a roupa de banho e agora vestia shorts cáqui folgados e um suéter azul-marinho. Com as pernas esticadas, casualmente cruzadas nos tornozelos, ele parecia o mais descontraído possível - o anfitrião amável compartilhando um martíni com seus hóspedes de fim de semana.

A barba de Sinclair estava cheia e não-aparada; parecia ser o resultado de muitos meses sem ser feita, o que fazia perfeito sentido. Ele tinha apanhado muito sol, provavelmente nadando e andando de barco no lago, e a pele do seu rosto estava curtida, parecendo a de um velho marujo.

- Tinha um palpite de que você me encontraria aqui - disse ele. - Mas não tão rapidamente. Até quando o Pierre La Fontaine me telefonou há poucas horas e me disse que um casal estivera fazendo perguntas em St.-Jerome a meu respeito e da casa.

Molly pareceu admirada, e por isso ele explicou:

- Pierre é o tabelião, prefeito, chefe de polícia e factótum de Lac Tremblant. Ele também é o caseiro de muitos veranistas. Um velho e fiel amigo meu. Ele olhou por essa casa durante muito tempo - anos, na verdade. Nos anos 50 ele promoveu a venda deste lugar - de maneira muito engenhosa,

devo acrescentar - de modo que deixou de pertencer à vovó Hale e a rigor deixou de existir; sua papelada ficou muito enrolada, tornando-se praticamente impossível determinar sua propriedade.

"A idéia não foi minha, diga-se de passagem. Foi de Jim Angleton. Quando comecei a me envolver com atividades secretas, Jim me convenceu de que eu devia ter um lugar onde pudesse desaparecer quando as coisas ficassem muito perigosas. O Canadá me pareceu fazer tanto sentido quanto qualquer outro lugar pela simples razão de ficar fora das fronteiras dos Estados Unidos. O fato é que Pierre ocasionalmente alugou este lugar no verão, mais freqüentemente durante as estações de esportes de inverno. E sempre em nome de um investidor canadense fictício chamado Strombolian. Os aluguéis cobriam com ampla margem as despesas de manutenção e os honorários dele. O que sobrava Pierre aplicava num fundo de investimento."

Com um sorriso malicioso ele acrescentou:

- Ele é um sujeito honesto.

Inesperadamente, Molly teve uma explosão de raiva. Ela ficara sentada o tempo todo ao meu lado em silêncio, contemplativamente foi o que pensei, sem dúvida num profundo estado de choque. Mas, na realidade, ela ficara se contendo, remoendo o seu rancor.

- Como... pôde... fazer uma coisa dessas comigo? Como pôde me fazer passar por tudo isso?
- Snoops... - seu pai tentou começar a falar.
- Com os diabos! *Você tem alguma* idéia...
- Molly! - ele gritou com a voz rouca. - Controle-se. Não tive outra escolha, será que você não é capaz de perceber? - Ele encolheu as pernas compridas e sentou-se empertigado, e depois debruçou-se sobre a filha, com os olhos brilhantes, suplicantes.
- Quando mataram minha querida Sheila, meu amor, sim, Molly, éramos amantes, mas tenho certeza de que você sabia disso, compreendi que seria apenas uma questão de horas para que me matassem também. Tive de me esconder.
- Dos Homens Sábios - disse eu. - De Truslow e de Toby...
- E de meia dúzia de outros. E de suas forças de segurança que não se pode subestimar.
- Isso tudo tem a ver com o que está acontecendo na Alemanha, não é verdade? - perguntei.
- É complicado, Ben. Não tenho realmente...
- Sabia que você estava vivo - interrompeu Molly abruptamente. - Sabia desde Paris.

Havia algo frio, metálico na sua voz, uma tranqüila segurança, e me virei para olhá-la.

- Foi a carta dele - continuou ela, olhando para mim. - Ele mencionou uma operação de apendicite de emergência que o obrigara a passar todo um verão conosco aqui em Lac Tremblant.

- E daí?

- E... agora parece uma trivialidade, mas não me lembro de ter visto uma cicatriz de apendicectomia. O rosto estava bastante desfigurado, mas o corpo não, e creio que teria me lembrado, teria registrado em algum nível subconsciente. O que quero dizer é que poderia estar lá, mas *não tinha certeza*. Compreende? E você se lembra que eu quis checar a autópsia não faz muito tempo, mas não consegui ter acesso. Estava lacrada por ordem do promotor de justiça do Condado de Fairfax. Resolvi então mexer uns pauzinhos.
- Foi por isso que você queria o aparelho de fax em Paris - eu disse. - Na ocasião, ela me dissera apenas que lhe ocorrera uma idéia sobre o assassinato do seu pai, uma maneira de provar alguma

coisa.

Ela acenou com a cabeça.

- Todo patologista, pelo menos, todo patologista que conheço, guarda uma cópia do seu trabalho nas suas gavetas trancadas à chave. Você faz isso como medida de precaução caso possa vir a ter problemas mais tarde, tendo sempre à mão um documento que lhe permitirá dirimir qualquer dúvida. Acionei então os meus contatos. Telefonei para um amigo no General Hospital de Massachusetts, que, por sua vez, telefonou para um colega no Sibley, em Washington, onde a autópsia tinha sido feita. Investigação rotineira, certo? Burocrática? É incrivelmente fácil contornar dispositivos de segurança num hospital se você souber quais os cordões que devem ser puxados.

- E?

- Enviaram-me o laudo da autópsia por fax. E não deu outra, ele mencionava a presença de um apêndice. A partir daí fiquei sabendo que onde quer que meu pai se encontrasse não seria debaixo daquela lápide num cemitério do Condado de Colúmbia, no interior do estado de Nova York. - Voltando-se para o pai, ela perguntou: - Então de quem era aquele cadáver?
- Ninguém cuja falta pudesse ser sentida - respondeu. - Também tenho os meus recursos. - E acrescentou, calmamente: - É uma atividade sórdida.
- Meu Deus - disse Molly em voz baixa, com a cabeça curvada.
- Não tão maléfica quanto você possa estar pensando - disse ele. - Foi feita uma rigorosa busca entre os cadáveres de indigentes, corpos não-identificados nos necrotérios hospitalares, e encontrou-se um indigente com características físicas razoavelmente semelhantes, a mesma idade e, o mais difícil de tudo, boa saúde. A maioria dos cadáveres não-reclamados é devastada pelas mais diversas enfermidades.

Com um aceno de cabeça, Molly sorriu, revoltada, e perguntou amargamente:

- E quais são as de um pobre-diabo menos miserável?
- O rosto não era importante - eu disse - porque, de qualquer maneira, seria destruído em grande parte no acidente forjado, certo?
- Certo - respondeu Sinclair. - Na verdade, ele foi destruído antes da colisão, se você quer saber. Os artistas restauradores na funerária não sabiam que não estavam reconstituindo as feições do verdadeiro Harrison Sinclair, tendo recebido uma fotografia minha para se orientarem. Mesmo que o corpo não fique exposto num caixão aberto, geralmente eles gostam que o defunto esteja o mais apresentável possível.
- A tatuagem no ombro, a verruga no queixo... - disse eu.
- Facilmente resolvido.

Molly ficara observando silenciosamente essa conversa prosaica entre seu pai e seu marido, e de repente começou a falar novamente, com a voz embargada de amargura.

- Ah, sem dúvida. O corpo estava em péssimas condições depois da batida de carro. Acresce a circunstância de já ter começado a decomposição do cadáver. - Ela acenou com a cabeça e rasgou um sorriso nada agradável. Seus olhos faiscavam de ferocidade. - Parecia com papai, certamente, mas será que você ou eu olhamos realmente de perto? Como alguém pode de fato olhar minuciosamente em semelhantes circunstâncias? - Ela olhava para mim, mas ao mesmo tempo não me via; olhava *através* de mim. Havia algo horrível na sua voz, que se tornara monocórdia, entrecortada de frieza, ódio, sarcasmo. - Eles levam o desgraçado para o necrotério, abrem uma

gaveta e puxam o fecho eclair do saco contendo o cadáver. Você vê um rosto, parcialmente destruído numa explosão, mas você vê o suficiente para dizer, sim, não há dúvida, é meu pai, esse é o nariz dele tanto quanto posso perceber, tanto quanto queira olhar, isso é parte de sua *boca*, pelo amor de Deus! Você diz a si mesma, estou vendo minha própria carne e meu próprio sangue, o homem que ajudou a me trazer ao mundo, o cara que me carregou nas costas brincando de cavalinho, e não quero me lembrar nunca de que o vi daquela maneira, mas eles querem que eu veja, e por isso lanço um derradeiro e perfunctório olhar. *Pronto*, agora tirem ele daqui.

O pai dela colocou a mão no rosto. Seus olhos estavam tristes. Ele esperou, não falou. Olhei para minha querida Molly, e vi que ela não podia continuar. Ela tinha razão, naturalmente. Não era tão difícil assim, bem sabia, usando máscaras e o que é chamado de "arte restauradora", para fazer um cadáver ficar parecido com outro.

- Brilhante - disse, sinceramente impressionado, embora ainda completamente estonteado.
- Não me atribua o mérito - disse Sinclair. - A idéia é de nossos velhos inimigos em Moscou. Você se lembra daquele caso estranho que eles relataram numa palestra durante o treinamento na fazenda, Ben? Sobre a ocasião, em meados dos anos 60, em que os russos realizaram um funeral com o caixão aberto em Moscou de um figurão da inteligência do Exército Vermelho?

Acenei com a cabeça.

Mas ele prosseguiu, dirigindo-se à filha.

- Enviamos nossos emissários ostensivamente para apresentarem suas condolências, mas na verdade para ver quem compareceria à cerimônia fúnebre, tirar fotos clandestinas etc. Aparentemente esse oficial do Exército Vermelho tinha sido um agente duplo a nosso serviço durante uma dúzia de anos.

"E então, oito anos mais tarde, descobriu-se que o sujeito ainda estava vivo. Tudo não passara de uma elaborada operação de contra- inteligência soviética, na realidade, uma fraude. Uma jogada complicada. Evidentemente eles confeccionaram uma máscara viva do agente duplo - que naquela altura já tinham transformado em *triplo* - e encaixaram-na num cadáver que tinham à mão. Naqueles anos, os bons velhos tempos de Brejnev, os chefões todo-poderosos não achavam nada de mais mandar matar um indivíduo se julgassem necessário, ou talvez tenham providenciado o cadáver de alguém parecido com o agente, sabe-se lá.

- Não teria sido mais simples - perguntei - dizer que o seu corpo ficara tão queimado no acidente que não restara praticamente nada para servir de identificação?
- Mais simples - disse Sinclair -, mas no fim mais arriscado. Um cadáver não identificado levanta toda sorte de suspeitas.
- E a fotografia? - perguntou Molly. - Sua, com a garganta cortada?
- Nos dias de hoje - disse Sinclair, parecendo cansado - nem isso é impossível. Um contato que trabalhou no Laboratório de Mídia do MIT (Massachusetts Institute of Technology)...
- Certamente - disse eu. - Retoque digital de fotografias.

Ele acenou com a cabeça; Molly parecia perplexa.

Expliquei:

- Você se lembra, há dois anos mais ou menos, quando a *National Geographic* publicou uma fotografia na capa, em que deslocaram ligeiramente a pirâmide de Gizé para que ela coubesse? - Ela sa- cudiu a cabeça. - Provocou uma grande controvérsia em certos círculos. O fato é que eles agora

são capazes de retocar fotografias de uma maneira tão sofisticada que é praticamente impossível perceber.

- É verdade - disse Sinclair.

Continuei:

- De tal forma que o foco da atenção deixa de ser saber *se* você realmente foi morto, mas sim *como*.
- Bem - disse Molly, dirigindo-se ao pai -, você conseguiu me enganar. Pensei que de fato tivesse sido assassinado. Pensei que sua garganta tivesse sido cortada antes da explosão do carro, que meu pai tinha sido brutalmente assassinado! E, durante todo esse tempo, você estava aqui tranqüilamente velejando num lago no Canadá. - Sua voz fora crescendo, tornando-se cada vez mais indignada. - Era essa sua intenção? A idéia era me fazer pensar que você tinha sido morto? O objetivo era fazer a pobre coitada de sua filha passar por tudo o que ela passou?
- Molly - seu pai tentou obtemperar.
- Aterrorizar e traumatizar sua própria filha? Para quê?
- Molly! - disse ele quase em desespero. - *Me ouça!* Por favor, ouça o que tenho a dizer. O objetivo foi salvar minha vida.

Ele respirou fundo antes de começar.

65

A sala em que estávamos sentados - cercada de janelões e onde se viam móveis de madeira esparsos, simples - estava escurecendo gradativamente à medida que o crepúsculo se aproximava. Nossos olhos iam se acostumando aos poucos à escuridão. Sinclair não se levantara para acender as luzes; e nós tampouco. Permanecemos sentados atentos, ouvindo e vendo seu vulto delineado na penumbra.

- Uma das primeiras coisas que fiz depois de assumir o cargo de diretor, Ben, foi requisitar dos arquivos a transcrição lacrada do seu depoimento na corte marcial a que foi submetido há quinze anos. Sempre tive minhas suspeitas sobre ela, e, embora sabendo que você queria botar uma pedra em cima e nunca mais ouvir falar no assunto, eu queria conhecer a verdade sobre o que acontecera naquele dia.

"Se ainda estivéssemos nos velhos tempos, ruins, o assunto teria morrido ali. Mas a União Soviética não existia mais, e ex-agentes soviéticos tinham se tornado subitamente acessíveis a nós. A transcrição do julgamento registrava a verdadeira identidade do indivíduo que tentara desertar - Berzin - e através de um canal complicado, cujos detalhes omitirei por ociosos, consegui contatá-lo.

"De algum modo, seus próprios correligionários descobriram que ele tentara se evadir. Presumo que Toby os tenha informado. E Berzin acabou sendo preso - felizmente, eles tinham praticamente cessado de fuzilar seus compatriotas, quando Khrushchev subiu ao poder - e mais tarde foi solto, sendo banido para uma cidadezinha cerca de cento e vinte quilômetros ao norte de Moscou.

"Pois bem, o novo governo pós-soviético não se interessou por ele. Por conseguinte, pude fazer um trato com o sujeito. Obteria passagem livre para ele e a mulher. Em troca, ele me entregaria o dossiê que tentara vender em Paris - provando que Toby era, ou melhor, tinha sido um agente duplo nas mãos dos soviéticos com o codinome MAGPIE.

- O que significa "nas mãos" dos soviéticos? - interrompeu Molly.
- MAGPIE não era um simpatizante ideológico do comunismo - explicou Sinclair. - Esse tipo de coisa acabou em 1956, se não antes. Ao que parece, Toby fora flagrado por um astuto agente da KGB desviando fundos da Agência. Ele recebeu um ultimato: ou coopera conosco, ou contamos a Langley o que sabemos, e enfrente as conseqüências. Toby preferiu cooperar.

"De qualquer modo, o tal Berzin me revelou que tinha uma fita gravada do encontro dele com você e o Toby, e me fez ouvi-la. Confirmava tudo o que ele me contara. Você tinha sido vítima de uma cilada. Permiti que Berzin ficasse com a fita original - fiz uma cópia para mim - com a condição que ele a entregasse diretamente a você quando chegasse o momento, quando você a pedisse.

"Chequei, e fiquei sabendo que Toby não estava mais ocupando uma posição-chave. Tinha sido designado para supervisionar certos projetos de fora que me pareceram marginais - percepção extra-sensorial e coisas desse gênero - sem maiores chances de emplacarem.

- Por que não o prendeu? - perguntei.
- Teria sido um erro - disse Sinclair - prendê-lo antes de ter conseguido pôr a mão nos outros. Não podia correr o risco de alertá-los.
- Mas se Toby era um dos conspiradores - Molly me perguntou por que estava querendo ficar tão perto de você fisicamente na Toscana?
- Porque sabia que eu estava muito drogado para poder fazer o que quer que fosse - expliquei.
- Do que vocês estão falando? - perguntou Sinclair.

Molly me lançou um olhar significativo. Eu me esquivei da pergunta: de que adiantaria lhe dizer, mesmo que ele acreditasse em nós?

Eu disse:

- Sua carta explicou sobre o ouro, como ajudou Orlov a retirá-lo do seu país. Ao que tudo indica, você escreveu essa carta logo depois de ter se encontrado com ele em Zurique. O que foi que aconteceu depois disso?
- Sabia que o súbito aparecimento de todo aquele ouro em Zurique ia provocar toda sorte de especulações e disparar todo tipo de alarme - disse ele -, mas não tinha idéia das proporções que isso poderia efetivamente assumir. Enviei Sheila para se avistar com Orlov, promover uma segunda rodada de negociações, cuidar dos preparativos finais. Horas depois de ter regressado de Zurique, andando perto do seu apartamento em Georgetown, ela foi morta.

"Fiquei desolado e ao mesmo tempo aterrorizado. Reconhecia que tinha ultrapassado meus limites. E tinha certeza de que seria o próximo. Estava testemunhando uma guerra pela posse do ouro, provavelmente deslançada pelos Homens Sábios. Não conseguia raciocinar direito - estava em estado de choque, pranteando a morte de Sheila.

Embora não pudesse ver com nitidez o rosto de Hal, podia perceber pela sua postura que sua fisionomia estava contraída, de profunda concentração ou grande tensão, não saberia precisar. Concentrei-me tentando captar algum pensamento, mas não consegui ouvir nada, ele não estava suficientemente perto.

- E aí eles vieram atrás de mim. Numa questão de horas depois da morte de Sheila, dois homens invadiram minha casa. Naturalmente, eu tinha uma arma ao alcance de minha mão ao lado da cama, e matei um dos invasores. O outro, bem, era um beco em saída. Mas obviamente ele não queria simplesmente me eliminar, tinha planos mais elaborados. Minha morte tinha de parecer um acidente. Por esse motivo mostrava-se um tanto contido.
- Você o subornou - atalhei.

Molly perguntou:

- O quê?
- Correto - respondeu Hal. - Subornei-o. Fiz um acordo com ele. Afinal, o chefe da CIA dispõe de seus recursos, não é mesmo? Essencialmente, eu o fiz trocar de camisa, exatamente como me ensinaram no curso de treinamento. Dispunha de orçamentos discricionários. Podia gratificá-lo generosamente, e, o que era mais importante, podia proporcionar-lhe proteção.

"Fiquei sabendo então que Truslow o tinha enviado para me matar, da mesma forma que mandara matar Sheila. E que o ouro passaria de minhas mãos, das mãos dos governos americano e russo para as mãos dos Homens Sábios. Truslow já tinha começado seus preparativos para me comprometer, providenciando fotografias falsas mostrando-me nas Ilhas Caimãs, dados de viagem adulterados armazenados em computadores, e coisas semelhantes. Ele ia mandar me matar e depois me responsabilizaria pelo sumiço do dinheiro.

"Incrédulo, me dei conta de que Truslow era um canalha. Que era um dos Homens Sábios. Que nada o deteria enquanto não se apoderasse de todo o ouro. E que eu teria de desaparecer do mapa.

"Diante dessa perspectiva, mandei forjar uma fotografia, uma foto muito convincente me mostrando morto. Era a prova que ele teria de levar a Truslow para receber seu meio milhão de dólares. E uma vez que eu tinha 'morrido' - uma vez que meu sócia tinha morrido queimado na explosão que se sucedera à colisão do carro - ele não tinha nada a temer. Foi um grande negócio para ele. E para mim também.

- Onde ele está? - perguntou Molly.
- Creio que em algum país da América do Sul. Provavelmente no Equador.

E pela primeira vez ouvi um dos pensamentos de Hal, claro como um sino: *Eu o matei.*

As peças começavam agora a se encaixar, e interrompi o relato de Sinclair.

- O que você sabe - perguntei - a respeito de um assassino alemão de codinome Max?
- Descreva-o.

Eu fiz.

- O Albino - respondeu Sinclair prontamente. - Era assim que costumávamos chamá-lo. Seu nome verdadeiro é Johanne Hesse. Hesse era o exterminador-mor da Stasi antes da queda do Muro de Berlim.
- E depois?
- Depois ele sumiu. Em algum lugar da Catalunha, de passagem para a Birmânia, onde diversos de seus companheiros tinham se refugiado. Acharmos que tinha passado a trabalhar por conta própria.
- Foi contratado por Truslow - disse. - Outra pergunta: você esperava que os Homens Sábios fossem procurar o ouro?
- Naturalmente. Não fiquei desapontado.
- Como...

Ele sorriu.

- Escondi o número da conta em diversos lugares onde sabia que eles iriam procurar. Os cofres no meu escritório e na minha casa. Meus arquivos de executivo. Devidamente codificados, é claro.
- Para que parecesse plausível - disse. - Mas alguém suficientemente esperto não poderia encontrar um meio de transferir o dinheiro sem levantar suspeitas?
- Não da maneira como a conta foi estabelecida. A partir do momento em que eu, ou meus herdeiros

legais, tivéssemos tido acesso à conta, ela se tornaria ativa. E Truslow poderia transferir o dinheiro, mas para isso teria de ir a Zurique pessoalmente, e inevitavelmente deixaria suas impressões digitais.

- Razão pela qual Truslow precisou que nós fôssemos a Zurique. E porque, depois de termos ativado a conta, o pessoal de Truslow tentou me matar. Mas você deve ter tido um contato de confiança no Banco de Zurique.

Sinclair acenou com a cabeça, visivelmente cansado.

- Tenho de ir para a cama. Preciso dormir.

Mas eu insisti.

- E aí você o pegou. Conseguiu as impressões "digitais" dele, como você diz.
- Por que você deixou a fotografia para mim em Paris? - perguntou Molly.
- É simples - seu pai respondeu. - Se conseguissem me localizar e me matassem, queria ter a certeza de que alguém, de preferência você, viesse até aqui e encontrasse os documentos que escondi na casa.
- Então você tem a prova? - perguntei.
- Tenho a assinatura de Truslow. Não foi tão ousado da parte dele, afinal, seus capangas estavam vigiando Orlov, e, tanto quanto ele sabia, eu estava morto.
- A velha - a mulher de Barzin - me disse para procurar Toby. Ela disse que ele cooperaria.

Sinclair começou a falar mais morosamente, com as pálpebras pesadas. Acenou lentamente com a cabeça.

- Uma possibilidade - disse. - Mas Toby Thompson caiu da escada de sua casa há dois dias. A informação é que sua cadeira de rodas emperrou na ponta de um tapete. Duvido muito que tenha sido um acidente. Mas de qualquer maneira, ele está morto.

Molly e eu ficamos sem fala por uns bons vinte ou trinta segundos. Não sabia como reagir: alguém lamenta a morte de um homem que matou sua mulher?

Sinclair quebrou o silêncio.

- Tenho um encontro amanhã de manhã com Pierre La Fontaine para discutir alguns assuntos financeiros urgentes em Montreal. - Ele sorriu. - A propósito, o Banco de Zurique não faz idéia de quanto ouro existe na sua caixa-forte. Foi depositado o equivalente a cinco bilhões de dólares. Mas estão faltando algumas barras de ouro - trinta e oito, para ser exato.
- O que foi que aconteceu com elas? - perguntou Molly.
- Eu as roubei. Retirei-as e vendi-as. À taxa do ouro vigente na ocasião, obtive um pouco mais de cinco milhões de dólares. Tendo em vista a quantidade de ouro depositada na caixa-forte, ninguém vai dar pela falta. E acho que o governo russo me deve, nos deve, uma comissão.
- Como você pôde fazer uma coisa dessas - sussurrou Molly, horrorizada.
- É uma fração insignificante, Snoops. Cinco milhões de dólares. Você sempre disse que queria montar uma clínica para crianças pobres, certo? Portanto, aqui está o dinheiro para você realizar o seu sonho. Afinal, o que são míseros cinco milhões comparados com dez bilhões, não é mesmo?

Estávamos todos exaustos, e não demorou muito para que Molly e eu caíssemos no sono num dos quartos disponíveis. O armário de roupa de cama guardava lençóis limpos e passados, embora com um ligeiro cheiro de mofo.

Deitei-me ao lado dela para um rápido cochilo, depois do qual pretendia traçar um plano de ação para o dia seguinte. Mas em vez disso, dormi horas a fio, e despertei de um sonho que tinha vagamente alguma coisa a ver com um certo tipo de máquina que batia ritmicamente, como se fosse uma espécie de moto-contínuo, e quando me sentei na cama à luz do luar que penetrava pelas janelas empoeiradas, percebi que meu sonho tinha sido moldado por um barulho que vinha do lado de fora. Um barulho que começara fraco e fora se tornando cada vez mais forte.

Um barulho surdo, regular. Um *vapt-vapt-vapt* que me pareceu de certa forma familiar.

O som de lâminas de uma ceifadora.

Um helicóptero.

Parecia ter aterrissado em algum lugar muito perto. Por acaso haveria um heliporto na propriedade? Não tinha visto um. Virei-me para olhar pela janela, mas não consegui ver nada, uma vez que ela dava para o lago, e o som do helicóptero vinha de um dos lados da cabana.

Pulando da cama e correndo para uma janela no corredor, avistei o que era inequivocamente um helicóptero alçando vôo de um pequeno platô do terreno. Pelo que pude perceber, era uma plataforma asfaltada improvisada para pouso e decolagem de helicópteros, que não havia notado antes. Estaria chegando alguém?

Alguém *teria* chegado?

Ou - e o pensamento me deixou alvoroçado - alguém *teria* acabado de partir?

Hal.

Abrindo bruscamente a porta do quarto de Hal, vi que sua cama estava vazia. Na verdade, estava arrumada: ou ele a teria arrumado antes de sair (pouco provável), ou não teria dormido nela (o que parecia muito mais provável). Ao lado do armário, uma pequena pilha de roupas dava a impressão de que ele tinha partido às pressas.

O fato é que tinha ido embora. Era óbvio que planejava essa partida sub-reptícia no meio da noite, com a deliberada intenção de ocultá-la de nós.

Mas para onde teria ido?

Senti a presença de alguém no quarto. Voltei-me: Molly lá estava, esfregando os olhos com uma das mãos e alisando os cabelos com a outra.

Ela disse:

- Onde ele está, Ben? Aonde foi?
- Não faço idéia.
- Era ele quem estava no helicóptero?
- Presumo que sim.
- Ele disse que tinha um encontro marcado com Pierre La Fontaine.
- No meio da noite? - disse eu, correndo para o telefone. Descobri o número do telefone de Pierre La Fontaine em poucos minutos. Disquei; tocou durante muito tempo antes que La Fontaine o atendesse, com voz sonolenta. Passei o fone para Molly.
- Preciso falar com meu pai.

Uma pausa.

- Ele disse que ia se encontrar com o senhor esta manhã em Montreal.

Outra pausa.

- Oh, meu Deus - disse ela, e desligou.
- O que foi? -

- Ele disse que tinha combinado de vir aqui para falar com Hal dentro de três dias. Não tinham nenhum plano de se encontrar em Montreal, hoje ou qualquer outro dia.
- Por que teria mentido para nós?

- Ben!

Molly tinha nas mãos um envelope endereçado a ela, que encontrara debaixo da pilha de roupas. Dentro havia um bilhete rabiscado às pressas:

Snoops - perdoe-me e procure compreender. Não podia avisá-lo - sabia que tentariam me impedir de todas as maneiras, pois já me perderam uma vez. Mais tarde entenderão.

Te amo.

Pai

Foi Molly quem, conhecendo tão bem as idiossincrasias do pai - a maneira meticulosa como anotava e guardava tudo - finalmente descobriu o arquivo-sanfona numa gaveta no quarto que Hal usava como escritório. Entre documentos pessoais diversos de que evidentemente necessitava no seu desterro - extratos de contas bancárias, identidades falsas, e assim por diante - havia um pequeno maço de papéis que, no conjunto, contava toda a história.

Aparentemente, Sinclair alugara uma caixa-postal em St.- Agathe, usando um nome falso, e nas últimas duas semanas recebera diversos documentos.

Um deles era uma fotocópia da pauta de uma sessão pública da Comissão de Inteligência do Senado, que seria transmitida pela televisão em cadeia nacional. A audiência seria realizada naquela noite, na Sala 216 do Edifício Hart do Senado dos Estados Unidos, em Washington.

Um tópico da pauta estava assinalado com um círculo vermelho: um depoimento às sete horas da noite - dentro de cerca de quinze horas - de uma "testemunha" não especificada.

Fiquei sabendo a partir daquele momento.

- A testemunha-surpresa - deixei escapar em voz alta.

66

Molly não conteve um grito.

- Não! Meu Deus, *não!* Ele...
- Temos de impedi-lo - interrompi.

Agora tudo se encaixava; tudo fazia o maior sentido. Harrison Sinclair - a testemunha-surpresa - era quem estava marcado para morrer. Uma terrível ironia me ocorreu: Sinclair, que pensávamos que estivesse sepultado, de repente descobriu-se que estava vivo, e agora, dentro de poucas horas, seria assassinado.

Molly (a quem deve ter ocorrido o mesmo pensamento) fechou as mãos, e pressionou-as contra a boca. Mordeu ajunta do dedo indicador, como se quisesse abafar o grito. Ela começou a andar freneticamente em volta do escritório.

- Meu Deus - sussurrou. - Meu Deus, o que vamos fazer? Também comecei a andar de um lado para o outro. A única coisa que queria era evitar afligir Molly ainda mais. Ambos precisávamos permanecer calmos, pensar com clareza.

- Para quem podemos ligar? - perguntou ela.

Continuei dando voltas no quarto.

- Washington - disse ela. - Alguém da comissão do Senado.

Sacudi a cabeça, discordando.

- É muito perigoso. Não sabemos em quem podemos confiar.
- Alguém da Agência...
- Isso é simplesmente absurdo!

Ela voltou a morder a junta do dedo.

- Outra pessoa, então. Um amigo. Alguém que possa comparecer ao depoimento...
- E fazer o quê? Enfrentar um assassino treinado? Não; temos que interceptá-lo de algum modo.
- Mas onde?

Comecei a pensar em voz alta.

- Ele não pode ter tomado o helicóptero para ir diretamente a Washington. Não há condição.
- Por quê?
- É longe. É longe demais. O helicóptero é muito lento.
- Montreal.
- Provavelmente. Não definitivamente, mas calculo que haja uma grande probabilidade de o helicóptero o estar levando para Montreal, onde ele fará uma pequena pausa...
- Ou tomará imediatamente um avião para Washington. Se checarmos todos os vôos programados de Montreal para Washington...
- Certo - disse impacientemente -, se ele optar por um vôo comercial. É mais provável que tenha fretado um avião.
- Por quê? Um vôo comercial não seria mais seguro?
- Sim, mas um avião particular é muito mais flexível e de certa forma mais anônimo. Eu fretaria um avião. Tudo bem. Suponhamos que o helicóptero o esteja conduzindo a Montreal. - Olhei meu relógio. - Provavelmente já chegou lá.
- Mas onde? Em que aeroporto?
- Montreal tem dois: o Dorval e o Mirabel. São duas pistas, sem mencionar os muitos campos de pouso sem nome que existem daqui a Montreal.
- Mas deve haver um número pequeno de companhias de aviões a frete cadastrados em Montreal - disse Molly, apanhando um catálogo telefônico no chão, perto do sofá. - Se telefonássemos para cada uma...
- *Não!* - exclamei num tom de voz talvez um pouco alto. - A maior parte delas não atenderá o telefone a essa hora da noite. E quem garante que seu pai tenha negociado com uma companhia de vôos fretados *canadense*? Pode ter sido com uma das milhares de companhias americanas!

Consultei meu relógio novamente.

- Não temos escolha - disse. - Temos de ir a Washington e tentar alcançá-lo lá.
- Mas não sabemos onde ele vai ficar em Washington!
- É claro que sabemos. Na sala 216 do Edifício Hart do Senado, na Comissão de Relações Exteriores.

- Mas *antes* disso! Não temos a menor idéia de onde ele ficará antes disso!

Ela estava certa, naturalmente. O máximo que podíamos esperar era comparecer à sala onde a Comissão de Inteligência se reuniria para tomar o depoimento da testemunha-surpresa e...

E o quê?

Como, em sã consciência, poderíamos impedir o pai dela de se expor, como poderíamos protegê-lo?

A solução, me dei conta subitamente, estava na minha cabeça. Meu coração começou a bater descompassadamente de excitação e medo.

Minutos antes de ter tido uma morte horrível no Metrô de Paris, Johannes Hesse, vulgo "Max", pensou que outro assassino tomaria o seu lugar.

Eu não podia deter Harrison Sinclair, mas podia deter seu assassino.

Se havia alguém que poderia, esse alguém era eu.

- Vista-se - disse a Molly. - Já tenho tudo bolado na minha cabeça.

Era pouco mais de quatro e meia da manhã.

67

Três horas mais tarde - quase às sete e trinta da manhã do último dia - nosso pequeno avião tocou o solo de um campo de pouso de modestas dimensões na zona rural de Massachusetts. Restavam menos de doze horas, e embora fosse uma esticada ininterrupta, receava (com boas razões) que não fosse suficiente.

De Lae Tremblant, Molly entrara em contato com uma pequena companhia de fretamento de vôos chamada Compagnie Aéronautique Lanier, baseada em Montreal, que anunciava dispor de um serviço de atendimento de emergência vinte e quatro horas por dia. Sua chamada fora encaminhada ao piloto de plantão e o acordara. Molly explicou que era médica e precisava ser transportada ao Aeroporto Dorval de Montreal para atender a uma emergência. Ela forneceu as coordenadas exatas do heliporto de seu pai, e em pouco mais de uma hora fomos apanhados por um Ranger Jet Bell 206.

Em Dorval, contratamos outra firma de fretamento para nos levar de Montreal à Base Hanscom da Força Aérea em Bedford, Massachusetts. Entre os aviões disponíveis - um Seneca II, um Commander, um King Air turbo hélice e um Citation 501 - escolhemos o Citation, que era de longe o mais rápido, capaz de voar a quinhentos e sessenta quilômetros por hora. Em Dorval, passamos sem problemas pela alfândega: nossos passaportes americanos falsos (usamos os emitidos em nome do sr. e da sra. John Brewer, o que ainda nos deixava um jogo de passaportes virgens caso tivéssemos futuramente que nos fazer passar pelo casal Alan Crowell) foram inspecionados superficialmente. De qualquer maneira, quando Molly explicou que se tratava de uma emergência médica, fomos imediatamente liberados.

Em Hanscom, alugamos um carro e percorremos quarenta e cinco quilômetros o mais velozmente que ousei, precisamente no limite da velocidade. Depois de ter explicado detalhadamente meu plano a Molly, mantivemos o mais absoluto silêncio. Ela estava apavorada, mas provavelmente achava que não tinha lógica discutir comigo, uma vez que não era capaz de elaborar um plano menos arriscado para tentar salvar a vida de seu pai. Eu precisava desanuviar minha mente o mais possível, a fim de considerar todas as possibilidades de fracasso. Sabia que Molly apreciaria algumas palavras de conforto e encorajamento naquela altura, mas não tinha nenhuma a oferecer, e, ademais, não tinha tempo a perder: todos os minutos eram preciosos para articular meu plano até o fim.

Sabia, também, que seria um desastre ser parado por excesso de velocidade. Alugara um carro com uma

carteira de motorista do Estado de Nova York falsa e um cartão de crédito Visa adulterado. Passamos sem maiores tropeços pela locadora, mas não tínhamos a menor chance de sobreviver à inspeção rotineira de um guarda da patrulha rodoviária do Estado de Massachusetts, que se segue inevitavelmente a uma infração por desrespeito ao limite de velocidade. Não haveria registro de minha carteira no banco de dados do computador interestadual da inspetoria de trânsito, e seria o fim de nossa viagem.

Por isso tratei de dirigir com todo o cuidado pelo tráfego da hora do *rush* matinal em direção a Shrewsbury. Um pouco antes das oito e trinta rumamos para uma pequena casa amarela no estilo de rancho que pertencia a um homem chamado Donald Seeger.

Seeger, para dizer a verdade, representava um risco calculado. Ele era um negociante de armas, dono de duas lojas nos arredores de Boston. Fornecia armas de fogo à polícia estadual e, se necessário, ao Federal Bureau of Investigation (sempre que o FBI precisava adquirir certos tipos de armas rapidamente sem ter de passar pelos morosos canais burocráticos).

Seeger ocupava um segmento peculiar no mercado legal de armas de fogo, situando-se num ponto intermediário entre os fabricantes de armas e os fregueses do varejo, que, por uma razão ou outra, requerem uma descrição tão rigorosa que os impede de negociar diretamente com distribuidores ou tradicionais pontos-de-vendas a varejo.

O mais importante, porém, é que eu o conhecia suficientemente para confiar nele. Um colega meu da faculdade de direito era de Shrewsbury e considerava Seeger como um amigo de família. Seeger, que raramente tratava com advogados, e não os tinha em boa conta (como parece acontecer com quase todo mundo), precisara de uma orientação legal rápida (e de graça) sobre um caso com um pequeno fornecedor de armas descontente, meu colega de faculdade me dissera. Certamente não era a minha especialidade, mas pedi a um colega de escritório para examinar a questão e dar-lhe a resposta que ele procurava. Seeger mostrou-se muito agradecido, e me convidou para jantar num bom restaurante de Boston. "Se algum dia puder lhe ser útil em alguma coisa", ele me disse, levantando a caneca de cerveja Bass sobre o prato de *filet mignon*, "é só me dar um fio." Na ocasião, achei que nunca mais o veria. Agora, entretanto, era chegado o momento de cobrar-lhe o favor.

A mulher dele abriu a porta num vestido de casa desbotado estampado com florzinhas azuis.

- Don está trabalhando - disse ela, olhando-nos desconfiada. - Ele costuma sair de casa para o trabalho entre sete e meia e oito horas.

O escritório-depósito de Seeger ficava num prédio de tijolos comprido e estreito numa rua principal movimentada alguns quilômetros adiante.

Olhando-se por fora, poderia passar por um depósito público, talvez uma lavanderia, mas o sistema de segurança por dentro era bastante sofisticado.

Naturalmente, ele pareceu surpreso ao me ver quando toquei a campainha, mas veio ao meu encontro com um largo sorriso estampado no rosto. Teria pouco mais de cinqüenta anos, em excelente forma física, com um pescoço taurino. Envergava um blazer azul-marinho, que parecia um pouco apertado, talvez um número menor do que o seu manequim, desabotoado.

- O advogado, quem diria! - exclamou, acompanhando-nos ao longo de prateleiras de metal abarrotadas de caixas de armas. - Ellison, que diabo você está fazendo nesse fim de mundo?

Disse-lhe o que queria.

Seeger, que é basicamente imperturbável, fez uma pequena pausa, olhando-me de alto a baixo sagazmente.

Deu de ombros.

- Você terá o que procura.
- Mais uma coisa - acrescentei. - Por acaso você teria condições de obter especificações sobre um

Ele olhou para mim demoradamente.

- Talvez.
- É importante.
- Foi o que pensei. Posso conseguir, sim. Tenho um amigo que é consultor de segurança. Vou dar um jeito, para que ele as envie pelo fax em poucos minutos.

Paguei à vista, naturalmente. Quando terminamos nossa transação, a casa fornecedora de equipamento médico em Framingham, a uns trinta quilômetros mais ou menos estrada abaixo, já abrira suas portas.

A loja, especializada em equipamentos para inválidos, tinha à mostra uma grande variedade de cadeiras de roda. Entretanto, descartei de saída a maioria delas. Quando expliquei que estava procurando uma para meu pai, o vendedor imediatamente sugeriu que eu escolhesse um dos modelos mais leves, mais fáceis de carregar e descarregar de um carro. Disse-lhe, porém, que meu pai era conservador e um tanto excêntrico, que preferia uma cadeira feita de aço, com o mínimo possível de alumínio. Ele queria uma coisa robusta, resistente.

Finalmente, decidi-me por uma boa e sólida cadeira antiga fabricada pela Invacare. Era extremamente pesada; sua estrutura tubular cromada era de aço-carbono. Mas o mais importante é que os tubos dos braços tinham um diâmetro satisfatório para meus propósitos.

Acomodei-a, enormemente pesada na sua caixa de papelão, na mala do carro, e deixei Molly num shopping das imediações para que ela comprasse uma série de coisas: um terno caro azul-marinho listrado uns dois números acima do que costumo usar, uma camisa, abotoaduras, e mais umas tantas outras coisas.

Enquanto ela fazia compras, fui a uma pequena oficina de carrocerias de automóveis na cidade vizinha de Worcester. O dono, um ex-presidiário grandalhão, rotundo, chamado Jack D'Onofrio, tinha sido recomendado por Seeger. Ele era temperamental, Seeger me alertara, mas um mestre-lanterneiro de mão-cheia. Seeger tinha telefonado antecipadamente e informado D'Onofrio que eu era um bom amigo dele, que ele me atendesse bem e eu saberia recompensá-lo.

D'Onofrio, entretanto, não estava de bom humor. Inspecionou a cadeira de rodas visivelmente irritado, fazendo pouco caso, futucando os descansos dos braços de plásticos cinza aparafusados no tubo de aço.

- Não sei, não - disse ele finalmente. - Não é nada fácil tentar fresar esse tipo de plástico. Podia substituir os descansos dos braços por madeira. Ficava incomparavelmente mais fácil.

Considerarei por um momento o que ele dissera, e falei:

- Vá em frente.
- O aço não deverá ser problema. É cortar e soldar. Mas vou ter de alterar o diâmetro da tubulação da frente.
- A junta não deve aparecer nem mesmo quando inspecionada de perto - disse. - Que tal uma serra cirúrgica para cortar o tubo?
- Era isso o que planejava fazer.
- Ótimo então. Mas preciso que tudo fique pronto dentro de uma hora ou duas.
- Uma hora? - disse D'Onofrio, ofegante. - Tá brincando. - Fez um gesto largo com os braços curtos, roliços em volta da oficina. - Veja só isto! Estamos sobrecarregados. Atolados de serviço até os olhos!

Uma hora, talvez duas, era realmente muito apertado, mas não era impossível. Ele estava negociando,

naturalmente. Mas eu não tinha tempo a perder. Apanhei um envelope de notas e acenei com ele.

- Estamos preparados para pagar um prêmio.
- Vou ver o que posso fazer.

O encontro final foi o mais difícil de preparar, e sob muitos aspectos o mais arriscado. Vez por outra, as forças policiais, o FBI e a CIA recorrem aos serviços de especialistas em técnicas de disfarce secreto. Geralmente, esses especialistas fazem o seu aprendizado no teatro, aperfeiçoando-se em maquiagem e aplicações de próteses, mas o disfarce usado em atividades secretas é uma arte altamente especializada e rara. O artista tem de poder transformar o agente secreto em alguém inteiramente irreconhecível, capaz de suportar o mais rigoroso exame. As técnicas são por conseguinte limitadas, e os artistas escassos.

Talvez o melhor deles, um homem que realizou trabalhos ocasionais para a CIA (assim como para uma longa lista de astros e estrelas do cinema e da televisão e diversos líderes religiosos e políticos eminentes), aposentou-se e vive na Flórida, como descobri. Finalmente, depois de diversos telefonemas para companhias teatrais e de guarda-roupa de Boston, consegui apurar o nome de um velho veterano, um húngaro chamado Ivo Balog, que fizera alguns trabalhos para o FBI, conhecendo portanto os requisitos artísticos necessários. Ao que fui informado, ele conseguiu que o mesmo agente secreto do FBI se infiltrasse não apenas uma mas duas vezes numa família da Máfia radicada em Providence. Para mim isso bastava. Ele trabalhava num velho edifício no centro de Boston, como sócio de uma companhia de maquiagem teatral. Entrei em contato com ele pouco antes do meio-dia.

Como não havia tempo para ir a Boston e voltar, combinamos que ele me encontraria num Holiday Inn, em Worcester, onde eu reservara um quarto para o dia e a noite. Para poder me atender, ele teve de cancelar todos os seus compromissos para o resto do dia; fiz ver-lhe que seria mais do que compensador.

- Temos de nos separar - disse a Molly quando chegamos ao Holiday Inn. - Você cuida das passagens de avião. Encontre-me aqui quando tiver terminado.

Ivo Balog era um homem de sessenta e tantos anos, com as feições embrutecidas e a pele avermelhada de um bebedor contumaz. Entretanto, tornou-se logo evidente que, a despeito das fraquezas pessoais de Balog, ele era realmente um mago.

Meticuloso e extremamente inteligente, ele levou pelo menos um quarto de hora simplesmente estudando meu rosto e a sua forma antes de abrir sua maleta de maquiagem.

- Mas quem o senhor será *exatamente*? - perguntou Balog.

Minha resposta, que julguei ser perfeitamente coerente, não o satisfez.

- O que é que a pessoa que o senhor pretende interpretar faz na vida? Onde é que ela mora? É rica ou não? É casada?

Conversamos durante alguns minutos, criando essa falsa biografia. Ele rejeitou minhas sugestões diversas vezes, repetindo exaustivamente seu mantra num inglês carregado:

- Não. A essência do bom *design* é a simplicidade.

Balog descoloriu meu cabelo e sobrancelhas castanho-escuros e aplicou-lhe uma tinta cinza, tornando-os grisalhos.

- Posso acrescentar dez, talvez quinze anos à sua idade - advertiu. - Mais do que isso seria perigoso.

Ele não tinha idéia do que me levava a estar fazendo aquilo, mas sem dúvida percebia a tensão que nos dominava. Apreciei seu perfeccionismo e sua cautela.

Ele utilizou uma loção para bronzear minha pele artificialmente, aplicando-a cuidadosamente para evitar riscas denunciadoras.

- Vou precisar de umas duas horas para chegar ao resultado final. Presumo que disponha desse tempo.
- Disponível.
- Ótimo. Deixe-me ver as roupas que vai usar.

Ele examinou o terno e os sapatos pretos reluzentes, fazendo um gesto de aprovação com a cabeça. Depois lembrou-se de alguma coisa.

- E a armadura...
- Aqui está - disse, mostrando-me a camiseta "Cool Max" da Safariland, feita de fibra Spectra ultraleve, que Steeger me garantira ser dez vezes mais resistente do que o aço.
- Perfeito - disse Balog, admirado. - Bastante fina.

Quando o creme bronzeador acabou de assentar, Balog já tinha passado um esmalte nos meus dentes para escurecê-los e fixado uma barba grisalha caprichosamente aparada, parecendo totalmente realística, e encaixado um par de óculos de armação de chifre.

Quando Molly regressou ao quarto, ela olhou duas vezes, e pôs a mão na boca.

- Meu Deus - disse ela. - Você me enganou por um segundo!
- Um segundo é pouco - eu disse, virando-me para me ver no espelho do quarto do hotel pela primeira vez. Também fiquei pasmo. A transformação era simplesmente extraordinária.
- A cadeira está na mala do carro - disse ela. - Você vai ter de submetê-la a uma inspeção muito cuidadosa. Ouça... - Ela lançou um olhar para o artista maquiador, cautelosa. Pedi-lhe para que esperasse um instante no corredor enquanto falávamos em particular.
- O que é? - perguntei.
- Houve um problema com o depoimento. Geralmente, as audiências do Senado são abertas ao público, a não ser aquelas que são especificamente designadas como fechadas. Mas dessa vez, por algum motivo, talvez devido ao fato de ser transmitida ao vivo pela televisão, só estão admitindo representantes da imprensa e "convidados especiais".

Respondi calmamente, não querendo sucumbir ao pânico.

- Você disse *houve*. "Houve um problema."

Ela sorriu sem brijho; alguma coisa ainda a preocupava.

- Liguei para o gabinete do senador júnior da Comunidade de Massachusetts - disse ela. - Apresentei-me como assistente administrativa de um suposto dr. Charles Lloyd, de Weston, Massachusetts, que vai passar o dia em Washington e gostaria de assistir a uma sessão ao vivo de uma comissão de inquérito do Senado. O pessoal do senador tem sempre muito prazer em fazer uma gentileza a um eleitor. Um passe do Senado está à sua espera na sala onde vai se realizar a sessão.

Ela se inclinou e me beijou na testa.

- Obrigado - disse. - Mas não possuo nenhum documento de identidade nesse nome, e não temos tempo para...
- Eles não exigirão prova de identidade na checagem de segurança. Eu perguntei... Disse a eles que

sua carteira com todos os documentos tinha sido roubada; eles sugeriram que você apresente queixa à polícia. O fato é que nunca exigem identidade para admissão a sessões públicas, e, quanto a isso, raramente requerem passes.

- E se eles checarem e descobrirem que não existe ninguém com esse nome?
- Eles não vão checar, e mesmo que o fizessem, essa pessoa existe. Charlie Lloyd é o chefe da Divisão Cirúrgica do Hospital

Geral de Massachusetts. Ele sempre passa todo este mês no sul da França. Eu conferi duas vezes. Neste momento, o dr. Lloyd e sua mulher estão de férias nas Îles d'Hyères, ao largo de Toulon, na Côte d'Azur. Naturalmente, sua secretária eletrônica limita-se a informar que ele está fora da cidade. Ninguém gosta de saber que seu cirurgião está enchendo a cara na Provence ou seja lá onde for.

- Você é um gênio.

Ela fez uma modesta reverência.

- Obrigada. Agora, quanto ao vôo...

Percebi imediatamente pelo tom de sua voz que alguma coisa não estava certa.

- Não, Molly. Não me diga que há algum problema com o vôo. Pelo amor de Deus.

Ela respondeu com um súbito laivo de histeria.

- Liguei para tudo quanto foi companhia de fretamento de vôos num raio de mais de cem quilômetros. Só encontrei *uma* única que tinha um avião disponível assim em cima da hora. Já estava tudo reservado com pelo menos uma semana de antecedência.
- Então você reservou esse avião, presumo...?

Ela hesitou.

- Sim. Reservei. Mas não é perto. A companhia fica no Aeroporto Logan.
- Isso dista uma hora daqui - trovejei. Olhei meu relógio; eram mais de três horas da tarde. Tínhamos de estar no Senado antes das sete. Isso nos deixava apenas com quatro horas. - Diga a eles para que o avião nos apanhe em Hanscom. Pague o que pedirem. Faça isso!
- Já fiz! - Molly explodiu de volta. - Já *fiz*, pombas! Ofereci o *dobro* e até o *triplo* de suas tarifas! Mas o único avião de que dispunham - um bimotor Cessna 303 - só estaria disponível ao meio-dia ou uma hora, e ainda teria de ser abastecido e não sei mais o quê...
- Que *merda*, Molly! Temos de estar em Washington o mais tardar às seis horas! O maldito do seu *pai*...
- Tô sabendo! - Ela ergueu a voz, quase soltando um grito; lágrimas corriam-lhe pelas faces. - Você acha que não estou consciente disso cada *segundo*, Ben? O avião estará em Hanscom dentro de meia hora.
- Isso mal nos dá o tempo necessário! O vôo leva cerca de duas horas!
- Há uma ponte aérea comercial com aviões deixando Boston a cada meia hora, graças a Deus! Não deverá haver problema...
- *Não!* Não podemos tomar um avião comercial. Seria uma loucura. *Nesta* altura dos acontecimentos? É muito arriscado, quando mais não seja por causa das armas. - Olhei novamente meu relógio e fiz um cálculo rápido. - Se partirmos agora, devemos chegar no Senado em cima da hora.

Deixei Balog entrar no quarto, paguei-o generosamente, agradei sua eficiente e rápida assistência, e nos despedimos.

- Vamos nos mandar daqui o mais depressa possível.

Passavam dez minutos das três horas.

68

Poucos minutos depois das três e trinta, estávamos em pleno vôo.

Molly, como sempre, foi a salvação da lavoura. Os projetos arquitetônicos de todos os edifícios públicos de Washington são de domínio público, e ficam à disposição dos interessados no arquivo municipal da cidade. O problema, entretanto, é obtê-los para consultas fora do Arquivo; mas existem firmas particulares em Washington especializadas nesse tipo de busca mediante, naturalmente, uma taxa. Enquanto eu era transformado num velho senhor respeitável preso a uma cadeira de rodas, Molly contatara uma dessas firmas e - a um preço exorbitante para acelerar o serviço - conseguiu que lhe enviassem por fax, para a loja de uma copiadora local, fotocópias das plantas do Edifício Hart do Senado.

Enquanto isso estava sendo providenciado, ela, se fazendo passar por uma das editoras do *The Worcester Telegram*, entrara em contato com o gabinete do senador de Ohio que atuava como vice-presidente da Comissão de Inteligência. O assessor de imprensa do senador ficou mais do que feliz em enviar um fax à pretensa editora com a pauta atualizada da audiência histórica daquela noite.

Bendita seja a tecnologia do fac-símile, disse aos meus botões.

Durante as duas horas e meia de vôo, estudamos minuciosamente a pauta da sessão e as plantas do edifício até me convencer de que meu plano era viável.

Parecia infalível.

Às 6:45, a van que alugara no aeroporto encostou na entrada do Edifício Hart do Senado. Alguns minutos antes, o motorista, a nosso pedido, deixara Molly saltar a diversos quarteirões de distância, em frente a uma locadora de automóveis. Ela estava contrariada com esse aspecto do meu plano: se eu estava arriscando minha vida para salvar a de seu pai, por que ela deveria ficar relegada a um papel secundário, o de dirigir o carro da fuga? Ela fizera isso em Baden-Baden, e não queria fazer novamente.

- Não quero você lá - eu lhe dissera a caminho do Capitólio. - Somente um de nós deve se expor a esse perigo.

Ela protestou veementemente, mas eu continuei argumentando:

- Mesmo que você estivesse disfarçada, é muito arriscado aparecermos juntos na sala onde será prestado o depoimento. Todos os olhares estarão voltados para nós quando entrarmos no recinto, não podemos, em hipótese alguma, ser vistos um ao lado do outro. Um de nós poderá ser reconhecido; nós dois juntos é suicídio, é dobrar as chances de sermos identificados. E, de mais a mais, esse é um serviço que requer apenas uma pessoa.
- Mas se você não conhece a identidade do assassino, por que o disfarce é necessário?
- Haverá outros, a soldo de Truslow ou dos alemães, que terão recebido uma descrição minha, saberão como me pareço. E que terão sido instruídos para me encontrar, e me eliminar - respondi.

- Muito bem. Mas ainda não compreendo por que você não pode escamotear uma arma e se instalar na galeria da imprensa. Duvido muito que haja um detector de metais por lá.
- Talvez haja um detector de metais esta noite, embora também duvide. Mas, de qualquer maneira, não se trata apenas de conseguir entrar com uma arma escondida. A galeria da imprensa fica no segundo andar, muito longe da plataforma da testemunha. E muito distante de onde o assassino terá de se posicionar.
- Muito longe? - objetou Molly. - Você é um excelente atirador. Pelo amor de Deus, até *eu* sou uma atiradora a essa distância!
- Mas a questão não é essa - disse abruptamente. - Tenho de ficar perto do assassino, para poder determinar quem ele é. A galeria da imprensa fica muito distante.

Minha argumentação prevalecera, e ela concordou relutantemente. Em assuntos médicos ela era a autoridade; mas nisto a última palavra era *minha* - ou, pelo menos, deveria ser.

O Capitólio estava todo iluminado quando me aproximei, sua cúpula reluzia contra as sombras da noite. O tráfego estava congestionado, os motoristas impacientavam-se, querendo chegar logo em suas casas depois de mais um dia de trabalho em suas repartições públicas.

Do lado de fora do Edifício Hart juntara-se uma pequena multidão: espectadores, meros curiosos, indivíduos que pareciam ser profissionais da imprensa. Uma longa fila serpenteava em frente à porta, presumivelmente pessoas esperando para serem admitidas na Sala 216, personalidades e pessoas bem relacionadas que tinham recebido passes especiais.

Era uma aglomeração de colunáveis, o que não chegava a surpreender, pois aquela noite era considerada um evento "quente", reunindo alguns dos principais articuladores do poder na capital do país.

Incluindo o novo diretor da Central Intelligence Agency, Alexander Truslow, que acabara de regressar de uma viagem à Alemanha.

Por que ele estava ali?

Duas das quatro maiores redes de televisão americanas estavam transmitindo ao vivo; deslocando programações previamente estabelecidas.

Como o mundo reagiria quando visse que a testemunha-surpresa não era outro senão o falecido Harrison Sinclair? O choque seria sem dúvida extraordinário.

Mas não seria nada comparado com o assassinato de Sinclair numa cobertura de televisão ao vivo.

Quando é que ia aparecer?

E por onde entraria?

Como poderia interceptá-lo, *protegê-lo*, se nem sabia quando ou como ele apareceria?

O motorista da van especialmente equipado fixou a cadeira de rodas na plataforma existente na traseira do veículo e baixou-a até o chão eletricamente, produzindo um agudo rangido mecânico. Em seguida ele desprendeu a cadeira de rodas e me ajudou a subir a rampa. Depois de me ter empurrado até a entrada apinhada de gente, paguei-o, e ele se foi.

Senti-me exposto e vulnerável e profundamente amedrontado.

Para Truslow e seus cúmplices, e para o novo chanceler da Alemanha, a cartada era enorme. Eles não podiam correr o risco de se expor, isso era mais do que certo. Dois homens - dois homens insignificantes, na verdade - interpunham-se entre eles e sua visão particular de conquistar o mundo. Entre eles e a partilha dos escombros de um novo mundo; entre eles e uma fortuna incalculável. Não desprezíveis cinco ou dez bilhões, mas centenas de bilhões de dólares.

O que, comparado com isso, representava a vida de dois simples agentes secretos - Benjamin Ellison e Harrison Sinclair?

Haveria ainda alguma dúvida de que eles não se deteriam diante de coisa alguma para, como se diz no mundo da espionagem, nos neutralizar?

Não.

E lá na sala à minha frente, adiante das pessoas que se comprimiam à minha volta, ultrapassando dois detectores de metais, e além do corredor de guardas de segurança, estava Alexander Truslow, sentado, iniciando seus comentários. Sem dúvida seus próprios seguranças estavam espalhados por toda parte.

Então onde estava o assassino?

E quem era o assassino?

Minha mente voava. Será que me reconheceriam apesar das precauções que tomara, disfarçando-me?

Seria reconhecido?

Parecia pouco provável. Mas o medo às vezes é irracional, não se sujeita à lógica.

Para todos os efeitos, eu era um inválido numa cadeira de rodas. Sentara-me sobre minhas pernas dobradas, dando a impressão que tinham sido amputadas. A cadeira de rodas que escolhera era suficientemente larga para acomodá-las. Balog, o mago da maquiagem, cortara habilmente as pernas da calça de modo a parecer o tipo de adaptação que um aleijado faria num terno elegante. Uma manta dobrada no colo completava o efeito. Ninguém desconfiaria de um homem de idade com as pernas amputadas sentado numa cadeira de rodas.

Meu cabelo estava convincentemente grisalho, o mesmo acontecendo com minha barba, e as rugas no meu rosto resistiriam ao mais rigoroso exame. Minhas mãos ostentavam discretas manchas senis. Meus óculos de armação de chifre emprestavam uma dignidade profissional que, combinada com tudo mais, alterava essencialmente minha aparência. Balog recusara-se a fazer qualquer coisa menos sutil do que isso, e agora bendizia o seu profissionalismo. Parecia ser um diplomata, ou um homem de negócios, um homem de cinquenta e tantos anos, no máximo sessenta e poucos vítima dos efeitos da idade. De maneira alguma me parecia com Benjamin Ellison.

Ou pelo menos estava convencido disso.

Toby Thompson, naturalmente, tinha sido minha inspiração para esse disfarce. Um homem que nunca mais veria, com quem jamais poderia me confrontar diretamente. Ele tinha morrido, mas tinha me dado uma idéia.

Um homem numa cadeira de rodas atrai e ao mesmo tempo desvia a atenção. Essa é uma das contradições da natureza humana. As pessoas se viram para olhá-lo, mas quase que com a mesma rapidez - como qualquer pessoa que já tenha estado presa a uma cadeira de rodas lhe dirá - desviam o olhar, como que encabuladas por terem sido surpreendidas olhando-o fixamente. Como resultado, a pessoa na cadeira de rodas freqüentemente obtém uma peculiar anonimidade.

Também tivera o cuidado de chegar o mais tarde possível, embora, naturalmente, não demasiado tarde. Tempo excessivo sentado numa sala de audiência, onde corria o risco, por menor que fosse, de ser reconhecido, seria perigoso.

Tomara igualmente outra precaução, que fora idéia de Molly. Considerando que um dos sentidos humanos mais poderosos é o olfato, que muitas vezes atua subliminarmente, ela sugeriu colocar uma pequena quantidade de um produto químico de cheiro medicinal ativo no assento da cadeira. Esse cheiro de hospital completaria meu disfarce sutilmente. Uma brilhante idéia, pensei.

Fiquei esperando no meio de toda aquele gente em volta, com a gravidade condizente com a minha imaginada condição, uma brecha para entrar na fila. Um casal de meia-idade acenou gentilmente para mim para que entrasse na fila na frente deles. Aceitei o convite, rodei a cadeira na direção deles e agradei.

Havia uma mesa comprida ao lado dos detectores de metais controlados por jovens funcionários do Capitólio, que estavam distribuindo passes azuis às pessoas cujos nomes constavam de suas listas de convidados especiais. Quando a fila alcançou a mesa, peguei meu cartão em nome do dr. Charles Lloyd, do Hospital Geral de Massachusetts, em Boston.

Uma a uma, as pessoas eram encaminhadas aos detectores de metais. Como acontece ocasionalmente,

houve diversos alarmes falsos. Um homem na minha frente, ao passar pelo portão do detector, disparou o alarme. Pediram-lhe para tirar todas as chaves e moedas dos bolsos. Pelas especificações que Seeger me havia fornecido, sabia que o detector de metais era um Sirch-Gate EI, que no seu centro é suficientemente sensível para detectar 3,7 onças de aço inoxidável. Sabia, também, que as precauções de segurança seriam rigorosas.

Logo, a cadeira de rodas naturalmente... Sabia que Toby em mais de uma ocasião tinha passado com uma pistola por detectores de metais instalados em aeroportos simplesmente colocando-a sob uma placa de chumbo embaixo da almofada do assento de sua cadeira de rodas. Não me atrevi a ser tão ousado. Uma arma escondida dessa maneira seria facilmente descoberta numa revista superficial.

Uma Derringer americana modelo 4, que é uma arma bastante incomum, tinha sido embutida num dos braços da cadeira de rodas. O aço que envolvia tornava-a imperceptível.

Portanto, ao avançar para o portão de checagem, mantive-me razoavelmente confiante que a arma não seria encontrada.

Mas meu coração pulsava aceleradamente no meu peito. Enchia meus ouvidos com uma batida rápida e atoadora que bloqueava todos os outros sons.

Senti um fio de suor escorrer da minha testa para minha pálpebra esquerda e cair no meu olho.

Não, a batida do meu coração não podia ser ouvida. Mas a minha súbita e excessiva transpiração tornava-se evidente a todos os circunstantes. Qualquer segurança treinado para distinguir sinais de estresse ou nervosismo logo teria sua atenção voltada para mim. Por que razão aquele cavalheiro de aparência próspera sentado numa cadeira de rodas transpirava tão abundantemente? O vestibulo não era abafado nem particularmente quente; para dizer a verdade, corria até uma brisa fresca e agradável.

Devia ter tomado alguma coisa para controlar meus nervos, mas não podia correr o risco de embotar minhas reações.

E enquanto gotas de suor rolavam pelo meu rosto, um jovem segurança negro fez um sinal para que eu me afastasse da fila.

- Senhor?

Lancei um olhar para ele, sorri amavelmente, e girei minha cadeira, dirigindo-me para onde ele se encontrava, ao lado de um dos detectores de metais.

- Seu passe, por favor.
- Pois não - disse, entregando-lhe o cartão azul. - Santo Deus, quando é que vai chegar o inverno? Simplesmente não agüento esse tempo.

Ele acenou com a cabeça distraidamente, examinou o passe superficialmente e devolveu-o.

- Eu, no entanto, adoro essa temperatura. Por mim, podia permanecer assim o ano inteiro. Aqui o inverno chega *muito* cedo, detesto o tempo frio.
- Eu gosto muito. Costumava esquiar.

Ele sorriu constrangidamente.

- O senhor...

Imaginei o que ele estava tentando dizer.

- Não consigo sair facilmente dessa cadeira, se é isso o que está querendo dizer. - Soquei os descansos de madeira dos braços da cadeira, imitando um gesto de Toby. - Espero não estar causando nenhuma perturbação.

- Não, senhor, de maneira alguma. Obviamente, o senhor não vai poder passar pelo portão. Terei de usar um dos dispositivos manuais.

Ele estava se referindo a uma unidade de Search Alert, que emitia um tom oscilante. Quando se aproximava de metal, a frequência do tom imediatamente subia.

- Tudo bem. Peço desculpas novamente por qualquer transtorno que possa estar causando.
- Não há problema. Nenhum problema. Lamento apenas ter que submetê-lo a isso. É que estão reforçando a segurança esta noite por algum motivo especial. - Ele pegou numa mesa ao lado do portão o pequeno dispositivo manual, uma caixa ligada a um fio metálico em forma de U. - Era de esperar que fosse suficiente obrigar as pessoas a obter esses passes, num processo de seleção prévia. Mas estão endurecendo as medidas de segurança. Há outro portão ali na frente - disse ele, apontando para o posto de segurança na entrada da sala de audiência alguns metros adiante -, portanto, o senhor vai ter de passar por tudo isso novamente. Mas já deve estar acostumado, né mesmo?
- É o menor de meus problemas - disse placidamente.

O dispositivo emitiu um som quando ele o aproximou de mim, me deixando tenso. Ele o passou pelas minhas pernas, meus joelhos, e de repente, quando chegou na altura das minhas coxas - e na pistola escondida - a caixa transmitiu um som agudo.

- O que temos aí? - disse ele, falando mais consigo mesmo do que comigo. - Esse negócio é muito sensível. O metal da cadeira aciona o sistema de alarme.

E enquanto eu permanecia ali sentado, imóvel, suando em bicas, com o sangue latejando nos meus ouvidos, subitamente ouvi a voz amplificada de Alexander Truslow, vindo do sistema de alto-falantes instalado no corredor.

- ... quero agradecer à comissão - ele estava dizendo - por chamar a atenção da opinião pública para esse grave problema que aflige a agência que tanto amo.

O guarda sintonizou o botão de sensibilidade e passou novamente o dispositivo pelo meu corpo. Novamente, ao se aproximar do braço da cadeira, onde a arma estava oculta, ele emitiu um agudo guincho metálico.

Fiquei tenso outra vez, sentindo o suor gotejar pela minha testa, minhas orelhas, e a ponta do meu nariz.

- Que merda de aparelho - disse o guarda. - Perdoe o meu francês, senhor.

A voz de Truslow soou novamente, clara e melodiosa.

- ... certamente torna minha tarefa mais fácil. Quem quer que possa ser essa testemunha, e qualquer que seja a substância do seu depoimento, só pode nos beneficiar.
- Se não se incomodasse, gostaria de poder entrar antes de Truslow terminar seu testemunho.

Ele deu um passo atrás, desligou o aparelho, frustrado, e disse exasperadamente:

- Odeio esses troços. Dê a volta por aqui. - Ele me escoltou, contornando o portão do detector de metais. Acenei com a cabeça, empinei-a resolutamente numa espécie de continência, e dirigi-me para o próximo posto de segurança. Parecia ser um gargalo; um número considerável de pessoas estava ali aglomerado. Algumas esticavam o pescoço, tentando ver o que se passava na sala onde estava reunida a comissão. Qual era o problema? Qual era o motivo da demora?

Novamente a voz de Truslow fez-se ouvir nos alto-falantes, calma e cortês.

- ... qualquer testemunho que possa abrir as janelas e deixar entrar a luz do dia.

Praguejando intimamente, meu corpo todo bradava: Andem, porra! Mexam-se! O assassino já tomou seu lugar, e numa questão de *segundos* o pai de Molly entraria na sala.

E ali estava eu, detido por um bando de seguranças de aluguel.

Mexam-se, porra!

Andem!

Novamente me acenaram para que eu me acercasse da lateral do portão do detector de metais. Dessa vez, foi uma mulher, branca, de meia-idade, cabelos louros metálicos, uma figura robusta enfiada num apertado uniforme azul.

Ela examinou meu passe de cara fechada, lançou-me um rápido olhar, e chamou outra pessoa.

Chegara a poucos passos da entrada da Sala 216, e aquela maldita mulher estava agindo com a maior pachorra.

De dentro da sala vinha o barulho de vigorosas e insistentes marteladas na mesa diretora dos trabalhos, tentando restabelecer a ordem no recinto. Crescia o murmúrio surdo da assistência alvoroçada. E de repente o espocar seguido do brilho ofuscante dos *flashes* das máquinas fotográficas.

O que seria?

Hal teria adentrado a sala?

Que diabo estava acontecendo?

- Por favor - disse quando a guarda voltou com outra mulher de meia-idade, negra e mais magra, ao que tudo indicava sua superior. - Gostaria de poder entrar o mais depressa possível.
- Espere um momento - disse a loura. - Queira desculpar.

Ela virou-se para sua chefe, que disse:

- Sinto muito, cavalheiro, mas o senhor vai ter de esperar até o próximo recesso.
- Não estou compreendendo. - *Não! Não pode ser!*

Da sala onde estavam sendo prestados os depoimentos, chegou a voz estentórea do presidente da comissão:

- Obrigado, sr. diretor. Todos nós apreciamos o seu comparecimento a esta Casa e o seu gesto de solidariedade num momento penoso para a Central Intelligence Agency. Neste ponto, sem mais delongas, gostaríamos de introduzir nossa testemunha final neste inquérito. Pediria que não fossem feitas fotos com flash, e que todos aqui presentes permanecessem sentados enquanto...
- Mas tenho de entrar agora! - objetei.
- Sinto muito, senhor - a chefe retrucou -, mas recebemos instruções para não permitir a admissão de mais ninguém neste momento, até que haja um recesso, ou intervalo.

Fiquei calado, quase paralisado de medo e ansiedade, olhando suplicante para as duas guardas de segurança.

Dentro de poucos segundos, o pai de Molly seria assassinado. Não podia ficar ali parado. Tinha vindo de muito longe - *nós* tínhamos vindo de muito longe - para permitir que isso acontecesse. Tinha de fazer alguma coisa.

Olhando fixamente para elas, com os olhos dardejantes de indignação, disse:

- Escutem aqui, é uma emergência médica.
- De que natureza, senhor...
- Médica, ora bolas! É *pessoal*. É premente! - Aponte para o meu colo, minha bexiga, meus intestinos, ou o que elas preferissem concluir.

Era uma tentativa desesperada. Sabia pela leitura das plantas que não havia banheiros no vestíbulo. O único equipado para deficientes físicos ficava do lado de fora da sala de audiência. Mas havia um banheiro público dois andares acima, a que poderia chegar sem ter que passar pela segurança. Sabia disso. E eles? Saberiam? Era um risco calculado. E se soubessem?

A mulher de cor ergueu os ombros, e fez uma careta.

- Tudo bem, senhor...

Senti um profundo alívio.

-... pode ir. Há um banheiro de homens à esquerda com instalações especiais para deficientes físicos. Mas, por favor, não entre na sala de audiência até que...

Não esperei que ela terminasse. Num grande ímpeto de energia rodei minha cadeira para a esquerda, para a entrada da sala de audiência.

Outro guarda vigiava a entrada. Do ponto em que me encontrava, minha posição era sem dúvida vantajosa. A Sala 216 do Edifício Hart do Senado era um anfiteatro espaçoso, moderno, de dois andares, que fora construído tendo a televisão em mente. Poderosos refletores de pé iluminavam todo o ambiente para facilitar o trabalho

Em seguida... dessas posições, eliminar qualquer uma sem linha direta de fogo para a plataforma da testemunha. O que valia dizer que podia descartar com segurança noventa e cinco por cento dos assentos existentes na sala.

De onde estava podia ver principalmente as nucas das pessoas. O assassino podia ser um homem ou uma mulher, portanto não podia me basear num perfil padrão - o do homem jovem, fisicamente apto. Não; eles eram muito espertos. Não podia desprezar a possibilidade de ser uma mulher.

Crianças estavam fora de cogitação... mas um anão adulto podia passar por uma criança: bizarro, admito, mas não podia me permitir desconsiderar o bizarro. Todos dentro da área que havia selecionado tinham de ser minuciosamente analisados. Sistemáticamente, imaginei cada pessoa numa posição de fogo estratégica, e pude eliminar apenas duas: uma adolescente num vestido de gola Peter Pan que era realmente uma adolescente; e uma senhora de idade de ar distinto que minha intuição me disse ser de fato uma senhora idosa.

Se meus cálculos estivessem certos, os prováveis suspeitos ficavam reduzidos a talvez vinte indivíduos, todos posicionados nas imediações do frontispício da sala.

Mexa-se.

Acelerei o ritmo da cadeira de rodas até chegar perto da frente. Então diminuí, e dei uma guinada na direção das pessoas sentadas nas extremidades das alas laterais.

Aqui e ali um sobressalto ao reconhecer alguém, mas o auditório, naturalmente, estava cheio de fisionomias conhecidas. Não de amigos meus, certamente, mas de autoridades, personalidades. O tipo de pessoas de quem a coluna "Estilo" do *Washington Post* vive falando, gente que aparece freqüentemente

no *Larry King Live* (famoso programa de entrevistas ao vivo na televisão).

Onde ele estava?

Concentre-se. Que diabo, tinha de me concentrar, invocar meus poderes de percepção, separar o barulho do ambiente do som de pensamentos. E então filtrar o balbuciar ininteligível do pensamento humano dos pensamentos de um homem ou de uma mulher que se aprestava para executar metodicamente um assassinato público em condições excruciantemente tensas. Os pensamentos de alguém que estava naquele momento se concentrando com grande intensidade.

Concentre-se.

Aproximando-me de um homem de paletó e colete - ruivo, aparentando trinta e poucos anos, físico de jogador de futebol, sentado no fim da quarta fila - abaixei a cabeça e rolei a cadeira lentamente como se estivesse tendo dificuldade em manobrá-la.

E ouvi: ... aceitar sociedade ou não e quando? Porque meu bom Jesus se não souber até... Mais um advogado; Washington está cheia deles.

Continue.

Em seguida, um garotão de aparência desleixada, espinhento, vestindo um casacão da marinha. Muito jovem? E o pensamento aflorou: *não vai ligar pra mim porque eu não vou ligar primeiro...*

Uma mulher cinqüentona, vestida extravagantemente, rosto doce, batom vermelho vivo. *Pobre homem como é que ele consegue sobreviver? Pobre alma! Só podia estar pensando em mim.*

Avancei um pouco mais depressa, com a cabeça sempre abaixada.

Um ninho fodido de espões quero mais é que se fodam acabem pra valer com esta merda. Um homem alto de quarenta e tantos anos. Camisa jeans, brinco na orelha esquerda, rabo-de-cavalo.

Uma possibilidade? Não fazia o tipo que eu esperava encontrar; não tinha a concentração de raio laser de um matador profissional.

Parei a meio metro dele, concentrei-me.

Vá pra casa eu termino o trabalho esta noite talvez revise amanhã de manhã vamos ver o que o diretor do Times acha.

Não. Um escritor, um ativista político. Jamais um pistoleiro.

Chegara à primeira fila e começara a descer lentamente a passagem defronte as poltronas, cruzando a frente da sala, uma posição extremamente conspícua.

As pessoas olhavam fixamente para mim, imaginando para onde eu pretendia ir. O cara vai atravessar tranqüilamente toda a frente da sala será que é permitido fazer isso?

E: tão perto de todos esses senadores também quero chegar mais perto...

Pare!

Ver se consigo alguns autógrafos...

Ande.

Uma loura de mais de cinqüenta anos, de aparência anoréxica, faces cavadas, a pele do rosto muito esticada resultante de plásticas excessivas - pela pinta, uma *socialite* de Washington: ... *musse de chocolate com calda de framboesa ou talvez uma boa fatia de pudim com um monte de sorvete de creme será que não mereço tenho sido tão boazinha...*

Rodei a cadeira cada vez mais depressa, concentrando todos os meus poderes, analisando os rostos intermitentemente, sempre de cabeça baixa, ouvindo. Os pensamentos agora chegavam profusamente, atropeladamente, uma torrente confusa, caleidoscópica, quase psicodélica de emoções, idéias, impressões, vislumbres dos sentimentos mais primitivos, as mais banais contemplações, ódio, amor, suspeita, excitação...

... promovido antes de mim como pode...

Mais depressa.

... o maldito Ministério da Justiça...

Ande!

Meus olhos varriam insistentemente as fileiras dos espectadores, observavam os bem vestidos assessores parlamentares, e acompanhavam a febricitante atividade dos estenógrafos sentados na frente do pódio, entregues ao seu silencioso trabalho.

Não.

Não deixei nada por escrito e não deve haver nenhum registro...

Um súbito murmúrio perpassou pela sala. Olhei para a frente do recinto enquanto atravessava a primeira fila de espectadores, e vi a porta da frente se entreabrir.

Mais depressa.

... o jantar de Kay Graham quando o vice-presidente me perguntou...

Girava a cabeça de um lado para o outro desesperadamente. Onde é que estava o pistoleiro? Nenhum sinal dele por enquanto, e Hal ia despontar a qualquer instante, e então estaria tudo acabado!

... as pernas daquela garota se houvesse um jeito de conseguir o telefone dela talvez possa pedir à Myrna pra ligar pra ela mas aí será que pode pegar mal...

E de repente, num estalo, percebi que tinha omitido completamente o lugar mais óbvio de todos! Virei a cabeça para o pódio, na direção dos estenógrafos, e quando notei uma estranha discrepância, os músculos do meu estômago se retesaram.

Três estenógrafos. Dois deles, as duas mulheres, estavam digitando furiosamente seus teclados, as folhas contínuas de papel dobrado saíam ininterruptamente de suas máquinas, caindo nos respectivos receptáculos.

Um deles, entretanto, não parecia estar trabalhando. O jovem de cabelos pretos olhava para a porta. Muito estranho que ele tivesse tempo para olhar em volta e suas colegas não tivessem; sem dúvida teria sido muito fácil encaixar um pistoleiro profissional entre os estenógrafos. Por que cargas d'água não tinha pensado nisso? Joguei minha cadeira impetuosamente na direção dele, estudando-o de banda, enquanto o estenógrafo olhava ociosamente em torno do auditório, e...

... e então ouvi alguma coisa.

Não do estenógrafo, que estava muito longe de mim para que pudesse ler seus pensamentos. Mas por cima do meu ombro esquerdo, bem em frente.

Zwölf.

Uma palavra pequena, em princípio sem sentido, mas, então, está claro: é em alemão. Um número. Doze.

Elf.

E novamente o som me chegou por cima do meu ombro. Onze. Alguém estava contando em alemão.

Girei bruscamente a cadeira de rodas, da fila dos senadores para o auditório. Alguém parecia encaminhar-se para mim; podia ver seu vulto na minha visão periférica. E uma voz falada:

- Senhor? Senhor?

Zehn.

Um guarda de segurança avançou na minha direção, gesticulando para que eu me afastasse da frente da sala. Um guarda de segurança alto, cabelo à escovinha, de terno cinza, com um transmissor *walkie-talkie* na mão.

Com os demônios! Percorri com os olhos a primeira fila de uma extremidade a outra, procurando alguém que pudesse se parecer com um pistoleiro, e tudo o que vi foi um rosto agradavelmente familiar, provavelmente alguém que conhecia, algum velho amigo, e continuei procurando...

E ouvi: *Acht Sekunden bis losschlagen*. Oito segundos para atacar.

E vi novamente o rosto agradavelmente familiar, e o reconheci: Miles Preston. Poucos metros adiante.

Meu velho camarada de bar, o correspondente estrangeiro de quem me fizera amigo em Leipzig,

Alemanha Oriental, alguns anos atrás.

Miles Preston?

Por que estava aqui? Se estivesse cobrindo o acontecimento, por que não estava na galeria da imprensa?

Por que motivo estaria aqui?

Não, naturalmente.

A galeria da imprensa ficava muito distante.

O correspondente estrangeiro de quem me tornara amigo... Não. Na verdade, fora ele quem se insinuara, quem procurara se fazer meu amigo.

Eu estava sentado sozinho num bar quando ele se aproximou de mim e se apresentou.

E depois tínhamos estado em Paris na mesma época.

Ele tinha sido *designado* para me observar, seguir meus passos

- o novo jovem agente da CIA. A manobra clássica. Sua tarefa consistia em cultivar uma amizade, descobrir sutilmente o que pudesse.

Correspondente estrangeiro: um disfarce ideal.

O guarda de segurança começou a me encurralar rapidamente e com grande determinação.

Miles Preston, que sabia tanta coisa sobre a Alemanha.

Miles Preston não era um súdito britânico. Ele era - só podia ser - um elemento implantado pela Stasi, um agente alemão, agora operando como *free-lancer*. *Ele estava pensando em alemão.*

Zwölf Kugeln in der Pistole. Doze balas no pente da pistola.

E nossos olhares se cruzaram.

Sechs.

Reconheci Miles, e ele - tenho certeza - me reconheceu. Por baixo do meu disfarce, dos meus cabelos e barba grisalhos, dos meus óculos, foram meus olhos, o brilho de reconhecimento nos meus olhos, que me identificaram.

Ele me olhou friamente, quase impassivelmente, apertando ligeiramente os olhos. Depois retornou seu olhar ameaçador para o centro preciso da sala. Para a porta que se entreabria.

Era ele!

Ich werde nicht mehr als zwei brauchen. Não precisarei mais do que duas.

O auditório irrompeu em sussurros excitados. Alguns espectadores esticavam os pescoços para ver melhor o que estava acontecendo.

Sicherung gelöst. Pino de segurança destravado.

Era o presidente da comissão parlamentar de inquérito, um homem alto, grisalho, de tórax desenvolvido, num terno cinza. Reconheci-o como o senador do Partido Democrata pelo estado do Novo México. Ele conversava com alguém atrás dele, um homem parcialmente encoberto pela penumbra.

Gespannt. Engatilhada.

Ausgang frei. Saída livre.

O homem atrás dele era Hal Sinclair. O auditório ainda não tinha se dado conta de quem ele era, mas num segundo ou dois estaria desfeito o mistério. E Miles Preston iria...

Não! Tinha de agir *imediatamente!*

Hier kommt er. Los. Aí vem ele - agora! *Bereit zu feuern*. Pronto para atirar.

E então Harrison Sinclair, alto e orgulhoso, impecavelmente trajado, a barba raspada, o cabelo aparado, transpôs lentamente a porta, acompanhado de um guarda-costas.

Ouviu-se um suspiro uníssono na platéia, e expressões de exaltada incredulidade prorromperam por toda a sala.

Um grande alvoroço tomou conta da sala de audiência, os sussurros transformando-se em comentários em voz alta e exclamações excitadas, numa crescente reverberação.

O inimaginável. A testemunha-surpresa... um homem morto. Um homem que a nação tinha sepultado e pranteado meses atrás.

Na galeria da imprensa o tumulto reinava. Diversas pessoas nos fundos da sala deixavam o recinto às pressas, provavelmente à procura de telefones.

Sinclair e o presidente da comissão de inquérito, cômicos da comoção provocada pelo inopinado aparecimento de Sinclair, mas não suspeitando do que estava por acontecer, continuaram atravessando o salão, encaminhando-se para a plataforma da testemunha, onde Hal prestaria juramento.

Enquanto o guarda de cabelo à escovinha corria no meu encalço, com a mão no coldre de sua arma, encurtando a distância entre nós, chegando cada vez mais perto...

Miles levantou-se, desapercivelmente no pandemônio geral, e enfiou a mão no bolso interno do seu paletó.

Agora!

Apertei o botão na frente do descanso do braço direito da cadeira de rodas, levantando o painel de madeira e expondo a arma, com o punho para cima e o cano para baixo, encaixando-se perfeitamente na tubulação de metal do braço da cadeira.

Somente dois tiros.

Esse era o grande inconveniente da Derringer americana, mas esse era um preço que eu tinha de pagar.

Já estava engatilhada. Retirei-a do seu esconderijo, destravei o pino de segurança com o polegar, e...

Não havia uma linha de fogo desimpedida entre mim e o assassino! *O guarda, avançando na minha direção, bloqueava meu caminho.*

E subitamente o caos e a anarquia foram deflagrados por um grito estridente, um grito de mulher, vindo de algum lugar em cima de nós, e centenas de cabeças voltaram-se simultaneamente para o alto, para a direção de onde partia o grito. Ele vinha de um dos painéis quadrados da parede, um dos nichos para câmeras de televisão, mas não se viam lentes saindo daquele nicho; ao invés, o que se via era uma mulher gritando a plenos pulmões.

- Sinclair! Abaixese! Pai!
- Ele está armado!
- Abaixese!
- Eles vão matá-lo!
- Abaixese!

Molly!

Caramba, como é que ela teria conseguido se meter naquele buraco?

Mas não havia tempo nem para pensar. O guarda de cabelo à escovinha estancou, virou-se para sua direita, olhou para cima, confuso, e de repente, numa fração de segundo, o alvo ficou livre.

... e nesse preciso momento, apontando a arma diretamente para o assassino, atirei.

Só que não foi uma bala qualquer que disparei.

Não, havia um risco muito grande de errar o alvo com uma única bala.

Era um cartucho de espingarda Magnum .410 especialmente preparado, contendo meia onça de grãos de chumbo. Cento e doze grãos.

Um cartucho de espingarda numa pistola.

A explosão encheu a sala, que agora era uma cacofonia de gritos apavorados. As pessoas tinham abandonado seus lugares e corriam para as saídas, algumas atirando-se no chão, procurando se defender. Nos dois segundos antes de o guarda pular em cima de mim, achatando-me na cadeira de rodas, vi que tinha atingido o alemão que se fazia passar por Miles Preston. Ele jogara a cabeça para trás, atordoado, seu braço esquerdo protegendo seus olhos, mas tarde demais. O sangue escorria-lhe pelo rosto enquanto o impacto de alta velocidade de dúzias de grãos de chumbo feria-o, mutilava-o, invalidava-o. Era como se um punhado de estilhaços de vidro em brasa tivesse sido jogado no seu rosto. Ele perdeu o equilíbrio, o embalo. Na mão direita segurava uma pequena pistola automática preta. Ela oscilava ao seu lado sem ter sido disparada.

Sinclair, podia ver, tinha sido jogado no chão por alguém, presumivelmente seu guarda-costas, e a maioria dos senadores estava de cócoras. Todo o anfiteatro transformara-se numa Babel de gritos e lamúrias ensurdecedores, e parecia que todos corriam para mim ao mesmo tempo, todos menos os que buscavam, desnorteados, as saídas, ou que tinham se jogado no chão.

Atraquei-me com o guarda, fazendo força para tirar-lhe a Derringer da mão. Consegui a muito custo livrar-me da cadeira de rodas, mas minhas pernas, sobre as quais estivera sentado durante quase uma hora, não me agüentavam. Estavam exangues, dormentes, inertes. Não conseguia me pôr de pé.

- Pare! - gritou para mim, lutando pela posse da arma.

Mais um tiro! Ainda tinha uma bala! Uma bala, e essa, a única que restava no tambor, era de calibre 45, e se pudesse pôr a mão na maldita arma e engatilhá-la, poderia matar Miles Preston, poderia salvar o pai de Molly, mas o guarda tinha me impressado no chão contra a cadeira de rodas, e agora outros estavam em cima de mim. E Miles, tinha certeza de que Miles, o assassino profissional, embora ferido e mutilado, estava com sua pistola automática apontada para Harrison Sinclair, e apertaria o gatilho para silenciá-lo para sempre.

... e aí soou a explosão.

Fui tomado de um frio pavor enquanto continuava tentando me desvencilhar do guarda.

Primeiro um disparo, e depois mais dois, um imediatamente após o outro, detonando três enormes explosões, seguidas de um segundo do mais absoluto silêncio, e então uma erupção de gritos desvairados. Miles fizera três disparos.

Ele matara Harrison Sinclair.

Quase conseguira imobilizar Miles. Quase o tinha feito parar. A intervenção de Molly também quase o parara. Tínhamos quase impedido o assassino de matar o pai de Molly.

Mas ele foi muito astuto, muito rápido, muito profissional.

E, dominado por meia dúzia de guardas, com a bala calibre 45 engasgada na minha arma, que o guarda me tirara, sentia-me derrotado, exausto.

Lágrimas - de frustração, cansaço, infável tristeza - vieram-me aos olhos. Não podia mais pensar.

Nosso plano, nosso brilhante plano tinha falhado. Eu tinha fracassado.

- Está certo - disse, mas foi apenas um murmúrio rouco, alquebrado. Estava deitado, de costas para o chão duro e frio, enquanto à minha volta recrudesciam os gritos e lamentações de horror.

Enquanto o guarda de cabelo à escovinha me algemava, olhei incredulamente para a frente.

Não acreditei no que estava vendo.

O assassino, Miles Preston, jazia ao pé da plataforma da testemunha, uma massa disforme a que faltavam a testa e a maior parte da frente do rosto.

Morto.

Acima dele, olhando com estarrecida incredulidade, a figura alta, elegante, um tanto desalinhada de Harrison Sinclair.

Vivo.

E a última coisa que vi, antes que me levassem, a última visão, extraordinária e maravilhosa, praticamente um milagre, foi Molly. Lá no alto, no nicho da câmera de televisão, no buraco quadrado na parede, em que começara a gritar.

Mas empunhava na mão direita estendida uma pistola preta, que ela olhava com ar de descrença, e tive a certeza de ver esboçar-se no seu rosto um discreto sorriso.

THE WASHINGTON POST

Revelações da CIA estarrecem a Nação

A sala de audiências do Senado explode em tiroteio depois do aparecimento inesperado do ex-diretor da CIA, Harrison Sinclair, há muito dado como morto

Por Eric Moffatt da Redação do Washington Post

O Edifício Hart do Senado foi palco ontem à noite de uma das mais espantosas cenas ocorridas na capital da nação nos últimos anos de que se tem notícia.

Durante depoimentos televisados em rede nacional perante a Comissão de Inteligência do Senado sobre alegada corrupção na Central Intelligence Agency, aproximadamente às 7:30 da noite de ontem, Harrison Sinclair, ex-diretor da Agência, que fora dado como morto num acidente automobilístico em maio último, apareceu surpreendentemente para testemunhar sobre o que declarou ser uma "conspiração internacional maciça", envolvendo o atual diretor da Central Intelligence Agency, Alexander Truslow, e o governo recentemente eleito do chanceler alemão Wilhelm Vogel.

Mas assim que Sinclair foi conduzido à sala de audiência escoltado por guardas armados, irrompeu a fuzilaria. Um dos pistoleiros, que foi abatido, foi identificado apenas como cidadão alemão. Informou-se que o outro implicado nos distúrbios é Benjamin Ellison, de 40 anos, advogado e ex-agente da CIA. Não foram divulgadas outras mortes.

THE NEW YORK TIMES

Um mês após o incidente na comissão de inquérito do Senado sobre inteligência, perguntas permanecem sem respostas

POR KENNETH SEIDMAN
ESPECIAL PARA O THE NEW YORK TIMES

WASHINGTON, 4 de janeiro - Após os insólitos acontecimentos no Senado o mês passado, a nação permanece abalada pelo espetáculo de um diretor da CIA julgado morto aparecer inopinadamente na televisão ao vivo, e a surpreendente tentativa de assassinato que se seguiu.

Mas a despeito de todas as manchetes que o caso Sinclair-Truslow suscitou, e as semanas de análise das notícias, o rumoroso incidente continua em grande parte um mistério.

Como é do conhecimento geral, Harrison Sinclair, diretor da CIA até maio do ano passado, simulou sua própria morte a fim de escapar de ameaças que lhe eram feitas pelos que ele pretendia denunciar. Também é sabido que, durante muitas horas depois dos traumáticos acontecimentos em Washington, o sr. Sinclair prestou exaustivo depoimento em sessão secreta à Comissão de Inteligência do Senado, denunciando as atividades de Alexander Truslow e seus cúmplices.

Mas que fim levou o sr. Sinclair desde o derramamento de sangue no Edifício Hart o mês passado? Fontes ligadas à inteligência especulam que possa ter sido morto, mas se recusam a se manifestar oficialmente. Cinco dias após os acontecimentos, a filha do sr. Sinclair, Molly, e seu marido Benjamin Ellison, foram declarados legalmente mortos depois de se descobrir que uma pequena embarcação em que velejavam ao largo de Cape Cod naufragara. Fontes da inteligência não confirmam alegações de que o casal, assim como o sr. Sinclair, tenham sido assassinados. A sorte dos três permanece um mistério.

Um porta-voz da segurança do Capitólio declarou recentemente que se acredita que a sra. Ellison tenha conseguido penetrar na sala de audiência por uma plataforma de descarga nos fundos do prédio, fazendo-se passar por entregadora de comida. O porta-voz acrescentou que a filha do sr. Sinclair obtivera plantas do Edifício Hart e estava familiarizada com seus meandros.

Conspiração Alemã Revelada

Foi revelado que o malsucedido assassino, um cidadão alemão identificado como Josef Peters, tinha sido agente do serviço secreto da ex-Alemanha Oriental, Stasi. De acordo com fontes da inteligência, Peters era a verdadeira identidade de um conhecido jornalista chamado Miles Preston, que se dizia residente da Grã-Bretanha. O local de nascimento assinalado no passaporte de Miles Preston é Bristol, Inglaterra, mas autoridades municipais dessa cidade não conseguiram localizar qualquer registro de nascimento de um Miles Preston.

Quanto ao sr. Alexander Truslow, sucessor de Sinclair como diretor da Central Intelligence, ele permanece preso aguardando julgamento sob acusação de traição no Supremo Tribunal em Washington no próximo mês. A firma que ele fundou, a Truslow Associates, Inc., foi acusada de cumplicidade na alegada traição do sr. Truslow, e foi interdita pelas autoridades governamentais, dependendo de posterior deliberação.

O governo alemão do chanceler Wilhelm Vogel renunciou e os dirigentes de seis corporações alemãs, destacando-se entre eles Gerhard Stoessel, presidente do conselho da holding imobiliária Neue Welt, sediada em Munique, foram indiciados e aguardam julgamento.

O sr. Sinclair afirmou em suas acusações que, com a assistência do diretor da CIA, Alexander Truslow, o chanceler Vogel e seus correligionários arquitetaram a quebra do mercado de valores alemão a fim de ganhar a eleição, após o que planejavam um golpe de estado corporativo do governo alemão visando à instauração de uma hegemonia européia. Qualquer que seja o lastro de verdade das revelações do sr. Sinclair, as notícias sobre o complô Truslow-Vogel chocaram os governos e os mercados mundiais. Porém, ainda não é do nosso conhecimento saber se temos acesso à toda história da conspiração na CIA.

Um Pacote de Documentos

Na semana passada este repórter recebeu um pacote registrado contendo documentos reunidos e enviados por um ex-executivo da CIA, James Tobias Thompson III, que morreu num acidente em sua residência muitos dias antes dos acontecimentos em Washington.

Os documentos parecem reforçar as acusações do sr. Sinclair sobre as negociações ilegais do sr. Truslow com o consórcio alemão.

Mas o pacote, segundo as autoridades postais, teria sido violado. Um documento mencionado na carta anexa do sr. Thompson referia-se a um programa secreto da CIA denominado "Projeto Oráculo".

Esse documento, entretanto, não foi encontrado no pacote do Sr. Thompson. Um porta-voz da CIA negou a existência de qualquer programa secreto com esse nome.

Traduzido da *Tribuna de Siena* - pág. 22

Aviso Público

O Conselho Municipal de Siena tem a satisfação de comunicar o estabelecimento da Clínica Crowell na cidade de Costafabbri, na Comuna de Siena. A referida clínica presta serviços médicos gratuitos a crianças, e é dirigida por três novos residentes da região de Siena originários dos Estados Unidos: sr. Alan Crowell; sua esposa, a dra. Carol Crowell, que tem uma filhinha, e o pai da dra. Crowell, o sr. Richard Hale.

Nota do Autor

Embora o Projeto Oráculo seja fictício, esta história é baseada numa série de intrigantes e pequenos fatos históricos pouco conhecidos. Que uma fortuna em ouro soviético permanece desaparecida até os dias de hoje é, segundo fontes confiáveis, um fato reconhecido nos círculos internacionais de inteligência e financeiros. E o interesse da Central Intelligence Agency, do Departamento de Defesa dos Estados Unidos e da inteligência soviética em pesquisa psíquica há muito está documentado.